

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz n. 83, 2º andar.

Anno IX

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Janeiro — 1

N. 195

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz),
• Sr Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Estado da Bahia), o Sr.
Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompilio de Araujo Pi-
nheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Batura,
rua Lavapés n. 20.

Em Santos (S. Paulo), o Sr. Benedicto
José de Souza Junior, rua da Constituição
n. 117.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de
Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

**Pedimos a todas pessoas
que recebem o Reformador
immediata participação de
alguma falta que por acaso
possa haver na entrega da
folha a fim de ser prompta-
mente providenciada**

**Outrosim pedimos que,
para facilitar o serviço do
correio, nos seja commu-
nicada qualquer alteração
no nome da rua ou na nume-
ração de suas residencias.**

AVISO

**A Federação Spirita Bra-
zileira mudou-se para a rua
da Imperatriz n. 83, 2.º an-
dar, onde funcionarão tam-
bem as sociedades que em
suas salas trabalham.**

**Communica-se ao publico
que a Assistencia aos Neces-
sitados trabalhará egual-
mente nesta casa.**

O novo Codigo e o Spiritismo

Depois das palavras que dirigimos
ao illustre Ministro da Justiça, nas
quaes, de uma maneira geral, consi-
derámos os tres diversos modos por
que se pode cultivar o Spiritismo, de-
duzindo então a impossibilidade de
serem essas as praticas que estava na
mente do legislador condemnar, iamos
entrar na analyse minuciosa dos arti-
gos em que se nos incrimina, apontar
as cousas dissonantes que confusa-
mente nelles se baralham, e descer
mesmo até o estylo que mais já não
obedece aos velhos moldes de precisão,
claresa, simplicidade e propriedade de
termos, que se exigem especialmente
no texto das leis criminaes — quando
fomos surpreendidos com o artigo-li-
bello, que, sob o numero I e o titulo
que tambem é o nosso, publicou o
Sr. Dr. Baptista Pereira em secção de
honra do *Jornal do Commercio*. Per-
mitta-se, pois, que nos adiantemos ao
encontro do illustre jurisconsulto;
nem, porque vamos terçar pela causa
de que somos arautos, perderá com
isto a analyse intentada.

Em gazetilha especial diz a refe-
rida folha: que dos leitores merece at-
tenção o trabalho de seu collaborador,
por ser « interpretação official do novo
Codigo. »

Praz-nos registrar aqui esta noticia
a que não dariamos credito, si não fôra
a affirmção do respeitavel contempo-
raneo. E' effectivamente de admirar
nem só que venha de fonte official
um libello implacavel contra sciencia
que apenas ensaia seus passos, como
mesmo que seja orgão das idéas do
governo que emergiu da revolução o
conhecido politico de eras não mui
remotas!

Seja, porém, como for, ganhámos
ao menos conhecimento do que pai-
rava pelo espirito do legislador,
quando formulou os artigos que por
forma alguma interpretam o seu pen-
samento. Veio, pois dar-nos ganho de
causa a explanação que no commen-
tario á lei fez seu autor: razão temos
para requerer, quando menos, ao
Sr. Ministro da Justiça, que traduzam
as palavras o pensamento de quem
fez o Codigo.

Resalta este pensamento dos pe-
riodos que vamos transcrever. Depois
de longamente occupar-se com o ul-
timo Congresso Internacional de Paris,

ao qual accusa de nada ter demons-
trado, de não ter feito o Spiritismo
adiantar um passo, quando era de es-
perar que *apresentasse a contraprova
das tristes e pungentes experiencias
pelas quaes o Spiritismo tem passado*,
alludindo nestas palavras ao nenhum
resultado a que chegaram certos ex-
perimentadores, e aos processos em
que foram condemnados varios char-
latões e mystificadores, termina assim
o Sr. Dr. Baptista Pereira:

« Si é certo e resulta desta breve
exposição de factos, feita sob a re-
sponsabilidade de um nome da maior
autoridade, que das pesquisas diri-
gidas por homens de provada sciencia
e de illibada moral profissional tem
resultado a certeza de que a doutrina
spirita é uma superstição, si, de outro
lado está provado, não por um mas
por muitos inqueritos judiciarios (*sic*)
a que se tem procedido em varios
paizes, e coroados todos de successo,
que os fervorosos crentes do spiritismo
são umas victimas infelizes ás quaes
se expolia o dinheiro e o juizo, como
pode a seita fallar em nome da sciencia,
da moral e da religião para pedir
para si uma carta de seguro que a ha-
bilita a explorar a lucrativa industria
sem riscos nem perigos, pretendendo
uma impunidade que jamais lograrão
os negromantes? »

« E' sob esta relação de direito que
o spiritismo entra no Codigo criminal,
como industria que *ataca a bolsa e
compromette a saude*. Constituindo
estes factos escandalos sociaes, não
podia o legislador cruzar os braços e
mostrar-se indifferente. »

« Não tem outro alcance o ar-
tigo 157.... »

Já antes, em principio de seu ar-
tigo, havia escripto o codificador:
« Não discutimos spiritismo e menos
censuramos aquelles que o abraçam,
como sciencia especulativa, *sem des-
cerem ás suas praticas experimentaes
ou clinicas*. »

Deduz-se do que precede:

1.º que o illustrado legista ou
pensa que as praticas experimentaes
do spiritismo são o diagnostico e tra-
tamento pelos mediuns, ou este ultimo
facto fascina-o de tal sorte, por não
poder explical-o, que não enxerga o
resto que é tudo.

2.º que a lei pode distinguir em
uma sciencia a parte que permite
— a especulativa, e a que prohi-
be — a experimental!

3.º que o resultado negativo das
pesquisas dirigidas por homens de
provada sciencia e de illibada moral
profissional traz a certeza de que o
spiritismo é uma superstição.

4.º que os inqueritos judiciarios,

coroados todos de successo, a que tem
procedido a justiça contra charlatões
e especuladores provam que os crentes
do spiritismo são umas victimas infel-
izes, a quem se expolia dinheiro e
juizo!

5.º que, em vista destas fortes ra-
zões, não pode o que o codificador
chama — a seita — fallar em nome
da sciencia, da moral e da religião!

6.º que a pratica do spiritismo é
uma lucrativa industria sem riscos e
perigos!

7.º que o Congresso Internacional
de Paris para ter demonstrado alguma
cousa, e feito adiantar o spiritismo,
devia ter apresentado a contraprova
das experiencias em que foram in-
felizes os sabios e condemnados os es-
peculadores!

Certo que a *palavra official*, com
anciedade esperada para explicar a
phrase « praticar o spiritismo, » exha-
rada n'um Codigo decretado por um
governo que proclamou a republica,
em nome da liberdade e da justiça e
contra a tyrannia e a oppressão, era de
esperar que fosse a linguagem clara
e serena da razão, despida de paixões
opinativas.

O amontoado de palavras, porém,
tendentes a accusar de nescios, de
hallucinados, de especuladores os que
cultivam praticamente o Spiritismo,
montão de palavras tão fora das pra-
ticas officiaes, por tal modo contra-
riou a expectativa, que não sabemos
mesmo como não esfuziou em nosso es-
pirito a triste idéa de que o illustre
putaono do Codigo estava proposital-
mente a prejudicar o governo de que
se constituiu orgão na imprensa.

Entretanto, embora dos credits do
notavel jurtconsulto se distancie a
defeza, é de suppor ser isso devido á
preocupação de fazer com que os
« censors do Codigo se convençam
de que o Spiritismo não é um mys-
terio que ficou impenetravel á igno-
rancia do legista. »

Infelizmente, porém o contagio, pelo
qual de algum tempo a esta parte se
faz erudição a Larousse, é antes pre-
judicial que benefico: prova-o mesmo
o decalinho dos argumentos, de que
em outro qualquer assumpto não seria
capaz o illustre Dr. Baptista Pereira.

Si não, acompanhemol-o em cada
uma das sete deducções, em que se
resume todo seu artigo.

Licito, porém, nos seja, antes de

enveredarmos por tal carreira, paten-tear a estranheza que nos produziu o pouco amor com que fomos tratados, em todo o artigo, entretanto que logo desde começo, um nobre rasgo de caridade christã, penalizou-se pelas nossas infelizes condições de hallucinados. E' com effeito este o período que abre o artigo :

« O art. 157 e seus dous paragra-phos, referentes aos crimes contra a saude publica, trouxeram a terreiro alguns adeptos do spiritismo que em acesso de raiva impotente, prague-jaram contra o Codigo e arremetteram com injurias e doestos contra seu au-tor que, bom christão, os perdoa por-que está convencido de que, sendo elles uns hallucinados, não sabem o que dizem e devem ser tratados com caridade. »

Representação

No dia 22 de Dezembro do anno que findou hontem, deu cumprimento ao seu mandato a comissão nomeada na Assembléa que o Centro Spirita do Brazil havia convocado. Faziam parte desta comissão, além de seu redactor, o Dr. Bezerra de Menezes, ainda mais os tres advogados Drs. Oliva Maia, Antonio Sayão, Ernesto Silva, e o medico Dr. Dias da Cruz. Encorpo-rados dirigiram-se ao palacio do chefe do governo, e ali offereceram a repre-sentação que abaixo publicamos. Com ella foi tambem offerecido um folheto encadernado em percaline, contendo os artigos que esta folha publicou em referencia á parte do Codigo Penal que pune as praticas do Spiritismo. Por achar-se em despacho de expedi-ente, não foi o Generalissimo, mas seu ajudante de ordens quem recebeu a comissão, com a affabilidade do cos-tume, e prometeu que faria entrega da representação. Ella em sua in-tegra :

Generalissimo. O Centro Spirita do Brazil, confiado no elevado criterio do chefe da nação, vem depôr em suas mãos, com o respeito devido a tão alta autoridade, uma succinta reclamação contra as disposições dos arts. 157 e 158 do codigo penal ultimamente promulgada, no que entende com a nova sciencia denominada Spiritismo.

Naquelles artigos nivela-se o « Spi-ritismo », sciencia que faz hoje as-sumpto obrigatorio do estudo de todos os sabios do mundo, « sciencia » que tem por adeptos homens de reputação universal como os Crookes, os Wal-lace, os Zöllner, os Gíber, Flammarion, Victorien Sardou, Victor Hugo, Castellar, Gladstone, Bismark e tan-tos que não é possível aqui enumerar; nivela-se esta sciencia com a magia, a cartomancia e feitiçaria !

Si tão infimo e condemnavel como inculta o codigo, fosse o objectivo do Spiritismo, comprehende V. Ex. que, nem sua propagação seria o que é, ele-vando-se a cerca de vinte mil milhões em 45 annos, nem estariam no nu-mero de seus adeptos vultos respei-tados por toda humanidade.

Esses dous factos, portanto, de cuja realidade ninguém pode duvi-dar, dizem de um modo peremptorio que o Spiritismo é cousa de caracter muito elevado, que não pode, sem detrimento do; foros de nação civili-sada, ser por nós rebaixado e condem-nado.

Considere V. Ex. o facto de fa-zerem-se em todos os paizes trabalhos experimentaes de Spiritismo, sem que em parte alguma julgasse alguém de conveniencia publica dever reprimi-los — e decida, em seu recto juizo, si a repressão decretada no Brazil, é ou não uma excepção pouco lisongeira para nós.

A razão de tão profunda differença é que dos outros paizes — nesses onde o Spiritismo campeia entre as sciencias que já têm direito de cidade, os poderes publicos conhecem e apre-ciam devidamente os reais intuitos da nova sciencia.

Nenhum ignora que, em vez de ser magia, cartomancia ou feitiçaria, ella é para essas praticas charlatánicas, o que foi a chimica para a alchimia e o que foi a astronomia para a astro-logia.

Por que ha de, pois, o Brazil em pleno seculo das luzes, empanar o brilho de sua civilização, condem-nando uma sciencia já tacitamente reconhecida por todas as nações cultas — e proclamada por seus mais dis-tinctos sabios ?

O Spiritismo, cuja moral é a de Jesus Christo « amor e caridade » e cuja cosmogonia não explora inter-esses mundanos, tendo por objectivo o conhecimento das leis do mundo in-visível, em vez de prejudicar, auxilia aos que têm a ardua missão de gover-nar os povos, promovendo o aper-feiçoamento humano, pelo saber e pelas virtudes christãs.

N'um governo de opinião como é essencialmente o republicano, o que mais deseja-se do que a elevação do nível intellectual e moral das massas ?

Condemnar, pois, o Spiritismo, que trabalha por tal elevação, é da parte do governo provisório condemnar sua propria e maior aspiração, apagando uma luz, quando deseja derramar luz — afastando um collaborador, quando de todos precisa para alcançar a rea-lização do seu patriótico empenho.

Porque o Spiritismo estuda experi-mentalmente as leis que regem o mundo dos espiritos, julgado até hoje inviolavel e impossivel... anathema ! condemnação !

Mas, Exmo., em um paiz civilizado e livre — no seculo XIX e no regimen republicano, não é licito condemnar por presumpção e preconceito.

A astronomia demonstrou a falsi-dade do que se tinha por artigos de fé — o microscopio descobriu um mundo que ninguém tinha imaginado, e a mechanica de mãos dadas com a phy-sica, tem feito descobertas que o mundo rejeitaria por impossiveis, si os factos as não tornassem patentes, como são : a applicação do vapor á locomoção — da electricidade á trans-missão do pensamento — e do tele-phone á transmissão das palavras.

Deante de factos taes e tantos, não é licito a homens de espirito culti-vado marcar limites ao progresso hu-mano, como os antigos marcaram ao mundo com as columnas de Hercules.

E assim como este foi muito além das raízes traçadas, assim aquelle, dia a dia, alarga seus horizontes.

Supponha-se, porém, que é imagi-naria — fructo de cerebros doentes, esta pretendida sciencia do mundo invisível — e que os governos das nações a quem incumbem velar pelo bem dos povos, julgam precisos inter-vir com sua autoridade para que a vesania não se torne epidemica.

Neste caso, de que só nosso governo julgou conveniente occupar-se, o que é consentaneo com a razão, com o di-reito e com a justiça, que devem sem-pre pautar os actos dos directores das sociedades ?

Intuitivamente, examinar — estu-dar — experimentar antes de julgar. Pesa ao Centro Spirita do Brazil

dizer ; mas a franqueza, sempre res-peitosa, é a divisa dos spiritas.

Pesa dizer : o governo provisório affastou-se completamente daquella norma, e julgando, ou sómente co-nhece pelo que vulgarmente se diz.

E, levado pela influencia de opiniões infundadas, condemnou o que todas as nações admittem, e rebaixou o que exaltam os mais notaveis sabios do no-ssso tempo.

Nem se lembrou — e para este ponto chama o Centro Spirita do Brazil a attenção de V. Ex. — de que procedia de modo contrario consigo mesmo, condemnando pelo codigo o que per-mitte pela constituição.

Nesta, com effeito, garante-se plena liberdade para todas as crenças, de cujo numero não é razoavel excluir a spirita.

Nem se argumente com a classifica-ção que se fez do Spiritismo na ordem — da magia, cartomancia e feitiçaria, porque tal classificação não pôdo ter sido sinão effeito de um lapso.

Assim, pois, em nome da sciencia — em nome da Constituição e princi-palmente em nome de nossos creditos de nação civilizada, o Centro Spirita do Brazil pede respeitosamente a V. Ex. venia para requerer a recon-sideração dos artigos citados, na parte em que se referem ao Spi-ritismo.

Si o governo entende que as pra-ticas do Spiritismo, em vez de con-dizerem com intuitos scientificos, de sciencia real, não visam sinão o que se inculca no codigo, proceda a uma ve-rificação, a que o Centro Spirita se prestará com a melhor vontade : no-meie uma comissão de homens com-petentes e sem prevenções, de verda-deiros homens de sciencia, que só queiram a verdade, sem se impor-tarem com systemas, e julgue o Spi-ritismo pelo que delle referirem taes autoridades, depois dos necessarios estudos e observações.

Pelo exposto, reconhecerá V. Ex. que os spiritas, ao envez dos magicos e feiteiros que procuram as trevas, não querem e não pedem sinão luz.

A comissão que este subscreve, em nome do Centro Spirita do Brazil, desde já põe-se á disposição do go-verno para dar aos seus commissarios as provas experimentaes da verdade dos phenomenos spiritas.

E' convencida de que V. Ex. não desprezará sua justa reclamação, pede a V. Ex. que sejam suprimidos dos arts. 157 e 158 do codigo penal as palavras que se referem ao Spi-ritismo.

Espera benigno deferimento.

Dr. ADOLPHO BEZERRA DE MENEZES.

Dr. JOÃO CARLOS DE OLIVA MAIA.

Dr. FRANCISCO DE MENEZES DIAS DA CRUZ.

Dr. ERNESTO JOSÉ DOS SANTOS SILVA.

Capital Federal, 19 de Dezembro de 1890.

Nota. — Não assignou a representação o Dr. Antonio Luiz Sayão, que fez parte da comissão nomeada pelo Centro, por achar-se, em virtude de força maior, fóra da capital.

Aos spiritas

E' de hoje que começam os recen-seadores a arrecadar as listas que, em tempo, foram distribuidas pela po-pulação. Preenchel-as conscienciosa-mente é um dever civico a que nenhum spirita se pôde furtar, porque o só co-nhecimento do spiritismo é garantia de que, ainda com maior sacrificios, dar-se-á sempre cumprimento a todos os deveres.

Cumpra mais que nem um só se esqueça de registrar, neste documento official, a affirmação de suas convic-

ções : declarar em todas as letras que é spirita ; é um grande serviço prestado á causa da propaganda. Effectivamente, quando se reconhecer que, já pelo numero, já pelas quali-dades sociaes dos que affirmarem esta crença, ella merece a attenção dos homens sensatos, não se terá mais o desejo de sobre ella atirar os baldões do ridiculo.

Não basta se declarar simplesmen-te christão, porque numerosas são as seitas que com tal qualificativo se arreiam : forçoso se faz que tenham a coragem de suas opiniões quer os que consideram o Spiritismo uma religião, os quaes poderão escrever esta pa-lavra na columna do culto, quer os que o consideram uma doutrina phi-losophica, os quaes poderão escrever tal palavra na columna das observa-ções. Pouco importa que se inscrevam christãos ou livres pensadores ; o que convém sobretudo é que não haja es-quecimento da expressão — spirita. Quando mesmo já estejam entregues os mappas, exige o dever que se pro-cure o empregado respectivo para corrigil-os. Sem autoridade embora, fazemos comtudo o presente appello aos confrades, que nol-os desculparão pela boa vontade que o dita.

NOTICIARIO

Muita attenção. — Desde muito já, os multiplos afazeres do nosso esforçado confrade F. A. Xavier Pi-nheiro não lhe deixando lazeres para occupar-se com a gerencia deste órgão, estava ella entregue aos cui-dados do nosso infatigavel compa-nheiro Alfredo Pereira. Por conveniencias, porém, da correspondencia mntteve-se no alto da folha o nome daquelle nosso confrade. Hoje que por um lado cresceram os afazeres deste, e por outro avolumou-se aquella cor-respondencia, torna-se imprescindivel que toda ella seja exclusivamente en-dereçada a — ALFREDO PEREIRA.

E' o que solicitamos a todos que conosco mantêm relações.

Federação Spirita Brazi-leira. — Esta associação commemo-rou a 27 do corrente o 7º anniversario de sua existencia, celebrando uma sessão festiva nos vastos salões em que se acha ultimamente installada, no 2º andar do predio n.º 83 da rua da Imperatriz.

Apesar da trovoadas que desabou pouco antes da hora marcada, nume-rosa concurrencia de senhoras e ca-valheiros affluio áquelle recinto, ga-lantemente adornado com flores, dis-tinctos etc.

Abrio a solemnidade o discurso presidencial, que, entre outras con-siderações, accentuou a circumstancia especial de ser esta a primeira vez que a no lesta sociedade fazia tal com-me-moração, e o fazia no intuito de des-pertar mais ainda entre os spiritas os sentimentos de união e solidariedade no momento actual em que se quer punir com prisão cellualar aos que até o presente tiveram a liberdade de praticar o Spiritismo.

Rememorando a esphera de acção e os esforços empregados por diminuto numero de associados nesse periodo, salientou a extrema dedicação empra-gada nos primeiros cinco annos pelo prestimoso presidente honorario Dr. Quadros, presentemente ausente em comissão do Governo ; sendo o no ne deste sympathico spirita e illustrado cidadão saudado por uma prolongada salva de palmas.

Seguio-se o orador official, Elias da Silva, que, em bem deduzido dis-curso, fez a analyse da propaganda iniciada pela Federação, comprovada por factos registrados em seus archi-

vos, e mais: pela publicação não interrompida do *Reformador*; pela permuta com o grande numero de publicações que constituem a imprensa spirita de todas as partes do globo; pelas conferencias publicas mantidas por muito tempo nesta cidade; pela sua bibliotheca francamente á disposição dos leitores spiritas ou não; por varias publicações gratuitamente distribuidas em avulsos; finalmente, pelo auspicioso influxo prestado a diversas associações, creadas em seu seio, no numero das quaes está a Assistencia aos Necessitados. Chamando a attenção dos grupos, mesmo os denominados familiares, para o erro de concentrarem em si o fructo de suas investigações, instiga-os a fazerem todos participantes das mesmas, unindo-se á Federação por um laço que lhe dê a definida posição de spirita. Por ultimo appella para o dever que todos temos de declarar terminantemente a nossa creença nas listas de recenseamento.

Usaram da palavra os representantes presentes das associações e grupos spiritas: S. Francisco de Paula, Anjos da Guarda, S. Manoel, Filhos de Maria, Fraternidade, S. Antonio de Padua, S. Roque, União Spirita, S. Sebastião, Estudos Spiriticos, Deus, Fé e Caridade, Perseverança, e Caridade.

Fallaram tambem algumas pessoas fazendo a sua profissão de fé, notando-se que todos fizeram sentir o desejo e a necessidade de estreitarem-se os laços da fraternidade. Por ultimo o presidente encerrou a sessão, agradecendo a todos a prova de amor e solidariedade manifestada pelas suas presenças.

Da agradável impressão produzida por tão salutar convívio teve-se prova segura não só na alegria que se expandiu de todos os semblantes, como da animada conversação que se prolongou por muito tempo depois de terminada a sessão, havendo um pronunciamento geral para levar-se a effeito a união dos grupos em uma Federação, a exemplo do que se está passando em outros paizes.

Folheto. — Para que mais dilatado fosse o conhecimento da materia que, em secção editorial, temos dirigido ao Sr. Ministro da Justiça, com relação ao novo Codigo Penal, colle-

ccionamos-a em um fasciculo de 25 paginas, que enviamos ao Chefe do Governo Provisorio, a todos os Srs. Ministros, aos membros do Congresso Constituinte, e a toda a imprensa.

Tratando-se da causa do Spiritismo, e o circulo dos leitores do órgão que que o representa na Capital não se estendendo infelizmente a todos aquelles representantes do poder publico, era de bom conselho que fossem as nossas ponderações transcriptas em periodico de grande circulação, como se fez pelo *Jornal do Commercio*. Entretanto, podendo ella não chamar a attenção de todos, mas perder-se na multidão dos varios publicados, de melhor conselho foi enviar a em folheto a quantos podem ter uma parcella de autoridade.

Assim o fizemos, pondo bem patente por este modo que antes tyrânica do que justa é a lei que fere o que não se occulta, mas affronta ao contrario a publicidade. Podessemos conseguir, de quem nos tem de julgar, isenção de espirito, desprendimento de opiniões preconcebidas, e, estamos certos, seriam riscadas da legislação brasileira aquellas palavras que ferem, sem medida, o cultivo de um methodo philosophico! Não desanimamos, porém, porque é para nós certeza que, si a justiça póde tardar, ella não fallará sempre.

Uma planta carnívora. — Diz o *Religio Philosophical Journal* de 4 de Outubro: Um naturalista que cuidadosamente estudou a fauna e flora da America Central achou nos brejos que cercam o lago Nicaragua, uma planta muito singular.

Herborisava elle no brejo conhecido por S. Sebastião, quando ouviu ganir dolorosamente, quasi agonizando, sen cão que se achava a alguma distancia. Correu para o lugar de onde partiam os uivos do pobre animal e achou-o enleado, quasi que vestido por filamentos herbaceos, dos quaes, com difficuldade, libertou-o. Esses filamentos enroscavam-se nas mãos do naturalista, como si foram dedos e com a agilidade de seres vivos, e delles, a custo, se desenhenciava o sabio, ficando em suas mãos os signaes sanguineos da sucção, que promptamente se havia estabelecido em varios pontos.

ao menos não se dirá que Antonio Dantas perdeu a partida e ficou vivo.

« Não posso, não quero mais viver! Estou só, não precisas ter trabalho para me cortares o fio da existencia. »

« Só, não senhor, bradou uma voz por detrás do moço. Seu cabra está aqui e nós dois somos homens para estes cangalhas de gente. »

Dantas sentiu-se tão commovido por aquella prova de dedicação, que, erguendo-se, abraçou o cabra dizendo: nós dois somos homens para acabarmos com estes punhas; mas basta de sangue, que acabo de ver passar por diante de meus olhos uma sombra... uma sombra querida, que me fez signal de parar. »

« E que sombra era essa, Sr. Patricio? perguntei no auge da anciedade. Nem elle disse, nem houve quem soubesse até hoje de quem era ella. »

O que se sabe, é que, largando o Mourão, cuja vida tivera na ponta de sua faca, o moço atirou longe o instrumento de morte e disse transfigurado: « recebi a intimação de quem pode — chegou a minha hora — minha missão está completa. »

Já viu, Sr. Leopoldo cousa egual. Ou o moço ficou louco, ou foi algum caipora que lhe appareceu.

« Caipora! Pois o senhor acredita em caiporas? »

« Ora, ora, por que não si o compadre José Basilio viveu de amizade com um? »

Eu lhe contarei essa historia, logo que tenha concluido a do moço Dantas.

Os cabras dos Mourões ficaram com tanto medo daquelle moço, quando o viram sobre seu chefe, julgado invencivel, que não osaram correr ao menos em defesa deste.

A verdade é que Dantas podia ter morto o Tenente-coronel e sahido do campo a passo, que ninguém se atreveria a cortarlhe a marcha, ainda mais, acompanhado pelo dedicado camarada.

O liquido viscoso exudado por taes filamentos era negro e nauseabundo, de uma notavel faculdade adhesiva e de um odor animal desagradabilissimo.

Indagando a respeito, soube o naturalista, que os naturaes do lugar tinham horror áquelle especimem do reino vegetal, a que chamavam *Videira do Diabo*.

El Fenix. — E' este o titulo de um novo órgão de propaganda spirita que nos chega de Magatlan (Mexico).

Agradecemos a offerta dos primeiros numeros e fazemos votos pela prosperidade do collega, a quem nesta data expelimos o nosso modesto periodico.

Distincção merecida. — O Grupo Independente de Estudos Esotericos conferiu um diploma especial ao Sr. Dr. Saens Benito pela importante obra que o mesmo doutor acaba de publicar com o titulo — *La Ciencia Espirita*.

Um perigo conjurado por espirito amigo. — O facto passou-se com o Capitão de navio, A. Y. Eastërby, de Napa, Calcutá.

Em 1852, tornei-me familiar, em S. Francisco, com o phenomeno da typtologia e movimento da meza, auxiliado pela mediumidade do Sr. Bonnell, e a bordo do meu navio *Edwin* fiz muitas sessões.

Em 1853, fui para o Este e atravessei o Isthmus a cavallo. Em Julho do mesmo anno voltei á California com minha mulher. Meus amigos de New York recommendaram-me não fazer a viagem pelo Isthmus á cavallo com minha mulher, cuja saude e compleição eram extremamente delicadas e sim que contornasse o Horn em um navio recentemente construido o *Queen of Clippers* Capitão Lerega, a quem paguei mil dollars, (cerca de dous contos de réis).

Algumas semanas depois da partida, fui sorprendido pelo meu velho amigo espirito batedor (*frappeur*) por pancadas nas divisões do camarim de recepções.

« Expliquei a minha mulher o que aquillo era, obtendo ella por meio do alphabet o nome de sua mãe «Lydia». Disto, resultou-lhe a confiança e

Não quiz o moço fugir, e entregou-se ao que dizia ser seu destino. Estava louco!

O chefe Mourão ergueu-se do chão e, em vez de mostrar-se cavalheiro com quem lhe tinha dado lição de cavalheirismo, bradou para os seus: amarem-me este miseravel.

Nenhum dos cabras se moveu, já pelo terror que lhes inspirava o moço, ainda mesmo desarmado, já pela repugnancia que lhes causava o ignobil procedimento de seu chefe.

O sentimento da nobreza humana tem tanta força, Sr. Leopoldo, que os mais rebaidados dos homens não se podem furtar a elle.

E' como o do bem. Pode um homem fazer-se assassino, ladrão, seductor, fazer o diabo a quatro; lá no fundo do coração elle tem sempre uma voz que o faz suar frio quando reflecte no que fez.

Parece que a nossa natureza é má, porém que o nosso destino é sermos bons. Não lh' parece? Sr. Leopoldo.

Nem mais nem menos que isso, Sr. Patricio; mas conclua sua historia, que me tem profundamente impressionado.

Vendo que os capangas não se moviam, o chefe ficou possesso; mas o moço, com toda a calma e sangue frio, disse-lhe: « não se incomode, não precisa de ninguém para me amarrar, eu não quero resistir; e tanto que digo ao meu camarada: Juca, segue teu rumo, que eu não preciso mais de ti. »

E puchando de uma carteira que trazia no bolso do peito do fraque, entregou-a ao rapaz. « E' tua, e resa sempre por minha alma. Vae-te daqui. »

« Daqui não saio enquanto o Sr. viver, porque jurei acompanhá-lo em toda a sua vida. »

« Pois faze como entenderes, mas nem uma gotta de sangue derrames por minha causa. »

Estava louco! O leão feito cordeiro!

as pancadas tornaram-se um divertimento durante as horas trabalhosas de noites tormentosas. Ella considerava as manifestações como um signal de protecção, e o seu pedido: « não nos abandoneis esta noite » era confirmado por uma série de pancadas.

Uma noite em Agosto, longe do Horn, ella acordou-me. Tinha estado se divertindo como de costume enquanto eu dormia, acabava de soletrar « proximo perigo e o Capitão não está no seu posto e o pharol está apagado ». Porém, subindo ao tombadilho, encontrei o immediato. Geer, e pouco distante um marinheiro na popa. A elle eu não podia referir a advertencia que acabava de receber e apenas contei-lhe experiencias que em identicas circumstancias tinha feito a bordo do meu navio « *Levan-tine* » alguns annos antes, e disse-lhe que em noites de tal escuridão eu estava sempre apprehensivo e por isso pedia-lhe que verificasse si o official de quarto estava acordado e o pharol aceso. Sem duvida encontrou-o dormindo e despertou-o.

Permaneci no tombadilho com elle até quasi o romper da aurora e finalmente cansado e friorento voltei para meu camarote. « Bem: disse eu, não ha nada á vista, e qual poderia ter sido o perigo? Enquanto fallavamos, as pancadas alphabeticas se fizeram ouvir e escreveram — O navio « *Sabine* » está proximo do vosso. Isto evidentemente era uma resposta á minha observação. »

Nesse interim o Sr. Geer veio ao meu camarote e disse-me: Subi se quizerdes ouvir nos fallar a um navio. Em um minuto eu estava no tombadilho e vi o « *Sabine* » que passava-nos a bombardeio a cerca de 50 jardas de distancia.

(*Golden Gate*, de 14 de Junho de 1890).

COMMUNICAÇÕES

Grupo Perseverança

(Continuação)

Recebeu-se a seguinte comunicação inicial:

« Por tudo o que já foi dito e pelas observações que já tivestes occasião

O chefe Mourão chegou-se a elle e empurrou-o, injuriou-o, esbofetou-o; e o moço sempre indifferente, só dizia... lá á tál sombra: « Por que me não procuraste antes? Por que não me fallaste antes de ter feito tanto mal? »

Encerto razões, Sr. Leopoldo; o feroz Mourão arrastou o moço louco para casa e ali, sem que elle oppuzesse a menor resistencia, sangrou-o como eu sangro aqui os bodes e os carneiros que preciso matar para comer.

Que perverso! Que malvado! Mas fallamos baixo que matos tem olhos e paredes tem ouvidos.

Depois de ter saído sua vingança selvagem e covarde, o infame cortou as orelhas a sua victima, e pendurou-lhe o corpo n'uma arvore á beira da estrada e longe de sua casa, pregando-lhe na testa um papel que dizia: assim acabam os que ousam insultar-me.

O Juca Columna acompanhou chorando todas aquellas malvadezas, e quando viu o amo pendurado á arvore, fugiu pelo matto adentro.

Logo que a noute cahiu, voltou elle ao sitio onde o cadaver gemia embalado pela viração e, sem temor de estar só com um morto, áquella hora, cortou a corda, tomou o corpo sobre os hombros e fugiu com elle.

Caminhou toda a noute e veio amanhecer ali na casa do José Basilio, onde o depositou e donde o levou para a freguezia a sepultar-o em sagrado.

Eu passei casualmente na casa do José Basilio, meu compadre, quando o corpo ainda lá estava, e tanta pena tive do moço que acompanhei o Juca até a freguezia, ajudando-o a conduzir o que fora seu bom amo.

Na volta é que elle me contou esta historia horrorosa, que ainda hoje me arrepiá os cabellos e as carnes.

(Continúa)

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

Não restavam mais de vinte homens de cada lado e a sanha continuava!

O Maciel era traspassado por capangas dos Mourões exactamente ao tempo em que Dantas, jogando por terra o chefe destes, lhe perguntava sobranceiro, com o joelho sobre seu peito « já encontraste quem te fizesse frente? » « Mata-me mas não me injurias » foi a unica palavra que sahiu do peito do chefe humilhado.

Nesse momento, a gente de troço do Maciel, já reduzida a uns dez ou doze, vendo-o cahir ao ferro inimigo, disparou em debandada.

Os restos do troço dos Mourões, que não eram em maior numero, correram para seu chefe, abatido por terra e sob o joelho do jovem, que vencera corpo a corpo.

Este estava perdido sem remissão. Um contra dez, e quando mal podia respirar de cansado pela luta titanica que sustentara!

« Não te mato, como mereces, porque não sou assassino, e porque meu fim era exterminar os Mourões, o que não posso mais conseguir desde que os meus fugiram. »

« De que me serve matar-te, si ainda ficam outros? Prefiro que me mates tu, porque

de fazer, não necessitais mais de nenhuma instrução para o seguimento de vosso trabalho. Luiz »

Após uma consulta ao guia sobre dever-se ou não evocar o mesmo espirito, veio a seguinte explicação :

« Não quer o que precede dizer que esteja acabado o trabalho, mas que podeis continuá-lo, e dessa continuação tirareis os esclarecimentos necessários para concluir. »

A vista disso estabeleceram-se o seguinte dialogo :

Evoc. — Julgais que o espirito tem um principio ou que existe ab eterno ?

Esp. — Entraes em assumptos verdadeiramente bem serios, que não são muito da minha competencia ; para vos responder satisfatoriamente seria preciso reflectir com madureza e procurar longe, no passado, a chave da questão.

Evoc. — Pensaes que o vosso principio foi logo como membro da ordem religiosa a que vos tendes referido ?

Esp. — Por que desejais sabel-o ? qual o interesse que pode isso vos offerecer ?

Evoc. — Temos muito interesse ; e é este poder da resposta a tal pergunta comprehender inteiramente as vossas respostas da passada conferencia. E' por isso que reproduzimos a pergunta : pensaes que o vosso principio foi logo como membro da ordem religiosa a que vos tendes referido ?

Esp. — Não ; elle é anterior, muito anterior ; porém no correr da existencia não ha épocas que vos trazem recordações agradaveis, e sobre as quaes desejais de preferencia repousar o vosso pensamento ? Foi sob esse aspecto que me aprouvei conversar comvosco, e é sob elle que podeis melhor ter uma idéa do que sou ainda hoje.

Evoc. — Não podereis, em attenção á intensidade do nosso desejo, sacrificar um pouco o vosso gosto, para conversar comnosco sob o aspecto que vos conhecemos ?

Esp. — Que prazer achais em me torturar ? Não se pode conversar com um homem amordaçado.

Evoc. — Que quereis dizer com a phrase : não se pode conversar com um homem amordaçado ?

Esp. — Si me interrogardes sob esse aspecto, fico sob uma pressão tal que tudo em mim se acha perturbado.

Evoc. — O que se turba em vós é a vossa intelligencia, é a vossa razão, ou é a vossa consciencia ?

Não respondendo o espirito, continuou-se :

Evoc. — Passemos então a outro assumpto ; haverá algum inconveniente em sabermos a ordem religiosa a que vos tendes referido ?

Esp. — A isso posso vos responder ; foi, si o desejais saber, a ordem dos capuchinhos.

Evoc. — Mas algum tempo houve em que a ordem dos capuchinhos tivesse preponderancia ?

Esp. — A ordem em si é officialmente não ; mas ás occultas e particularmente por alguns de seus membros teve influencia maior talvez do que qualquer outra nesse tempo.

Evoc. — Pod-rieis nos esclarecer, si não ha indistricção, sobre os nomes dos personagens historicos nos quaes influenciais, ou sobre vossa propria personalidade ?

Esp. — Procuraes na historia qual o personagem mais preponderante da primeira parte do XVII seculo, isto é, da epocha que medeia entre 1600 e 1650, e tereis uma indicação certa.

Evoc. — Quereis vos referir a Mazarino ?

Esp. — Não, mas ao seu predecessor o cardeal vermeilh.

Evoc. — Nada lucrastes na nossa conversa ; só nós lucrámos alguns esclarecimentos ; entretanto... poderíeis ter ganho um pouco de paz, de tranquillidade !

Esp. — Fallae-me de paz, de tranquillidade, e só conseguistes trazer-me a perturbação. Empenhado num caminho, devo segui-lo até vencer ou ser vencido ; devo segui-lo até o termo final, qualquer que elle seja.

Evoc. — Que Deus se amercie de vós. A instrução final foi a seguinte : « Si vos é, algumas vezes, permitido penetrar o mysterio dos juizos occultos da Justiça Divina, é para que elles sirvam de lições a vós e áquelles que os conhecerem e quizerem comprehendendo-os. »

MISCELLANEA

Lethargia extatica

E' no primeiro anno da *Revue* do Sr. Allan Kardec que cothemos o que vae seguir :

Varios torques, segundo o *Courrier des Etats-Unis*, referem o seguinte facto que nos parece poder fornecer assumpto para um estudo interessante :

« Uma familia allemã de Baltimore acaba de ser vivamente commovida por um singular caso de morte apparente. A Sra. Schwabenhaus, doente havia muito tempo, pareceu uma noite ter dado o ultimo suspiro. As pessoas que della cuidavam puderam observar todos os symptomas da morte : o corpo gelado, os membros rijos. Depois de terem prestado ao cadaver os ultimos deveres, e quando tudo no quarto mortuario ficou prompto para o enterro, foram os assistentes tomar algum repouso. O Sr. Schwabenhaus, esgotado pela fadiga, seguiu-os logo.

Achava-se elle entregue a um somno agitado, quando ás 6 horas da manhã veio ferir-lhe os ouvidos a voz de sua mulher. Acreditou a principio ser o joguete de um sonho ; mas, seu nome, repetido varias vezes, não lhe deixando duvida alguma, precipitou-se no quarto da mulher. Aquella que se tinha deixado como morta estava senta la no leito, parecendo gozar de todas as faculdades, e mais forte do que tinha jamais estado desde o começo da molestia.

A Sra. Schwabenhaus pediu agua, depois desejou beber chá e vinho. Pediu ao marido que fosse adormecer seu filho, que no quarto visinho chorava. Mas, estando elle muito commovido para isto, correu a acordar toda a gente da casa. A doente acolheu sorrindo seus amigos, seus creados, que aproximavam-se do leito tremendo. Ella não parecia surpresa com os preparativos funerarios que feriam suas vistas : Sei que me acreditaveis morta, disse ella ; entretanto eu estava apenas adormecida. Mas, durante este tempo, minha alma voou ás regiões celestes ; um anjo veio me buscar e franqueámos o espaço em alguns momentos. Este anjo que me conduziu era a filhinha que perdemos no anno passado... Oh ! em breve eu irei me juntar a ella... Agora que experimentei as delicias do ceu não quereria mais viver neste mundo. Pedi ao anjo para vir abraçar mais uma vez meu marido e meus filhos ; mas bem cedo elle virá me buscar. »

As 8 horas, depois que ternamente despediu-se de seu marido, de seus filhos e de uma multidão de pessoas que a cercavam, expirou realmente desta vez, como foi verificado pelos medicos de modo a não subsistir duvida alguma. Esta scena vivamente commoveu os habitantes de Baltimore. »

Tendo sido ella evocada na sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Spiritas, a 27 de Abril, estabeleceu-se o seguinte dialogo :

1. Desejariamos, com o fim de nos instruir, dirigir-vos algumas per-

guntas a respeito de vossa morte ; tereis a bondade de nos responder ? — R. Como não o faria agora que começo a tocar as verdades eternas e que sei a necessidade que disto tendes ?

2. Lembraes-vos da circumstancia particular que precedeu vossa morte ? — R. Sim, este momento foi o mais feliz de minha existencia terrestre.

3. Durante vossa morte apparente ouvíeis o que se passava em torno de vós e vieis os preparativos para vossos funeraes ? — R. Minha alma estava muito preocupada com sua proxima felicidade.

Nota. — Sabe-se que geralmente os lethargicos vêm e ouvem o que se passa em torno de si, e conservam a lembrança ao acordar. O facto que referimos offerece a particularidade de que o somno lethargico era acompanhado de extase, circumstancia que explica por que foi a attenção da doente desviada.

4. Tinheis consciencia de não estar morta ? — R. Sim, porém isto era-me antes penivel.

5. Poderíeis dizer-nos a differença que fazeis entre somno natural e somno lethargico ? — R. O somno natural é o repouso do corpo, o somno lethargico é a exaltação da alma.

6. Sofríeis durante vossa lethargia ? R. Não.

7. Como se operou vossa volta á vida ? — Deus permittiu que eu viesse consolar os corações afflicto que me cercavam.

8. Desejariamos uma explicação mais material. — R. O que chamaes perispirito animava ainda meu envoltorio terrestre.

9. Como não ficastes surpresa, ao despertar, com os preparativos para o enterro ? — Eu sabia que devia morrer, pouco me importavam todas essas cousas, pois que havia entrevisto a felicidade dos eleitos.

10. Despertando, ficastes satisfeita de ter voltado á vida ? — R. Sim, para consolar.

11. Onde estivestes durante o somno lethargico ? — R. Não vos posso dizer toda a felicidade que experimentei : as linguas humanas não exprimem estas cousas.

12. Sentíeis-vos ainda sobre a terra ou no espaço ? — R. Nos espaços.

13. Dissestes, ao despertar, que a filhinha perdida no anno precedente havia vos vindo procurar ; será verdade ? — R. Sim, é um espirito puro.

Nota. — Tudo nas respostas da mãe annuncia um espirito elevado ; nada ha, pois, de admirar que um espirito mais elevado ainda se tivesse unido ao seu por sympathia. Comtudo é necessario não tomar ao pé da letra a classificação de *puro espirito*, que os espiritos dão-se algumas vezes entre si. Sabe-se que por isto se deve entender os da ordem mais elevada, os que, tendo-se completamente desmaterializado e depurado, mais sujeitos não estão á reencarnação ; são os anjos, que gozam da vida eterna. Ora aquelles que não têm attingido um grau sufficiente não comprehendem ainda este estado supremo ; podem, pois, empregar a expressão *puro espirito* para designar uma superioridade relativa, mas não absoluta. Temos disto numerosos exemplos, e a Sra. Schwabenhaus parece-nos estar neste caso. Os brincadores attribuem-se tambem algumas vezes a qualidade de puros espiritos para inspirar maior confiança ás pessoas que elles querem illudir, e que não têm bastante perspicacia para julgal-os por sua linguagem, na qual se trahes sempre a inferioridade.

14. Que idade tinha esta criança quando morreu ? — R. Sete annos.

15. Como a reconhecestes ? — Os espiritos superiores se reconhecem mais depressa.

16. Reconheceste-a sob nma forma qualquer ? — R. Só a vi como espirito.

17. Que vos dizia ella ? — R. « Vem, segue-me para o Eterno. »

18. Vistes outros espiritos além de vossa filha ? — R. Vi uma multidão de outros, porém a voz de minha filha e a felicidade que eu presentia eram minhas unicas preoccupações.

19. Durante vossa volta á vida, dissestes que em breve ir-vos-íeis juntar a vossa filha ; tinheis então consciencia de vosso morte proxima ? — R. Era para mim uma esperanza feliz.

20. Como sabíeis ? — R. Quem não sabe que se deve morrer. Minha molestia bem m'o dizia.

21. Qual era a causa de vossa molestia ? — R. Pezares.

22. Que idade tinheis ? — R. Quarenta e oito annos.

23. Deixando definitivamente a vida, tivestes logo consciencia clara e lucida de vossa nova situação ? — R. Tive-a no momento de minha lethargia.

24. Experimentastes a perturbação que acompanha ordinariamente a volta á vida spirita ? — Não, fiquei fascinada, mas não perturbada.

Nota. — Sabe-se que a perturbação que segue a morte é tanto menor e menos longa quanto mais se tem o espirito depurado durante a vida. O extase que precedeu a morte desta senhora era aliás um primeiro desprendimento d'alma dos laços terrestres.

25. Depois que morrestes, tornastes a ver vossa filha ? — R. Estou muitas vezes com ella.

26. Estaes a ella reunida por toda a eternidade ? — R. Não, porém sei que, depois de « minhas » imas reencarnações, irei para a mor da em que os espiritos puros habitam.

27. Não estão, pois, acabadas vossas provas ? — R. Não, porém ellas serão felizes agora ; ellas só me deixam esperar, e a esperanza é quasi a felicidade.

28. Vossa filha tinha vivido em outros corpos antes daquelle pelo qual era ella vossa filha ? — R. Sim, em bastantes outros.

29. Sob que forma estaes entre nós ? — R. Sob minha ultima forma de mulher.

30. Vede-nos tão distinctamente quanto o teríeis feito quando viva ? — R. Sim.

31. Pois que aqui estaes sob a forma que tinheis na terra, é pelos olhos que nos vedes ? — R. Não, o espirito não tem olhos ; não estou sob a minha ultima forma sinão para satisfazer ás leis que regem os espiritos quando são evocados e obrigados a retomar o que chamaes *perispirito*.

32. Pódeis ler em nossos pensamentos ? — R. Sim, posso ; lerei, si vossos pensamentos forem bons.

33. Agradecemos-vos as explicações que nos quizestes dar ; reconhecemos pela sabedoria de vossas respostas que sois um espirito elevado, e esperamos que gozareis da felicidade que mereceis. — R. Sou feliz por contribuir para vossa obra ; morrer é uma alegria, quando se pode auxiliar o progresso, como o posso fazer.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

* PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz n. 83, 2º andar.

Anno IX

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Janeiro — 15

N. 196

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz),
o Sr Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Estado da Bahia), o Sr.
Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompilio de Araujo Pi-
nheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Baturia,
rua Lavapés n. 20.

Em Santos (S. Paulo), o Sr. Benedicto
José de Souza Junior, rua da Constituição
n. 117.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de
Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

**Pedimos a todas pessoas
que recebem o Reformador
immediata participação de
alguma falta que por acaso
possa haver na entrega da
folha afim de ser prompta-
mente providenciada**

**Outrosim pedimos que,
para facilitar o serviço do
correio, nos seja commu-
nicada qualquer alteração
no nome da rua ou na nume-
ração de suas residencias.**

AVISO

**A Federação Spirita Bra-
zileira mudou-se para a rua
da Imperatriz n. 83, 2.º an-
dar, onde funcionarão tam-
bem as sociedades que em
suas salas trabalham.**

**Communica-se ao publico
que a Assistencia aos Neces-
sitados trabalhará egual-
mente esta casa.**

O Novo Codigo Penal e o Spiritismo

I

Quando duas pessoas de respeitabi-
lidade social, divergindo de opiniões,
entram em lucta, procurando cada
uma respectivamente demonstrar
achar-se de seu lado a verdade, não
é dado, em circumstancia alguma,
como o ordenam os preceitos da civi-
lidade, imputar uma a outra má fé
na trama de suas argumentações.

Longe de nós, pois, a idéa de attri-
buir ao codificador este feio senti-
mento, quando, em todos os seus arti-
gos, gyrando em torno dos mediuns
receitistas, o que vale dizer em torno
dos que exercem illegalmente a medi-
cina, confunde constantemente estas
praticas com todas as outras a que se
entregam os spiritas. Melhor é supor
que o arruido, occasionado pelas curas
maravilhosas dos mediuns é por tal
sorte entontecedor que não permite
que a todos os ouvidos chegue o far-
falhar bulhento com que as investi-
gações spiritas estão, por assim dizer,
transfigurando todos os ramos dos
conhecimentos humanos.

Permitta, pois, o illustre advogado
que, honrando suas nobres qualida-
des, attribuamos, antes ao desconhe-
cimento do assumpto do que á má fé,
o movel de suas inspirações.

Si por praticas do Spiritismo se de-
vessem entender exclusivamente as
curas produzidas pelos mediuns, mal
delle, porque então não passaria de
um systema de curar que, se viria
juntar aos tantos outros que desde
Hippocrates até Pasteur têm registrado
a litteratura medica. Teria então
razão o Sr. B. Pereira, para enchendo
columnas do *Jornal do Commercio*,
com periodos e periodos, não conceder
ao Spiritismo os fóros de sciencia.

Mas tambem, si assim fôra, si,
como suppõe o codificador, não pas-
sam as praticas do Spiritismo de um
systema de curar, por que então, com
penalidade mais dura do que aquella
que impõe aos leigos, pune o medico
que a ellas se soccorre na plenitude
dos direitos que lhe garante o diploma?
Estamos já prevendo a resposta que
saltará da penna do illustre advogado:
não tem o homem de sciencia o direito
de lançar mão de systemas illusorios;
de praticas charlatanescas, que podem
sacrificar saúde e vida dos pobres
doentes!

Mas de tal argumento não tem o
direito de usar quem possui as apti-
dões legislativas do illustre patrono
do Codigo: seguir-se-ia, com effeito,
que, conforme as opiniões do legisla-
dor da occasião, poderia a lei cercar
ao diplomado o direito de em sua cli-
nica empregar taes ou taes systemas,
que mais efficazes lhe parecessem.
Então si o autor da lei julgasse ineffi-
caz ou prejudicial, por exemplo, o
tratamento Burqueano, por não acre-
ditar que a acção externa dos metaes
podem remover as mais graves enfer-
midades, teria o direito de impedir
que o clinico empregasse a Metallo-
therapia!

Por egual, poderia tambem condem-
nar a therapeutica Rozoriana ou a de
Hahnemann, conforme opinasse ser
aquella perigosa ou esta nulla!

E, si o legislador julgasse, como até
bem pouco pensavam as Academias,
serem charlatánicas as praticas de
Braid, condemnados estariam os me-
dicos a não se valerem do Hypnotismo!
Assim, pois, a qualificação de um
novo crime, dependeria do accidente
de ter o accaso confiado a confecção
de um Codigo a quem opinasse por
esta ou por aquella fórmula!

A taes conclusões não quererá che-
gar, por certo, o illustrado Sr. Dr.
Baptista Pereira; sua perspicuidade,
pois, valer lhe-á, nesta emergencia,
para confessar que houve erro, quando
condemnou o Spiritismo, tendo em
mente um systema de curar.

Mas, dando de barato que ao codi-
ficador houvesse o direito de embar-
çar aos medicos as praticas clinicas
pelo Spiritismo, resta ainda que se
convença de que as praticas experi-
mentaes desta sciencia confundir não
se podem com o diagnostico e trata-
mento pelos mediuns.

Para isto bastará que nos reporte-
mos á serie de artigos que, endere-
çados ao ministro da justiça, publicá-
mos anteriormente.

Mas, como é bem possivel que, em-
bora tendo legislado sobre o assumpto,
não tivesse ainda tido tempo o illus-
trado doutor para sobre elles passar os
olhos, vamos, a risco mesmo de nos
tornarmos enfadonhos, fazer um ra-
pido percurso pelo campo do Spiri-
tismo.

A evolução, lei natural que rege
as cousas do mundo physico como do

mundo moral, dá ao espirito uma ori-
gem elementar, da qual elle parte
ganhando progressivamente qualida-
des physicas, depois aptidões intelle-
ctuaes e por fim attributos moraes:
é o espirito na plenitude do seu des-
envolvimento e consciencia.

Mas, neste evolver secular, até se
constituir ser consciente, tendo o ele-
mento espirital de atravessar todos
os reinos da natureza, ha entre o ele-
mento espirital e a materia uma per-
muta de aptidões, que concorre para
que ambos se desenvolvam, reagindo
reciprocamente uma sobre a outra.

Dahi vem que todas as sciencias
que se baseiam sobre a materia viram
dilatarse o horizonte de suas inves-
tigações com o conhecimento do ele-
mento espirital. Nem somente as
sciencias biologicas, em que patente-
mente entra o agente vital, como
mesmo as sciencias physicas, têm um
largo campo de perquisições, porque
já agora não pode deixar de contar
quer com o elemento espirital quer
com o espirito já formado.

O estudo do *perispirito* mais espe-
cialmente feito pela escola dos esote-
ristas, trouxe a affirmacão scientifica
(já antes sabida pelas communica-
ções dos espiritos) de que sua natu-
reza similha-se á do fluido universal.
Dahi vem que estas investigações do
domínio do Spiritismo são de molde a
provar nem só a possibilidade de
agirem os espiritos sobre tal fluido,
como sobre todos os corpos que delle
se originam, o que vale por dizer —
toda a materia.

Vê-se, pois, quão dilatados são os
domínios das praticas experimentaes
do Spiritismo: dir-se-ia ser elle a
sciencia mater a que vão todas as
outras pedir meças para desassom-
bradamente evolverem!

Deve, pois, comprehender o Sr. dou-
tor em direito que é seguir caminho
por demais torto fazer confusão entre
estas verdadeiras praticas experi-
mentaes e a cura pelos mediuns,
mera e insignificante applicação da
lei das evocações.

Como João Huss appellava do Papa
mal informado para o Papa mais bem
informado, nós agora appellamos tam-
bem para o Sr. Baptista Pereira afim
de que, usando de seu valimento, faça
com que se elimine do art. 157 do
Codigo as palavras — Praticar o Spiri-
tismo.

Si, porém, o que não queremos crer, estiver agora tão surdo o Papa como outr'ora, revesti-los-emos de resignação para esperar que haja juizes em Berlim.

NOTICIÁRIO

Federação Spiritista Brasileira.— E' a seguinte a directoria eleita para funcionar durante o corrente anno:

Presidente — Dr. Dias da Cruz.
Vice-Presidente — Dr. Bezerra de Menezes.
1.º Secretario — Fernandes Figueira.
2.º Secretario — Dr. Ernesto Silva.
Thezoureiro — Alfredo Pereira.
Archivista — Xavier Pinheiro.

Conferências — Conhecendo a acção benéfica que, sobre os que se dedicam praticamente ao Spiritismo, produz a rememoração dos conselhos doutrinaes, resolveu a Federação Spiritista Brasileira dar começo, em suas salas, a preleções mensaes, que, por toda a parte, hão produzido resultados de extrema vantagem.

Comprehende-se bem quanto taes conferencias podem concorrer para uma tal ou qual uniformidade nos trabalhos dos grupos numerosos que existem no Rio de Janeiro; uniformidade que moldada principalmente nos sãos conselhos do *Livro dos médiums*, virá de alguma sorte corrigir defeitos, que são armas poderosas nas mãos dos adversarios do Spiritismo.

Hoje principalmente que está na berra a accusação contra tudo que a nossos trabalhos diz respeito, mister se faz que affastemos tanto quanto possível as causas, embora minimas, que apparencias de razão possam dar a taes accusações.

Outra vantagem, não somemos, encheremos nestas grandes reuniões mensaes: apertarem-se cada vez mais os laços entre a familia spiritista. Convidamos, pois, a todos os spiritistas a assistirem a primeira conferencia, que terá lugar, sexta-feira, 23 do corrente, ás 7 horas da noite, na sala da Federação.

Distinção merecida.— Na sessão em que se elegeu a nova directoria, foi apresentada pelos Srs. Manoel Tavares e Elias da Silva uma proposta para que fosse considerado Presidente honorario da Federação Spiritista Brasileira o Coronel Dr. Francisco Raymundo Ewerthon Quadros. O segundo daquelles consocios, motivando a proposta, rememorou os esforços e cuidados com que durante os cinco primeiros annos do *Reformador* multiplicou-se o Dr. Quadros no mister simultaneo de redactor e revisor, mantendo sempre o mesmo tom doutrinario, que convem a uma folha de propaganda; rememorou ainda os serviços prestados á Federação quando seu presidente effectivo, cargo que desempenhava com a assuidade e consciencia com que costuma satisfazer a todos os compromissos. O entusiasmo com que foi recebida esta proposta só se se pôde comparar ás aclamações e palmas que na sessão commemorativa do anniversario da Federação, acolheram as palavras do presidente, quando este se referiu com justiça só, e pesaroso pela ausencia, ao Sr. Dr. E. Quadros. Receba o nosso confrade os parabens pela distincção merecida com que acaba de galardoar-se a Federação.

Aphorismos spiritistas.— Sob este titulo publicou em sua revista, o sempre lembrado Sr. Allan Kardec, alguns pensamentos soltos, que, no interesse geral, cumprimos o dever de para aqui trasladar:

I. Quem se crê preservar da acção dos malos espiritos, abstando-se de communicações spiritistas, pôde-se comparar ás creanças que julgam libertar-se de um perigo, fechando os olhos. Tanto valeria dizer que é preferível não saber ler nem escrever, para não se ficar exposto a ler maus livros ou a escrever tolices.

II. Quem tem más communicações spiritistas, verbaes ou por escripto, está sob uma má influencia, que sobre elle se exerce, escreva ou não escreva.

A escripta dá-lhe um meio de assegurar-se da natureza dos espiritos que sobre elle actua. Si está bastante fascinado para não comprehender os, outros lhe podem abrir os olhos.

III. Haverá necessidade de ser médium para escrever absurdos? Quem nega que entre todas as cousas ridiculas ou más que se imprimem, algumas haverá em que o escriptor, levado por algum espirito leviano ou maledoso, faz, sem o saber, o papel de médium obediado?

IV. Os espiritos bons, mas ignorantes, confessam sua insufficiencia sobre as cousas que não sabem; os malos dizem tudo saber.

V. Os espiritos elevados provão sua superioridade por suas palavras e pela constante elevação de seus pensamentos, mas não se gabam disto. Desconfie daquelles que dizem com emphase estarem no mais alto grão de perfeição e entre os escolhidos; a bazofia nos espiritos, como nos homens, é sempre um signal de mediocridade.

A Caridade.— Lemos no *Messenger de Liège* de 1.º de Dezembro proximo passado o seguinte:

O Sr. Gladstone acaba de publicar na caderneta de Novembro de Nineteenth Century um artigo muito notavel sobre o que o Sr. Carnegie chama o *Evangelho da riqueza*.

Sustenta elle que é dever de todo o homem que está na opulencia — vir em auxilio de seus irmãos menos afortunados, sem limitar suas dadas á decima parte de seu patrimonio.

Falla com certo desdém dos legados caritativos: «O que me é arrancado a força pela morte, não posso dizer que o dou.»

O que elle recommenda é o estabelecimento de uma Sociedade Universal de Beneficencia composta de homens ricos sem distincção de culto, que tomasse o compromisso de honra de despendar cada anno, em boas obras, uma parte determinada de seu patrimonio.

Typologia em Lousianne.— R. A. Wallace escreve:

Ha alguns annos, uma casa situada algumas milhas a leste deste lugar tinha a fama de ser mal assombrada, graças a um ruido mysterioso que n'ella se fazia ouvir no andar superior e que assimilhava-se a tiros de espingarda disparados contra o forro.

Ninguém querendo habitar essa casa, e sabendo um tal Lum que o aliguel tinha sido reduzido a um prego irrisorio, decidiu-se a occupal-a com sua familia, dizendo que jamais historia de almas do outro mundo tinha sido bem succedida em perturbal-o.

Tres ou quatro mezes decorreram sem que os ruidos suspeitos que tanto tinham assustado os precedentes locatarios se fizessem ouvir; a familia Lum felicitava-se por poder morar em uma tão encantadora casa por aluguel tão pouco elevado e contrava n'ella ficar longos annos, quando uma tarde as moças da familia correram todas assustadas para junto de seus irmãos que trabalhavam nos campos, para dizer-lhes que acabavam de ouvir no andar superior de sua casa uma algazarra infernal. Os mancebos receberam esta noticia em gargalhadas,

contudo foram vêr o que isso era. Mas á sua chegada em casa tudo estava silencioso. Voltaram, pois, a seu trabalho, dizendo á suas irmãs que ellas tinham sonhado e que deviam ser menos medrosas para o futuro.

Depois da ceia em familia, o *charivari* recommençou com mais ardor. Os irmãos então foram obrigados a convencer-se de que suas irmãs tinham razão. Tomaram uma lampada e revistaram o forro da casa onde nada de anormal se offereceu a seus olhos. Apenas chegados ao andar superior a gritaria recommençou e apesar de todos os seus esforços nunca puderam dar a razão deste infernal berreiro que se repetia frequentemente.

Um facto desse genero produziu-se em casa de meu tio Roberto Wallace ha uns quinze annos. Uma certa porta da casa, embora bem fechada á tarde, encontrava-se sempre aberta de manhã. Pensou-se que si a fechasse a chave, o facto não se repetiria mais, porém trabalho inutil, nem por isso deixou ella de abrir-se por um poder occulto.

Durante muito tempo repetiu-se esse phenomeno diminuindo então de frequencia até que por fim meu tio, para desembaraçar-se do mysterio, resolveu vender a casa.

Esta noticia é transcripta do *Banner of Light*, de Boston, de 14 de Junho de 1890.

Adhesão.— Dando publicidade á carta infra satisfazemos os votos que nella faz seu autor.

Rio, 4 de Janeiro de 1891.— Amigo e irmão Sr. Presidente da Federação Spiritista Brasileira.

Acceptando amplamente a grandiosa idéa da federação de todos os grupos spiritistas do Rio de Janeiro, a Sociedade Spiritista Fraternidade a mais antiga de todas as existentes, aproveita a oportunidade que se lhe depara, e vem aggrementar-se á Federação que hoje, pela imposição dos factos, é e representa o verdadeiro Centro Spiritista do Brazil.

Unindo-se materialmente, embora sempre conservando sua independencia e autonomia, dá o primeiro passo para essa grande união e fraternidade tão recommendada e tão necessaria para nós hoje, maxime quando a experiencia e a pratica nos tem levado a tantas illusões.

Já é tempo, com effeito, de abandonarmos as chimeras e os desvios por onde falsos prophetas, incarnados e desincarnados, nos tem dirigido; e, convictos como devemos estar de que só a união faz a força e que só pela fraternidade podemos obter mais e melhor, unamo-nos de uma vez para que a luz de um suppra ao outro, para que ao menos possamos sair do a, b, c!

Si o Centro não poudé fazer o que tanto aconselhou o Mestre pela Fraternidade, faça a Federação para onde convergem todas as esperanças, e que, mantendo-se firme pela perseverança e pelo trabalho, sustenta além d'isso um órgão que, devendo ser auxiliado por todos, está no caso de diffundir e propagar a luz.

São esses os sentimentos da Sociedade Spiritista Fraternidade que por medi intermedio vos saúda e vos convida ao avante, desejando tambem que pelo *Reformador* se saiba que a mesma funciona desde o dia 2 do corrente na sala da Federação fazendo as suas sessões aos Sabbados ás 7 1/2 horas da noite.— Paz e amor.— João Kahl, Vice-Presidente.

Uma historia de presentimento.— O *Golden Gate* de 4 de Outubro proximo passado transcreve do *Religio Philosophical Journal* o seguinte:

A 8 de Julho, em Norwich, Carl Hildebrand de 18 annos de idade, filho de John Hildebrand, desta cidade, indo banhar-se com outros companheiros afogou-se ás 3 1/2 da tarde.

O pae trabalhava em uma herdade em Brewsters Nich, uma legoa ao sul de Norwich. Na manhã do dia em que o rapaz se afogou, o pae, um alentado allenão, que estropiava o inglez sofrivelmente sentiu-se inquieto de um modo inexplicavel, e dizia: Eu me sinto acabrunhado. Não sei o que se passa connigo. — Alguma cousa me está acontecendo. E tremia como si estivesse com ataque de nervos. Um trabalhador seu companheiro disse-lhe estar elle atacado da cabeça e que lhe conviria ir deitar-se um pouco em a casa proxima.

— Não, não, não, positivamente eu não estou doente, eu me sinto perfeito, en o que estou é acabrunhado. Eu nunca senti cousa egual em minha vida. — Estou bom, mas ha alguma cousa que não está direito.

Elle foi para casa, mas bem depressa voltou ao trabalho. De espaço em espaço parava a tremer e dizia repetidamente: Não sei como explicar isto. E' um estado acabrunhado, e em seguida, resolutamente declarava: que quanto á saude, elle nunca a sentira melhor.

Trabalhava vigorosamente, porém de pedaço em pedaço tremia como si alguma cousa horrorosa se lhe aproximasse. Assim passou-se a manhã.

Ás 3 horas a excitação do pobre Hildebrand tinha-se visivelmente augmentado e aquelle homem possante abateu-se. Cerca das 3 1/2 elle repentinamente parou de trabalhar, como movido por uma mola e tremia como tenro arbusto baluçado pelo vento.

Em seguida contave-se, e erecto chamou seu companheiro e olhando para a direcção de Norwich em estado de extasis, com o olhar perdido no horizonte. — Olha além, exclamou, alguma cousa que se dirige para mim, e com a respiração offegante, deixou cair os braços desanimado.

Logo depois o Sr. Gottschalk, dono da herdade, foi á cidade e disse á mulher as más noticias que tinha de Hildebrand ao que ella interrompeu-o dizendo que tudo quanto Hildebrand houvera sentido era por lhe ter morrido o filho afogado ás 3 1/2 da tarde.

Comunicaram immediatamente ao pae o incidente, e elle ainda chegou a tempo de ver o corpo do filho estendido no marmore do necroterio.

Novo grupo.— Mais um grupo acaba de fundar-se na capital visinha. São nossos votos que sempre proveitosos e bem auxiliados sejam seus trabalhos.

Eis a communicação que recebeu a Federação Spiritista Brasileira:

« Grupo Spiritista Filhos Prodigos, em 2 de Janeiro de 1891.

« Il ns. irmãos e confrades—Tenho a subida honra de communicar aos irmãos e confrades que, em 25 de Dezembro proximo passado, foi instalado, em Nitheroy, no lugar denominado Baldeador, o grupo com o titulo acima, filial ao G. S. Humildade, que funciona nessa capital, na rua da Providencia n. 47.

« Fazendo-vos essa communicação, julgo ter cumprido com o meu dever de irmão em crença.

« Saude e fraternidade aos irmãos e confrades da Federação Spiritista Brasileira.— O Presidente, João Joaquim Freire de Mattos. »

Effeitos da emancipação da alma.— O facto seguinte deu-se com Allan Kardec. Seja elle proprio quem o narre, elle cujo estylo sempre claro tanto agrada geralmente:

« Enquanto estivamos provavelmente em nosso leito, um de nossos amigos viu-nos varias vezes em sua

casa, posto que sob uma apparencia não tangivel, assentado a seu lado, e com elle conversando como de costume. Uma vez elle viu-nos de chambre, outras de *paletot*. Transcreveu nossa conversa, que no dia seguinte communicou-nos.

«Era ella, como bem se o julga, relativa a nossos trabalhos de predilecção. Tendo em vista fazer uma experiencia, offereceu-nos refresco, eis nossa resposta: « Não tenho necessidade, pois que não é meu corpo que aqui está; vós o sabeis, não ha, pois, necessidade alguma de vos produzir uma illusão.» Uma circumstancia bastante bizarra apresentou-se por esta occasião. Seja predisposição natural, seja resultado de nossos trabalhos intellectuaes, serio desde a mocidade, poderíamos dizer desde a infancia, foi sempre o fundo de nosso caracter uma extrema gravidade, mesmo na idade em que só se cuida no prazer. Esta preocupação constante dá-nos uma convivencia muito fria, mesmo muitissimo fria; é pelo menos o que se nos tem muita vez exprobado; mas sob este envoltorio glacial na apparencia, o espirito sente talvez mais vivamente, do que si houvesse maior expansão exterior. Ora, nas visitas nocturnas a nosso amigo, ficou este muito surpreendido de achar-nos inteiramente outro; eramos mais expansivo, mais communicativo, quasi alegre. Tudo em nós respirava a satisfação e a calma do bem estar. Não será este um effeito de ter-se o espirito desprendido da materia? »

Centro Spiritista do Brazil.

Por intermedio do nosso confrade Domingos Marques de Oliveira recebeu o Centro Spiritista do Brazil a quantia de 100\$000, enviada por diversos spiritistas do Amparo em Friburgo, para auxilio das despesas do mesmo Centro.

Spiritismo no Paraná.

Com summa satisfação, lemos na *Revista Spiritista* de Curitiba a agradável noticia de ter-se organizado ali, com o concurso de todos os spiritistas residentes nesta capital, uma associação directora de propaganda sob a denominação de *União Spiritista do Paraná*.

Esta associação é composta de uma directoria central com sede na capital,

e tem delegados nas principais localidades do Estado do Paraná.

Applaudimos sempre sincermente a todas as empresas que têm por fim a propagação de uma doutrina tão moral e tão pura, principalmente agora, que o estudo do Spiritismo é considerado não como cousa licita, mas sim como um delicto.

Desejamos, esperamos mesmo que este exemplo seja seguido por todos os que se dedicam á causa da verdade e do bem.

Augurando pois, á *União Spiritista do Paraná*, fundada sobre a solida base da concordia, os resultados correspondentes aos seus elevados fins, fazemos de coração os mais fervorosos votos para que assim succeda

Obras posthumas. — Noticiámos em tempo que o escriptor spiritista que se subscreeve com o pseudonymo *Max* estava na tarefa de verter para portuguez este livro que vem ser o sexto das obras de Allan-Kardec. Temos agora a satisfação de dar aos nossos leitores a boa noticia de que já sahio do prelo o primeiro fasciculo, nitidamente impresso a elzevir. Cada fasciculo destes, que contem 16 paginas, vende-se por 200 réis na typographia editora de Moreira Maximino á rua do Rosario n. 99. São nossos desejos que seja tal a procura que possa a cabo ser levado este 6.º volume: assim teremos ao menos um livro de Allan-Kardec com versão um tanto correctta. Prestamo-nos a enviar ás pessoas do interior, que por vale postal nos mandarem a importancia do fasciculo e do respectivo sello.

Evolução Spiritista. — Em Barcelona trata-se de crear uma sociedade scientifica de estudos psychicos semelhante á de Londres e ás que foram ultimamente instituidas em Paris e em Boston.

Como noticiamos em o nosso numero de 15 de Outubro do anno passado teve lugar em Havana a celebração de um Congresso Spiritista com o fim de organizar-se a Federação Spiritista Cubana.

Segundo temos egualmente noticiado, além da Federação Spiritista

Cubana, estão organisadas mais as seguintes Federações Spiritistas, na Belgica, Hespanha e Republica Argentina.

COMUNICAÇÃO

Grupo Perseverança

II

Havia no Rio de Janeiro uma senhora respeitavel, pertencente a uma das mais distinctas familias, cuja vida, por todos conhecida, dar-lhe-ia, no conceito humano, direito a um logar na corte celestial. Catholica fervorosa, ella não deixava de, com frequencia, cumprir todos os preceitos da religião. Assim convivia quasi sempre com os sacerdotes deste culto, seus pastores espirituales, e escrupulosamente observava os cinco mandamentos da egreja. Mas, não se limitava a isto todo seu fervor: envolvida na simples chita de um vestuario mais que modesto, que longe estava de indicar a alta posição de sua familia, com uma cestinha sempre ao braço, trazendo as alvas cans de suas malenas por um pobre tocado, fazendo brilhar seus olhos sympathicos e compassivos atravez dos vidros de uns oculos de prata, via-se constantemente esta senhora onde a desgraça da dor ou do crime pediam a caridade uma palavra de conforto. E' assim que os enfermos dos hospitaes ou os reclusos da correção já conheciam este typo do amor por suas frequentes visitas. Este mixto de fanatismo religioso e de dedicação caridosa era digno de ser estudado por aquelles que buscam saber as relações entre as vidas espiritual e carnal. O grupo Perseverança determinou, pois, evocar-a.

No dia previamente marcado, foi dada a seguinte communicação inicial:

Quando a scintilla da caridade brilha n'um coração, sua luz, dissipando as trevas, illumina o entendimento com os raios divinos da justiça e da verdade. Mas, qualquer que seja a natureza do sentimento que anima uma alma, qualquer que seja o valor dos actos produzidos por esse sentimento, si no espirito permanecem o

que o senhor me tem contado, da amizade que teve com um desses encantados, e prometti-lhe contar essa historia.

Sendo, porém, ella contada por vosmecê tem muito mais valor e ali está porque estimei encontral-o.

— Ora, compadre, de que serve contar estas cousas aos moços da cidade, se elles não nos acreditam e ainda por cima escarnecem de nós?

— Quanto á primeira parte tem razão, Sr. Basilio, porque é difficil convencerem-me da existencia de caiporas.

Quanto, porém, á segunda, digo-lhe que não a tem; porque, embora não acredite na historia de caiporas, tenho bastante sentimento para não escarnecer de quem estiver convencido.

O José Basilio puchou por seu cornimboque, levou-o de encontro a mão esquerda, fel-o dar o estampido do ritual levantando a tampa de casco de cuia e, tendo offerecido o cheiroso casco ao compadre, que sortiu-se de grossa pitada, e a mim, que lhe agradei, pôz as mãos nas cadeiras e, ginguando sobre as duas pernas alternadamente, disse-me rindo:

— A gente da cidade conhece as grandes cousas que se aprendem pelo estudo; nós, cá do matto, conhecemos os segredos da natureza.

O senhor pôde esfalfar-se por me provar que é a terra que anda ao redor do sol, como me disse um sujeito mettido á sabio, que encontrei no Sobral; mas eu é que não vou para ali.

Ora, venha lá a tal sciencia dizer-me que c que eu estou vendo não vejo!

Então eu estou loco todos os dias quanto vejo o sol appreceer no nascente, subir até o alto do céu e descambar d'ahi até pôr-se e desaparecer no poente?

Quem é que apparece demanhã? E' a terra.

Nada, nada. Uma e outra cousa é o sol quem faz.

erro filho da ignorancia, os preconceitos, os falsos juizos proprios da justiça humana, elle não é illuminado por esse puro raio que vem de cima, emanado da fonte do amor que purifica e transforma as almas, imprimindo-lhes o seu sello omnipotente. — Luiz.

Evocado o espirito, patenteou indecisão em manifestar-se; pelo que concitou-se-o do seguinte modo:

Evocador. — Sêde bem vinda. Ha alguma cousa que vos turbe o espirito, e que vos impeça de responder ás nossas interrogações?

Não se conseguindo resposta do espirito, o evocador dirigiu-se-lhe por este modo:

Evoc. — Em nome de Deus, de N. S. Jesus Christo, de Nossa Senhora, respondei-nos, fallai-nos, porque estaes no meio de pessoas que tambem cultivam os sentimentos religiosos.

Esp. — Muito desilludida estou; é uma verdade bem triste o que vos digo:

Evoc. — Oh! que infelicidade! Não; não deveis estar desilludida, mas antes ver si não fostes exagerada em vossas crenças, si não tomastes á letra aquillo que só em espirito devia ser comprehendido. Julgaveis que as almas iam para o céu, para o purgatorio, ou para o inferno; não é assim?

Esp. — Por que quereis penetrar tão fundo o meu pensamento? A vos dizer o que pensava, não tinha eu mesma idéa bem clara. O que sentia era um temor, um horror á morte sem saber ao certo o que ella me reservava: e sentindo-me culpada, procurava nas boas acções um perdão que me dispensasse das penas que temia.

Evoc. — Então si não tinheis idéas assentadas, em que fostes desilludida?

Esp. — Eu julgava que para ser feliz era bastante fazer o bem por temor, e agora vejo que é preciso fazel-o por amor.

Evoc. — Emprazamo-vos para a nossa proxima reunião em que teremos de vos fazer algumas interrogações no interesse da verdade. Até breve. Que a paz do senhor vos acompanhe.

Na seguinte reunião, foi esta a communicação inicial:

« Não vos deve surpreender, caros

Como, então, virem cá dizer-me que o sol não se move, quando o vejo mover-se e que é a terra que se move, quando a sinto fixa?

Pois meu senhor assim como os senhores descobrem lá os seus segredos da sciencia, nós descobrimos por cá nossos segredos da natureza e assim como nós não acreditamos nos seus, os senhores não acreditam nos nossos.

Gostei da rhetorica do velho e perguntei-lhe: — que provas dão os senhores da verdade de seus segredos?

— A mesma que os senhores dão da verdade dos seus.

— Não, Sr. Basilio. A sciencia demonstra o que recolhe como verdade.

Demonstra aqui? Diz, como me disse o tal sujeitinho, que o sol é fixo, quando eu o vejo girar desde que me entendo até hoje.

— Bem, disse para puchar pelo velho, si os senhores não aceitam os nossos segredos, porque se admiram de não crermos nós nos seus?

— Porque os nossos se veem como elles são entretanto que os seus são differentes do que vemos.

Olhe, meu caro senhor, isto que o senhor está vendo é um dos nossos segredos e é tal qual o senhor o vê.

Viessem lhe dizer que estes ovos são pedras, e que não são pombas que os põem, mas sim a terra que os lança de si, o senhor ria ou não do disparate.

Ria, sem duvida.

E antes de ter visto isto com seus olhos, se eu lhe contasse que as pombas em vez de pôrem em ninhos, alastram o chão com seus ovos, o senhor acreditava?

— Não, sem duvida.

— Pois assim é o mais. Olhe meu senhor nem se deve aceitar nem repellar o que não se conhece.

(Continúa)

FOUETTIN

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

— Faça idéa, Sr. Amorim, como ficou meu espirito ouvindo narrar o desastroso fim de meu infeliz irmão.

Não sei si elle enlouqueceu a ultima hora, como julga o meu hospede, ou si alguma apparição lhe deu a intuição de seu destino.

— Apparição! Sr. Leopoldo; pois o senhor, um moço illustrado, acredita em apparições?

— E o que é que o fez desertar daqui hontem á noite? meu amigo.

— E' verdade; mas eu, apesar de tudo, não posso crer em almas do outro mundo. Para mim o homem acaba com a morte, ou, si não acaba, segue seu destino e nunca mais volta á terra.

— Espere, meu amigo, e verá, pelo resto de minha historia, que está em completo engano, talvez em funesto erro.

— Talvez; e espero o termo de sua narração.

— Já era tarde quando o Sr. Patricio terminou a historia do moço pernambucano, do «moço onça», como ficou conhecido naquelles sertões meu desditoso irmão.

Os gallos já começavam a amiudar; e eu tinha soffrido tantas emoções que me sentia abaido.

Ainda levamos a conversar por algum tempo; mas no meio da conversa falthou-me o companheiro, que começou a roncarrufiosamente; pelo que fiquei calado, e adormeci tambem.

De manhã levantamo-nos para irmos ver o tal prodigio da postura accumulada das pombas de bumba ou de arribação.

Mestre Patricio entrou para vestir-se e voltou trazendo-me uma tigella de leite fervido com um bello pão de lot, feito dos ovos colhidos na vespera.

— O senhor é fraco e não deve sair sem tomar alguma cousa, me disse o bom homem.

Ri-me do cumprimento e agradei os cuidados.

Tanto o leite como o pão de lot estavam soberbos.

Vi, meu amigo; vi com meus proprios olhos, o admiravel phenomeno que Patricio me descrevera na vespera e é elle tão espantoso, que só vendo-se pôde-se acreditar!

Estive alli embebido por uma hora, até que Patricio me chamou a attenção para um velho que chegou com sua mulher, trazendo um cavallo com caçua.

— Sabe quem é aquelle que ali vem? me perguntou.

— Não conheço ninguém aqui.

— Pois é o compadre José Basilio, aquelle que teve relações com um caipora, quando morava nas quebradas da serra da Uruburetama, lá para as bandas do Sobral.

Dizendo assim o Sr. Patricio me arrastava para d'onde vinha seu compadre José Basilio; e assim que o encontrei, apertou-lhe a mão affectuosamente.

— Como vai a obrigação, compadre?

— Vamos rolando, compadre e a sua?

— Como Deus é servido, muito agradeido.

— Ora, compadre, tive muito gosto por encontral-o agora.

— Então por que? Preciza de mim para alguma cousa?

— Não; mas aqui o Sr. Leopoldo, que está arranchado lá em casa, é da capital e fallando-lhe eu hontem em caipora, perguntou-me se eu acreditava nestas cousas.

Eu respondi-lhe que acreditava, pel-

filhos, essa desilusão, esse desanimo do espirito daquelle que, embuida das falsas idéas de uma religião cujos cardeaes principios estão em desacordo tanto com os da justiça como com os da misericórdia, e que, imaginando ter transposto já a distancia que a separava do alvo que desejava, vê essa distancia desdobrar-se mais longa ante seus olhos.

« Sim; porque a clara comprehensão, que tem agora de seu estado faz-lhe conhecer e ver o caminho a seguir, e ella se considera sem forças para caminhar: a semente depositada na serra ainda precisa, para germinar e desenvolver, do orvalho e dos raios do sol.

« Podeis juntar os elementos de que levantar-se-á a chamma, mas a scentelha que deve ateal-a não a tem: ella o comprehende, e dali a sua tristeza. »

(Continúa)

MICHELLETTA

Os que voltam

Quando ás estrellas brilhantes
Interrogo o meu destino,
Quando ao cantico divino
Que o orbe inteiro exhalou,
Quando ao mar que sobre a praia
Ao tom da aragem desmaia,
Eu vejo a infinita raia
Que o spiritismo ideou !

Então me dizem banhados
De alegria, de esperança,
Os genios sabios da França,
Os genios que não de voltar :
« Somos aguias inda implumes,
Mas angelicos perfumes
Entre os esplendidos lumes
Que Deus sabe aproveitar !

Phalange enorme, bendita,
Que encerras tanta belleza,
A teus pés a Natureza,
No phrenesi da emoção,
Murmura na voz dos mares,
Sobre o matiz dos palmares,
Por entre os patrios cocares,
No fundo do coração !

A patria nova é que espera
Novo Moysés, que este povo
Ao fulgor do verbo novo,
Queira do pó resurgir...
Cumpra-se a lei do Universo :
Que o seculo atroz, perverso,
Nos vícios negros immerso,
Tu vingará, ó Porvir !

Vingarás a humanidade
Corrompida, sem ternura,
Que ao verbo da desventura
Degenera os filhos seus...
Ah ! tem um termo a desgraça !
Por isso escuto na praça
Do clarim o som que passa
Cheio do verbo de Deus !

MOSAR.

© Sr. Adrien, medium vidente

(SEGUNDO ARTIGO)

Em um dos numeros passados, demos o primeiro artigo que publicou o Sr. Allan-Kardec na *Revue Spirite* de 1858, damos agora o segundo, que veio á luz na de Janeiro de 1859 :

Depois da publicação do nosso artigo sobre o Sr. Adrien, medium vidente, tem-nos sido communicado um grande numero de factos, que confirmam a nossa opinião de que esta faculdade, assim como todas as outras faculdades mediadoras, é mais commum do que se pensa; já a tínhamos observado em uma multidão de casos particulares, e sobretudo no estado somnambulico. O phenomeno das appareções é hoje um facto adquirido, e pôde-se dizer frequente, sem fallar dos numerosos exemplos que nos offerecem a historia profana e as escripturas sagradas. Tem-se-nos referido muitos

que são pessoas aquelles dos quaes os temos obtido, porém estes factos são quasi sempre fortuitos e accidentaes. Não tínhamos ainda visto ninguém em que fosse esta faculdade o estado normal. Em o Sr. Adrien ella é permanente; por toda a parte em que está, é por elle visível, sem que o chame, o povo occulto que formiga em torno de nós: faz para nós o papel de um vidente no meio de um povo de cegos: elle vê estes seres, que se poderia dizer a duplicatura do genero humano, item, virem, immiscuem-se em nossas acções, e, si assim se pôde exprimir, occupam-se em seus afazeres. Dirão os incredulos que é uma hallucinação, palavra sacramental pela qual se pretende explicar o que se não comprehende. Bem desejariamos que elles nos podessem definir a hallucinação, esobretudo explicar-nos sua causa. Comtudo no Sr. Adrien ella offereceria um caracter bem insolito: o da permanencia. Até agora o que se convencionou chamar hallucinação é um facto anormal e quasi sempre a consequencia de um estado pathologico, o que não se dá aqui. Nós que temos estudado esta faculdade, que a observamos todos os dias em seus mais minuciosos detalhes, temos estado nos casos de verificar sua realidade. Ella não faz, pois, para nós objecto de duvida, e, como se o verá, tem-nos sido de eminente soccorro em nossos estudos spirites, permitindo-nos levar o escalpello da investigação á vida extra-corporea: é o luzeiro na obscuridade. O Sr. Hone, dotado de uma faculdade notavel como medium de influencia physica, tem produzido effeitos sorprendentes. O Sr. Adrien inicia-nos na causa destes effeitos, porque elle os vê produzirem-se e vai muito além do que fere nossos sentidos.

A realidade da visão do Sr. Adrien prova-se com o retrato que elle faz de pessoas que nunca viu, cujos signaes são reconhecidos exactos. Seguramente quando com rigor minucioso descreve os menores traços de um parente ou amigo que por seu intermedio se evoca, fica-se certo de que elle o vê, porque não pôde tomar a cousa em sua imaginação; mas ha pessoas que têm a preconcepção de regeitar mesmo a evidencia; e o que ha de bizarro é que, para refutarem o que não querem admitir, explicam por causas mais difficeis ainda do que as que se lhes dá.

Os retratos do Sr. Adrien não são entretanto infalliveis sempre, e nisto como em toda a sciencia, quando uma anomalia se apresenta, cumpre buscar a causa, porque a causa de uma excepção é muitas vezes a confirmação do principio geral. Para comprehender este facto, não se deve perder de vista o que já temos dito sobre a forma apparente dos espiritos. Tal forma é devida ao perispírito, cuja natureza essencialmente flexivel presta-se a todas as modificações que compraz ao espirito dar-lhe. Deixando o envoltorio material, traz consigo o espirito o envoltorio ethereo, que constitue uma outra especie de corpo. Em seu estado normal tem este corpo uma forma humana, mas que não é copiada, traço por traço, da que deixou, sobretudo quando a deixou ha um certo tempo. Nos primeiros momentos que seguem á morte, e durante todo o tempo em que existe ainda um laço entre as duas existencias, a similhança é maior; mas esta similhança se apaga á medida que o desprendimento se opera e que o espirito torna-se mais estranho a seu ultimo envoltorio. Comtudo elle pôde sempre retomar esta primeira apparencia, seja na figura, seja no vestuario, quando julga útil para se fazer reconhecer; mas em geral é em consequencia de um grandissimo esforço de vontade. Nada ha, pois, de admirar que, em certas circumstancias, a semelhança peque

em alguns detalhes: bastam traços principaes. No medium esta investigação faz-se com certo esforço, que torna-se penivel, quando muito repetido. Suas visões ordinarias nenhuma fadiga lhe custam, porque só se atem ás generalidades.

O mesmo commosco succede, quando vemos uma multidão; vemos tudo; todos os individuos se destacam a nossos olhos com seus traços distinctivos, sem que nenhum destes traços nos fira bastante para podermos descrevel-os; para os precisar, cumpre concentrar nossa attenção sobre os detalhes intimos que queremos analysar, com a differença de que, nas circumstancias ordinarias, a vista se dirige para uma forma material, invariavel, enquanto na visão ella reponha sobre uma forma essencialmente movel, que um simples effeito da vontade pôde modificar. Saibamos, pois, apprehender as cousas pelo que ellas são; consideremol-as em si mesmas e em razão de suas propriedades. Não esqueçamos que no spiritismo não se opera sobre a materia inerte, mas sobre intelligencias que têm seu livre arbitrio, e que não podemos por conseguinte submeter a nosso capricho, nem a nossa vontade fazer agir como um movimento de pendulo. Todas as vezes que se quizer tomar nossas sciencias exactas por ponto de partida nas observações spirites, desencaminhar-se-á; eis por que a sciencia vulgar é incompetente nesta questão; é absolutamente como si um musico quizesse julgar a architectura no ponto de vista muzical. O spiritismo nos revela uma ordem nova de idéas, novas forças, novos elementos que não repousam em nada do que conhecemos; saibamos, pois, para julgal-as, despojarmo-nos de pre-niços e de qualquer idéa preconcebida; compenetre-mos sobretudo desta verdade: que fóra do que conhecemos pôde haver mais outra cousa, si não quizermos cahir neste erro absurdo, fructo do nosso orgulho, que Deus não tem mais segredos para nós.

Compreende-se, segundo isso, que influencias delicadas podem agir sobre a produção dos phenomenos spirites; porém ha ainda outras que merecem uma attenção não menos seria. O espirito despido do corpo conserva, dizemos, toda sua vontade e uma liberdade de pensar muito maior do que quando vivo: ha susceptibilidades que temos difficuldade de comprehender; o que muitas vezes nos parece simplicissimo, naturalissimo, contraria-o, desagradalhe; uma pergunta deslocada choca-o, offende-o; e elle nos mostra sua independencia, não fazendo o que queremos, enquanto por si mesmo faz algumas vezes mais do que teriamos pensado pedir. E' por este motivo que as perguntas de prova e de curiosidade são essencialmente antipathicas aos espiritos, e que a ellas raramente respondem de maneira satisfactoria; os espiritos serios sobretudo nunca se prestam a isso, e em caso algum querem servir de divertimento. Concebe-se, pois, que a intenção pôde muito influir sobre a boa vontade em apresentar-se aos olhos de um medium vidente sob tal ou tal apparencia; e como em definitiva elles não revestem uma apparencia determinada, sinão enquanto isto lhes convem, elles só o fazem, si nisto encherem um motivo serio e util.

Uma outra razão provém de alguma sorte do que poderíamos chamar a physiologia spirita. A vista da espirito pelo medium faz-se por uma especie de irradiação fluidica, partindo do espirito e dirigindo-se para o medium, que, por assim dizer, absorve estes raios e assimila-os. Si está só, ou cercado de pessoas sym-

pathicas, unidas pela intenção e pelo pensamento, estes raios se concentram sobre elle: então a vista é nitida, precisa, e em tales circumstancias é que os retratos são quasi sempre de notavel exactidão. Si, ao contrario, ha em torno delle influencias antipathicas, pensamentos divergentes e hostis, si não ha recolhimento, os raios fluidicos se dispersam, se absorvem pelo meio ambiente; dahi uma sorte de nevoa que se projecta sobre o espirito, e não permite distinguir-lhe os detalhes. Tal seria uma luz com ou sem reflector. Uma outra comparação menos material pôde ainda nos explicar este phenomeno. Todo o mundo sabe que a *verve* de um orador é excitada pela sympathia e pela attenção do auditorio; seja elle, ao contrario distraído pelo barulho, pela desattenção, ou pela má vontade, não serão mais seus pensamentos tão livres, dispersar-se-ão, e com isto soffrerão seus recursos oratorios. O espirito influenciado por um meio absorvente está no mesmo caso: sua irradiação, em vez de se dirigir para um unico ponto, perde a força, disseminando-se.

As considerações que precedem devemos acrescentar outra, cuja importancia será facilmente comprehendida por todos os que conhecem a marcha dos phenomenos spirites. Sabe-se que varias causas podem impedir que acuda um espirito a nosso appello no momento em que o evocamos: pôde estar reincarnado ou occupado alhures. Ora, entre os espiritos que se apresentam quasi sempre simultaneamente, deve o medium distinguir aquelle que se pede, e, si elle ali não está, pôde o medium tomar por elle um outro espirito egualmente sympathico á pessoa que evoca. Elle descreve o espirito que vê, sem poder sempre affirmar que é antes tal ou tal; mas, si o espirito que se apresenta é serio, não enganará sobre sua identidade; si se o interrogar, dirá a causa do engano, e quem elle é.

Um meio pouco propicio prejudica ainda por outra causa. Cada individuo tem por acolytos espiritos que sympathizam com suas faltas e suas qualidades. Taes espiritos são bons ou maus segundo os individuos: quanto maior fór o numero das pessoas reunidas, maior variedade haverá entre ellas, e maiores probabilidades de encontrarem-se antipathicos. Si, pois, na reunião ha pessoas hostis, seja por pensamentos offensivos, seja por leviandade de caracter, seja por incredulidade systematica, ellas attrahem por isso mesmo espiritos, pouco benevolos que vêm muitas vezes embarçar as manifestações, de qualquer natureza que sejam, tanto escriptas como visuaes; dahi a necessidade de se collocar nas condições mais favoraveis, si se quizer ter manifestações serias: quem quer o fim quer os meios. As manifestações spirites não são destas cousas com que seja permitido impunemente brincar. Sede serios em toda a accepção da palavra, si quizerdes cousas serias, de outro modo esperarão só ser o joguete de espiritos levianos, que se divertirão á vossa custa.

Attenção

Recommendamos aos nossos agentes do interior e aos demais confrades que toda correspondencia deve ser dirigida a ALFREDO PEREIRA — R. da Imperatriz 83, 2º andar, conforme está declarado no cabeçalho desta folha.

Typographia do REFORMADOR

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz n. 83, 2º andar.

Anno IX

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Fevereiro — 1

N. 197

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz),
o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Estado da Bahia), o Sr.
Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompilio de Araujo Pi-
nheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Baturia,
rua Lavapés n. 20.

Em Santos (S. Paulo), o Sr. Benedicto
José de Souza Junior, rua da Constituição
n. 117.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de
Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

**Pedimos a todas as pessoas
que recebem o Reformador
immediata participação de
alguma falta que por acaso
possa haver na entrega da
folha a fim de ser prompta-
mente providenciada**

**Outrosim pedimos que,
para facilitar o serviço do
correio, nos seja commu-
nicada qualquer alteração
no nome da rua ou na nume-
ração de suas residencias.**

AVISO

**A Federação Spirita Bra-
zileira mudou-se para a rua
da Imperatriz n. 83, 2.º an-
dar, onde funcionarão tam-
bém as sociedades que em
suas salas trabalham.**

**Communica-se ao publico
que a Assistencia aos Necessi-
tados trabalhará egual-
mente nesta casa.**

O Novo Codgo Penal e o Spiritismo

II

« Não discutimos Spiritismo e me-
nos censuramos áquelles que o abra-
çam como sciencia especulativa, sem
descerem ás suas praticas experimen-
taes ou clinicas » — são *ipsis verbis*
as expressões do Sr. Dr. Baptista
Pereira.

Antes de tudo, licito nos seja entrar-
mos em cogitações que claramente
nos desvendem o pensamento inteiro
de quem escreveu a primeira oração
deste periodo.

Certo não pôde ter uma interpreta-
ção litteral a phrase em que se affir-
ma que o autor de tres longos artigos,
— em que, chamando-se os spiritas
de hallucinados, expoliadores do di-
nheiro e do juizo alheio, exploradores
de industria lucrativa sem riscos nem
perigos, etc., procura-se combater o
Spiritismo, collocando-o fóra da clas-
sificação das sciencias, — não discute
Spiritismo.

Cogitemos, pois, o que pretendem
dizer o illustre advogado naquella
oração, que, á primeira olhada, se
afigura facilmente comprehensivel.

Si em conta levar-se o caracter illi-
bado deste escriptor, é possivel tradu-
zir-se aquella phrase por uma con-
fissão publica, produzida pela con-
sciencia em revolta, de que nem bal-
dões contra os cultores do Spiritismo,
nem as sentenças contra uns tantos
especuladores, nem mesmo as expe-
riencias negativas de alguns homens
de sciencia são argumentos sufficien-
tes para constituirem o que se pôde
chamar uma discussão séria.

Mas, si não foram os brados da con-
sciencia que taes palavras dictaram,
outra poderá ser a sua interpretação:
atirar á publicidade umas quantas
cousas, que parecem condemnar o
Spiritismo, não é discutil-o, mas tão
só experimentar um balão de ensaio.

Seja, porém, como for, grito alar-
mantê da consciencia ou franqueza
levada ao extremo ultimo, a verdade
é que aquellas tres fataes palavras
justificam a nossa attitude erecta
ante o autor do novo codigo.

Mas o Sr. Baptista Pereira não nos
censura por abraçarmos o Spiritismo
como sciencia especulativa, apenas
não quer que desçamos ás praticas
experimentaes!

Ora, os publicados do Sr. doutor
são o commentario, explanação, ou
que melhor nome tenham, dos dous
artigos do codigo. De concluir, é por-
tanto, que no espirito dos taes artigos
se contenham aquella permissão como
ainda aquella recusa.

Não é nosso proposito analysal-os
neste momento para ver até que ponto
casa-se o commentario com os artigos.
Mas permita-se-nos que das palavras
do codificador deduzamos o principio
em que se basearam permissão e
recusa: a lei pôde distinguir em uma
sciencia a parte que permite — a
especulativa, e a que prohibe — a ex-
perimental!

Assim, pela nova orientação que
aos estudos modernos dá o Sr. Baptista
Pereira, temos de voltar aos tempos
da Escolastica para só theorisar, por-
que parece-lhe que a lei deve prohibir
umas tantas experimentações, que se
lhe afiguram prejudiciaes!

E' certo que o desenvolvimento
espantoso que nestes ultimos tempos
têm feito as sciencias origina-se de
se ter sujeitado a theoria á pratica;
mas o Sr. Dr. Baptista Pereira quer
que, assentando-se a pyramide pelo
apice, tenha o legislador a faculdade
de pôr limites á sciencia. Talvez mes-
mo não acredite que a tenha suffocado,
pois permite theorisar.

Pelas idéas do codificador da Repu-
blica, não nos é dado mais investigar
as faculdades psychicas pela obser-
vação da alma emancipada: basta
que, como os philosophos do passado,
nos repoltreemos nos bancos das aca-
demias a theorisar em estereis discus-
sões.

Dir-se-ia que o Sr. Dr. Baptista
Pereira, embora não reencarnacio-
nista, pretende resuscitar a palinge-
nesia do Baixo Imperio, onde os
sabios bysantinos se perdiam em theo-
risar sobre a côr dos cabellos angeli-
cos, enquanto ás portas batia-lhes o
inimigo!

Não podemos mais continuar a des-
cobrir as diversas gradações em que
do envolucro corporeo se pôde eman-
cipar a alma, porque só se nos per-
mitte que nos abysmemos em vãs
theorias. Mas esta tutela é mesmo em
nosso beneficio para que se não nos
desgarre a razão!

De sorte que, segundo as opiniões
do codificador, menos perde o juizo
aquelle que se entrega aos devaneio

de uma theoria sem bases, do que
outro que observa, experimenta para
ajustar as conclusões ao que lhe
patenteia a natureza.

A outra sciencia, applicando esta
singular opinião, dir-se-ia poder o
codigo permittir os devaneios sobre a
theoria miasmatica da escola de Mont-
pellier, mas prohibir as investiga-
ções dos discipulos de Pasteur, que
firmarão a theoria microbiana, pelo
perigo de lidar-se com estes invisi-
veis agentes da molestia e da morte.

Permittido nos seja esperar que,
firmados os credits de que sempre a
opinião cercou o Sr. Baptista Pereira,
venha elle, com a generosidade das
grandes almas, patentear mais uma
vez que errou, e que disposto se acha
a abandonar as velharias do passado
para acompanhar de jornada os que
vão caminho de futuro.

(Continúa)

NOTICIARIO

**Federação Spirita Brazi-
leira.** — Como estava annunciada,
effectuou-se a 23 do mez passado a pri-
meira palestra spirita, para que ha-
viam sido convidados pelo *Reformador*
todos os grupos. A's 8 horas e 20 mi-
nutos, da noite, perante uma assem-
bléa pouco numerosa, bem que es-
colhida, abriu o presidente os traba-
lhos, começando desde logo a pre-
lecção. Não tendo feito discurso, mas
despretenciosamente se occupado de
assumptos communs, podemos dar um
resumo do que disse, que foi mais ou
menos o seguinte:

A Federação Spirita Brasileira é,
vós o sabeis, uma sociedade de
propaganda creada com o fim de
dilatir de mais em mais o co-
nhecimento da doutrina de que somos
adeptos, ella, desde o começo de sua
organisação, estabeleceram logo a or-
bita dentro da qual devia gyrar toda
sua actividade. Nisto, como em mui-
tas cousas mais, ella pretendeu cingir-
se ás lições da experiencia commum,
como áquellas de não menor ensina-
mento que se bebem nas paginas
brilhantes de erudição e de clareza
do philosopho notavel, que soube
trazer ao methodo experimental as
especulações metaphysicas da velha
psychologia.

Com effeito, senhores, qualquer so-
ciedade para produzir fructos e levar
a cabo seus intuitos, deve limitar seus
esforços a poucos *desiderata*, mas *de-
siderata* claramente estabelecidos.
Assim é que deduz-se dos 6 livros
e dos 11 annos de Revista de Allan-
Kardec que cada agrupamento, cada

sociedade deve methodisar seu trabalho por modo a que elle não vá além de um certo plano previamente estabelecido.

Organisando-se assim, cada grupo, cada sociedade, terá um fim especial que melhormente concorrerá para o desenvolvimento geral. Amoldando-se a taes principios, a Federação Spiritica Brasileira organisou-se com o fim de manter tres fontes de propaganda: o jornal, o gabinete de leitura, e a conferencia.

Mister não se faz, senhores, que me embrenhe pelo campo das demonstrações para provar-vos de quão efficazes resultados são estes tres meios de propaganda; vossa sufficiência, só por só, bastará para descobrir sua importancia.

Mas então, perguntar-se-á, para que essas palestras entre spiritas? Não vae assim a sociedade além do seu programma? Não nega pelos factos o que affirma por sua lei?

Não, senhores. O fim capital da sociedade é a propaganda, e, para que esta seja bem dirigida, cumpre que invariavelmente se oriente por moldes sempre identicos, por principios sem variantes. Que resultado obteria uma doutrina que quer fazer proselytismo, si seus cultores, por exemplo, divergissem no modo de explicar os factos, ou nas illações que delles deduzirem? Cumpre, pois, que tenhamos por cõr a doutrina que cultivamos. Nunca é demais rememorar seus principios.

Cada spirita é, consciente ou inconscientemente, um centro de propaganda: no circulo de seus amigos, na roda de seus companheiros de trabalhos, no meio emfim em que convive, elle tem muitas vezes necessidade de expender opinião propria sobre um assumpto qualquer; faz-se pois, mister que elle tenha sempre patente os principios philosophicos, de que é cultor, e que devem sempre orientar suas opiniões e suas idéas.

Necessidade não ha, senhores, de fallar-se na palavra espirito, ou dizer com todas as letras a expressão spiritismo, para que se esteja na obra da propaganda: o nome pouca importa, muitas vezes mesmo mais vale calar-o que exprimi-lo.

Supponhamos que nos achamos em uma roda de pessoas, cujas opiniões nos são desconhecidas: ali sobretudo cumpre que manifestemos nossas opiniões sobre todos os assumptos, opiniões orientadas por nossos principios; mas não ha conveniencia em designarmos pelo seu proprio nome a fonte de onde decorrem nossas idéas.

A razão é clara: sabeis em que sentido pejorativo tem infelizmente a opinião publica a palavra spiritismo: para ella com effeito tanto vale spirita como louco: são synonimos. Ora aquelle que, desde antes de manifestar suas idéas, previne o espirito dos ouvintes com a preconcepção da loucura, perde a autoridade para ser ouvido benevolmente, não consegue alcançar mais que a attenção escarninha, daquelles que vêm as cousas pela rama, sem nunca aprofundal-as. Terá produzido, pois, um effeito contrario a seu intento: não haverá conseguido proselytos. Mais vale que, depois das ponderações sobre as theorias expendidas, depois de se ter conseguido para ellas a aquiescencia dos ouvintes, denominemol-as, si occasião houver, por seu verdadeiro nome.

E' no trabalho da propaganda que convem attender a minudencias, que determinam a natureza dos argumentos e a variedade da linguagem. Certissimamente, senhores, não é do mesmo modo que se l-vareis a convicção a uma Academia de materialistas ou a um Concilio de Catholicos: si a estes deveis fallar com os Evangelhos

nas mãos, aquelles deveis levar os processos da sciencia.

Não bastam os factos estrondosos e espectaculosos, que, quando muito, fallarão apenas aos sentidos, deixando assim uma impressão passageira, quando não são attribuidos aos *trucs*, que modernamente tudo falsificam. Demais o tempo das cousas miraculosas já passou: milagres hoje a mais ninguém convencem. O que cumpre é fallar mais profundamente á razão, aconselhando sobretudo o estudo meditado das obras fundamentaes do Spiritismo.

Tem-se tambem feito meio de propaganda da assistencia aos trabalhos medianimicos; aqui a questão é mais seria, porque convem reorganisar os trabalhos por modo a que não sejam elles motivo de escarneo aquelles que são alheios ás doutrinas spiritas. Antes de tudo cumpre que cada grupo tenha o seu programma descripto e bem delimitado. Depois convem esclarecer a respeito da concentração, base dos bons trabalhos: não basta dizer que a concentração é o pensamento elevado a Deus, é preciso ainda mais explicar que devem todos ter o pensamento fixo sobre aquillo que se intenta obter.

Por isso é que se deve tratar de obter cada cousa successivamente, de sorte que a attenção não se estremele por varios assumptos ao mesmo tempo: d'ahi a inconveniencia dos trabalhos não determinados, e sobretudo de se permittir a medianisação de mais de um instrumento.

Não é possivel, com effeito, haver uma concentração efficaç quando o pensamento dos assistentes tem de se subdividir pelo trabalho de dous ou mais mediuus.

Preciso se faz tambem attender-se ao papel que representa quem preside aos trabalhos. Affirma-se communmente ser o presidente a *chave da concentração*, quer isso dizer que é elle quem deve unificar os pensamentos, *abrindo a concentração*, isto é, que, durante o curso todo dos trabalhos, deve estar solicitando aos assistentes que concentrem a attenção em tal ou tal effeito conveniente.

Outro assumpto de importancia maxima, e que deve ser a preocupação de todos os grupos, é estudar-se e classificar-se as faculdades medianimicas que se exibem em suas sessões. Assim fazendo-se, poder-se-á então indigitar para cada trabalho um medium apropriado. Sabe-se que não basta ser um medium psychographico, para por elle se obterem todas as cousas: ha na medianmia especialidades.

Attendendo a estes principaes preceitos, poderá então cada grupo trabalhar desassombadamente, certo de que terá resultados proveitosos que estará ao abrigo dos motejos daquelles que vão a estes trabalhos não pelo bom intento de investigar, mas por mero passatempo curioso.

Muito teria que dizer-vos a proposito destes trabalhos praticos, si o adiantamento da hora não me fizesse deixar aqui o ponto final; mas não perderei por esperar: no proximo mez fallar-vos-á voz mais autorisada, que dos mesmos assumptos ter-se-á de occupar.

Eram 9 1/2, quando terminou o prelector. E' de esperar que a conferencia do mez corrente, que se effectuará, sexta-feira, 20, por estar assim annunciada com tempo, compareçam todos os membros dos varios grupos que funcçãoam no Rio de Janeiro.

Assistencia aos Necessitados. — Pessoa que occulta-se enviou á bolsa desta util e caridosa instituição, em cada um dos dous domingos ultimos a quantia de 200\$000. Esta generosa dadiva concorre para que

fossem admittidas aos auxilios da Assistencia cerca de 40 familias, propostas muitas desde já ha alguns mezes, mas que esperavam oportunidade para serem attendidas. Possam os que tem sobras, imitando os generosos impulsos daquelle offertante, lembrar-se que aqui mesmo no Rio de Janeiro ha familias que soffrem os horrores da fome e de todas as misérias.

Conferencia. — Sexta-feira, 20 de fevereiro, pelas 7 horas da noite, terá lugar a 2ª. preleção, para a qual são convidados nem só os membros da Federação, como todos os spiritas. Os diversos grupos devem se considerar convidados por esta simples noticia. Os resultados beneficos que estas preleções trazem são de tal magnitude que bem podem concorrer para dar aos trabalhos spiriticos no Rio de Janeiro uma feição nova, que talvez corrija grandemente para o desenvolvimento do Spiritismo. Far-se-á ouvir a palavra reflectida do vice-presidente da Federação, o infatigavel polemista que todos os domingos pelo *Paiz*, escreve, com o pseudonymo *Maz*, os artigos da União Spiritica do Brazil.

Prophencia. — De *La Ilustracion Espirita* do Mexico transcrevemos o seguinte, apoiando, entretanto, com todo fervor, suas breves e cautelosas considerações sobre as prophencias:

Tem este caracter uma communicação ditada por um espirito, que disse ser de nacionalidade russa, e a qual foi-nos remettida pelo presidente do circulo spirita de Tetecala (Morelos).

Como este genero de communicações deve ser publicado com a reserva e precauções convenientes, não lhe demos logar na secção respectiva (o collega publicou em suas *Miscelaneas*), e só della tomamos a parte que neste logar publicamos unicamente para que se tome nota, sem garantir seu conteúdo. Diz assim:

« Vai mudar-se a scena do mundo. A triplíce alliança ensanguentará a Europa e a Asia, para fazer-se o governo do povo pelo povo, que é o mais conforme com a doutrina do Divino Mestre.

A França fará baquear os thronos, para que surja a fraternidade universal. Operarios do Senhor, preparai o caminho da fraternidade, morigerando os costumes de vossos irmãos. »

Interrogado qual era essa triplíce alliança, respondem: « França, Italia e Russia; Alemanha, Austria e Turquia. Não tar-lará o successo... — *Onofre Echerff*.

Medium analfabeto. — Com a devida venia transcrevemos da *Revista de Estudios Psicologicos* de Barcelona:

Havendo sabido nossos irmãos de Aguilar de Campos que em uma povoação proxima a Palenucia existia um medium, pela qual produziam-se diferentes phenomenos spiritas, foram vel-a, e, attendendo a nosso pedido para que nos communicassem noticias, dizem-nos: « A mulher de que vos fallamos chegaria a ser bom medium, si a seu lado tivesse pessoa experimentada, que desenvolvesse suas diversas faculdades medianimicas. Não sabe ler nem escrever, e, apezar disso, sem mais outra instrucção nem guia do que umas leves indicações que lhe fizemos, conseguiu escrever o nome, appellido e rubrica de um de seus avós, que, confrontando-se com escriptos do fallecido, apresentavam uma identidade que não deixa logar a davi-da. E', ao mesmo tempo bom medium curador, e suspeitamos que ha de ser tambem auditivo. »

Visita de collegas. — Recebemos: de Alagoas, o periodico bisemanal *O Alagoano* « que hasteou seu estandarte em prol de seus dignos assignantes. » Agradecemos a visita,

e retribuill-a-emos quinzenalmente. De Paris *A Quinzena Medica*, revista bimensal, dedicada ao estudo de questões de medicina. De Costa Rica *El Imparcial*, diario vespertino, e *El Foro*, boletim geral de direito, órgão do Collegio de Advogados. A todos enviamos os protestos de nossa gratidão, promettendo egualmente permuta.

Revista Psychologica. — Acabamos de receber de Cienfuegos (Cuba) este periodico mensal, que se dedica a Spiritismo, magnetismo e cultura geral. E' o antigo *Nueva Alianza*, com programma mais vasto. Sob a intelligente redacção do Sr. Eulogio Horta, o novo collega será, a julgar por este primeiro numero, um campeão dedicado á causa do Spiritismo scientifico. Não podendo para nossas columnas trazer quanto elle contem, julgemos os nossos leitores pelo sumario que transcrevemos: Al público y á los espiritistas, por E. Horta. — El libro del Congreso. — Mediumidad y mediuus, por D. Metzger. — El fluido vital y la electricidad azul del Conde Mattei. — Mr. Luis Figuier. — Sociedad del Spiritismo Cientifico. — Curacion Magnetica. — Actualidades.

Mais um livro. — O eloquente orador Sr. Leon Denis, que já de sobra conhecem os nossos leitores, está a terminar um novo livro *Resumé de la philosophie spirite*, que conterá os progressos alcançados no dominio experimental durante os ultimos 20 annos.

O dito livro formará um volume de 300 paginas, inspirado em um espirito de ecletismo, tendo em vista a applicação de todas as escolas, conservando, porém, como base os ensinios de Allan-Kardec com seus sabios e prudentes principios. Tal como está, esta noticia, que já haviamos lido em periodicos francezes, transcrevemos da *Revista Psychologica*.

Este livro é um dos bons productos do Congresso Spiritica de Paris, que, tendo elegido uma commissão permanente de propaganda, fez votos para que se multiplicassem pequenos resumos, destinados a derramarem pelas massas o Spiritismo.

O novo livro será apatrocinado pela dita commissão.

União Internacional Escolar Spiritica. — Os jornaes hespanhoes publicam:

« Eis nosso primeiro passo. O grupo por nós formado, que se constituiu já em delegação, não ha muito emittio o projecto de uma « União Internacional Escolar Spiritica », que está se organisando, e propõem-se firmar uma immensa rede de propaganda gratuita do Spiritismo, que estenderá suas malhas por todos os pontos habitados do planeta.

Animados pelo Evangelho « deseja a teu proximo o que para ti quizeres », e querendo para nós o caminho expedito que leva a Deus pelo Amor e pela Sciencia, desejamos apontal-o a todos os homens, ja que tivemos a felicidade de encontral-o.

Deste modesto logar saudamos affectuosissimamente a imprensa toda de nossa communhão, agradecendo o apoio que, sem distincção de nacionalidades, nos tem prestado, embora com justiça não possamos passar por alto a satisfação particular com que vimos muito bem tratado e calorosamente elogiado nosso manifesto de Maio, em *Luz del Alma*, de Buenos Ayres, *Luz de Roma* e *L'Initiation* de Paris.

Saudamos do mesmo modo a todos os nossos irmãos em crença, aos quaes desejamos boa sorte na propaganda, e uma racional e mais profunda convicção da doutrina a cada passo.

Os estudantes que, convencidos da racional philosophia, consoladora doutrina, e formosa moral, não se envergonham de propagar as idéas que

sustentam, dão seu primeiro passo no Apostolado, na propaganda publica a que dedicam seus esforços, e tem como ultimo desejo que a grande idéa penetre desde a Universidade até a choupana do operario, desde a camara popular até a reunião de familia. Isto anima-os.

Esperam no futuro, crendo que suas esperanças não falharão.

Estudantes spiritas, á União Internacional! Spiritas todos, irmãos em crença, á propaganda!

Pela « União Internacional Escolar Spirita » — *Delegação de Barcelona.*

A herdade de Trevissedi.

Lê-se na *Gazette de Bruxelles*, de 15 de Novembro do anno passado:

« Ha mais de um mez que não se falla sinão dos singulares phenomenos que se passam na herdade de Trevissedi, perto de Coray, em França. Os moveis são virados ou transportados por mão invisivel: pedras cahem de todos os lados, quebrando os vidros das janellas, despedaçando os utensilios da casa, sem que se saiba quem os atira.

« Corre-se de 10 leguas em redor para visitar a herdade mal assombrada. Varias pessoas de Quimper fizeram essa viagem; aconteceu-lhes o que acontece a todos os visitantes: foram obrigados a fugir precipitadamente crivados de pedradas.

« N'um destes ultimos dias em que todas as autoridades da communa estavam reunidas na frente da tal herdade, o brigadeiro da gendarmerie, que fumava, ficou inesperadamente com o cachimbo quebrado. No domingo, cerca de 600 pessoas que estavam proximas daquelle logar presenciaram a verdadeira chuva de pedras que cahia sobre as pessoas da casa.

« Uma imagem da virgem que se tinha collocado na porta da entrada para affastar o maligno, foi decapitada.

« E' para pensar-se quanto esta diabrura impressionará as populações supersticiosas. »

Mais factos. — O nosso amigo P. P. B., a quem não julgavamos spirita, contou-nos em dias do mez passado os dous seguintes factos que o levaram a estudar e adoptar a doutrina:

COLLECTIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

Achei tão conceituoso o que acabava de dizer-me o Sr. Bazilio, que guardei como norma para minhas crenças.

Crer no que não se estudou a fundo, no que não se fez passar por todas as provas, é tão leviano como repellar sem ter feito estudo profundo, sem ter recorrido a todas as provas.

Quantas cousas temos por verdades, sendo falsas, só porque recebemos-as sem previo exame!

Quantas repellimos por falsas, sendo verdadeiras, devido á mesmolda de nossa parte!

Nem tudo o que luz é ouro; devemos sempre ter em vista, quando se trata da primeira ordem de phenomenos, daquelles que nos illudem por sua apparente naturalidade.

Nossa razão não penetrou sinão a superficie dos mysterios da criação; devemos ter em vista quando se trata da segunda ordem — dos phenomenos que chocam nossa razão por serem exorbitantes dos conhecimentos que possuímos.

Muito bem, disse então Sr. Bazilio. Vamo-nos conciliar. O senhor aceita por

Ha poucos annos minha mulher começou a soffrer dos olhos, e de tal modo aggravaram-se os soffrimentos que o medico assistente exigiu uma operação.

A doente, receiosa de maior soffrimento ainda, appellou para o socorro dos bons espiritos e nesse proposito pediu-me que consultasse a um spirita que se fizera bastante conhecido como medium receitista.

Eu, comquanto até então não visse com bons olhos todo aquelle que se dissesse spirita, todavia, para fazer-lhe a vontade, annui, tanto mais que tinha conhecimento com essa pessoa.

Nesse proposito procurei-a, e interrogando-me qual o soffrimento de minha mulher, eu propositalmente neguei-me a satisfazê-la, exigindo que ella o declarasse.

Feita a consulta foi esta a communicação: — « Não deves consentir em tal operação; os males irão desaparecendo á medida que a gravidez fôr chegando ao seu termo; basta que tome taes e taes medicamentos. »

Tendo ficado surprehendido com esta revelação, seguimos as prescrições que deram o resultado annunciado; ficando minha mulher perfeitamente restabelecida logo após o parto.

De outra vez procurei o mesmo medium receitista por causa de um filho de dous annos, que, tendo alguma febre durante o dia, mais intensa se tornou pela noite adiante. A communicação foi: — « O commodo é sério, tem sarampão, mas sobrevirá também a varíola e a primeira pustula apparecerá no pulso esquerdo; applique-se já taes e taes medicamentos. »

Tudo isso assim aconteceu, meu filho esteve muito mal, parecia morto, mas seguiram-se os conselhos sempre recebidos e sarou. —

Isto contou-nos com sinceridade o nosso amigo, homem assaz conhecido em um dos primeiros estabelecimentos publicos de educação secundaria, e autorizou-nos a publicação, confessando que em sua consciencia, ha muito, devera ter dado publico testemunho destes factos pelo *Reformador*.

hypothese o movimento da terra, e eu na mesma conformidade aceito a existencia da caipora.

— Por hypothese, meu senhor, eu aceito até a possibilidade do homem parir — do boi dar leite e do macaco virar gente.

— Pois é isso mesmo. Segundo seu conceito o homem deve receber tudo o que deve entrar para a massa de seus conhecimentos e de suas crenças como hypothese, que tanto podem ser verdadeiras como falsas.

Submette-as ao estudo e é este quem as transforma em verdades ou falsidades.

— E dahi;

— Dahi, quero estudar este segredo da natureza que os senhores chamam caipora.

— Sim senhor, está direito; mas eu não quero estudar a tal sciencia da terra anlar ao redor do sol.

— Pois bem. Fica isto sendo uma hypothese para o senhor e eu vou reduzir a do caipora á verdade ou á abusão.

— A' verdade, meu senhor porque aquillo que se vê, que se apalpa, não se póde negar.

— Peis sim, quer contar-me a historia de suas relações com o caipora?

— De boa vontade e para tal fim irei dormir em casa de meu compadre Patricio, com sua licença delle.

— Ora, compadre, com muito gosto. Voltamos para a casa e não tinhamos acabado de jantar, quando surgiu o Sr. Bazilio.

— Vim mais cedo, porque não posso dormir tarde.

Agradei a fineza, e o velho começou.

— Eu, quando fui moço, era louco por caçadas.

Tomava minha espingarda, dessas boas armas, que já vão desaparecendo: as lazarinhas legítimas de Braga e, acompanhado por meus cães, empurrava-me pelos matos até fartar-me.

Quanto, porém, não existirão talvez mais surprehendentes, que passam ignorados por mal entendida timidez daquelles mesmos que foram favorecidos!

Aphorismos spiritas. — São do numero de Maio de 1859 da revista do Sr. Allan-Kardec, os seguintes pensamentos soltos:

I. Quando quizerdes estudar a aptidão de um medium, não evoqueis desde logo, por seu intermedio, o primeiro espirito, porque não se vos disse que o medium seja apto para servir de interprete a todos os espiritos, e porque espiritos levianos podem usurpar o nome do que chamaes. Evocae de preferencia seu espirito familiar, porque este virá sempre; então julgalo-o-eis por sua linguagem, e estareis melhor nos casos de apreciar a natureza das communicações que o medium recebe.

II. Os espiritos encarnando-se em diferentes posições sociaes, são como actores que, fóra de scena, andam vestidos como todo o mundo, e em scena cobrem-se com todos os vestuarios e fazem todos os papeis, desde o de rei até o de farropilha.

III. Ha pessoas que não temem a morte, que a tem affrontado cem vezes, e que experimentam um certo temor na obscuridade; não tem medo de ladrões e entretanto no isolamento, em um cemiterio, á noite, tem medo de alguma cousa. São os espiritos que se acercam delles, e cujo contaco produz-lhes uma impressão, e por consequente um temor que não sabem explicar.

IV. As origens que certos espiritos nos dão pela revelação de pretensas existencias anteriores são muitas vezes um meio de seducção e uma tentação para nosso orgulho, que se lisongea com ter sido tal ou tal personagem.

V. Os espiritos encarnados agem por si mesmos, conforme são bons ou maus; podem agir também sob o impulso de espiritos desencarnados de que são os instrumentos para o bem ou para o mal, ou para o cumprimento dos acontecimentos. Somos assim inscientemente os agentes da vontade dos espiritos para o que se passa no mundo, ora em um interesse geral, ora em um interesse individual. Assim

Quando voltava para a casa, no fim de 8 e 15 dias, vinha gemendo sob o pezo da carga.

Morava no pé da serra da Uruburetama e nunca me tinha arriscado a caçar pelas altas quebradas, por medo das onças abundantes alli e ferinas.

Já contava meus 20 annos, quando descobri um dia a pista de um veado, que devia ser do tamanho de um boi.

Plantei-lhe os cachorros em cima; mas o tratante galgou uma pedra, onde os cães não podiam subir. Ficou alli acuada, mas sem dar cavaco.

Corrião latido dos cães e quando cheguei ao ponto fiquei admirado.

O veado não era do tamanho de um boi; mas era como um novilhote.

Nunca tinha encontrado, nem ouvido fallar em um bruto daquelle tamanho.

Foram-se-me os olhos no lindo animal, e tomando a espingarda para papocar-lhe fogo, tremia-me a mão só de receio de errar a pontaria e perder a melhor caça conhecida naquellas terras.

Eu dizia cá commigo: si pilho este veado, metto figas a todos os caçadores da terra.

Mas fazer pontaria, não era capaz.

Desenganado de que o braço não me ajudava, procurei uma arvore, onde firmasse o cano da espingarda; mas assim que fui firmando a pontaria, o veado deu um berro e despejou-se da pedra em baixo com tal rapidez que os cães ficaram estonteados, sem saberem o sumiço que levava.

Fareja aqui, fareja alli, encontraram finalmente o rasto; e ahi vão elles á ganhar serra acima.

Isto aqui andam artes do tinhoso, pensei eu.

Quem sabe si este veado não é o inimigo disfarçado; que me quer arrastar ao papo de alguma onça?

Fiz o signal da cruz por segurança, e

encontramos alguém que é causa de que façamos ou não uma couza; acreditamos que é o acaso que nol'o envia, emquanto o mais das vezes são os espiritos que nos impellem um para o outro, porque este encontro deve trazer um resultado determinado.

VI. Quando um parente ou um amigo, se manifesta seja qual fôr a affeição que ellenos tenha conservado, não se deve esperar por estes impulsos de ternura, que nos pareciam naturaes depois de uma separação dolorosa; a affeição, por ser calma, não é menos sentida, e póde ser mais real do que aquella que se traduz por grandes demonstrações. Os espiritos pensam, porém não agem como os homens: dois espiritos amigos veem-se, amam-se, são felizes por se aproximarem, porém não têm necessidade de se lançar nos braços um do outro.

Quando se nos communicam pela escripta, uma boa palavra lhes basta e para elles esta só exprime mais do que phrases emphaticas.

Obras Posthumas. — Na noticia que demos no nosso ultimo numero de já se estarem publicando os primeiros fasciculos das *Obras Posthumas* occorreram alguns enganos que passamos a rectificar. A edição das *Obras Posthumas* é feita por conta da União Spirita Brasileira.

Os fasciculos estão sendo impressos nas officinas do Sr. Moreira Maximino e acham-se á venda na rua da Quitanda n. 90, papellaria do mesmo Sr. Maximino, que graciosamente a isse se presta.

Esta redacção presta-se egualmente a enviar os as pessoas do interior que lhe mandarem 250 rs. em sellos, importancia do fasciculo e porte do correio.

COMMUNICAÇÕES

Grupo Perseverança

II

(Continuação)

Den-se em seguida o trabalho como segue:

Esp. — Tendes de me fallar? Estou vos ouvindo.

arrumei-lhe em cima com o credo para mais garantia.

Acabava eu de encorajar-me contra o demo, quando chegou-me aos ouvidos o signal que davam os cães de terem novamente acuada o bicho.

Vacillei entre ir e não ir matal-o; pois que, pelo latido dos cães, a caça estava muito longe, lá nas mais altas quebradas.

Fugia á gloria de ser o primeiro caçador que abandonasse um animal daquelles, só por temer o encontro de alguma onça, pareceu-me covardia de envergonhar uma crença.

Toquei para cima e quanto mais andava, mais longe me parecia o latido dos cães.

Sr. Bazilio, aqui anda historia, me dizia eu; mas o que importava esse aviso si a tentação já me tinha entrado nos couros? Não volto sem o veado, ou fico aqui espiado.

Caminhei, caminhei, subi, subi e sempre a ouvir longe o latido dos meus cães.

Já devia ser meio dia, que eu debaixo da matta virgem, cujas ramagens tocavam as nuvens, não podia ver o sol para calcular as horas.

Avança Bazilio, dizia eu quando as pernas me fraqueavam e avançava cada talgada de 200 e 300 braças.

De um ponto, onde a matta rareava, pude ver o immenso veado, deitado á remoeir, como quem não conta com desgraças em cima de outra pedra, cujo accesso era impossivel aos cães.

Palpitou-me o coração de gosto e toca a andar para cima.

Derepente ouço um ruido como o de um ribeiro encachoeirado e, mergulhando a vista por dentro da matta, vejo uma latada immensa de porcos do matto que vinham a baterem queixos, assustados pelo ladrar dos cães, e dirigindo-se para onde eu estava.

Trepei n'uma arvore, que aquella canalha é capaz de estrafegar um filho de Deus.

(Continua)

Evoc. — Ao desprender-vos dos laços carnaes tivestes uma perturbação longa?

Esp. — Tive uma perturbação tanto mais longa quanto minhas idéas differiam da realidade; achei-me n'um meio tão inesperado que não me libertaria sem o auxilio de quem velava por mim. Como explicar-vos o que senti? Foi como si o mundo se tornasse para mim o inferno que sonhára, pois que via junto a mim pessoas que abominava e que julgava perdidas! Tal era a idéa tão errada que formava das cousas e a realidade dellas, que não ha palavras que possam dar-vos idéa do que então senti.

Evoc. — Partilhavam estas pessoas para convosco o mesmo sentimento que tinheis para com ellas?

Esp. — Em maior gráo ainda.

Evoc. — Mas que faziam ellas junto a vós?

Esp. — Com sua presença, com suas recriminações, com suas tentativas... mas poupa-me, si é possível, essas lembranças. Reconheço tudo, peço perdão de tudo, e também perdão tudo que me fizeram ou procuraram fazer-me. E procurarei amar para vencer o odio que despertei contra mim.

Evoc. — Fazeis muito bem. Mas então agora não tendes mais junto a vós taes pessoas?

Esp. — Não; por misericórdia, em vista do meu desejo de reparar o mal committido, vejo-as, estou perto dellas, mas tenho a consciencia das cousas, não soffro como no estado antecedente, porque agora comprehendendo o que devo supportar justamente, e sei a que fim procuro chegar por esses meios.

Evoc. — Dissestes que não vos libertaríeis da perturbação horrorosa, si não fôsse o auxilio de quem velava por vós; este que velava era visto por vós, ou apenas tinheis a intuição de sua existencia?

Esp. — Não pude sinão entrever aquelle que se amerciou de mim; ou antes, só vi o seu reflexo, e depois sinto o somente, mas não o vejo mais.

Evoc. — Ao que attribuis tel-o podido entrever em uma dada occasião?

Esp. — Veio me trazer o auxilio que supplicava na minha afflicção, trazer-me o alento de que tanto necessitava, tocar-me com um raio de luz para illuminar o caminho que devo seguir e espero que elle sustentará com a sua força a minha fraqueza.

Evoc. — Então attribuis bem aos sentimentos que então vos dominavam; mas, outra pergunta, vedes hoje todos os affeicoados que vos precederam na vida espirital?

Esp. — Todos, não; estou privada de ver alguns, mas sei que assim deve ser, e esperarei a vontade d'Aquelle que me reunirá a elles, quando me julgar digna desse gozo.

Evoc. — E os encarnados, vedel-os todos?

Esp. — Vejo, e isso para mim é motivo de tristeza e de pesar em relação a alguns, mas entra ainda nas provas que tenho de soffrer.

Evoc. — Houve algum tempo em que não visseis algum ou alguns, ou sempre os pudestes ver?

Esp. — Não os vi sinão depois de entrar na posse de minha lucidez; crêde, meus irmãos, que meu estado era bastante penoso sem essa percepção.

Aqui terminou-se este trabalho, que foi encerrado com a seguinte communicação:

« Caridade! Verdade! bem supremo que não podeis ainda gozar, mas que vossa alma aspira por uma sublime intuição de sua natureza, e que será um dia partilha vossa.

« Verdade! Caridade! brilhante sol

que vos inundará um dia com os seus raios, mas de que um pallido reflexo mal percebem os mais puros d'entre vós!

« Caridade! Verdade! Deus incomprehensível em sua grandeza! accessível em seu amor a menor de suas creaturas!

« Fazei dellas, meus irmãos, o alvo de todos os vossos desejos. »

MISCELLANEA

As tempestades. Papel dos espiritos nos phenomenos naturaes.

As communicações que vão seguir tratam de assumpto interessante que epigrapha este artigo. Foram ellas provocadas na Sociedade de estudos spiritalis de Pariz, quando seu presidente o Sr. Allan Kardec, e publicadas no órgão social. Poderemos para nossas columnas transladar todos os dez volumes da Revista que aquelle emerito observador redigiu, durante todo o tempo de seus estudos, isto é de 1858 a 1868, e teriamos prestado um serviço assignalado aos nossos leitores que não conhecem a lingua franceza. O primeiro trabalho deu-se com um official do exercito de Italia, o segundo com F. Arago.

1. Evocação. — R. Eis-me aqui; fallae.

2. Promettestes voltar a nos ver; aproveitamo-nos disto para pedir-vos algumas explicações complementares. — R. De boa vontade.

3. Depois de vossa morte, assististes a alguns dos combates que tiveram lugar? — R. Sim ao ultimo.

4. Quando, como espirito, sois testemunha de um combate e vedes os homens em reciproca carnificina, fazeis isto experimentar o sentimento de horror que temos nós vendo egual scena? — R. Sim, eu o experimentava mesmo, sendo homem, mas então o respeito humano recalcava este sentimento como indigno de um soldado.

5. Ha espiritos que tenham prazer em assistir a estas scenas de carnagem? — R. Poucos.

6. Que sentimento experimentam, com ver tal, os espiritos superiores? — R. Grande compaixão; quasi desprezo. Aquelle que experimentaes, quando vedes animaes lecerarem-se entre si.

7. Assistindo a um combate, e vendo homens morrerem, sois testemunha da separação da alma e do corpo? — R. Sim.

8. Neste momento vedes dous individuos: o espirito e o corpo? — R. Não; que é o corpo?

9. Mas o corpo não deixa de estar ali, e elle deve ser distincto do espirito? — R. Um cadaver, sim; porém não é mais um ser.

10. Que apparencia tem para vós o espirito neste momento? — R. Subtil.

11. Affasta-se o espirito immediatamente do corpo? Descrevei-nos, peço-vos, tão explicitamente quanto possível, as cousas taes como se passam, e como as veriamos, si fôssemos testemunhas. R. — Ha poucas mortes inteiramente instantaneas; a mór parte das vezes, o espirito cujo corpo acaba de ser ferido por uma ballea ou por um estilhaço, diz consigo mesmo: vou morrer, pensemos em Deus, cuidemos no ceu, adeus terra que eu amava. Depois deste ultimo sentimento, a dôr arranca-vos do corpo, e só então pode-se distinguir o espirito que se move ao lado do cadaver.

Isto parece tão natural, que a vista do corpo morto nenhum effeito desagradavel produz. Toda vida sendo transportada para o espirito, só elle attrahe a attenção; é com elle que se conversa, ou a elle que se ordena.

Nota. — Poder-se-ia comparar este effeito ao que produz uma porção de

banhistas; o espectador não presta attenção ás roupas que elles deixaram á margem das aguas.

12. Geralmente o homem sorprendido por morte violenta, durante algum tempo não se crê morto. Como se explica sua situação, e como se pôde elle illudir, pois que deve bem sentir que seu corpo não é mais material, resistente? — R. Elle o sabe, e não ha illusão.

Nota. — Isto não é perfeitamente exacto; sabemos que os espiritos illudem-se em certos casos e não creem estar mortos.

13. Uma violenta tempestade irrompeu no fim da batalha de Solferino; seria por uma circumstancia fortuita ou por vistas providenciaes? — R. Toda circumstancia fortuita é o facto da vontade de Deus.

14. Tinha um fim esta tempestade? Qual era? — R. Sim, certamente: fazer cessar o combate.

15. Era provocada no interesse de alguma das partes belligerentes e qual? — R. Sim, sobretudo por nossos inimigos. — Porque? Explicai-vos mais claramente. — R. Perguntaes-me porque? Mas não sabeis que, sem esta tempestade, nossa artilharia não deixaria escapar um só austriaco?

16. Si esta tempestade foi provocada, deveria ter agentes. Quaes eram? — R. A electricidade.

17. E' o agente material; mas ha espiritos que tenham como attribuições conduzir os elementos? — R. Não, a vontade de Deus basta; elle não tem necessidade de auxiliares tão communs.

O outro trabalho com Arago foi este:

1. Foi-nos dito que a tempestade de Solferino tinha tido um fim providencial, e tem-se-nos assignalado varios factos deste genero, nomeadamente em Fevereiro e Junho de 1848. Estas tempestades, durante os combates, tinham um fim analogo? — R. Quasi todas.

2. O espirito interrogado a este respeito disse-nos que Deus só agia em taes circumstancias, sem intermediarios. Permitti-nos a tal respeito algumas perguntas, que, vos pedimos, resolveas com vossa clareza habitual. Comcebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primeira nisto como em todas as cousas, mas sabemos tambem que os espiritos são seus agentes. Ora, pois que sabemos que os espiritos têm acção sobre a materia, não alcançamos porque certos dentre elles não teriam uma acção sobre os elementos, para agital-os, calmal-os ou dirigil-os. — R. E' evidente, nem pôde ser de outro modo; Deus não se entrega a nenhuma acção directa sobre a materia; elle tem seus agentes dedicados em todos os grãos da escalla dos mundos. O espirito evocado só fallou assim por ter destas leis um conhecimento menos perfeito do que das da guerra.

Nota. — A communicação do official, referida acima, foi obtida a 1º de Julho, esta só teve lugar a 22 e por um outro medium; nada na pergunta indica a qualidade do primeiro espirito evocado, qualidade que espontaneamente lembra aquelle que acaba de responder. Esta circumstancia é característica, e prova que o pensamento do medium em nada entrou na resposta. E' assim que, em uma multidão de circumstancias fortuitas, o espirito revela ou sua identidade ou sua independencia.

Eis por que diremos que cumpre ver muito observar muito; então descobre-se uma multidão de matizes que escapam ao observador superficial e de passagem. Sabe-se que é preciso apanhar os factos, quando elles se apresentam, e não é provocando-se que se os obtem. O obseevador attento

e paciente acha sempre alguma cousa a respigar.

3. A mythologia está inteiramente fundada sobre as idéas spiritalis: ahi encontramos todas as propriedades dos espiritos, com a differença de que os antigos tinham delles feito deuses.

Ora a mythologia nos representa estes deuses ou estes espiritos com attribuições especiaes; assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir á vegetação, esta, etc., esta crença é desnudada de fundamento que ainda está bem abaixo da verdade.

4. Na origem de nossas communicações os espiritos nos disseram cousas que parecem confirmar este principio. Disseram, por exemplo, que certos espiritos habitam especialmente o interior da terra, e presidem aos phenomenos geologicos. R. Sim, e não muito tarde teries a explicação de tudo isto.

5. Estes espiritos que habitam o interior da terra, e presidem aos phenomenos geologicos, são de ordem inferior? — R. Estes espiritos não habitam positivamente a terra, mas presidem e dirigem; são de ordens inteiramente differentes.

6. São espiritos que foram encarnados em homem como nós? R. Que serão, e que o tê n sido.

A tal respeito mais vos direi dentro de pouco tempo, si o quizerdes.

tidão de circumstancias fortuitas, o espirito revela ou sua identidade ou sua independencia. Eis porque dizemos que cumpre ver muito, observar muito; então descobre-se uma multidão de matizes que escapam ao observador superficial e de passagem. Sabe-se que é preciso apanhar os factos, quando elles se apresentam, e não é provocando-os que se os obtem. O observador attento e paciente acha sempre alguma cousa a respigar.

3. A mythologia está inteiramente fundada sobre as idéas spiritalis; ahi encontramos todas as propriedades dos espiritos, com a differença de que os antigos tinham delles feito deuses. Ora a mythologia nos representa estes deuses ou estes espiritos com attribuições especiaes; assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir á vegetação, etc., esta crença é desnudada de fundamento? — R. Ella é tão pouco desnudada de fundamento que ainda está bem abaixo da verdade.

4. Na origem de nossas communicações os espiritos nos disseram cousas que parecem confirmar este principio. Disseram, por exemplo, que certos espiritos habitam especialmente o interior da terra, e presidem aos phenomenos geologicos. — R. Sim, e não muito tarde tereis a explicação de tudo isto.

5. Estes espiritos que habitam o interior da terra, e presidem aos phenomenos geologicos, são de ordem inferior? R. Estes espiritos não habitam positivamente a terra, mas presidem e dirigem; são de ordem inteiramente differentes.

6. São espiritos que foram encarnados em homens como nós? — R. Que o serão, e que o têm sito. A tal respeito mais vos direi dentro de pouco tempo, se o quizerdes.

Atenção

Recommendamos aos nossos agentes do interior e aos demais confrades que toda correspondencia deve ser dirigida a ALFREDO PEREIRA — R. da Imperatriz 83, 2º andar, conforme está declarado no cabeçalho desta folha.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz n. 83, 2º andar.

Anno IX

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Fevereiro — 15

N. 198

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz),
o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Estado da Bahia), o Sr.
Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompílio de Araujo Pi-
nheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Batura,
rua Lavapés n. 20.

Em Santos (S. Paulo), o Sr. Benedicto
José de Souza Junior, rua da Constituição
n. 117.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de
Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

Pedimos a todas as pessoas
que recebem o Reformador
immediata participação de
alguma falta que por acaso
possa haver na entrega da
folha afim de ser prompta-
mente providenciada

Outrosim pedimos que,
para facilitar o serviço do
correio, nos seja commu-
nicada qualquer alteração
no nome da rua ou na nume-
ração de suas residencias.

AVISO

A Federação Spiritista Bra-
zileira mudou-se para a rua
da Imperatriz n. 83, 2.º an-
dar, onde funcionarão tam-
bem as sociedades que em
suas salas trabalham.

Communica-se ao publico
que a Assistencia aos Nec-
essitados trabalhará egual-
mente nesta casa.

O Novo Código Penal e o Spiritismo

III

Escreve o Sr. Dr. Baptista Pereira:
«... as conclusões do congresso de
Pariz continuão os adversarios do Spi-
ritismo a oppôr victoriosamente os
resultados das pesquisas scientificas.»
E para demonstrar estes resultados,
como lhe cumpria, cita os Drs. Lan-
kaster e Dukin, de Londres, que,
«pondo-se em contacto com Hister e
Slade, descobrirão que os taes mediums
não passavão de uns refinados trata-
tes, muito peritos em truques», e
cita egualmente o seguinte trecho,
atribuido á commissão nomeada pela
sociedade de physica de S. Peters-
burgo a instancias do Dr. Mendeleff:
«Os phenomenos spiritas provém de
movimentos inconscientes ou de uma
impostura consciente; a doutrina é
uma superstição.»

Eis toda a bagagem scientifica de
que se carregou o illustre codificador
para terminar triumphalmente com a
seguinte proposição: «... o resultado
negativo das pesquisas, dirigidas por
homens de provada sciencia e de illi-
bada moral profissional, traz a certeza
de que o Spiritismo é uma super-
stição!»

Livre-nos Deus de contestar áquel-
les investigadores sciencia provada
e moral illibada; permittido, porém,
nos seja desconhecer caracteres scien-
tificos nas citações do Sr. Baptista
Pereira. A sciencia experimental tem
hoje exigencias com que, por certo,
não se podem conformar os velhos
theoricos habituados a tirar conclu-
sões ás pressas. Assim é que exige
ella cuidados meticulosos no registro
das observações, longura de tempo
para que estas possam ser reproduzi-
das uma e mil vezes, repetição de
provas e de contraprovas, perfeição
dosapparelhos garantida por assiduos
cuidados, especificação dos meios e das
circunstancias em que as operações
são feitas. O esquecimento da menor
destas exigencias pôde muitas vezes
levar a conclusões contraproducentes.

Satisfazem, porventura, a algum
destes preceitos cominhos as cita-
ções que o illustre advogado faz para
demonstrar que a sciencia fallou? Deixamos que a resposta a tal inter-
rogação seja segredada ao Sr. Baptista
Pereira pela propria consciencia.

Para os outros, porém, que nos

lêm e que não têm os golpes de vista
do illustrado autor do código, mister
se faz que entremos ainda em algu-
mas explicações.

Os professores Lankester e Dukin
descobriram que os mediums Hister e
Slade «não passavão de uns refina-
dos tratantes, muito peritos em tru-
ques»; pois bem, o que, deduzir
d'ahi? O Sr. Baptista Pereira conclue
pela condemnação do Spiritismo;
parece-nos entretanto que qualquer
alumno de um curso elementar de
philosophia responderia de prompto:
do particular não se conclue para o
geral.

Que importa que não 2, mas 20, ou
200, ou 2,000 mediums lembrem-se
de ludibriar da credulidade publica?
Conclui-se-á, por isto, que a facul-
dade mediannimica é uma impos-
tura?

Pois não se sabe que quanto mais
preciosas são as cousas, tanto maior
é o engenho desenvolvido para falsi-
ficar-as?

Exão, porque uns tantos mercado-
res sem consciencia dão nos sabu-
gueiro por uva, concluir-se-á que
esta não entra em vinho algum?

Certissimamente a consciencia do
Sr. Baptista Pereira já lhe fallou para
afirmar que nada, mesmo nada, con-
tra o Spiritismo se pôde deduzir de
sua primeira citação.

E o que dizer da commissão Men-
deleff?

Em Spiritismo ha, parece ninguém
o ignora, pela intromissão dos me-
diuns effeitos physicos e effeitos intel-
ligantes; aquelles podem se produzir
com ou sem contacto, conforme a apti-
dão mediannimica. Pois bem, a refe-
rida commissão, afirmando que «os
phenomenos spiritas provém de mo-
vimentos inconscientes», conclue que
o Spiritismo é uma superstição!

Concedendo mesmo que a causa de
alguns phenomenos seja um movi-
mento inconsciente, só para ella se
poderá appellar em uma parte minima
dos phenomenos spiritas, isto é, os
effeitos physicos com contacto. Como,
pois, concluir que o Spiritismo é uma
superstição?

E' sempre o mesmo erro de logica
a nos fazer pertinentemente recordar
os bons tempos escolares:

*Nil sequitur geminis ex particulari-
bus unquam.*

Entretanto aquella concessão que

fizemos só por força de argumento
retiramos agora perenptoriamente:
os effeitos physicos com contracto não
são produzidos por movimentos incon-
scientes. Provam-n'o as experimenta-
ções feitas, agora sim, com todos os
requisitos scientificos.

Imagine-se que o objecto a mover,
uma mesa por exemplo, tem um peso
de muitas arrobas; o medium impõe
as mãos por modo a que apenas os
extremos dos dedos achem-se em con-
tracto com a parte superior; para
maior garantia do phenomeno alguns
experimentadores têm espalhado so-
bre o dorso das mãos impostas uma
camada de qualquer substancia em
pó que se teria de derramar á menor
contracção muscular. Pois bem, é
nestas condições que a mesa eleva-se
do sólo, seguindo, pois, uma direcção
impossivel de ser dada por qualquer
movimento consciente ou inconsciente.

Do que levamos dito vê-se que não
foi feliz o Sr. Baptista Pereira quando
quiz abraçar-se com pesquisas
scientificas para infirmar o Spiritismo.

Entretanto aquellas que o favoneam,
levadas a effeito por verdadeiras auto-
ridades na sciencia e em condições
deresistir á mais severa critica acham-
se descriptas em volumes especiaes,
que em attenção á respeitabilidade do
Sr. Baptista Pereira, poremos, a um
aceno seu, á sua disposição.

Posto que a infallibilidade não seja
partilha do homem, é comtudo con-
tristador que fique aberto a todos os
olhos um documento de nossos erros:
ousamos, pois, esperar que o illustre
jurisconsulto, cioso de seu nome e
reputação, irá fazer esforços por apa-
gar do código penal o borrão que
denigre o art. 157.

(Continúa)

NOTICIARIO

Assistencia aos necessitados.

— Como se sabe, foi essa instituição
creada com o fim unico e exclusivo
de auxiliar com um pequeno pão
aquellas familias que nesia capital
levam todos os dias a mourejar no
trabalho, que só parca e insufficiente-
mente satisfaz-lhes as principaes ne-
cessidades.

O movel que influio para tal crea-
ção foi o sentimento da caridade, que
não é privilegio de seita, de doutrina
ou de religião alguma.

Os poucos que se reuniram para
exercer este alto dever fizeram-n'o

levados só por se lembrarem que ha familias que passam as torturas da fome, enquanto outras se repastam nos excessos da superabundancia; constituindo-se os ponderadores deste desequilibrio, elles estendem as mãos a estas para saciarem a fome.

Na fama de pedir, não cogitam de creanças ou de opiniões philosophicas; como na de descrebair, só cuidam das reais necessidades.

E' verdade que a maioria dos instituidores e dos que concorrem para esta obra generosa pr' fassam libertamente o Spiritismo; não é entretanto a Assistencia uma instituição spiritica, porque para ella concorrem pessoas de todos os credos, unidas apenas pelo forte laço da caridade, que, como já foi dito, não é privilegio de nenhuma creança ou opinião philosophica.

Com os soccorros, vindos assim de todas as fontes, a Assistencia já auxilia a 180 familias; digna tod'as ellas si procura a instituição e conhecer de suas creanças, um porventura inenunciavel as que professa a maioria de seus membros.

Pois bem, apesar de estar na obra só da caridade, da caridade que na affirmacão de S. Paulo, um dos mais brilhantes brotos do christianismo, é o amor do que é fe, e amar do que a esperança, vê-se hoje a Assistencia, não abandonada, mas perseguida mesmo por alguns sacerdotes do catholicismo!

E assim que dous vigários de parochias subalternas têm procurado insinuar entre as frequentes sentenças de animadversão contra a Assistencia. Um d'elles chegou até doze ao pulpito, a tribuna sacral como o denominam, a pregar a mos-a dos ouvintes que não deviam concorrer para a Assistencia, que não era uma instituição de caridade, porém a emissão de uma seita que pretendia derrubar a sagrada religião dos brasileiros.

Fanatismo ou má fé??

Não querend, nem devendo penetrar o foro intimo deste Sr. Vigário, e certos da lição de Jesus que ensinam não se dever julgar, não estamos habilitados a responder aquella interrogacão.

Praz nos, entretanto, acreditar que foi mesmo a convicção que dicioo ao sacerdote aquellas palavras, convicção tão profunda, tão cega, que o não deixou ver que naquele momento o pulpito não tinha as inspirações celestias; o céu, e in effecto, não inspira que se negue alguns tostões a quem tem fome!

Mas, si o Sr. vigário quer chegar ao conhecimento da verdade, pouco lhe custará verificar por si mesmo a obra da Assistencia: suas sessões são publicas, ellas fazem-se nos domingos pelas 2 horas da tarde. Apenas terá de passar por suas mãos a bolsa da caridade; diguem sabe o que cada um nella deposita.

Por outro lado não acredite o Sr. vigário pretenderem os spiritas solapar o edificio do catholicismo. Já não temos palavras com que varíemos a asserção que estamos constantemente a affirmar: nossa tarefa não é a da derrubada, temos por missão construir.

E' verdade que nossas construcções se erguem sobre os escombros do passado; mas esses edificios ou boqueam por annos vetustez, ou cabem aos golpes inconscientes dos que lhes deveriam ser escoras.

Quanto a nossas construcções, ellas estão patentes aos olhos dos ministros de todas as religiões, como aos de todos os homens: baseiam-se em pregar, sobretudo com o exemplo, a reforma dos costumes, a regeneração social, o alevanimento dos espiritos. Olhos postos nos evangelhos, sem de suas lições desviar um momento sequer

as vistas, a todos os ventos proclamamos o amor, a caridade, a fraternidade; não a caridade ensinada pelo espirito de seita, que, só fazendo amar aos seus, faz odiar aos outros; mas a caridade, sorvida nas sublimes lições do doce Nazareno, que se traduz no bem geral.

E digam agora os escrupulos de consciencia do Sr. vigário, si nestas mesmas palavras, que lhe são respôsta, não encontra um typo das construcções spiriticas, taes como as que acabamos de pintar.

Adhesão. — Recebem a Federação Spiritica Brasileira o officio que abaixo vem publicado, porque assim deseja seu signatario. E' o segundo que a Federação recebe mais ou menos nos mesmos termos, o que sobremodo a honra. Entretanto o que ella havia aconselhado por seu órgão era que todos os grupos reflectissem na necessidade de federarem-se, como estavam fazendo os de outras nações, que seguitam nisto os votos do Congresso Spiritico de Paris. De alguma sorte já o haviam feito os grupos, quando constituiram o Centro Spiritico do Brazil: mas, como a organização deste calca em nos velhos moldes das idéas centralizadoras, não satisfiz de todo as livres expansões da doutrina, o que talvez conviesse era que a idéa nova fosse agitada perante o Centro, organizada com outros elementos de vida. Se, como foi, estamos attentos e obediétes a agitação que trabalha os grupos. Eis o officio:

Rio de Janeiro, 26 de Janeiro de 1891. — Irmão Presidente da Federação Spiritica Brasileira. O grupo Spiritico S. Francisco de Paula, que funciona á rua do Regente n. 46, aceita, em toda a sua amplitude, a grandiosa idea da federação de todos os grupos spiriticos desta capital e utiizando-se do ensejo opportuno, que se lhe depára, vem presuroso e cheio de confiança, aggregar-se á Federação Spiritica Brasileira.

O grupo, acima mencionado, unindo-se materialmente, mas conservando sua autonomia e independencia, está em vias de que dá o primeiro passo para essa grande união e fraternidade, tão recommendada e necessaria hoje para nós.

O grupo spiritico S. Francisco de Paula humildemente vos saúda e implora para vós do Eterno Pai animo, resignação, fé e humildade. Paz e amor. — J. R. Cabral Noya Junior — Presidente.

O laço do espirito e do corpo

— E' sempre de vantagem acompanhar o modo como foram surgindo as diversas theorias consignadas nas obras fundametaes do Spiritismo. Por isso é que trasladamos hoje para nossas columnas o artigo que, subordinado ao titulo acima, publicou o Sr. Allan Kardec na Revista de 1859:

A Sra. Schütz, uma de nossas amigas, que é perfeitamente deste mundo, e não parece dever deixal-o tão cedo, tendo sido evocada durante o somno, deu-nos mais de uma vez a prova da perspicacia de seu espirito neste estado. Um dia, ou melhor uma noite, depois de uma conversa bastante longa, disse ella: estou fatigada; tenho necessidade de repouso; durmo; meu corpo tem necessidade de disso.

Responden-se-lhe então o seguinte: vosso corpo pôde repousar; fallando-vos, não o perturbo; é vosso espirito que aqui está e não vosso corpo. Ella respondeu:

« Erres acreditando assim; meu espirito destaca-se um pouco de meu corpo, porém está como um balão captivo que é retido por cordas. Quando o balão recebe abalos occasionados pelo vento, o posto que o conserva captivo sente a commoção dos abalos transmittidos pelas cordas. Meu

corpo faz o papel de poste para meu espirito, com a differença que elle experimenta sensações desconhecidas ao poste, e taes sensações muito fatigam o cerebro; eis porque meu corpo, como meu espirito, tem necessidade de repouso. »

Esta explicação, na qual segundo nos declarou ella, nunca na vigilia havia pensado, mostra perfeitamente as relações que existem entre o corpo e o espirito, quando este ultimo goza de uma parte de sua liberdade. Bem sabiamos que a separação absoluta só tem lugar depois da morte, e mesmo algum tempo depois da morte, porém nunca este laço nos tinha sido pintado por uma imagem tão clara e tão precisa; sinceramente felicitamos esta senhora por ter dominado tanto espirito.

Contudo não nos parecia isto mais do que uma engenhosa comparação, quando ultimamente esta figura tomou as proporções da realidade.

O Sr. R., antigo ministro residente dos Estados Unidos, junto ao rei de Napoles, homem muito esclarecido sobre o Spiritismo, tendo vindo visitar-nos, perguntou si no phenomeno das appareições, tinhamos alguma vez observado uma particularidade distinctiva entre o espirito de uma pessoa viva e o de uma pessoa morta; em uma palavra, si, quando apparecia espontaneamente um espirito, durante a vigilia ou durante o somno, temos um meio de reconhecer si a pessoa é morta ou viva. A' resposta de que não conheciamos outro mais do que perguntar ao espirito, disse-nos conhecer na Inglaterra um medium vidente, dotado de grande potencia, que, cada vez que um espirito de uma pessoa viva a elle se apresenta, nota um rasilho luminoso partindo do peito, atravessando o espaço sem ser interrompido pelos obstaculos materiaes, e indo terminar no corpo, especie de cordão umbilical, que liga as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo.

Veio-nos ao pensamento a comparação da Sra. Schütz, e achamos a confirmação no facto que acabamos de referir. Faremos contudo uma observação a tal respeito.

Sabe-se que no momento da morte a separação não é brusca, o perispírito só se desprende pouco a pouco, e, enquanto dura a perturbação, conserva uma certa afinidade com o corpo. Não seria possivel que o laço observado pelo medium vidente de que acabamos de fallar, subsistisse ainda quando o espirito apparecesse no momento mesmo da morte ou poucos instantes depois, como succede varias vezes? Neste caso a presença deste cordão não seria um indicio de que a pessoa é viva. O Sr. R. não nos pôde dizer si o medium fez esta observação. Em todos os casos a observação é importantissima, e lança luz nova sobre o que se pôde chamar a physiologia dos espiritos.

Après la mort. — Em nosso numero passado transcrevemos de um nosso collega a noticia que breve appareceria um livro do Sr. Léon Denis denominado *Resumé de la philosophie spirite*. H je ao chegar-nos ás mãos a *Revue* de Paris, apresentamos-nos em corrigir e ampliar aquella noticia. O livro acaba de vir á luz não sob aquelle nome, mas sob o de *Après la mort*; elle contém uma synthese precisa do spiritismo actual, e se divide nas tres partes seguintes:

1.ª Exposição da philosophia dos espiritos.

2.ª Bases scientificas e experimentaes.

3.ª Consequencias moraes.

Seu formato é in 18, de 432 paginas, e do custo de 2 fr. 50, isto é, cerca de 2\$200.

Livro novo. — Acabamos de receber uma brochura do Sr. Metzger, intitulada *Mediums et Groupes, Spiritisme et Hypnotisme*, formada de uma collecção de artigos que aquelle distincto confrade publicou no *Moniteur spirite et magnétique*. Este livrinho é de tal importancia que todos os mediums bem como os organizadores de grupos não devem dispensal-o. Recommendamol-o com instancia a quantos desejam fazer trabalhos serios e proveitosos. Por ultimo seja-nos licito enviar daqui ao nosso irmão em creanças, com as nossas felicitações, os nossos mais cordiaes agradecimentos.

Descoberta. — Da acta da sessão de 4 de Dezembro de 1890 da Commissão Permanente de propaganda, eleita pelo Congresso Internacional Spiritico de Paris, extractamos a parte que se refere a recentes investigações com o fim de facilitar os phenomenos de materialisação:

« O Sr. Papus fez uma communicacão sobre uma nova descoberta a respeito de phenomenos spiriticos. Trata-se de *augmentar a intensidade dos phenomenos, diminuindo a fadiga dos mediums*. Partindo da idéa de que o alcool e sobretudo o ether actuam de um modo muito frisaute sobre as reservas vitaes do ser humano, sobre o que se chama em spiritismo perispírito, que o ether pôde em certos casos dar por alguns minutos vida a um moribundo, e que, de outro lado, os espiritos empregam o perispírito do medium nos phenomenos de materialisação, teve o Sr. Papus a idéa de empregar a principio o alcool, depois sobretudo o ether no estudo destes phenomenos. Este ensaio foi feito já em quatro sessões e deu os melhores resultados. O medium acha-se ao despertar muito menos fatigado, si se espalha ou si se deixa os proprios espiritos espalharem algumas gottas de ether durante a sessão obscura. Estes estudos vão proseguir sobre os dous mediums de materialisação que possui o grupo independente de estudos esotericos.

O Sr. Al Delanne agradece ao Sr. Papus sua communicacão, e faz notar que já tem, com effecto, verificado a appareição do phosphoro e sua acção nos phenomenos de materialisação.

O Sr. Leymarie mostra que, em varias sessões, sangue sahia das mãos do medium, e que então columnas de odor phosphorecente desprendiam-se de seus órgãos.

O Sr. Mongin conta phenomenos referentes a taes idéas. A luz que apparece está collocada debaixo da influencia da vontade dos espiritos.

O Sr. Delanne falla tambem de chamas que sahem dos dedos do medium.

Centro Spiritico Paraense. — Este Centro, que funciona em Belém, elegeu a seguinte directoria, que funcionará durante o anno de 1891:

Presidente — 1.º Tenente Antonio de Dens de Oliveira Mello.

1.º Secretario — Abel Augusto Cezar de Araujo.

2.º Secretario — Raymundo Cyriaco Alves da Cunha.

Thesoureiro — José Maria da Silva Bastos.

Procurador — José Joaquim da Silva.

Fazemos votos ao nosso Pai celeste para que, de mais em mais penetrados da responsabilidade immensa que assumiram, acceitando taes cargos, ganhem forças sufficientes para levantar no grande Estado do Pará a causa do Spiritismo.

Centro Spiritico do Brazil. — De quasi todos os estados tem-nos chegado relações de confrades subcrevendo adhesões á defeza do Spiritismo,

inicia-la pelo Centro Spirita do Brazil. O novo Código Penal, por sua letra, pretende, unico entre os das demais nações, aniquillar aquella doutrina.

Bem que seu autor tivesse-o interpretado por modo a que se deve julgar serem só punidos os abusos, nem por isso quedam-se os spiritas na indifferença mulsulmana daquelles que, sem protestos, consentem que sobre si pese o ferreo guante de um poder desnaturado. Para se interpretar a parte do Código referente ao Spiritismo segundo as explicações de seu autor, mister se fará que naquella livro se grave um dedo indicador, apontando uma phrase como esta: onde se diz isto, lea-se aquillo.

E' por isso que os spiritas de toda parte da Republica se agitam a virem trazer ao Centro o apoio moral de suas adhesões, que, por muito, concorrerão para que elle não esmoreça na tarefa de teimosamente solicitar dos poderes publicos uma revisão daquella parte do Código.

Desta vez foi do Centro Spirita Paranaense que veio uma relação de 94 assignaturas « adherindo ás resoluções do Centro, tendentes á defeza do Spiritismo. »

Uma comunicação — Sessão da Sociedade Parisiense em 23 de Setembro de 1859. — Até agora só tendes considerado a guerra no ponto de vista material: guerras intestinas, guerras de povos a povos; mais não tendes visto nella do que conquistas, escravidão, sangue, morte e ruínas; é tempo; de consider-a no ponto de vista moralizador e progressivo. A guerra semêa em sua passagem a morte e as idéas; as idéas germinam e crescem; o espirito, depois de se retemperar na vida spirita, vem fazel-as fructificar.

Não acabrunheis, pois, com vossas maldições o diplomata que preparou a lucta, nem o capitão que conduziu seus soldados á victoria; grandes luctas se preparam; luctas do bem contra o mal, das trevas contra a luz, luctas do espirito de progresso contra a ignorancia estacionaria. Esperai com paciencia, porque nem vossas maldições, nem vossos louvores poderiam nada mudar á vontade de Deus;

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSONBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

— Nunca lhe aconteceu, Sr. Leopoldo, ficar por muito tempo a seismar sem pensar em nada?

— Tantas vezes, Sr. Bazilio.

— Pois, meu caro senhor, eu fiquei nesse estado, não sei por quanto tempo... por todo o tempo que levou a passar a porcada por baixo da arvore a que eu me tinha refugiado.

Creio que durou por mais de uma hora, porque, sem exagero, passaram mais de quinhentos mil porcos!

Pois bem. O melhor da função é que sahi daquelle pesadelo exactamente quando vinha chegando a minha arvore o ultimo porco montado por um caboclinho, vermelho como barro cozido, de olhos que pareciam carvões accesos.

Ahi tem o que o senhor procurava, senhor Bazilio, disse eu suando frio; que o caso não era para menos.

O porco cavalgado era do tamanho de um porco de vara, e tando se destacava da lotada pelo tamanho, como pela cor, que era muito mais rosilha.

Meu Santo Antonio de Lisboa, gritei dentro de mim, valei-me neste apuro, que vos prometto nunca mais metter-me em camisas de onze varas.

Não sei si o demoninho do caboclo leu em meu pensamento; o certo é que ri-se para mim e, apeando- e do porco, subiu ao galho em que eu me achava e sentou-se muito frescamente a meu lado.

elle sempre saberá manter ou affastar seus instrumentos do theatro dos acontecimentos, conforme elles tiverem comprehendido sua missão, ou abudado, para servir suas vistas pessoais, da potencia que tiverem adquirido por seus successos. Tendes o exemplo do Cesar moderno e o meu. Eu tive, por varias existencias miseraveis e obscuras, de expiar minhas faltas, e vivi pela ultima vez na terra sob o nome de Luiz IX. — *Julio Cesar.*

Quem ler esta comunicação ás pressas, e não a fizer passar pela fieira da meditação e do estudo, julgará desde logo que ella vem pregar doutrinas immoraes, encomiar a guerra, insinuando que se a deva manter permanentemente entre os homens.

Não; o espirito da lição que vem acima é affimar que a Providencia sabe do proprio mal fazer resultar o bem; e, si a guerra é dos males o maior, nem por isso ella se exime á lei geral. Enquanto o atraso dos homens faz necessario um mal, o principio do bem delle se aproveita, tendo em vista o desenvolvimento e o progresso geral. Não quer isto dizer que se não deva, como é obrigação, trabalhar pela extincção successiva de todos os males. Assim é que da feroz instituição da escravidão sortiram beneficios geraes para a sociedade, quando ainda no periodo rudimentar da agricultura, e para certos espiritos que nella encontraram meio de adiantamento e de progresso. Mas nem por isso deverá se quedar a consciencia christã e sobretudo a consciencia spirita, quando se agitou a questão do golpe final.

Dizer, pois, que as guerras têm semeado idéas fructificadoras, que, com sua ecloção, concorreram para o progresso de certos povos, é só affirmar a sabedoria e a misericordia divinas. Reflictam os spiritas antes de concluirem apressadamente.

COMMUNICAÇÕES

Grupo Perseverança

Havia em cidade bem proxima do Rio um homem cuja fama chegára

— Bazilio, me disse, você me invadiu os dominios sem minha licença.

Ouvindo o diabinho chamar-me pelo nome fiquei passado de medo. Não ha duvida é o diabo!

— Senhor... gagueiei, senhor... com os e chama V. S.?

— Chamo-me caipora e sou o senhor destas quebradas, cujas coisas me pertencem e só podem ser tomadas por aquelles a quem dou licença.

— Caipora! exclamei. Pois isto é que é caipora?

— É o que queria então que eu fosse, Bazilio.

— Nada, respondi satisfeito porque ao menos não tinha que haver-me com o demonio.

Pois, Sr. caipora, eu não entrei nos seus dominios voluntariamente.

Só costume cagar no sopé da serra e no valle; mas um maldito veado, que descobri lá em baixo, me atrahiu para aqui, onde prometto nunca mais voltar.

Si lhe offendi, queira perdoar-me.

— Não se trata de perdão, Bazilio, trata-se do imposto que me deve todo o que invade minhas terras.

Pago esse imposto; pôde voltar aqui as vezes que quizer, que nenhum mal lhe virá.

Não pagando tal imposto; daqui não sahirá mais e será o pasto dos meus entitús.

— Sr. caipora, eu sou pobre como Job e não posso pagar-lhe o seu imposto.

— Pois então, pagal-o-á com a vida.

Lembre-se de que tenho numerosa familia a quem sustento e tenha compaixão das creanças e dos velhos que só a mim tem por arrimo na terra.

O caipora ri-se e respondeu-me: — Bazilio, eu lhe quero bem e foi para fazer relações com você que mandei o meu veado atrahilo aqui.

— Muito obrigado, mas donde é que V. S. me conhece?

— Lá debaixo, onde você caça e onde

ao conhecimento de quasi todos, pelo grande numero de curas que elle, leigo e quasi analfabeto, havia produzido. Morava em um outeiro, e sua casa era constantemente o alvo de roumarias interminaveis: pôde-se bem dizer que nem um só enfermo desilludido da cura, deixou de procural-o. Bem que seus processos fossem primitivos, davam entretanto resultados miraculosos: muitos paralyticos andaram, muitos cegos viram, muitos obzados se libertaram. Aconselhava o uso de plantas que elle proprio fornecia, ou em caso de influencia espiritual flagellava o paciente até mesmo na propria face. Fallava com arrogancia aos espiritos, e com ameaças dava-lhes ordens. Sua religião pôde-se dizer que consistia em um mixto de magia e de feticchismo catholico; é assim que operava ante um oratorio com as imagens de alguns santos, alumados por uma lamparina constantemente accesa, e tendo ao lado uma vazilha, onde a gratidão dos enfermos lançava o obolo espontaneo, aconselhado pela generosidade. Vin-se muitas vezes perseguido pela policia como curandeiro, mas encontrava sempre o patrocínio de influencias poderosas. Mistico de raça elle tinha em suas veias o sangue dos aborigenes do Brazil; talvez nisto se encontrasse o segredo da confusão de cousas boas e mas, que era o caracteristico deste homem. Seja como for, pareceu ao grupo Perseverança que tal evocação deveria ser de alguns ensinamentos. Por isso em varias sessões se occupou com este espirito, como se veria dos trabalhos que vão seguir. A instrução inicial foi a seguinte:

« Deus, Creator e Pae infinito em seu poder, é infinito tambem em seu amor; porém o homem, por sua natureza mais accessivel ás sensações do que aos sentimentos, procura o de preferencia nas causas exteriores, isto é, nas manifestações do seu poder.

« Entretanto, carissimos, buscarei hoje por uma fraca comparação fazer-vos comprehender que o seu

eu não lhe podia fallar, porque não é meu reino.

— V. S. então é rei destas quebradas?

— Não sou rei; sou senhor e tenho poderes encantados, para fazer feliz o desgraçado, e desgraçado o feliz.

— Oh! senhor, então faça-me feliz deixando-me voltar para minha casa.

O caipora largou uma gargalhada que me fez arripiar as carnes, e mostrou-me duas fileiras de dentes mais agudos e afiados que o dos cães.

— Julga então que a sua maior felicidade é voltar para a casa?

— Certamente, uma vez que V. S. me condemna á morte por não ter eu com que pagar-lhe o tributo.

— Bazilio, você é homem de bem que eu sei.

— Lá isto é verdade, respondi enchendo-me de ar.

— Pois vou fazer-lhe uma concessão, que nunca fiz a ninguém: dou-lhe a liberdade sob a palavra de voltar aqui amanhã para me trazer o meu tributo.

— Mas eu já disse a V. S. que nada tenho de meu.

— Meu tributo não é pesado, Bazilio, consiste n'uma vara de fumo. Não pôde voce obter uma vara de fumo para salvar a vida?

— Lá isso posso eu, Sr. caipora. Pensei que era dinheiro, muito dinheiro, que V. S. exigia.

— Para que me serve dinheiro? tôlo.

— Pois então está feito o negocio: amanhã estarei aqui com a tal vara de fumo. E que fumo de fama!

Conversei ainda muito tempo com o meu novo amigo, senhor das enças das quebradas, e puz-me a panos sob palavra de voltar.

No dia seguinte enrolei a vara de fumo e largui-me para as quebradas.

— Mas o veado? Sr. Bazilio. Que fim levou o veado que seus cães perseguiram?

— Ora! o veado era encantado e quando acabei a conversa com o caipora, nem signal havia delle e os meus cães estavam

amor abrange tudo o que o seu poder criou. Assim como, sollicitos com os vossos tenros filhinhos, guieis seus primeiros passos, desperteis seus primeiros sentimentos, provocando seus desejos ou excitando sua curiosidade, assim vosso Pae faz convosco; porém, mais indoeis ás vezes do que as creanças, desviaes vossos olhares dos *objectos* que deviam atrahil-os; e deixaes a mão que quer vos guiar para procurar o que desejaes nas causas exteriores.

« Comprehendeis que refere-se a exposição que precede ao estudo, que vos propoendes fazer sobre um desses que, recabendo a missão de despertar o estudo dos homens, foi por elles tão pouco aproveitado, perdendo nisto um e outros. »

O trabalho com o espirito evocado foi neste dia o seguinte:

Espirito. — Respondo promptamente ao vosso appello, meus amigos, e da boa vontade responderei ás vossas questões, isto é, conforme me for permitido e conforme o pouco que poderei dizer-vos por meu conhecimento atrazado.

Evocador. — Que quereis dizer com essa permissão para responder ás questões? E' tal permissão dada ostensivamente ou intuitivamente?

Esp. — Que tudo o que podemos perceber, no estado em que estamos, não convem ser desvendado aos que estão ainda no captivo da materia, embora seus espiritos estejam aptos a recebê-lo; essa prohibição conhecemola e devemos respeitá-la como uma lei.

Evoc. — Desde muito que julgaes do mesmo modo como acabaes de responder?

E-p. — Tinha uma vaga intuição dessa lei, quando ainda estava entre vós; mas tenho della clareza perfeita desde a minha volta ao estado espirital.

Evoc. — Approvaes hoje os processos que empregaveis antes para com as pessoas que vos procuravam?

Esp. — Não; bem o comprehendeis, investido de um poder que então constatava, mas que não conhecia, faltei ao meu dever, e desconheci que me impunha um poder do

deitados debaixo da arvore á que eu subira.

Dizia eu: que no dia seguinte larguei-me para as quebradas com o tributo do caipora.

Audei toda a manhã; mas quem disse que acertava com o caminho?

Vo tar sem cumprir minha palavra não faria eu, nem que tivesse de passar pela bocca de uma onça.

Estava nessa resolução sem atinar com o caminho, quando ouvi uma voz que cantava:

Da casa de meu pai

Fugi;

Pr'a seguir meu amante

Aqui.

Meu pae me chora,

Minha mãe tambem;

Mas eu me rio

Junto a meu bem.

E outros versos que eu não decorei; mas que me fizeram conhecer que era u a princeza fugida do reino da lua e escondida nas quebradas da Uruburetama.

Que voz, Sr. Leopoldo! Parecia mesmo cousa encantada!

M rehei para onde ella vinha, com vontade de conhecer a tal filha da lua, por saber si era gente como nós; mas quanto mais andava, mais o demonio da princeza subia a serra, sem me deixar pôr-lhe os olhos.

Já estava fatigado, de botar a alma pela bocca, quando achei-me debaixo da arvore, onde se dera meu encontro com o caipora.

Daqui não passo, disse eu, e se elle não vier, não fui eu que faltei á palavra.

Trepei no galho, como na vespera, e fiz teugão de esperar alli os acontecimentos.

A voz da princeza emmudeceu, deixando-me uma tristeza no coração, como se sente quando se ouve uma viola tangida por mestre, fóra de horas.

Ouvi o rumor da porcada, que já conhecera e zás, ali estava o Sr. caipora.

(Continua)

qual me orgulhava: em vez de procurar o fim porque me tinha sido dado, procurava, ao contrario, rodear-me de tudo o que me podia dar mais prestigio aos olhos de meus semelhantes. Que engano! Que loucura! Pobre instrumento inconsciente que era, eis tudo!

Evoc.— Embora não sendo taes processos convenientes, davam ou não resultado?

Esp.— Davam, sim, como bem o o sabeis; porém não por virtude propria.

Evoc.— Tinheis consciencia na terra do modo como obtinheis taes resultados?

Esp.— Os resultados se davam, eu os verificava; porém não podia no certo explicar como nem porque lei eu me sentia em relação com influencias occultas, nem tão pouco conhecia as leis que se lhe relacionavam.

Evoc.— E hoje já conheceis?

Esp.— Hoje as conheço até certo limite, porém não completamente.

Evoc.— Como encarnado não tendo conhecimento sobre as leis, destes o salto de conhece-las hoje?

Esp.— Eu não me retiro aqui ás leis geraes, mas sim á lei particular, ás relações entre a vida espirital e a carnal, relações que não deveis extrinhear serem mais claras para mim agora no estado natural de espirito; relações que eram singularmente obscurecidas pelas idéas orgulhosas que me perturbaram e que me causaram profundo arrependimento, desde que lhes reconheci a vanidade e a insensatez.

Pelo adiantamento da hora, adiou-se o trabalho, que foi encerrado com a seguinte instrução:

« E' uma tendencia geral da humanidade attribuir-se os dons que a bondade de Deus lhe concede para auxiliá-la no seu progresso. Despi-vos, meus caros filhos, dessa tendencia, e recebereis abundantemente as graças do Senhor. »

Luiz.

Na sessão seguinte o trabalho começou por esta instrução:

« Pelas relações travadas com o espirito evocado, deprehendeis que persiste ainda nelle essa tendencia a impôr-se, que o dominava durante sua ultima encarnação, porém já diminuida pelo conhecimento mais claro que tem das cousas. »

Luiz.

Esp.— Tendes-me do novo entre vós; podemos reatar a nossa conversação interrompida.

Evoc.— Disestes que ha cousas que percebeis e não podem ser desvendadas em virtude de uma lei que deveis respeitar; e, si se tratar de espiritos rebeldes que a nenhuma lei querem obedecer, o que os veda de publicarem as cousas interditas?

Esp.— Uns obedecem á lei, outros são submettidos á força della?

Evoc.— Como esses ultimos são submettidos á força da lei?

Esp.— São justamente essas cousas que difficéis se tornam a vos ser explicadas.

Evoc.— Os adiantados, caso quizessem, poderiam publicar?

Esp.— Si vos disse que os primeiros obedecem, tornavam-se, si tal quizesse fazer, no caso dos segundos.

Evoc.— Em que circunstancias vos achastes assim logo que vos desprendestes da materia?

Esp.— Achando-me pouco mais ou menos consciente das cousas de além vida, admirei-me muito do meu novo estado, mas nada me parece estranho no meio em que me achei como transportado.

Evoc.— Então não passastes pelo periodo da perturbação?

Esp.— Sim, como quasi todos; mas esse estado, apesar de penoso, não

differia muito do estado immediatamente precedente.

Evoc.— Mas em que consistia a vossa perturbação?

Esp.— Como poderei compará-la? Não é um estado que se possa bem fazer sentir a quem não tem lembrança delle; e depois não é commum a todos no mesmo grau. E' uma questão ainda essa que não pode ser bem claramente definida; para uns, um estado afflictivo em extremo; para outros, uma especie de amuillamento passageiro; para outros ainda, um estado entre o sono e a vigilia. Para mim foi um tempo de incerteza davi-diosa em que fazia esforços para despertar de um sono penoso.

Evoc.— Ao desprender-vos, encontrastes desde logo os espiritos que serviam-se de vossa mediu-nidade?

Esp.— Não foram esses os primeiros de que me achei cercado, somente entrei em relação mais tarde, depois da posse completa de mim mesmo, e da plena consciencia.

Evoc.— Ainda hoje os tem sujeitos a esses mesmos espiritos?

Esp.— Sim, pois que me são superiores.

Evoc.— E tendes alguns espiritos que estejam sujeitos a vós, que vos obedecam cegamente?

Esp.— Não; para o bem ainda sou dirigido, mas não dirijo ninguém.

Na seguinte sessão começou assim o trabalho:

« E' bem diversa, carissimos filhos, uma simples tendencia, como a que vos assignei, de um vicio. Esse, aliando-se á vontade, subjugá o espirito, obscurece a razão e manifesta-se em qualquer meio e em quaesquer condições. Enquanto que uma tendencia sempre dominada pela razão se manifesta ou se modifica em relação das facilidades que encontra no meio e nas condições. Eis o que, com um estudo attento, podereis deprehender das relações que já ti-vestes com o espirito que vos occupa. »

Esp.— Ouvi e é perfeitamente justa a distincção. Mais uma vez compre-hendo que o melhor alvitro para mim é collocar-me com toda humildade na posição que realmente é a minha, e que vos asseguro é bem pequena.

Evoc.— Recordas-vos das encarna-ções precedentes áquelle em que vos chamastes H.?

Esp.— Não me recordo de um modo claro; porém, como para algumas respostas que vos tenho dado... vou pedir... esclarecimentos. Vejo quadros bem negros, meus amigos; quereis conhece-las? Não me obrigueis a demorar-me neste triste logar!

Evoc.— Qual a relação entre a existencia de H. e as precedentes?

Esp.— H. devia servir-se, para reparar o mal que tinha feito, da mesma organização que lhe tinha servido, e, como nada acontece sem fim, esses mesmos processos grosseiros que ainda empregava tinham tambem o duplo fim de provocar a attenção dos que têm por missão investigar; por isso H. era instrumento de sua propria rehabilitação e instrumento tambem dos fins geraes.

Evoc.— Mas qual era a natureza dos espiritos que vos auxiliaram nesses processos grosseiros?

Esp.— Não diviso bem as differenças; agiam sem devida para o mal; porém minha intenção sendo o bem, elles não conseguiram o mal sinão na medida que devia ser determinada, é certo.

Evoc.— Permitti que adiemos para a proxima reunião a nossa conferencia: temos muito que reflectir sobre vossas respostas.

A instrução final foi do seguinte theor:

« Todos os preceitos do grande

Mestre trazem o cunho de sua alta sabedoria; porém um dos que mais deveis meditar é o que vos previne em não julgardes, pois que Deus penetra as causas determinantes de nossas acções, e julga não as acções, mas as suas causas conforme as leis de mais recta equidade; e, como Pai bondoso, prodigaliza os thesouros de sua misericordia a todos os que, arrependidos e humildes, supplicam-lhe perdão e auxilio. » Luiz.

Na seguinte trabalho, recebeu-se na hora apropriada esta communica-ção inicial:

« E' quando interrogaes carissimos filhos, que as condições em que vos achaeis, os sentimentos que dictam as vossas interrogações devem ser puros e humildes, pois que estaes disto bem certos, têm influencia grande, sobre a natureza das respostas que vos são dadas. Interrogaes pois, porém observae bem as condições, si quereis tirar resultado satisfactorio e proveitoso. » Luiz.

(Continua)

MISCELLANEA

Os tres cegos

PARABOLA

Sessão da Sociedade Parisiense em 7 de Outubro de 1859

Um homem rico e generoso, o que é raro, encontrando em seu caminho tres infelizes cegos, esgotados de fome e de fadiga, deu a cada um uma moeda de ouro. O primeiro, cego de nascimento, irritado pela miseria, nem mesmo abriu a mão; nunca tinha visto, dizia elle, offerecer-se ouro a um mendigo: a cousa era impossivel. O segundo estendeu machinalmente a mão, porém regeitou logo a offerta que se lhe fazia; como seu amigo, elle a considerava uma illusão, ou o producto de pessima cassoada; em uma palavra, julgava-a uma moeda falsa. O terceiro ao contrario, cheio de fé em Deus e de intelligencia, e a quem a finura do tacto tinha em parte substituido o sentido que lhe faltava, tomou a moeda, apalpo, e, levantando-se, abençoando seu benefactor, partiu para a cidade visinha a procurar o que faltava á sua existencia.

Os homens são os cegos; o spiritismo é o ouro; julgai da arvore por seus fructos. — LUCAS.

Dirkse Lammers

Sessão da 11 de Novembro

Sob este titulo, lê-se na Revista de 1859 do Sr. Allan Kardec:

O Sr. Van B..., de Haya, presente á sessão, expõe o seguinte facto, que lhe é pessoal: Em uma reunião spirita, a que assistia, em Haya, manifestou-se espontaneamente um espirito, que se apresentou com o nome *Dirkse Lammers*. Interrogado sobre as particularidades que lhe diziam respeito e sobre os motivos de sua visita, contou assim sua historia:

« Vivi em 1592, e enforquei-me no logar em estaes neste momento, em uma estrebaria de vacas, que então existia onde se acha a casa actual. Eis em que circumstancia: eu tinha um cão e minha visinha tinha gallinhas. Meu cão estrangulou suas gallinhas, e a visinha, para se vingar, envenenou o cão. Em minha colera bui e feri esta mulher; ella chamome perante a justiça, e eu fui condemnado a 3 mezes de prisão e 25 florins de multa. Posto que bastante leve tivesse sido a condemnacão, concebi odio contra o advogado X..., que

a tinha provocado, e resolvi delle vingar-me. Esperei-o em um caminho e caso, por onde todas as noites elle passava para ir a Loosduinen, perto de Haya, estrangulei-o, e pendurei-o em uma arvore. Para fazer crer em um suicidio, metti em seu bolso um papel de antemão preparado, como si fosse por elle escripto, no qual dizia que não se accusasse ninguém de sua morte, visto ter sido elle proprio quem cortára o fio de sua vida. Desde este momento o remorso perseguiu-me, e tres mezes depois eu me enforquei, como já disse, no logar em que estaes. Venho, impellido por uma força a que não posso resistir, fazer a confissão de meu crime na esperança de que poderá isto talvez accarretar algum alivio á pena que desde então soffro. »

Esta narraçáo feita com particularidades tão circumstanciadas, tendo admirado a assembléa, tirou-se informaçáo e soube-se, pelas pesquisas feitas no estado civil, que com effeito, em 1592, um advogado, chamado X..., havia-se enforcado no caminho de Loosduinen. O espirito *Dirkse Lammers*, evocado na sessão da Sociedade de 11 de Novembro de 1859, manifestou-se por actos de violencia, quebrando os lapis. Sua escripta era interrompida, grossa, quasi illegivel, e o medium experimentava extrema difficuldade em traçar os caracteres.

1. Evocação.—R. Eis-me aqui. Para fazer o que?

2. Reconheceis aqui uma pessoa com quem ultimamente vos communicastes? — R. Dei bastantes provas de minha lucidez e da minha boa vontade: isto deveria bastar.

3. Com que fim vos communicastes espontaneamente em casa do Sr. Van B...? — R. Não sei: fui lá enviado; não tinha por mim mesmo grande vontade de contar o que fui forçado a dizer.

4. Quem vos obrigo a fazel-o? — R. A força que nos conduz: nada mais sei: fui arrastado a meu pesar, e forçado a obedecer aos espiritos que tinham direito de se fazer obedecer.

5. Estaes contrariado de vir ao nosso appello? — R. Muito: não eston aqui em meu logar.

6. Sois feliz como espirito? — R. Boa pergunta!

7. Que podemos fazer para vos ser agradável? — R. Quererieis, porventura, fazer alguma cousa que me fosse agradável!

8. Certamente: a caridade ordena-nos que sejamos uteis, quando podemos, tanto aos espiritos como aos homens. Pois que sois desgraçado, imploraremos para vós a misericordia de Deus; trataremos de orar por vós. — R. Eis, desde seculos, as primeiras palavras desta natureza que me são dirigidas. Oh! obrigado! obrigado! Por Deus! que não seja uma vã promessa, eu vos rogo.

Attenção

Recommendamos aos nossos agentes

do interior e aos demais confrades

que toda correspondencia deve ser

dirigida a ALFREDO PEREIRA —

R. da Imperatriz 83, 2º andar, con-

forme está declarado no cabeçalho

desta folha.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz 83, 2º andar.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Abril — 15

N. 202

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz),
o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Bataira, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedito José de Souza Junior, rua da Constituição n. 117.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Resario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico commecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

Pedimos a todas as pessoas que recebem o Reformador immediata participação de alguma falta que por acaso possa haver na entrega da folha assim de ser promptamente providenciada.

O Novo Codigo Penal e o Spiritismo

VI

Entre as varias cousas em que *pari passu*, havemos acompanhado o Sr. Dr. Baptista Pereira, occorreu-lhe tambem dizer que « pediamos uma carta de seguro que nos habilitasse a explorar a lucrativa industria sem riscos nem perigos. »

Vão neste dizer duas affirmações, que cumpre desde logo contestarmos: nem pretendemos privilegio para sem concorrência occuparmos de spiritismo, nem este é industria, e muito menos lucrativa.

Não pedimos carta de seguro para nós só, que já de muito nos senhoreámos de algumas das leis que regem os phenomenos spiritas; mas sim para o Sr. Dr. Baptista Pereira, para os representantes da sciencia official ou não, para quem quer que levianamente não aventa opiniões em materia experimental sem investigal-a, para todos enfim, porque a todos não cessamos de repetir que não se convencam apenas por palavras, embora de

autorizados, mas pelas investigações proprias.

Não é certamente pedir carta de seguro, o que vale quasi dizer solicitar privilegio, representar aos poderes publicos contra a phrase *praticar o Spiritismo*, que, sabemos todos agora, tem uma extensão maior do que o pensamento que a ditou.

A mesma accusação caberia aos chimicos, por exemplo, si solicitassem uma revisão do código, que por ventura inscrevesse como crime — *praticar a chimica*, quando seu autor, assustado com os prejuizos que á saude publica pudessem produzir umas quantas manipulações de certas substancias, tivesse querido apenas refreiar tal perigo. Seguramente aos chimicos não imputaria o autor do código pretenderem uma carta de seguro.

Permittido nos seja confessar que nos enganámos: imputaria sim, caso, tendo ouvido dizer que se occupa a chimica com a mistura e combinação de certos corpos, baralhasse as idéas, condemnando com as palavras — *praticar a chimica* os manejos de certos africanos que *tambem* misturam substancias para criminosamente despertar amor ou odio, curar molestias, fascinar a credulidade publica!

Tal hypothese felizmente não se deu; o Sr. Baptista Pereira não condemnou a chimica; esta sciencia com effeito se professa em alguns estabelecimentos da Republica.

Para mal do Spiritismo, porém, nenhuma das academias o reconhece, ou melhor o conhece: dali serem seus cultores envolvidos na leva dos que, charlatães, pretendem fascinar a credulidade publica. E' bem de ver que, em taes circumstancias, difficil não é confundir suas queixas com uma solicitação de carta de seguro.

Razão, teve, pois, o Sr. Paptista Pereira para mal nos julgar: a sciencia official, que, em todos os paizes e em todas as épocas, foi sempre a palavra infallivel, ainda lazeres não teve para, mesmo sem os proventos da herança, perfilhar o Spiritismo.

Desculpe-nos o illustre autor do código si, sem procuração, nos constituímos assim seu advogado: cumpriamos correr em sua defesa, agora principalmente que, mais bem elucidado,

irá, em consciencia, corrigir o que só a acção do meio permittiu que bem certo não sahisse.

Entretanto não podemos até o fim levar a defesa, porque não mais a acção do meio, porém, a só preocupação de um ponto minimo não deixou ao legista olhos para ver ao menos a vastidão, quasi sem termos, dos dominios do spiritismo: foi, sem duvida, por isso que julgou poder rebaixal-o a uma « industria sem riscos nem perigos »!

Nem a outra causa poderemos attribuir os nobilissimos intuitos do illustre codificador, quando, ao perguntarmos pelo nominativo do Spiritismo, responde-nos sempre elle pelo ablativo da mediumnidade curadora,

Não, não attribuiremos, como o poderiam fazer alguns ladinos, que não tivessem a nossa simpleza columbina, a uma rabulice de provisionado de aldeia o facto de, por termos numeralemente citado o art. 158 em vez do 157, argumentar o illustrado legista como si mesmo daquelle artigo e não deste tivessemos cogitado: a simples leitura dos argumentos propostos bastaria a qualquer, infinitamente menos habil do que o illustre codificador, para desfazer toda a duvida. O erro de todos nós proveio de termos lido o código, não pelo *Diario Official*, mas pelos outros jornaes, que tendo numerado o art. 22 como 23, augmentáram uma unidade a todos os que se seguiram.

Ora a opinião publica (*vox populi, vox Dei*) já por tal sorte cercou o Sr. Baptista Pereira com a aureola de intelligencia e caracter, que nescios seríamos, si, unindo-nos aos referidos ladinos, espozassemos suas opiniões.

Habitado, por força da profissão, a tratar de causas que se referem a empresas industriaes, julgou o Sr. Baptista Pereira que nos mesmos casos estaria o Spiritismo; mas, como nelle não visse jogo de capitaes, considerou-o uma « industria sem riscos nem perigos ».

Cumpré, porém, que se desvanega tal conceito: o Spiritismo condemna explicitamente, terminantemente, qualquer exploração que tenha por base as relações entre os dous mundos.

Ora, já sabe o Sr. Baptista Pereira

que busca o Spiritismo nortear-se pela Moral que desenove seculos ha, tão, altamente echoou na Judéa: timbre fazem, pois, os spiritas em trazerem por cór a lição inolvidavel:

« Dar de graça o que de graça se recebem. »

Mais ainda: em caracteres indeleveis busca o Spiritismo gravar no coração humano: caridade até o sacrificio, amor ao proximo até a abnegação, solidariedade universal.

Pondo por obra taes principios, não ha na consciencia spirita sobresaltos, nem desenfreado de ambições: ella sabe do Mestre Nazareno que a pratica do bem deve só ser pelo amor do bem. Para ella, pois, o altruismo não é virtude, mas tão só cumprimento do dever.

Satisfeito com as alegrias do semelhante, ou chorando lagrimas sentidas em seus transees dolorosos, sabe o spirita que está cumprindo a boa obra da solidariedade.

Correndo a mitigar todas as dôres, a saciar todas as fomes, a desalterar todas as sêdes, sabe elle que está na tarefa fraternal de seu ministerio.

Pensa porventura no lucro directo ou indirecto, material ou moral que lhe possa advir dahi? Não, não: basta só pensar para que lhe venham onus por proventos. E' dever? Cumpre-se simplesmente.

Responda agora o autor do código a si mesmo, si ha neste quadro, perfunctoriamente esboçado, o que quer que seja do industrialismo sem risco nem perigos, com que lhe aprouve manchar o que ha de mais santo, mais puro, mais proveitoso.

Certo de que um código é um padrão perduravel, em que se retratam as condições moraes de uma época e convencido de que as *praticas do Spiritismo* não são o que punir pretendem, vai sem duvida o Sr. Baptista Pereira empenhar-se por fazer desaparecer do código aquellas fataes palavras.

Do contrario poder-se-ia suppor que Themis está vendada, não para imparcialmente distribuir justiça, mas por não ver as tyrannias, que se adornam com seu nome.

(Continua)

NOTICIÁRIO

31 de Março. — Em homenagem ao alto espirito que, neste dia, trocou as roupagens carnaes e pesadas deste planeta de provas pelas brilhantes e ethereas dos que se aureolam com a pura luz, celebron neste dia a Federação Spiritica Brasileira uma sessão extraordinaria. Pretendendo assim commemorar a transformação feliz por que houvera passado aquelle que na Terra, sob o pseudonymo Allan Kardec, construiu a obra genial que veio trazer a acceleração dos passos da humanidade para seus altos fins, quiz concorrer a Federação para que pudessem os spiritas reunidos, em um palpar unisono de corações, depôr no altar da gratidão a memoria venerada do mestre nunca esquecido. Porque eram spiritas os que neste dia se reuniam, souberam calcar o egoismo, escondendo no mais fundo de suas almas o doce mas triste sentimento da saudade, para só dar expansão ás alegrias pela felicidade do mestre em abandonar a athmosphera pesada das paixões para alar-se ás leves regiões da virtude. Enchendo, neste dia, sua mesa de trabalhos, de seda, de flores e de luzes, quiz com isso a sociedade que todos se banhassem exteriormente nos tons alegres e claros em que interiormente se rejubilavam seus spiritos. E' por isso que a nota dominante da sessão foi de principio a fim, um hymno de gratidão entoado por todas as boccas para honrar a memoria do missionario illustre do seculo XIX. Assim o entendeu o orador official *ad hoc* nomeado, Sr. Senador Pinheiro Guedes, que, fallando tambem em nome da União Spiritica do Pará, soube fielmente traduzir os sentimentos de seus representantes.

A este orador seguiram-se os representantes de diversos grupos e sociedades, dirigindo todos ao espirito venerado a palavra de affecto, que estavam encarregados de transmitir. Assim fallaram os Srs. Dr. Ernesto Silva em nome do Grupo Perseverança, Casemiro pela União Spiritica, Cirne pelo Grupo 7 de Março, Ulysses Cabral pelo Grupo Amor e Caridade, Josino da Silveira pelo Grupo S. Manuel, João Kall pela Sociedade Fraternidade, Nelson de Faria pelo Grupo Abnegação, Noya Junior pelo Grupo S. Francisco de Paula, Luna Junior pela Sociedade Santo Antonio de Padua e Grupo Anjos da Guarda, Fernandes Figueira pelo Grupo Estudos Spiriticos, José da Silva Rego pelo Grupo Santo Antonio de Padua em Nitheroy.

Ao encerrar a sessão dirigiu o presidente as seguintes palavras mais ou menos ao numero auditorio que enchia as sallas e o corredor: Senhores e senhoras, desculpe si desta vez não vos dirijo palavras de agradecimento por ter a honra e o prazer de ver-vos no meio de nós. A isso obrigam-me os vossos mesmos representantes, que todos acordeamente entenderam ser dever expandir os sentimento da gratidão ao vivo de hoje e morto de hontem, em honra de quem nos reunimos aqui. Mas, porque somos spiritas, o que vale por dizer discipulos do Grande Missionario da Judea, permiti que vos rememore uma de suas parabolhas, que applicação tem ao momento. Em caminho para Jerusalem encontrou Jesus dez leprosos, que instantemente lhe rogaram que os curasse. «Ide disse Jesus, mostrae-vos aos sacerdotes». Em caminho ficaram todos curados; nove proseguiram viagem, um, porém, voltou sobre seus passos a render graças a Deus pela maravilha da cura, que por seu emissario houvera feito. «Mas eis dez e vejo aqui um só, disse Jesus, este mesmo é um samaritano: vossa fé vos

salvou.» Sejamos sempre, senhores, como o samaritano: saibamos cultivar a gratidão.

Conferencia spiritica. — A's 8 horas da noite de 20 de Março proximoamente passado, perante numero auditorio, teve lugar, na salla da Federação, a annunciada 3.ª conferencia. Occupou a tribuna o illustre professor Ulysses Cabral, cuja palavra facil e prompta traz sempre os ouvintes suspensos de seus labios. Quizeramos poder reproduzir em nossas columnas o discurso do illustre confrade, com as proprias palavras, e no estylo florido que tantos applausos mereceu: sejamos, porém, desculpa de não o fazermos a falta de um tachygrapho. Em todo caso servir nos-ão as notas que, ás pressas, pudemos tomar, para dar aqui a summa da conferencia. Disse mais ou menos o seguinte:

Justificam os sentimentos de satisfação que teve, quando recebeu convite para fazer esta conferencia — a vontade de ser util — a vaidade de concorrer com sua pedra para a edificação do templo desta santa doutrina do Spiritismo — a utilidade de se entregar a esses estudos, que são sempre proveitosos, para, com acerto, poder dizer alguma cousa.

E' tão doloroso dizer que ainda não ha Spiritismo verdadeiro, como doloroso é ver o sentimento de desanimo que lavra nas fileiras spiritas. Por sua parte concorrerá com todas as forças para que haja irmãos na familia spiritica, e para que sejam uniformizadas as suas praticas, das quaes provem a força da doutrina.

Para o desenvolvimento das theses que pretende sustentar, julga dever definir o que sejam — o Spiritismo, — o medium — o grupo. O Spiritismo, enquanto não for profundamente estudado, não pôde ser comprehendido. Uns dizem sciencia; affirmam outros é religião; asseveram alguns é philosophia. E' tudo isso, porque não pôde ser limitado tão somente a um desses sentidos, nem encarado por uma só de suas faces. Como sciencia o Spiritismo estuda a vida humana em suas phases terrena e postuma; como religião ensina todos os nossos deveres e relações sociaes; como philosophia, enfim, eleva-se ao conhecimento das causas. Mas tudo isto de um modo tão alto e preciso que é para admirar que elle ainda não esteja eivado de seitas, como todas as religiões.

Define em seguida o que seja medium, e entra na apreciação dos grupos em geral, que, no seu entender, bem se poderiam chamar agencias de novidades. Julga que assim, em vez de servirem á propaganda, têm um effeito contrario. Conhece, com effeito, algumas pessoas que não vão a grupos por terem sido sempre mystificadas; e outras um tanto incredulas que, procurando investigar, recusaram de similhante proposito, por não terem encontrado seriedade nos grupos. Ha spiritas fieis á doutrina, que, não obstante serem grandes trabalhadores, grandes propagandistas, por assim dizer spiritas da primeira hora, não são entretanto os maiores frequentadores de grupos. O orador não aconselha que se frequentem os grupos taes como estão constituídos, porque, em vez de adiantamento, pôde-se colher atrazo. Precisamos educar nosso coração, nossos sentimentos, pois não somos perfeitos, nem podemos ter pleno conhecimento do fim a que tendem nossos actos, e quaes as suas ultimas consequencias. Grande é a responsabilidade da criação de grupos e de sua direcção. Elles são em geral, dirigidos pelos mediums ou por seus presidentes, e deposita-se nos primeiros plena, absoluta confiança. Isso não deve continuar, porque o medium pôde ser instrumento inconsciente da

despropaganda: deve portanto ser bem ponderado tudo o que elle produz; como mesmo elle deve ser estudado até em suas condições physicas. Cita a proposito uma phrase que allures leu: «um corpo não pôde produzir cousas sans: um corpo doente não pôde produzir os mesmos resultados.» Estamos no caminho de saber como nos devemos dirigir; por isso faz a todos um appello para que vejamos o modo de melhor educar os nossos mediums. Nenhum grupo devia admitir medium a trabalhars em ser convenientemente estudado em suas aptidões, é a idéa do orador. Occorre-lhe a criação de uma sociedade para levar avante essa idéa, para crear bons mediums, que são os apostolos do Spiritismo. Entrevio mais ou menos essa idéa na criação do Grande Oriente Maçonico Spiritica, de que dá noticia o ultimo numero do *Reformador*. Exemplifica o caso da iniciação no Spiritismo. Ao estudar as aptidões medianimicas, devera se exigir do medium o pleno conhecimento da doutrina. Por outro lado, muitas vezes debaixo de pressões pecaminosas vae-se a uma sessão, e lá trata-se de aconselhar a spiritos, que chamamos inferiores! Que caridade é essa que se proclama nos grupos? Sob este ponto de vista aprecia os nossos mediums, e os nossos irmãos spiritas, que têm caridade só em nome, e retrahem-se ao menor appello de um necessitado! Entretanto não quer dizer que seja esta a regra mais geral, porque ha no spiritismo irmãos dedicados, confiantes, e dignos: aproveitemos esses elementos bons para a divulgação da verdade. A materia é vasta, e por isso pede licença para, terminando aqui, occupar-se em outra conferencia do que deva ser propriamente o grupo, e da educação dos mediums.

Correspondencia do estrangeiro. — De uma carta do nosso confrade Sr. Dr. Waldimir Matta, que se acha presentemente na Europa, extrahimos os trechos seguintes, cujo conhecimento é de utilidade geral:

«Em Napoles não existe nenhum grupo spiritica; estou, porém, muito esperançado de fundar um pequeno centro antes de retirar-me daqui.

«Pelo que tenho obtido creio que Deus, em sua inexaurivel misericordia, tem vindo em auxilio desse bom povo, e bons são os espiritos que comparecem para guiar as experiencias que apresento aos que desejam ver. Quero crer tambem que elles me auxiliam nas explicações que dou a respeito dos topicos capitaes da doutrina.

«Basta o seguinte exemplo para se conhecer o que tenho obtido aqui: Domingo passado (22 de Fevereiro) fiz deante de sete pessoas uma experiencia com uma mesinha de quatro pés; a mesinha executou tudo quanto se pediu — corren a casa, deitou-se, virou-se de pernas para o ar, depois retomou a posição natural. Cumpre observar que as sete pessoas tinham apenas as pontas dos dedos sobre a superficie da mesa. Porém o que mais admirou a todos e mesmo a mim, que nunca tinha observado o phenomeno de modo tão frisante, foi o facto de ter sido completamente violada a lei de gravidade, quando a mesinha voltou á posição natural. Em meio desse tracto chamei a attenção dos presentes, e exigi de todos que collocassem somente a extremidade dos dedos sobre a parte de cima da mesa, afim de não restar a minima daviada.

«Emquanto assim procedia, a mesinha manteve-se immovel, durante um minuto mais ou menos, para depois tomar o movimento ascensional. Resultado final da experiencia: sete

convertidos. A continuar assim, vê que tenho justos motivos para alentiar a esperança de organizar um pequeno centro.

«Peço que communique aos membros da Federação estes factos, e que, si chegar a agremiar os convencidos em um centro, por escripto informarei á Federação, fazendo sciente da existencia de um novo grupo, e pedindo o auxilio della para os nossos noveis confrades.

«Cumpre mais notar que em todo procederei como membro e delegado da Federação Spiritica Brasileira.

«Em Abril pretendo seguir para Paris, e só então poderei cumprir o mandato de que fui revestido pela Federação.»

Caso estupendo. — Em confirmação do facto que, sob este titulo, e responsabilidade de um nosso confrade, publicamos no penultimo numero do *Reformador*, recebemos a carta e documento infra, que nos apressamos a dar publicidade.

Caro irmão. Junto a esta remetto uma declaração escripta de pessoas, que foram testemunhas oculares dos factos produzidos por Manoel, vulgo o Encantado. Não apresento mais testemunhas por morarem ellas muito distante daqui. Disseram-me que o Sr. Commentador Francisco Xavier do Amaral, residente em S. Christovão, é tambem testemunha de vista. Disponha do confrade e amigo, José Joaquim de Aquino Junior.

Eis o documento:

Nós abaixo assignadas, residentes no porto de Irajá, primas de Manuel Lopes dos Santos, vulgo Encantado, declaramos e juramos, si preciso fôr, ser verdade que davam-se os factos extraordinarios de, em nossa presença, tornar-se invisivel, entregar-nos objectos e fallar sem ser visto. Sabemos mais que algumas vezes veio da cidade em barcos, sem que o vissem, e outros casos identicos, publicados pelo Sr. Aquino no *Reformador*.

Irajá, 28 de Março de 1891.

A rogo de D. Virginia Roza do Espirito Santo — Alfredo Joaquim Pontes.

A rogo de D. Lucinda Angelica da Conceição — Francisco Xavier do Amaral Junior.

Centro Spiritica das Alagoas. — Graças aos esforços de alguns confrades deste Estado, acha-seahi o Spiritismo em pleno periodo de desenvolvimento. Assim é que, si ainda ha bem pouco, só o ridiculo, e muitas vezes até mais do que isso, era a partilha de um ou outro que, com a coragem da convicção robusta, patenteava suas crenças na communicação dos spiritos: si muito não ha que não se poderiam encontrar spiritas em numero sufficiente a constituir um grupo; hoje felizmente já vão desaparecendo os preconceitos, como até já existe o *Centro Spiritica das Alagoas*. Enviando daqui aos nossos confrades um grito de animação, para que continuem avante na proficua tarefa, espinhosa embora, de divulgar pelo Estado as grandes verdades de que estão de posse, unimo-nos a elles em espirito, para que maior somma de vontades tragam um resultado mais effizaz e mais prompto.

E' com prazer indefinivel que damos abaixo o officio, em que nos foi communicada a organização da directoria do Centro de Alagoas para o anno que corre:

Secretaria do Centro Spiritica das Alagoas em Maceió, 24 de Março de 1891. — Tenho a subida honra de comunicar-vos que, no dia 22 do corrente, o Centro Spiritica das Alagoas elegeu a sua nova directoria, que fica assim composta: Presidente, Alexandre José Ribeiro; 1.º secretario, José Pereira de Sant'Anna (releito),

2º secretario, Antonio Alves dos Santos Junior; orador, José Egydio da Fonseca (releito); thezoureiro, Felipe Sant'Iago de Abreu. — Esta sociedade espera continuar a merecer o auxilio que a ella tendes prestado com a remessa do vosso importante orgão, agradecendo de coração tanta fineza. — Saude e Fraternidade. — Aos Illustres Confrades Presidente e mais Membros da Federação Spiritista Brasileira. — O 1º secretario, José Pereira de Sant'Anna.

Après la mort. — Acabamos de receber de Tours, com um cartão de visitas do nosso amavel confrade o Sr. Léon Denis, um exemplar da obra que se titula com o nome da presente noticia. Da leitura que estamos fazendo, já para nós resultou a certeza de que o novo livro excede a toda a expectativa. Si o anno passado foi proficuo á causa do Spiritismo, em virtude do que produziu a imprensa, parece que este anno vamos caminho de um maior desenvolvimento. Porque o livro do nosso confrade deve ser manuseado por todos os spiritistas, julgamos que lhes seriam uteis, mandando vir, como o fizemos, um certo numero de exemplares, que cedemos pelo preço do custo. Pois que já deimos, em um de nossos numeros passados, noticia da obra de que vamos nos occupando, julgamos dispensados de dizer mais, mesmo porque já para nossas columnas começamos a transladar. Sejam estas palavras a prova do nosso reconhecimento para com o escriptor illustre, que nos doou com tão precioso mimo.

Proxima conferencia. — Sexta-feira, 24 do corrente, abrir-se-ão, pela quarta vez, as salas da Federação para a conferencia, de que ainda se encarregou o professor Ulysses Cabral. Levando esta noticia ao conhecimento de quantos se empenham pela alevantada causa do Spiritismo, estendemos assim a todos os spiritistas o convite que pessoalmente não pôde ser feito. Deve esta prelecção interessar sobretudo aos que se dedicam ás praticas spiritistas, porque será seu assumpto — a constituição dos grupos e o desenvolvimento dos mediuns. Na quadra actual, em que

se torna notavel a escassez destes intermediarios entre os dous mundos, muito de apreciar será a exposição de meios praticos, que levem o methodo e a uniformidade ao seio das praticas experimentaes. Votos fazemos, portanto, para ver apinhados, e a torno do conferentista, tantos quantos frequentam assiduamente os grupos spiritistas.

COMMUNICAÇÕES

Grupo Perseverança

Na immediata reunião foram inaugurados os trabalhos pela seguinte comunicação:

« Carissimos irmãos, vosso estudo só parece ter em vista a vossa instrução; entretanto, apesar de sua relutancia orgulhosa, as relações travadas com esse irmão infeliz, trazendo em sua memoria outras relações antigas, remotas mesmo, obrigaram-n'o a fazer reflexões salutaras. » — Luiz.

Em seguida deu-se o seguinte trabalho:

Evoc. — Em nome de Deus evocamos o espirito C.

Esp. — Na verdade e apesar da resolução que tinha tomado, estou aqui. Não sei quem de nós é mais louco: vós que me chamades, ou eu que vos attendo. Vamos, dizei-me...

Evoc. — Por que não quereis conversar connosco? Será mesmo porque suppondes que nossas opiniões divergem totalmente das vossas?

Esp. — Justamente; é esse o motivo.

Evoc. — Mas não é isto razão para não conversarmos: maior é o interesse, pois que as idéas differem.

Esp. — Mas não entrevejo resultado para o fim; será, pois, perder tempo agitar idéas que não podem aproveitar a nenhum de nós.

Evoc. — Não; não é tempo perdido para nós, nem para vós: as idéas são como sementes, que ficam em estado latente para germinarem opportunamente.

Esp. — Fallae, pois, claramente. Para que tantos preambulos? Tendes,

amada, quando fui despertado pelo tropel de um cavallo, que parou bruscamente no terreiro da casa.

De um salto vi pular em terra o cavalheiro que, pela descripção do Sr. Patricio, reconheci o meu homem, o Juca Columna.

O dia já começava a romper, dissipando as trevas da noite com os raios de luz que assomavam no Oriente.

— Guarde-os Deus, disse-nos o recém-chegado, entrando no alpendre ao tempo em que eu e Thomé erguimo-nos da rede.

— Deus o guarde, senhor; respondi eu. — Quem honra nossa casa? perguntou.

— E' o Sr. Juca, com quem fallo?

— Um seu creado, respondeu, encostando-se ao esteio que sustentava o alpendre e levantando o braço direito por elle acima, até fixar a mão no ganchão que segurava um dos punhos de minha rede.

— Vim aqui somente para fallar-lhe, Sr. Juca.

— Estou ás suas ordens; porém peço-lhe que me permita primeiro tratar de meu cavallo.

Em menos de meia hora o rapaz era com-mivo.

Senti profunda emoção quando á luz clara do dia encarei o homem que foi o amigo fiel de meu desgraçado irmão.

Eaa um homem cuja physionomia indicava bem os predicados essenciaes de sua alma.

Bastava olhar para elle, para se reconhecer que estava alli um leão, na intrepidez, na fereza e na nobreza.

Como se conciliam tão oppostos sentimentos?

A alma tem naturalmente todas as disposições boas e más e, encarnando, desenvolve aquellas que as circumstancias permitem, ou mesmo determinam.

O meio em que se achou aquelle homem foi, pois, o que fez d'elle um animal, mas rei dos animaes: valente, nobre e cruel.

Si tivesse formado seu espirito em outro meio, seria somente valente e cruel, ou somente valente nobre.

é certo, alguma coisa mais seria a me dizer do que palavras sem fim.

Evoc. — Dissestes da outra vez, que a existencia Claudino era um accidente, uma luta em que fostes vencido; não foi isso?

Esp. — Isso mesmo.

Evoc. — Desejavamos saber quem foi este vencedor; isto é, com quem entrastes em luta?

Esp. — Perguntaes-me isso assim tão naturalmente, como si eu fosse agora submettido a um interrogatorio! Dizei-me o interesse que tendes em sabel-o?

Evoc. — Não é só nosso interesse: mas perguntamo-vos isso, porque supponho que ha engano vosso, quando julgaes que a existencia Claudino foi devida a uma luta de que sahistes vencido.

Esp. — Pretendeis então ver mais claro do que eu no que me diz respeito? Fui vencido, sim; luto contra tudo o que me faz obstaculo, e lutarei, tenho-vos já dito, até vencer ou ser vencido.

Evoc. — Foi luta com espiritos como v's, que vos poz nas condições de Claudino?

Esp. — Luta contra os acontecimentos promovidos por forças contrarias ao principio que sirvo.

Evoc. — Mas estas forças eram intelligentes, ou forças cegas?

Esp. — Forças dirigentes, e por consequencia intelligentes.

Evoc. — Chegámos ao ponto capital. Dirigidas por quem?

Esp. — Dirigidas por quem?!... Ainda m'o perguntaes?!... por seres que servem uma causa contraria á que eu sirvo.

Evoc. — Foram esses seres que servem a essa causa contraria á vossa, que vos obrigaram a encarnar, a tomar esse corpo que tivestes sob o nome de Claudino, e que nós conhecemos?

Esp. — Não entendeis nada destas cousas; são os accidentes da luta; pôde-se soffrer revezes e tomar-se depois desforras; bem vedes que foi um accidente passageiro: estou de novo no meu posto, mais attento e mais experimentado.

— Dá tanto poder a educação? Sr. Dantas.

— Não ha negal-o Sr. Amorim, E' a segunda natureza do homem.

Entretanto eu fallo em these; porque tem-se uisto apesar della de paes venerandos procederem filhps perversos e de paes perversos, filhps respeitaveis.

— E então? Como explica essas excepções?

— Não sei sinão que ellas são uma realidade, mas parece-me que ellas revelam a preexistencia da alma.

Os que sahem bons, a despeito do meio ruim em que se formaram, são espiritos já tão affeitos ao bem, que o mal passa por elles, como agua por uma superficie envernizada.

Os que sahem ruins, apesar de se formarem em meio bom, são espiritos ainda tão atrasados, que resistem á acção do bem como a rocha resiste á acção da agua.

Estes hão de ceder, fazendo certo a agita cavat lapidema, porque o destino humano é a perfeição; mas, antes que se convertam ao bem, muito tem que soffrer e fazer soffrer.

— Sua theoria não será verdadeira, Sr. Dantas, mas é seductora e falla á razão e á consciencia.

— Deixemos os devaneios philosophicos e voltemos á mesma historia.

— Estou aqui para escutal-o e obedecer-lhe, disse-me o rapaz, collocando-se de braços cruzados diante de mim.

— Eu sou Leopoldo Dantas, irmão do infeliz Antonio Dantas, á quem o Sr. accompanhou em suas aventureiras viagens por sertões, segundo estou informado,

O rapaz, ouvindo meu nome, ficou tão abalado, que eu mesmo acreditei que tinha tido algum ataque.

Tudo o sangue affluia-lhe ao coração, deixando exangue todos os outros orgãos, principalmente o cerebro.

Os olhos ficaram empanados, como se a alma tivesse abandonado aquelle corpo,

Evoc. — A causa que fez com que reincarnasseis Claudino, foi e devia ser a mesma que fez com que reincarnasseis Fr. José. A vossa theoria, pois, do accidente passageiro da luta, em que se é vencido, e que explica a reencarnação Claudino, não é verdadeira: não explica todos os casos, todas as reencarnações, ou, phases da vida como dizeis.

Esp. — Mesmo como José vim servir minhas idéas; na outra fui obrigado a um exilio. Não acontece entre vós cousa semelhante? Não ides a um lugar qualquer, porque vos apraz? E não ides a outros, obrigado por quem mais pôde na occasião?

Evoc. — Poderieis obrigar um outro espirito vosso inimigo a se encarnar para este ou aquelle fim, assim como fostes impellido tambem por uma força á encarnação Claudino?

Esp. — Ainda não aconteceu isso entre vós, quando medis vossas forças nas lutas? Não sois hoje vencedor e amanhã vencido, para ainda depois d'amanhã tomar vossa desforra?

Evoc. — Não confundamos, nós não podemos transformar a natureza physica do individuo. Poderieis obrigar um vosso inimigo a se encarnar, para este ou aquelle fim

Esp. — Si eu for victorioso, poderei empregar contra os outros os mesmos meios que empregaram contra mim.

Sendo adiantada a hora o evocador convidou o espirito a proseguir na proxima reunião a conversa ora suspensa, e formulou a seguinte pergunta ao presidente espiritual:

P. — Será verdade o que disse o espirito: poderá algum espirito nas condições de Fr. José obrigar outro a se encarnar, tomando uma tal ou tal forma organica? Si assim não é, poderemos ser esclarecidos sobre o que nos disse tal espirito, e o que ha de verdade em todas as suas respostas?

R. — Carissimos, só pôde um espirito superior, em cumprimento da lei de Deus, obrigar os inferiores á reencarnação, nas condições expostas. »

(Continua).

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

A longa caminhada me tinha fatigado, e, apesar de tantos cuidados que me opprimiam, não sendo menor o de não saber quando voltaria o homem que me era necessario, dormi agradavelmente, embalado pelo fresco teral.

Tem razão os que aconsellam viagens a quem tem o coração ferido.

A variedade constante da scena, a distração que trazem os episodios os mais desconhecidos, fazem a illusão de que se é outro, e se vive em outro mundo.

A ferida, si é profunda, não deixa de sangrar; mas a alma não se embebe toda na dor, o que a augmenta cruelmente.

Eu não podia arrancar de meu peito a imagem de Alzira; porém, não levava as horas e os minutos a contemplal-a.

Tive treguas á minha dor, devido unicamente á impressão que produziam em minha alma as scenas e os episodios desse mundo, que me era desconhecido e se me apresentava insinuante.

Até fiz o proposito, caso não pudesse descobrir a minha Alzira, de vir acabar os dias que me restavam de vida neste meio singelo, natural e arrebatador!

A vida dos sertões era, para mim, como a da terra promettida, onde vertiam mel o leite.

Dormia, pois, tranquilla e agradável-mente, talvez gozando meu espirito as delicias de comunicar com o da minha

cuja cor a julgar pela da face, tornou-se amarella como a cera.

Conhecia-se que elle procurava no cerebro alguma cousa, mas que o grande orgão propulsor do pensamento, lhe recusava obediencia.

Era um estado semelhante ao que produz a catalepsia, com a differença de que o automatismo dominava, aqui, egualmente o corpo e a alma.

Um violento esforço desprendeu-o, em fim, daquelles laços.

— Jesus! Sr. de minha alma! Eu logo vi que o Sr. era parente de meu amo! Que prazer encontrar eu um irmão de tão grande alma, cuja lembrança ainda me faz derramar lagrimas!

Eu tinha servido a muita gente, que é esse o meu officio; mas nunca encontrei um homem que me ligasse a si pelo coração, como foi aquelle.

Choramos os dous, e o Juca me contou toda a historia de meu irmão desde que entrou para seu serviço até que o viu cahir ao ferro do cruel Mourão.

Este sitio, comprei-o com o dinheiro que generosamente me deu minutos antes de acabar.

Depois de me contar toda a vida de meu irmão, o rapaz me perguntou: — Quererá o senhor vingar-lhe a morte?

Este é o meu maior dever; mas conheço que me é agora impossivel, porque não tenho gente para batel-o e eu não quero matar a traição o assassino de meu irmão.

Vim só para tomar conhecimento dos logares e das circumstancias, a fim de voltar á casa e me apparellhar com o necessario.

Quando vier de novo posso contar com o senhor para me guiar?

— Até para morrer com o senhor; pois que o meu maior desejo é ver castigado, como merece, o vil e perverso que abusou de sua força para sangrar o meu patrão, que, ainda só commigo, não taria succumbido si um sambrão não lhe tivesse apparecido, mandando-lhe render-se.

(Continúa)

MISCELLANEA

Meditação

.... foi depois de uma sessão da *Assistencia aos Necessitados*.

Estavam terminados os trabalhos. Já se houvera feito entre os presentes a distribuição dos vales, de que cada um seria o portador para os pobres famintos que, nesta immensa capital, gemem as agruras da miséria.

Ella sahira com todos.

Deslisava com passo rapido, afim de chegar depressa.

Onde ia? Lá nos esconderijos de um quarto de estalagem, ou de um commodo cedido por esmolla em casa de familia tambem pobre.

«Quantas lagrimas terão chorado os meus pobres? dizia consigo; ha já quinze dias que não lhes levo este minguado obolo da caridade! Quem sabe si, esgotados os poucos recursos da vez passada, não tiveram as crianças cousa que lhes matasse a fome? Quem sabe si, em sua innocencia, não dilaceraram mil vezes, pedindo pão, os corações afflictos da pobre mãe, que já não tem mais forças para cozer, ou do pobre pae a quem a fatalidade da molestia prendeu inactivo no leito?! Oh! vamos, vamos acalmar a fome das pobres creanças, e levar um pouco de conforto áquella mãe, ou áquella pae! Corramos, apressemo-nos, que já se faz tarde.»

E era assim, buscando forças nas proprias reflexões, que *ella* conseguia correr em vez de andar. Tão preocupada estava com as misérias que ia mitigar, que attenção não prestava aos mil embarços que de continuo a sobrestavam, que por vezes embarçavam a celeridade da marcha.

Chegou afinal.

Oh! com que anciedade *ella* era esperada! Em torno de si tudo lhe fallava: miséria. Aquellas faces ressequidas e anemiadas, aquelles olhos seccos e vermelhos, até mesmo os objectos inanimados, aquella mesa de pinho que nunca vira toalha, aquelle sofá cujo fundo eram duas tabuas, aquelle bahu onde estava toda a roupa, tudo, tudo soluçava por cada póro, com a eloquencia da verdade, phrases entrecortadas, que se traduziam por uma só palavra: fome!

«Meus bons amigos, disse *ella* desde a porta, trago-vos aqui a pequena offerta de sempre. Oh! *ella* é parca sim, mas é offerecida com toda a abundancia d'alma, por uma instituição que anda pedindo para repartir. Não occulteis o rosto, não; nada tendes de que vos humilhar: nem sou eu quem vos dá, nem quem dá sabe a quem o faz. Oh! levantai vossas frentes; não choreis tanto, meus amigos; confiai mais na misericórdia. Não vos ampara *Ella* neste momento? E' para ahí que deveis dirigir vossos pensamentos a fim de que possaes ter pelo trabalho o que hoje vos é dado pela caridade. Não choreis não, meus bons amigos: sabeis que de quinze em quinze dias por meu intermedio, aqui vos manda a imagem cega da caridade este pouco de carne e de farinha. Vamos, levantae vossos espiritos. E agora, algum tanto fortalecidos, ao trabalho, meus bons amigos.»

Estava cumprida a tarefa.

Ao voltar para casa, tinha a certeza de que houvera enchugado algumas lagrimas, e sobretudo de que, com palavras amigas houvera levado alguma paz áquelles corações perturbados.

Era noite já; e no socego tranquillo do seu quarto *ella* meditava sobre a tarefa do dia.

«Meu Deus, dizia, quizera ter

forças para alliviar todas as dôres, para mitigar todos os soffrimentos!

«Mas porque tardei tanto em bater áquella porta, por traz da qual se gemiam os soluços da necessidade? Não me despedi porventura tão cedo de meus companheiros de tarefa?

«Ah! recordo-me agora: é que a todos os momentos embarçava-me os passos a ostentação do luxo e da riqueza. Aqui sumptuosas carruagens, tiradas pelas mais bellas parellas: além cavalleiros garbosos a se estrebarem valentemente, apesar do trote largo de seus ginetes platinos.

«Oh! Deus, não saberão porventura aquelles, em cujas faces medias e rosadas lê-se a plenitude da satisfação, não saberão que, enquanto elles passam felizes e contentes, ha por traz de umas velhas janellas quem gema de fome? Não comprehenderão que aquelles requintes de luxo são até uma affronta á miséria honrada que se occulta em todos os recantos da cidade?

«Oh! a missão da riqueza! Si elles soubessem!.. Oh! Deus, porque não ha de baixar tambem sobre elles um raio de vossa misericórdia?!

Foi então que uma tristeza inconcebível envolveu sua alma, e, antes que houvesse tempo de continuar o soliloquio, tomando irresistivelmente o lapis, escreveu a seguinte

COMMUNICAÇÃO

Ricos imprudentes, que procuraes no torvelinho dos falsos prazeres do mundo o esquecimento de vosso dever!

Ricos, que abafaes sob vossas ruidosas alegrias, sob vossas pomposas festas, os gemidos e as queixas dos infelizes!

Não sabeis que cada gemido, cada lagrima, é uma accusação levantada contra vós perante o Juiz Supremo?

Que respondereis a vosso Pae, quando, ao chamar-vos á sua presença, vos perguntar: Filhos, como tratasteis os irmãos que entreguei aos vossos cuidados?...

Ah! insensatos, que repellis os gozos ineffaveis da caridade! Loucos, que preferis as laminas aceradas e envenenadas, que produzem a dôr! Sois os infelizes deste mundo, do qual sois julgados entretanto os felizes!

Tremei, pois vem chegando o dia que não soubestes evitar!

LAMENNAIS.

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPIRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

Semper ascendens.

Aos nobres e grandes Espiritos que me revelaram o mysterio augusto do destino, a lei do progresso na immortalidade, cujos ensinamentos consolidaram em mim o sentimento da justiça, o amor da sabedoria, o culto do dever, cujas vozes dissiparam minhas duvidas, apasiguaram minhas inquietações; ás almas generosas que me sustentaram na luta, consolaram na prova, que elevaram meu pensamento até as alturas luminosas em que se assesta a Verdade, eu dedico estas paginas.

INTRODUÇÃO

Eu vi deitadas em suas mortalhas de pedra ou de areia, as cidades famosas da antiguidade: Carthago de brancos promontorios, as cidades gregas da Sicilia, a campanha de Roma, com seus aqueductos partidos e seus tumulos abertos, as necropoles que

dorrem um somno de vinte seculos debaixo das cinzas do Vesuvio. En vi os ultimos vestigios das cidades longinquas, out'ora formigueiros humarros, hoje ruínas desertas que o sol do Oriente calcina com suas caricias ardentes.

Evoquei as multidões que se agitaram e viveram nestes logares; vi-as desfilar deante de meu pensamento, com as paixões que as consumiram, seus odios, seus amores, suas ambições desvanecidas, seus triumphos e seus revezes, fumaças dissipadas pelo sopro dos tempos. Vi os soberanos, chefes de imperios, tyranos ou heroes, cujos nomes foram proclamados pelas trombetas da historia, mas que o futuro esquecerá. Elles passavam como sombras ephemerias, como espectros truanescos que a gloria embriaga uma hora e que o tumulto chama, recebe e devora. E en disse commigo mesmo: Eis ahí em que se transformam os grandes povos, as capitães gigantes. Algumas pedras amontoadas, collinas silenciosas, sepulturas sombreadas por mirrados vegetaes, em cujos ramos o vento da noite murmura suas queixas. A historia registrou as vicissitudes de sua existencia, suas grandezas passageiras, sua queda final, porém tudo a terra sepultou. Quantos outros cujos nomes mesmo são desconhecidos; quantas civilizações, raças, cidades grandiosas jaseem para sempre no lençol profundo das aguas, na superficie dos continentes abysmados!

E eu perguntava a mim mesmo por que esta agitação dos povos da terra, por que estas gerações a se succederem como as camadas de areia accarretadas incessantemente pela onda para cobrir as camadas que as precederam; por que estes trabalhos, estas lutas, estes soffrimentos, si tudo deve terminar no sepulchro? Os seculos, estes minutos da eternidade, viram passar nações, e reinos, e nada ficou de pé. Aesphinge tudo devorou!

Em sua carreira, para onde vae, pois, o homem? Para o nada ou para uma luz desconhecida? A natureza risonha, eterna, moldura com seus esplendores as tristes ruínas dos imperios. Nella nada morre, sinão para renascer. Leis profundas, uma ordem immutavel, presidem a suas evoluções.

Só o homem, com suas obras, estará destinado ao nada, ao olvido?

A impressão produzida pelo espectáculo das cidades mortas, eu a encontrei mais pungente deante do frio despojo dos meus, daquelles que partilharam minha vida.

Um daquelles que amaes vae morrer. Inclinado para elle, com o coração oppresso, vedes se estender lentamente sobre seus traços a sombra da morte. Do fóco interior mais não vem do que pallidos e tremulos lampejos; eil-o que se enfraquece ainda, depois se extingue.

E agora tudo o que neste ser attestava a vida, estes olhos que brilhavam, esta bocca que proferia sons, estes membros que se agitavam, tudo está velado, silencioso, inerte. Neste leito funebre, mais não ha que um cadaver! Qual o homem que a si mesmo não perguntou a explicação deste mysterio, e que, durante a vigilia lugubre, neste silenciar solemne com a morte, ponde deixar de reflectir no que o espera a si proprio? A todos nos interessa este problema, porque á lei estamos todos sujeitos. Importa-nos saber si tudo terminou nesta hora, si mais não é a morte do que um triste repouso no aniquillamento, ou, ao contrario, o ingresso em outra esphera de sensações.

Mas de todos os lados levantam-se problemas. Por toda parte, no vasto theatro do mundo, dizem certos pensadores, reina como soberano o soffrimento, por toda parte o aguilhão da

necessidade e da dor estimula este galope desenfreiado, este bailado terrível da vida e da morte.

De toda parte se levanta o grito de angustia do ser que se precipita no caminho do desconhecido. Para esse a existencia só parece um perpetuo combate; a gloria, a riqueza, a belleza, o talento, — realzas de um dia! A morte passa, ceifando estas flores brilhantes, para só deixar has-tes fanadas.

A morte é o ponto de interrogação ante nós incessantemente collocado, a primeira das questões a que se ligam questões sem numero, cujo exame faz a preocupação, o desespero dos seculos, a razão de ser de immensa cópia de systemas philosophicos.

Muito embóra estes esforços do pensamento, pésa sobre nós a obscuridade.

Nossa epocha se agita nas trevas e no vacuo, e procura, sem achar, um remedio a seus males. Immensos são os progressos materiaes, mas, no seio das riquezas accumuladas pela civilização, póde-se ainda morrer de privações e de miséria.

Nem mais feliz nem melhor está o homem. No meio de seus rudes labores, nenhum ideal elevado, nenhuma noção clara do destino sustenta-o mais; dahi seus desfallecimentos moraes, seus excessos, suas revoltas.

Extinguiu-se a fé do passado, o scepticismo, o materialismo substituíram-na, e, a seu sopro, o fogo das paixões, dos appetites, dos desejos, tem se ateado. Convulsões sociaes nos ameaçam.

Algumas vezes, atormentado pelo espectaculo do mundo e pelas incertezas do futuro, levanta o homem seus olhos para o ceu, e lhe pergunta a verdade. Interroga silenciosamente a natureza e seu proprio espirito. Pede á sciencia seus segredos, á religião seus enthusiasmos. Mas parece-lhe muda a natureza, e as respostas do sabio e do sacerdote não satisfazem sua razão nem seu coração. Entretanto ha uma solução para estes problemas, solução maior, mais racional, mais consoladora do que todas as offerecidas pelas doutrinas e pelas philosophias do dia; tal solução repousa sobre as bases mais solidas que conceber se possam: o testemunho dos sentidos e a experiencia da razão.

No momento mesmo em que o materialismo attingiu seu apogeo, e por toda parte espalhou a idéa do nada, surge uma crença nova apoiada em factos. *Ella* offerece ao pensamento um refugio, em que este encontra afinal o conhecimento das leis eternas de progresso e de justiça. Um florescimento de idéas que se acreditavam mortas, mas que dormitavam apenas, produz-se e annuncia uma renovação intellectual e moral.

(Continua)

REFORMADOR

Acham-se á venda no nosso escriptorio collecções encadernadas dos cinco primeiros annos do Reformador (1883—1887) pelo preço de 20\$000.

Para as pessoas do interior basta o pedido, acompanhado da importancia em vale postal.

Typographia do REFORMADOR

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz 83, 2º andar.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Maio — 1

N. 203

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz), o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Batura, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedicto José de Souza Junior, rua da Constituição n. 117.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

Pedimos a todas as pessoas que recebem o Reformador immediata participação de alguma falta que por accaso possa haver na entrega da folha a fim de ser promptamente providenciada.

O Novo Codigo Penal e o Spiritismo

VII

Na representação que aos poderes publicos levámos contra a parte do novo codigo, em que especificadamente se condenam as *práticas do spiritismo*, chamando-as de sortilegios, procurámos demonstrar por varias provas que elle não era surpestição, fructo de credices, mas sciencia com leis discriminadas, com preceitos estatuidos, tendendo a avassallar os dominios todos dos varios ramos dos conhecimentos humanos.

Entre as diversas provas occorreu-nos citar os congressos internacionaes de Barcelona em 1888, e de Pariz em 1889 por occasião da grande exposição commemorativa da revolução centenaria.

Referindo-nos a este ultimo, relatámos o assombro com que a im-

prensa de Pariz viu reunir-se no seculo, que ella suppunha o do *neantismo*, homens dos mais notaveis para affirmarem suas novas convicções na sobrevivencia do ser pensante e nas suas possiveis relações com os seres de áquem tumulo; convicções que tinham sido firmadas, não em meras divagações theoricas, nem na céga fé que não raciocina, mas nos modernos processos de investigações scientificas; a experimentação e a observação.

Pois bem, acudindo em defesa de seu codigo, a taes allegações oppoz o Sr. Baptista Pereira o seguinte conceito: «o Congresso Internacional não fez o spiritismo adiantar um passo, porque não appresentou, como devia, a contra-prova das experiencias em que foram infilizes os sabios e condemnados os mediuns especuladores». Nesta ultima parte referia-se o illustrado legista ás celebres experiencias por elle pomposamente denominadas scientificas, de que em precedente artigo já tratámos.

Para aquelles que na simplicidade da sua ignorancia não se dedicam a estas trapalhadas da sciencia, e não para o Sr. Dr. Baptista Pereira, cujo espirito culto licito não é pôr em duvida, convém dar uma perfunctoria idéa do que seja um congresso scientifico.

A reunião de congresso é um modernismo do seculo XIX. Em geral é uma academia ou qualquer corporação scientificas de importancia que os convoca, com antecedencia de alguns annos, para uma determinada cidade.

Nos convites convocatorios, vai logo expressamente declarado o programma da reunião, isto é, a questão ou questões que se tem de submeter ao juizo do congresso.

A convocação é feita com tempo sufficiente para que em seus laboratorios ou gabinetes possam os convidados preparar-se para opinarem sobre as questões que são chamados a resolver.

Reunido o congresso, subdivide-se elle em commissões parciaes, tantas quantas as exigidas pela natureza das questões. Taes commissões trabalham separadamente até constituirem o relatorio, que é apresentado nas sessões do congresso, que duram apenas pouquissimos dias.

E' por este modo que se têm organizado todos os congressos, que neste seculo, se hão reunido na Allemanha, em França, na Italia, na Belgica, na Suissa, nos Estados-Unidos e na Inglaterra.

Vê-se dahi que o fim magno para que se reúnem tão imponentes assembleas é uma convivencia mais intima entre os sabios do mundo inteiro, para que a proximidade e a troca de idéas por viva voz mais effizamente concorram para o desenvolvimento da sciencia.

Comprehende-se, portanto, que não é no seio dos congressos, cuja duração vai pouco além da vida da rosa de Malherbe, que se encontram gabinetes de ensaios ou laboratorios de pesquisas para se dar a contra-prova de quaesquer experiencias: nos congressos apresentam-se apenas os relatorios destas contra-provas individualmente feitas antes.

Com relação ao congresso spirita de Pariz meos ainda se poderia fazer uma tal exigencias. As experiencias negativas, a que se ha referido o auctor do codigo, não têm ao menos o caracter scientifico, como já precedentemente ficou visto; entretanto que as experiencias affirmativas de Crookes, de Zöelner, de Gibier, de Volpi foram levadas a cabo com as maismeticulosas exigencias da sciencia. Foram, pois nestas que se basearam as conclusões do congresso.

E para que não continue a affirmar o Sr. Baptista Pereira que nada adiantou o congresso, vamos para aqui trasladar um largo trecho do relatorio do Sr. Papus, que foi seu secretario:

CONSEQUENCIAS DO CONGRESSO

«A consequencia geral dos trabalhos do congresso é uma tendencia para assentar a philosophia sobre bases novas, bases que tomam seus elementos constitutivos á experimentação, em vez de pedil-os á metaphysica como até agora.

«Nossa experimentação, porém, não se limita ao numero visivel, mas estende-se igualmente ao invisivel, pois possuímos instrumentos novos e apropriados para esse fim — os mediuns, pelos quaes obtemos dados scientificos, philosophicos e sociaes verdadeiramente progressivos.

«Estabeleceremos desde já a base

experimental pelo enunciado dos factos obtidos.

OS FACTOS

«De tempos a esta parte, têm adoptado uma excellente medida aquelles que se occupam dos phenomenos spiritas, sob o ponto de vista de sua estricta realidade scientifica.

«Esta medida consiste em substituir, sempre que fôr possível, os órgãos humanos pelos registradores mecanicos.

«Por este processo Williams Crookes, da Sociedade Real de Londres, inaugurou a magnifica serie de experiencias que, considerada em seu conjunto, é o mais perfeito argumento que tem-se até hoje elevado contra o materialismo.

«Deante desses factos irrecusaveis, os materialistas ficaram reduzidos a exclamar, atirando com furia o livro não queremos ler; este homem está louco!

«Suppondo que o autor de tão magnificas descobertas seja mesmo um louco, como somos nós e milhões de irmãos que professam nossas idéas, resta provar a loucura dos reactivos chimicos e do registrador Marey, cousa que é um pouco mais difficil.

«Devemos tambem assignalar, com grande satisfação as tentativas desse genero, e principalmente as do capitão Volpi quanto á obtenção de photographias spiritas.

«Sabemos todos que difficil é enganar a um individuo experimentado na produção dessas photographias, mas sabemos igualmente que facilimo é descobrir o embuste quando existe.

«Por isso o capitão Volpi, em suas experiencias, imparcialmente proseguidas desde ha cinco annos, tomou todas as precauções necessarias chegando a obter resultados taes que impossivel é imitar a verdadeira photographia spirita, por um dos meios até hoje conhecidos.

«Este facto é devido a uma modificação especial da luz operada pela apparição que actua, e tal é aquella modificação que o capitão Volpi offerece 500 francos ao photographo que conseguir imitar uma das suas photographias spiritas, por um meio qualquer fraudulento.

«Muitos photographos se apresentaram e têm feito mil ensaios; porém

todos foram obrigados a se retirar, confessando que é impossível imitar aquelle phenomeno.

«Essas photographias spiritas foram apresentadas ao congresso.

«Mr. Mac Nab, de Pariz, apresentou interessantes provas photographicas de materialisação e dous clichés egualmente de materialisação.

«Mr. Henri Lacroix, dos Estados-Unidos, apresentou egualmente uma collecção importante de photographias obtidas, segundo disse, fazendo percorrer em todos os sentidos o aparelho photographico.

«Sobre esse assumpto chamamos particularmente a attenção dos membros do congresso para as experiencias do capitão Volpi.

«A estes factos, devidamente comparados, se liga uma porção de phenomenos particulares representados por seus resultados, como sejam: debuxos medianimicos, apresentados ao congresso pelos Srs. Leymarie e Delanne; pinturas medianimicas apresentadas por Mr. Van Straaten (delegado da Hollanda) e outros muitos factos mencionados nas actas das sessões.

PHILOSOPHIA

«Sob o ponto de vista philosophico, a theoria spirita, ou as theorias das escolas do occultismo, quasi identicas áquella em seus principios geraes, estabelecia sobre bases experimentaes um quadro tão vasto quanto interessante do destino humano — antes do movimento, durante a vida, e depois da morte.

«As experiencias psychicas servem de ponto de partida e de provas á maior parte das theorias philosophicas da nova escola.

«Emfim, deprehende m-se das conclusões do congresso, e eu especialmente vos assignalo, as seguintes

CONSEQUENCIAS SOCIAES

«Solidariedade universal de todos os seres humanos, como órgãos de um mesmo corpo.

«Necessidade de redempção collectiva.

«O amor e a caridade entre os homens substituindo o odio e egoismo hoje dominantes.

«Os spiritas de todos os paizes, todos os nossos irmãos e principalmente nossas irmãs estão dispostos a prégarem com o exemplo e a começarem praticamente a realisação daquelle ideal social que, segundo demonstraram, é uma realidade e não uma utopia.»

Já deve estar convencido o Sr. Baptista Pereira que o spiritismo é sempre mais alguma coisa do que julgava.

Alenta-nos pois, a esperança de que, antes homem de consciencia do que advogado pyrrhónico, irá pôr-se ante o ministro da justiça, batendo confictamente nos peitos, a pedir-lhe correção para o malfadado art. 157 do novo código.

NOTICIÁRIO

Conferencia spirita — A 24 de Abril, proximo passado, perante numeroso auditorio, teve lugar na sala da Federação a 4.ª conferencia spirita. Orou o professor Ulysses Cabral, que pela segunda vez houvera se encarregado de levar os conselhos da experiencia, e os preceitos do methodo ás praticas do Spiritismo. Disse mais ou menos o seguinte:

(De pé) A Deus — o tributo do meu amor; a meus irmãos — todos os impulsos fraternaes; á humanidade em geral — o progresso e a luz. (Sentando-se) Conforme houvera prometido da vez que se hourara, dirigindo a palavra ao illustre auditorio, vae o orador occupar-se com o medium, este eixo em torno do qual gravitam todos os factos do Spiritismo. Por isso pode-se medir a sua responsabilidade, desde que é a mediumnia o prisma por onde observamos o novo mundo, desde que é ella a lente que nos aproxima o infinitamente grande e o infinitamente pequeno! O medium, todos o sabem, é o intermediario entre o encarnado e o desencarnado, o traductor dos pensamentos deste para com aquelle. Mas, para que seja um traductor e não um trahidor do pensamento alheio, cumpre que, tendo sempre presente a noção de sua extrema responsabilidade, esforce-se por cultivar a todos os momentos tres especies de saude: a do corpo, a do espirito, e a da intelligencia, ou melhor a saude physica, a saude moral, e a saude intellectual. Faltando qualquer dellas, falha elle a seu fim, não pôde funcionar regularmente. A saude physica, si bem não for cultivada, pôde ser causa das maiores sophisticacões da mediumnidade. Quantas vezes hystericos, epilepticos ou simplesmente individuos que tem o systema nervoso sobrexistavel, não recuam de comparecer aos trabalhos de um grupo, e lá, porque sentem a mão tremer, ou porque fallam com os olhos fechados ou abertos, quantas vezes não se julgam mediums psychographicos, somnanbulicos ou parlantes? Só porque sentem taes manifestações, julgam-se logo actuados; quando entretanto a actualção mais não é do que o mau estar dos nervos, do que a perturbação da saude, que pôde, é verdade, quasi sempre dar entrada a más influencias estranhas. Chamando a attenção para este facto, que é de importancia capital nas praticas experimentaes do Spiritismo, conven que cada um meça a enorme responsabilidade que sobre si pésa, si porque lhe treme o braço, ou porque sente o desejo de fallar com os olhos oclusos ou não, julga-se capaz de transmittir mensagens medianimicas! O medium precisa tambem de saude intellectual porque sem o conhecimento das cousas e da doutrina, nada se pôde comprehender, nem produzir de bom. E' assim que elle devêra constante e assiduamente ler uma e mil vezes os conselhos do mestre, sobretudo os exarados no livro que trata da parte experimental: quem descruasse este preceito capital, ou por desidia ou por falta de tempo, melhor faria si não accarretasse a responsabilidade de ser o interprete do mundo espirital. E' por isso que o cultivo da mediumnidade entre os analfabetos ou os que pouco leem é antes um mal do que um bem. E sabe-se por que? E' porque em geral elles se deixam arrastar pelo conselho de certos espiritos, que, pretendendo fascinal-os, dão-lhes a principio boas lições, mas vão depois, aos poucos, acerando as pontas do erro. E tão ladinos são esses nossos infelizes irmãos do espaço, que, conhece-

dores das combinações fluidicas, procuram captar a confiança do pobre medium que não lê, fazendo-o ver cousas maravilhosas, ou fazendo com que elle produza actos estupendos, como por exemplo a cura instantanea de enfermidades, que elles mesmos produzem desde muito, ou que despertam na occasião para a consecução de seus fins! Fascinado o pobre medium, só vê pelos olhos dos espiritos, só raciocina pelo que elles lhe suggerem; então não mais procura seus companheiros de tarefa, que lhe pôdem abrir os olhos; não vê que fugir dos conselhos desinteressados dos que estão fóra de seu meio é um assumo de orgulho, causa e principio de todos os vícios. E' neste momento que elle é levado pelos espiritos aos actos mais ridiculos, aos processos da mais fanatica credencia; chega ao ponto de fallar aos outros, até mesmo aos desencarnados com a austeridade cruel de uma autoridade soberana, esquecendo-se assim das lições de brandura e humildade do Mestre Nazareno! Para se ver até que extremo pôde levar uma tal fascinação, basta rememorar o facto succedido, não ha muito, em terras de França, e que está no dominio de todos: um medium, levado pelos espiritos, chegou a vergastar a propria familia, julgando ser este o meio de libertal-a de uma supposta obseção! Com isto tem-se tudo dito.

Mas não só a saude intellectual como a saude moral deve ser cultivada pelo medium. Não basta boa intenção. é necessario tambem o trabalho, o esforço para vencer. Cumpre que saiba purificar-se, que saiba vencer-se, para ser forte, e conseguir seus fins. Si porventura pergutassem ao orador qual saude prefereria, caso não se podessem aliar as tres, a saude moral responderia, porque esta é o principio, a base para se conseguir as outras especies de saude. Com effeito até mesmo da saude physica pôde ser causa a saude moral: o que cultiva esta ultima é o cultor das virtudes; estas oppõe-se aos vícios; e, cerceados estes, isto é, a intemperança, a luxuria, a ira, etc, estão eliminadas a mór parte das causas de molestias. Isto é claro: si ninguém poderá negar. Mas, exclama o orador, teremos os mediums, e neste numero me colloco, procurado adquirir a saude do corpo e da intelligencia pela saude do espirito? Não; temo-nos contentado com a boa vontade, como servirmos, com ella só, intermediarios de nossos irmãos. Mas não basta; cumpre que cada um purifique-se; e o meio é vigiar o pensamento, que é o ponto onde pôde começar a virtude e o erro. O medium deve estar vigilante, porque não se pertence a si; é instrumento do progresso de seus irmãos. E' doloroso encontrar-se um medium que não cure de seu moral, da insidia de seus pensamentos, pois, conforme forem estes, taes serão os espiritos attrahidos.

E', pois, á vigilancia de seus mais reconditos pensamentos que deve estar attento aquelle que quer começar a fazer o seu progresso moral. Facto providencial: quando pensava na presente conferencia, e que meio devera aconselhar aos mediums que quizessem iniciar o trabalho do progresso proprio, a viuva do medium Fortes offereceu-lhe um maço de communicacões, encontradas nas gavetas de seu marido, que tinha, em vida, a intenção de publicar um volume especial para os mediums. Pois bem, entre estes papeis encontrou alguns referentes ao thema ora em questão. Diziam elles: pensar é irradiar-se, é collocar-se fóra de si mesmo; si penso no mal, eu me irradio e fortifica-me no mal, assim o medium que não tem bons pensamentos, não pôde purificar-se.

O orador quiz ser bom e vencer al-

guns passos maus de sua vidr, ora asoberbado por milhares de pensamentos; procurou o auxilio do anjo da guarda, e só assim pôde repeller os pensamentos que considerava partidos dos maus espiritos, que sabem tambem procurar os meios para realisarem seus fins. Ha pensamentos por conta propria e por conta alheia; quando o individuo quer, sabe distinguir o que é seu do que não é: ha como que dous pensamentos contrarios que se chocam, mas que simultaneamente teimam por se vencer.

A victoria será do mais forte. E' em taes casos que se deve levantar o pensamento ao anjo da guarda. Do contrario a victoria será do pensamento que, voando, encontra milhões de similares, e é então facil commetter-se o mal, porque attrahimos aquelles que se casam com o pensamento mais forte. Ainda aqui tem a palavra a Sciencia, evidenciando a verdade da lei do meio. Si se faz um meio bom, inclina-se a ser bom. E' verdade que o bom pensamento luta pela difficuldade de achar similares no primeiro instante. Mas o poder do Senhor e dos bons espiritos tem uma alta força de irradiação. Ter-se-á então um meio bom, que levará a uma obra tambem boa. Recorda-se a proposito de que, tendo uma occasião um creado seu desrespeitado a senhora do orador, este levantou irado a, não para castigar a face do offensor, mas, instantaneamente lembrando-se de seu anjo da guarda, operou-se uma mudança radical: o braço prompto a ferir cahiu como por encanto, e as palavras de azedume se transformaram no conselho amigo da doçura. Deve, pois, o medium educar o pensamento, procurando resistir ao mau, e habituando-se a dirigil-o sempre para o anjo da guarda. Disto resultará a saude moral que, como já disse, accarreta a saude do corpo e da intelligencia. Sim da intelligencia, porque tem-se muitas vezes acobardado perante homens apparentemente rudes, mas qua, bons e modestos, têm dado no correr da conversação provas de lucidez intellectual.

Assim todo esforço do medium deve ser por sanctificar-se. Contra isto poderá apontar entre outros um escolho muito commun: é a mentira. Exemplificará consigo mesmo: pareceu-lhe uma vez ser necessaria uma mentira, porem, prégada ella, teve necessidade de, para sustental-a, prégá-la mais quatro ou cinco; pois bem, á noite foi se prestar a trabalhar, e o medium vidente accusou a presença de um espirito, trajando as vestes alvas da pureza, e dizendo ser a «Verdade.»

Sentiu que era um mystificador, teve impetos de proclamar, para não enganar a seus irmãos, mas teve a vergonha de confessar! Sirva esta confissão que agora publicamente faz para lavar-se do seu erro.

Fujam, pois, os mediums da mentira: no dia em que claudicarem, julguem-se inaptos para o trabalho, em condições de não receberem bons espiritos, nem ter bons ensinamentos. Vós que sois mediums, exclama o orador, procuraes reflectir: fazei com que vossos corações sejam puros, pedi o auxilio de vosso anjo da guarda! Vamos abandonar a desidia em que temos vivido para nos purificarmos por pensamentos, por palavras, e por obras!

Procuremos servir de exemplos, sabendo vencer nossos vícios. Sejamos eixos de ferro e aço do Spiritismo. Temos sobre nossos hombros a arca santa da aliança: tornemo-nos dignos de carregal-a!

Concedei-me, senhores, que vos falle depois dos Grupos.

Assistencia aos Necessitados.

— A 11 de Maio completa-se um anno que começaram os primeiros socorros, que esta instituição distribue por familias necessitadas. Dias antes, a 20 de Abril, convidadas pelo engenheiro Polydoro de S. Thiago, haviam-se reunido, em uma sala da Federação Spiritica Brasileira, cerca de 10 pessoas para combinarem sobre o plano de auxiliar com alimentos e vestes á pobreza que se occulta. Sentindo a nostalgia dos bons tempos, em que assiduamente frequentava o caridoso instituto catholico de S. Vicente de Paula, quiz o illustre engenheiro imitar em ponto nequeno o que ha nelle de bom. Mas, illuminado hoje com as claridades que derrama a doutrina tão lucidamente exposta pelo eminente Kardec, não teve em vista o nosso confrade fundar uma instituição de proselytismo para suas crenças. Antes, alcançando na verdadeira e lata acceção da caridade o ensinso de Jesus, pretendeu levar ins differentemente os soccorros do pão a judeus e a samaritanos, a phariseus e a scribas, a saduceus e a essenios. Assim pois, vindo em soccorro de todos, é de todos também que a *Assistencia* se soccorre. Graças rendemos a Deus, porque o pensamento que creou a instituição ainda uma só vez não deixou de estar presente ao espirito de todos!

Fundada com taes vistas tem-se succedido, é verdade, por camadas, aquelles que vêm, com a animação de sua presença, incitar a obra da caridade; mas nem por isso tem sido esta mais frouxa: já ascendem, com effeito, ao numero de 200 as familias que recebem quizenalmente da *Assistencia* um pequeno auxilio em mantimentos. Entretanto, assoberbada com este numero e com os das que esperam occasião de serem também contem-

pladas, resolveu fazer, na sessão solemne commemorativa de seu anniversario, que terá logar ás 6 horas da tarde do dia 10 de Maio á rua da Imperatriz 83, 2º andar, um sorteio de alguns poucos objectos que lhe tem sido sferecidos. Esta sessão, como as outras, será publica. Solicita-se, pois, em nome da caridade, em nome da pobreza faminta, em nome de Jesus, o protector dos pobres e dos humildes, a presença de todos a que chegarem. estas linhas.

Novo agente — Temos a satisfação de comunicar aos nossos confrades do Amazonas que, accedendo a pedido nosso, presta-se o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida a ser agente do *Reformador* na cidade de Manaus. Assim pois, é áquelle dedicado spiritica que terão de dirigir-se relativamente a tudo quanto interesse a este periodico. E' com extremo prazer que damos esta noticia, porquanto o illustre confrade que, apesar da tarefa de sua casa commercial, encontra ainda alguns momentos para sacrificar em prol da santa causa, é um dos mais dedicados spiriticas que se encontram no Estado do Amazonas.

E' a favor de seus esforços que esta folha tem encontrado lá, no extremo norte da Republica, o mais presuroso acolhimento, a mais efficaz coadjuvação, dir-se-ia que aquella zona do Brazil, em que o silencio das mattas seculares quasi não é perturbado por agglomerações de homens em cidades, pretende tomar a dianteira de suas irmãs na carreira rapida de desenvolvimento moral.

Aproveitamos o momento para gratificar o nosso irmão com o testemunho publico da mais plena gratidão, pois que é mais um dedicado que encontramos em nosso caminho.

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

Tenho vivido tão contristado por isso, que em minhas excursões não tomo parte sinão com o corpo.

Estou ficando sem prestimo para uma empreitada perigosa.

Quer o senhor ver?

Um meu vizinho, moço honesto e trabalhador, pediu em casamento a filha do vaqueiro da fazenda da Serrinha, e tendo recebido um — não — redondo, veio convidar-me para roubarmol-a.

Eu disse-lhe que sim, e hontem á houte fomos esperar a moça no ponto por ella mareado.

La estava, e o moço tomou-a na garupa; mas o pae tinha já dado pela fuga e correu em nosso encalce, com um filho, ambos bem armados.

Pois, Sr. eu que sempre gostei desses encantos, assim que me vi em frente dos dous basbaques, fiquei pateta, como um aprendiz de officio.

Foi preciso que o vaqueiro lançasse mão á fil-a, para eu cahir em mim.

Felizmente o velho chegou á razão, si não tinha-mos casamento molhado.

Fez-se a bôda no mesmo dia e na corrida do estillo para ver quem tira o chapéu do noivo, eu que nunca perdi em casos taes, quasi fui bigodeado por um creançola.

Foi a revolução que me causou o negocio de meu amo; que me tornou um poltrão!

Passei todo o dia fazendo planos com o meu hospede a quem impuz preceito de não revelar a ninguém meu nome, para não despertar o leão que dormia, e á tardinha deixei Piranhas, e tomei novamente a estrada que me devia conduzir á casa paterna.

Em caminho, perto do Cococy, encontrei um sujeito acompanhado de um

pagem armado e tanto que lhe puz os olhos senti bater tumultuosamente o coração.

O homem parou para perguntar-me si eu tinha encontrado dous cavalleiros, amo e pagem.

Veio-me o desejo de repellar com uma grosseria a pergunta do desconhecido; mas, dominando-me, respondi ao que me perguntara e esporeando o cavallo, deixei-o talvez admirado de meus modos bruscos.

Fu mesmo me surpreendi de taes modos que me não são habituaes e que me foram impostos por uma força estranha; pois que meu espirito foi o primeiro a esbantar-se do que fiz.

No rancho que tomei em casa de pobre gente, soube que o homem, cuja presença me transtornou, era o chefe Mourão, o assassino de meu irmão.

— Como explicar-se esse instincto d'alma, que lhe permite ler no livro do desconhecido, como em carta que se tenha debaixo dos olhos?

— Muito tem o homem que andar, Sr. Amorim, até que chegue ao ponto de conhecer as leis que regem innumeros phenomenos que o cercam por todos os lados e a cada momento.

— Será possivel que esse mundo desconhecido, que nos envolve, que nos atica a curiosidade, e que nos impressiona tão profundamente, tenha sido creado para ser eternamente ignorado?

— Seria isso, pelo menos, uma parte ociosa do plano da criação e Deus nada faz que possa ser ocioso.

Esse mundo desconhecido, porém real, deve pois ser e não pôde deixar de ser, um dos pontos que a humanidade ha de elevar-se em seu progresso.

— Mas, si a humanidade tem de d'vassar mysterios que lhe trazem grandes proveitos, eu pergunto: não vae nisso, por parte do Creador, flagrante injustiça na distribuição dos dous individuaes?

— A escada do progresso humano é o caminho para o destino do homem e supponhamos que cada geração escala um dos seus degraus.

Neste caso, que é o verdadeiro, attestado pela observação constante, aquelles que, na duração da humanidade, galgaram um degrau mais elevado, obtiveram mais luz, gozaram de dons superiores aos que couberam áquelles que não atingiram sinão os degraus inferiores.

COMMUNICAÇÕES**Grupo Perseverança**

Os trabalhos da seguinte sessão foram iniciados pela seguinte comunicação:

«Tudo quanto podéis obter relativamente á modificação do espirito, obtivestel-o, conseguindo, pela vossa acção sobre elle, pelas vossas interrogações, fazer entrar em sua mente a inquietação e a duvida; embora queira occultal-a, ella o trahirá agora em suas respostas. Dizei-lhe que elle terá o poder que ambiciona, sim, quando for victorioso; mas victorioso de si proprio, corrigindo a perversão de sua vontade.» Luiz.

Depois deu-se o seguinte trabalho: Evoc. — Em nome de Deus evocamos o espirito de Claudino.

Esp. — Estou esperando-vos; podeis fallar e sem preliminares; entrae desde já na questão.

Evoc. — Qual a vossa causa, e qual a contraria?

Esp. — Não advinhastes ainda? Sois pouco perspicazes, temos conversado bastante a respeito.

Evoc. — Não; a nossa perspicacia ainda não descobrio.

Esp. — Pois vos direi que é sempre a mesma causa: dominar os acontecimentos, e dirigil-os conforme as minhas ou as nossas vistas.

Evoc. — Permitti que estranhemos que um espirito da vossa intelligencia se preocupe com os acontecimentos terrenos, esquecendo cousas mais altas...

Esp. — Quem vos disse que nossa acção só abrange as cousas que se passam entre vós? Só entre vós se dão acontecimentos que mereçam toda a nossa attenção?

Evoc. — Si nos tivesséis respondido

Resulta d'ahi que ha homens mais bem dotados que outros, só porque vieram ao mundo alguns seculos mais tarde.

E como quem marca a cada um o tempo de vir ao mundo, é Deus; Deus reparte desegualmente os meios de aperfeiçoamento por seus filhos.

Si não é assim, e não pôde ser, porque Deus é a justiça indefectivel, todos os homens hão de ter os meios de chegar ao summo grão de saber, que é permittido á humanidade.

Esses meios não são, não podem ser, a intelligencia e a bôa vontade, exclusivamente, essencialmente.

Não pôde ser a intelligencia, primeiro, porque ainda por ali se atacaria a justiça soberana, visto que os homens são creados com intelligencia deseguaes e seguido, porque, quando lhe fosse dada no mesmo grão, o homem pa antiguidade não podia aprender, em toda a duração de sua existencia, o que hoje aprende o que nasceu em nosso tempo.

Não pôde ser a bôa vontade, porque em meios tão oppostos, como o da barbaria e o da civilização, a melhor bôa vontade não conseguirá jamais resultados eguaes.

Tudo isto é rigorosamente logico, disse Joaquim de Amorim, mas como logrará o senhor, equilibrar as forças de todos os homens para conseguirem o mesmo grão de aperfeiçoamento, unico meio de salvar a justiça divina?

Como? Não sei; mas deve haver um factor desconhecido ainda, que um dia virá esclarecer a humanidade sobre a marcha evolutiva que a levará a seu destino.

Ora diga-me: se em vez de uma vida unica e de penas eternas depois dessa vida, o espirito tivesse tantas quantas lhe fossem precisas para attingir ao fim marcado a todos, soffrendo, depois de cada uma, penas correlativas; não estaria a egualados os os meio.

— Não sei porque, respondeu Amorim.

— Muito simplesmente. Todos os espiritos, reincarnando em todos os seculos, iriam recebendo a luz que alumia cada degrau da longa escada.

O que está no degrau superior por se ter mais adiantado, em razão do bom uso que fez de sua liberdade, terá hoje mais luz do que os que se acham nos degraus inferiores.

precisa e claramente á nossa primeira pergunta, não teria havido essa confusão.

Esp. — Mas si julgo haver-vos dito bastante, quando vos fallei que os acontecimentos são nossa occupação principal! Tudo não se resume em uma successão de factos, que occorrem uma direcção impressa n'um sentido determinado pela vontade dirigente?

Evoc. — Deveis tomar outra orientação... (Aqui discorreu o evocador sobre a vida do espirito despreendido, e seus consequentes deveres).

Esp. — A vos ouvir, conheceis as cousas daqui melhor do que nós proprios? Conheço que vossa intenção é bôa, porém na minha causa, deixae-me determinar por mim mesmo o que me convem fazer. Já vos disse que meu caminho estava fatalmente tracado, que segui-o-ei até o fim.

Evoc. — E, si vossa causa for a do erro, a do mal? Si reconhecerdes que vosso caminho foi mal delineado, persistireis nelle apesar de tudo e contra tudo?

Esp. — Só o resultado final poderá me dar esta convicção; bem vedes que é preciso que vá até o fim.

Evoc. — Nós somos pequenos e fracos, mas, por isso mesmo, procuramos fortes e grandes que nos dirijam. Estes podem fazer o mesmo convosco, fitae-os bem, porque elles são a luz da verdade.

Esp. — E vós a tendes? Dizei-me.

Logo após esta interrogação, veio-nos o seguinte communicado:

«Disse-vos que conseguistes tudo quanto era possivel; deixae, pois, que para os grandes males sejam empregados os grandes remedios.»

Ao terminarem os trabalhos, foi esta comunicação final:

«Nenhuma acção, nem geral, nem particular, pode perturbar a marcha das leis admiraveis, em cujo cumpri-

Estes, porém, não acabarão nessa inferioridade; amanhã ou depois se elevarão áquelle degrau superior e se emparelharão com o que apenas o precedeu.

O saber, portanto, e as virtudes — os dous polos da perfeição humana, não serão o privilegio de uns tantos outros, serão o patrimonio de todos.

A differença estará apenas na rapidez ou lentidão de cada um; porque esta será a parte dada ao homem para a consecução de seu destino, em respeito á sua liberdade, a seu livre arbitrio.

— E não é, Sr. Leopoldo, que o senhor imaginou um systema tão perfeito, certamente o unico, que concilia a justiça e o amor do Pae celestial, com a grandeza, pela liberdade, da obra prima de sua omnipotencia e de sua infinita sabedoria!

— Não lhe parece razoavel e o unico que explica todos os phenomenos humanos, sem chocar os divinos attributos?

— Não é só razoavel, é arrebatador. Basta pensar que nenhuma falta fica impune; mas que nenhuma põe sello fatal á perfectibilidade do ser humano!

O homem marcha em busca de seu creador e sua marcha pode ser rapida ou lenta, gloriosa ou vergonhosa, alegre ou triste; conforme usar bem ou mal da liberdade que o creador lhe deu.

Os erros, os vicios os crimes dos homens são obra sua exclusiva.

O mal, portanto, as misérias e desgraças do mundo, são obra exclusivamente sua.

Deus creou todos em condições eguaes deu a todos o mesmo poder collocou-os nos mesmos meios, marcou-lhes o mesmo destino.

Não pode haver mais justa distribuição. Si um abusou de seu poder, desaproveitou os meios, e desviou-se do caminho recto, a culpa foi sua.

Ninguém poderá accusar a Deus por isso. O que Elle não pode, nem deve, é deixar sem o premio de animação, o que usou bem de sua liberdade, e sem o castigo correctivo o que usou mal daquelle inapreciavel dom.

Desde, porém, que premio e punição são eguaes para todos, a justiça de Pae só pode levantar em nossas almas o sentimento de mais ardente amor.

Praz-me dizer Sr. Leopoldo, Deus deve ter feito sua obra admiravel por este sublime estalão.

(Continúa)

mento os espiritos puros gozam a mais perfeita felicidade. Confirmo, pois, o que já vos disse na communicação inicial, dada na primeira parte desse trabalho, digo-vos que, si, como seres livres e perfectíveis, sois responsáveis pela intenção que preside a vossos actos, todos sem excepção, quer bons, quer maus, concorrem para a execução dos altos destinos de Deus: tal é a lei.»

Luiz.

MISCELLANEA

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPIRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

INTRODUÇÃO

(Continuação)

Doutrinas, que foram a alma das civilizações passadas reaparecem sob mais desenvolvida forma, e numerosos phenomenos, por muito tempo desdenhados, mas cuja importancia comprehendem emfim certos sabios, vêm offerecer-lhes uma base de demonstração e de certeza. As praticas do magnetismo, do hypnotismo, da suggestão; mais ainda, os estudos de Crookes, Russell-Wallace, Paul Gieber, etc., sobre as forças psychicas, novos dados fornecem para a solução do grande problema. Abysmos se abrem, formas de existencia se revelam em meios, em que não mais se cuidava em observar os. E destas pesquisas, destes estudos, destas descobertas, nascem uma concepção do mundo e da vida, um conhecimento das leis superiores, uma affirmação da ordem e da justiça universaes, feitas bem para accordar no coração do homem, com uma fé mais firme e mais esclarecida no futuro, um sentimento profundo de seus deveres, um affecto real por seus semelhantes, capazes de transformar a face das sociedades.

E' esta doutrina que offerecemos aos pesquisadores de todas as ordens e de todas as classes. Ella já tem sido divulgada em numerosos volumes.

Acreditamos dever resumir-a nestas paginas, sob uma forma differente, na intenção daquelles que estão cansados de viver como cegos, ignorando-se a si mesmos, daquelles que se não satisfazem mais com as obras de uma civilização material e inteiramente de superficie, mas que aspiram a uma ordem de cousas mais elevada. E' sobretudo para vós, filhos e filhas do povo, trabalhadores para quem a viagem é aspera, a existencia difficil, para quem o céu é mais negro, mais frio o vento da adversidade, é para vós que este livro foi escripto. Não vos trará elle toda a sciencia — o cerebro humano não a poderia conter — porém será um degrau mais para a verdadeira luz. Provando-vos que a vida não é uma ironia da sorte, nem o resultado de um

acaso estúpido, mas a consequencia de uma lei justa e equitativa, abrindo-vos as perspectivas radiosas do futuro, elle fornecerá um movel mais nobre a vossas acções, fará luzir um raio de esperança na noite de vossas incertezas, alliviará o fardo de vossas provas e ensinar-vos-á a não mais tremer deante da morte. Abri-o com confiança, lêde-o com attenção, porque emana de um homem que, acima de tudo, quer o vosso bem.

Entre vós, muitos talvez rageitarão nossas conclusões, um pequeno numero sómente acceital-as-á.

Que importa! Não vamos em busca do successo. Um unico movel nos inspira: o respeito, o amor da verdade. Uma só ambição nos anima. Querermos, quando nosso envolvero gasto voltar à terra, que o espirito immortál pudesse dizer a si mesmo: Minha passagem pelo mundo não terá sido esteril, si contribui para mitigar uma só dor, para esclarecer uma só intelligencia em busca da verdade, para teconfortar uma alma vacillante e contristada.

I

PARTE HISTORICA

CRENÇAS E NEGAÇÕES

I. As Religiões. — A Doutrina secreta.

Quando se lança uma rapida olhada para o passado, quando se evoca a recordação das religiões desaparecidas, das crenças estinctas, apodera-se de nós uma especie de vertigem ao aspecto das sinuosidades transcorridas pelo pensamento humano. Lenta é sua marcha. Parece a principio comprazer-se nas cryptas sombrias da India, nos templos subterraneos do Egypto, nas catacumbas de Roma, na meia luz das cathedraes; parece preferir os logares obscuros, a athmosfera pesada das escollas, o silencio dos claustros ás claridades do céu, os livres espaços, em uma palavra ao estudo da natureza.

Um primeiro exame, uma comparação superficial das crenças e das superstições do passado inevitavelmente conduz à duvida. Mas, si se levanta o véu exterior e brilhante que occultava ás massas os grandes mysterios, si se penetra nos sanctuários da idéa religiosa, vemos-nos em presença de um facto de alcance consideravel. As formas materiaes, as ceremonias extravagantes dos cultos tinham por fim chocar a imaginação do povo. Por traz destes veus, as religiões antigas appareciam sob aspecto diverso, revestiam um caracter grave e elevado, simultaneamente scientifico e philosophico. Seu ensino era duplo: exterior e publico de um lado, interior e secreto de outro, e, neste caso, reservado aos iniciados somente. Este conseguiu, não ha muito, ser reconstituído, após pacientes estudos e numerosas descobertas epigraphicas. Desde então, dissiparam-se a obscuridade e a confusão que reinavam nas questões religiosas, com a luz fez-se a harmonia. Adquiriu-se a prova de que se ligam todos os ensinos religiosos do passado, de que se encontra em sua base uma só e mesma doutrina, transmittida de idade em idade, a uma serie ininterrupta de sabios e de pensadores.

Todas as grandes religiões tiveram duas faces, uma apparente, outra occulta. Está nesta o espirito, naquella a forma ou a lettra. Debaixo do symbolo material, dissimula-se o sentido profundo. O Brahmanismo na India,

o Hermetismo no Egypto, o Polytheismo grego, o proprio Christianismo em sua origem, apresentam este aspecto duplo. Julgal-as por sua face exterior e vulgar, o mesmo é que, pelos trajés, julgar o valor moral de um homem. Para conhecê-las cumpre penetrar o pensamento intimo que as inspira e faz sua razão de ser; cumpre desprender do seio dos mythos e dos dogmas, o principio gerador que lhes communica a força e a vida. Descobre-se então a doutrina unica, superior, immutavel, de que mais não são as religiões do que adaptações imperfeitas e transitorias, proporcionadas ás necessidades dos tempos e dos meios.

Faz-se, em nossa epocha, uma concepção do Universo, uma idéa da verdade absolutamente exterior e material. Em suas investigações, tem-se limitado a sciencia moderna a accumular o maior numero de factos, depois a deduzir delles as leis. Obteve assim maravilhosos resultados, porém, por tal preço, ficar-lhe-á para sempre inacessivel o conhecimento dos principios superiores e das causas primeiras. As proprias causas secundarias lhe escapam. O dominio invisivel da vida é mais vasto do que aquelle que é attingido por nossos sentidos: nelle reinam estas causas de que somente vemos os effectos.

Muito outra era a maneira de ver e de proceder da antiguidade. Não desdenhavam os sabios do Oriente e da Grecia observar a natureza exterior, porém era sobretudo no estudo da alma, de suas potencias intimas, que elles descobriam os principios eternos. Para elles era a alma como um livro, em que se inscrevem, em caracteres mysteriosos, todas as realidades e todas as leis. Pela concentração d suas faculdades, pelo estudo meditativo e profundo de si mesmos, elevavam-se até a Causa sem causa, até o principio de que derivam os seres e as cousas. As leis innatas da intelligencia explicavam-lhes a ordem e a harmonia da natureza, como o estudo da alma dava-lhes a chave dos problemas da vida.

A alma, acreditavam elles, collocada entre dous mundos, o visivel e o occulto, o material e o espirital, observando-os, penetrando em ambos, é o instrumento supremo do conhecimento. Conforme seu grau de avanço ou de pureza, reflecte com maior ou menor intensidade, os raios do foco divino. A razão e a consciencia não guiam somente nossos juizos e nossos actos. São tambem os mais seguros meios para adquirir-se e possuir-se a verdade.

A taes pesquisas era consagrada a vida inteira dos iniciados. Não se limitavam, como em nossos dias, a preparar a mocidade, por estudos prematuros, insufficientes, mal digeridos, para as lutas e para os deveres da existencia. Eram os adeptos escolhidos, preparados desde a infancia para a carreira que deviam preencher, levados depois gradualmente para os pincaros intellectuaes, de onde se pode dominar e galgar a vida. Eram-lhes communicados os principios da sciencia secreta em uma proporção relativa ao desenvolvimento de sua intelligencia e de suas qualidades moraes. A iniciação era uma refundição completa do caracter, um accordar das faculdades entorpecidas d'alma. Sómente quando tinha sabido estinguir em si o fogo das paixões, comprimir os desejos impuros, orientar os impulsos de seu ser para o Bem e para o Bello, é que o adepto participava dos grandes mysterios.

Entrava então em posse de certos poderes sobre a natureza, e communicava com as potencias occultas do Universo.

Não deixam subsistir duvida alguma sobre tal ponto os testemunhos da historia a respeito de Apollonio de Tyana e de Simão o Mago, os factos pretensamente miraculosos levados a effecto por Moysés e pelo Christo.

Conheciam os iniciados os segredos das forças fluidicas e magneticas. Este dominio pouco familiar aos sabios de nossos dias, a quem se afiguram inexplicaveis os phenomenos do somnambulismo e da suggestão, no meio dos quaes se debatem em sua impotencia de conciliar-os com theorias preconcebidas, este dominio a sciencia oriental dos sanctuarios tinha explorado, e estava em posse de todas as suas chaves. N'elle encontrava meios de acção incompreensíveis para o vulgo, mas facilmente explicaveis hoje pelos phenomenos do spiritismo. Em suas experiencias physiologicas, chegou a sciencia contemporanea ao portico deste mundo occulto conhecido dos antigos, e regido por leis rigorosas.

(Continua).

OBRAS de ALLAN KARDEC

« O que é o Spiritismo ? »

« O Spiritismo em sua mais simples expressão. »

« Resumo da lei dos phenomenos spiritas. »

« Caracteres da revelação spirita. »

« Viagem spirita em 1862. »

Sob o nome Kardec, a segunda phase da vida, em que se entregou, de alma e corpo, ao cumprimento de sua alta missão, publicou o seguinte :

« O Livro dos Espiritos » (18 de Abril de 1857).

« O Livro dos Mediums » (Janeiro de 1861).

« O Evangelho segundo o Spiritismo » (Abril de 1864).

« O Céu e o Inferno » (Agosto de 1865).

« A Genese » (Janeiro de 1868).

« Revista Spirita » (Janeiro de 1858).

« Obras Posthumas. »

REFORMADOR

Acham-se á venda no nosso escriptorio collecções encadernadas dos cinco primeiros annos do Reformador (1883—1887) pelo preço de 20\$000.

Para as pessoas do interior basta o pedido, acompanhado da importancia em vale postal.

Typographia do REFORMADOR

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIÓDICO EVOLUCIONISTA

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz 83, 2º andar.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Maio — 15

N. 204

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz), o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Batura, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedito José de Souza Junior, rua da Constituição n. 117.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico commecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

Pedimos a todas as pessoas que recebem o Reformador immediata participação de alguma falta que por acaso possa haver na entrega da folha assim de ser promptamente providenciada.

A nossa missão

Mais alta, mais nobre, mais avantajada que outra qualquer, é a idéa que nos domina o espirito, que nos enche a alma, que nos impelle,romeiros do futuro, a deslizar rapidos pela estrada sem fim dos destinos humanos. Força impulsora que jamais se gasta, dir-se-ia que ella opera por um automatismo tal que quanto mais age, tanto mais energico se torna em sua *vi á tergo*.

Por isso mesmo, levados por essa corrente arrebatadora, não é em nós que vamos buscar a força para a lucta titanica em que estamos empenhados, mas tão só na pujança de nossos ideaes, no arrojo de nossas visões de futuro.

Lucta contra a tyrania dos preconceitos, contra as abusões seculares, contra as credencias do povo, e até contra o riso sceptico da increduli-

dade que não lê, ou contra a indifferença morna do egoismo que se retrai!

Para taes montanhas que nos barram o caminho, como inimigos gigantes, não teremos as incenas cartas imperativas de um Xerxes: o Athos que nos assoberba derruir-se-á, pedaço a pedaço, ante a fina tempera dos alvídões de nossos principios e sobretudo de nossos exemplos. Operarios da grande obra, cumpre que façamos do nosso proceder exemplar a blusa de trabalho que não permitirá manchas na alvura de nossas vestes.

Mas não será a força de musculos que faremos agir as nossas picaretas: o operario de hoje não é mais a força bruta de outras éras, é a intelligencia que dirige as forças subteis da natureza.

Cumpramos, pois, que as vozes de nossa consciencia e de nossa razão sejam brados, em vez de murmúrios; só assim teremos preparado a intelligencia de operarios da grande obra.

Não basta, portanto, que aos quatro ventos nos proclamemos os reformadores de um mundo: mais que tudo, convem que nos aprestemos para que seja harmonico o trabalho. E isto só conseguiremos depois de bem nos termos orientado sobre a nossa missão.

Em todas as epochas, no presente como no passado, viu-se sempre o coração humano cheio dos presentimentos da immortalidade: foi sobretudo por isso que os maiores sabios de todos os tempos, affirmando-a, architectaram sobre ella suas doutrinas philosophicas. Por outro lado encontram-se, em quasi todas as paginas da historia, as mais positivas asseverações de que os mortos relacionar se podem com os vivos.

O Spiritismo não veio, pois, no seculo presente, affirmar simplesmente a banalidade avelhantada de que somos immortaes e de que nos communicamos com os espiritos. Nulla tarefa seria essa, mesquinha para a doutrina que se qualifica a regeneradora do mundo!

Mais do que isso: elle veio na epocha opportuna chamar os seus cultores á missão impar e gloriosa de, fazendo da philosophia nazarena com todas as suas consequencias uma realidade palpavel, transfigurar as

negruras do mundo que nos é habitação em claridads celestiaes, em transparencias divinas!

Não veio crear culto algum novo, substituir religião a religião: mas affirmar que a verdade é uma só: o progresso indefinito pela caridade! Pela caridade sim, porque este só vocabulo resume em si o compendio das virtudes: caridade em actos, caridade em palavras, caridade em pensamentos! Modestia, tolerancia, humildade, abnegação, amor ao proximo — todas são caridade!

Assim aprestados, seremos a sementeira do bom grão que abafará o joio, não por destruição, mas por encheria.

A grande força do Spiritismo, e o segredo de sua certa victoria, estão sobretudo em affastar-se elle das normas que orientam todas as religiões: enquanto estas põe nas praticas cultuaes o maximo dos deveres, de modo que a vida social nada é relativamente aos exercicios individuais, o Spiritismo ensina que é principalmente na actividade social, na communhão com todos, que devemos applicar os seus principios.

Quem não bem ponderou no espirito que vae nestas palavras, é que ainda não apreheendeu a sua verdadeira missão: a esse caberia outrora, no tempo dos iniciados, o simples conhecimento exoterico da doutrina.

Tanto valem aquellas palavras como dizer que consiste a nossa tarefa em plantar no mundo uma sociedade livre, igual e fraterna; vigiemos, pois, para que uma conquista, por maior que seja, de qualquer destas condições, não nos deixe na inactividade quieta de quem pretende pôr limites ao progresso.

Cidadãos de todo o mundo, sejamos allemães em suas amarguras ou em suas actuaes aspirações, como brasileiros nas amarguras e nas aspirações destes.

Tendo sempre presente quão tremendo é o actual momento de transição, não fraqueemos na actividade de nosso trabalho: coragem, persistencia e virtude — taes os deveres.

Nem dasanimemos ante a accusação de sonhadores e utopistas: foi esta tambem a partilha de Platão, de Jesus, de Thomaz Morus, de Jean Reynaud, de tantos outros. A utopia da

vespera é a realidade do postridio: sejamos perseverantes. E, si nos disserem que somos poucos, quando em regra a victoria é do maior numero, lembremo-nos que esta está sempre do lado dos que, bem municiados, caminham harmonicos para a lucta. Recordemo-nos mais de que para deslocar o mundo só bastava Archimedes, si tivesse um *ponto fixo no espaço*!

A nossa missão é de paz: á tarefa, spiritas!

NOTICIARIO

Assistencia aos Necessitados. — Em breve abrir-se-á a kermesse que, em favor de seus cofres, está tratando de organizar esta instituição de caridade. Felizmente têm accorrido presurosas as almas bem formadas a offertarem donativos, que certamente produzirão algum beneficio a muitos necessitados, que estão á espera dos soccorros da Assistencia. Ainda ultimamente receberam o nosso gerente para entregar á instituição a quantia de 50\$000, que era enviada pelos nossos confrades de Friburgo. Que o puro sentimento da caridade de mais em mais se acrysole, são os nossos votos.

Conferencia spirita. — Sexta-feira 29 do corrente terá lugar na sala da Federação a 3.ª conferencia do illustre professor Ulysses Cabral, que com esta encerrará suas preleções. Pede-se o comparecimento de todos os spiritas, e sobretudo dos mediums e daquelles que frequentam ou dirigem grupos spiritas.

O fluido magnetico. — O Sr. Horace Pelletier, conselheiro de districto e official da Academia, escreveu á *Revue des Sciences Psychologiques* uma carta datada em Novembro do anno ultimo, na qual relata suas curiosas experiencias para averiguar si existia ou não o fluido magnetico, negado pelos hypnotisadores.

Tomou para isso dous vasos, que encheu com a mesma terra, e nelles semeou dous (habichuelas), numerando os vasos com o numero 1 e o numero 2. Regou o numero 1 com agua magnetisada e o outro com agua simples. Resultou que o numero 1 germinou dous dias antes do numero 2, e, bem que os dous crescessem louços e frescos, o numero 1 excedia mais a metade em altura ao seu companheiro, era mais vigoroso e exuberante, o caule mais grosso e mais cheio, e o grão mais volumoso. Era evidente que a agua magnetisada produzia efeitos, e que o magnetismo era alguma coisa mais do que imaginação.

Com uma segunda confirmou o Sr. Pelletier a primeira experiencia. Elle tinha um geranio que por causa de

uma rigorosa geada, achava-se em miserrimo estado: as folhas haviam de verdes tornado-se pallidas, descoradas, acabando por amarellecere e seccarem; a planta de dia em dia deperecia, em vão adubava-se o pé, em vão faziam-se regas, e prestavam-se cuidados. O geranio ia cada vez peor.

Empregou então o Sr. Pelletier a agua magnetizada, e em menos de uma semana de rega magnetica estava salva a planta, que deu ramos vigorosos, cobriu-se de folhas de um formoso verde, floresceu e encheu-se de vida.

O experimentador concluiu affirmando a existencia do fluido magnetico.

O Magnetometro — O mundo scientifico acaba de ser apresentado com mais um instrumento da ordem daquelles em que a arte acompanha *pari passu* a sciencia, não só para dar conta das investigações dos grandes pensadores, sinão tambem para registrar-lhes os descobrimentos desvendados á humanidade aos turbilhões no findar do presente seculo.

Queremos fallar do Magnetometro athmospherico do Sr. Abbade Fortin, do qual dão noticia circumstanciada as recentes revistas da Europa.

Este instrumento especial, de pequenas dimensões e proprio para ser collocado em aparador ou movel fixo, destina-se a dous fins; um — annunciar as tempestades e indicar suas diferentes phases em correspondencia com as observações das manchas variaveis do sol; o outro — demonstrar a accção magnetica do corpo humano, assignalando de modo evidente a existencia do fluido até agora negada pelos suggestionistas e hypnotisadores.

Uma agulha de cobre recosido, suspensa por um fio de casulo sobre um quadrante graduado, indica por movimentos variaveis o estado magnetico da athmosphera, e dá a medida do fluido de cada experimentador.

Para dar idéa dessa descoberta, quanto á segunda utilidade do instrumento, reproduzimos o trecho em que o autor trata do assumpto na sua obra — *Magnetismo athmospherico*.

« O homem é, um resumo do mundo, um mundo particular, cuja vida está no interior. Elle elabora e desenvolve incessantemente forças novas que vêm reparar as forças esgotadas pelo trabalho manual e mais ainda pelo trabalho intellectual.

« O magnetometro revela perfeitamente a existencia e a força do magnetismo humano. De saúde perfeita, nervoso, sanguineo, disposto a agir, aproxima a mão ao instrumento á distancia de um ou dous centimetros; deixae-a repousar tranquilamente perto da bobina, sem tocar no globo de vidro, durante alguns minutos apenas; retira-a em seguida; esperae um ou dous minutos e a oscillação vae se produzir: 10. 15. 20 graus; uma verdadeira tempestade magnetica escapa de vosso corpo pela vossa mão, ao só esforço dessa espera.

O mesmo não acontece no caso de esgotamento. O absoluto silencio do appparelho provaria, com a falta interior de toda a electricidade e de todo o calor, a morte.

Perda e recuperação da memoria depois do somno —

Extrahimos do *Religio Philosophical Journal* de 21 do Março proximo passado a seguinte interessante noticia:

« Machish, em sua *Philosophia do Somno*, falla de uma senhora, ainda moça, que, depois de um somno prolongado, acordou descobrindo que seu espirito era um perfeito ponto em branco, sem idéa alguma. Tinha-se absolutamente esquecido de tudo.

Sus amigos lhe eram estranhos. Não sabia mais fallar ou escrever, e mesmo vestir-se. É a unica coisa que se lhe podia fazer era ensinar-se-lhe de novo tudo quanto conheceu.

« Aprendia os rudimentos de tudo como si fôra uma criança, e seu espirito começara a enriquecer-se outra vez de conhecimentos necessarios. Então, depois de alguns mezes teve ella um outro accesso prolongado de somno, e quando acordou tornou-se a mesma que era dantes, e estava nas mesmas condições em que estivera antes do primeiro somno. Durante todo esse tempo não perdeu a intelligencia; apenas desenvolveu inconscientemente sua dupla natureza como no caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde.»

Um somno longo. — No *Religio Philosophical Journal* de 7 de Fevereiro lê-se:

« Miss Grace Gridley, da Amboy, bella rapariga de dezito annos. — a belleza dorminhoca de Amboy. — como é conhecida, accordou a 24 de Janeiro proximo passado depois de um somno de nove mezes ou 270 dias. Ha mezes passados fallamos della no *Journal*.

« Na ultima primavera havia em Amboy umas conferencias religiosas pelas quaes Miss Gridley tomou grande interesse. Uma tarde voltou ella da reunião em um estado de grande excitação de espirito e retirou-se para seu quarto, dizendo que estava com muito somno e esperava que sua mãe não a chamasse cedo no dia seguinte. A rapariga deixou de apparecer á hora do costume, mas sua mãe não foi perturbada. Mais tarde foram inuteis todas as tentativas para acordar-a, e desde então ficou ella deitada, com os olhos completamente fechados, os labios ligeiramente separados e os seios gentilmente agitados, parecendo que estava prestes a despertar de um ligeiro somno. Administraram-lhe alimentos em forma liquida por entre os labios semi-abertos. A donzella perdeu um nada de carne e está quasi tão gorda e rosada como quando começou a dormir.

« Muitos medicos têm estudado o caso e sua theoria é que a excitação religiosa, na qual laborou a donzella por muitos dias, prostou suas faculdades mentaes, e produziu-lhe o somno. Miss Gridley está agora acordada, porém passeia pela casa de um modo indifferente, parecendo não ver pessoa alguma, e perdeu a articulação da palavra, e quando muito pôde responder ás perguntas com um som guttural. Ainda que tome seu lugar na meza, não come, comtudo, sinão muito pouco, e parece não ter appetite para especie alguma de alimento. Esta muito fraca, porém tem-se esperanças de que ella recupere a saúde.

« O caso é notavel e tem desnor-teando todos os doutores, que o têm visto, não obstante darem elles uma mesma explicação do phenomeno.»

Caso curioso. — Sob este titulo publica a *Cidade de S. Paulo* de 5 do corrente, o facto seguinte, que, com as reservas convenientes, abaixo transcrevemos.

Cumpra observar que a expressão *encarnar-se*, empregada em um dos periodos, não é aquella de que usaria quem estivesse familiarizado com a doutrina spirita: ali parece ter-se dado um mero caso de obsessão. Seja como fôr, é este o facto:

« Ha cerca de dous mezes falleceu na cidade de Lavras o Sr. Bernardino José de Almeida. Durante toda a sua doença, e até o momento de fallecer, foi assistido por sua filha Izabel, de 18 annos de idade, que ininterruptamente velou á cabeceira de seu leito,

por dedicar-lhe o mais entranhado amor.

« No dia seguinte ao fallecimento, Izabel soffreu um ataque nervoso, que tem-se repetido consecutivamente até hoje.

« Sua mãe ouviu, certa noite, que Izabel conversava com alguma pessoa; perguntando-lhe com quem, não obteve resposta.

« No dia seguinte Izabel contou-lhe e ás irmãs que seu pae viera dizer-lhe que ia encarnar-se nella, e si tinha animo para isso, e que dera-lhe resposta affirmativa.

« Desde então, todas as vezes em que cahie em prostração, o que sempre succede em hora adiantada da noite, pratica actos estupendos: — falla com a voz perfeitamente igual á do seu finado pae, a ponto de sua propria mãe e irmãs afigurarem ser a voz do morto; tem revelado factos que não podiam ser conhecidos por ella. Izabel, ante o delegado de policia e um distincto e respeitavel medico dessa cidade, cumprimentou pelo nome um moço a quem jamais viu; refere factos passados em logares aonde nunca foi; tem causado extraordinario espanto a todos os da familia por diversas revelações que fez; fallando a sua mãe exprime-se como si fôra o finado, chamando a não de mãe, porém pelo nome — Laurinda.

« E como estes, muitos outros factos admiraveis e espantosos.

« O finado soffreu, durante muito tempo, de alienação mental.

« Todas essas informações foram dadas pessoalmente pela viuva, D. Laurinda, que declarou estar perplexa ante taes acontecimentos.»

Avisos pelos espiritos — Lê-se no *Harbinger of Light* de 1º de Fevereiro proximo passado:

« O nosso infatigavel confrade Horacio Pelletier extrahiu da litteratura do passado dous factos concernentes ao Spiritismo. O primeiro refere-se a Jeronymo Cardan, natural de Padua (1501-1576), que era igualmente distincto como mathematico, philosopho e medico.

« Conta elle no 84.º Capitulo do 5º livro de sua obra — *De varietate Rerum* — que um dos seus parentes, estudante na Universidade de Pavia, despertou uma noite e, ao acender lume para fazer luz, ouviu uma voz que dizia: « Adeus, meu filho; vou para Roma. » E ao mesmo tempo pareceu-lhe ver um grande clarão semelhante ao de um feixe de palhas lançadas ao fogo. Inteiramente assustado, o jovem estudante enterrou a cabeça debaixo dos lençoes, e permaneceu na cama, mais morto do que vivo até ao meio dia.

« Alguns collegas, ao voltarem da Universidade, bateram na porta do quarto; então elle levantou-se e foi abrir-a. Censuraram-n'o por ter-se elle ficado na cama tanto tempo, em vez de ir ás aulas. Descreveu então o mancebo a voz que tinha ouvido e o prodigio por elle presenciado. Nem occultou-lhes a convicção de que aquella voz e a luz que a acompanhava eram o prenuncio da morte de sua mãe.

« Seus companheiros riram-se ás gargalhadas, trataram-n'o de covarde e supersticioso, e levaram-n'o consigo a passar o resto do dia em divertimentos, afim de o distrahirem de suas tristes idéas.

« Os collegas de Cardan, depois de gozarem toda sorte de prazeres, voltaram para casa já alta noite. Na manhã seguinte, ao levantar-se, recebeu Cardan a noticia da morte de sua mãe, a qual teve lugar á mesma hora em que ouviu a voz e viu a luz.»

O segundo incidente, narrado por Pelletier é tirado da historia de Ingla-

terra, e refere-se ao bem conhecido assassinato do Duque de Buckingham per Felton.

Pouco tempo antes deste acontecimento, William Parker, amigo velho da familia, percebeu a seu lado, em pleno dia, o espectro do velho Sir Jorge Williers, pae do Duque, morto desde muito tempo. A principio, Parker tomou a appareição como uma illusão de seus sentidos; mas no mesmo instante reconheceu a voz de seu velho amigo — supplicando-lhe que prevenisse ao Duque de Buckingham para estar alerta, desaparecendo então.

Parker poz-se a reflectir sobre esta commissão, e achando-a difficil, não cuidou em desempenhal-a. O espectro appareceu de novo, e empregando ameaças e supplicas conseguiu que Parker se resolvesse a obdecer-lhe. Buckingham, porém, tratou-o como um louco e não prestou attenção a seu aviso.

Pela terceira vez apresentou-se-lhe o espectro, queixando-se da obstinação de seu filho, e mostrando um punhal, disse: « Avisae ao ingrato que vistes o instrumento pelo qual elle ha de morrer. » E, recendo que não fosse ainda attendida esta admoestação, o *phantasma* revelou a seu amigo um dos segredos mais intimos do Duque. Parker voltou á Corte. Buckingham a principio estremeceu, vendo-o senhor de seu segredo; logo, porém, recobrou seu tom de mofa e recomendou ao propheta que fosse curar-se da sua vesania. Não obstante, poucas semanas depois, o Duque de Buckingham foi assassinado.

Projecto — Do nosso collega de Buenos Ayres, *La Fraternidad*, transcrevemos a seguinte boa noticia: Vae caminhando a idéa de concorrerem os spiritas com suas experiencias, obras litterarias e philosophicas, etc. á Exposição Universal, que deverá celebrar-se em Chicago em 1892.

O Sr. Ed. N. Price escreve no *Banner of Light* de Boston em favor deste projecto, que, não duvidamos, levarão a effeito os nossos correligionarios do Norte.

Photographias spiritas, moldes de parafina, escripta directa, em linguas mortas e estranhas ao medium, flores transportadas, desenhos e pinturas mediamnimas, mensagens rapidas com lectras em cinco cores, appparelhos de comprovação empregados por investigadores scientificos, actas e informações authenticadas certificando os factos, colleção de Revistas spiritas, memorias, folhetos, livros e mil cousas mais, constituiriam um bazar de curiosidades, que attrahiriam a attenção publica, sendo um excellente meio de propaganda.

Animo! norte-americanos.

A cor do som — Lê-se no *Religio Philosophical Journal* de 7 do Fevereiro proximo passado:

« M. Pedros, jovem medico de Nantes, deu á publicidade sua theoria a respeito da cor do som, e que o som possui o attributo da cor. Fez esta descoberta por um amigo, dotado da faculdade mysteriosa de ver as cores do som, o que por muito tempo não se suppôz ser um caso excepcional, acreditando que todos possiam a mesma faculdade. Presentemente depois da descoberta que o som produz a cor, vem a de que a luz produz o som. O seguinte, extrahido do *Art Journal*, é interessante:

« Uma das mais admiraveis descobertas, que se tem feito na sciencia nestes dous ultimos annos é o facto de que um raio de luz produz som. Um raio de luz do sol é projectado atravez de uma lente sobre um vaso

de vidro, que continha fuligem, seda lã ou outras substancia. Um disco tendo fendas ou aberturas faz-se girar rapidamente neste raio de luz, de maneira que o cruze, o que produz alternadamente luz e sombra. Collocando-se o ouvido no vaso de vidro, ouvem-se sons estranhos enquanto o raio scintillante cahê sobre o vaso.

« Uma descoberta mais maravilhosa foi feita recentemente. Faz-se passar um raio solar através de um prisma, de modo a produzir o que se chama — o espectro solar ou arco-iris. Volta-se o disco e faz-se atravessal-o pela luz colorida do arco-iris. Então colloca-se o ouvido ao vaso contendo a seda, lã ou outro material. Quando as luzes coloridas do espectro cahem sobre elle, ouvem-se sons em diferentes partes do espectro, e ha silencio em outras.

« Por exemplo, si o vaso contém lã vermelha, e a luz verde scintilla sobre ella, ouvem-se sons retumbantes. Sómente sons fracos são percebidos, quando as partes—vermelha e azul do arco-iris cahem sobre o vaso, e não produzem som algum as outras côres. A seda verde produz melhor som na luz vermelha. Toda especie de material dá mais ou menos som conforme as diferentes côres, e com outras nenhum som produz. E' esta uma descoberta extraordinaria, e pensa-se que della hão de provir cousas mais maravilhosas. »

COMMUNICAÇÕES

Grupo Perseverança

K

Havia em certa cidade de um Estado do Brazil um moço muito conhecido por sua clarividencia. Esta exercitava-se sobretudo na cura das enfermidades, o que fazia com que sua casa estivesse sempre repleta de pessoas que iam procurar alívio aos seus males. Autes de tratar da questão pela qual a pessoa presente havia buscado a casa do medium, este, per-

ante a multidão desconhecida que enchia sua varanda e o terreno adjacente, principiava em geral por descrever a casa em que morava o paciente, dando particularidades que poderiam escapar a um observador inexperto, como, por exemplo, a mancha impressa por um ferro de engommar, no canto de um aposento, a falta de taes e taes vidros em um caixilho. Então fazia bem sentir, perante todos que elle e a pessoa presente nunca se tinham visto reciprocamente, e que, não havendo esta ainda dito ao que houvera vindo, elle ia eutretanto manifestar. O que, com effeito, acertadamente fazia, segundo a confirmação do consultante. Outras vezes começava, dando prova publica de sua clarividencia, descrevendo um qualquer signal occulto que a pessoa tinha no corpo; signal que muitas vezes esta não sabia que tivesse, mas que posteriormente verificava.

Para a cura das enfermidades empregava pós e hervas que elle mesmo fornecia, e exigia que cada um, antes de se retirar, fosse, ajoelhado em um altar que tinha em sua sala, fazer uma oração.

Não tem numero as curas promptas que levou a effeito. Quasi todos os espiritos foram presenciar os seus feitos, e muitos acompanharam-n'o até a barra do tribunal, quando a justiça publica pretendeu, sem ter podido conseguir, punil-o por exercicio illegal de medicina. Entretanto elle, que nunca houvera lido nenhum dos livros de Allan Kardec, mas que se limitava ao só conhecimento dado pelos espiritos que o acompanhavam, tinha a peor opinião sobre o Spiritismo, e aconselhava que se fugisse das sessões spiritas. Morreu cedo e inopinadamente. O grupo Perseverança julgou de utilidade sua evocação.

O primeiro trabalho começou pela seguinte comunicação:

« O estudo que ides encetar hoje, meus irmãos, é, em alguns pontos semelhante ao precedente (*refere-se ao trabalho publicado sob a letra H*); mas,

pingarda e uma faca de ponta e metteu-se n'um matto cerrado, d'onde sempre partia a visagem.

Pelas tantas da noite, viu chegar uma mulher, despir as roupas e começou a espojar-se no chão.

Momentos depois, saltava e zurrava nma mula, que, o senhor sabe, é animal que não existe em nossos sertões, onde todo o serviço se faz em cavallos.

Chico Pinheiro engatilhou a espingarda para o que desse e viesse e não fez mal, porque a mula avançou sobre elle como desesperada.

Pregou-lhe fogo e viu o bruto rolar no chão, mas um instante depois, viu-o erguer-se para o lado do povoado, como uma fleixa.

Apanhou as roupas e por ellas reconheceu que era a comadre do capellão que fazia a tal transformação; mas começou a entristecer, ter fastio, a lançar o pouco que cemia e antes de dous mezes era defuncto.

Mas o Sr. capitão ouviu esta historia do proprio seu primo?

Muitas vezes, e tanto que elle attribuia seus incommodos a ter descoberto o segredo daquelle encantamento.

Sem duvida que foi, Sr. Leopoldo.

Eu não disse palavra e o velho continuou, por me convencer da veridade daquelle factos extraordinarios.

Sobre lobis-homem lhe contarei dous factos, de que não posso daviar, ainda que delles duvide o mundo inteiro.

Aqui nas minhas terras, veio ter, ha annos, um sujeito muito amarello, como quem soffre de maleitas, com a mulher e uma ninhada de filhos.

Pedi-me licença para fazer casa em minha sesmaria e eu dei-lh'a, que não recuso a ninguém o que Deus creou para todos.

Não tinha passado um anno, e eis que me entra pela casa a dentro a mulher banhada em lagrimas, trazeudo comsigo a filhaçada.

O que lhe aconteceu, senhora?

sendo differente em alguns outros, poderéis colher no seu desenvolvimento ensinamentos proveitosos. Luiz. »

Entrámos então em relação com o espirito pela seguinte forma:

Esp. — Tivestes desejos de travar relações commigo; eis-me aqui ao vosso dispor.

Evoc. — Por que meio, como soubestes que tinhamos desejos de travar relações convosco?

Esp. — O meio é vosso desejo manifesto para nós, que não precisamos de outro.

Evoc. — Mas desde quando sabeis que tinhamos esse desejo? Cada pergunta que vos fazemos não é inutil: tem uma razão de ser.

Esp. — Não duvido que vossa pergunta seja seria. Dir-vos-ei que preciso o tempo é mais difficil do que julgaes; é natural que tivesse sido desde que experimentastes esse desejo.

Evoc. — Não teem então os espiritos noção do tempo?

Esp. — Teem noção do tempo, sim; mas não das divisões pelas quaes o medis: não servem para elles.

Evoc. — Não distinguirão então os espiritos o dia da noite?

Esp. — Si applicam-se exclusivamente ás cousas que se passam entre vós distinguem todos esses phenomenos proprios ao planeta; porém é preciso, por bem dizer, estar entre vós.

Evoc. — Desejamos saber, si tanto é possível, si o espirito desprendido dos laços materiaes, collocado em qualquer ponto do planeta, seja qual for a posição do sol no horisonte, distingue, como os encarnados, o dia da noite, a claridade da escuridão?

(Em resposta obtivemos o esclarecimento seguinte: « O espirito que interrogaes nada pode dizer-vos sobre essas interrogações: elle mesmo precisa de luz. »)

Evoc. — Conheceis naturalmente alguma das pessoas que se acham aqui reunidas?

Ah! Sr. capitão, a maior desgraça da vida.

Saberá V. S. que casei-me com meu marido muito por meu gosto e delle, mas contra a vontade de meus paes, que me rogaram praga de meu marido virar lobis-homem.

Temos vivido até hoje, como pobres, porém amando-nos e amando a nossos filhinhos.

Meu marido todas as sextas-feiras sahia de casa depois de jantar e só voltava pela madrugada.

Dava-me desculpas e eu andei sempre contente.

Hontem, depois do jantar, convidou-me para irmos ao roçado, que fica a um quarto de legua de nossa casinha e eu sahi com elle, sem pensar em mal.

No meio do caminho, disse-me: espera aqui um instante, enquanto vou fazer uma necessidade.

Esperei, esperei e cancei de esperar o homem. Já estava com cuidado.

De repente vejo sahir do matto um bicho, como um porco de vara arrependendo contra mim.

Não sei como não cahí sem sentidos de medo; mas Deus me deu forças e pude trepar n'um galho da arvore debaixo da qual estava.

O galho era baixo, de modo que a minha saia de zuarte azul ficava a trez palmos, quando muito, do chão.

O bicho parou a meus pés e atracou-se á barra da saia com a maior furia, para dar commigo em terra.

Eu tanto me agarrava á arvore, quanto gritava por meu marido, que não apparecia.

Desenganado de me arrancar da arvore, o bicho largou a correr para o matto, deixando-me em mizerando estado de afflicção, porque eu só explicava a falta de meu marido, por tel-o eile devorado, antes de vir a mim.

Quiz descer, mas tinha medo de encontrar o bicho feroz, que bem podia estar rondando por ali.

O espirito respondeu por um simples traço.

Evoc. — Estaes no espaço como esperaveis quando encarnado, ou tivestes dessas desillusões que succede terem algumas vezes os espiritos?

Evoc. — Nunca assististes a um trabalho nosso?

Esp. — A outros; não aos vossos.

Esp. — Visto não vos contentar minhas respostas, por que continuar nas perguntas?

Evoc. — E como espirito que sois não podeis lêr no pensamento de todos nós?

Esp. — Obrigaes-me a dizer-vos cousas que não quizeras vos confessar! Mas que quereis saber? Perguntae claramente.

Evoc. — Lembrae-vos completamente de vossa vida como o medium E...?

Esp. — Recordo-me de tudo; mas, é tempo de dizel-o, recordo-me de tudo para minha confusão.

Evoc. — Não approvaes, pois, o que fizestes como E...?

Esp. — Compreendei bem o que digo: não fiz a caridade por ella, nem a fiz por mim; fil-a por orgulho de mostrar um poder e uma virtude que não eram meus; eis o motivo da minha confusão hoje que é chegada a occasião.

Evoc. — Temos muito que conversar convosco; pedimo-vos, já que a hora se adianta, que tenhaes a paciencia de, na proxima quarta-feira, vir ter a nós.

Foi esta a comunicação final deste dia:

« E' nos pontos essenciaes que existe a divergencia que assignalei na instrução inicial, como reconheceres pela continuação do estudo. Esses dois espiritos, cujos meios de acção eram os mesmos, chegaram a resultados diversos; sendo ultimo o primeiro e o que suas condições intellectuaes collocavam em primeiro plano passou a ser ultimo, porque o Senhor tira a gerencia de seus bens aos que não os fazem prduzir na razão de seu valor. »

Luiz.

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

De uma assentada vim á villa do Frade, onde precisei refazer-me de cavalgadas.

Para isso fui ter á casa do capitão Thomé Lopes, que recebeu-me, como se recebem e se acolhem os viajantes em todas as casas dos nossos sertões.

Dá-se-lhes tudo o que precisam sem se lhes perguntar quem são e donde vem.

Deus queira, meu amigo, que a civilização, sempre acompanhada das especulações mercantis, não acabe tão cedo com aquelles bellos costumes patriarchaes.

O velho capitão, reteve-me em sua casa por dous dias, enquanto amilhava os cavallos que me dava gordos, em troco dos meus magros e cangados.

Foi um intervallo em que tivemos occasião de fallar sobre mulas sem cabeça e sobre lobis-homem.

Serão abusões, disse-me o velho; mas o que lhe posso assegurar, Sr. Leopoldo, é que pessoas respeitaveis dão testemunho dessas cousas.

Na povoação da Cachoeira havia um padre, que era o capellão, e que vivia com a sua comadre.

Todas as sextas-feiras, um dos arrabaldes do povoado era atropelado pelo trotar de um animal, perseguido pelos cães.

Meu primo Chico Pinheiro, rapaz desabussado, resolveu um dia descobrir aquelle mysterio e n'uma sexta-feira tomou a es-

Nesta anciedade e indecisão, vejo vir meu marido caminhando muito socegado para onde eu estava.

Saltei e corri para elle, perguntando-lhe si não lhe tinha acontecido algum mal.

Mal, porque? me respondeu naturalmente. Contei-lhe o que vira e manifestei surpresa por não ter corrido a meus gritos pedindo soccorro.

Riu de mim, dizendo que aquillo era sonho.

Teimei com elle; mas, não o podendo convencer, calei-me e depois de ter ido no roçado, voltei á casa.

Hoje de manhã, meu marido deitou-se no meu collo e eu puz-me a catal-o. Elle adormeceu e abriu a bocca resomnando.

Ah! senhor. Nos dentes de meu marido estavam os flaps de minha saia de zuarte azul!

Meu marido vira lobis-homem, Sr. capitão, em razão da praga de meus paes!

Que desgraça para mim!

E como viver com um homem que me quiz matar e beber-me o sangue, como fazem os lobis-homem?

Nesta afflicção, lembrei-me de vir tomar conselho com V. S. e lhe peço pelo amor de Deus que tenha compaixão da mais desgraçada das mulheres, de uma mãe de tantos filhinhos, que não sei mesmo como poderão viver sem seu paé.

Eu fiquei consternado; mandei chamar o homem e lhe dei conselhos; mas elle disparou commigo.

No dia seguinte, vinha eu alta noite no meu cavallo de sella, quando me sahe do matto um porco e arranca para cima de mim.

O cavallo espantou-se e disparou; mas o porco acompanhou-o, mettendo a cabeça debaixo do estribo para me fazer viar do outro lado.

N'uma daquellas viravoltas, arranhouse na espora, e partiu zunindo como uma carapeta.

Eu vi, Sr. Leopoldo; ninguém me contou!

MISCELLANEA

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPÍRITOS
SUAS BASES SCIENTÍFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENÇAS E NEGAÇÕES

I. As Religiões. — A Doutrina secreta.

Ainda até hoje não ousou nelle penetrar francamente. Mas bem perto está o dia em que a força das cousas e o exemplo dos audaciosos a tal constrangel-a-á. Ella reconhecerá então que nada ha ahi de sobrenatural, mas, ao contrario, uma face ignorada da Natureza, uma manifestação das forças subteis, um aspecto novo da vida que enche o infinito.

Si do dominio dos factos, passarmos ao dos principios, teremos, desde logo, de esboçar as grandes linhas da doutrina secreta. A seu ver, mais não é a vida do que a evolução, no tempo e no espaço, do espirito, unica realidade permanente. A materia é sua expressão inferior, sua forma variavel. O Ser por excellencia, fonte de todos os seres, é Deus, ao mesmo tempo triplo e uno, essencia, substancia e vida em que se resume todo o Universo. Dahi o deismo trinitario que da India e do Egypto passou, desfigurando-se, para a doutrina christã. Dos tres elementos do Ser, fez esta pessoas. A alma humana, parcella da grande alma, é immortal. Progrida e sóbe para seu autor atravez de existencias numerosas, alternativamente terrestres e espirituas, e por um aperfeiçoamento continuo. Em suas encarnações corporaes, constitue ella o homem, cuja natureza ternaria, corpo, perispirito e alma, centros correspondentes da sensação, do sentimento e do conhecimento, torna-se um microcosmo ou pequeno mundo, imagem reduzida do macrocosmo ou grande Todo. Eis por que podemos encontrar Deus no mais profundo de nosso ser, interrogando a nós mesmos na solidão, estudando e desenvolvendo nossas faculdades latentes, nossa razão e nossa consciencia. Tem duas faces a vida universal: a involução, ou descida do espirito á materia pela criação individual, e a evolução, ou ascensão gradual pela cadeia das existencias para a Unidade divina.

A esta philosophia prendia-se um feixe inteiro de sciencias: a sciencia dos Numeros ou mathematicas sagradas, a Theogonia, a Cosmogonia, a Psychologia, a Physica. Nellas o methodo inductivo e o methodo experimental combinavam-se e serviam-se reciprocamente de verificação, por modo a formar um todo imponente, um edificio de proporções harmonicas.

Ao pensamento desvendava este ensino perspectivas susceptíveis de causarem vertigem aos espiritos mal preparados. Por isso era elle reservado para os fortes. Si com ver o infinito perturbam-se e desvairam as almas debeis, fortificam-se e medram as valentes. E' no conhecimento das leis superiores que estas vão beber a fé esclarecida, a confiança no futuro, a consolação na desgraça. Tal conhecimento produz benevolencia para com os fracos, para com todos aquelles que se agitam ainda nos circulos inferiores da existencia, victimas das

paixões e da ignorancia; elle inspira tolerancia para todas as crenças. O iniciado sabia se unir a todos e orar com todos. Honrava Brahma na India, Osiris em Memphis, Jupiter em Olympia, como pallidas imagens da Potencia suprema, directora das almas e dos mundos. E' assim que a verdadeira Religião se eleva acima de todas as crenças e a nenhuma maldiz.

Produziu o ensino dos sanctuarios homens verdadeiramente prodigiosos pela elevação de vistas e pelo valor das obras realizadas, fina flôr de pensadores e de homens de acção, cujos nomes se encontram em todas as paginas da historia. Foi dahi que sahiram os grandes reformadores, os fundadores de religiões, os ardentes propagandistas: Krishna, Zoroastro, Hermes, Moysés, Pythagoras, Platão, Jesus, todos aquelles que têm querido pôr ao alcance das multidões as verdades sublimes que faziam sua superioridade. Lançaram aos ventos a semente que fecunda as almas; promulgaram a lei moral, imutavel, sempre e por toda a parte semelhante a si mesma. Mas não souberam os discipulos guardar intacta a herança dos mestres. Mortos estes, seu ensino desnaturou-se, foi desfigurado por alterações successivas. Não era a media dos homens apta a perceber as cousas do espirito; bem depressa perderam as religiões sua simplicidade e pureza primitivas. As verdades que ellas ensinavam foram afogadas nas miudezas de uma interpretação grosseira e material. Abusou-se dos symbolos para chocar a imaginação dos crentes, e bem cedo, debaixo delles, ficou a idéa mãe sepultada, esquecida. A Verdade é comparavel a estas gottas de chuva que oscillam na extremidade de um ramo. Enquanto ahi ficam suspensas, brilham como puros diamantes aos raios do sol; desde, porém, que tocam o chão, confundem-se com todas as impurezas. O que nos vem de cima mancha-se ao contacto terrestre. Até mesmo no seio dos templos, levou o homem suas paixões, suas concupiscencias, suas misérias moraes. Por isso em cada religião o erro, este apanagio da Terra, mistura-se com a verdade, este bem dos ceus.

Pergunta-se algumas vezes si a religião é necessaria. A religião (do latim *religare*, ligar, unir), bem comprehendida, deveria ser um laço que prendesse os homens entre si, unindo-os por um mesmo pensamento ao principio superior das cousas. Ha n'alma um sentimento natural que a arrasta para um ideal de perfeição, em que ella identifica o Bem e a Justiça. Si fosse esclarecido pela sciencia, fortificado pela razão, apoiado sobre a liberdade de consciencia, este sentimento, o mais nobre que experimentar se possa, tornar-se ia o movel das grandes e generosas acções; mas, empanado, falseado, materializado, tornou-se muitissimas vezes, pelos cuidados da theocracia, um instrumento de dominação egoista.

A religião é necessaria e indestrutivel, porque ella vae haurir sua razão de existencia na natureza mesma do ser humano, cujas aspirações elevadas ella resume e exprime. E' tambem a expressão das leis eternas, e, sob este ponto de vista, confundir-se deve com a philosophia, que ella faz passar do dominio da theoria para o da execução, e torna vivaz e activo.

Mas, para exercer uma influencia salutar, para voltar a ser um movel de elevação e de progresso, deve a religião despojar-se dos disfarces de que se revestiu atravez dos seculos. Não é seu principio que deve desaparecer; são, com os mythos obscuros, as formas exteriores, o culto, as ceremonias. Cumpre evitar confundir

cousas tão dissimilhanes. A verdadeira religião não é uma manifestação exterior, é um sentimento, e acha-se no coração humano que é o verdadeiro templo do Eterno. A verdadeira religião não poderia ser encerrada dentro de regras ou de ritos estreitos. Não necessita de sacerdotes, nem de formulas, nem de imagens. Pouco se inquieta com simulacros e com formas de adoração, e só julga os dogmas por sua influencia sobre o aperfeiçoamento das sociedades. Abraça todos os cultos, todos os sacerdotios, eleva-se acima delles e lhes diz: A Verdade está muito mais acima!

Todos os homens, deve-se comprehender entretanto, não se acham nos casos de attingir a estes pincaros intellectuaes. Eis por que a tolerancia e a benevolencia são cousas que se impõe. Si o dever nos convida a desprender os bons espiritos dos aspectos vulgares da religião, cumpre-nos abster de lançar a pedra ás almas soffredoras, lacrymosas, incapazes de assimilarem noções abstractas, e que encontram em sua fé candida arrimo e conforto.

Porém verifica-se que o numero dos crentes sinceros diminui de dia em dia. A idéa de Deus, outr'ora simples e grande nas almas, foi desnaturada pelo receio do inferno: ella perdeu seu poder. Na impossibilidade de se elevarem até o absoluto, acreditaram certos homens ser necessario adaptar á sua forma e á sua medida tudo o que queriam conceber. E' assim que rebaixaram Deus ao seu proprio nível, emprestando-lhe suas paixões e suas fraquezas, amesquinhando a natureza e o universo, e, sob o prisma de sua ignorancia, decompondo em cores diversas o raio de ouro da verdade. As claras noções da religião natural foram com desvelo obscurecidas. A ficção e a phantasia engendraram o erro, e este, preso ao dogma, ergueuse como um obstaculo no caminho dos povos. A luz ficou velada para aquelles que se acreditavam seus depositarios, e as trevas com que pretendiam envolver os outros fizeram-se nelles e em torno delles. Os dogmas perverteram o senso religioso, e o interesse de casta falseou o senso moral. Dahi um acervo de superstições, de abusos, de praticas idolatras, cujo espectáculo lançou tantos homens na negação.

Mas a reacção se annuncia. As religiões, immobilizadas em seus dogmas como as mumias em suas faxas, agonisam abafadas em seus envoltorios materiaes, enquanto tudo marcha e evolve em torno dellas. Perderam quasi toda a influencia sobre os costumes e sobre a vida social, e estão destinadas a perecer. Mas, como todas as cousas, as religiões só morrem para renascem. Modifica-se, e com os tempos se dilata a idéa que os homens fazem da Verdade. Eis por que as religiões, que são manifestações temporarias, vistas parciais da eterna verdade, devem se transformar, desde que já cumpriram sua tarefa, e mais não correspondem aos progressos e ás necessidades da humanidade. A medida que esta caminha, são-lhe precisas novas concepções, um ideal mais elevado, e só os encontra nas descobertas da sciencia, nas intuições crescentes do pensamento. Chegámos a um instante da historia em que as religiões encanecidas aluem-se por suas bases, em que uma renovação philosophica e social se prepara. O progresso material e intellectual desafia o progresso moral. Na profundidade das almas agita-se um mundo de aspirações, que faz esforços por tomar forma e apparecer á vida. Estas duas grandes forças, impereciveis como o espirito humano, de que são attributos — o sentimento e

a razão — forças até hoje hostis e que perturbavam a sociedade com seus conflictos, semeando por toda parte a discórdia, a confusão e o odio, tendem finalmente a se reconciliarem. Deve a religião perder seu caracter dogmatico e sacerdotal para tornar-se scientifica; a sciencia libertar-se-á dos baixios materialistas para esclarecer-se com um raio divino. Vae surgir uma doutrina, idealista em suas tendencias, positiva e experimental em seu methodo, apoiada sobre factos innegaveis. E systemas oppostos na apparencia, philosophias contraditorias e inimigas, o Spiritualismo e o Naturalismo entre outras, acharão nella um terreno de reconciliação. Syntese poderosa, abraçará e ligará todas as concepções variadas do mundo e da vida, raios partidos, faces diversas da verdade.

Será a resurreição sob uma forma mais completa, tornada a todos accessivel, desta doutrina que o passado conheceu, será o apparecimento da religião natural que renascera simples, sem cultos nem altares. Cada pae será sacerdote em sua familia, ensinará e dará o exemplo. Passará a religião para os actos, para o desejo ardente do bem; o holocausto será o sacrificio de nossas paixões, o aperfeiçoamento do espirito humano. Tal será a religião superior, definitiva, universal, no seio da qual fundir-se-ão, como rios no Oceano, todas as religiões passageiras, contraditorias, causas frequentissimas de divisão e de dilaceração para a humanidade.

(Continua)

OBRAS de ALLAN KARDEC

As pessoas que desejarem se iniciar no conhecimento da sciencia spirita devem ler seguidamente as obras de Allan Kardec, constando da relação que segue:

Livro dos Espiritos (parte philosophica) contendo os principios do Spiritismo.

Livro dos Mediums (parte experimental) contendo a theoria de todos os generos de manifestações spiritas.

O Evangelho segundo o Spiritismo (parte moral) contendo a explicação das maximas de Christo, sua applicação e concordancia com o Spiritismo.

O Ceu e o Inferno (parte scientifica) contendo a explicação das leis que regem os phenomenos da natureza.

Oeuvres Posthumes.

Este livro está sendo traduzido e editado em fasciculos que acham-se á venda na papelaria Maximino — rua da Quitanda, 90.

O que é o Spiritismo.

Noções elementares de Spiritismo.

Estes dous ultimos são uns pequenos resumos da doutrina spirita.

Todas estas obras encontram-se na livraria Garnier, á r. do Ouvidor, 71.

REFORMADOR

Acham-se á venda no nosso escriptorio collecções encadernadas dos cinco primeiros annos do *Reformador* (1883—1887) pelo preço de 20\$000.

Para as pessoas do interior basta o pedido, acompanhado da importancia em vale postal.

Typographia do REFORMADOR

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz 83, 2º andar.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Junho — 1

N. 205

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz), o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Batura, rua Lavapés n.º 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedicto José de Souza Junior, rua do General Camara n.º 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosario n.º 42 A.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

Pedimos a todas as pessoas que recebem o Reformador immediata participação de alguma falta que por acaso possa haver na entrega da folha afim de ser promptamente providenciada.

O dever

Ricos ou pobres, blasonados ou plebeus, temos, todos, perante o bem geral, uma missão de progresso. Trabalhar pela desenvolvimento moral da humanidade, ou empregar esforços para o seu adiantamento material, é concorrer igualmente para a mesma obra, é collaborar com o pensamento divino.

Somos, pois, todos missionarios, nós os que fazemos surtir quasi do nada os grandes inventos, como os que levamos o pão da verdade aos espiritos entenebrecidos pelas sombras do erro.

Nenhum é maior do que outro: tanto vale o lavrador que, modestamente amanhando a terra, concorre para a vida activa e laboriosa dos que têm outros encargos, como o pensador que no silencio do gabinete

se occupa com a solução dos grandes problemas sociaes.

Tudo é trabalhar, e aquelle que paciente e conscientemente se sujeita á lei do trabalho, coopera por igual no grande plano da marcha dos mundos.

Eis por que perante a immarcescivel justiça tanto vale o operario da pequena como da grande obra.

Nem é maior Lincoln, o libertador de uma raça, do que o misero escravo encarregado de fazer soar aos ouvidos do triumphador romano a phrase: Lembrae vos de que sois mortal!

Nosso empenho deve ser portanto não nos preocuparmos com a mesquinhez apparente de nossa missão pessoal, porém leva-la a cabo com a afouteza dos grandes commettimentos.

Por vezes, salientando o contraste de nossa obscura vida do lar com a actividade ruidosa de outros, cuja missão está patente, perguntamos a nós mesmos: qual é, pois, a minha missão? Desenganados de receber resposta satisfactoria a tal interrogação, julgamo-nos roda inutil no grande machinismo da humanidade.

Não; assim não é. Na vida a mais humilde ha missões das mais grandiosas: a de encaminhar um espirito, por exemplo, no carreiro do dever. Em sua linguagem pittoresca, Jesus, com effeito, affirmou a alegria do pastor, quando vê de volta ao redil a ovelha transalhada.

Sejamos parcos, portanto, em juizos sobre nós mesmos: o que a cada um cumpre é dedicarmo-nos afoutamente ao trabalho que nos cabe, sem juizos, sem comparações com a tarefa alheia. Somos fracos, somos fortes no afan de nossa missão? Que importa! Julgue quem só tem elementos para isso: foi a lição que recebemos da Judéa.

O que mais nos cumpre é compenetrarmo-nos de que em qualquer esphera da vida, estamos sempre a satisfazer um compromisso do passado, que deve, com denodo, ser levado a cabo.

Artezaes, funcionarios, medicos, legistas, sacerdotes, reis, á obra, porque estaes em uma de vossas missões! Paes, mães, irmãos, amigos, não afrouxeis, porque tambem estaes em missão!

Pesae bem essa injuncção, e só assim vos tereis orientado no cum-

primento do dever. Não abandoneis jamais o martello, o escopro, a agulha, a colher, o bisturi, a penna ou o livro, porque todos estes instrumentos servem para a architectação do grande monumento do futuro. E' assim, que, simultaneamente satisfazendo o compromisso do passado, estaremos a trabalhar no vasto edificio do porvir.

O dever é empregarmos esforços para que a mão que sopesa os instrumentos do trabalho não quede ociosa n'uma inactividade, que é crime.

Compenetrando-nos de que, satisfazendo a esse dever, não estamos em uma obra pessoal, mas em uma tarefa commum, mais uma vez teremos affirmado, com a lei do trabalho, a lei da solidariedade.

Só assim é que, em realidade, nos convenceremos de que somos todos collaboradores na obra divina da evolução dos mundos: quanto mais agirmos, tanto maior impulso teremos dado á roda vertiginosa do progresso.

Relativamente a nós spiritas avoluma-se esse dever, porque somos operarios conscientes do quinhão de trabalho que a nós cabe. Como o condor que devassa os ares e lá das alturas descortina mais vastos horizontes, os spiritas estamos a perscrutar, de infinito em infinito, a celeridade com que se norteam as espheras para a perfeição. E' que cansados de termos os olhos sempre baixos para o chão do planeta em que nos firmamos, esvoaçamos além, de fronte erguida, a penetrar de ceu em ceu em busca da realidade do ideal.

Ao trabalho, spiritas, roubemos ao condor as suas azas!

NOTICIARIO

Conferencia spirita. — A's 7 horas da noite de sexta-feira, 29 do corrente, far-se-á na sala da Federação a 6.ª conferencia spirita, de que se encarregou nosso illustre confrade Dr. Sequeira Dias. Dos primeiros que no Rio de Janeiro cultivaram o Spiritismo, membro do ex-grupo Confucio o nucleo de onde por esta cidade se irradiou a nossa doutrina, tem o conferentista na antiguidade de suas crenças a mais segura garantia de que exporá com proveito, os resultados de sua experiencia, que já não é pequena. Solicitamos a presença de todos os nossos confrades, porque é em comicios de tal ordem que mais se estreitam os

laços que devem apertar os irmãos da mesma crença.

Correspondencia do estrangeiro. — Do Sr. Dr. Wladimir Matta, nosso correspondente em Pariz, acaba a Federação de receber sua segunda missiva. Eil-a:

« Duas vezes me dirigi á rua Trévise, em procura do Sr. Papus, para felicitá-lo, em nome da Federação, pelas obras que o insigne escriptor e propagandista tem publicado em prol da realidade positiva de numerosos factos encarados por grande numero de homens como productos de imaginação exaltada, ou como effeitos de acaso.

« Em nenhuma das vezes tive a felicidade de encontrá-lo; da segunda, porém, mais venturoso, fui recebido pelo Sr. L. Mauchel, illustre e amavel secretario do Grupo Independente de Estudos Esotericos, o qual não só desculpou-se por não achar-se presente o Sr. Papus, como agradeceu os cumprimentos, prometendo apresentá-lhos, e, em excesso de gentileza, offereceu-me um convite para assistir á primeira conferencia, realisada pelo Grupo na sexta-feira, 24 de Abril, e da qual era orador o mesmo Sr. Papus.

« Deveis avaliar a satisfação com que retirei-me, pois ia realizar de uma só vez dous não pequenos desejos: conhecer o Sr. Papus, e ouvir a sua palavra em uma conferencia.

« Com effeito, no dia e hora aprazados, tomei logar na sala das conferencias. Cerca de uma centena de pessoas enchia o salão. A' hora pontual foi declarada aberta a sessão, e o Sr. Papus, usando da palavra por mais de uma hora, dissertou contra as idéas expendidas no recentissimo livro intitulado *La Bas*, livro que critica e contraria não só as opiniões dos esotericos como tambem as dos spiritas.

« Além da brilhante refutação do erudito orador, tive occasião, logo em principio, de reparar na facil e attractante locução de que é dotado. O Sr. Papus é ainda jovem; contará, quando muito trinta e tantos annos; muito affavel e sympathico.

« Ao terminar sua conferencia, foi saudado por uma verdadeira ovação de palmas e felicitações.

« Vi que era meu dever aproveitar o ensejo para tambem cumprimentá-lo em nome da Federação; confesso, porém, que senti-me acanhado, por causa do numero do auditorio.

« Antes de começar a sessão, foi distribuido o jornal *Le Voile d'Isis*, orgão do Grupo de Estudos Esotericos, que remetto com esta. Chamo a vossa attenção especialmente para o artigo de fundo, em que o proprio Sr. Papus definiu sua attitudem em relação ao Spiritismo.

« Quizera dispôr de tempo para dizer ainda algumas palavras sobre a illustre comissão da Sociedade de Psychologia e Physiologia que tem de emittir parecer sobre os factos

ainda mal determinados de pessoas crerem ver ou ouvir pessoas ausentes.

« Esta comissão é composta dos seguintes sabios: Sully-Prudhomme, da Academia Franceza, presidente; G. Ballet, aggregado á Faculdade de Medicina de Paris; Beaunis, professor da Faculdade de Medicina de Nancy; L. Mavillier, director das conferencias na Escola Pratica de Altos Estudos; Ch. Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris; e o Coronel A. de Rochas, administrador da Escola Polytechnica.

« Li esta noticia na Revista de Hypnotismo e de Psychologia Physiologica, com a qual fui honrado pelo redactor-chefe, meu eminente mestre na Escola de Medicina, Dr. Edgar Bérillon.

« Faço ponto aqui, prometendo entretanto satisfazer vossa curiosidade, continuando a pôr-vos ao corrente do que de mais importante para a nossa causa occorrer. »

La Vérité. — Este conhecido periodico spirita, que, sob a redacção do nosso illustre confrade P. Rastouil, vinha a publico na cidade de Buenos Ayres, teve em consequencia dos ultimos acontecimentos politicos, alli succedidos, de suspender sua publicação. Transportando a residencia para a cidade do Rosario, aquelle uosso irmão reatou neste ponto a publicação interrompida daquelle interessante periodico, que soffreu algumas modificações já no formato já nas épocas de vir á luz. Hoje *La Vérité* não é mais um jornal que se publique tres vezes ao mez, mas uma revista mensal, cujo primeiro numero acabamos de receber. Mudando a forma, não mudou entretanto de programma, pois a orientação do redactor continua a mesma. E' caso para darmos os parabens aos habitantes do Rosario, onde não havia periodico spirita, e para, com os nossos agradecimentos, enviarmos ao illustre confrade uma palavra de animação, de que certamente não precisa.

Boa nova. — Sabe-se de quanto proveito têm sido para a causa da verdade os estudos e publicações da Sociedade de investigações psychicas, desde muito fundada em Londres. Sem opinião preconcebida sobre as theorias dos factos telepathicos ou dos da mesma natureza, procura a sociedade simplesmente registrar factos perfeitamente authenticados. E' assim que o nome mais respeitavel não é por si só bastante para recomendar um phenomeno á attenção da sociedade: exige-se mais um certo numero de testemunhos, que por seu proprio punho asseverem-n'o, e tambem que não possam ser explicados por suggestão ou hallucinação os phenomenos referidos. Julga a Sociedade que só depois de possuir-se um repositório de factos numerosos, assim cumulados, é que se poderão deduzir as leis a que obedecem, é que com segurança poder-se-á theorisar. Esta isenção e criterio são motivos de satisfação para os spiritas, porque dos serios estudos de tão grave sociedade só poderá resultar no futuro a evidencia da theoria spirita.

Em França, a patria das letras, já ha pouco fundou-se uma associação com os mesmos fins; restava, porém, que houvesse egualmente um periodico dedicado a identicos intuitos. Foi a lacuna que veio preencher os *Annales des Sciences Psychiques*, repositório de observações e experiencias, que, sob a direcção do Sr. Dr. Dariex, vem a publico de dous em dous mezes.

O primeiro numero, que temos á vista, traz como apresentação uma importante carta do illustre Sr. Charles Richet, o emerito professor da Faculdade de Medicina de Paris, e redactor

da conhecida *Revue Scientifique*. O Dr. Dariex pede a todos que lhe enviem factos perfeitamente authenticados, sem receio de entrarem em minudencias que, á primeira vista, pareceriam superfluas. Vê-se, pois, que será aquella revista um accumulo de phenomenos telepathicos, cujas leis encarregar-se-ão de deduzir no futuro os homens de sciencia.

Bemvinda seja essa operaria do progresso.

COMMUNICAÇÕES

Comunicação

RECEBIDA NO GRUPO S. THERESA DE JESUS (BAHIA)
PELO MEDIUM DR. S. A. E.

Ha nos infinitos paramos do espaço, infinidade de astros de todas as grandezas, de luz brilhante, reflectindo todas as cores imaginaveis; é um espectáculo magnifico e assombroso; á vista de tantas e tão variadas maravilhas, o espirito que, de chofre, passasse de um mundo, como o vosso, para um desses planetas de primeira ordem, não resistiria, sem graves encompados a presença de tão esplendorosas maravilhas, pelo que o sabio autor do universo, tendo em vista nossa congenial fraqueza, só nos permite essas visões sublimes depois de ter nos preparado para ellas em outras existencias e em outros mundos inferiores.

M. A. — Existe Inferno ?

Sim, mas não no sentido em que vulgarmente é tomado, como um lugar determinado, onde, de envolta com os demonios, padecem eternamente as almas dos condemnados filhos de Eva, que morrem em peccado mortal, segundo a tecnologia da Egreja Catholica Romana.

Existe Inferno, isto é, *inferi*, lugares inferiores, onde os espiritos imperfeitos se vão purificar de suas maculas.

Assim é que, por uma serie ascendente, os bons, os doces espiritos sobem dos mundos inferiores para os superiores pela escada mystica da virtude, e os rebeldes são muitas vezes precipitados de maiores alturas a mundos de infima cathegoria.

E' assim que — é para uns lugar de delicias o mesmo onde outros soffrem ineffaveis tormentos. Não tendes disso o mais frisante exemplo na Terra em que habitaes ?

M. A. — Ha, porém, demonios ?

— Não, meu filho, a crença na existencia de seres de similhante natureza firma-se, é verdade, n'um piedoso e humilde sentimento da Egreja, que, pela bocca de seus martyres e confesores, tem-n'a ensinado por ver, na offensa á divina magestade, um crime para o qual não têm proporção alguma as penas finitas, e d'ahi partiram para assentar sua argumentação e as bases de seus raciocinios sobre este ponto. Mas, si attendermos a que a soberana misericordia e a infinita bondade não pode consentir na existencia de um attributo, que seria a formal e mais cathegorica negação da mesma bondade, da mesma infinita misericordia, é fóra de duvida que taes entidades

não têm existencia real, mas apenas chimerica e de pura imaginação. Não precisa muito esforço para se comprehender isso.

J. P. — O Universo é tão antigo quanto Deus ?

Esta questão é viciosa. Que quereis concluir ?

Que a natureza coexistiu com o creador de todas as cousas ? Não nos é dado responder-vos de modo definitivo e completo, faltam-nos a nós os precisos dados, e mais ainda a vós a necessaria comprehensão, caso nos fosse dado responder cathegoricamente. Basta que, adorando os ineffaveis mysterios da criação, tenhaes sempre presente o seguinte principio que vae de accordo com o que vos temos ensinado.

Deus ante et super Omnia.

S. AGOSTINHO.

Grupo Perseverança

II

(Continuação)

Os trabalhos seguintes iniciaram-se por esta comunicação :

« Carissimos irmãos, pelas respostas obtidas na comunicação recebida do espirito com quem entrastes em relação, já sabeis qual a melhor direcção a seguir.

« Não pôde ser um bom e fiel servidor aquelle que, encarregado de distribuir as liberalidades de seu Senhor, procura com isso elevar-se e engrandecer-se, em vez de glorificar ao mesmo Senhor.

« Podendo se tornar um instrumento de gloria, elle derramou sobre sua cabeça o oleo do peccador. » Luiz.

Deu-se depois o trabalho por este modo :

Esp. — Venho ao vosso chamado, porem tenho uma queixa a fazer-vos : destes-me um interprete infiel, e assim é difficil conversar com clareza.

Evoc. — Traduziu, da vez passada, o interprete o vosso pensamento de um modo contrario ?

Esp. — Elle não diz o que eu quero, e faz-me dizer o que não quero. Bem vedes que tenho razão para não acceptal-o.

Evoc. — Podeis nos dizer qual o ponto do trabalho passado que não foi fielmente interpretado ?

Esp. — Elle é rebelde, e não se amolda á minha vontade.

Evoc. — Podeis nos dizer a razão por que da vez passada apenas destes um traço, quando vos perguntámos si conheceis alguns dos presentes ?

Esp. — E bem possivel que tenha visto alguns de vós, porem não tenho impressão bem clara.

Evoc. — Recordaes-vos da opinião que tinheis relativamente aos spiritas e ao Spiritismo ? Ainda a mantendes ?

Esp. — Recordo-me, e mantenho, sim.

Evoc. — Quer isso dizer que julgaes um mal os trabalhos spiritas; julgaes um mal estarmos conversando comvosco ; sim ?

Esp. — Sim, porque não vejo nisso resultado vantajoso.

Evoc. — Estaes no espaço como esperaveis, quando encarnado; ou tivestes algumas dessas desillusões que succede aos espiritos terem algumas vezes ?

Esp. — Desillusões !... pois não é tecida dellas a existencia toda, ou melhor as existencias todas ?

Evoc. — Entrevedes hoje o fim para

que vos encarnastes E. ? Entrevedes si tinheis alguma missão ?

Esp. E' facil vel-o.

Evoc. — Tendes alguma reminiscencia da existencia ou existencias anteriores áquelle em que foster E. ?

Esp. — Desejaes saber tanto ! quereis ir tão longe ! qual o interesse ?

(Neste ponto abundou o evocador em considerações relativas ao bem geral, que se não deve confundir com o interesse pessoal, e terminou formulando novamente a mesma pergunta, e dizendo :) Espero que, agora mais esclarecido, nos respondeis consinceridade, fraternalmente.

Esp. — Saber ? saber... sim, todos querem saber ! Saber tem seus perigos, perigos a que poucos sabem resistir, e que poucos sabem vencer. Eu succumbi como tantos.

Evoc. — Succumbistes então ao desejo de saber ?

Esp. — Não é precisamente isto ; não soube aproveitar o saber.

Evoc. — Referi-vos ao saber que tinheis como homem ?

Esp. — Sim, ao saber adquirido.

Evoc. — Como aproveitastes mal esse saber ?

Esp. — Esse saber exterior deveria contribuir para dar-me um outro saber, que chamarei *interior*, e que é o verdadeiro ; é nisso que perdi tudo, podeis comprehender.

Evoc. — Como a existencia E. é consequencia da anterior ?

Esp. — E' uma continuação da outra, mas não é diferente ; continuei n'uma o que tinha principiado na outra, seguindo os mesmos principios.

Evoc. — Até a proxima reunião, em que poderemos continuar a nossa conversa : já é tarde hoje.

(Continua)

MISCELLANEA

Um facto

Seus leitores já devem estar bem instruidos sobre os casos de *ubiquidade*, em que o espirito de certas pessoas tem a faculdade de destacar-se do corpo e ir além apresentar-se com as formas do mesmo corpo, pela condensação de seu perispírito.

Esté facto da condensação do perispírito, tomando até as propriedades physicas do corpo, é a causa de muitos espiritos de pessoas mortas suporem-se ainda vivos, emquanto estão no estado de perturbação.

Elles resistem a todas as razões, no sentido de provar-lhes que já são desencarnados, apalpando-se e afirmando, que estão ali com seu corpo.

Nestes casos, é voluntaria a condensação do perispírito ? Decididamente não.

Não é, porém, meu intuito, escrevendo estas linhas, discutir esta questão, aliás importante, segundo me parece.

Meu fim é : comunicar-vos um facto, que não é novo, mas que é tão raro como curioso.

E' o de um espirito desencarnado condensar seu perispírito para se mostrar aos videntes (mediums) ; mas, em vez de condensal-o sob a forma do corpo que tem na terra, fazel-o sob a do corpo de uma pessoa viva.

Comprehendeis : que deste modo complica-se a questão da *ubiquidade* ; porque a materialização de um espirito, tomando as formas de uma pessoa viva, e presente, pôde fazer crer no desdobramento desta.

Deixemos, porém esta questão, que sua sciencia melhor poderá elucidar e vamos ao facto, que moveu-me a pedir-lhe um cantinho nas columnas do seu apreciado jornal.

Hi, no Engenho Novo, um moço, medium psychographico, vidente e auditivo, que pertence a um grupo spirita; mas que, em vez de exercer ali sua mediumnidade, procura faz-lo em casa — só, apesar dos bons conselhos de seu pae, que é tambem spirita, e que conhece a doutrina, por elle ignorada.

O moço, nos dias da sessão, quando faz preparos para ir ao trabalho, ouve um espirito, que lhe diz: deixa aquelle trabalho, em que nada podes adiantar e applica-te aqui ao desenvolvimento de tua mediumnidade, com o que muito aproveitas.

E, si, devido aos conselhos paternos, elle continúa na resolução de ir á sessão, o espirito apparece-lhe, sob a forma de seu pae, e impõe-lhe que não vá.

O mais notavel é: que tal appareção tem lugar ao tempo que se acha em casa o verdadeiro pae.

Reconhecendo esta singular dualidade, que poderia illudir com uma ubiquidade, o moço, já em parte dominado por seu obsessão, perturba-se e não sabe.

No dia 25 do corrente, depois de uma longa ausencia do grupo, appareceu o moço, que foi, sem duvida, para isto auxiliado.

Ahi, consultou-me sobre o caso, que intrigava-o singularmente, sem que suspeitasse mal delle, em sua ignorancia da doutrina.

Procurei esclarecel-o sobre o perigo que ameaça o, si não resistir, deixando de praticar isoladamente sua mediumnidade e frequentando, como dantes, as sessões; mas principalmente estudando as obras classicas do Spiritismo.

E, como parece que minhas palavras calavam no animo do pobre encaminhado para uma obsessão, seu perseguidor ameaçou-me com uma bofetada, perguntando-me, furioso, o que tinha eu com seus negocios?

FOLETTIN

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

Não me era licito contrariar meu hospede, quando elle me dizia: eu vi, ninguém me contou.

Simulei acreditar nas historias que me contou; e realmente não sei si acreditei ou deixei de acreditar.

Si a cousa é inverosimil em si, ella se apresenta, entretanto, cercada de circumstancias que fazem vacillar o espirito o mais refractario.

Visionarios serão os que attestam «de visu» — embusteiros, não.

Preparados os cavallos, e providos os alforjes, parti do Riacho do Sangue e vim direito aqui onde nos encontramos, talvez por bem, talvez por mal nosso.

— Como por mal? Sr. Leopoldo.

— Não digo que o seja, mas pode ser; porque diz o adagio: dous desgraçados n'uma barca não se salvam.

— Pode ser; mas o que é certo é que eu me sinto outro homem, depois que tive a felicidade de conhecê-lo.

— Muito obrigado; mas quea saber por que?

— Farei gosto em saber.

— E' porque não ha melhor lição do que aquella que nos dá quem é tanto ou mais infeliz do que nós.

Quando soffremos, embebemo-nos em nossa dor e julgamos que somos os únicos desherdados da fortuna. Isto nos revolta, e a impaciencia agrava nosso mal.

Preciso declarar: que nem vi a ameaça, nem ouvi a interrogação, porque não tenho aquellas mediumnidades; mas que foi-me aquillo immediatamente referido por quem as possui e assistia a minha conversa com o moço.

Ahi tendes, meu caro redactor, um facto, que posso authenticar, si quizerdes, da mesma natureza do que é conhecido por — Follet de Bayonne.

Os tempos se avisinham... precipitam-se.

MAX.

Como me tornei spirita

Espirito muito soffredor e sedento de luz, como a immensa maioria daquelles que habitam este planeta de misérias e provações, alguns annos passei da primeira mocidade em que as minhas nullas faculdades intellectuaes começavam a despontar, a ler e meditar em meus lazeres sobre a existencia de um ente creador e de um espirito, alma ou intelligencia, que animasse a materia.

As minhas pesquisas demonstraram-me a existencia de um Ser, causa e regente intelligente das leis que desenvolvem as forças da natureza, mas nãa me demonstrou a existencia de uma força intelligente animica do organismo humano. A duvida continuou a pairar em meu cerebro até que uma noite, pelas nove horas, duas criancinhas, uma de cerca de um anno de idade e outra de trez annos, que dormiam na casa em que eu residia, por achar-se sua mãe em artigo de morte em sua casa distante cerca de cento e cinquenta metros, despertaram simultaneamente a chorar, voltadas para a janella, a mais jovem estendendo para ella os braços a chamar pela mãe, e a mais velha a dizer que sua mãe estava alli e que queria ir com ella.

Acalentaram-se as duas crianças, que dormiram logo depois e tudo quedou em paz.

Desde, porém, que encontramos outros soffrendo penas eguaes, allivamos a alma, reconhecendo que não somos o unico desherdado.

O senhor communicando commigo, sente-se outro homem, porque achou um companheiro de infortunio e de maior infortunio que o seu.

— Maior que o meu! Sr. Leopoldo. Lembre-se de que o senhor poderá ainda gozar as caricias da sua querida Alzira e que eu nunca poderia ter as da minha desventurada Margarida.

Talvez, em breves dias, chegando á sua casa, receba de seu pae a boa nova de que a amada de seu coração, tendo vencido a ganancia do pae, vem mares embora abri-lhe as portas da felicidade.

Si assim não for, quantas outras hypothèses de ainda luzir para o senhor o sol de um dia de venturas sem fim!

Mas eu? Que esperanças posso mais ter? Si Margarida tivesse morrido, não seria mais impossivel do que estando como está viva porém perdida.

Leopoldo fitou o amigo com os olhos a lhe nadarem n'agua.

— Talvez em breves dias eu receba a boa nova de que a amada de meu coração vem abri-me as portas da felicidade! diz o senhor.

Ah! eu lhe confesso que, no intimo de minha alma, luziu sempre essa esperança!

— E por que não virá a ser realidade? Sr. Leopoldo. A Deus nada é impossivel.

— A realidade, Sr. Amorim, é outra muito diversa: é... que a divina Alzira, a vida de minha alma, a luz dos meus olhos, já não é da terra! A amada de meu coração não é mais o anjo que me arrebatava a alma: é... e uma alma penada!

— Merta D. Alzira! E quando soube disso, visto que ainda hontem tinha planos de ir a Europa em sua procura?

— Soube-o aqui, soube-o hoje, vi-lhe o esqueleto?

Ah! meu amigo, Si a voz de minha amada não me chamasse a allivar-lhe as penas, si minha vida não fosse necessaria

Este facto impressionou-me profundamente e gravado ficou em minha memoria, servindo como que de incentivo a novas pesquisas, pois pareceu-me desde então que a verdade se achava na sciencia que m'o explicasse.

Alguns annos se passaram, até que em 1884 tive ensejo, por indicação de meu irmão Mauricio Reis, de ler a *Genese* de Allan Kardec, onde fui encontrar a explicação do facto que narrei.

Parti depois para o Rio Grande do Sul onde estive dous annos, tendo ahi o desgosto de perder trez filhos, entre os quaes um de seis annos em quem depositava as minhas melhores esperanças.

Desolado retirei-me do Rio Grande com o que me restava da familia, e voltei a residir na Corte procurando desde então ler o que me faltava de Allan Kardec, e assistir alguma reunião, onde se tratasse de experiencias spiriticas afim de, si possivel fosse, obter provas praticas da existencia da alma e da possibilidade de sua communicação com os vivos.

Um meu amigo velho, e dos melhores, o nosso operoso confrade o Sr. Manuel Antonio de Mello, encarregou-se de prestar-me esse importante serviço, e de facto, alguns dias depois, levava-me a um grupo spirita familiar que funcionava na residencia do nosso bom e incansavel confrade o Sr. Elias da Silva.

Na primeira sessão a que assisti pedi que evocassem o espirito de um tio meu de grata memoria, e que fôra muito conhecido no Rio de Janeiro.

O medium somnambulo que de ordinario trabalhava no grupo, o Sr. Romualdo Nunes Victorio, não tendo comparecido, um outro medium prestou-se ao trabalho, que não attingiu ao meu desideratum.

Na sessão seguinte, estando presente o medium Sr. Romualdo, pedi para que fosse evocado o espirito de minha bôa mãe.

Feita a evocação, o medium adormeceu e nesse estado dirigiu-se a mim e disse-me que se achava presente quem

á sua felicidade na terra dos espiritos, eu teria posto fim a meus soffrimentos, soffrimentos sem par, quaes os de encontrar-me com a ossada da que era hontem a mais bella das mulheres, a rainha da minha alma, a senhora de meus pensamentos!

— Mas, Sr. Leopoldo, o senhor desarrazou! Onde foi o senhor descobrir essa ossada, si desde hontem o senhor tem estado commigo?

— Onde? Aqui nesta casa mal assombrada.

— E sabe quem a traz mal assombrada? E' a alma de Alzira, é a do pae daquela divina creatura, é a do seu indigno marido.

Joaquim de Amorim sentiu um frio glacial correr-lhe pela medulla.

Será possivel que este moço tenha enlouquecido, recordando as magoas de sua vida?

— Meu amigo, disse meigamente, evoque sua razão, não se entregue á dor que a perturba e repilla esse sonho, que sua imaginação sobreexcitada lhe faz parecer uma realidade.

— Como! Sr. Amorim. Acreditará que estou louco?

Antes tivesse razão, porque afinal a loucura é a inconsciencia e, para certas dores, é o unico anestesico.

Não, meu amigo, não estou louco e vou dar-lhe a prova, concluindo a minha historia.

Lembra-se do que se passou hontem que nos obrigou a fugir d'aqui?

— Perfeitamente.

— E não lhe causou admiração resolver eu hoje, depois de ter conversado com Thomé, ficar aqui até amanhã?

— Tanta me causou, que logo qualifiquei de loucura sua resolução.

— Pois bem. Fime-a, porque Thomé referiu-me o que tinha observado, e essa narração me convenceu de que era Alzira, a minha Alzira, a alma penada desta casa.

Ouçã estes versos, que Thomé decorou, e, pois que conhece minha historia, diga si tive ou não razão.

se evocara e que antes de proseguir desejava saber o que della queria. Respondi-lhe que desejava saber do seu estado e si de nós queria alguma cousa. Retrocou o medium que seu estado não era mau e que, si melhor não se achava, era unicamente por não ter sabido soffrer na vida com a necessaria resignação e que de nós nada desejava a não ser que della se lembrassem em nossas preces.

Continuou depois o medium a fallar, sem que eu o interrompesse, durante mais de meia hora conversando commigo sobre factos da vida de minha mãe e principalmente sobre uma sua amiga intima que já havia morrido havia annos referindo-se a incidentes havidos, confortos e consolações mutuas e muita cousa de que só sabiam ella, seu marido e alguns dos filhos.

Depois de receber eu do medium muitas provas de identidade, perguntei-lhe qual o grão de parentesco que nos havia unido na terra, e o medium respondeu «sobrinho». Ouvindo esta resposta, certa duvida atravessou o meu espirito, mas o medium atalhou logo «não vacilles; o instrumento não transmittiu o meu pensamento e, para que não te reste a menor duvida, vou dar-te ao despedir-me um aperto de mão que deves bem conhecer, adeus» e o medium estendeu-me a mão, que apertei.

Minha bôa mãe tinha a mão pequena e sempre fria pelo seu estado de anemia, occasionada por uma tuberculose adiantada de que soffria e de que veio a fallecer; a mão do medium, que era um homem, longe estava de ter as mesmas proporções. Pois bem, no aperto de mão que lhe dei reconheci completamente em seu modo e dimensões o aperto de mão de minha mãe. Em seguida o medium despertou naturalmente.

Dirigi-me em acto continuo á Exma esposa do Sr. Elias, excellente medium vidente, e pedi-lhe que me descrevesse a pessoa que se communicára pelo medium somnambulo, e me foi respondido que tinha sido uma senhora

A clara luz de minha alma,
A vida dos olhos meus,
Não pode privar a sorte
Do que foi os sonhos seus.

Como cahe o rouxinol
Em meio de alegre canto,
Cahi a flor de Malherbe
Da morte no negro manto

E' liquido que esses versos annunciam a morte da amante, cujo amante emvão a procura. Não é verdade?

— Certamente: mas o que tem isso com a sua casa?

— São os seguintes versos que lhe hão de responder:

Leopoldo, além deste mundo,
Existe o throno de Deus;
Não posso, sem ti, meu anjo,
Subir ás nuvens dos Céus.

E tu foges, doce bem,
Da que foi a tua Alzira!
E vões ao longe pousar,
Onde a morte se respira!

Ah! não fujas por piedade,
Tem dó desta alma penada,
Vem fazer a despedida
A' que foi tua adorada.

Póde haver duvida? Sr. Amorim.

O amigo de Leopoldo, sentindo arrepiarem-se-lhe os cabellos, respondeu com voz cavernosa — não.

— A alma diz o nome que teve, e ao senhor chama por seu nome!

Falla de sua fuga d'aqui e de sua pousada, onde a morte volteou em torno de nós!

— Pois bem. Quando sahi hoje, a penetrar nesta casa, não o fiz inutilmente, como lhe disse. Penetrei nella e encontrei lá dentro tres ossadas e reconheci a de Alzira, por ter debaixo da mão ossea este retrato, que lhe dei no dia de seus annos.

— E' incrível, Sr. Leopoldo. E' de enlouquecer!...

(Continúa)

de estatura mediana, magra, morena, de cabellos pretos com alguns fios brancos, tendo uma verruga grande na maçã do lado direito do rosto. Dei-me por satisfeito com a descrição e declarei que effectivamente era em tudo minha mãe a pessoa descripta.

Convém notar que o meu velho amigo o Sr. Mello, o unico presente que conhecera minha mãe, mui poucas relações tivera com ella e nada sabia de sua vida de familia e das relações com suas amigas ou conhecidas, tornando-se por isso impossivel a suggestão e eu mesmo só me lembrava dos factos depois de narradas pelo medium.

Na sessão seguinte pedi para que fosse evocado aquelle filho de seis annos a quem ha pouco me referi e fui attendido.

Cahindo o medium em estado somnambulo, dirigiu-lhe a palavra o Sr. Dr. Dias da Cruz. O medium, ou a intelligencia que por elle se communicava, declarou ao seu interlocutor que se achava soffrendo muito com dores no peito e ventre, e que tinha uma tosse que muito o martyrisava, que se via despresado e pedia remedio que o curasse. O medium effectivamente tossia com aquella tosse peculiar aos phisicos no ultimo periodo. De facto meu filho fallecera de uma bronchite generalizada, na opinião do medico.

O Sr. Dr. Dias da Cruz, depois de procurar fazer-lhe comprehender que já não se achava enfermo, pois não pertencia mais ao numero dos vivos, perguntou-lhe si não conhecia algum dos circumstantes e elle depois, de olhar ao redor, respondeu que só conhecia a mim, e logo após retirou-se.

Perguntando eu ao medium vidente qual a pessoa que estivera presente descreveu-me intotum o meu filho, declarando que elle se achava deitado na cama com a cabeça recostada em sua mão direita.

Na sessão seguinte pedi que tornassem a evocar o meu filho, no que fui attendido.

O Sr. Dr. Dias da Cruz dirigiu-lhe de novo a palavra, durante algum tempo, e, ao retirar-se a intelligencia que se communicava, levantou-se o medium, dirigiu-se a mim, apertou-me a mão e apertou tambem a de meu irmão Mauricio Reis, que então se achava presente e a quem elle muito queria, quando vivo, e retirou-se.

Interrogado o medium vidente, respondeu que era o mesmo menino da sessão anterior e que se achava ao collo de minha Mãe, recostado em seu hombro.

Alguns dias depois colloquei em minha carteira o retrato do mesmo meu filho, e dirigiu-me a casa do Sr. Elias, encontrando-o com sua familia no fim do jantar e, depois das saudações, tirei o retrato da carteira, mostrei-o a sua esposa que, como medium vidente, o vira por duas vezes e m'o descrevera, ella sorriu-se e disse-me simplesmente « conheço ». Sua filha, menina de seus nove annos então, tambem medium vidente e que com sua mãe assistia ás sessões, por curiosidade muito justificada em sua idade, olhou por cima do hombro de sua mãe, para o retrato e exclamou « olha, mamãe, aquelle menino que esteve no outro dia na sessão. »

Dei-me por plenamente satisfeito com o que acabo de singelamente narrar e abracei o Spiritismo, sentindo apenas não ter muito mais elevada intelligencia para entregal-a inteira á propagação de tão santa doutrina.

ALMEIDA REIS.

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOFIA DOS ESPIRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENCAS E NEGAÇÕES

II. — A India

(Continuação)

Havemos dito que a doutrina secreta achava-se no fundo de todas as grandes religiões e nos livros sagrados de todos os povos. De onde veio ella? Qual sua origem? Quaes os primeiros homens que a conceberam, e transcreveram-na depois? As mais antigas Escripturas são aquellas que resplandecem nos ceus. (1)

Estes mundos estellares que, atravez das noites silenciosas, deixam cahir suas tranquillias claridades, constituem as Escripturas eternas e divinas de que falla Dupuis. Os homens tem-n'as sem duvida consultado antes de escrever; mas os primeiros livros em que se encontra consignada a grande doutrina são os Vedas. E' o molde em que se formou a religião primitiva da India, religião inteiramente patriarchal, simples e pura como a existencia desprovida de paixões, vivendo uma vida serena e forte, ao contacto da natureza esplendida do Oriente.

Os hymnos vedicos egualam em grandeza, em elevação moral, tudo o que no decorrer dos tempos engendrou de mais bello o sentimento poetico. Elles celebram Agni, symbolo do Eterno Masculino, ou Espirito creador; Soma, o licor do sacrificio, symbolo do Eterno Feminino, Alma do Mundo, substancia etherea. Em sua união perfeita, estes dous principios essenciaes do Universo constituem o Ser supremo, Zyaus ou Deus.

Immola-se o Ser supremo a si mesmo, e divide-se para produzir a vida universal. Assim o mundo e os seres, sahidos de Deus, voltam a Deus por uma evolução constante. Dahi a theoria da queda e da reascensão das almas, que se encontra no Egypto e na Grecia. O sacrificio do fogo resume todo o culto vedico. Ao levantar do dia, o chefe de familia, pae e sacerdote ao mesmo tempo, accendia a chamma sagrada no altar de terra, e com ella subia alegre para o ceu azul a prece, a invocação de todos á força unica e viva que o veu transparente da Natureza cobre.

Emquanto se cumpre o sacrificio, dizem os Vedas, os Asouras ou espiritos superiores e os Pitris, almas dos antepassados, cercam os assistentes, e se associam a suas preces. Assim pois a crença nos espiritos remonta ás primeiras edades do mundo.

Afirmavam os Vedas a immortalidade da alma e a reencarnação:

Ha uma parte immortal do homem, que é aquella, oh! Agni, que cumpre aquecer com teus raios, inflamar com teus fogos. — De onde nasceu a alma? Vem umas para nós e dahi partem, outras partem e tornam a voltar.

Os Vedas são monotheistas; as allegorias que, em cada pagina, se encontram dissimulam apenas a imagem da grande causa primeira, cujo nome, cercado de um santo respeito, não podia, sob pena de morte, ser pronunciado. Quanto ás divindades secundarias ou devas, personificavam os auxiliares inferiores do Ser divino,

(1) Os signos do Zodiaco.

as forças da natureza e as qualidades moraes.

Do ensino dos Vedas decorria toda a organização da sociedade primitiva, o respeito da mulher, o culto dos antepassados, o poder electivo e patriarchal. Viviam os homens felizes e livres, na paz.

Desde a epocha vedica, na vasta solidão dos bosques, na margem dos rios e dos lagos, anachoretas ou *rishis* passavam os dias no retiro. Interpretes da sciencia occulta, da doutrina secreta dos Vedas, elles possuíam já estes mysteriosos poderes, transmittidos de seculo a seculo, de que gozam ainda os *fukires* e os *yoguis*. Desta confraria de solitarios sahio o pensamento creador, o impulso primeiro que fez do Brahmanismo a mais collossal das theocracias.

Krishna, educado pelos ascetas no seio das florestas de cedros que corôam os pincaros nevoados do Himalaya, foi o inspirador das crenças indus. Esta grande figura apparece na historia como a do primeiro dos reformadores religiosos, dos missionarios divinos. Renovou as doutrinas vedicas, apoiando-as sobre a idéa da Trindade sobre a da immortalidade da alma e de seus renascimentos successivos. Sellada sua obra com o proprio sangue, ella deixou a terra, legando á India esta concepção do Universo e da vida, este ideal superior de que ella viveu durante milhares de annos.

Sob nomes diversos, pelo mundo espalhou-se esta doutrina com todas as migrações de homens, de que foi sementeira a região da India. Esta terra sagrada não é somente a mãe dos povos e das civilisações: é ella tambem o foco das maiores inspirações religiosas.

Krishna, cercado por um certo numero de discipulos, ia de cidade em cidade espalhar seus ensinos:

O corpo, dizia elle, envoltorio da alma, que nelle faz sua morada, é uma cousa finita; porem a alma que ali habita é invisivel, imponderavel e eterna.

A sorte da alma depois da morte constitue o mysterio dos renascimentos. Como as profundezas do ceu se abrem aos raios das estrellas, assim as profundezas da vida se esclarecem á luz desta verdade.

Quando o corpo se dissolve, si é a pureza que domina, a alma vóa para estas regiões destes seres puros que têm o conhecimento do Altissimo. Mas, si o que domina é a paixão, a alma vem de novo habitar entre aquelles que estão presos ás cousas da terra. Assim, a alma obscurecida pela materia e pela ignorancia, é novamente attrahida pelo corpo de seres irracionais.

Todo renascimento, feliz ou desgraçado, é a consequencia das obras praticadas nas vidas anteriores. A's mesmas causas devem-se attribuir as distincções que se observam entre os homens; são uns ricos, outros pobres; uns doentes, outros saos; uns de baixa esphera, outros de classe elevada; uns felizes, outros desgraçados. Nada disto é o effeito do accaso, mas o resultado das virtudes e dos vicios que precederam o renascimento.

Porém ha um mysterio maior ainda. Para attingir a perfeição, cumpre conquistar a sciencia da Unidade, que está acima da pureza (sugesse); cumpre se elevar ao Ser divino, que está acima da alma e da intelligencia. Este ser divino está tambem em cada um de nós:

« Tu trazes em ti mesmo um amigo sublime que não conheces, porque Deus reside no interior de todo homem, porém poucos sabem achá-lo. Aquelle que faz o sacrificio de seus desejos e de suas obras ao Ser de que procedem os principios de todas as cousas, e por quem o Universo foi formado obtém por tal sacrificio a perfeição, porque aquelle que acha em si mesmo sua felicidade, sua alegria, e tambem sua luz é um com Deus. Ora, fíca sabendo, a alma que achou Deus está livre do renascimento e da morte, da velhice e da dor, e bebe a agua da immortalidade. »

(Continua)

ASSISTENCIA

AOS NECESSITADOS

Abrir-se-á brevemente, nos salões de um dos distinctos Clubs desta capital, uma kermesse em beneficio dos cofres da Assistencia aos Necessitados.

OBRAS de ALLAN KARDEC

As pessoas que desejarem se iniciar no conhecimento da sciencia spirita devem ler seguidamente as obras de Allan Kardec, constando da relação que segue:

Livro dos Espiritos (parte philosophica) contendo os principios do Spiritismo.

Livro dos Mediums (parte experimental) contendo a theoria de todos os generos de manifestações spiritas.

O Evangelho segundo o Spiritismo (parte moral) contendo a explicação das maximas de Christo, sua applicação e concordancia com o Spiritismo.

O Ceu e o Inferno (parte scientifica) contendo a explicação das leis que regem os phenomenos da natureza.

Oeuvres Posthumes.

Este livro está sendo traduzido e editado em fasciculos que acham-se á venda na papelaria Maximino — rua da Quitanda, 90.

O que é o Spiritismo.

Noções elementares de Spiritismo.

Estes dous ultimos são uns pequenos resumos da doutrina spirita.

Todas estas obras encontram-se na livraria Garnier, á r. do Ouvidor, 71.

REFORMADOR

Acham-se á venda no nosso escriptorio collecções encadernadas dos cinco primeiros annos do Reformador (1883—1887) pelo preço de 20\$000.

Para as pessoas do interior basta o pedido, acompanhado da importancia em vale postal.

Typographia do REFORMADOR

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondência deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz 83, 2º andar.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Junho — 15

N. 206

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz), o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Baturia, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedicto José de Souza Junior, rua do General Camara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

Pedimos a todas as pessoas que recebem o Reformador immediata participação de alguma falta que por acaso possa haver na entrega da folha afim de ser promptamente providenciada.

Em busca da verdade

Correm os tempos, e a verdade, com as roupagens de gala, cada vez mais refulge neste mundo de trevas.

Entretanto, por maior que seja seu brilho, ha sempre espiritos refractarios que, como o cego por vontade, conscientemente se mergulham na treva da ignorancia.

Para esses, coitados! não ha sol que illumine, não ha estrellas que fulguem; pois si nem querem dar-se ao trabalho de levantar as palpebras!

Receiam que lhes esteja reservada a sorte daquelles insectos que, por viverem nas lóbregas regiões da caligem, deperecem e morrem á luz do dia!

Preferem, em relação ás cousas da vida moral, aconchegarem-se á pipa estreita de Diogenes, a repousarem larga e commodamente nos vastos palacios da virtude.

Estes terão, infelizes, dous sarcophagos em que se sepultem: o tumulto da materia e a campa do espirito.

Oh! essa é que é a verdadeira morte — a escuridão em que se mergulha o espirito por esforço da propria vontade!

Mas, porque a morte não é o aniquillamento, um dia, embora tardio, elles reviverão no meio da luz, taes como apuellas sementes que, depois de um somno millenario nos esquifes das mumias do Egypto, puderam ainda reverdecer e florir, graças á uberidade das terras limosas do Nilo.

Façamos todos votos para que em breve raie este dia, que será o do despertar daquellas almas somnolentas que, deixando-se cahir na hypnose de Epimenides, só acordarão pelo choque electrico de nossos esforços, pela energia de nossas vontades!

Outros ha, porém, que, contrariamente a estes, só ambicionam aproximar-se da luz.

Então, desejosos de caminhar por saltos, vão á pretender aproximar-se das verdades ainda longinquas. Veja-se o que, dentro mesmo de nossa doutrina, ha succedido a quantos se têm empenhado no conhecimento do incognoscivel, na apreensão do infinito: a theosophia por um lado, o immortalismo por outro!

Esquecendo-se da proveitosa lição da fabula, não lhes acorda a memoria de que, por pretender roubar o fogo celeste, foi Prometheu acorrentado ao Caucasos.

Não vae nestas palavras o conselho de que nos devamos petrificar na immobildade do rochedo; ao contrario, devemos sempre ter presente a supplica de Goethe agonisante: luz, mais luz ainda!

Não nos esqueçamos, porém, de que a retina costumada á escuridão, não photographa as imagens, quando repentinamente sahe della; faz-se mister para tudo de um tempo de accommodação, como de uma marcha paulatina: é previsão de Linneu affirmando que a natureza não caminha por saltos.

Devemos sim procurar immergir nos raios luminosos da verdade; mas sem nos olvidarmos de que tambem tem luz o pharol que annuncia os arrecifes em que se perdem os navegantes aventureiros!

Outros ha ainda, que, embora não velegem por tão altos mares, só se apegam ás costas, esquecidos de que escolhos e baixios nem sempre são visiveis á flor d'agua: tanto se naufraga na calma da praia como no furor do oceano.

A estes baixios como áquelles escolhos é que correspondem o fanatismo como a superstição. Dahi a crença cega em tudo quanto nos vem do mundo espirital, seja ridiculo embora, seja mesmo nocivo á divulgação de nossas doutrinas!

Spiritas, aproximemo-nos da verdade com a cautela suspeitosa de quem, seguindo o conselho nazareno, busca alliar a simplicidade da pomba á astucia da serpente.

Lembremo-nos de que a mariposa, que voeja em torno da luz, perde as azas, quando della muito se aproxima.

Entre a incredulidade e o fanatismo ha o meio termo da crença racionada. Tomemos esta por bastão, em que, seguros nos apoiemos para a nossa viagem, sem telexa, em busca da verdade.

A quem extranhar que esta possa accarretar efeitos prejudiciaes, como succedeu com uma nossa irmã, que sobre isto reflectia, responde-se com a seguinte mensagem que a ella veio do mundo espirital:

« Tu estás, minha filha, em perplexidade: não comprehendes como a verdade, sendo uma cousa excellente, possa produzir efeitos prejudiciaes.

« Vou apresentar uma comparação vulgar, que te auxiliará a ver de onde vem o mal.

« O succo da uva é um alimento são e fortificante para o corpo, tomado em certa medida, medida que varia segundo a condição de cada um; mas o abuso desta substancia, bôa em si mesma, produz resultados funestos.

« Assim, o conhecimento da verdade é o alimento por excellencia e a força do espirito; porém muitissimas vezes a fraqueza deste não pode supportar a avidez de seu desejo, e delle se apodera a perturbação.

« O ramo de vinha que escolhemos por emblema pode ser interpretado em mais de um sentido verdadeiro.

« Quando, pois, sentirdes que vossa alma se perturba, parae: Deus viu vossos esforços, e conhece vossas intenções.

« Irromperá a verdade quando for tempo: por elle serão escolhidos os instrumentos para a realização de seus designos.

« Trabalhae em paz no campo do Senhor; cultivae ali as plantas salutaras do Evangelho, cultivae sobretudo em vós a pureza e a humildade; suas flores embalsamarão vossa alma com o perfume da virtude, seus fructos dar-vos-ão sciencia, prudencia e verdade.

« Attentos e vigilantes, estae sempre promptos a responder si a voz do mestre vos chamar. »

NOTICIARIO

Correspondencia do estrangeiro. — De carta do nosso correspondente em Paris transcrevemos o seguinte:

« Desta vez a presente carta bem se poderia intitular — Visita ao tumulto de um ser venerado.

« Effectivamente nella me occuparei da viagem piedosa que fiz em demanda do Père Lachaise.

« Não fui tardo em procurar a famosa necropole, onde repousam os restos de muitos que, na ultima encarnação, illustraram os diversos ramos dos conhecimentos artisticos ou scientificos; onde jazem extinctos muitos cerebros, que conseguiram alumiar o mundo com o fulgor de suas luzes.

« Previamente instruido, não me foi difficil deparar com a campa do nosso amado mestre, o philosopho Léon Hyppolyte Dénizart Rivail.

« Sorpreheudeu-me a originalidade e singeleza da sepultura, que recorda os antigos dolmens gaulezes, estes altares dos sacrificios em que os velhos druidas celebravam suas ceremonias!

« Bem fizeram os nossos confrades de França em trazer á memoria dos que visitam o sarcophago de Kardec a reminiscencia das convicções gaulezas: nos primitivos habitantes das Gallias, e sobretudo da Bretanha, preponderava, com effeito, á crença na multiplicidade dos vidas, esta theoria tão lucidamente defendida em todas as obras do nosso eminente mestre.

« Imagine-se quanto encontrei de imponente no tumulto de Kardec, ao contemplar a simplicidade natural, com que se patentea aos olhos dos curiosos!

« Eu vi: duas pedras despolidas, erectas como pilastras, a sustentarem um tecto, tambem pedra bruta, que desce em suave declive até repousar em uma lage, em que a arte não trabalhou. Uma hera, que descuidosamente se entrelaça pelas curvas e anfractuosidades destas pedras, mais naturalmente assignala a melancolia do logar.

« Quem vê o monumento é, sem o sentir, impellido a meditar; não entrará na duvida do personagem de Shakspeare ante um cráneo descarnado: o — ser ou não ser — não lhe será problema; mas aquelle enlace do philosopho moderno com a crença de seus antepassados leval-o-á a também affirmar a verdade della.

« No centro daquella morada, que tão pallidamente acabo de descrever, ergue-se uma pequena columna, também de pedra, sobre a qual acha-se collocado o busto em bronze, e quasi em tamanho natural, de Allan-Kardec. Por baixo do busto e na parte anterior da columna lêem-se as seguintes inscripções:

— *Fundador da Philosophia Spirita.*

— *Todo effeito tem uma causa, todo effeito intelligente tem uma causa intelligente; a energia da causa está na razão da grandeza do effeito.* — 3 de Outubro de 1804. — 31 de Março de 1869.

No bordo da lapide, que serve de tecto ao monumento, lê-se o apothegma, em que Kardec resumiu sua doutrina:

— *Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sem cessar — tal é a lei.*

Mas também não foi esquecida a companheira de trabalho do celebre philosopho; é assim que vê-se gravado á esquerda:

— *Amelie Gabrielle Boudet, viúva Allan-Kardec.* — 21 de Novembro de 1795. — 21 de Janeiro de 1883.

« Estando a sepultura disposta á margem de uma avenida, é circumdada apenas por tres outras: pela parte da frente está a sepultura da familia Robillard, á esquerda a da familia Cleisen, pela outra parte a do Marquez de Cesariera.

« Ainda encontrei as corôas e flores que os nossos confrades conduziram ao Père Lachaise, em data de 31 de Março do corrente anno, para commemorem a desencarnação de Rivail.

« Junto a estas depositei dous bouquets, um de rozas e outro de amores perfeitos; representavam elles o testemunho da veneração e amor que a Federação Spirita Brasileira tributa á memoria immorredoura de Kardec.

« Finalmente orei, pedindo a Deus que prodigalisasse suas graças áquelle que tinha levado tanta esperança a corações, sem numero, opprimidos por continuas ancias; áquelle que havia plantado a certeza no espirito de muitos que vacillavam, indecisos, n'um oceano de doutrinas e de hypotheses.

« Suppliquei mais ao Creador, ao Pae de bondade eterna, permittir sempre que Allan-Kardec nos inspirasse a nós membros da Federação, para que ella jamais se affaste da trilha que a deve conduzir ao desideratum a que se propoz.

« Parece-me, caros confrades, que respondi aos sentimentos que animam vossos corações. Entretanto espero completal-os, depositando na campa de Kardec, antes de abandonar Paris, uma corôa que resista mais á acção do tempo do que as flôres naturaes, embora seja tão ephemera como essas, quando confrontada com o nosso amor e a nossa gratidão para com o fundador da Philosophia Spirita. »

Congresso spirita — A *Commissão de propaganda* de Paris decidiu, por 23 votos contra 8, que o proximo Congresso internacional, que deve ser organizado em Bruxellas, teria lugar em 1894. Si com este adiamento não se satisfaz a anciedade de muitos confrades, nem por isso perdeu a doutrina, que terá assim mais tempo para desenvolver-se, e affirmar com maior segurança seus

princípios e seu progresso. Cumpre que nós, os do Brazil nos aprestemos para figurar também naquella assembléa, demonstrando por tal modo que neste torrão da America, tem-se pelo menos tanta anciedade de trabalhar pela doutrina quanta existe no resto do Continente.

Leitura de pensamentos

Acha-se actualmente em Barcelona um celebre magnetizador e leitor do pensamento humano, de nome, Mr. Onofreff.

Este Sr. executa as experiencias já divulgadas por Cumberland, Pikman e outros, com a vantagem porém de não precisar de guia ou contacto do suggestionador, sendo apenas sufficiente que se estabeleça relação fluidica entre este e elle para advinhar-lhe todo o pensamento, collocando-se o suggestionador ao lado do sensitivo.

A *Revista de Estudos Psicologicos* de Barcelona, de Maio ultimo, descreve algumas experiencias exhibidas no salão de espectáculos Folies Bergères, em sessão offerecida á imprensa e á corporação medica, as quaes na verdade provam o alto gráo de força sensitiva que possui o Sr. Onofreff.

A medium de Cahora

Encontra-se na *Illustracion Espiritista*, do Mexico, curiosos detalhes acerca da mediumidade que desenvolveu-se em uma moça solteira, de 16 annos de idade, chamada Thereza Urréa, a qual apenas sabe ler e mal escrever, e da qual já nos occupámos em um dos numeros do anno proximoamente passado.

Tendo estado bastante doente durante algum dias, desenvolveu-se-lhe depois o estado extraordinario em que actualmente se acha, por quanto dá allivio a todas as enfermidades e cura algumas, como a lepra, a paralyisia e em geral a todas as affecções nervosas.

Possue grandes aptidões neste sentido, conhecendo, como o melhor medico, onde reside o mal, a causa que o produziu, e, de modo admiravel, os seus symptomas. Dá conta exacta de todos os soffrimentos de pessoas de quem não tem o minimo conhecimento.

Advinha tudo o que se passa, ainda a grandes distancias, e declara que conhece todos os idiomas, porque Deus lh'os dá a entender.

Muitas pessoas que, a grande distancia, tem dito mal della, ficaram confundidas na sua presença, ouvindo de sua bocca tudo quanto disseram, chegando algumas a pedirem-lhe perdão de joelhos.

Possue também esta jovem uma força prodigiosa nos braços e em todo o corpo, e, quando quer, ninguém lhe pode mover seja o braço seja o pé.

Esta força ella a communica a uma sua amiga, D. Josepha Felix, moça também solteira, de 23 annos de idade, que parece ser instrumento meramente passivo.

Thereza Urréa arroja salivas aromaticas, tendo-se observado que, quando o faz, a sua lingua torna-se muito secca e branca.

A propria agua de que se serve, para lavar o rosto e as mãos, fica agradavelmente aromatica.

Diz ella que sua alma viaja onde quer, isto é, desprendendo-se do corpo.

Finalmente é um thezouro de virtudes, e muito temente a Deus: cerca de cinco mil pessoas tem alli affluído quasi exclusivamente para conhecerem esta moça, que tem conseguido moralisar a muitos, sobretudo reconciliando os mal casados.

Morte de Mme. Blavatsky

Mme. Blavatsky, fundadora da Sociedade Theosophica, acaba de morrer em Londres. O *Banner of Light* de 23 de Maio proximo passado descreve a cerimonia de sua cremação em Londres aos 11 de Maio, na presença de muitos discipulos da Sociedade Theosophica dessa cidade, sendo suas cinzas depositadas no quarto em que morreu, o qual segundo sua ultima vontade devia-se conservar tal como estava no dia de sua morte. O *Daily News*, commentando essa morte, attribuida a um ataque de *influenza* complicada de outras molestias, diz que o *Budhismo* pregado por Mme. Blavatsky fizera poucos adeptos, muito embora suas sessões e conferencias fossem seguidas, e tivesse ella encontrado alguns fervorosos crentes na aristocracia ingleza.

Charles Fauvety, na *Religion Universelle* de 15 de Maio, diz: que Mme. Blavatsky merece ser contada entre as mulheres mais notaveis do seculo. Era uma bella intelligencia, ornada de muito saber e muita erudição. Pertencendo á aristocracia russa, tinha ella abandonado uma alta posição social para entregar-se ao apostolado e preparar a fusão das raças, abrindo á nossa civilização christã os thesouros da sciencia antiga, que estavam occultos nos sanctuarios da India e do Thibet. Uma tal empreza, na qual Mme. Blavatsky desenvolveu uma coragem e perseverança jamais desmentidas um só instante, bastaria para honrar sua memoria, muito embora não tivesse ella escripto sua grande obra *Isis unveiled* e os numerosos artigos publicados pela *Revista Theosophica*, fundada a principio em Bombay, depois em Madras, sem fallar das outras Revistas, que appareceram sob sua direcção em Paris, Londres e nos Estados Unidos. Fallava ou escrevia tão bem o francez, o inglez como o russo, que era sua lingua natal, conhecendo além disso os demais idiomas da Europa. » E, depois de outras considerações sobre Mme. Blavatsky, conclue Fauvety « que o bem e os serviços por ella praticados foram em muito maior escala do que o mal, que porventura causasse! Apesar de algumas sombras no quadro, foi uma grande figura. »

E' mais uma operaria do progresso, que vai retemperar as forças no espaço.

COMMUNICAÇÕES

Grupo Perseverança

K

(Continuação)

Foi esta, no seguinte trabalho, a comunicação inicial:

« Encontrareis hoje vosso irmão mais compenetrado do verdadeiro sentimento de seu estado; fazei, pois, com que da troca das idéas, da effusão dos sentimentos possa elle obter para sua alma dorida e agitada o conforto de que tanto precisa, e possaes vós recolher mais alguns ensinamentos proveitosos. »

Reatou-se, pela seguinte forma, a conversa adiada, com o espirito evocado:

Esp. — Aceito o que me offereceis, Quero fraternisar convosco sem reticencias nem falsos sentimentos de orgulho.

Evoc. — Ao desprender-vos, encontrastes H. ?

Esp. — Não, meus amigos; minha perturbação foi completa, e durou longo tempo relativamente.

Evoc. — Que se passou por occasião do vosso desprendimento ?

Esp. — Passei por uma lucta quasi inconsciente, em trevas escuras, onde

me debatia como em um pesadello horroroso, e do qual procurava despertar sem conseguir.

Evoc. — Afinal como despertastes deste pesadello ?

Esp. — Não sei bem ao certo, mas senti pouco a pouco a consciencia voltar-me, e achei-me de novo em face de mim mesmo: porém... que mudança? que isolamento! que desillusão! Só... só...

Evoc. — Estaveis ainda na perturbação a que alludis, quando pela primeira vez viestes entre nós ?

Esp. — Precisamente, não; tinha reflectido, tinha procurado comprehender, mas não queria me confessar tão desherdado, tão pequeno como me achava então; ainda agora me pésa a confissão que vos faço de minha miseria, que é profunda! Mas vossos corações são bons, e terão compaixão do meu desespero. Perdi tudo; sim, perdi tudo!

Evoc. — Como se deu a transição de nos achardes curiosos no fim do ultimo trabalho, e logo desde o começo do presente virdes confraternisar connosco ?

Esp. — Eu sentia necessidade de alliviar meu coração combalido pela dôr e pelo orgulho; vossos sentimentos me solicitaram com brandura e compaixão, e me recordando da misericordia promettida ao peccador, ao ingrato que se humilha, vim resolvido a vos pedir que me auxilieis a voltar á senda do bem.

Evoc. — Depois desta já vos encontrastes com o espirito a que alludi em principio ?

Esp. — Não; pois que, só e escondendo a minha miseria, não queria ser visto por ninguém; esse mesmo abandono foi e é até agora o meu castigo.

Evoc. — Recordaes-vos agora de já nos terdes visto quando encarnado ?

Esp. — Procuo me recordar; sinto que me attrahis e que vossos desejos me fazem bem, mas minha miseria é tal que tudo se lemita a isto; maior consolo ainda não mereci.

Evoc. — Que relação existe entre a existencia E. e a existencia ou existencias anteriores a E. ?

Esp. — Sobre mim é differente, posso ver claramente as vidas anteriores, posso seguir-lhes o desenvolvimento, e isto me confunde. Mas que abysmo! Quanto mais mergulho no passado, maior horror me envolve. Não, não quero ir mais longe!

Evoc. — A existencia anterior á de E. foi aqui mesmo no Brasil ou fóra delle ?

Esp. — Não foi no Brasil.

Evoc. — Mas não poderieis dizer onde ?

Esp. — Foi, posso dizer, na Suecia.

Evoc. — Na existencia na Suecia tivestes a mesma mediumidade que na existencia E. ?

Esp. — Não tive as mesmas faculdades que nesta ultima existencia; porém appliquei-me a esses estudos pelo desejo de conhecer, julgando que bastava saber para adquerir o poder. Illusão amarga! Vaidade insensata! Obreiro grosseiro que eu era! e me julgava acima dos outros por concertar, ás vezes, um vaso de argilla, quando nem podia tocar no menor mal de minha propria alma sem exacerbá-la.

Pelo adiantamento da hora ficou adiado este trabalho. Foi a seguinte a instrução final:

« A razão não deve substituir a fé, mas sim illuminar-se com seus raios; porém o homem, arrastado ás vezes pelo seu orgulho, deixa a luz divina para seguir um fogo fatuo que o menor sopro apaga, deixando-o mergulhado em densas trevas. »

(Continúa)

MISCELLANEA

A verdade em factos

Meu caro irmão.

Vós me pedistes e eu vos prometti a narração de qualquer facto escrupulosamente verdadeiro que se tenha dado commigo, para que o meu testemunho sirva de garantia á verdade da Doutrina Spirita, para convencer os incredulos por ignorancia ou por systema.

De que servem taes esforços, principalmente para os ultimos?

Entretanto para dar-vos uma prova da minha obediencia, vou, sem a minima pretensão de escriptor e ao correr a penna, narrar-vos o que se deu commigo, só me preocupando com ser fiel á verdade.

Corria o anno de 1878 para mim triste, cheio de afflicções e amarguras, que só me dava lenitivo o verter das lagrimas. Eu não cessava de implorar a misericordia divina, crença que ao despertar da razão achei implantada em meu ser.

Ao mesmo tempo apromptava-me para logo depois do dia fatal, que esperava, retirar-me para Europa com meu filho, então de treze annos de idade em busca de resignação.

Os soffrimentos de minha mulher, que, mais ou menos, datavam de seis annos, haviam se aggravado ao ponto de seu medico assistente affirmar-me que o termo fatal se aproximava. Eguál juízo e prognostico fez o meu intimo amigo Dr. Geraldo Motta.

Imagine-se o estado de meu pobre espirito, passando as noites inteiras a velar á cabeceira da mulher a quem idolatro, cheio de apreensões, quando no dia 11 de setembro d'aquelle mesmo anno em que, exaustado de forças, transido de amarguras, procurei respirar o ar da manhã na Praça da Constituição, encontrei-me com o Sr. Candido de Mendonça, empregado no Fôro, que, penalizado de me ver chorando, aconselhou-me que procurasse um meu collega que, na travessa do Ouvidor, offercia remedios homeopathicos para as molestias con-

sideradas incuraveis, com resultados espantosos.

Agradecendo-lhe a parte que tomava na minha dôr, respondi-lhe: que não podia submeter minha mulher ao tratamento de um homem distincto, é verdade, como o conhecia, porem extranho completamente á sciencia medica, e quando eu tinha os recursos que me podiam offerecer as notibilidades que já a tinham desenganado.

O Sr. Candido, Mendonça, como um enviado da Providencia, insistiu com um interesse, que me surpreendeu, dizendo-me afinal que si nos casos desesperados e desenganados pelos homens da sciencia era desculpado darmos os remedios de um sertanejo ignorante, quanto mais tratando-se de um homem conhecido, notavel e já afamado por curas em casos identicos: pedindo-me que pelo menos me certificasse d'essa verdade para justificação do que me referia.

Pois bem, no dia seguinte (12 de Setembro de 1878) ás onze horas da manhã, compareci á travessa do Ouvidor, onde encontrei aquelle collega e mais alguns que o ajudavam, havendo grande numero de pessoas, umas recebendo remedios, outras á espera de sua vez, todos alegres e contentes, referindo os milagres das applicações que fazia com caridade evangelica o homem assaz conhecido por ser um litterato distincto, titulado com carta de Bacharel em Direito, tendo já occupado cargos de Presidente de Provincia, Deputado á Assembleia Geral, porém completa e absolutamente extranho á sciencia medica.

Esse espetaculo, preciso confessar, porque é meu preposito dizer toda a verdade, edificou-se no meu espirito, aniquilado então, com taes proporções, que o sorriso de mofa e de de-cruça tornou-se-me em uma contemplação mystica, que só pode ter um espirito cheio de fé, em um Templo de Caridade, presidido por um Ente divino!

Ao tocar a minha vez, disse que ia procurar remedios para minha mulher.

Onde as garantias da vida, da honra e da propriedade?

Rosseau e Napoleão I. consideravam a religião como um meio de governo.

Não ha duvida, porque o temor do juiz que lê na consciencia é a mais forte repressão que pôde ter o homem; mas si a religião fosse um simples meio humano, ella teria o valor e a sorte das instituições humanas.

— A religião, meu amigo, isto é: o laço mystico que liga a creatura humana ao creador, tem intuitos mais elevados.

Ella é a luz que desce dos ceus e que allumia-lhe a estrada.

Ella é o estímulo, o sol e o calor que provoca a evolução dos espiritos, desde o estado de lama até o de perfeição angelica.

Folgo de ver que o triste e desastroso despecho da vida da minha Alzira, produziu ao menos a fé em seu espirito no que consubstancia, para a realisação do destino humano, as verdades eternas e essenciaes aos que vivem na terra.

— E onde se viverá sinão na terra? Sr. Leopoldo.

— Não sei, Sr. Amorim, mas parece-me impossivel que Deus, tendo creado o espaço infinito, só tenha animado de vida e de movimento um ponto limitadissimo da illimitada extensão.

Parece-me que semelhante concepção amesquinha, até tornar ridiculos, o poder e o saber do Eterno.

Em minhas cogitações sobre as cousas da criação, eu imagino que a infinita extensão é povoada de mundos, distribuidos em systemas, de que o nosso é um dos mais mesquinhos.

Eu imagino que todos esses mundos são habitados pelos espiritos creados, como é a terra; de modo a difundir-se por toda a parte a vida universal e não se dar o que resulta da concepção de ser a terra o unico planeta habitado: vida, luz e movi-

Respondeu-se-me que só se davam remedios aos pobres, e a esses mesmos quando desenganados por molestias julgadas incuraveis.

(Continúa)

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPIRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENCAS E NEGAÇÕES

II. — A India

(Continuação)

De sua missão e de sua propria natureza fallava Krishna em termos sobre que convem meditar. Dirigindo-se a seus discipulos, dizia:

Tanto eu como vós temos tido varios nascimentos. Os meus só de mim são conhecidos, porém vós nem mesmo os vossos conheceis. Posto que, por minha natureza, eu não mais esteja sujeito a nascer e a morrer, todas as vezes que no mundo declina a virtude, e que o vicio e a injustiça a superam, eu torno-me então visivel; assim eu me mostro de idade em idade, para salvação do justo, para castigo do mau, e para o restabelecimento da virtude.

Revelei-vos os grandes segredos. Não os digaes sinão áquelles que os podem comprehender. Sois os meus eleitos: vós vedes o alvo, a multidão só encherá uma ponta do caminho.

Por estas palavras a doutrina secreta estava fundada. Apesar das alterações successivas que ella terá de soffrer, ficará a fonte de vida em que, na sombra e no silencio, se abeberarão todos os grandes pensadores da antiguidade.

Menos pura não era a moral de Krishna:

Os males com que affligimos o proximo perseguem-nos, assim como a sombra segue

mento em um ponto, e morte, silencio, quietação e trevas por toda a immensidade!

Eu imagino, finalmente, que esses mundos formam uma escala, que começa nos mais grosseiros e atrasados e termina nos mais perfectos e adelantados.

O espirito vai percorrendo essa longa escala, que não é sinão a escada de Jacob, vai subindo de um mundo mais atrasado para outro mais adiantado, segundo se vai elle mais adiantado em saber e em moralidade, até que chega ao mais elevado, quando tem alcançado a snmma perfeição humana.

Não lhe parece isso mais conforme com a alta idéa que devemos fazer do creador?

— E' inegavel; mas, em tal caso, morrer não é acabar, é principiar.

— Nem uma, nem outra cousa.

Quando, em longa viagem, chegamos ao rancho, botamos cargas abaixo e descansamos; quando acabou a viagem?

— Seguramente, não.

— E quando, passadas as horas do descanso, largarmos do rancho e continuarmos a sonsa jornada, principiamos a viagem?

— Eguálmente não.

— Pois, como eu comprehendo o plano da evolução dos espiritos, a morte é o descanso, descanso temporario; porque o espirito tem de continuar sua viagem através dos seculos e dos espaços, até chegar á casa do Pae.

— Mas, Sr. Leopoldo, si fosse assim, como poderiam proseguir os espiritos que, depois da morte, são condemnados ás penas do inferno?

— Eu lhe respondo por uma pergunta: pôde o senhor conciliar a existencia do inferno com a perfectibilidade humana?

— E dahi?

— Dahi? Ou o homem é perfectivel e a invenção do inferno não passa de um meio de conter a humanidade em seu periodo evolutivo o mais grosseiro e atrasado; ou

nosso corpo. — As obras inspiradas pelo amor de nossos semelhantes são as que mais pesarão na balança celeste. — Si frequentas os bons, seus exemplos serão inuteis; não reccies viver entre os maus para os reconduzir ao bem. — O homem virtuoso é semelhante á arvore gigantesca cuja benefica sombra dá ás plantas que a cercam a frescura da vida.

Sua linguagem elvava-se ao sublime quando fallava da abnegação e do sacrificio:

O homem de bem deve cahir aos golpes dos maus como o sandalo que, quando abatido, perfuma o machado que o feriu.

Quando os sophistas lhe pediam que explicasse a natureza de Deus, elle respondia:

Só o infinito e o espaço podem comprehender o infinito. Só Deus pode comprehender Deus.

Dizia ainda:

Nada do que existe pode perecer, porque tudo o que existe está contido em Deus. E' assim que o avisado não chora os vivos nem os mortos. Porque nunca eu cessei de existir, nem tu, nem nenhum homem, e nunca todos nós cessaremos de ser além da vida presente.

Sobre a communicação com os espiritos:

Muito tempo antes de se despojarem de seu envoltorio mortal, as almas que só praticaram o bem adquirem a faculdade de conversar com as almas que as precederam na vida espirital.

E' isto o que, ainda em nossos dias, affirmam os brahmanes pela doutrina dos Pitris.

Taes são os principaes pontos do ensino de Krishna, que se encontram nos livros sagrados conservados no fundo dos sanctuarios do sul do Hindostão.

No principio, a organização social da India foi deliberada pelos brahmanes sobre suas concepções religiosas. Dividiram a sociedade em tres classes segundo o systema ternario. Mas, pouco a pouco, tal organização degenerou em privilegios sacerdotaes e aristocraticos. A herança impoz seus limites estreitos e rigidos ás aspira-

existe inferno, existem penas eternas, corta-se o vôo aos espiritos por toda a eternidade; e nesse caso o homem não é um ser perfectivel,

— Compreendendo bem o antagonismo dos dous principios; mas dahi não vejo como ficam os homens livres do inferno e consequentemente privados de progredirem e de ascenderem, pela longa escala dos mundos, á casa do Pae.

— Compreende o antagonismo? E não comprehende que nos é impossivel pôr em duvida a perfectibilidade humana?

— Mas a religião manda crêr no inferno?

— A religião não manda crêr, ameaça os mãos com as penas do inferno.

— Idem por idem.

— Não é assim. A revelação divina é progressiva, tanto que ninguém confundirá a christã com a mosaica.

Quando o homem era carnal, a ponto do legislador hebreu consagrar o dente por dente e olho por olho, sob pena de não ser aceita sua doutrina, foi preciso imaginar penas condignas; e eis porque a religião foi tomar ao paganismo a idéa do inferno.

Quando o homem já estava muito depurado, tanto que o legislador christão já pôde substituir aquella lei barbara do dente por dente, pela santa lei do «ama a teu inimigo e faz bem ao que te odeia», si não foi por terra a idéa do inferno, é porque para se implantar a das penas temporarias e correctivas, havia o Messias mister de explicar verdades ainda incomprehensíveis, como Elle o declaron.

Multiples existencias e penas temporarias impostas no fim de cada uma eis o que se harmonisa perfectamente com a perfectibilidade humana e com os altos attributos de Creador, que por Ezequiel nos disse: «Eu não quero a morte do impio, sinão que elle se converta e venha á mim.»

(Continúa)

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

As ultimas palavras do moço Amorim ainda soavam no ar, quando um gemido plangente se fez ouvir no interior da casa.

O sol já se tinha occultado por detraz da linha do horizonte e as sombras da noite já começavam a envolver a terra.

Amorim ergueu-se todo tremulo: mas Leopoldo fel-o sentar-se dizendo: não tema nada. A minha Alzira nunca me fará mal e hoje, que, já é espirito, terá força para me defender e aos meus amigos.

Tenho disso tanta certeza, que daqui a pouco serei no interir desta casa, a ouvir o que me querem estes tristes espiritos.

— Antes, porém, dessa excursão, quero saber, si ainda persevera em sua incredulidade quanto á existencia dos espiritos e sua sobrevivencia á morte do corpo.

Eu confesso, Sr. Leopoldo, que o remate de sua historia, si não é a prova de que o senhor está soffrendo um desaranjo mental, é a mais completa prova de que, além deste mundo, existe o throno de Deus, cuja escada o homem tem de subir,

Ainda bem, meu amigo. Si a humanidade não admittisse a immortalidade da alma, a existencia de Deus e a religião, que não é sinão o culto da creatura ao creador; onde as bases da moralidade?

ções de todos. A mulher, livre e honrada nos tempos védicos, tornou-se escrava, e de seus filhos não soube fazer mais que escravos como também era ella. Em um molde implacável condensou-se a sociedade, a decadência da Índia foi a consequência inevitável. Petrificada em suas castas e em seus dogmas, ella dormiu este somno lethargico, imagem da morte, que não foi perturbado nem mesmo pelo tumulto das invasões estrangeiras! Acordar-se-á ella em algum tempo? Só o futuro poderá dizer.

Os brahmanes, depois de terem estabelecido a ordem e organizado a sociedade, perderam a Índia por excesso de compressão. Assim também tiraram a doutrina de Krishna toda autoridade moral, envolvendo-a com formas grosseiras e materiaes. Si só se considerar o lado exterior e vulgar do Brahmanismo, suas prescrições pueris, seu ceremonial pomposo, seus ritos complicados, as fabulas e as imagens de que é tão prodigo, ser-se-á levado a não ver nelle mais que um acervo de superstições. Mas seria um erro julgar-o somente por suas apparencias exteriores. No Brahmanismo, como em todas as religiões antigas, cumpre distinguir duas cousas. Uma é o culto e o ensino vulgar, repletos de ficções que captivam o povo, e auxiliam a conduzir-o pelas vias da servidão. A esta ordem de idéas liga-se o dogma da metempsyose ou renascimento das almas culpadas em corpos de animaes, de insectos, ou de plantas, espantinho destinado a atemorizar os fracos, systema habil que o Catholicismo imitou em sua concepção dos mythos de Satan, do Inferno e dos supplicios eternos.

Outra cousa é o ensino secreto, a grande tradição esoterica, que fornece sobre a alma, sobre seus destinos e sobre a causa universal as mais puras e as mais elevadas reflexões. Para recolhê-las, é preciso penetrar os mysterios dos pagodes, folhear os manuscritos que encerram, interrogar os brahmas sabios.

III. — O Egypto.

A's portas do deserto, os templos, os pylomas, as pyramides se erguem, florestas de pedra debaixo de um céu de fogo. As esphinges contemplam a planície, retrahidas e sonhadoras, e as necropoles, talhadas na rocha, abrem seus solios profanados á margem do rio silencioso. E' o Egypto, terra estranha, livro veneravel, no qual começa apenas o homem moderno a soletrar o mysterio das edades, dos povos e das religiões.

Muito tempo acreditou-se que o Egypto havia tomado á Índia sua civilização e sua fé. Sabe-se hoje, por um attento estudo dos hieroglyphos, que remontam suas tradições a uma epocha tão affastada quanto os Vedas. (1) Elles são a herança de uma raça extinta, a raça vermelha, que occupava todo o continente austral, e que foi aniquillada por luctas formidaveis contra os brancos e por cataclysmas geologicos. A esphinge de Giseh, varios milhares de annos (2) anterior á grande pyramide e levantada pela mão dos vermelhos no ponto em que o Nilo se juntava então ao mar, é um dos raros monumentos que estes tempos remotos nos legaram.

A leitura das estelas, (3) e dos papyrus encontrados nos tumulos, permittem reconstituir a historia do Egypto, ao mesmo tempo que esta antiga doutrina do Verbo-Luz, divin-

dade de triplice natureza, simultaneamente intelligencia, força e materia; espirito, alma e corpo que offerece uma analogia perfeita com a philosophia da Índia. Aqui, como lá, encontra-se, debaixo da grosseira ganga cultural, o mesmo pensamento occulto. A alma do Egypto, o segredo de sua vitalidade, de seu papel historico, é a doutrina occulta de seus sacerdotes, cuidadosamente velada sob os mysterios de Isis e Osiris, e experimentalmente analysada, no fundo dos templos, por iniciados de todas as classes e de todos os paizes.

Sob formas austeras, eram os principios desta doutrina expressos pelos livros sagrados de Hermes, que formavam uma vasta encyclopedia. Ah! se encontravam classificados os conhecimentos humanos. Mas nem todos chegaram até nós. A sciencia religiosa do Egypto foi-nos sobretudo restituída pela leitura dos hieroglyphos. Os templos são egualmente livros, e pode-se dizer que na terra dos pharaós as pedras tem também vozes.

Tinham os hieroglyphos um triplo sentido e não podiam ser decifrados sem chave. A estes signaes applicava-se a lei de analogia que rege os tres mundos: natural, humano e divino, e permite exprimir os tres aspectos de todas as cousas por combinações de numeros e de figuras, que reproduzem a symetria harmoniosa e a unidade do Universo. E' assim que, em um mesmo signal, lia o adepto ao mesmo tempo os principios, as causas e os effeitos, e esta linguagem tinha para elle uma extraordinaria potencia.

Sahido de todas as classes da sociedade, mesmo das infimas, era o sacerdote o verdadeiro senhor do Egypto; os reis, por elle escolhidos e iniciados, só governavam a nação a titulo de mandatarios. Altas concepções, uma profunda sabedoria, presidiam aos destinos deste paiz. No meio do mundo barbaro, entre a Assyria feroz, apaixonada, e a Africa selvagem, era a terra dos pharaós como uma ilha acotada pelas ondas, em que se conservavam as puras doutrinas, toda a sciencia secreta do mundo antigo. Os sabios, os pensadores, os directores de povos, Gregos, Hebreus, Phenícios, Etruscos, nesta fonte é que vinham se abeberar. Por intermedio delles, o pensamento religioso derramava-se dos sanctuarios de Isis sobre todas as praias do Mediterraneo, fazendo despotar civilizações diversas, dissimilhanes mesmo, tornando-se monotheista na Judéa com Moysés, polytheista na Grecia com Orphen, porém uniforme em seu principio occulto, em sua essencia mysteriosa. Mais não era o culto popular de Isis e de Osiris do que uma brilhante miragem offerecida á multidão. Debaixo da pompa dos espectaculos e das ceremonias publicas, occultava-se o verdadeiro ensino, dado nos pequenos e nos grandes mysterios. Era a iniciação cercada de numerosos obstaculos e de reaes perigos. As provas phisicas e moraes eram longas e multiplicadas. Exigia-se o juramento do silencio, e a menor indiscreção era punida com a morte. Esta temivel disciplina dava á religião secreta e á iniciação uma força, uma autoridade incomparaveis.

A medida que avançava o adepto em seu caminho, descortinavam-se os véus, fazia-se mais brilhante a luz, tornavam-se os symbolos vivos, animados.

A esphinge, cabeça de mulher em um corpo de touro, com garras de leão e azas de aguiá, era a imagem do ser humano emergindo das profundezas da animalidade para attingir sua condição nova. O grande enigma era o homem, trazendo em si os traços sensiveis de sua origem, resumindo

todos os elementos e todas as forças da natureza inferior.

Os deuses extravagantes com cabeças de passaros, de mamíferos, de serpentes, eram outros symbolos da Vida, em suas multiplas manifestações. Osiris, o deus solar, e Isis, a grande Natureza, eram por toda parte celebrados; mas acima delles havia um Deus innominado, de que só se fallava em voz baixa e com timidez.

Antes de tudo devia o neophyto aprender a se conhecer. O hierophante fallava-lhe assim:

O' alma cega, arma-te com o facho dos mysterios, e, na noite terrestre, descobrás teu duplex luminoso, tua alma celeste. Segue este guia divino; que elle seja teu genio, porque tem a chave de tuas existencias passadas e futuras.

No fim de suas provas, fatigado pelas emoções, tendo dez vezes encerrado a morte, via o iniciado aproximar-se de si uma imagem de mulher, trazendo um rolo de papyrus.

Sou tua irmã invisivel, dizia ella, sou tua alma divina, e isto é o livro de tua vida. Elle encerra as paginas cheias de tuas existencias passadas e as paginas brancas de tuas vidas futuras. Um dia eu as desenrolarei todas deante de ti. Agora me conhecees. Chama-me e eu virei.

Emfim, na varanda do templo, debaixo do céu estrellado, deante de Memphis ou Thebas adormecidas, contava o sacerdote ao adepto a visão de Hermes, transmittida vocalmente de pontifice a pontifice e gravada em signaes hieroglyphicos nas abobodas das cryptas subterraneas.

Um dia viu Hermes o espaço e os mundos e a vida que por todos os lugares se estende. A voz da luz que enchia o infinito revelou-lhe o divino mysterio:

A luz que viste, é a intelligencia divina que contém todas as cousas em potencia, e encerra os modelos de todos os seres. As trevas é o mundo material em que vivem os homens da terra. Mas o fogo que brota das profundezas é o Verbo divino, Deus é o Pai, o Verbo é o Filho, sua união é a Vida.

Quanto ao espirito do homem, tem seu destino duas faces: captiveiro na materia, ascensão na luz. As almas são filhas do céu e sua viagem é uma prova. Na encarnação, ellas perdem a reminiscencia de sua origem celeste. Captivas pela materia, embriagadas pela vida, ellas se precipitam como uma chuva de fogo, com estremecimentos de volupia, atravez da região do Sofrimento, do Amor e da Morte, até á prisão terrestre em que tu mesmo gemes, e em que a vida divina te parece um sonho vão.

As almas inferiores e más ficam presas á terra por multiplos renascimentos, porém as almas virtuosas sobem voando para as espheras superiores, onde recobram a vista das cousas divinas. Destas se impregnam com a lucidez da consciencia esclarecida pela dor, com a energia da vontade adquirida na lucta. Ellas tornam-se luminosas, porque possuem o divino em si mesmas, e o irradiam em seus actos. Reanima, pois, teu coração, oh! Hermes, e tranquillisa teu espirito obscurecido pela contemplação destes vãos de almas, subindo a escaleta das espheras que conduz ao Pai, onde tudo se acaba, onde tudo começa eternamente. E as sete espheras disseram juntas: «Sabedoria! Amor! Justica! Beleza! Esplendor! Sciencia! Immortalidade!»

O pontifice accrescentava:

Medita sobre esta visão. Ella encerra o segredo de todas as cousas. Quanto mais souberes comprehendê-la, tanto mais verás se estenderem seus limites. Porque a mesma lei organica governa todos os mundos.

Mas o ven do mysterio cobre a grande verdade. O conhecimento total só pode ser revelado áquelles que atravessaram as mesmas provas que nós. E' preciso medir a verdade segundo as intelligencias, velar a aos fracos que ella tornaria loucos, occultar a aos maus que della fariam arma de destruição. Encerra-a em teu coração, e quo ella falle por tuas obras. A sciencia será tua força, a fé tua espada, e o silencio teu escudo.

A sciencia dos sacerdotes do Egypto ultrapassava em bastantes pontos á sciencia actual. Conheciam o magnetismo, o somnambulismo, curavam pelo somno provocado e praticavam largamente a suggestão. E' o que elles chamavam a Magia. (1)

Não tinha e iniciado alvo mais elevado do que a conquista destes poderes, cujo emblema era a coroa dos magos.

Sabe, diziam-lhe, o que significa esta coroa. Tua vontade que se une a Deus para manifestar a verdade e operar a justiça, participa, já nesta vida, da potencia divina sobre os seres e sobre as cousas, recompensa eterna dos espiritos libertos.

O genio do Egypto foi submergido pela onda das invasões. A escola de Alexandria colheu algumas parcelas que transmittiu ao christianismo nascente. Mas, antes della, os iniciados gregos tinham feito penetrar na Helle as doutrinas hermeticas. E' lá que vamos encontrá-las.

(Continúa)

(1) Diodoro da Sicilia e Strabão referem que os sacerdotes do antigo Egypto sabiam provocar a clarividencia com um fim therapeutico. Galeno menciona um templo, perto de Memphis, celebre por suas curas hypnoticas.

ASSISTENCIA AOS NECESSITADOS

Abrir-se-á brevemente, nos salões de um dos distinctos Clubs desta capital, uma kermesse em beneficio dos cofres da Assistencia aos Necessitados.

OBRAS de ALLAN-KARDEC

As pessoas que desejarem se iniciar no conhecimento da sciencia spirita devem ler seguidamente as obras de Allan Kardec, constando da relação que segue:

Livro dos Espiritos (parte philosophica) contendo os principios do Spiritismo.

Livro dos Mediums (parte experimental) contendo a theoria da todos os generos de manifestações spiritas.

O Evangelho segundo o Spiritismo (parte moral) contendo a explicação das maximas de Christo, sua applicação e concordancia com o Spiritismo.

O Céu e o Inferno (parte scientifica) contendo a explicação das leis que regem os phenomenos da natureza.

Oeuvres Posthumes.

Este livro está sendo traduzido e editado em fasciculos que acham-se á venda na papelaria Maximino — rua da Quitanda, 90.

O que é o Spiritismo.

Noções elementares de Spiritismo.

Estes dous ultimos são uns pequenos resumos da doutrina spirita.

Todas estas obras encontram-se na livraria Garnier, á r. do Ouvidor, 71.

Typographia do REFORMADOR

(1) Manethon attribue aos templos egypcios uma tradição de trinta mil annos.

(2) Um manuscrito da quarta dynastia (4000 annos antes de J. C.) refere que a esphinge enterrada nas areás e escondida desde seculos, foi encontrada fortuitamente nesta epocha.

(3) Columns hermeticas.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORÇÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz 83, 2º andar.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Julho — 15

N. 208

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz), o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Baturra, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedicto José de Souza Junior, rua do General Camara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de satisfazerem suas assignaturas com a maior brevidade, afim de podermos regularisar nossa escripta.

Os dos Estados poderão enviar-nos suas ordens em vale postal.

As idéas innatas

Quanta discussão entre as escolas philosophicas sobre esta ordem de idéas!

Umas affirmavam sua existencia, baseadas no facto de certos individuos manifestarem conhecimentos que, na vida, nunca estiveram em condições de adquirir.

Outras negavam, baseadas na crença de serem as almas creadas para esta vida e, portanto, não poderem ter conhecimentos anteriores á sua criação.

Os factos allegados pelas primeiras, as segundas explicavam pelo *genio*, o genio que rompe o circulo de ferro, dentro do qual age a intelligencia

humana e vae aos espaços luminosos roubar a luz, á laia de Prometheu, que tentou roubar o fogo celeste.

Não reflectiam os que sustentavam semelhante theoria que a invenção do genio não resolvia, apenas deslocava a questão.

Tão incompreensíveis são as idéas innatas, como é a do genio — uma alma creada como as outras, tendo qualidades inapreciáveis que não tiveram as demais.

O paganismo sancionava estas preferencias; mas a litis passa ao tempo do christianismo e seria blasphema atribuir ao Deus dos christãos preferencias e exclusões com relação a seus filhos.

Como, então, explicar os factos que deram origem á theoria do genio?

Platão, que era um verdadeiro genio, explicou-os pela pre-existencia, ensinando sem reboço que *aprender é recordar*.

As idéas, porém, daquelle vulto homérico, sepultaram-se na cinza da velha civilização, e a questão passou ao nosso tempo escoimada daquelle explicação.

A escola materialista, originaria do velho sensualismo, supõe ter descoberto o valor do secular x , explicando os grãos da capacidade intelligente de cada homem pela organização do cerebro, pelas circunvoluções cerebraes.

Perfeitamente, si nos demonstrarem, o que não foi ainda possível aos materialistas, qual a organização que deve ter, quantas circunvoluções precisa ter, o cerebro que dá a seu dono conhecimentos sobre assumptos em que nunca cogitou.

Esbarra-se, porém, a phrenologia materialista neste cachopo, de modo que a theoria materialista, em vez de explicar os factos, complica ainda mais sua explicação.

E' sciencia que assenta em hypotheses!

Ninguém nega a varia organização do cerebro humano, nem a influencia que della resulta sobre a capacidade intelligente do homem. A observação e a experiencia, porém, demonstram: que a differença consiste apenas em comprehender mais ou menos: nunca, jamais, em crear idéas sobre assumpto não estudado nem cogitado.

Si a progressão que vae da incapacidade á mais alta capacidade autorisasse seu prolongamento até a adivinhação, que outra cousa não podem ser, para o materialismo, as idéas innatas; autorisaria forçosamente também o prolongamento até a omni-sciencia.

Façamos, pois, um cumprimento aos materialistas e afastemo-os da questão que pretendem, mas não podem resolver.

Quando descobrirem o segredo da organização cerebral, que dá as idéas innatas, venham, que serão tomados em consideração.

O Spiritismo vem agora pedir um lugar entre os contendores, offerecendo-se a dar prova scientifica, pelo methodo experimental, das idéas que debitar.

Elle explica as idéas innatas e o genio, de accordo com os principios de Platão: a pre-existencia, a reencarnação dos espiritos.

Deus abriu a todos os homens a mesma estrada para o destino posto a todos, destino que se alcança pelo aperfeiçoamento intellectual e moral; todos, porém, não a percorrem com a mesma rapidez e o mesmo fructo; donde a infinita variedade que se observa de homem a homem, quer quanto a disposição para o saber, quer quanto a disposição para o bem.

Em seu amor pela humanidade, que creou perfectivel e não perfeita, para dar-lhe o altissimo valor de ser ella o factor de sua propria elevação, Deus permittiu que o espirito fizesse o longo curso daquelle estrada em quantas jornadas lhe parecesse, segundo o bom ou mau uso que fizesse da sua liberdade.

Cada jornada representa uma vida corporea; de modo que ha espiritos que vencem a via ascencional em poucas, e os ha que não o fazem sinão em muitas.

Em termos precisos: ha espiritos que conquistam o maior saber e a maior virtude da terra em poucas jornadas ou vidas corporeas, e ha delles que levam seculos e seculos.

Em cada existencia, colhemos naturalmente conhecimentos sobre varios assumptos, ou passamos por todos indifferentemente, como vemos agora mesmo, em nossa sociedade.

Na seguinte jornada ou vida corporea, em que relação devem estar

aquelles dous typos? Necessariamente o que trabalhou por aprender, desenvolvendo dest'arte suas faculdades intellectuaes, ha de apresentar melhores disposições comprehensivas.

Pela mesma lei, o que aprofundou uma sciencia, uma arte, um officio, um qualquer ramo dos conhecimentos humanos, ha de manifestar singular disposição para taes matérias. Eis a explicação do genio.

Mas as idéas innatas?

O espirito incarnando, perde a memoria do seu passado, mas guarda consigo, neste esquecimento transitorio, tudo o que colheu e é de concorrer para seu progresso.

Assim como os genios recordam o que souberam e superam as mais valentes intelligencias, pelas luzes que diffundem; assim, e pela mesma lei, certos espiritos tem uma vaga reminiscencia de idéas colhidas n'outra existencia, que emitem sem saber d'onde lhes vem.

As idéas innatas não denunciam intelligencia superior, sinão que o espirito teve-as e agora recorda-as espontaneamente. Sua elevação, porém, denuncia a superioridade do espirito que as tem.

O genio, não; é sempre um espirito superior, sob o ponto de vista de seu desenvolvimento intellectual.

Agora, uma reconciliação com o materialismo, a quem vamos dar o ultimo golpe.

Sim; o cerebro influe consideravelmente sobre o poder comprehensivo do homem; mas influe como o instrumento, afiado ou cego, influe sobre a perfeição ou imperfeição das obras de arte.

E tanto que o cerebro de um grande pensador, de um sabio, apaga aquella brilhante luz por obra de qualquer accidente que o prive de transmitil-a.

Apaga! Ella não se apaga, apenas deixa de manifestar-se por lhe faltar o aparelho de sua manifestação; tanto que, removido o accidente, a luz torna a brilhar.

Digamos, pois, com o materialismo: que um cerebro bem organizado é condição para que se manifestem os esplendores da intelligencia humana.

NOTICIÁRIO

Assistência aos Necessitados. — Inaugurou-se no dia 12 do corrente a kermesse que esta instituição promove no salão do Real Club Gymnastico Portuguez, graciosamente cedido pela sua distincta directoria para esse fim, e que deve durar o espaço de oito dias.

Parece incrível como em tão pouco tempo pouda a instituição obter tantos donativos que ornamentaram as quatro barracas ali existentes, barracas essas que tem cada uma um nome característico e de bem cabida significação.

A do *Club Gymnastico* em homenagem ao mesmo Club, e onde figuram prendas de subido valor destinadas a leilão; a da *Imprensa* em homenagem á mesma que, sem presolicita e prompta, anima com os seus annuncios e reclama a concorrência a obras pias, e que é destinada aos sorteios da roda pela venda de series de bilhetes; a *Onze de Maio* em memoria á data da inauguração das beneficencias da Assistência que, installada a 20 de Abril de 1890, em 11 de Maio do mesmo anno deu logo principio ás suas beneficencias, contando apenas com uma meia duzia de associados pobres, mas ricos de fé e esperança, que ainda perseveraram lutando para estender mais longe os seus auxilios, que já attingem a 206 familias; finalmente a da *Caridade*, de sortes, onde todos os bilhetes tem um premio, por muito insignificante que seja, fazendo assim lembrar que na pratica da caridade, em que sempre se dá alguma coisa, ha sempre tambem um premio que cedo ou tarde revezta em beneficio de quem a pratica.

Si juntarmos á profusão de luzes, flores, galhardetes, elegantes e distinctas senhoras e meninas da escolha da nossa sociedade n'um vae-ven constante, vendendo os bilhetes das barracas em meio de uma alegria entusiasta desafiando ainda os mais economicos; variadas diversões intelligentemente organizadas por alguns socios do Club, alem do concerto havido domingo em que tomaram parte amadores de reconhecida philantropia e artistas como Cernichiaro, Tavares, e outros; podemos asseverar que, brilhantes noites terão as pessoas que ali forem com o fim de exercer a caridade que, como foi dito, desde já lhes reserva utilissima impressão e agradável passatempo.

Daremos informações aos nossos leitores do final da festa que se inaugurou sob tão bons auspícios.

Correspondencia do estrangeiro — Do nosso estimado confrade Dr. Wladimir Matta, actualmente em Pariz, recebemos a carta seguinte:

« Paz e felicidade em Deus. Já tive oportunidade de assistir a tres sessões na *Société du Spiritisme Scientifique*, um dos grupos que melhor conceito gozam aqui na capital da civilização.

« Como se vê pelo nome, elle occupa-se dos phenomenos spiriticos sob o ponto de vista scientifico. Nesse intuito, investiga nem só os factos do dominio exclusivo do Spiritismo, como tambem aquellos que, em maior ou menor affinidade, lhe são correlatos, taes como os que dizem respeito ao magnetismo, hypnotismo, etc.

« Este grupo effectua suas reuniões ás terças-feiras, em uma das ruas centrais de Pariz, rua de S. Diniz 183. Consagra mensalmente 3 sessões ao spiritismo e uma ao magnetismo e outros assumptos.

« A primeira vez que fui a essa sociedade era um dos dias em que se estudava o magnetismo.

« A's 8 1/2 horas da noite compareci, sendo dos primeiros a chegar; encontrei o salão ainda deserto, porém já todo illuminado e preparado, á espera dos socios e visitantes. Meu primeiro cuidado foi passar os olhos pela sala, que nada offerece de importante, pois é decorada e mobiliada modestamente.

« Pouco a pouco foram chegando muitas pessoas que occuparam todas as cadeiras e bancos; contei mais de sessenta espectadores, sendo talvez o numero de senhoras superior ao de cavalheiros.

« A's 9 horas foi declarada aberta a sessão, lendo-se a acta da anterior, e passando-se desde logo a executar praticamente o magnetismo.

« Tres foram as pessoas magnetizadas: duas senhoras e um moço. Com estes passivos realisaram-se phenomenos de catalepsia, lethargia, somnambulismo, mudança de personalidade, e varios outros. Tentou-se, mas com exito quasi nullo, que uma das magnetizadas descrevesse o interior da casa de um dos circunstantes, pessoa que lhe era completamente estranha. Cumpre notar que, si pouco ou mesmo nada disse a magnetizada, é que era a primeira vez que se tentava tal genero de experiencia com essa somnambula; é de suppor que, com maior exercicio, venha a adquirir lucidez sufficiente para de longa ver aquillo que desconhece. A's 11 horas encerrou-se a sessão.

« Reservo para outra carta noticia das sessões de outro genero que vi na *Société du Spiritisme Scientifique*.

« Tive occasião de conversar com algumas pessoas sobre os meios praticos pelos quaes aqui se executa a propaganda da doutrina. Como sempre acham-na lenta, queixam-se do indifferetismo dos adeptos, e pensam que ahi na America está uma actividade energica vencendo todos os obstaculos, e coroando essa actividade phenomenos cada qual mais surpreendente, cada um de per si bastante para convencer o mais incredulo e exigente! Oh! grande cousa é a distancia!

« Conjunctamente com esta remetto varias folhas diarias, que se têm occupado com umas manifestações ultimamente dadas em uma casa do boulevard Voltaire. Estes factos tem preocupado muito não só a imprensa e a policia de Pariz, como tambem eminentissimos homens de sciencia. Proximamente occupar-me-ei delles. Por agora paremos aqui. »

Nova associação de Investigação Psychica — O *Harbinger of Light* de Maio passado noticia que ha pouco tempo circulou, em Nova-York e Boston, um pamphleto convidando para formação de uma *Sociedade de Investigação Psychica*, composta de sacerdotes, experimentadores scientificos, homens profissionaes a discipulos de varias escolas philosophicas, a qual cooperasse para investigação do moderno espiritismo.

Pareceria razoavel ha 15 ou 20 annos passados este intento, diz a mesma folha, mas hoje é tarde para perguntar, como o faz a tal Sociedade, si o movimento é fundado sobre a verdade ou o embuste.

Não será tempo já para algumas poucas pessoas amantes da verdade, aproximando-se do assumpto com seria disposição de espirito, investigal-o, guiadas por um methodo paraamente scientifico? Não é do melhor interesse da humanidade que esta materia seja de uma vez para sempre decidida?

Dir-se-ia que os signatarios do prospecto zombam ou ignoram completamente a historia do moderno espiritismo. As experiencias publicadas

dos professores Hare, Crookes e Zöelner, e o Relatorio da Sociedade Dialectica de Londres é o quanto basta para demonstrar a realidade dos phenomenos.

Entre outros assignam tal circular o Rev. Minot J. Savage, Heber Newton, B. O. Flower e Everett Hale, « o que deveras surpreheende, » diz o nosso confrade, que a proposito escreve um bem elaborado artigo, no qual augura pouco ou nenhum resultado das experiencias desses sabios, desde que elles não sirvam-se dos *mediums* apropriados á produção dos phenomenos e á sua investigação, como se depreheende da circular.

Sem condições de obterem o phenomeno, isto é, sem *medium*, como investigal-o? A não mudarem de rumo perderão o seu tempo.

Congresso da Sociedade Theosophica — No numero de Junho do *Theosophist*, órgão dessa sociedade, em Adyar, Madras, vem colada em supplemto a noticia de que — foi recebido um telegramma de Londres dando parte de um Congresso da Sociedade Theosophica em Londres, agora em Julho, ao qual deviam concorrer delegados de todas as partes do mundo.

Provavelmente, entre outros assumptos, tratar-se-á de eleger quem preencha vaga aberta pelo passamento da grande sacerdotiza Helena L. Blavtzky, que motivou a partida do coronel Olcott para Londres.

La Sociedad Espiritista — Esta Sociedade, que, como é sabido, sustenta, ha já quatorze annos, o excellente órgão *Constancia*, revista quinzenal, spiritista bonaerense que se esmera em concorrer por varios meios para o desenvolvimento dos estudos psychicos, já inaugurando as conferencias, a que nos referimos em nosso ultimo numero acaba de publicar, para ser distribuida gratis, uma pequena brochura:

Guia para la formacion y sostenimiento de grupos y sociedades espiritista, por Ovidio Rebaudi y Cosme Marinó.

Fomos obsequiados com a remessa especial de um exemplar, que nem só agradecemos, como nos apressamos a dar a demonstração sincera do nosso regosijo pelo assignalado serviço que vem prestar á nossa causa extremecida.

A Federação Spiritica Brasileira, que, tendo por seu órgão o «Reformador», milita como gual empenho; que em tempo inaugurou as suas conferencias publicas; que franqueou a sua bibliotheca e as innumeradas folhas estrangeiras e nacionaes recebidas em permuta do seu órgão; que abriu as suas salas ás sextas-feiras para todos, profanos ou adeptos, que quizessem tomar parte nas discussões dos themas escolhidos; que em Janeiro d'este anno começou a serie de prelecções mensaes no sentido de fomentar a acção benefica da remomeração dos conselhos doutrinaris; a Federação Spiritica Brasileira enche-se de verdadeiro entusiasmo ao receber os effluvios homogeneos que emanados daquella bella parte do planeta, provam o alto grau de sentir e de aproveitamento dos nossos confrades membros da Constancia.

Neste afán e neste entusiasmo, pedimos permissão para transcrever alguns trechos da sua Sección Official do seu numero de 3 de Junho ultimo, em que faz a apresentação do refer do *Guia*, cuja confecção foi confiada á Commissão Directora da mesma Sociedade, da qual fazem parte os eminentes membros Rebaudi e Marinó.

« A experiencia nos ensina que entre nós existem muitas pessoas, cujas organizações se prestam a todo o genero de mediumnidades, porem tam-

bem temos observado, com verdadeira dor, que essas mediumnidades bem depressa acabam em obsessão, em mysteficação e ás vezes na mais absoluta esterelidade por causa da ignorancia, falta de competencia e fraquezas em que incorrem as pessoas que se encarregam de encaminhal-as em seu desenvolvimento.

« Quando se encontram com um medio, no qual descobrem faculdades extraordinarias e que produz phenomenos assombrosos, porem ainda faltos da verdadeira prova, já suppoem que tem em suas mãos o problema resolvido, e, com tanta precipitação quanto atordoamento, a primeira cousa que lhes occorre é fazer propaganda, levando a suas sessões não só spiritas de duvidosa convicção, mas ainda muitos profanos, sem pensarem, que os factos que sujeitam á observação são insufficientes para provar o que desejam, e que toda a pessoa que vem a uma casa onde quasi todos os assistentes são desconhecidos e que a fazem presenciar phenomenos na escuridão, tudo lhe occorre menos que sejam elles produzidos pelos espiritos.

« Por outra parte existe outra razão fundamental que malogra todos esses ensaios e faz que os meliores spiritas se desalenterem ao ver a inutilidade de seus esforços.

« Referimo-nos a que, quando uma mediumnidade se apresenta, não sabemos que classe de elementos spirituaes a desenvolve; ignoramos completamente a boa ou má fé dos directores spirituaes, não sabemos si convem ou não seu desenvolvimento e finalmente, não nos é possível comprovar a identidade dos espiritos.

« A isto pode-se objectar, até certo ponto, que as sociedades estabelecidas principiaram ignorando tambem a intenção boa ou má dos espiritos que se propuzeram a fundal-as, e que todas ellas tem passado por muitas mystificações.

« E' isto evidentemente certo; mas não se pode desconhecer que, desde o momento em que as ditas sociedades chegaram a se constituir sob bases solidas e a longa experiencia dos annos as fez conhecer que estão assistidas por espiritos elevados, intelligentes e bem intencionados; que sabem bem de sciencia certa que todo trabalho medianimico que se faz nesses centros, está livre das mystificações e enganos dos espiritos maos, desde que tudo isto é tambem verdade, porque se ensaiam novos centros, se desenvolvem mediumnidades fóra da experiencia e até do recinto mesmo das sociedades assim constituidas? »

L'homme et sa chute — Recebemos um folheto com a epigraphe que encina estas linhas, e abtemos-nos de fazer comentarios ou analizar as theorias novas que apresenta, porque longe iriamos na apreciação de taes doutrinas, que, na opinião do autor, só podem ser bem comprehendidas por aquelles cuja intelligencia não foi falseada pela noção do absoluto.

Para dar, porem, aos nossos leitores uma pequena idéa desse livro, cujo autor Henry Lacroix classifica sua melhor obra, elle, um *medium*, que achando sua faculdade consideravelmente desenvolvida desde 1866, recebeu em cada capitulo uma inspiração, basta dizer que não attribue a um desvio, a um erro, a vinda a este planeta de qualquer espirito que, *descendo de seu estado divino*, de nenhum modo perde no seu valor real, nem provocou pela transgressão de qualquer sentimento pelas que não podem attingir as almas em pleno gozo das suas faculdades, lá onde a luz que o cerca é tão grande e perfeita que o erro não póde penetrar,

Em muitos outros pontos, entretanto, a sua argumentação é tão elevada quanto sensata e racional, acompanhando as theorias já conhecidas e ensinadas.

COMMUNICAÇÕES

Grupo Perseverança

K

(Continuação)

Foi a seguinte a instrução inicial :

« A confissão que obtivestes do espirito com o qual estaes agora em relação, embora não seja determinada por um verdadeiro sentimento de arrependimento e humildade, ser-lhe-á levada em conta.

« Gravemente culpado na sua penultima existencia, em que tudo sacrificou ao egoismo e ao orgulho, pediu e obteve uma nova existencia, em que, despendo-se do que tinha por si adquirido, receberia uma graça, que, não podendo a si attribuir, servir-lhe-ia para reparar o mal praticado na precedente.

« Porém, porque lhe faltava esse sentimento humilde, unico que vos dá a força precisa para vencer, falliu ainda, abusando para si do favor concedido em bem de sua reabilitação; e fallirá ainda, emquanto não se compenetrar della. »

Deu-se depois o trabalho pela seguinte forma :

Evoc. — Em nome de Deus evocamos o espirito E.

Esp. — Com verdadeira satisfação venho ao encontro marcado reatar as relações de que tenho colhido tão bons resultados.

Evoc. — Tendes consciencia dos limites a que póde chegar a irradiação do vosso perispirito ?

Esp. — Não; perguntaes-me de mais.

Evoc. — Podeis penetrar em todos os pontos da superficie do planeta ?

Esp. — Si sou, como já vos tenho dito, um espirito sob a acção do soffrimento, como posso ter a liberdade de sair de uns limites marcados, sem me tornar passivo de culpa ?

Evoc. — Insistimos na pergunta para que nos venha resposta que mais nos esclareça.

Esp. — A pergunta é bem formulada, porém não posso satisfazê-la, pois que para mim a percepção não me é permitida. Si eu vos digo que me parece estar em um deserto povoado de sombras errantes que fogem de mim, assim como fujo dellas, procurando-nos esconder uns dos outros ! Parece-me divisar um limite ao qual vou chegar e ver de novo os objectos que conheci; mas será uma miragem ? Não vejo sinão nuvens opacas a me cercar de todas as partes; estou como paralyzado na treva que me cerca, só com a consciencia que sou bem infeliz e que o mereci; porém com o desejo immenso de fazer tudo o que fôr possível para sair de um estado tão penoso. Si podeis me auxiliar, eu vos peço, não deixeis de fazê-lo.

Evoc. — Sabeis que ha existencias terrenas que são solicitadas. Não é assim ?

Esp. — Sei. O passado está na minha memoria; só o presente está para mim escuro.

Evoc. — Que existencia agora escolherieis ?

Esp. — Não ousou responder; achome tão fraco que julgo mais prudente deixar á bondade divina o que melhor me convier, supplicando só á sua misericordia que me dê forças para cumprir o que determinar sua vontade.

Sendo horas de encerrar-se o trabalho, e tendo-se julgado que deste espirito se havia obtido quanto elle podia dar, ficou deliberado que na primeira reunião seria outro evocado. Foi esta a comunicação final :

« Carissimos irmãos, é necessario que o espirito adquira o conhecimento das leis que regem o mundo inferior, isto é, a materia, pois que deve dominar a e governar a; porém quão poucos passam por estes arcanos sem cair e sem se desviar ! Abandonando o verdadeiro caminho, seguem nas trevas, semelhantes aos magos antigos: sacrificam-se aos poderes inferiores para adquirirem um dom ephemero e funesto que lhes acarretará provações e dores.

— Pois que não foste servido dar a esta nobre alma a felicidade que lhe era a condição da vida, conceda-lhe, Senhor, a resignação, que é o orvalho a vivificar as flores do coração, requeimadas pelo fogo das paixões humanas.

Joaquim de Amorim tomou a mão da moça e beijando-a respeitosamente, disse-lhe, com a voz tremula pela emoção: conheço a historia de seus soffrimentos, e admiro sua dedicação á creatura, embora innocente, que os determinou, vindo de tão longe, só para livrá-la das penas em que se debate.

— E' ent o real o sonho que tive com Alzira? perguntou ella.

— Infelizmente, minha irmã. Alzira foi obrigada pelo pae a romper os laços que a ligavam a Leopoldo e a unir-se a outro homem, que assassinou-a naquella casa em procura da qual veio a senhora.

— E Leopoldo? Não embarçou esse casamento, em nome dos ajustes que lhe davam direito á mão de Alzira?

— Leopoldo, quando chegou do Rio, não encontrou Alzira, que seu pae tinha forçado a fugir com elle e com o pretendente, visto que o coronel Dantas havia posto impedimentos em toda a diocese.

— Desgraçado moço! Foi por isso que enlouqueceu, não é?

— Não. Esperava ainda readquirir sua amada; e emquanto o coronel procurava descobri-la, pois que diziam ter embarcado para a Europa, elle recebeu a missão de ir ao Ceará informar-se da morte do irmão mais velho, alli assassinado.

— Assassinado o Sr. Antonio Dantas!

— E' verdade, minha irmã. Uma desgraça nunca vem só.

— Mas como descobriu Leopoldo que Alzira tinha sido morta aqui?

Joaquim de Amorim contou a serie de factos extraordinarios occorridos desde a

« Não imiteis, meus irmãos bem amados, esses magos orgulhosos; sede os discipulos do Mestre humilde, que, possuindo a sciencia perfeita das leis, fez-a sempre a serva submissa da caridade, essa lei divina que resume em si todo o bem. Elle nunca recusou as manifestações de seu poder aos cegos, aos surdos e aos paralyticos; mas não as fez para os sabios orgulhosos, que lhe pediam ver um prodigio.

« Praticae a humildade verdadeira a humildade de Jesus, que faz do orgulho o assento de seus pés, e que exalta a creatura até o seio do Criador. » Luiz.

MISCELLANEA

Uma esmola

Eu sou a Caridade. Venho, em nome de Jesus, pedir-vos uma esmola para a Assistencia aos Necessitados.

Venho lembrar-vos, já que sois christãos, o maximo preceito do amado Mestre: — Amae-vos uns aos outros.

Meus amigos — sáma quem é caridoso, quem sente as dores alheias, só é christão quem considera o proximo como seu irmão.

A caridade vos pede auxilio para os infelizes e, já que sois remediados, beneficiaes os necessitados.

Soccorrer os pobres, os afflictos, os desesperados é dar paz ás nossas consciencias e tranquillidade aos infelizes,

Animam-se os desgraçados que desfallecem, dando-lhes o soccorro para as exigencias do corpo.

Sejamos amigos dos que soffrem. Tenhamos piedade das infelizes mãis que não podem agasalhar do frio os queridos filhinhos; daquellas que choram, em silencio, lagrimas que só dizem dores extremas, por não terem

vespera, com a consciência que o caso exigia. — E' então bem verdade que a minha Alzira pena, como me revelou o sonho, e que precisa de quem lhe abra as portas do céu!

— E' verdade, e Leopoldo estava de marcha feita para o interior da casa a saber de sua adorada o que era preciso fazer para dar-lhe a paz, quando ouvimos sua voz.

— Não estava elle, então, louco com a certeza da morte de Alzira?

— Não. Teve a coragem de supportar esse golpe, talvez pelo desejo de prestar um ultimo e maior serviço á que lhe fôra a vida. Mal, porém, ouviu sua voz e reconheceu-a, seu espirito vergou ao peso de mais essa angustia. Foi a gorta d'agua que fez extravasar o copo.

— Meu Deus! exclamou a moça soluçando, como se apaga num momento a luz brilhante que devassava temerosa os arcanos de tua sciencia, arrastando atrás de si a admiração dos homens!

Leopoldo, meu adorado Leopoldo, rompe esse veu espesso que te encobre a vista das maravilhas de Deus!

Não apagues, não deixes extinguir-se a divina chamma que te fazia distincto entre os homens!

Não te deixes afundar no pesado pelago, nas espessas trevas, em que revolteiam os que não tem o sacro lume da razão!

Leopoldo, meu adorado Leopoldo, sacode esse jugo de ferro que te prende no circulo dos irracionais!

Supera tua dor e ostenta as energias da tua alma, collocando-te superior aos ataques do anjo do mal!

Leopoldo, meu cao Leopoldo, si perdeste um coração que te amava, ainda tens na terra quem dê a vida por ti.

O moço estava como insensível, cataleptico, nem um movimento, que revelasse a vida naquella corpo!

o leite necessario á vida dos entes estremecidos.

Sejamos caridosos para com essas virgens, que junto de suas abatidas mãis, procuram no mesquinho trabalho da costura, a subsistencia para sua honra e para a dignidade do nome de seus pais já mortos.

Sejamos benéficos para com a virtude desgraçada. Amparemos os que lutam no difficil trabalho da vida.

Eu venho pedir-vos uma esmola para os necessitados.

Não vos peço muito — só aquillo que não vos fizer falta.

A caridade vos diz—Irmãos, a vossa esmola é a alegria que entra em casa de uma familia. Ella espancará as trevas dos afflictos, como a luz do sol espanca as sombras do abysmo.

Eu sou a Caridade. Eu vos peço uma esmola em nome de Jesus,

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPÍRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENÇAS E NEGAÇÕES

IV. — A Grecia

(Continuação)

A Grecia toda acreditava na intervenção dos espiritos nas cousas humanas. Socrates tinha seu *daimon* ou genio familiar. Quando, em Marathona e em Salamina, os Gregos em armas repelliam a terrivel invasão dos Persas, estavam exaltados pela convicção de que as potencias invisiveis sustentavam seus esforços. Em Marathona, os Athenienses acreditaram

Nem uma contracção dos musculos da face, que indicasse a passagem de um pensamento por aquelle cerebro!

A's ultimas palavras de Amelia, frio suor borbulhou-lhe da pelle e cahiu em bagas de sua fronte.

Os tres amigos olhavam-n'o com ansiedade, sentindo na alma as mais acerbadas dores. Derepente, ergueu os olhos ao céu e exclamou: — não tenho mais amor na terra, o que faço na terra?

Mas, não; não posso ainda subir áquelles mundos encantadores, donde me acenam, chamando-me, seus angelicos habitantes. Não posso, ainda, que a minha Alzira ainda pena sobre este desgraçado mundo. Ah! Como seria eu feliz, si pudesse voar já áquelles paraizes que esperam de portas abertas os que foram victimas das crueldades da terra!

Onde estou? Vejo nos espaços as alampadas ardentes que illuminam mundos desconhecidos. Vejo alai-xo de mim a terra, onde se movem, como vermes, milhões de seres que se chamam homens. Além, a luz, as alegrias, a felicidade sem fim. Abaixo, as trevas, mal esclarecidas pelo sol e pela lua, as dores do corpo e as amarguras da alma, a perversidade correndo de um pólo a outro para extinguir, com o ar empestado que sopra pela bocca e pelas ventas, o gormem do que se chama felicidade na terra!

Onde estou? Eu sinto os pés mergulhados n'um charco immundo, onde um sem numero de serpentes, qual mais ascorosa, se enroscam em minhas pernas e me procuram arrastar ao lodo. Sinto, porém, minha alma, branca pomba dos desertos, pousada no alto de minha cabeça, prestes a desferir o vôo, desde que o corpo seja envolvido pelas serpes! Estarei louco, ou já serei alma sem corpo?

(Continúa)

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

(Continuação)

Joaquim de Amorim e Thomé correram atrás do moço desviado, sem poderem apanhá-lo, que não corria, voava.

Quando chegaram á estrada, a lua surgindo no horizonte, alumiaava um quadro de enternecer as feras.

Leopoldo, de joelhos, abraçava pelas pernas uma irmã de caridade, soluçando e bradando: por que vieste tão tarde, Amelia? As bodas já se acabaram.

Curvada para o moço, pallida e tremula como o anjo da dor, a irmã de caridade beijava na fronte o moço enlouquecido e murmurava estas palavras, que as brizas colheram para levar aos espaços infinitos: unico amor de minh'alma tu és como eu o escarneio da felicidade terrestre!

A moça ergueu-se, quando viu chegarem os que corriam atrás do moço; este levantou-se, estremecendo ao beijo da divina creatura.

Os quatro desgraçados ficaram em pé e mudos como si fossem estatuas de mármore.

A lua passava serena por cima daquelle quadro que resumia todas as angustias que pode supportar o peito humano!

Amelia, a irmã de caridade ergueu os olhos ao céu e com voz suspirante disse ao que lê nos corações:

ver dons guerreiros, brilhantes de luz, combaterem em suas fileiras. Dez annos mais tarde, a Pythia, sob a inspiração do espirito, indicou a Themistocles, do alto de sua tripode, os meios de salvar a Grecia. Xerxes vencedor era a Asia barbara derramando-se sobre a Hellade, abafando seu genio creador, recuando dons mil annos talvez a eclosão do pensamento em sua ideal belleza.

Os Gregos, um punhado de homens, derrotaram o immenso exercito dos Asiaticos, e, conscientes do socorro occulto que os assistia, era a Pallas-Athenen, divindade tutelar, symbolo da potencia espiritual, que dirigiam suas homenagens sobre esta rocha sublime da Acropole moldurada pelo mar brilhante e pelas linhas grandiosas do Pentelico e do Hymeto.

Para a diffusão destas idéas havia muito contribuido a participação nos Mystérios. Ella desenvolvia nos iniciados o sentimento do invisivel, que dahi, sob formas alteradas, se espalhava entre o povo, porque em toda, as partes, na Grecia como no Egypto, como na India, consistiam os Mystérios em uma mesma cousa: o conhecimento do segredo da morte, a revelação das vidas successivas, e a comunicação com o mundo occulto. Este ensino, estas praticas produziam nas almas impressões profundas. Infundiam lhes uma paz, uma serenidade, uma força moral incomparaveis.

Sophocles chama os Mystérios « as esperanças da morte », e Aristophanes diz que os que nelles tomavam parte passavam uma vida mais santa e mais pura. Recusava-se admitir os conspiradores, os perjuros, os debochados.

Porphiro escreven:

Nossa alma deve se achar no momento da morte como se achava durante os Mystérios, isto é, isenta de paixão, de colera e de odio.

Plutarco affirma, por estes termos, que se conversava durante elles com as almas dos defuntos:

Na mór parte das vezes intervinham nos Mystérios excellentes espiritos, bem que, em algumas outras, procurassem os perversos ahi se introduzir.

Proclus accrescenta:

Em todos os Mystérios os deuses (aqui significa esta palavra todas as ordens de espiritos) mostram-se de muitas formas, apparecem sob grande variedade de figuras, e revestem a forma humana.

Sócrates e depois d'elle Platão continuaram na Attica a obra de Pythagoras. Querendo conservar a liberdade de a todos ensinar as verdades que sua razão lhe havia feito descobrir, não quiz Sócrates jamais fazer-se iniciar.

Depois de sua morte, Platão transportou-se ao Egypto, e ahi foi admitido nos Mystérios. Voltando a conferir com os pythagoricos, fundou sua academia. Mas a qualidade de iniciado não mais lhe permitia fallar livremente, e em suas obras a grande doutrina apparece algum tanto velada. Entretanto a theoria das emigrações da alma e de suas reencarnações, a das relações entre vivos e mortos encontram-se no *Phedon* e no *Banquet*.

Conhece-se igualmente a scena allegorica que Platão collocou no fim da *Republica*. Um genio tira de sobre os joelhos das Parcas os destinos e as diversas condições humanas, e exclama:

Almas divinas! entree em corpos mortaes; ide começar uma nova carreira. Eis aqui todos os destinos da vida. Escolhei livremente, a escolha é irrevogavel. Si for má, não accuseis por isso a Deus.

Em resumo, a doutrina secreta, mãe das religiões e das philosophias, reveste apparencias diversas no correr das edades, mas sua base, em todas, permanece immutavel. Negada simultaneamente na India e no Egypto, passa d'ahi para o Occidente com a onda das emigrações. Encontramos em todos os paizes occupados pelos Celtas. Occulta na Grecia sob os Mystérios, ella se revela no ensino de mestres taes como Pythagoras e Platão, sob formas cheias de se tucção e de poesia. Os mythos pagãos são como um veu de ouro que esconde em suas dobras as linhas puras da sabedoria delphica. A escola de Alexandria recolhe seus principios, e infunde-os no sangue jovem e impetuoso do Christianismo. Já o Evangelho, como a aboboda das florestas debaixo de um sol brilhante, era illuminado pela sciencia esoterica dos Essénios, outro ramo de iniciados. A palavra do Christo havia bebido nesta fonte, como em uma agua viva e inexgotavel, suas imagens variadas e seus vãos poderosos. Assim é que por toda parte, atravez da successão dos tempos e do rasto dos povos, se affirmam a existencia e a perpetuidade de um ensino secreto que se encontra identico no fundo de todas as grandes concepções religiosas ou philosophicas. Os sabios, os pensadores, os prophetas dos tempos e das paizes mais diversos nelle acharam a inspiração, a energia que faz cumprir grandes cousas, e transforma almas e sociedades, impellindo as para a frente no carreira da evolução progressiva.

Ha ahi como uma grande corrente espiritual que mysteriosamente corre nas profundezas da historia. Ella parece sair deste mundo invisivel que nos domina, nos envolve, e em que vivem e agein ainda os espiritos de genio que têm servido de guias á humanidade, e que jamais cessaram de com ella communicar-se.

V. — A Gallia

A Gallia conheceu a grande doutrina. Possuía-a debaixo de uma forma poderosa e original, e soube della tirar consequências que aos outros paizes escaparam.

« Ha tres unidades primitivas, diziam os druidas, Deus, a Luz e a Liberdade. » Quando a India já estava organizada em castas immoveis, em limites infranqueaveis, tinham as instituições gaulezas por bases a igualdade de todos, a comunidade dos bens, e o direito eleitoral. Nenhum dos outros povos da Europa teve, no mesmo grau, o sentimento profundo da immortalidade, da justiça e da liberdade.

E' com veneração que devemos estudar as tendencias philosophicas da Gallia, porque a Gallia é nossa avó, e nella encontramos fortemente accusadas todas as qualidades e tambem todos os defeitos de nossa raça. Nada allas é mais digno de attenção e de respeito do que a doutrina dos druidas que não eram barbaros, como erradamente se acreditou durante seculos.

Por largo tempo só conhecemos as Gallias pelos autores latinos e pelos escriptores catholicos. Mas estas fontes devem, a justo titulo, serem nos suspeitas. Tinham estes autores um interesse directo em desacreditar nossos avós, em desfigurar suas crenças. Cesar escreveu seus *Commentarios* com evidente intenção de se exaltar aos olhos da posteridade. Polibio e Suetonio confessam que nesta obra fornigam inexactidões, erros voluntarios. Mais não vêm os chisões nos druidas do que homens sanguinarios e supersticiosos, em seu culto do que praticas grosseiras. Entretanto certos padres da Igreja, Cyrillo, Clemente

d'Alexandria, Origenes distinguem com cuidado os druidas da multidão dos idolatras, e lhes conferem o titulo de philosophos. Entre os autores antigos, Lucano, Horacio, Florus consideravam a raça gauleza depositaria dos mysterios do nascimento e da morte.

Os progressos dos estudos celticos, a publicação das Triades e dos cantos bardicos permittem-nos beber em fontes seguras uma justa apreciação das crenças de nossos paes. A philosophia dos druidas, reconstituída em toda sua amplitude, conforma-se com a doutrina secreta do Oriente e com as aspirações dos espiritalistas modernos. Como elles, affirmavam as existencias progressivas da alma na escala dos mundos. Esta doutrina viril inspirava aos gaulezes uma coragem indomavel, uma intrepidez tal que elles caminhavam para a morte como para uma festa. Enquanto os Romanos se cobriam de bronze e de ferro, nossos paes despiam suas vestes, e combatiam a peito nu. Orgulhavam-se de suas feridas, e consideravam cobardia usar de astucia na guerra. Dahi seus repetidos revezes e sua queda final. Tão grande era a certeza das vidas futuras, que emprestavam dinheiro de que seriam reembolsados em outros mundos. Aos moribundos confiavam mensagens para seus amigos defuntos. Os despojos dos guerreiros mortos, diziam, mais não são do que *envolucros gastos*. Abandonavam-nos no campo de batalha, com enorme surpresa de seus inimigos, como indignos de attenção.

Os Gaulezes não conheciam o inferno. E' nisto que, no canto 1º da *Pharsalia*, Lucano os louva nos seguintes termos:

Para vós, as sombras não se sepultam nos obscuros reinos do Erebo, porém a alma vós a animar outros corpos em novos mundos. A morte não é sinão o meio de uma longa vida. Felizes esses povos que não conhecem o medo supremo do trespassso! Dahi seu heroismo no meio de sangrentos combates e seu desprezo pela morte.

Nossos paes eram castos, hospitaleiros, fieis á fé jurada.

Na instituição dos druidas encontraremos a mais alta expressão do genio da Gallia. Não constituía um corpo sacerdotal. O titulo de druida equivalia ao de sabio, assisado. Aquelles que o possuíam tinham a liberdade de escolher sua tarefa. Alguns, sob o nome de eubages, presidião as ceremonias do culto, porém o maior numero consagrava-se á educação da mocidade, ao exercicio da justiça, ao estudo das sciencias e da poesia. A influencia politica dos druidas era grande, e suas vistas tendiam a realisar a unidade da Gallia. Haviam instituido, no paiz dos Carnutos, uma assemblea annual, em que se reuniam os deputados das repubblicas gaulezas, e em que se discutiam as questões importantes, os graves interesses do paiz. Os druidas eram escolhidos por eleição. O preparo para a iniciação exigia vinte annos de estudos.

Praticava-se o culto debaixo da copa dos bosques. Os symbolos eram todos tomados da natureza. O templo era a floresta secular, de columnas innumeraveis, de zimborios de verdura que os raios do sol penetram com suas flechas de ouro para irem derramar-se sobre a relva em mil tons de sombra e de luz. Os murmurios do vento, o fremito das folhas enchiam-na de accentos mysteriosos, que impressionavam a alma, e a levavam á meditação. A arvore sagrada, o carvalho, era o emblema do poder divino; o *gui* sempre verde o da immortalidade. Por altar montões de

pedra bruta. « A pedra que se labora é uma pedra profanada, » diziam estes austeros pensadores. Objecto algum sabido da mão dos homens era encontrado em seus sanctuarios. Tinham os gaulezes horror dos idolos e das formas pueris do culto romano.

Afim de que não fossem seus principios desnaturados ou materializados por imagens, proscreviam os druidas as artes plasticas e mesmo o ensino escripto. Confiavam somente á memoria dos bardos e dos iniciados o segredo de sua doutrina. Dahi a penuria de documentos relativos a tal epocha.

Os sacrificios humanos, tão exprobados aos gaulezes, mais não eram, na mór parte, do que execuções de justiça. Os druidas, simultaneamente magistrados e executores, offereciam os criminosos em holocausto á potencia suprema. Cinco annos distanciavam a sentença da execução. Nos tempos de calamidade, victimas voluntarias entregavam-se tambem em expiação. Impacientes de reunirem-se com seus antepassados nos mundos felizes, de se elevarem para o circulo da felicidade, subiam prasenteiramente os gaulezes para a pedra do sacrificio, e recebiam a morte no meio de um canto de alegria. Mas no tempo de Cesar já haviam cahido em desuso estas immolações.

Tentatès, Esus, Groyon eram, no pantheon gaulez, a personificação da força, da luz e do espirito, mas acima de todas as cousas pairava a potencia infinita, que nossos paes adoravam junto das pedras consagradas, no magesto silencio das florestas. Os druidas ensinavam a unidade de Deus.

(Continúa)

OBRAS de ALLAN KARDEC

As pessoas que desejarem se iniciar no conhecimento da sciencia spirita devem ler seguidamente as obras de Allan Kardec, constando da relação que segue:

Livro dos Espiritos (parte philosophica) contendo os principios do Spiritismo.

Livro dos Mediums (parte experimental) contendo a theoria de todos os generos de manifestações spiritas.

O Evangelho segundo o Spiritismo (parte moral) contendo a explicação das maximas de Christo, sua applicação e concordancia com o Spiritismo.

O Ceu e o Inferno (parte scientifica) contendo a explicação das leis que regem os phenomenos da natureza.

Oeuvres Posthumes.

Este livro está sendo traduzido e editado em fasciculos que acham-se á venda na papelaria Maximino — rua da Quitanda, 90.

O que é o Spiritismo.

Noções elementares de Spiritismo.

Estes dous ultimos são uns pequenos resumos da doutrina spirita.

Todas estas obras encontram-se na livraria Garnier, á r. do Ouvidor, 71.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz 83, 2º andar.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Agosto — 15

N. 210

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manáur (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz), o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Baturia, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedicto José de Souza Junior, rua do General Camara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico commecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

Regamos aos nossos assignantes o obsequio de satisfazerem suas assignaturas com a maior brevidade, afim de podermos regularisar nossa escripta.

Os dos Estados poderão enviar-nos suas ordens em vale postal.

Aos spiritas

Damos hoje a precedencia ao infatigavel operario das letras, o professor A. Alexander, cujos conceitos merecem ser ponderados por tantos quantos têm observado phenomenos telepathicos, o que vale dizer, por quasi todos os homens. E' cumulando elementos inatacaveis para o fino juizo da sciencia que se garantirá a victoria definitiva de nossa causa. Eis por que devemos todos, e cada qual, concorrer para a obra que a seus

hombros tomou o illustre professor de reunir fortes materiaes para o estudo da *Sociedade de Investigações Psychicas* de Londres. Sabe-se que é esta associação que tem conseguido, pelo seu criterio e respeitabilidade, vencer as resistencias dos mais notaveis cultores de todos os ramos dos conhecimentos humanos. Sabe-se ainda que, graças ao seu exemplo, fundaram-se instituições identicas na França, na Hespanha, na Belgica. Os membros de todas ellas não se preoccupam com as varias theorias que presumem dar a razão dos phenomenos. Por isso recebem factos de todas as fontes, mas livres de qualquer preconcepção theorica.

Para esta larga investigação que homens profundos estão fazendo, devemos concorrer principalmente os spiritas, porque estamos certos de que de um tal inquerito terá a palma da victoria a nossa theoria.

Nós que estamos, a todo momento a prégar aos homens que elles devem estudar os factos que cahem sob sua observação, não devemos deixar fugir a oportunidade que nos offerece um bom desejo desses pacientes investigadores da sciencia. Enviemos, pois, severamente autenticados, todos os factos de presentimentos, de segunda vista, de apparições na occasião da morte, de materialisações, de tangibilidade, etc. ao professor Alexander que se presta a colhel-os e a enviar os mais seguros aos investigadores de alem oceano. Melhor não poderia ser a occasião de se fazer um tal pedido do que agora que um diario politico, *O Paiz* acaba de inserir, sob assignatura de um conhecido litterato brasileiro, um artigo bibliographico sobre o livro publicado pela commissão da Sociedade de Londres, e traduzido pelo sr. Richet, de Paris, debaixo do nome *Hallucinations Télépathiques*.

Melhor oportunidade, repetimos, não poderia haver para um tal pedido do que agora que, nas mesmas columnas, um illustrado sacerdote catholico respondendo a um polemista spirita, furtou-se á discussão pretextando que recusaria rir-se ao tratar de cousas espiritas! Auxiliemos pois, o illustre professor Alexandre, porque, fazendo-o, estamos a trabalhar pela nossa causa.

QUEREMOS MAIS CASOS

Ha tempos o meu amigo Sr. Xavier Pinheiro deu-me por escripto, e com toda a evidencia comprovativa, um caso conhecido de muitos leitores desta folha. Morreu inesperadamente em Portugal um socio seu, e dias depois foi dado pelas oscillações de uma mesa — muito antes que chegasse a noticia pelas vias usuas — o facto da morte com a data aproximada e o nome da aldêa onde morreu. A Sociedade Psychica de Londres, de que sou membro correspondente, ligou a este caso grande importancia, e conservou-o para publicação opportuna em seus annuaes.

Fez-me igual obsequio um Sr. Guimarães, descrevendo minuciosamente, e com o testemunho de amigos, um phenomeno physico interessantissimo, que se seguiu por duas vezes a morte de uma familia. Foram jogadas com violencia, e sem causa apparente, pedregallos de tijolo secco, a primeira vez na alcova onde se achava deitado a ler um livro, a segunda vez no corredor que ia da porta da rua até a sala de jantar, estando todas as pessoas da casa reunidas neste aposento. Nas duas occasiões estava chovendo a cantaros. A narração do Sr. Guimarães foi igualmente bem aceita pela sociedade londrina, e, como o facto contado pelo Sr. Pinheiro, é destinado á publicidade europeia.

Outros casos, incluindo uma série de phenomenos physicos da minha propria observação, foram aceitos pelos cavalheiros da Sociedade Psychica, que, apesar de sua attitude puramente scientifica, não nega o extraordinario, uma vez que venha de fonte limpa e acompanhado de evidencia sufficiente. Graças aos esforços individuais, vai-se accumulando materia para base larga de uma psychologia adiantada, de embate á qual será de todo impotente a brutal negação do materialismo.

Mas neste trabalho de construcção lento e methodico precisamos de factos e mais factos; pois, quanto mais numerosos forem estes, tanto mais seguras serão as induções que delles se tirarem. A cada um de nós a obrigação de contribuir, quanto puder, com a sua pedra.

Todavia uma historia no ar nada vale. Vale sómente depois de sujeita

a averiguações serias e imparciaes. Dahi a necessidade de toda a cautela nas observações. Na occasião de uma experiencia anormal, quer seja provocada, quer espontanea, deve-se, quando é possivel, tomar nota por escripto e data dos factos testemunhados, fazendo assignar todos os assistentes e precavendo-se por todos os modos contra os erros da observação e as infidelidades da memoria.

São sobretudo preciosos os casos que excluem a possibilidade da suggestão mental, ao mesmo tempo que provam a identidade do communicante. Aos que julgam ter recebido provas alequadas de que seu filho, sua mulher, seu irmão etc., ainda existe, apesar da morte do corpo, peço com instancia que dêem á luz da publicidade seus casos, ou que se correspondam conmigo para juntamente documentarmos aquillo que tiver valor scientifico.

E não se assustem os humildes com o nome da sciencia. Nestas pesquisas a singeleza, a boa fé, a vontade de ajudar podem muito mais do que o saber, que se acha embaraçado por demais vezes pela fatuidade de theorias preconcebidas.

A. ALEXANDER.

Caixa n. 906

NOTICIARIO

Transfiguração — A *Revue Spirite* de Paris tendo solicitado que seus amigos lhe enviassem a narração de factos de transfiguração, recebeu do Conde Henri Setecki a carta que aqui resumimos: Posuo um curioso facto de transfiguração, cuja authenticidade posso garantir. Membro activo do grupo spirita de S. Petesburgo, ali assignei em meu livro de notas a seguinte historia, não transcrevendo nomes proprios por não estar a isso autorizado. Estando doente a Sr. N., residente em Moscou e de 60 annos de idade, acreditou seu irmão o Sr. W. em uma obsessão. Pelo que dirigiu-se a S. Petesburgo, onde se demoraram cerca de tres mezes, conseguindo o grupo spirita cural-a. Alem de soffrimentos horribes, extraordinarios, havia o terrissimo phenomeno de transfiguração. O Sr. W. contou-nos por este modo um notavel: foi em 1855, estava em Moscou, onde sua irmã era por vezes acometida de vertigens, seguidas de ausencias mentaes: nestas occasiões ella esbarrava-se de encontro aos móveis, e ficava manchada de echymoses. Uma vez

entrou chorando em seu quarto uma rapariga de casa muito estimada; tremula de medo e de emoção, pediu-lhe que fosse ver o que se passava no aposento da Sr. N. Encontrou o Sr. W. a irmã sentada no soalho, vestida com uma camisa fina, muito elegante enfeitada de bordados e de rendas: a senhora estava jovem e bella como elle a tinha conhecida na mocidade, a tez de uma alvura brilhante, as espaduas e os braços carnudos, com um seio redondo de donzella, que se via de um lado em que a camisa havia escorregado pelo hombro; os cabellos de um negro perfeito soltos; ella parecia em extasis admirando-se a si mesma em um espelho fronteiro. O Sr. W. examinou minuciosamente e por certo tempo todos esses detalhes estranhos; depois a visão começou a desaparecer, e elle viu sua irmã, sempre sentada no chão, mas tal como a tinha deixado, isto é, velha e enrugada, vestida com um saíote branco e um paletot de veludo verde, abotoado de cima a baixo. Deu-lhe a mão para levantar-se.

A mocinha contou então que achado-se junto da Sra. N., esta tivera um das costumadas vertigens e cahira sentada ao chão. Aproximou-se para levantal-a; porém, assustado-se com a mudança que de repente sobreviera, correu a chamar o Sr. W. Este indagou da irmã si elle tinha camisas enfeitadas de bordados e rendas, ao que ella respondeu que não as possuía desde já bastantes annos.

A Sra. N., interrogada pelo irmão a respeito do phenomeno, disse que, acommettida de uma vertigem, tinha a vaga lembrança de se ter visto em um espelho moça como outrora; mas que fôra um sonho, como verificava agora que estava despertada.

Cumprimentos — Fixaram residência entre nós o illustre engenheiro Sarta e sua senhora D. Sebastiana de Lana, respeitáveis confrades e redactores do periodico *Luz del Alma* de Buenos Ayres. Si nos entristecemos, porque a auzencia desses nossos irmãos da capital da Republica Argentina significa o desaparecimento de um velho campeão da propaganda spirita, sobra-nos entretanto a satisfação de ter bem junto a nós tão esforçados propagandistas. Com os nossos cumprimentos, fazemos tambem votos para que encontrem aqui uma terra tão amiga como a patria natal.

Leitura de uma carta fechada — Leimos no *Religio Philosophical Journal* Abril.

O *Sun* de Nova York assim conta como se deu a leitura de uma carta fechada, por occasião do ultimo *meeting* de anniversario do Spiritismo, em Everett Hall, Brocklin N. Y.

Mr. W. S. Davis, da Rua Nassau, que se diz incredulo, mas realmente é um grande investigador da verdade, lançou um cartel aos *mediums*. Propoz-se a perder mil *dollars*, para serem entregues á casa de caridade, que se designasse, si algum *medium*, pudesse ler um certo numero de palavras escriptas por elle e postas em uma sobrecarta fechada. A Senhora Mattie Martin, que é muito bonita e *medium*, acceitou o repto, e a experiencia foi feita a noite passada.

Mr. Martin disse que, depois que leu a circular de Mr. Davis, tinha decidido não acceitar a prova. Não se mencionava o numero de palavras, e dizia elle que não havia *medium* que pudesse estar muito tempo *mediumnizado* para ler um grande numero de palavras. Nem tão pouco se dizia que lingua seria empregada, e nem sempre os *mediums* podem ler o grego, o hebraico, o latim ou todos os idiomas modernos, á vontade.

Mr. Martin annunciou que tinha visitado Mr. Davis depois do ultimo encontro e com elle concordado — que Mrs. Martin leria umas vinte palavras escolhidas por Mr. Davis que serem selladas em uma sobrecarta — O valor da aposta era de 50 *dollars*, que Mr. Davis mandaria em um cheque visado ao *meeting*. O presidente Bogart annunciou que tinha recebido o cheque e depois perguntou si Mrs. Martin estava na sala.

Mr. Davis é louro e algum tanto moço. Levantou-se da extremidade da sala e disse que tinha a carta preparada. Pediram que chegasse para mais perto, e elle aaançou á distancia de seis pés do estrado.

Mrs. Martin sentou-se no estrado e seu marido amarrô-lhe um lenço de seda nos olhos. Questionou-se a principio sobre quem guardaria a carta durante a experiencia, porém a assembleia finalmente decidiu que Mr. Davis poderia conservá-la.

Mr. Martin pediu ao pianista que tocasse baixo uma musica bem vagarosa; quando elle começou Mrs. Davis levantou a carta em sua mão. Estava em uma sobrecarta, a qual estava segura por quatro carreiras de costuras de machina. O *medium* começou a sentir-se *influenciado*. Deu um profundo suspiro, por duas vezes e depois a cabeça cahiu para traz. Estava em *lethargia*.

Podes ver alguma cousa? perguntou seu marido.

Está muito escuro, replicou ella. Depois de uma pausa: está muito difficil de vêr-se. Está tudo coberto com lacre.

Pode ler essa carta? perguntou o marido. Posso replicou ella.

Então ella começou; Ficaria bastante sorprezo si Mrs. Martin lêsse esta carta, pois está fortemente cosida dentro da sobrecarta. E' obra do diabo.

Está direito? perguntou Mr. Martin. Houve sensação quando Mr. Davis respondeu que não sabia.

Uma terceira parte escreveu essa carta, explicou elle. Eu mesmo não a escrevi, por que não pensava lal-a n'esta experiencia.

O Presidente perguntou si o escriptor estava na sala. Mr. Davis não sabia. Então abrio-se a carta, foram tirados os sellos e o lacre, e lidas as palavras. Eram quasi exactamente as que Mrs. Martin pronunciou — Mrs. Martin disse — si lêsse esta carta, quando as palavras escriptas eram — si ler esta carta —

Quando o resultado da experiencia foi annuciado, a sala retumbou de applausos. Mrs. Davis disse que estava satisfeito o cheque de 50 *dollars* passou ás mãos de Mrs. Martin.

Cathecismo Spirita — Temos hoje de accusar a recepção deste folheto, que, no interesse da propaganda, editou a Sociedade Spirita Cachoeirana, do Estado da Bahia. No intuito de mais derramar os principios do Spiritismo, deliberou a Sociedade fazer deste libretto uma larga distribuição gratuita. Si bem que já em 1883 houvesse o *Reformador* publicado em suas columnas este Catecismo, que transcreveu do periodico de Liège *Le Phare*, hoje infelizmente desaparecido da arena dos prégradores da boa nova, é motivo de jubilo para os propagandistas que, das columnas do jornal, que dura apenas as horas da leitura, passasse tal obrinha para as paginas do livro, que mais facil, mais duradora e mais pertinentemente se manuseia.

Aos confrades da cidade da Cachoeira enviamos daqui, com os nossos agradecimentos, a animação, muito embora dispensavel, para persistirem na benefica missão de levantar bem alto o facho da verdade.

Imprensa spirita — E' sob este titulo que nos comprazemos em noticiar, com a maior alacridade, o apparecimento, em Grecia na Hespanha, da Revista de *Estudios Theosophicos*, cujos primeiros numeros acabamos de receber. Nem se nos estranhe a nós periodico spirita, a nós propagandista das doutrinas de Kardec, que, por estas columnas, patenteemos a satisfação de ver o nascimento de mais um representante da Theosophia.

Bem sabemos a lucta que na hora presente se trava impiedosa entre os nossos mais illustres, mais velhos, e mais queridos confrades do continente europeu e os representantes do *Occultismo*, este ramo de Theosophia; não desconhecemos, por igual, as apostrophes pejorativas que sobre nós attiraram os primeiros cultores deste ramo rejuvenescido das velhas sciencias occultas. Mas, porque a nossa missão é toda de confraternidade e de paz, não se comprehendem nella retalições ou ataque. Si áquelles que são apparentemente os nossos adversarios — os representantes da escola materialista — devemos se pre receber de animo claro e coração aberto, porque, representando elles um degraú temporario do progresso scientifico, terreno que nos é commum, são tambem nossos colaboradores na obra da erecção da humanidade, pelo desenvolvimento da sciencia, com maioria de razão devemos abrir braços de irmãos áquelles que na flammula de seus estandartes inscreve o lemma — *fraternidade universal*.

Com effeito, já em 1880 ouviam-se resoar, nas salas da sociedade theosophica americana, estas nobres palavras, que são mais que um programma: « A sociedade tem por objecto o estudo das philosophias orientaes, a proclamação da fraternidade humana e a criação dos laços de amizade entre as nações e as seitas de quaesquer nomes. »

No anno seguinte dizia *The Theosophist* que seu principal fim era formar o nucleo de uma fraternidade universal entre os homens. Emfim o Sr. Sinnett, um dos maiores representantes da escola, affirmava em um discurso pronunciado em 1883: « A investigação philosophica da verdade não é o unico objecto da sociedade; mas sim o meio de alcançar o fim contido em sua primeira divisa: — Fraternidade universal. »

Mas, si alguma duvida ainda podesse pairar no espirito de nossos cautelosos irmãos sabrê os intuitos da Theosophia, ella devêr-se-ia desvanecer ante a transcripção dos tres fins da Sociedade Theosophica:

« 1º Formar o nucleo de uma fraternidade universal da humanidade, sem distincção de seus, de raça, de posição ou de crença.

« 2º Fomentar o estudo das religiões, litteraturas e philosophias, especialmente as da antiguidade e as orientaes, com o fim de demonstrar que uma mesma verdade acha-se occulta debaixo de apparencias diversas.

« 3º Estudar as leis inexplicadas da natureza e desenvolver os poderes psychicos latentes do homem. »

Poder-se-ia ter uma intuição mais lucida dos fins esotericos do Spiritismo? Que importa que na applicação pratica e nos meios, que não são mais que cousas secundarias, distancie-se uma de outra escola? Abramos, pois, os braços aos nossos irmãos que conosco veem colaborar na obra da regeneração humana, e digamo-lhes: crescei e multiplicaes-vos.

Que importa que um ou muitos dos representantes da Theosophia e de seus ramos encham-nos mesmo de baldões? Por ventura nós os spiritas-christãos não temos por armas a brandura, a tolerancia e o amor? Livremos Deus de esquecermo-nos de taes armas, que são o principio da regene-

ração. é regenerando-se que deve começar o regenerador!

Si a seus hombros tomaram os materialistas o encargo de levantar a humanidade materialmente, e si agora vêm os theosophos com a pretensão de erguel-a pelo lado moral, demos a uns e a outros o apoio de nossos applausos, reconhecendo assim, que, si no plano geral cada qual sem sua missão, todos trabalham simultaneamente para o mesmo objectivo divino.

E' por isso que deste recanto da America, estendendo mãos amigas aos redactores dos *Estudios Theosophicos* (aos quaes pedimos permittir que os tratemos sinão de confrades ao menos de irmãos), agradecemos a remessa de sua revista, com a qual permutaremos a nossa humillima folha, e fazemos votos sinceros por uma prosperidade sem fim.

COMMUNICAÇÕES

Grupo Perseverança

L

(Continuação)

No trabalho posterior, foi recebida a seguinte instrução inicial:

« Carissimos irmãos. O egoismo não é outra cousa sinão o instincto da felicidade que o espirito almeja; porem, desvirtuado pelo atrazo e pela ignorancia, produz o mal por conveniencia propria: sem odio e sem perversão. Mas, si brotar a flôr funesta do orgulho, então seu fructo será a perversão, fecunda em males e em revoltas.

« Feliz aquelle que, ouvindo a voz amiga do soffrimento, procura attento e firme conhecer-lhe a causa; certamente o anjo do Senhor virá abrir-lhe os olhos e mostrar-lhe o caminho. » Luiz.

Em seguida reatou-se o trabalho adiado:

Esp. — Esperava com impaciencia o prazo por vós marcado. Bem longaa me pareceram essas horas!

Evoc. — E' natural essa impaciencia. Mas antes de satisfazel-a desejamos saber si durante essas longas horas pudestes cumprir a vossa promessa?

Esp. — Procurei fazer o que vos prometti. Sim, não posso dizer que consegui; porem lembrava-me de vós, e essa lembrança modificava logo meus sentimentos.

Evoc. — E nessas occasiões esses sentimentos não abafavam, por assim dizer, as vossas maguas?

Esp. — Tendes razão, assim era.

Evoc. — E si tentasseis por mais uma semana o mesmo meio?

Esp. — Mas é que, enquanto isto se dava commigo, o contrario parecia se dar com os outros: via-os dispostos a redobrar contra mim os ataques e as perseguições. Por que isto?

Evoc. — Pela ordem natural das cousas. Aqui entre os homens, quando um era perseguido nas ruas pela assuadados garotos, não observaveis que estes mais se excitavam em suas perseguições quando mais se encommodava o perseguido? E, quando este escudava-se na indifferença, não percebieis que os perseguidores augmentavam seus ataques, para em breve abandonal-os por verem a inefficacia de seus botes? O mesmo se dá agora comvosco; porem, si empregardes esforços por vos conterdes, os perseguidores desanimarão afinal ante vossa attitude. E as vossas maguas ir-se-ão modificando, si, em vez só de indiffa-

rença, implorardes a Jesus — nosso irmão, e a Deus — nosso Pae, forças para vós e perdão para esses irmãos infelizes!

Esp. — Creio sim que o que me dizeis é verdadeiro e bom... Traz-me... reflexões importantes sobre cousas que até agora estavam para mim sem comprehensão... Parece-me entrever a razão de muitos factos que agora se tornam claros de escuros que estavam até então. Mas... estou deveras assustado do que percebo!

O espirito retirou-se e por isso encerraram-se os trabalhos.

(Continúa)

MISCELLANEA

Aos que procuram a verdade

Sia mocidade soubesse!

Quem escreve estas linhas, dedicadas aos corações juvenis, que ainda nutrem fé, ardor, e grandes sentimentos, já passou por essa quadra da vida, em que tudo são flores, em que se goza mais do que se reflecte, em que, finalmente a alma vive desprendida dos cuidados de procurar: d'onde veio, para onde vae, e a causa primaria dessas grandezas, que admira, mas não estuda com fervoroso empenho.

Quem escreve estas linhas, já chegou ao cabo da vida, tormentoso, onde cessam os risos e rompem os cuidados, onde fallecem as illusões e nascem as tristes realidades.

Não é um misanthropo, ou fanático; é um espirito que, tendo percorrido quasi todos os graus da escala da vida, e sentido, em cada um, as influencias variadas, que vão concretizando insensivelmente as illusões em

todos, procurou, tacteando nas trevas, a solução racional do problema do ser humano, de seu ser.

Procurou a solução racional daquelle problema, que não pode ser indifferente sinão aos ignorantes e futeis; mas impoz-se, na pesquisa dessas regras:

1ª Sujeitar os ensinos da razão a provas experimentaes;

2ª Nada aceitar, nada recusar, si não de conformidade com aquellas provas.

Si a mocidade soubesse vencer seu natural enthusiasmo, que a leva a crer em tudo o que ostenta cores seductoras, bem pouco seria o trabalho da velhice.

Si ella se possesse ás duas regras que tão tarde me prescrevi: eu mesmo não teria abraçado systemas flammejantes de seductora belleza, que no fundo (demonstrou-n'oa experiencia) tinham depositado o todo impuro de falsas concepções humanas.

Si reflectisse, por momentos no facto rico de ensinos: de erguerem-se em cada seculo, e em cada seculo desaparecerem, systemas philosophicos, que pareciam destinados a vencer a lei do tempo; não se prenderia a qualquer doutrina, que só fallasse á razão ou antes á imaginação, sem a ter passado pelo cadinho da experiencia — mas da experiencia por assim dizer material.

Quão terrível não deve ser a posição do que por falta daquelle critério viveu abraçado com o erro, acreditando estar com a verdade?

Um exemplo:

Ha uma escala, que ensina o *nada* depois da vida e consequentemente a não existencia de uma alma immortal

Sua velha ama julgou conveniente comunicar ao velho o terrível desastre.

— Louca! exclamou e, cahindo em profundo scismar, monologou, em voz quasi imperceptivel: é melhor assim.

Passados alguns minutos, viam-se-lhe correr as lagrimas que, apesar da aguda pór, negaram-lhe, até aquelle momento, seu conforto.

E' que a loucura vale pela morte e dos mortos não se guarda rancor.

O coronel já estava modificado pela pratica de Joaquim de Amorim e a comunicação, feita pela ama, dissipou as ultimas nuvens da borrasca, que tomara sua alma de surpresa e quasi a despedaçara contra os cachopos.

— Ficou-lhe um pezarde ver a neta adorada decahida, mas a peccadora tinha desapparecido e com ella fora todo o resentimento, substituido, agora, pela compaixão.

— Ao menos, continuou o triste velho, posso ainda apertar contra meu peito a sombra do anjo que me alegrava o crepusculo da vida no occaso!

Que triste consolação! Que desgraçada humanidade, para a qual uma menor dor vale de conforto!

Dizendo assim, marchou direito ao quarto de Margarida, que olhou para elle sem vel-o, ou viu-o sem reconhecê-lo.

O velho ficou sem alento diante daquelle quadro, mil vezes mais lugubre que o da morte!

O louco é, para quem o ama, o cadaver embalsamado do ente amado.

A differença unica é que o cadaver tem vida; mas isso não serve sinão para augmentar a agonia.

Vivo, mas sem consciencia da vida!

Vivo, mas sem affectos, sem amor no coração, sem consciencia de ser amado!

Que horror! exclamou o Coronel e, levando o lenço aos olhos, ensopou-o em lagrimas ardentes.

Margarida, não me conheces?

Conheço-o demais, proronpeu a estatua viva, com animação febril. O Snr. ainda vem aproveitar a ausencia do meu anjo da guarda, para ver si consegue ainda abusar da minha fraqueza!

Não logrará seu perverso intento. Esta alma, que foi tomada pela força, readquiriu todas as suas energias.

e responsável por suas obras: bem como a de um ser eterno, omnipotente, omniessente, que creou tudo o que constitue o universo

Acceptar o ensino dessa escola, sem sujeitar á prova sem enunciados e fazer o mesmo aos da escola oposta; não é navegar sem bussola, quando é tão facil guiar-se por ella?

E, se no fim da vida, em vez do *nada*, encontrarem a responsabilidade de seu ser immortal — encontrarem esse ser supremo, que negaram os que se deixaram seduzir pelas fulgurações de um systema de pura invenção humana?!

Moços. Observae e experimentae antes de aceitar um, e repellir o outro systema, para que não venhaes á soffrer a mais tremenda das decepções!

Estudae, comparae, escolhei.

Max.

Nova Era

Não te maravilhas de eu te dizer: Importa-vos e nascer outra vez.

S. João, Cap. 3, v. 7.

Será tempo? Talvez... As leis do mundo Da nossa idade serão leis de Deus! Por ventura algum genio mais fecundo Voltou á terra para achar os céus? A' maldade antepoz-se o bem jucundo? O genio santo ha perdoado os réos? Nasceu Voltaire em seu paiz de novo, Ou o tem de esperar acaso o povo?

Não leste, pois, a Bíblia tão famosa, Onde entre rosas a verdade brilha? Negas acaso a inspiração fogosa De Euler, que segue de Laplace a trilha? Mafoma o culto á sombra pavorosa Do nada e do terror nos dá por filha; E' tempo. O heróe da terra está vingado: Basta volver o olhar para o passado.

Olha estes mundos, onde o algoz romano, Tincta a thyra de sanguineas cores,

Si cahiu do throno armado pelo amor dos homens, erguer-se-há ao que Deus tem armado para os filhos arrependidos.

Sahe, maldito, que a honra foi o menos que me roubaste, que o maior mal que me fizeste, foi roubar-me o amor de um velho, a quem adoro e a quem cavei a sepultura.

Meu avô! Perdão, ou mata-me, que prefiro a morte a teu desprezo, mesmo á tua indifferença!

Margarida! Margarida! Sim, Margarida perdão-te o mal que lhe fizeste.

Era um anjo, tu a transformaste em demónio. era adorada, tu a entregaste ao desprezo.

Assim mesmo, eu te perdoo; mas vai-te vai-te.

O coronel cahiu, exausto de forças, na cama a cuja cabeceira estava a neta.

Meu Deus! Que insondáveis mysterios!

Esta creança não é tão culpada, como julguei.

A nobreza de seu sangue não a deixou, e ama-me sempre!

Tens razão, Joaquim, ella é mais digna de compaixão do que odio. E' de todos nós o unico verdadeiramente desgraçado.

Margarida, volve á razão. Reconhece teu avô.

A moça cahiu de joelhos e mãos postas aos pés do velho, exclamando: Quinquim, como poderei viver sem o amor de meu avô, que era meu orgulho e minha felicidade?!

Oh! maldito seja aquelle que me tomou de surpresa, e me fez indigna de beijar os pés do velho de nobre coração!

Quinquim, fize que eu nunca mais o veja, porque não tenho forças para suportar o mais clemente de seus olhares!

Sim!... mas... a final... não... elle não sabe... pensa que eu... Si eu tivesse minha mãe, que me defendesse, o demónio não teria... mas qual, ella estava a meu lado, quando elle...

Ah! eu podia ter gritado por soccorro: mas elle me tinha dominado. Tanto que eu me sentia sem vontade, quando o via!

Nunca ameí, mas não sabia o que fazer para repellir suas odiosas imposições.

Vira arder na fogueira o corpo humano, E aos reis da França promettia flores... Ah! sobre as cinzas nobres d'um Jordano Chora a Italia rojada a seus traidores. A Europa dorme. O' seculos, vingae-a. Não vês o Atlante suspirar na praia?

Quem é esse Protheu, que de seu filho As vis correntes apertou nos pés? A culta Grecia se elevou no trilha, Onde rolam do mundo as leis crueis Teu rosto mudo e vil não tem mais brilho; Folgam em torno as raças infelizes: Deus a sciencia abençoou, sorrindo; E tu queres o céo guardar mentindo?

Respeita os cantos da inspirada lyra... Curva os joelhos do infinito ás leis... Não subes o Evangelho que me inspira; Amas o fausto e os orgulhosos reis Te envolve o sceptro insípida mentira; Eis tudo quanto a hypocrisia fez... Não tarda para nós talvez o dia: A sciencia é de Deus, Deus da harmonia

Goyaz, 26 de Fevereiro de 1891.

CARVALHO RAMOS.

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPIRITOS SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENÇAS E NEGAÇÕES

IV. — A Gallia

(Continuação)

A propriedade era collectiva, pertencendo a terra á Republica. Por nenhum titulo foi conhecido de nossos paes o direito hereditario: a eleição decidia tudo.

A longa occupação romana, depois a invasão dos Francos, e a introducção do feudalismo fizeram esquecer nossa

Meu Deus! Vós bem sabeis que eu não tive culpa! Vós bem sabeis que aquelle demónio imperava sobre minha vontade! Si elle me tivesse ordenado que eu matasse meu avô, eu teria commettido esse crime!

O que é isto? Como se fica assim?

Margarida, ouve-me.

Dize-n que ha forticeiros, que fazem dos outros seus instrumentos cegos! Aquelle homem enfeitou-me, tanto que, sem a mal-o, eu supportei seu odioso amor, e... mas... meu avô... meu avô... acabou tudo para mim!

O velho não podia mais, e cahiu sem sentidos.

A pobre ama, entre um louco e um desfallecido, não sabia o que fazer.

Felizmente lembrou-se de ter visto curar um ataque daquelles com agua fria atirada ao rosto, e tentou aquella medicação.

O Coronel Amorim abriu os olhos, deu um largo suspiro, porem voltou ao primitivo torpor.

Desenganada de colher resultado com a sua applicação, a ama sahio achar a fidel do Coronel, que tomou o corpo de seu senhor, e levou-se para o quarto onde tinha sua cama.

Está morto! exclamou o pagem, depositando o corpo inerte.

Um ruido estertoroso veio convencer o rapaz de que se enganara, de que ainda havia vida n'aquelle organismo.

E o desgraçado escravo, que já se maldizia pela perda do senhor, que lhe era amigo e pae, respirou ouvindo aquelle signal de vida, que, para outro seria o signal de que a vida estava alli por um fio.

O que fazer, porem, para restabelecer o bom senhor?

Naquellas paragens, não havia medico, sendo o Coronel quem dava remedios a toda a gente que por ali adoezia.

O que fazer, então, achando-se naquelle estado o proprio medico do logar.

O pagem, no auge da afflicção, tomou o partido de applicar senapismos ás pernas do doente, e esperar que elle pudesse dizer o que se devia fazer.

(Continúa)

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

EPILOGO

Em dous dias Thomé estava no Mageiro, onde o Coronel Dantas recebeu o terrível golpe com a coragem do homem forte de Horacio ou do homem resignado do Evangelho.

O bom velho teve a energia admiravel de ir pessoalmente trasladar, para a capella da fazenda, os ossos do querido filho e os de Alzira, que vieram unir-se aos de sua querida esposa.

Rezou-se a missa de encomendação daquelles amados mortos, e, quando o sacerdote fez a prece por elles, vio pousar sobre o homem, cuja agonia era mortal, uma linda lavandeira do rio.

O padre não soube explicar tão estupendo facto; mas Dantas teve sempre por certo que o lindo bichinho era o espirito de sua mulher, que lhe veio annunciar a felicidade d'além-tumulo.

E tão convencido desse conceito, que viveu triste mas resignado, até que o senhor o chamou ao mundo dos espiritos.

Quando sentiu chegada a hora extrema, olhou para Thomé, que sempre esteve a seu lado e, com voz já muito arrastada, disse-lhe estas palavras, que não abalavam o cabra, já crente de que os mortos communicam com os vivos:

« Vejo-os todos. Vieram receber-me. »

Em casa do coronel Amorim tudo era desolação.

Margarida recolheu-se a seu quarto, porém não repousou um instante.

verdadeiras tradições nacionaes. Porém um dia o velho sangue gaulez se agitou nas veias do povo. A revolução arrastou em seu torvelinho estas duas importações do estrangeiro: a theocracia, vinda de Roma, e a monarchia, implantada pelos Francos; a velha Gallia encontrou-se inteira na França de 1789.

Uma cousa capital faltava-lhe entretanto: a idéa de solidariedade. O druidismo fortificava bem nas almas o sentimento do direito da liberdade; mas, si as Gallias se sabiam eguaes, não se sentiam bastante irmãs. Dahi está falta de unidade que perden a Gallia. Curvada sob uma oppressão de vinte seculos, purificada pela desgraça, esclarecida por luzes novas, tornou-se ella por excellencia a nação una, indivisivel. A lei de caridade e do amor, a unica que o Christianismo lhe fez conhecer, veio completar o ensino dos druidas, e formar uma synthese philosophica e moral cheia de grandeza.

Do seio da idade media, como uma resurreição do espirito da Gallia, se ergue uma figura brilhante. Desde os primeiros seculos de nossa era, Joanna d'Arc fôra annunciada por uma propheta do bardo Myrdwin ou Merlin. E' debaixo do carvalho das fadas, perto da mesa de pedra, que ella ouve muitas vezes « suas vozes. » E' christã piedosa, mas acima da Igreja terrestre ella colloca a Igreja eterna « a de cima, » a unica a que ella se submete em todas as cousas.

Nenhum testemunho da intervenção dos espiritos na vida dos povos é comparavel á historia tocante da virgem de Domremy. Em fins do XV seculo, agonizava a França sob o pé de ferro dos inglezes. Com o auxilio de uma moça, de uma creança de dezoito annos, as pôtencias invisiveis reanimam um povo desmoralizado, despertam o patriotismo estinto, inflammam a resistencia e salvam a França da morte.

Joanna não procedeu jamais sem consultar « suas vozes » e, quer nos campos de baalha quer perante seus juizes, ellas sempre lhe inspiraram palavras e actos sublimes. Um só momento em sua prisão em Ruão, estas vozes appareceram abandonal-a. Foi então que, esgotada pelo soffrimento, ella consentiu em abjurar. Desde que os espiritos se affastam, ella torna-se mulher, fraqueia, submete-se. Depois as vozes fazem-se ouvir de novo, ella levanta logo a cabeça deante de seus juizes:

A voz me disse que era trahição abjurar. A verdade é que Deus me enviou; o que eu fiz está bem feito.

Sagrada por sua paixão dolorosa, Joanna tornou-se um exemplo sublime de sacrificio, um motivo de admiração, um profundo ensino para todos os homens.

VI. — O Christianismo

E' no deserto que ostensivamente apparece na historia a crença no Deus unico, a idéa mãe de onde devia sahir o Christianismo. Atravez das solidões pedregosas do Sinai, Moisés, o iniciado do Egypto, guiava para a terra promettida o povo por cujo intermedio o pensamento monotheista, até então confinado nos mysterios, ia entrar no grande movimento religioso e espalhar-se pelo mundo.

O papel do povo de Israel é consideravel. Sua historia é como o traço de união que liga o Oriente ao Occidente, a sciencia secreta dos templos á religião vulgarizada. Apesar de suas desordens e de suas maculas, a despeito deste sombrio exclusivismo

que uma das faces de seu caracter, tem elle o merito de haver adoptado, até encarnado em si, este dogma da unidade de Deus, cujas consequencias ultrapassarão suas vistas e prepararão a fusão dos povos em uma familia universal, debaixo de um mesmo Pae e sob uma unica Lei.

Este fito grandioso e longinquo só os prophetas até a vinda do Christo conheceram ou presentiram. Mas este ideal occulto aos olhos do vulgo, proseguindo, transformado pelo filho de Maria, delle recebem seu radioso esplendor. Seus discipulos communicaram-n'o ás fracções pagãs e a despeção dos judeus ainda mais auxilhou sua diffusão. Seguindo sua marcha através das civilizações decadidas e das vicissitudes dos tempos, ficará elle gravado em traços indelévels na consciencia da humanidade.

Um pouco antes da nossa era, á proporção que o poder romano cresce e se estende, vê-se a doutrina secreta recuar, perder sua autoridade. São raros os verdadeiros iniciados. O pensamento se materialisa, os espiritos se corrompem. A India fica adormecida em seu sonho; extingue-se a lampada dos sanctuarios egypcios, e a Grecia, senhoreada pelos rethoricos e pelos sophistas, insulta os sabios, proscree os philosophos, profana os mysterios. Os oráculos ficam mudos. A superstição e a idolatria invadiram os templos. E a orgia romana se desencadea pelo mundo com suas saturnaes, sua luxuria desenfreada, seus inebriamentos bestiaes. Do alto do Capitolio a prostituta, saciada, domina povos e reis. Cesar, imperador e Deus, se enthroniza em uma apothecose ensanguentada!

Entretanto, nas margens do Mar Morto, alguns homens conservam no recesso a tradição dos prophetas e o segredo da pura doutrina. Os Essenios, grupo de iniciados, cujas colonias se estendem até o valle do Nilo, abertamente se entregam ao exercicio da medicina; porém, mais elevado é seu fim real: consiste em ensinar a um pequeno numero de adeptos as leis superiores do universo e da vida. Sua doutrina é quasi identica a de Pythagoras. Admittem a preexistencia e as vidas successivas da alma, e prestam a Deus o culto do espirito. Entre os essenios, como entre os sacerdotes de Memphis, a iniciação é graduada e necessita longos annos de preparo. Seus costumes são irreprehensiveis; passam a vida no estudo e na contemplação, longe das agitações politicas, longe dos enredos de um sacerdocio avido e cioso.

Foi evidentemente entre elles que Jesus passou os annos que precederam seu apostolado; annos sobre os quaes guardam os Evangelhos um silencio absoluto. Tudo o indica: a identidade de seus intuitos com os dos essenios, o auxilio que estes lhe prestaram em varias circumstancias, a hospitalidade gratuita que, a titulo de adepto, elle recebia, e a fusão final da ordem com os primeiros christãos, fusão de que sahio o Christianismo esoterico.

Mas, em falta da iniciação superior, possuia o Christo uma alma bastante vasta, bem superabundante de luz e de amor, para nella sorver os elementos de sua missão. Jamais a terra viu passar um maior espirito. Serenidade celeste envolvia sua fronte. Nelle se uniam todas as perfeições para formarem um typo de pureza ideal, de ineffavel bondade.

Ha em seu coração immensa piedade para os humídes, para os desherdados. Todas as dores humanas, todos os gemidos, todas as miserias nelle encontram um echo.

Para calmar estes males, para seccar

estas lagrimas, para consolar, para curar, para salvar, elle irá até o sacrificio da propria vida, offerecer-se em holocausto para reerguer a humanidade. Quando pallido dirige-se para o Calvario, pregado ao madeiro infamante, encontra ainda em sua agonia a força de orar por seus carrascos, e de pronunciar estas palavras, que nehum accentto, nenhum impulso de ternura ultrapassará jamais: « Pae, perdoae lhes, porque elles não sabem o que fazem! »

Entre os grandes missionarios, Christo, o primeiro de todos, communicou ás multidões as verdades que tinham sido até então o privilegio de pequeno numero. Para elle o ensino occulto tornava-se accessivel aos mais humídes, sinão pela intelligencia, ao menos pelo coração; e lhes offerecia este ensino sob formas que o mundo não tinha conhecido, com uma potencia de amor, uma doçura penetrante, uma fê communicativa, que faziam fundir os gelos do scepticismo, que electrizavam os ouvintes e os arrastavam após si.

O que elle chamava « pregar o Evangelho do reino dos ceus aos simples » era pôr ao alcance de todos o conhecimento da immortalidade e o do Pae commun. Os thesouros intellectuaes que adeptos avaros só distribuam com prudencia, Christo os espalhava pela grande familia humana, por estes milhões de seres curvados para a terra que nada sabiam do destino, e que esperavam, na incerteza e no soffrimento, a palavra nova que os devia consolar e reanimar. Esta palavra, este ensino, elle distribuiu sem contar, e deu-lhes a consagração de seu supplicio e de sua morte. A cruz, este antigo symbolo dos iniciados, que se encontra em todos os templos do Egypto e da India, tornou-se, pelo sacrificio de Jesus, o signal da elevação da humanidade, tirada do abysmo das trevas e das paixões inferiores, e tendo enfim accesso á vida eterna, á vida das almas regeneradas.

O sermão da montanha condensa e resume o ensino popular de Jesus. Nelle se mostra a lei moral com todas as suas consequencias; nelle aprendem os homens que as qualidades brilhantes não fazem sua elevação nem sua felicidade, mas antes as virtudes modestas e occultas: a humildade, a bondade, a caridade.

« Bemaventurados os pobres de espiritos porque é para elles o reino dos ceus (1). — Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados. — Bemaventurados os que têm fome de justiça, porque elles serão saciados. — Bemaventurados os que são misericordiosos, porque elles alcançarão misericordia. — Bemaventurados os que têm o coração puro, porque elles verão a Deus. »

Assim se exprime Jesus. Suas palavras patenteam ao homem perspectivas inesperadas. E' no mais recondito da alma que está a origem das alegrias futuras: « O reino dos ceus está dentro de vós! » E cada um consegue realisar-o pela dominação dos sentidos, pelo perdão das injurias, e pelo amor do proximo.

Amar, para Jesus, é toda a religião e toda a philosophia:

« Amae vossos inimigos, fazei bem áquelles que vos perseguem e vos calumniam, a fim de que sejais filhos de vosso Pae que está nos ceus, que faz com que seu sol tanto se levante para os bons como para os maus, que faz chover sobre os justos e os injustos. Porque, si só amardes aquelles que vos amam, que recompensa por isso tereis? »

(1) Deve-se entender por esta expressão os espiritos simples e rectos.

Este amor é Deus mesmo que nol-o exemplifica, pois que ao arrependimento estão sempre seus braços abertos. E' o que resalta das parabolás do filho prodigo e da ovelha desgarrada:

« Assim vosso Pae que está nos ceus não quer que pareça um só de seus filhos. »

Não é isto a negação do inferno eterno, cuja idéa falsamente se attribuiu a Jesus?

Si o Christo mostra algum rigor e falla com vehemencia, é a estes phariseus hypocritas que, entregando-se a praticas minuciosas de devoção, desconhecem a lei moral.

(Continúa)

OBRAS de ALLAN KARDEC

As pessoas que desejarem se iniciar no conhecimento da sciencia spirita devem ler seguidamente as obras de Allan Kardec, constando da relação que segue:

Livro dos Espiritos (parte philosophica) contendo os principios do Spiritismo.

Livro dos Mediums (parte experimental) contendo a theoria de todos os generos de manifestações spiritas.

O Evangelho segundo o Spiritismo (parte moral) contendo a explicação das maximas de Christo, sua applicação e concordancia com o Spiritismo.

O Ceu e o Inferno (parte scientifica) contendo a explicação das leis que regem os phenomenos da natureza.

Oeuvres Posthumes.

Este livro está sendo traduzido e editado em fasciculos que acham-se á venda na papelaria Maximino — rua da Quitanda, 90.

O que é o Spiritismo.

Noções elementares de Spiritismo.

Estes dous ultimos são uns pequenos resumos da doutrina spirita.

Todas estas obras encontram-se na Livraria Garnier, á r. do Ouvidor, 71

REFORMADOR

Acham-se á venda no nosso escriptorio collecções encadernadas dos cinco primeiros annos do Reformador (1883—1887) pelo preço de 20\$000.

Para as pessoas do interior basta o pedido, acompanhado da importancia em vale postal.

Typographia do REFORMADOR

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Largo do Deposito n.º 54 sobrado.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Setembro — 1

N. 211

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz), Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Baturia, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedicto José de Souza Junior, rua do General Camara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

A Federação Spirita Brasileira, e portanto o Reformador, acham-se provisoriamente no Largo do Deposito n. 54, para onde deve ser dirigida toda correspondencia.

Motivos alheios á nossa vontade e muito acima de nossas forças, reuniram-se para impedir que com regularidade fosse, nestes dous ultimos mezes, publicado o Reformador. De um lado a exigencia do proprietario do predio em que nos achavamos bem accommodados, o qual delle precisava para sua residencia particular; a procura de casa, o que é hoje no Rio de Janeiro uma diffculdade 'quasi insuperavel, tomava-nos todo o tempo. De outro lado a vasta epidemia, que ainda hoje infelizmente nos assolla, entrou em larga parte como causa de que o redactor desta

folha, por motivo de seus deveres profissionais, desse de mão ao outro dever — o compromisso para com seus leitores. Por esta falta involuntaria pedimos e esperamos alcançar desculpas. Mal installados hoje em uma casa, que se não presta á expansão de nossa vida, esperamos que em breve teremos para sempre removido a mais importante causa que nos põe em falta com os nossos leitores.

Aos spiritas do Brazil

Ante os seus irmãos em crença apresenta-se hoje a Federação Spirita Brasileira, com o fim de solicitar o seu apoio material para o projecto, em via de execução, que por estas linhas lhes vae communicar.

Cumpre, primeiro que tudo, que ella levante um pouco o véo do seu passado, afim de demonstrar-se está ou não nos casos de solicitar dos spiritas as graças dos seus favores.

Sociedade de propaganda, tendo em vista levar ao seio das massas o conhecimento da doutrina de que é adepta, ella busca pelo jornal, pela tribuna, ou pela conversa intima, insinuar os seus principios que deseja ver, de mais em mais, derramados. E, como para a efficacia da propaganda, e para a respeitabilidade da doutrina, convem que haja uma certa unidade de vistas, ella procura sobretudo manter entre os spiritas uma homogeneidade nos principios geraes que os torne firmes e solidarios, por modo a que, em qualquer parte, elles se apresentem unos e indissoluveis.

E' assim que ella busca sempre pelas columnas de seu orgão estreitar entre seus irmãos os laços da caridade, este liame forte, imperecivel e unico capaz de resistir ás poderosas correntes do mal e do erro.

E' assim que reflectida e cautelosamente affasta sempre as questões que poderiam scindir a familia spirita, taes mórmente como aquellas que poderiam impellir pelo plano escurregadio e inclinado do sectarismo religioso.

E' com o fim de apertar estes laços e de tornar assim mais estreita a união da familia spirita, que a toda ella franqueou a Federação suas salas, de modo que este contacto quotidiano, esta troca diaria de idéas, tornasse-as mais homogeneas e firmes. Este commercio ininterrupto de pensamentos, esta troca amistosa de relações é como si cada qual se escudasse em todos para ter forças de resistir á terrivel arma do ridiculo, que, embóra mais rara hoje, ainda contra nós se joga apesar de tudo.

A Federação creando e desenvolvendo, na medida de suas forças, uma bibliotheca especial, está no cumprimento de sua tarefa — o dever de dilatar os conhecimentos de quantos a queiram frequentar.

Tendo promovido já em suas salas, já alhures, conferencias publicas sobre o Spiritismo, está certa Federação de que concorreu para muitas conversões.

Por outro lado, relacionando-se com os orgãos de propaganda de quasi todo o mundo, assim como a toda parte levou o conhecimento do Brazil spirita, tem trazido para cá tudo quanto neste particular se irradia de todos os focos de civilisação.

Foi ainda a Federação que agitou em todo Portugal, incluindo as ilhas açorianas, a bandeira do Spiritismo, derramando gratuitamente o seu orgão, por aquellas paragens, até que lá visse a luz um periodico congenere ao seu.

Editando diversas obras: *Catholicismo de Turk*, *Resumo do Spiritismo*, *Noções elementares do Spiritismo*, *O que é o Spiritismo*, etc, tem ella tambem por este meio concorrido para o seu fim — a propaganda.

Acolhendo em suas salas outras sociedades, que ahi funcionam, busca dar expansão aos sentimentos fraternos de solidariedade, e concorrer ainda assim para a propaganda por outros modos.

Finalmente combatendo as disposições do ultimoCodigo Penal, que considera criminosas as praticas do Spiritismo, publicando em folhetos uma representação ao ministro da justiça autor doCodigo, julga ter a Federação feito quanto estava em

suas forças para barrar o caminho a quem julgava poder suffocar uma sciencia com alguns artigos deCodigo.

Digam agora os nossos irmãos em crença si esta folha corrida que apresentamos dá-nos ou não o direito de lhes pedirmos um pequeno sacrificio, que redundará em ultima analyse em prol da causa que defendemos.

Pois bem, oíçam agora a nossa pretensão e os motivos que a justificam.

A Federação é um ponto para onde converge de todo o mundo como de todos os estados do Brazil uma correspondencia prodigiosa. Sua instabilidade é um mal, que de fóra só pôde ser avaliado já pelas interrupções intermitentes na publicação do *Reformador*, já pela auzencia de respostas á volumosa correspondencia. Tal instabilidade é devida ao mal querer de alguns proprietarios, que, embora satisfeitos com a pontualidade de quem tem por norma o cumprimento do dever, são talvez inconscientemente impulsionalos por quem não vê com bons olhos a obra da propaganda da verdade. Mas enfim a vida é lucta incessante, e para ella devemos sempre aprestar-nos. Cumpre portanto, que de uma vez fixemo-nos em local, de onde não possamos ser desalojados. Com isto, nem só colharemos a vantagem de nos despreocarmos com mudanças repetidas, como ainda daremos aos que nos observam a prova de nossa força, a cohesão de nossos intuitos, a unidade de nossas vistas. Si é facto que partidarios de outros credos, menos numerosos embora, têm conseguido a mesma cousa em escalla mais dilatada, não será menos verdade que nós, que somos legião, conseguiremos tambem. Entretanto como são proletarios os que constituem a maioria dos spiritas, deliberou a Federação pedir-lhes um emprestimo, que, pelo processo de pequenos quinhões com entradas mensaes, poderá ser partilhado pelos mais desajudados da fortuna. Em outro loger da folha verão os nossos confrades o processo empregado para o fim de obter o nosso desideratum. O que pede a Federação é o concurso de todos. Assim nos queiram auxiliar os bons.

NOTICIÁRIO

O futuro Congresso de Bruxellas. — A *Revista de Estudios Psicológicos*, de Barcelona, no intuito de preparar a imprensa spirita de todas as nações a emitir juízo sobre a época mais apropriada para o futuro Congresso de Bruxellas, como garantia de bom exito, faz as seguintes considerações, que julgamos bem cabidas, no sentido de preferir-se a data de 1893, termo medio entre os annos de 1892 e 1894, para a realização do dito Congresso Spirita.

O Congresso de Paris nada resolveu sobre a data da seguinte Assembléa internacional; no anno actual não pode ser, porque não ha tempo para preparal-a devidamente; no anno proximo parece que haverá uma manifestação spirita nos Estados Unidos por occasião da Exposição de Chicago, á qual pensa-se em levar o Spiritismo, como ha tempos se projectou; e para não retardar tanto, aguardando-se ainda trez annos, bem podia-se celebrar em 1893 o Congresso de Bruxellas.

Relativamente aos hespanhoes, talvez haja outra razão pela qual seja preferivel essa data á de 92. As festas do Centenario de Colombo que hão de celebrar-se em Madrid, podem deparar oportunidade para um Congresso Nacional, no qual ficará constituida a Federação Spirita Hespanhóla, e servirá de exemplo (já que o vamos dando quanto ao que se refere a organização) para que o imitem outros paizes e se apresentem na capital da Belgica elementos para formar o nucleo de uma grande Federação Spirita internacional.

São esses egualmente os nossos votos.

Auto-sugestão — *Le Messager* de Liège, em seu numero de 15 de gosto ultimo, transcreve de outro jornal uma noticia que, por parecer-nos interessante aqui reproduzimos:

« Acha-se actualmente na Salpêtrière, em Paris, um operario de nome Jorge Poig ao qual, depois de um accidente occorrido em um elevador, sobrevieram com intervallos diferentes, accessos de somnambulismo hysterico acompanhados não só dos symptomas ordinarios, taes como phenomenos epileptiformes, gritos, movimentos em arco de circulo e attitudes extravagantes, mas tambem de uma extrema sensibilidade á suggestão.

Por exemplo: um pedaço de papel atirado bruscamente toma, s seus olhos, a apparencia de um insecto que elle procura esmagar com os pés, lembrando-se, segundo parece, de uma noute em que, dormindo em casa de um podeiro, foi muito atormentado pelas baratas.

« Acodem-lhe á memoria principalmente scenas dos *Mysterios de Paris* que elle recita em alta voz: — Oh! Tortillard sobe á trapeira, abre o fecho cam tua faca...

« Basta ouvir pronunciar o nome de Eugenio Sue para que comece a declamar taes scenas. O som resultante de pancadas sobre um disco de bronze (gongo) produz-lhe a visão de um enterro militar. Um vidro vermelho faz-lhe ver sangue; um azul sugere-lhe a idéa de uma cerimonia religiosa; agua da Colonia dá-lhe idéas lubricas; ligeiros toques sobre o rosto fazem com que elle esfregue as faces, olhe para o ar e corra atraz de uma borboleta imaginaria que se lhe affigura ter passado.

« Enfim, si ouve gritar: Viva Floquet! Viva Boulanger! seu espirito se

transporta a uma reunião publica e eil-o a applaudir discursos, a pronunciar arengas incendiarias e a promulgar uma ordem do dia de pura phantasia.

Poig é tambem dotado de segunda vista. Si está escrevendo e lhe substituem o papel por outro em branco, toma este ultimo com toda a gravidade e relê textualmente o que havia traçado sobre aquelle.

Os nossos confrades da Havana — Correcto, digno e edificante proceder tiveram os spiritas de Havana diante da attitude anti-Christã que tomou o Rev. Frei Gabriel de Jesus, quando, no dia de Corpus-chisti, subio ao pulpito em Cardenas, não para prégar a paz, a união e o perdão, mas para verberar de demoniacas as communicacões spiritas, aconselhando os seus ouvintes a não passarem pela ruem que está situada a casa — por elle classificada de — *gallinheiro spiritista*, mas que, si a isso fossem obrigados, não olhassem para a dita casa, afim de não se condemnarem, etc. etc.

Os nossos confrades com a «*Revista Espiritista de la Habana*» correspondente ao mez de Julho ultimo, publicaram em supplemento especial, do qual fizeram farta derrama, a resposta que lhes pareceu deverem dar áquelles nosso irmão Revmo. Padre Gabriel de Jesus.

Essa resposta, bella pelo fundo e pela forma, dá perfeita idéa do alto grão de adiantamento dos nossos confrades de Havana, na comprehensão e na pratica dos ensinamentos da doutrina Spirita, que outros não são mais do que os que firmou Christo com a palavra e o exemplo.

Em linguagem humilde e attraente, os nossos confrades agradecem áquelles Revm. o grande serviço que prestou-lhes; expõe a grave injustiça que lhes faz suppondo-os ignorantes; argumentam com a falta de base do ensino que manda crer em Lucifer, Lu-bel, Satanaz ou Demônio, ensino que até chega a ser blasphemo, e sentem-se doloridos com a falta de caridade de Frei Gabriel.

Enfim, ao acabarmos a leitura daquella missiva, sentimos a alma repassada da ternura que produz á passagem do Evangelho em que o Christo ao levar a bofetada em casa de Caifaz, respondeu:

— *Si mal fallei; dize-me em que; e si não por que me feres?*

A Sociedade Occultista de Londres — No *Carrier Dove* de Agosto passado lemos o seguinte:

« A. F. Tyndall, presidente da Sociedade Occultista de Londres, escreve no *Agnostic Journal*, resumindo as conclusões por elle tiradas de suas investigações sobre o Spiritismo:

« Estou inteiramente convencido de ter visto espiritos, não só de pessoas vivas como dos mortos. Sei que avisos e o poder de influenciar os vivos são factos. Estou inteiramente certo de que, embora muitas manifestações e visões pareçam ser mais reflexo de outros mortos do que dos nossos afeiçãoos *in propria persona*, contudo na outra classe de manifestações de guias e espiritos poderosos apparecem com toda a força de seu completo ser, e cuja sabedoria em guiar avisar, educar, e mesmo cujo poder sobre aquelles que nelles pensam, são tão reaes e extraordinarios que não podem ser negados. O que, entretanto, mais me convence da verdade do Spiritismo é que eu sinto nma constante direcção em todos os negocios da vida que me revela a presença de um poder mais forte do que o meu proprio. »

A sucessora de Mme. Blavatsky — No *Religio Philosophical Journal* encontramos a seguinte noticia:

Dizem que Maria, Condessa de Caithness e Duquaza de Pomar, succederá a Mme. Blavatsky como *leader* da Sociedade Theosophica. na Europa. Ha muito que lady Caithness é conhecida como espiritualista, tendo ha annos passados, durante a vida de seu marido, quando residia em Nova York, investigado com interesse o Spiritismo. E' uma mulher prezada e completa, mas não desprendida de certas extravagancias e preconceitos, que diminuem sua influencia. Assim é que ella diz em confidencia a seus amigos: que Maria Stuart reencarnou-se em seu corpo. Ha uns vinte annos que lady Caithness, viuva de um dos mais illustres condes de sangue azul das Ilhas Britannicas, menosprezou as conveniencias aristocraticas da sociedade e foi uma das mulheres mais falladas da Inglaterra. Tem uma grande fortuna e uma renda superior a cem mil dollars por anno. E' uma escriptora agradável e tem publicado diversas obras. E' de aspecto airoso, elegantes maneiras, gestos apuradissimos, e anda sempre ricamente vestida: é um verdadeiro contraste com a *cossaca* sua predecessora.

Os ultimos despachos (*Journal* de 15 de Agosto passado) dizem que haverá provavelmente luta para a chefia da Sociedade Theosophica. Não ha duvida de que o astucioso irlandez, que foi o instrumento *in anima vilis* de Mme. Blavatsky (refere-se a Mr. Mead, seu secretario) bater-se-á pelo sceptro, ou para si ou para quem possa elle governar.

MISCELLANEA

Minha conversão

Cidadão redactor

Amigo e confrade. — Tem sido ultimamente publicadas por alguns de nossos confrades as razões pelas quaes se converteram ás nossas crenças; é muito para louvar que esses confrades, pondo de parte mal entendidos preconceitos, venham publicamente affirmar suas convicções, a despeito da cohorte de nossos contradictores, os quas fazem uso e abuso da arma do ridiculo, afim de nos forçar ao silencio.

Não é minha opinião que essas affirmacões sejam importante subsidio como elemento de propaganda doutrinaria, porém creio que têm suas vantagens como elemento comprobatorio da diversidade de phenomenos que por toda parte se apresentam, forçando os avidos de conhecimentos a procurar descortinar os, até ha pouco occultos, segredos do mundo espiritualista. E' por esse motivo, que egualmente me julgo no dever de empunhar mal aparada penna, e, em estylo sem o atavismo esthetico dos cultores das lettras, expôr tambem as razões que concorreram para firmar as minhas convicções.

Em 1881 fui convidado a assistir a uma sessão na sala da *Sociedade Academica Deus Christo e Caridade* á rua da Alfandega n. 120. As minhas convicções nessa época eram as do mais lato indifferentismo religioso, não tendo a menor parcella de duvida sobre a não existencia da alma. Não

admittindo os fundamentes das diversas religiões, só via nellas agrupamentos de ociosos e amigos de dominar, explorando a ignorancia das massas geralmente supersticiosas e inclinadas ao sobrenatural.

Abro um parenthesis para declarar que estas idéas até hoje só se modificaram tão sómente quanto aos fundamentos das seitas religiosas, isto é, quanto á immortalidade da alma; taes são, com rarissimas excepções, os desvios que tenho notado na historia da vida sacerdotal de todos os tempos.

Porém, vamos ao caso. A essa sessão assistiam umas cincoenta pessoas e entre ellas algumas de reconhecida capacidade scientifica. Dos trabalhos que presenciei, ficou-me a mais dolorosa impressão, Deus me perdõe os falsos juizos que então formei da illustre directoria que dirigia os destinos da Sociedade.

O desejo de desmascarar os membros da Sociedade, si os reconhecesse especuladores, ou então convencei-os do seu erro, si fossem visionarios, levou-me a solicitar que me permitissem a continuação da frequencia ás suas sessões.

Na segunda a que assisti, trabalhou como medium somnambulo, a esposa do nosso confrade Monteiro de Barros, medium que não tendo nessa occasião produzido trabalho algum intellectual, em estado somnambulico, cahiu ajoelhada da cadeira em que se achava, e nessa posição ficou mais de vinte minutos, braços erguidos, na mais absoluta immobildade. Pelos trabalhos de minha profissão conheço a difficuldade de tal posição no estado normal a esse facto, embora longe de modificar minhas idéas, devo o grande beneficio de minha crença na immortalidade da alma, pois foi elle que em mim despertou o desejo de investigação das leis que o determinaram.

Solicitando explicações sobre este facto, me foi aconselhada leitura das obras do immortal Kardec. Pela leitura, despertou-se-me o desejo de verificar experimentalmente as theorias que ia bebendo e comeci a frequentar as sessões dos grupos e sociedades então existentes, onde gradativamente fui recebendo as provas mais robustas da manifestação dos que chamava mortos.

Entre os factos observados, citarei alguns, com quanto muito communs, mas que bastante concorreram para dissipar as duvidas que nutria quanto aos agentes das manifestações. Em um grupo solicitei fosse evocado um meu parente e amigo fallecido havia algum tempo. Um medium psychographico, para mim completamente estranho, foi o encarregado de obter a communicação, a qual nada contave de particular, limitando-se a conselhos moraes, porém assignada por extenso, sendo a assignatura d'uma exactidão inexcédível, confrontada com outras do evocado, feitas durante a vida terrestre.

Em outra sessão manifestou-se espontaneamente um meu amigo, solicitando que orasse por elle, dizendo que soffria muito por ter commettido actos que eu ignorava completa-

mente. Procedi á mais rigorosa investigação desses factos, chegando á convicção de serem elles verdadeiros.

Um outro espirito, tambem espontaneamente manifestado, declarou o nome e a casa em que morava, quando desencarnou. No dia immediato, uma comissão, da qual fiz parte, dirigiu-se á casa indicada, na qual ainda morava a familia do fallecido.

Uma multidão de factos, alguns mais extraordinarios, tenho conhecido, porém si me refiro a estes sómente, é porque foram elles que me desvendaram os horisontes resplandecentes do mundo espiritual, estimulando-me ao estudo da doutrina spirita.

ELIAS DA SILVA.

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPIRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTARES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENCAS E NEGAÇÕES

V. — *Christianismo.*

(Continuação)

A seus olhos é mais louvavel o samaritano schismatico do que o sacerdote e o levita que desdenhavam socorrer um ferido. Elle não approva as manifestações do culto exterior, e levanta-se contra estes sacerdotes:

« Cegos, conductores de cegos, homens de rapina e de corrupção que, a pretexto de longas preces, devoram os bens das viúvas e dos orphãos. »

FOLETTIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

EPILOGO

(Continuação)

Joaquim de Amorim, tomando nos braços o corpo inanimado do moço que em poucas horas, se tornara seu amigo, seu irmão pelo coração, encaminhou-se com elle para a casa mal assombrada.

Amelia e Thomé seguiram-o, orvalhando o curto caminho com suas lagrimas.

Nunca houve um cortejo funebre tão sentido.

Deposto na rede o cadaver, os tres amigos ajoelharam-se e elevaram ao Pae de amor seus pensamentos repassados de dor e de humildes votos pela felicidade do indito par, que foi na terra o ludibrio dos mais encontrados azares da fortuna.

Aliviados os peitos com a fervorosa prece que tanto dá bem áquelle por quem é offerecida, como á quem a faz, Amelia pediu a Amorim a explicação de tudo o que a surpreheidia e esmagava.

O moço reproduziu a parte da historia que ouvira, desde que a bella filha de Singlarst perdera de vista seu amado Leopoldo.

— Sabe, então, quanto sangra meu coração diante deste quadro, que é para mim o ultimo golpe de minha cruel sorte?

— Sei, minha irman, e affirmo-lhe: que Leopoldo, nos bellos dias de sua fugaz ventura, só tinha uma nuvem negra a tolhar-lhe o céo de suas alegrias: era ter sido a causa de sua infelicidade.

— Como se enganava! Eu era feliz por vel-o contente, como uma mãe feliz de morte o é vendo a filha de sua alma cami-

Aos devotos, que acreditam salvar-se pelo jejum e pela abstinencia, elle diz:

« Não é o que entra pela bocca que mancha o homem, mas o que d'ella sahe. »

Aos partidarios das longas orações, elle responde:

« Vosso pae sabe aquillo de que tendes necessidade, antes que lh'o peçaes. »

Jesus condemnava o sacerdocio, recommendando aos seus discipulos não escolher nenhum chefe, nenhum mestre. Seu culto era o culto interior, o unico digno de espiritos elevados. E' o que elle exprime nestes termos:

« Vae chegar o tempo em que os verdadeiros crentes adorarão o Pae em espirito e em verdade, porque são estes os adoradores que o Pae procura. Deus é espirito, e cumpre que aquelles que o adoram, o adorem em espirito e em verdade. »

Elle só impõe a pratica do bem e a fraternidade:

« Amae vosso proximo como a vós mesmos, e sêde perfeitos como vosso Pae celeste é perfeito. Eis toda a lei e os prophetas. »

Em sua simplicidade eloquente, revela este preceito o fim mais elevado da iniciação, a pesquisa da perfeição, que é ao mesmo tempo a da potencia e da felicidade.

Ao lado destes ensinos de Jesus, que se dirigem aos simples, outros ha em que a doutrina occulta dos esenios é reproduzida em traços de luz. Nem todos podiam subir a taes alturas, e eis por que os traductores e os interpretes do Evangelho alteraram, atravez dos seculos, sua forma, e corromperam seu sentido. Apesar das alterações, é facil reconstituir este ensino a quem se liberta da superstição da letra para ver as cousas pela razão e pelo espirito. E' sobretudo no Evangelho de João que encontraremos seus traços ainda visiveis.

Nello vemos a principio a affirmação das vidas successivas da alma:

« Não se comprehende é como tão puros corações são batidos cruelmente pela desgraça, enquanto rejubilam-se nas venturas os que não secretam sinão o fel envenenado do mal! »

— Eu comprehendo perfeitamente esta apparente contradicção da justiça de Deus.

Antes desta, já tivemos outras vidas e todos os que vimos á terra, trazemos por missão espiritos faltas passadas.

— Si assim fosse, todos deviam soffrer.

— Não, que o senhor deixou-nos a liberdade de satisfazermos ou não a missão que trazemos, para termos merito ou demerito. Felizes os que são fieis aos compromissos que tomaram para esta vida, supportando com resignação e coragem as dores que os devem lavar das maculas que os privam de subir ao mundo dos bemaventurados. Estes corações puros, Sr. Amorim, soffrem o que vemos soffrer a familia Dantas, por causa do mal que fizeram e são felizes por soffrerem, porque é este o unico meio de se evpurarem do mal que os tem sequestrado da felicidade.

— Eu vim aqui, disse o moço, aprender o que meu espirito nunca souhou. Acho muito racional o que pensa, minha irman.

— Pois bem. Louvemos a Deus por ter disposto de modo que só de nós depende nosso bem e nosso mal e aceitemos como consolidação da desgraça que acaba de ferir nossos corações, a certeza de que esses amigos, que choramos, fizeram boa prova na vida.

— Estou disso convencido; porque Leopoldo acabou crente e resignado com a maior desgraça que lhe podia vir e seu irmão segundo elle me referiu, acabou preferindo morrer a matar seu aggressor.

— A moça ficou em silencio por algum tempo e depois continuou sua interrompida explicação.

— Sonhei que Alzira me pedia socorro e, no sonho, ella me apparecia envolta em nuvens pesadas com a forma do corpo, mas realmente sem corpo. Terá morrido a minha amiga? acordei exclamando. Na noite seguinte tive novo e identico sonho,

— E' verdade, minha irman; mas o que

nhar por sobre flores. O amor, Sr. Amorim o amor verdadeiro, que rebenta do coração, como a agua filtra da rocha, não tem mescla de egoismo — é a pura expressão da abnegação. Só o amor carnal pede a posse do ente amado por unica satisfação.

Eu amei a Leopoldo pelo espirito — minha alma regosijava-se em suas alegrias. Ah! Deus não quiz que, tendo perdido meu caro pae, eu gozasse na terra a felicidade de ver o meu amado filho, nos braços da minha querida Alzira!

— E' morto o Sr. Singlarst?

— Em Pariz, onde nos achavamos, receberam a noticia de ter ido á terra sua casa commercial, que podera reerguer da ruina e o pobre velho, mais por mim que por si, succumbiu áquelle golpe. Sem recursos, na grande cidade onde a ninguem conhecia, procurei o asylo de caridade, a que votei o resto de minha vida. Meu espirito advinhou: que não havia mais para mim sinão aquelle recurso!

— E como veio ter aqui?

— Fui designado para acompanhar uma expedição que devia partir para a China; mas sonhei, uma noite, que Alzira me chamava em seu socorro. Aquelle sonho me causou profundo abalo, tanto mais que a suppunha feliz, já devendo Leopoldo ter concluido seus estudos.

— Interrompeu-os no terceiro anno, minha irman.

— Então não se formou?

— Devia formar-se agora, si nao tivesse recebido o tremendo golpe no dia em que fez seu exame do terceiro anno.

— Tres annos luctou então com a desgraça!

— Tres annos completos, que gastou em pesquisas por saber onde se achava a amada de seu coração e em tentativas inuteis por vingar a morte de seu presado irmão.

— Morto, tambem, o Sr. Antonio Dantas!

— Assassinado barbaramente nos sertões do Ceará.

— Meu Deus! Como n'um momento se desmorona o edificio de tanta paz e de tanta felicidade!

— E' verdade, minha irman; mas o que

« Em verdade, si um homem não nascer de novo, elle não poderá ver o reino de Deus. »

Quando os discipulos do Christo o interrogam e lhe perguntam: « Por que dizem os scribas que é preciso primeiro que Elias volte? » elle responde: « Elias já voltou, porém não o reconheceram. » E os discipulos comprehendem que é de João Baptista que elle quer fallar. Jesus lhes diz ainda em outra occasião:

« Em verdade, entre todos os filhos de mulher, nenhum ha maior que João Baptista. E, si quizerdes entender, é elle mesmo Elias que deve vir. Que ouça aquelle que tem ouvidos para ouvir. »

O alvo a que tende cada um de nós e a sociedade inteira é claramente indicado. E' o reinado do « Filho do homem, » do Christo social, ou, em outros termos, o reinado da Verdade, da Justiça e do Amor. As vistas de Jesus dirigem-se para o futuro, para estes tempos que nos são annunciados:

« E eu pedirei a meu pae que vos dará outro consolador, o Espirito de Verdade, que vós não poderíeis comprehender, mas que conhecereis quando chegarem os tempos, porque elle ficará convosco (1). »

Algumas vezes resumia em imagens grandiosas, em traços de chamma, as verdades eternas. Nem sempre os apostolos o ouviam, mas elle deixava aos seculos e aos acontecimentos o cuidado de fazerem germinar estes principios na consciencia da humanidade, como a chuva e o sol fazem germinar a semente confiada á terra. E é em tal sentido que elle dirigia aos seus estas palavras ousadas: « O céu e a terra passarão, porém minhas palavras não passarão. »

(1) João XIV, 16, 17. A Igreja só vê nestas palavras o annuncio do Espirito Santo, descido alguns mezes mais tarde sobre os apostolos; mas, si a humanidade (porque é a ella que se dirige esta propheta) não era então capaz de comprehender a verdade, como sel-o-ia cincoenta dias mais tarde?

Jesus dirigia-se, pois, ao mesmo tempo ao coração e ao espirito. Aquelles que não tivessem podido comprehender Pythagoras e Platão sentiam suas almas commoverem-se aos eloquentes appellos do Nazareno. E' por ahi que a doutrina chrsta domina todas as outras. Para attingir a sabedoria, era preciso, nos sanctuarios do Egypto e da Grecia, franquear os degraus de uma longa e penivel iniciação, ao passo que pela caridade todos podiam tornar-se bons christãos e irmãos em Jesus. Mas, com o tempo, as verdades transcendentes se velaram. Aquelles que as possuíam foram supplantados pelos que acreditavam saber, e o dogma material substituiu a pura doutrina. Expandindo-se, perdeu o christianismo em valor o que ganhava em extensão.

A sciencia profunda de Jesus vinha se juntar a potencia fluidica do iniciado superior, da alma livre do jugo das paixões, cuja vontade domina a materia, e impera sobre as forças subteis da natureza. Effluvios benéficos se escapavam de seu ser, e, á sua ordem, affastavam-se os maus espiritos. Comunicava, á vontade, com as potencias celestes, e, nas horas de prova, bebia neste commercio a força moral que o sustentava em sua viagem dolorosa. No Thabor, seus discipulos assustados vêm-n'o conversar com Moysés e com Elias. E' assim mesmo que mais tarde vel-o-ão apparecer, depois do crucifixo, na irradiação de seu corpo fluidico, ethereo, deste corpo de que fallava Paulo nestes termos: « Ha em cada homem um corpo animal e um corpo espiritual (1) », e cuja existencia é aliás demonstrada pelas experiencias da psychologia moderna.

(Continúa)

(1) Cor. XV. Nesta mesma epistola, enumera Paulo as appareições de Christo depois de sua morte. Conta seis, uma das quaes aos quinhentos « dos quaes alguns ainda estão vivos ». A ultima é a do caminho de Damasco, que de Paulo, inimigo encarregado dos christãos, fez o mais ardente dos apostolos.

que me convenceu, máo grado meu, sei morta a cara Alzira. Na terceira noite, e u a vi sob a forma de uma pomba, debaten-do-se nas garras de um gavião. Não lhe posso descrever a impressão que me produziu este sonho de tres noites seguidas. Fui ao chefe da Associação de S. Vicente de Paula e pedi-lhe que, em vez de mandar-me para a China, permittisse que eu viesse com as irmans destinadas ao Brazil. O venerando padre quiz saber qual era a causa de tão subita mudança, e sabida que foi, riu-se de mim. Tolinha! Sonhos são divagações do pensamento; mas, visto que está tão afflicta, será feita sua vontade.

Parti para o Brazil, trazendo a conturbação no seio de minha alma, embora me dissesse o sabio padre que sonhos são divagações do pensamento.

O navio deixou-nos ha 15 dias, no Recife e eu pedi licença á superiora para ir para outra irman, ao convento de Ignarrassú, onde contava ter noticias da familia Dantas; pois que na cidade onde nasci, não sabia a quem procurar. O carro que nos trazi aquebrou-se hontem á noite, deixando-nos no meio da estrada. Recollhemo-nos a uma casa, cuja dona agasalhou-nos. Pretendiamos fazer viagem amanhã; porém eu levantei-me, dormindo e vim acordar aqui. Calculo agora, Sr. Amorim, o que sinto diante de tudo o que se tem passado!

— E' estupendo! E' miraculoso!

Thomé ergueu-se de junto do cadaver e disse aos dous. — Eu vou já communicar ao senhor o que aconteceu, e que vosmecês guardam aqui o corpo.

— Não posso ficar muito tempo aqui, respondeu Amelia. Vou com mestre Thomé para onde está minha companheira.

E fallando assim, inclinou-se, sobre o cadaver — beijou-o na testa e — soluçando como uma creança, disse a Amorim: vá que as dores as mais pungentes aninham-se no coração dos que tem a Deus no pensamento!

O dia vinha raiando, quando Amelia e Thomé partiram.

(Continúa)

Federação Espírita Brasileira



EMPRESTIMO

DE

80:000\$000 em 1.600 quinhões de 50\$000

Para a compra de um predio e montagem de uma officina typographica para a impressão do REFORMADOR e de obras da propaganda.

Este emprestimo destina-se á aquisição de um predio, em que funcione a FEDERAÇÃO, tendo salas para conferencias, para bibliotheca, para trabalhos de grupos, etc., e onde se montem officinas de typographia, cujo primeiro trabalho será a —publicação em larga escala das obras fundamentaes da doutrina,—para serem vendidas, no interesse da propaganda, pelo mais baixo preço.

A FEDERAÇÃO dá, como garantia moral, a respeitabilidade dos nomes de seus Directores abaixo indicados, e como garantia material a hypotheca dos bens que, com esta quantia, pretende adquirir, além da renda ordinaria da Sociedade, a qual provém de mensalidades dos associados, assignaturas do REFORMADOR, venda de folhetos, livros, etc., e donativos.

A FEDERAÇÃO compromette-se a pagar semestralmente o juro annual de 5 %, e propõe-se a resgatar os quinhões por sorteio pelo menos annualmente.

O emprestimo será recebido em 5 prestações de 20 % cada uma, do dia 1 ao dia 5 de cada mez, o que quer dizer em um prazo nunca menor de 30 dias, isto é, o subscriptor entrará por quinhão com a quantia de 10\$000 de 30 em 30 dias. Terão, porém, os subscriptores a liberdade de fazerem algumas ou todas as entradas de uma só vez.

Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, Presidente.

Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, Vice-presidente.

Manuel Fernandes Figueira, 1º Secretario.

Dr. Ernesto José dos Santos Silva, 2º Secretario.

Alfredo Augusto de Oliveira Pereira, Thesoureiro.

Francisco Antonio Xavier Pinheiro, Archivista.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil. 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

CREÇÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda correspondencia deve ser dirigida a ALFREDO PEREIRA — Largo do Deposito n.º 56 sobrado.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Setembro — 15

N. 212

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz), o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. Alferes Miguel Vieira de Novaes.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Bataira, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedicto José de Souza Junior, rua do General Camara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

A Federação Spiritica Brasileira, e portanto o Reformador, acham-se provisoriamente no Largo do Deposito n. 56, para onde deve ser dirigida toda correspondencia.

O dever

Bem tempo ha já, que as vozes celestes acariciam-nos com o amor de seus conselhos providentes. Por toda parte, aqui, no norte, no sul e no centro estão ellas a dizer-nos: «aprestaes-vos, spiritas, que a lucta está proxima.»

Que lucta será essa, que, com a imperterrita constancia de quem vê longe no futuro, prophetisam os nossos bons amigos do espaço? Certamente não é aquella em que, na lida quotidiana, nos vemos empenhados: os nossos erros do passado e a certeza de que, antes presidio que logar de delicias deve-se chamar o planeta, são a prova de que nossas afflicções, nossos encargos, nossos tormentos são banalidades de todas as épocas.

Per outro lado si a missão dos bons espiritos é preparar sobre a terra o reinado, a que alludia Jesus, o reinado do bem, é que o spiritismo, si vem regenerar cada individuo, tem entretanto um fim mais alevantado: a regeneração da sociedade. Só, com effeito, com o desenvolvimento moral de cada homem é que se terá conseguido o desenvolvimento geral da sociedade. Assim pois o progresso dos individuos é simplesmente o meio para a consecução do alvo: o progresso da sociedade. Em outros termos: si os espiritos occupam-se com os individuos é que elles tem antes em vista a humanidade.

Cuidar só, pois, do progresso individual, é não ter attingido o esoterismo da doutrina, é tomar o meio pelo fim. Contrariamente, preoccupar-se tão só da sociedade, sem cuidar dos individuos é pretender attingir um alvo, cujos meios se deixa de lado. Quem quizer, portanto, alcançar o espirito das boas communicações, deve nellas procurar antes o bem geral do que o individual.

Assim é que a lucta, a que de continuo alludem os nossos amigos do espaço, deve-se referir áquellas convulsões que precedem sempre um grau de progresso social, áquellas tempestades que prenunciam a bonança.

Em taes emergencias devemos os spiritas orientar-nos pela verdade, pela justiça e pelo bem. Taes luctas são sempre o resultado do choque das paixões em tensão; ora não é certamente a nós que cabe a mistura na refrega. Ao contrario, consciencia limpa e animo sereno, palmeemos o campo das virtudes.

Mas como aprestar-nos para a lucta? Fazendo provisões de amor, enchendo nossos celeiros de caridade. Só assim tornar-nos-emos leves para sobrenadar aos vagalhões do oceano tempestuoso, e para fruir com delicia a aurora que succede á noite, a bonança que vem após a tempestade.

Spiritistas, lavemos nossos corações com a agua viva dos conselhos de Jesus, para que os expurguemos de odios e de rancores.

Quanto mais puros estivermos, quanto mais candidas forem as vestes de nossas almas, tanto melhor nos teremos preparado para o periodo da lucta.

Jam ardet Ucalegon? Pois bem, revistamo-nos com o amyantho protector das boas obras: saibamos estender mão amiga aos fracos, aos desprotegidos, aos famintos; saibamos chorar com os que soluçam ao peso da desgraça!

Cidadãos do mundo inteiro olhemos para todos os cantos do planeta: ao norte nossos irmãos os irlandezes, ao sul nossos irmãos os parias da India, ao oriente nossos irmãos os Judeus e os protestantes da Russia... Que haverá mais, spiritas? Todos elles soffrem, todos são opprimidos, todos têm fome.

Cumpra que os irlandezes tenham o direito de homens, que o tenham tambem os parias e os Judeus...

E' o dever, spiritas.

Aos spiritas do Brazil

Foi em nosso passado numero que atiramos aos quatro ventos da publicidade a idéa de ser levantado, entre os spiritas, um capital, que, permitindo a estabilidade da Federação, deixasse-lhe o tempo de entregar-se á sua tarefa. Melhor do que isto, porem, tem-se em vista a impressão barata, e tanto quanto possivel correcta, das obras todas do Sr. Allan Kardec. Compreende-se bem o impulso extraordinario que se dará á propaganda com a derrama daquelles livros doutrinarios por todas as livrarias da Republica. E' uma campanha em que estamos empenhados contra o obscurantismo e o falso progresso. De um lado, a campanha ostensiva de todas as religiões, que, vindo com a marcha dos tempos ir-lhes faltando o terreno, atiram-nos a pecha calumniosa de demoniacos e de falsos prophetas; de outro, a presumpção vaidosa dos homens de sciencia que, sem nos lerem, accusam-nos de sonhadores e de charlatães. Pois bem, façamos obras de quem tem por seu lado a força da verdade: inculcamos a palavra facil, clara e convincente do Sr. Allan Kardec na alma popular tão desnorteada pelo interesse dos sabios; demonstremos ao povo que, si elle se desgarrar por atalhos tortuosos, é que lhe não quizeram ou souberam apontar a estrada larga e recta da verdade. Si quem lê os livros do Sr. Allan Kardec, descortina logo hori-

zontes mais vastos, ponhamos ao alcance do povo as obras do mestre venerado. Não é preciso muito: basta que cada qual sacrifique as migalhas do seu labor, porque os capitães vultuosos compõem-se de infimas unidades. Assim fazendo, teremos todos concorrido para a obra na medida de nossas forças. O que cumpre é que nos apressemos; quanto mais retardatarios no cumprimento desse dever, tanto mais teremos collaborado para a obra do obscurantismo e do erro. E' por isso que solicitamos áquelles dos nossos irmãos em crença que têm listas de assignaturas, o obsequio de urgentemente remettel-as; como tambem fazemos um appello a quantos ainda não subscreveram, para que nos enviem suas ordens: não se diga jamais que um spiritista ficou de parte ao tratar-se de levar o pão da alma ao coração popular. Mineiros do progresso, tomemos todos o alvião para que a cada qual chegue a quota de verdade e de luz.

NOTICIARIO

Conferencias protestantes e spiritas. — Os spiritas da cidade de Montevideo, convidados pelos protestantes na pessoa do pastor Sr. Murris e do bispo Dr. Tompson, acabam de acceitar o repto de exporem em discussão publica os ensinamentos da doutrina á luz dos Evangelhos.

Para esse fim convencionaram que a conferencia protestante far-se-ia no templo de la Boca á rua General Brown, e a spiritica em um dos mais espaçosos salões daquelle Capital. Afim de experimentar as forças, o Dr. Tompson faria uma conferencia preliminar a 25 do mez passado, (Setembro) tomando para thema — A Bondade e a Graça Divina.

E como fosse exigido dos spiritas um thema, não sem transcendencia, mas de *consequencias*, foi escolhido a contento geral o seguinte: *Jesus é Deus? Idéia de Deus. Quem é Jesus? Preexistencia da alma. As penas eternas. Pluralidade de mundos. Perfectibilidade do ser. Progresso universal.*

La Fraternidad, donde nos vêm esta noticia, crê que o debate será cerrado e durará alguns dias, prometendo dar circunstanciados pormenores a respeito.

Soror Patrocínio — Uma religiosa que apresentou importante papel nos primeiros annos do reinado de Isabel II, a irmã Patrocínio, morreu no convento de Aranjuez,

perto de Madrid, com a idade de noventa e dous annos. Ella soffreu, ha quarenta annos, um processo que produziu sensação enorme: foi accusada de ter azas invisiveis e de voar por cima dos telhados! Chagas sempre abertas nas mãos e nos pés faziam-na passar por um ente extraordinario cujos milagres serviam para intrigas politicas.

Depois da revolução de 1848, a irmã Patrocínio desapareceu, mas a restauração permittio-lhe voltar a Hespanha onde assumio a direcção do convento de S. Paschoal. Estes phenomenos prodigiosos, que para nossas columnas transcrevemos, não devem admirar a quem conhece quer o desprendimento d'alma, quer as stigmas corporeas, impressões fluidicas que o mundo espirital sabe gravar.

Mediumnidade singular —

O Sr. A. H. M. E., que aliás não se tem dedicado ao estudo nem á pratica do Spiritismo, possui a faculdade vidente de um modo especial. Morador em arrabalde onde trajectam os funeraes a caminho do cemiterio, elle, prestando attenção, descreve com precisão o sexo, a côr, idade e vestimenta do corpo encerrado no caixão conduzido pelo carro funebre.

O acerto de suas descripções tem sido verificado na sala da administração do cemiterio, chegando uma das vezes a ser confrontada a asserção sobre um cadaver de mulher solteira, que algumas pessoas negavam pelo facto de não estar em caixão roxo.

Attrahidas por esta noticia, algumas pessoas da familia de uma senhora ausente ha muito tempo e que era reputada fallecida, vieram consultal-o a respeito, e elle annunciou-lhes que estava vendo a pessoa indicada em um vapor que em poucos dias deveria chegar a este porto. Evidentemente alguns dias depois, estando com sua familia, declarou que entre as pessoas que entravam pelo portão da chacara vinha a senhora que elle tinha visto a bordo do vapor em viagem; o que com effeito era verdadeiro.

Outras muitas cousas tem sido asseveradas por elle e sempre com acerto.

MISCELLANEA

Factos

Nestes ultimos annos tem-se dado no Rio de Janeiro casos esporadicos de phenomenos physicos, que parecem confirmar a existencia de uma força — e diremos de uma intelligencia — cuja realidade poucos ainda estão dispostos a admitir. Mas contra a brutalidade dos factos não ha negação que possa manter-se. O numero das testemunhas, recrutadas até das fileiras do materialismo, vai augmentando de dia para dia. Em dez ou vinte annos os que ainda negarem a possibilidade do movimento de objectos materiaes sem contacto estarão na posição dos que hoje negam a suggestão mental. Seus protestos excitarão um meio sorriso em que a surpresa será temperada por uma certa compaixão.

O caso do commendador Cunha está na memoria de todos. Aproveitado por uma imprensa interesseira, que ás maravilhas verdadeiras accrescentou outras de lavra propria, não foi possível sujeital-o áquella investigação calma e criteriosa que exigem os factos de ordem supernormal. O pobre commendador, sitiado em casa por uma turba ignorante e feroz, viu-se, sem culpa propria, alvo do ridiculo de uma população inteira.

Sua esposa, senhora altamente respeitavel e já de idade avançada, não resistiu aos desgostos. Morreu pouco depois.

Os nossos leitores, pois, não levarão a mal que na seguinte narração de factos guardemos por ora segredo, sobre as pessoas que nelles se acharam envolvidas. Conhecemol-as pessoalmente; podemos garantir a sua boa fé, e bastaria, com effeito, a menção dos nomes, assaz conhecidos nesta sociedade, para tornar desnecessario qualquer abono da nossa parte.

Nesta capital, n'uma residencia da rua... começaram ha cerca de dois mezes pancadas fortissimas no forro da casa e no porão, juncto com a queda occasional de pedras miudas. A conclusão natural era que houvesse alli gatuños, gaiatos de mau gosto, ou pessoas interessadas em desacreditar a casa, e com a continuação dos disturbios chamaram-se praças de policia, capitaneadas por um coboclo de pulso, que já em outro lugar havia apanhado uma alma do outro mundo ainda encarnada. Durante um mez fizeram todas as pesquisas. Tiraram as telhas e examinaram o forro; entraram no porão; cercaram o quintal com a certeza de pegar o maroto audaz que acabava de empurrar a porta. Mas tudo foi debalde, e a policia, perplexa e dissatisfeita, teve afinal de retirar-se.

Não era mais possível, com effeito, explicar os acontecimentos pela agencia puramente humana. As pedras, já maiores, vinham de logares donde não podia atiral-as mão de homem. N'uma occasião a Sra. X. viu uma dellas cair na sala de jantar depois de passar aparentemente pela vidraça por cima d'uma porta que dá para a area interior. No entanto, a porta estava fechada e a vidraça não se quebrou. Os atiradores invisiveis pareciam antipathisar com um menino parente da familia que foi por fim obrigado a deixar a casa. As pedras chegavam a bater nelle, e não se melhorava a sua sorte quando soltava a exclamação de costume « Que diabo! »

A mobilia, tanto no andar terreo, como no primeiro andar, servia para effeitos phantasticos. Desde a manhã cedo até alta noite, apesar de estarem as salas fechadas muitas vezes a chave, encontravam-se a qualquer hora as cadeiras cahidas, amontoadas symmetricamente umas em cima das outras, os ornatos no chão, as almofadas fóra dos seus logares. Noites após noites os agentes mysteriosos riam-se das precauções que teriam certamente impedido a acção de agentes encarnados. Apesar de segurarem a chave e a ferrolho a porta, que de proposito fóra collocada no patamar da escada que conduz ao primeiro andar — apesar de não dormirem alli sinão o Sr. X. e sua senhora, houve alli mesmo notaveis phenomenos de transporte, e cahiu agua constantemente molhando todas as camas. Uma vez o soalho deste andar foi encontrado em estado de verdadeira inundação, sendo para notar que alli não havia torneiras, mas somente a pouca agua que se achava nos jarros. As grades de ferro fixas ás janellas que no mesmo andar dão para os fundos foram todas trez arrancadas, mas em duas occasiões separadas. Pesam aproximadamente 50 kils. cada uma, e para tirar a primeira que cahiu teria sido indispensavel construir um andaime para o trabalhador. As duas outras estavam ainda no logar, quando um bello dia o Sr. X. foi fechar as janellas correspondentes, o que fez com o cuidado usual, trancando e escorando as venezianas. Apenas tinha

descido a escada e entrado na sala de jantar, quando ouviu um fracasso na area. Era uma cadeira que sahira por uma destas mesmas janellas, fazendo-se em muitos pedaços nas pedras em baixo. Correu o Sr. X. para cima; as janellas estavam escancaradas, e as duas grades deitadas nas telhas, nenhuma das quaes se tinha quebrado! Tudo isto em cinco ou seis minutos — tempo que evidentemente seria de todo insufficiente ao pedreiro mais activo com a ferramenta propria e uma escada para subir ao telhado.

Houve dias em que as surpresas se succediam a cada instante.

Globos tirados das arandellas e enchidos de objectos miudos, sopeira e mais louça posta em baixo da mesa quando a familia ia jantar, grande movimento de panellas na cosinha, cavallete pendurado no bico de gaz, tinteiros que sahia de seu logar na mesa para se esconder debaixo de uma commoda — em cima e em baixo, em todas as partes da casa, reinava a mesma actividade mysteriosa.

Os casos mais importantes são, porém, aquelles em que os transportes se affectuaram a vista de testemunha. N'uma occasião a Sra. X. viu levantar-se do chão á altura mais ou menos de um metro uma escarradeira de porcellana, que invertendo-se no ar e cahiu sem quebrar-se. N'outra, a Sra. X. presenciou o transporte de um logar para outro de um pequeno tapete, que no seu vôo aereo conservou-se estendido. Dr. Z. distincto clinico desta capital e testemunha das mais insuspeitas, viu, junto com o Sr. X. abrirem-se os reposteiros da sala da frente, desprendendo-se elles um após outro de suas correntes ao passo que os espectadores attonitos iam-se aproximando. Seria illusão optica? seria arte de creatura humana?

Mas taes artes, taes illusões eram impossiveis no caso de dois cavalheiros gozando de todas as faculdades normaes — em uma sala particular, onde nem havia meios nem motivos para enganar.

Depois nem elles nem as outras testemunhas jamais se tinham occupado com o spiritismo ou achado criveis os seus phenomenos. Sr. C., materialista confirmado, e que se mostrou a principio inteiramente incredulo, chegou a convencer-se por sua vez. Estava na sala de jantar muita gente, entre ella este senhor, quando se descubriu na cozinha dentro de uma bacia um sacco de linho cheio de agua. Chamado para vel-o, e, sem duvida, ajuda refractario a admissão da natureza transcendental do que via, ficou o Sr. C. ao pé da bacia, enquanto o Sr. X. foi chamar os outros. Estando elle alli sosinho, eis que debaixo de seus olhos apresentava-se em cima do sacco de linho uma trouxa de roupa! Estendeu a mão e fez pressão sobre a trouxa. Apenas tirou a mão, de novo a trouxa com o sacco de agua veio para cima com um movimento que descreve como « fôfo » — movimento tão estranho, emfim, que parece tel-o impressionado tanto como o proprio phenomeno de transporte. Si as trouxas de roupa se comportavam assim, não ha que estranhar o seguinte procedimento d'uma vassoura. Era das chamadas americanas e foi vista por uma senhora, invertida, e batendo fortemente no soalho, sem mão visivel que a segurasse. Sahiu a testemunha do quarto onde estava para pegal-a, mas a vassoura sumiu-se, ficando no chão apenas algumas palhas como evidencia que lá estivera na realidade. Achou-se depois em logar muito differente. Eguamente extraordinario

era o sumiço de dois ternos de roupa de menino, que a Sra. X. estava no acto de escovar. Procuraram em vão durante dois ou tres dias, até que acabaram por descobri-los envoltos num folheto atraz de uns livros na prateleira inferior de uma estante.

Mas para e tes e as outras centenas de phenomenos, que durante tantas semanas traziam em transtorno a casa do Sr. X., o leitor sabe que ha de haver um medio. Com effeito achava-se nesta casa uma criança interessante, de olhar magnetico, cujo organismo tem fornecido evidentemente a força necessaria para essa actuação tão singular do mundo invisivel. Vidente e sujeita a qualquer momento a presenciar factos anormaes, a Laura (1) tem-se tornado medrosa, e cremos que desde o principio dos phenomenos tem andado sempre acompanhada de pessoas da familia. Assim sem querer preencheram uma das condições da boa observação. O medio, quem quer que seja, é sempre pessoa suspeita para o incredulo; mas esta menina nunca se achava sosinha e até de dia não passava de uma sala para outra sem que alguém estivesse com ella. Não eram medos de todo infundados. Estando ella uma vez na cozinha, cederam as taboas do soalho debaixo de seus pés, e houve tentativa de arrastal-a para o porão! Em outro caso notavel que se deu com esta criança a sua intervenção pessoal era simplesmente impossivel.

Tratava-se de preparar banho para um menino, e a Laura trouxe um regador de agua fria para temperar a agua quente. Inclinado o regador por ella nada sahio, parecendo que o bico estava entupido.

Tomou-lh'o uma senhora que superentendia estes preparativos, e ao inclinal-o por sua vez saltou aparentemente do bico uma maçaneta de crystal fortemente aquecida e após ella a agua fria, que então correu livremente. Ora, o diametro da maçaneta era muito maior do que o do bico, e a passagem sem fractura de um corpo tão grande e compacto por um cano tão estreito é mais um exemplo dessas curiosas manipulações da materia de que só os invisiveis tem o segredo.

Os experientes sabem que as portas para o mundo espirital não podem permanecer abertas sem um certo risco. Nem todos são adiantados que para lá passaram. Em diversas occasiões em casa do Sr. X. descobriu-se um principio de fogo, uma vez n'um panno dependurado n'uma arandella, outra vez n'um bahu e outra ainda n'uma gaveta.

O incendio na arandella, descoberto pelo Sr. X. deu-se de noite no primeiro andar, estando lá só elle e sua senhora e, como o gaz estava apagado, não havia causa normal que podesse servir de explicação. Quanto ao fogo na gaveta, presenciado pelo Sr. C., apresentava as cores do arco-iris e, segundo verificou aquelle cavalheiro, tinha a propriedade de queimar os dedos. Destes e dos mais perigos livrou-os, si podemos acreditar em esclarecimentos posteriores, a vigilancia de um espirito amigo, o qual, embora permittisse que os phenomenos se dessem para proveito espirital dos assistentes, estendeu sobre todos a mais zelosa protecção. Foi este provavelmente que poz termo ás manifestações quando começaram a affectar a saúde do instrumento.

Em conclusão os factos que se deram em casa do Sr. X. serão, a seu

(1) O nome é realmente outro.

tempo, tão bem provados e documentados e por testemunhas tão numerosas e serias que, si se tratasse de observações em qualquer outro terreno que não fosse spiritismo, a evidência seria tida como summamente satisfactoria. Servimos por enquanto de batedores para essa nova reserva até chegar o tempo delles mesmos se porem a campo com armas e bagagens.

A. ALEXANDER.

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPIRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENCAS E NEGAÇÕES

V. — *Christianismo.*

(Continuação)

Não podem ser postas em duvida as appareções de Jesus depois de sua morte, porque ellas explicam por si só a persistencia da idéa christã. Depois do supplicio do mestre e da dispersão dos discipulos, estava o Christianismo moralmente morto. Foram, porém, as appareções e as conversas de Jesus que restituíram aos apostolos sua energia e sua fé.

Negaram certos autores a existencia do Christo, e attribuiram a tradições anteriores ou á imaginação oriental tudo o que a seu respeito foi escripto. Neste sentido produziu-se um movimento de opinião, tendente a reduzir ás proporções de legenda as origens do Christianismo.

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS

EPILOGO

(Continuação)

Emquanto a bella irmã de caridade, com a alma esmagada pela dor que lhe fundiu o ultimo liame que a prendia á terra, seguia resando em seu rosario, Thomé revolia pela mente as scenas que acabava de presenciar.

O cabra sentia despedaçar-se-lhe o coração e, como um corpo sem alma, marchava sem consciencia do destino que levava.

Na primeira casa, uma legoa da mal assombrada, foi chamado á vida pela irmã de caridade, que lhe disse: foi aqui que eu deixei minha companheira. Adeus mestre Thomé. Tenha coragem.

O fiel pagem cahiu aos pés da moça, beijou-os como louco e, como louco, saltou no cavallo que trouxera pela redea até ali, e desapareceu.

Amelia, em pé, via desaparecer, naquella carreira desenfreada, o ultimo laço material que a prendia ao passado.

Quando o cabra desapareceu na orla do horisonte, ella gemeu e disse por entre lagrimas ardentes: só me resta delle o retrato impresso na alma que jamais se lhe apagará.

Joaquim de Amorim, tendo deante dos olhos d'alma o quadro da maior dor que podi a humana natureza supportar, exclamou, em triste monologo: e suppor que não havia desgraça igual á minha!

O bom moço não salvou somente a vida, salvou também a alma, no encontro com Leopoldo.

E' verdade que o Novo Testamento contém muitos erros. Varios acontecimentos que elle relata encontram-se na historia de outros povos mais antigos, e certos factos attribuidos ao Christo figuram egualmente na vida de Krishna e na de Horus. Mas, por outra parte, existem numerosas provas historicas da existencia de Jesus de Nazareth, provas tanto mais peremptorias quanto foram fornecidas pelos proprios adversarios do Christianismo. Todos os rabbins israelitas reconheciam esta existencia. Della falla o Talmud nestes termos:

Na vespera da Paschoa foi Jesus crucificado por se ter entregue á magia e aos sortilegios.

Tacito e Suetonio mencionam também o supplicio de Jesus, e o rapido desenvolvimento das idéas christãs. Plinio o Moço, governador da Bythinia, explica este movimento a Trajano cincoenta annos mais tarde, em um relatorio que foi conservado.

Como admittir aliás, que a crença em um mytho tivesse bastado para inspirar aos primeiros christãos tanto entusiasmo, coragem, firmeza em face da morte, que lhes houvesse dado os meios de derribarem o Paganismo, de se apossarem do imperio romano, e de seculo em seculo invadirem todas as nações civilisadas? Não é seguramente sobre uma ficção que se funda uma religião que dura vinte seculos, e revolução a metade de um mundo. E, si se remonta da grandeza dos effeitos á força das causas que os produziram, pode-se com certeza dizer que ha sempre uma personalidade eminente na origem de uma granle idéa.

Quanto ás theorias que de Jesus fazem uma das trez pessoas da Trindade, ou um ser puramente fluidico, parecem uma e outra egualmente pouco fundadas. Pronunciando estas palavras: « Que da mim se affaste este calix », Jesus revelou-se homem, sujeito ao temor e aos desfallecimentos. Como nós soffreu, chorou, e esta fraqueza inteiramente humana, aproximando-nos delle, fal-o ainda

Baniu de seu espirito as duvidas sobre a existencia e a immortalidade da alma e aprendeu a tempo — que não é senão pelo amor e pela caridade que nos elevamos ás nuvens do ceu.

Concentrado, pois, deante do cadaver daquelle que lhe fizera a luz sobre o verdadeiro destino humano, o vingador da honra de Margarida começou a sentir o remorso do crime que praticara contra as leis divinas.

Tão depressa foi chegado o coronel Dantás, entregou-lhe a guarda do corpo do querido amigo e partiu para sua casa, a cumprir tristes deveres.

Ainda lá não tinha chegado seu pagem e por isso ninguém sabia o que era feito delle, nem onde mandar-lhe noticias do grave estado de seu avô.

Foi portanto um allivio para a gente que cercava o coronel Amorim, a chegada do moço que quasi ficou fulminado, sabendo que seu avô estava ás portas da morte.

— E' o castigo de minha culpa! disse com o coração contrito e humilhado.

O estado do velho era desesperado e duas vezes já lhe tinham visto fazer termos, parecendo que alguma coisa lhe embarçava o desprendimento da alma.

Com effeito; assim que o moço penetrou no quarto, elle abriu os olhos, cerrados desde que cahiu e, abrindo os labios que pareciam callados, disse para o neto:

— Sei o que fizeste, e si os homens não te reprovam o acto que praticaste, Deus tomar-te-ha severas contas por elle.

O moço maravilhado por mais aquelle mysterio que se lhe revelava, curvou os joelhos e, beijando a mão do avô, respondeu-lhe: si sabe o que fiz, saberá também que me abraza cruel remorso.

— Deus seja louvado, meu filho. O remorso é o principio da expiação e só o sente quem conhece ter feito mal.

— Ah! meu avô, eu o reconheço, desde hontem e me sinto acabrunhado. Rogue a Deus por mim.

— Não cessarei de fazel-o; mas preciso aproveitar os instantes de vida que o Se-

mais nosso irmão, e torna seu exemplo e suas virtudes mais admiraveis ainda.

A apparição do Christianismo teve resultados incalculaveis. Trouxe ao mundo a idéa de humanidade, que os antigos não conheceram em toda sua extensão. Tal idéa, encarnada na pessoa de Jesus (1), penetrou pouco a pouco os espiritos, e hoje se manifesta no Occidente com todas as consequências sociaes que a ella se prendem. A esta idéa, elle acrescentava as da lei moral e da vida eterna, que até ali tinham sido somente do dominio dos sabios e dos pensadores. Desde então, o dever do homem será preparar, por suas obras todas, por todos os actos da vida individual e social, o reinado de Deus, isto é, o do Bem, da Verdade, e da Justiça. « Venha a nós o vosso reino, assim na terra como no Ceu. »

Mas este rei rado só se póde realizar pelo aperfeiçoamento de todos, pela melhora constante das almas e das instituições. Estas noções encerravam, pois, em si uma potencia de desenvolvimento illimitada. E não nos devemos admirar que depois de vinte seculos de incubação, de trabalho obscuro, commecem apenas a produzir seus effeitos na ordem social. O Christianismo continha no estado virtual todos os elementos do Socialismo, porém, desde os primeiros seculos, elle divorciou-se, e os principios verdadeiros, desconhecidos por seus representantes officiaes, passaram para a consciencia dos povos, para a alma daquelles mesmos que, não se acreditando ou não se dizendo mais christãos, trazem inconscientemente em si o ideal sonhado por Jesus.

Não é, pois, na Igreja nem nas instituições do pretensio direito divino, o qual outra coisa não é mais do que o reinado da Força, que se deve procurar a herança do Christo. São estas, em realidade, instituições

(1) Jesus chama a si mesmo muitas vezes o « filho do homem ». Esta expressão encontra-se 25 vezes em Matheus.

nhor, por sua misericórdia, permittiu que se prolongasse até que voltasses. Começa tua reparação cuidando desveladamente da familia de tua victima. Consoa a triste viuva, educa os pobres orphãos, faze-te a providencia daquelles desgraçados.

— Será meu unico empenho, por toda a vida triste que me está reservada, meu avô.

— Unico não, meu filho. Nesta vida que Deus nos deu para provas e expiações, devemos ter por empenho, si quizermos sair bem della, soccorrer todos os desgraçados.

— Fal-o-ei, meu avô; tanto mais facilmente, quanto não podendo mais ter affeições na terra, tomarei os que soffrem por minha unica familia.

— Deus te dê forças para isso, meu filho; mas, por que não podes mais ter affeições na terra?

— Porque eu amava Margarida com tanta força, que esse amor esgotou-me a fonte donde omamou.

O velho cerrou os olhos e os labios, como si tivesse terminado o que tinha a dizer e já podesse desprender-se da prisão que encerrava a sublime essencia.

Uma pallidez mortal tingiu-lhe a face veneranda e ligeiro tremor abalou-lhe o corpo todo.

— Meu Deus! exclamou o moço, aterrado por ver-se abandonado do seu melhor amigo. Meu Deus, tende piedade de mim!

Por entre os labios do cadaver, si cada-ver já era o coronel, sibilou um som rouco, que pouco a pouco foi tomando o typo de voz humana articulada.

« Margarida não prostituiu a alma. Margarida foi arrastada para a culpa como a rá é attrahida para a cobra. Si o corpo não está puro, o espirito não tem mancha. O verdadeiro amor é o que liga os espiritos, com attenção aos corpos. »

Joaquim de Amorim recolheu aquellas palavras, como si fossem a ultima vontade de seu avô.

Este não dava mais signal de vida.

A casa ficou em completa revolução, quando se soube que tinha acabado o santo velho.

pagans ou barbaras. O pensamento de Jesus não vive mais sinão na alma do povo. E' por seus esforços para elevar-se, é por suas aspirações constantes para um estado social, mais conforme com a Justiça e com a solidariedade, que se revela esta grande corrente humanitaria, cuja nascente está no alto do Calvario, e cujas ondas nos arrastam para um futuro que mais não conhecerá as vergonhas do pauperismo, da ignorancia e da guerra!

O Catholicismo desnaturou as bellas e puras doutrinas do Evangelho por suas concepções de salvação pela graça, de peccado original, de inferno e de redempção. Porém, na obra do Christianismo, o Catholicismo não é em realidade mais que um elemento parazita, que parece ter tomado á India sua organização hierarchica, seus sacramentos e seus symbolos.

Numerosos concilios tem, em todos os seculos, discutido a Biblia, modificado os textos, edificado novos dogmas, affastando-se de mais em mais dos preceitos do Christo. O fausto e a simonia invadiram o culto. A Igreja dominou o mundo pelo terror, pela ameaça dos supplicios, quando Jesus queria reinar pelo amor e pela caridade. Armon uns povos contra outros, elevou a perseguição á altura de um systema, e fez correr ondas do sangue.

Em vão a sciencia, em sua marcha progressiva, assignalou as contradicções entre o ensino catholico e a ordem real das cousas; a Igreja foi até maldizel-a como invenção de Satanaz. Um abysmo separa agora as doutrinas romanas da antiga sabedoria dos iniciados, que foi a mãe do Christianismo. O materialismo aproveitou-se deste estado de cousas e impelliu por toda parte suas raizes vivazes.

Por outro lado, sensivelmente se enfraqueceu o sentimento religioso. Influencia alguma exerce mais o dogma sobre a vida das sociedades.

(Continúa)

Escravos, aggregados, toda a gente da fazenda, todos os que recebiam daquelle coração apoio e consolação, invadiram o quarto mortuario, por beijarem os pés do santo.

Joaquim de Amorim estava anniquilado junto ao cadaver, sem ouvir nem ver o que se passava em torno.

— Foi eu que o matei! Perdoae-me senhor!

O moço saltou da cadeira como si tivesse diante de si um phantasma.

— Margarida?!

— Chamo-me Magdalena, meu primo.

— Não. Magdalena era culpada e você está limpa de culpa.

— O que ouço! Será possivel que me tenha perdoado!

— Nosso avô depois de morto voltou a dizer:

« Margarida não prostituiu a alma.

« Margarida foi arrastada para a culpa, como a rá é attrahida para a cobra.

« Si o corpo não está puro, o espirito não tem mancha.

« O verdadeiro amor é o que liga os espiritos, sem attenção aos corpos. »

— Graças! exclamou a moça. Meu querido avô reconhece a minha innocencia no meio do lodo em que mergulhou-me uma força que me dominou.

— E eu penso como elle, Margarida.

— Meu Deus e Senhor! Eu verguei ao peso de tua justiça, para erguer-me ao sopro de tua misericórdia!

O enterro sahiu no meio das lagrimas de um povo inteiro, e quando a terra cobriu o cadaver, que Joaquim de Amorim e Margarida acompanharam, toda aquella gente veio ao moço dar-lhe os pesames.

Este, tomando a prima pela mão, apresentou-a á multidão, dizendo:

Margarida de Amorim, a dona da casa do velho que pranteaes, será sempre para vós o que foi seu avô.

Eu serei seu companheiro na obra da caridade, para que reviva nos netos a grande alma do avô.

FIM

Federação Espírita Brasileira

EMPRESTIMO

DE

80:000\$000 em 1.600 quinhões de 50\$000

Para a compra de um predio e montagem de uma officina typographica para a impressão do REFORMADOR e de obras da propaganda.

Este emprestimo—destina-se á aquisição de um predio, em que funcione a **FEDERAÇÃO**, tendo salas para conferencias, para bibliotheca, para trabalhos de grupos, etc., e onde se montem officinas de typographia, cujo primeiro trabalho será a —publicação em larga escala das obras fundamentaes da doutrina,— para serem vendidas, no interesse da-propaganda,—pelo mais baixo preço.

A **FEDERAÇÃO** dá, como garantia moral, a respeitabilidade dos nomes de seus Directores abaixo indicados, e como garantia material a hypotheca dos bens que, com esta quantia, pretende adquirir, além da renda ordinaria da Sociedade, a qual provém de mensalidades dos associados, assignaturas do REFORMADOR, venda de folhetos, livros, etc., e donativos.

A **FEDERAÇÃO** compromette-se a pagar semestralmente o juro annual de 5%, e propõe-se a resgatar os quinhões por sorteio pelo menos annualmente.

O emprestimo será recebido em 5 prestações de 20% cada uma, do dia 1 ao dia 5 de cada mez, o que quer dizer em um prazo nunca menor de 30 dias, isto é, o subscriptor entrará por quinhão com a quantia de 10\$000 de 30 em 30 dias. Terão, porém, os subscriptores a liberdade de fazerem algumas ou todas as entregas de uma só vez.

Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, Presidente.

Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, Vice-presidente.

Manuel Fernandes Figueira, 1º Secretario.

Dr. Ernesto José dos Santos Silva, 2º Secretario.

Alfredo Augusto de Oliveira Pereira, Thesoureiro.

Francisco Antonio Xavier Pinheiro, Archivista.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda correspondencia deve ser dirigida a ALFREDO PEREIRA — Rua da Alfandega n. 342.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Outubro — 1

N. 213

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o
Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz),
o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Fran-
cisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. Al-
feres Miguel Vieira de Novaes.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Batura, rua
Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Be-
nedicto José de Souza Junior, rua do Ge-
neral Camara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de
Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico co-
meçam em qualquer dia e terminam
empre a 31 de Dezembro.

AVISO

**A Federação Spirita Bra-
zileira, e portanto o Refor-
mador, mudaram-se para a
rua da Alfandega n. 342 —
para onde deve ser dirigi-
da toda correspondencia.**

Sentimento

Sentir, pôr em jogo as faculdades
da alma, para, conforme o habito
adquirido ou a adquirir, formar
caracteres ou indoles, é o que na vida
pratica constitue predicado inhe-
rente á especie humana.

Sentir, portanto, é viver, pois que
não é possível a vida sem sentimento.
Desde o primeiro choro do recém-na-
cido até a derradeira lagrimeira do mo-
ribundo; d'esde o meigo sorriso da
creancinha que dorme, até as mais
alegres expansões no percurso de uma
vida mais ou menos longa; quantas
emoções, quantas idéas e sensações
vão evoluindo de modo a imprimir

na creatura uma feição característica
e duradoura ! ?

E esta continua gymnastica do
pensamento, e este electrico movi-
mento de modelações entre sentidos,
nervos, e cerebro, o que quer dizer
entre o mundo exterior e o interior,
se avoluma, altera, antrophia ou
desenvolve, segundo as circumstan-
cias da occasião, do nascimento, do
paiz, do clima, enfim, segundo as
condições do meio em que está collo-
cado o individuo.

Com relação á collectividade accen-
tua-se o sentimento na indole das
raças, extremando-se o homem sel-
vagem do homem civilisado e d'entre
esses ainda o gentio, o africano, o
asiatico, o europeu etc etc; com re-
lação ao individuo traduz-se no trato,
nos gostos, nas inclinações, e nas
paixões de cada um.

Formar o sentimento na creatura é
preparal-a para o gozo de uma felici-
dade relativamente compativel com
as provações por que terá de passar.

O homem incapaz de experimentar
um bom sentimento só é comparavel
ao animal feroz.

Aquelle que tem a alma aberta aos
bons, aos nobres, aos elevados senti-
mentos, goza, mesmo na terra, de
uma certa somma de bemaventuran-
ças. As religiões egualmente con-
tribuem para mentir nos seus adeptos
sentimentos, que muitas vezes aber-
ram dos ensinos em que se fundam
pela intolerancia do fanatismo.

A isolação de certos sentimentos
traz como consequencia o exagero e a
degradação propria.

O amor, a caridade, e a dôr, quando
experimentados em excesso para com
um determinado objectivo, com ex-
clusão de outros com os quaes o dever
manda egualmente compartilhar,
convertem-se em sentimentos opo-
ostos, e germinam outros antago-
nicos nas pessoas desattendidas: em
outras palavras, taes sentimentos são
incompativeis com o egoismo e os pre-
conceitos.

Assim, por exemplo, os paes não
devem amar uns filhos mais do que
outros; os bemfeitores não devem
escolher para o exercicio da caridade
somente os que lhes patenteiam gra-
tidão; os sobreviventes não devem
entregar-se indefinidamente ao pesar
da separação das pessoas amadas.

A predilecção n'estes casos gera
inveja nos outros, a vaidade em si, e
o egoismo em torno de si.

E assim por diante em relação a
outros sentimentos.

A gratidão mesmo, essa virtude
que, na phrase de um pensador, dis-
tingue o homem da besta, não seria
apreciada como tal quando testemu-
nhada vizesse futuros beneficos.

E' só o conjuncto preestabelecido
nas diferentes maneiras de sentir que
caracterisa e distingue o homem
entre os seus concidadãos.

Mas estes élos harmoniosos não se
adquirem sinão por meio de uma
educação esmerada e cuidadosa, que
cada vez se vae mais apurando nas
variadas existencias.

Nós spiritas, mais do que outros,
podemos e devemos educar o nosso e o
alheio sentimento.

As nocções que decorrem dos en-
sinos da doutrina, as manifestações
de todo o genero obtidas nos centro
ou grupos regularmente constituídos,
offerecem-nos sufficiente ensejo para
isso.

Eduquemos, pois, o sentimento.

Aos spiritas

Lançada a idéa de solicitar se de
todos os confrades o seu concurso para
a obra de dar fixidez á Federação
Spirita Brasileira, com a aquisição
de um predio onde definitivamente se
installassem todos os serviços refe-
rentes á propaganda, teve ella acqui-
escencia sincera e veraz e em todos
os Estados da União. Bem que a so-
licitude para efficaç cooperação de
tal idéa ainda não correspondesse tão
completamente quanto fôra para dese-
jar aos votos de nós todos, são com-
tudo motivo de animação as palavras
do apoio e acquiescencia a que acima
nos havemos referido. Enche-nos isto
de esperança para julgarmos que em
prazo breve estará coberta toda a
cifra dos quinhões. Em todo caso,
como faz-se mister que empregue-
mos toda actividade neste empenho,
como ainda está o povo sequioso de
uma sã leitura que lhe abra os olhos
d'alma, começaremos a receber de de
o mez de Janeiro a primeira presta-
ção de 20 % dos quinhões até agora
subscriptos.

Solicitamos, pois, dos nossos ami-
gos, quer da Capital, quer dos Esta-
dos, a satisfação de seus compro-
missos. Para isto estará sempre das
5 horas da tarde em diante o thesou-
reiro da Federação ao dispor dos Srs-
contribuintes.

NOTICIARIO

**Federação Spirita Brasilei-
ra** — Depois de muitas luctas acham-
se assentados os penates da Federação
em casa confortavel, capaz de satisfazer
às exigencias da propaganda. O local
apropriado, por ser o centro da cida-
de, de onde ha facil conducção para
todas as suas cercanias, garante-nos
a visita frequente dos nossos confrades,
cujas repetidas trocas de idéas
tão valentemente concorrem para o
desenvolvimento da doutrina. Hoje,
como hontem, como amanhã estão de
par em par abertas nossas portas para
o convivio dos spiritas. Que a este
apello sincero da Federação corres-
pouda a boa vontade e a presteza dos
confrades, são os nossos votos. Acha-
mo-nos actualmente á rua da Alfandega
n. 342.

O Psychismo, REVISTA SPIRITA
PORTUGUEZA — Depois de mais de dous
annos de interrupção reapareceu em
Agosto ultimo esta revista mensal
que se publica em Lisboa, rua Au-
gusta n. 95.

Fazemos votos pela sua prolongada
existencia, tanto mais necessaria
quanto demorada tem sido a benefica
acção do Spiritismo naquella parte
do planeta, relativamente aos paizes
visinhos, Hespanha, França, Italia, e
Inglaterra, sobretudo Hespanha.

Novo agente — Temos a satis-
fação de comunicar aos nossos con-
frades da cidade do Rio Grande do
Sul, que accedendo a pedido nosso,
presta-se o Sr. Alferes Miguel Vieira
de Novaes a ser nosso agente n'aquella
cidade, em substituição ao nosso de-
dicado confrade o Sr. Capitão Pau-
lino Pompilio d' Araujo Pinheiro que
acaba de fixar residencia na Ca-
pital Federal.

A todos, os nossos confrades, pois,
d'aquella localidade solicitamos diri-
gir-se a este nosso novo agente para
todos os assumptos referentes ao *Re-
formador*, certos de que nelle en-
contrarão digno substituto do Sr.
Capitão Pompilio.

**Assistencia aos Necessita-
dos** — De Jaguary, Estado de Minas
Geraes, recebemos de um anonymo a
quantia de 5\$000 para auxilio da hu-
manitaria instituição Assistencia aos
Necessitados.

Sempre promptos a servir de in-
termediarios para a obra do bem, fi-
zemos entregue da referida quantia á
benemerita instituição.

Investigações psychicas —

A *Revista Espiritista*, publicada pela Sociedade Espiritista Montevideana, transcreve as seguintes linhas da *La Razon* periodico liberal e não spirita que se publica na cidade de Montevideo, as quaes pedimos venia para reproduzir, visto como são ellas outras tantas pedras das que temos amontoado para construcção dos grandes alicerces em que repousa a sublime doutrina.

« Coincidindo quasi com a descoberta da estranha seita de novos apóstolos de que fallava *El Imparcial* de hontem, publicou-se a edição franceza da obra realizada pela Sociedade Inglesa de Investigações Psychicas.

E' um livro curiosissimo sobre fantasmas, apparições e alucinações.

Os fanaticos que se congregavam na rua del Sombbrero em Madrid eram todos elles gente humilde e desconhecida. Os individuos da Sociedade de Investigações Psychicas são em sua maioria gente illustre na sciencia, na literatura e nas artes, como por exemplo, Ruskin, o grande dictador do gosto artistico nos paizes em que se falla a lingua ingleza; Gladstone, o chefe do liberalismo inglez; Lord Tennyson, o maior dos poetas ingliezes de nossa geração; Taine, o critico eminente historiador, e os sabios Ribot, Adams, Balfour-Stewart, Richet, Janet, Watts, Beau-nis, Wallace, ect.

A sociedade foi fundada em 1882 e teve por objecto investigar os phenomenos psychicos que o vulgo nega por não os poder explicar, taes como as apparições, os fantasmas e as alucinações. Depois de informações e de estudos prolixos levados a termo por gente do porte scientifico e da autoridade dos personagens que enumeramos, a Sociedade chegou á conclusão de que taes phenomenos existiam real e positivamente e que é insigne vulgaridade e profunda ignorancia negal-os. O livro, fructo destas investigações se intitula *Fantasmas dos vivos ou Alucinações telepaticas*, e a doutrina que encerra está condensada em um prologo do illustre professor da faculdade de medicina de Paris, Mr. Richet, que diz, entre outras cousas: — Ao comparar o que hoje sabemos com o que sabiam nossos avós em 1490, nos admiramos profundamente das conquistas realizadas pelo saber em quatro seculos. Bastaram quatro centos annos para crearem-se sciencias que não existiam nem mesmo de nome, desde a mecanica e a astronomia até a psychologia e a chimica. Porem, que são quatro seculos comparados com a vida da humanidade? E' absurdo suppor que em tão curto tempo tenhamos abrangido quanto o homem pode aprender. Dentro de outros quatro seculos, em 2290, nossos netos admirar-se-ão da nossa ignorancia, e mais ainda, da nossa presumpção em negar aquillo que não podemos explicar. Nossa sciencia é demasiadamente jovem para ter o direito de ser absoluta em suas negações.

« E com effeito, o texto do livro, isto é o resultado das conscienciosas investigações levadas a cabo pela sociedade, damonstra que as apparições existem, ainda que as não tenhamos podido explicar. Os casos citados nos *Fantasmas dos vivos* referem-se quasi todos ás apparições corporeas na apparencia, mas na realidade telepaticas de pessoas que acabavam de expirar a outras pessoas queridas que se achavam longe, e cita-se sempre o testemunho dos que tiveram a alucinação ou apparição e daquelles a quem relataram tão extraordinario pheuomeno psychico.

« As bases assentadas pela Sociedade de Investigações Psychicas de-

pois de concluidos os seus trabalhos, são estas:

1.º A experiencia prova que a telepatia, isto é, a transmissão das idéias e dos sentimentos de um espirito a outro sem servir-se dos sentidos como intermediarios, é um facto.

2.º Os testemunhos reunidos provam egualmente que as pessoas que atravessam uma crise grave ou que vão morrer apparecem a seus amigos e parentes com uma frequencia tal, que não basta a casualidade para explicar o phenomeno.

3.º Estas apparições são exemplos da acção ultrasensível de um espirito sobre outro.

Resultado pratico que, segundo a Sociedade de Investigações Psychicas, os mortos apparecem aos vivos, e que depois de ler o livro fica-se dizendo: Ha alli qualquer cousa.

Essa — qualquer cousa — é, segundo Mr. Richet, o germen de uma sciencia metaphisica positiva, cujo desenvolvimento e apleto feioamento dará talvez a solução do grande segredo que ha seculos persegue a intelligencia humana: o mysterio da vida e da morte.

Thales de Mileto descobriu um dia que o ambar atrahia os corpos leves; o que foi o germen da sciencia electrica. Esta demorou-se 2.000 annos a desenvolver-se.

COMUNICAÇÃO

I

Baseando-se o estudo e desenvolvimento da doutrina na observação dos factos, deduzindo-se d'esses factos a razão de ser da doutrina, nós, que procuramos homogeneamente interpretar todos os ensinamentos parabolicos vellos até bem pouco devemos procurar demonstrar á humanidade des-cuidada as illações que tiramos d'esses estudos, e os fructos que colhemos das nossas investigações.

Theoricamente affirmar a excellencia da doutrina e mostrar conhecimentos oratórios nas phrases que apresentamos, é muito bello e mesmo muito acceptavel para alguns; mas parece-nos que a boa razão nos faz julgar que não é esse o fim para que nos reunimos e estudamos.

Diz a doutrina: da deducção dos factos manifestados chegou-se ao conhecimento da communicabilidade dos Espiritos. Mas toda a religião que se baseia na inspiração diz e prova sempre com as suas affirmativas authorisadas; portanto, não podemos aceitar que esse seja o fim da doutrina.

Constatar e apressar os conhecimentos das leis physico-chimicas, electro-magneticas que dirigem as forças universaes, também não, porque a investigação, a ambição, o desejo de conhecer, e o estudo profundo tem levado o homem, de descoberta em descoberta, a desvendar muitas leis, que até agora só eram conhecidas pelo nome de milagres, e n'esse caminhar sem fim elle chegar á aquelle resultado com mais tempo, mas chegaria — e daria assim cumprimento ás leis universaes do progresso e adiantamento!

Ora, n'essas circumstancias, a interrogação apparece sem resposta no cerebro d'aquelle que procura se esclarecer. De um lado vê a religião fulminando-o com todas as iras do Céu, de outro a sciencia substituindo mais racionalmente e sem desequilibrio o papel que se poderia dar ao Spiritismo; o que nos resta?

Provar, mas de uma maneira concludente, a necessidade do apparecimento de uma theoria baseada em factos provados, estribada em todas

as sciencias conhecidas, estudadas e pouco desenvolvidas, d'onde dimanasse o principio do sentimento do bem e do bello, que só se pôde encontrar nos conhecimentos das leis moraes.

O *nosce te ipsum* apresentado á humanidade já era um preludio do apparecimento d'essa verdade incontestavel, que, basendo-se no facto da manifestação dos Espiritos, atravessa todas as camadas sociais, apresentando-lhes a estrada do progresso na modificação do seu — Eu — espiritual. Principio emanado da communicação dos Espiritos sempre nos incutindo a base do ensino moral de Christo: A nae a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a vós mesmos. Este é o principio e o fim — o Alpha e o Omega.

Deduzamos d'esse ensino a applicação que devemos fazer dos conhecimentos adquiridos, ponto em pratica a sua moral — amae muito para serdes amados; imitemos aquelle que no alto do Golphtha perdoava aos seus algizes, e teremos mostrado á humanidade o ponto mais bello, a luz mais intensa da doutrina que pr testamos, a que podemos chamar sem receio de contestação — doutrina da regeneração.

A logica dos factos por si se impõe, pois Christo disse: pelo fructo conhece-se-se a arvore. Sejamos bons, humildes, caridosos e benevolentes; sejamos coherentes nos nossos actos em relação a todos os deveres do homem, e teremos dado testemunho da fonte donde partem os ensinamentos que estudamos, e que queremos transmitir a todos os nossos irmãos, aos quaes queremos fazer participantes da felicidade que nos espera.

L.

II

Levantae-vos, mortos, vinde ao juizo final! As trombetas dos anjos do Senhor tocam e chamam todas as creaturas á presença do seu Creador!

A população inteira do Globo chamada, grupada no valle de Josaphat espera a sua sentença. Resoam ao longe os canticos divinos, alluvião immensa de anjos entoam louvores a Deus nas alturas. Espesso fumo cobre o ambiente, em que grupadas se acham as almas que esperam o seu julgamento!

Spiritas! que vos ufanaes por terdes soerguido a ponta do véo que vos occultava o futuro, compenetrae-vos d'essa figura emblematica, apresentada pelo mestre dos mestres, na sua peregrinação pela Terra!

Tende abertos os ouvidos para ouvirdes de muito longe os sons da trombeta que vos chama a contas — vêde o valle de Josaphat que vos espera!

Não táldeis o seu ambiente com o fumo espesso das vossas más paixões e perversos sentimentos!

Tende sempre patente aos vossos olhos as lições que vos tem sido ministradas, e não vos deixeis surpreender por falsos prophetas que vos vem incensar o orgulho e a vaidade com falazes communicações, e que, fiados no vosso pouco zelo, vem se apoderar dos vossos mediumns — instrumentos doces e bem molhados por elles — para vos tomarem o tempo que bem podíeis aproveitar no estudo ou em pratica de caridade, que desse um resultado pratico e real!

Pensae no que vos deixo dito, reflecti bem sobre esses e outros factos, e tende muita attenção com os conselhos d'aquelles que mais adiantados do que eu procuram sempre vos desculpar. Não dizem como eu: Não podem ser creanças, são imbecis!

I.

Um quadro

Estou n'um campo em que vejo diversos trilhos todos em direcção a uma montanha sobre o alto da qual vejo uma egreja pequena — uma ermida!... Sobre o frontispicio ha uma cruz, e ao lado uma torre, tudo muito alvo, onde se reflectem os raios de um Sol bem vivo, bem claro!... Muitos grupos de individuos chegam a base da montanha e sobem por trilhos diversos, que vão todos ter á ermida.

Brigam! Homens, mulheres e crianças não parecem satisfeitos!... Fallam, mas eu não ouço nem percebo o que dizem!... Não entram na ermida!... Facto singular! Não ha dous que tenham vestes eguaes! Mesmo os typs physionomicos são muito distinctos!... Que barulho! Querem todos entrar ao mesmo tempo; que tumulto!... Eu entrei; mas como entrei? A porta está fechada!... Não ha altar completamente despido!... Agora reparo: sobre a porta principal tem escripto — Fé... Tem uma fronteira a essa, parece collocada no fundo, em que está escripto — Crença... Uma porta lateral esquerda — Esperança... lateral direita — Caridade!... Abrem-se todas!... A multidão precipita-se no interior... Pela porta lateral direita entra um grupo com capas brancas e vão revestindo com as mesmas capas todos os que entraram e entram pelas outras portas... Tapam-se os vestuarios diversos... já ninguém briga... todos cantam... e mostram-se satisfeitos!...

MISCELLANEA

Factos

Srs. redactores do *Reformador*. — Como me parece conveniente á propagação da doutrina que com tanto brillantismo sus entaes na imprensa, envio-vos a narração do seguinte facto de mediunidade somnambulica e de vista á contecido ha já alguns annos com o Sr. Cap.º Gracho da Gama, hoje nosso confrade e então menino de 12 annos. Tendo ido a Santos em companhia de seu pae, o bem conhecido compatriota Luiz Gama, a alta hora da noite o menino Gracho ergueu-se do leito, em um accesso de somnambulismo, e tomando de um revolver que se achava sobre uma mesa, accordou seu pae e a todos que se achavam na mesma casa gritando que os ladrões os vinham atacar e que á frente destes elle via um homem de cabellos brancos.

Foi difficil acalmar-se o menino, provando-se que aquillo era sonho. Pois bem, nesse mesmo dia, a essa mesma hora, a casa da Sra. de Luiz Gama, na capital de S. Paulo, era assaltada por saltadores que, presentados, fugiram, deixando no lugar uma cabellera branca, com que um delles se tinha desfigurado.

Podia ainda fallar-vos sobre um trabalho de astronomia importantissimo que inesperadamente me foi dado pelos nossos incansaveis amigos do e-piço. E', nem mais nem menos que um meio expedito de determinar por um calculo muito simples, por meio de alguns dados que já temos, as velocidades proprias das estrellas e suas ditancias aos centros de conhecidos, entorno dos quaes ellas giram. E' um trabalho em que pela observação simplesmente muitos astros-nomos têm consumido longos annos de suas vidas e que o calculo nos vem dar com tola facilidade. Fiz applicação ao nosso Sol, e o resultado encheu-me de satisfação, pois achei que sua distancia ao seu centro de atracção é de 23 trilhões de leguas,

distancia que o separa da estrella Wega, que em comunicação dada em outro paiz o espirito de Aragô dissera ser o Sol, do nosso Sol. Quando para ali voltar espero publicar esse trabalho. Sem mais por ora, subscrevo-me vosso irmão e criado.

Coronel Evertton Quadros.

Margens do Rio Claro (Estado de Goyaz), 31 de Agosto de 1891.

A PHYSIOLOGIA DE HÆCKEL E O SPIRITISMO

HEREDITARIEDADE

Spirita convicto procuramos sempre conhecer o que vai pelas altas regiões da sciencia sobre o fundamento de nossas crenças espiritua- listas, e isso nos levou a lêr a Historia da Creação por Haeckel.

Apezar de nossa insufficiencia, o seguindo a opinião geral achámos a Historia da Creação, em seu genero, uma das melhores obras do seculo, um verdadeiro thezouro de conhecimentos physiologicos.

Nella o naturalista philosopho mostra a mais subida erudição no descobrimento de leis naturaes, principalmente as concernentes aos re nos animal e vegetal.

Com effeito, Haeckel, esse nome tão vantajosamente conhecido nas altas espheras scientificas, esse genio do seculo que em seus alevantados vãos é visto de todo mundo, parece que deu a ultima palavra sobre a origem e desenvolvim-nto dos seres organicos, partindo do plasma ou materia seminal, de suas multipas organizações embryonarias, até as mais raras, as mais bellas e mais distinctas manifestações, demonstrando com incrível minuciosidade e exactidão a apparição e desenvolvi- mento de cada fibra, de cada órgão, de cada individuo, a sua função no organismo, o seu papel na sociedade de seus eguaes.

Mas o nosso proposito não é fazeremos aqui a critica ou a apologia desse monumento; para descrevermos ou criticarmos a obra de Haeckel seria preciso termos, como elle, erudição, e essa nos falta inteiramente.

O nosso fim é somente em nome das nossas idéas, da viva crença que temos em Deus e na immortalidade d'alma, protestarmos contra uma conclusão por elle tirada de principios que não contestamos, pôrque a reputamos falsa como procuraremos demonstrar.

O notavel naturalista, conhecedor das leis physicas, chímicas e me- chanicas, concernentes ao ramo de sciencia que estudou, entra desassom- brado no seio da natureza, escruta- lhe os mysterios e desvenda lhe os segredos com a proficiencia e segu- rança do vidente para quem não ha a resistencia dos corpos opacos, nem o incommensuravel das distancias.

Mas elle, que viu as causas effi- cientes da origem e desenvolvim-nto dos seres organicos da natureza, não encontrou a causa efficiente, a causa

primaria creadora da manifestação dessas mesmas causas; e como não lhe foi dado vel-a e analysal-a pelos meios physico-chímicos a seu al- cance — negou-as, deixando embora nas trevas de insondavel segredo ou- tros muitos phenomenos de ordem di- versa, mas regidos egualmente por leis naturaes, que se manifestam, que se veem constantemente na mesma natureza.

Taes phenomenos são os de ordem psychologica ou metaphisica, e os de ordem moral.

O notavel Haeckel, apoiado na the- oria da evolução, demonstra com pro- ficiencia que todas as especies orga- nicas, partindo de uma origem com- muni, outra coisa não são que a *ada- ptação natural ou hereditaria*, e a *ada- ptação artificial por selecção* — e então concluiu com a seguinte assombrosa sentença de morte contra a immorta- lidade d'alma, contra o ser intelli- gente e responsavel, para quem e por amor de quem appareceu a lei da evo- lução tão conhecida e tão apregoadá por Haeckel a seus discipulos:

« Esses factos, diz elle, provam bem e de uma maneira irrefutavel que a alma do homem, como dos outros animaes, não é mais que uma actividade mecnica, a somma dos movimentos moleculares aperfeiço- ados pelas particulas cerebraes. Essa actividade, como todas as outras pro- priedades corporaes, quaquer que ellas sejam, se transmite, se liga como o órgão em que tem ella as- sento ».

Haeckel, como se vê, teve a pene- tração do genio, a perspicacia e pru- dencia do philosopho, a pratica e a actividade do naturalista consumado para descobrir uma a uma todas as leis causas dos phenomenos physio- logicos, mas não quiz ver, e se viu não ligou a menor importancia aos phenomenos psychologicos ou metaphysicos, quando elles são ma- nifestos e palpaveis; por isso en- tenderam que a alma era uma activi- dade mecnica resultante da boa combinação dos órgãos aperfeiçon- dos, e que essa actividade, isto é o caracter, a intelligencia, a von- tade, a imaginação, a eloquencia, as diversas aptidões, como todos os sentimentos, virtudes e vicios, a razão finalmente, tudo isso, todas essas su- blimes qualidades do ser pensante eram propriedades corporaes trans- missiveis de paes a filhos pela *ada- ptação natural*, da mesma maneira que os accidentes physicos, os traços de familia, a côr dos individuos etc.

Nós não contestamos, e ninguém contestará de certo, essas palpaveis modificações physicas por que tem passado, e passarão ainda no correr dos seculos, todos os seres organicos no sentido de se melhorarem de se aperfeiçoarem, de se adaptarem, enfim, ao meio em que são trazidos a viver, porque essas modificações, esse aperfeiçoamento é o resultad. necessario das leis evolucionaes a que tudo está sujeito. Mas o que nós contestamos, o que nós não devemos perder de vista é que todo esse des- envolvimento, todo esse progresso,

toda essa multiplicidade de phenome- nos manifestos possam, todos elles, ser regidos pelas mesmas leis physicas, como pretende Haeckel.

Nessa multiplicidade de phenome- nos nós vemos bem distinctamente os de ordem puramente physica, que são os que dizem respeito á formação, desenvolvim-nto e aperfeiçoamento do individuo, e os de ordem moral, psychologica e methaphysica que são os que dizem respeito á intelligencia e vontade actuante no mesmo indi- viduo. O homem, todos sabem, é a união da alma e do corpo, e apezar dessa estreita união são bem distin- ctas as suas funções. A alma é a in- telligencia, a vontade actuante, o corpo o instrumento da acção.

Unidos temos o homem, separados temos uma alma livre das cadêas do corpo e um cadáver sujeito ás leis da decomposição.

(Continúa)

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPIRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA CRENÇAS E NEGAÇÕES

V.— Christianismo.

(Continuação)

Fatigada dos embaraços em que a tinham emaranhado, lançou-se a alma humana para a luz: despe- daçou estes frouxos laços para ir-se unir aos grandes espiritos, que não são de uma seita nem de uma raça, mas cujo pensamento allumia e aque- ce a humanidade inteira. Livre de qualquer tutela sacerdotal, ella quer para o futuro pensar, agir e viver por si mesma.

S queremos fallar do Catholicismo com moderação. Esta crença, não o esqueçamos, foi a de nossos paes; ella enbaloou innumeraveis gerações. Porem moderação não exclue exame. Ora, de um exame serio, resulta isto: a Igreja infallivel enganou-se quer em sua concepção physica do Universo quer em sua concepção moral da vida humana. A Terra não é o corpo central mais importante do Universo, como a vida presente não é o unico theatro de nossas luctas e de nossos progressos. O trabalho não é um castigo, porem sim o meio regene- rador pelo qual se fortifica e se eleva a humanidade. Sua falsa idéa da vida conduziu o Catholicismo ao odio do progresso e da civilização, e este sentimento está, sem reservas, ex- presso no ultimo artigo do Syllabus:

Anathema sobre aquelles que pretendem que o pontifice romano deve reconciliar-se com o progresso, o liberalismo e a civili- zação moderna.

O Catholicismo empresta ao Ser supremo todas as nossas fraquezas. Faz delle uma especie de carrasco espirital que vota aos ultimos sup- plicios os seres debéis. obra de suas mãos. Os homens, creados para a felicidade, succumbem em multidão ás tentações do mal e vão povoar os infernos. Assim sua impotencia egua- la sua imprevidencia, e Satanaz é mais habil do que Deus!

Será este o Pae que Jesus nos faz conhecer, quando nos recommenda em seu nome o esquecimento das of- fensas, quando nos aconselha dar o bem pelo mal, e nos préga a piedade, o amor, o perdão! Seria o homem compassivo e bom superior a Deus?

El verdade que, para ensaiar salvar o mundo, Deus sacrificou seu proprio filho, membro da Trindade e parte de si mesmo, mas ali ainda cae-se em erro monstruoso, e justifica-se a pa- lavra de Diderot: « Deus matou Deus para apaziguar Deus! »

O Catholicismo, nos tempos de per- seguiação, excavou bastantes cala- bouços, ateou muitas fogueiras, in- ventou torturas inauditas. Mas pouco é isso ao lado da influencia perniciosá que derramou sobre as almas. Elle não somente torturou os corpos, ob- scureceu tambem as consciencias pela superstição, turbon as intelligencias pela idéa sombria e terrivel de u Deus vingador. Deshabitou o homem de pensar. Ensinou-lhe a abafar suas duvidas, a aniquillar sua razão e suas mais bellas facul- dades, a fugir, como de animaes ferozes, de todos os que livre e since- ramente procuravam a verdade, a es- timar tão só aquelles que o mesmo jugo carregavam. As cruzadas do Oriente e do Occidente, os autos da fé, a Inquisição são males menores do que esta tyrannia secular e este espirito de seita, de carolice e de intolerancia, em cujo meio se vellou a intelli- gencia, se falseou o juizo de centenas de milhões de homens.

Depois ao lado do ensino erroneo, os abusos sem numero, as preces e as ce- remonias tarifadas, a taxa dos pec- cados, a confissão, as reliquias, o pur- gatorio, o resgate das almas, enfim os dogmas da immaculada concepção e da infallibilidade do papa, o poder temporal, violação flagrante deste preceito do Deuteronomio (XVIII, 1 e 2) que prohibe aos sacerdotes « pos- suírem os bens da terra e terem parte em qualquer herança, porque o Senhor é que é a sua herança », tudo isto mostra que distancia separa as concepções catholicas dos verdadeiros ensinamentos do Evangelho.

Contudo a Igreja fez obra util. Teve suas epochas de grandeza. Op- poz diques á barbaria, cobriu o globo de instituições de beneficencia. Mas, como que petrificada em seus dogmas, ella se immobilisa, enquanto em torno de si tudo caminha e avança; de dia em dia, a sciencia avulta, e a razão humana eleva-se.

Nada escapa á lei do progresso: as religiões como tudo mais. Puderam corresponder ás necessidades de um tempo e de um estado social atrasados, porem chega o momento em que estas religiões, presas em suas formulas como em um circulo de ferro, devem resignar-se a morrer. É a situação do Catholicismo. Tendo dado á his- toria tudo o que lhe podia offerecer, tendo-se tornado impotente para fe- cundar o espirito humano, é abando- nado por elle, que, em sua marcha incessante, adianta-se para conce- pções mais vastas e mais elevadas. Mas nem por isso perecerá a idéa christã, transformar-se-á somente para reaparecer sob forma nova e depurada. Virá um tempo em que o Catholicismo, seus dogmas e suas praticas mais não serão do que vagas reminiscencias quasi apagadas da me- moria dos homens, como o são para nós os paganismos romano e scan- dinavo. Mas a grande figura do Cru- cificado dominará os seculos, e tres cousas subsistirão de seu ensino, por- que são ellas a expressão da verdade eterna: a unidade de Deus, a immor- talidade d'alma, e a fraternidade hu- mana.

(Continúa)

Federação Espírita Brasileira

EMPRESTIMO

DE

80:000\$000 em 1.600 quinhões de 50\$000

Para a compra de um predio e montagem de uma officina typographica para a impressão do REFORMADOR e de obras da propaganda.

Este emprestimo destina-se á aquisição de m predio, em que funcione a **FEDERAÇÃO**, tendo salas para conferencias, para bibliotheca, para trabalhos de grupos, etc., e onde se montem officinas de typographia, cujo primeiro trabalho será a publicação em larga escala das obras fundamentaes da doutrina, — para serem vendidas, no interesse da propaganda, pelo mais baixo preço.

A **FEDERAÇÃO** dá, como garantia moral, a respeitabilidade dos nomes de seus Directores abaixo indicados, e como garantia material a hypotheca dos bens que, com esta quantia, pretende adquirir, além da renda ordinaria da Sociedade, a qual provém de mensalidades dos associados, assignaturas do REFORMADOR, venda de folhetos, livros, etc., e donativos.

A **FEDERAÇÃO** compromette-se a pagar semestralmente o juro annual de 5 %, e propõe-se a resgatar os quinhões por sorteio pelo menos annualmente.

O emprestimo será recebido em 5 prestações de 20 % cada uma, do dia 1 ao dia 5 de cada mez, o que quer dizer em um prazo nunca menor de 30 dias, isto é, o subscriptor entrará por quinhão com a quantia de 10\$000 de 30 em 30 dias. Terão, porém, os subscriptores a liberdade de fazerem algumas ou todas as entregas de uma só vez.

Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz, Presidente.

Dr. Adolpho Bezerra de Menezes, Vice-presidente.

Manuel Fernandes Figueira, 1º Secretario.

Dr. Ernesto José dos Santos Silva, 2º Secretario.

Alfredo Augusto de Oliveira Pereira, Thesoureiro.

Francisco Antonio Xavier Pinheiro, Archivista.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil. 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda correspondencia deve ser dirigida a ALFREDO PEREIRA — Rua da Alfandega n. 342.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Novembro — 1

N. 215

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o
Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade da Formosa (Estado de Goyaz),
o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Fran-
cisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. Al-
fonses Miguel Vieira de Novaes.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Baturia, rua
Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Be-
nedito José do Souza Junior, rua do Ge-
neral Camara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de
Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico co-
meçam em qualquer dia e terminam
sempre a 31 do Dezembro.

AVISO

A Federação Spiritica Bra-
zileira, e portanto o Refor-
mador, mudaram-se para a
rua da Alfandega n. 342 —
para onde deve ser dirigi-
da toda correspondencia.

Instrução

O espirito sem instrução tem sido
comparado a um terreno que, si não
é cultivado, não produz os desejados
fructos, embora seja fértil.

E, de facto, si o spiritismo reve-
lou-nos que o espirito accumula co-
nhcimentos que vai adquirindo nas
successivas vidas ou encarnações,
ainda que permaneçam latentes,
quando toma novo corpo carnal, já
em todos os tempos se ha observado
que só pelo trabalho e applicação
intellectual tem a humanidade con-
seguido os grandes inventos e os
melhoramentos que enriquecem o
vasto campo da sciencia, da indus-
tria e das artes.

O ensino a todos igualmente disse-
minado na terra, não aproveita en-
tretanto do mesmo modo; cada um
o recebe segundo suas aptidões, e
estas não mais são do que conheci-
mentos bebidos em anteriores exis-
tencias, e estão para o intellecto do
individuo na mesma proporção que
as tendencias ou paixões estão para
o grão de moralidade a que tem at-
tingido o espirito.

O ignorante torna-se genio, mas
gradual e não subitamente, como jul-
gam orgulhosamente os pretensos sa-
bios, acreditando-se assim entes pri-
vilegiados na criação.

Em virtude desta lei as gerações
se aperfeiçoam e realizam o progresso
tal como o vemos caminhando na
historia da humanidade até nossos
dias.

Na epoca actual a instrução tem
tocado um alto grão de perfeição, de
harmonia com as aptidões dos po-
vos que se dizem na vanguarda da
civilização.

A crença em nossos dias apresenta
maior vivacidade e melhor aptidão
para comprehender, ao mesmo tempo
que encontra maior somma de ele-
mentos e methodo no ensino, o que
mais ainda aproveita a essa compre-
hensão.

Os objectos que enriquecem as de-
monstrações escolares, dando amena
noção das cousas, as experiencias que
se fazem nos principiantes laborato-
rios, a profusão de livros sobre to-
das as materias e doutrinas, o derra-
mamento da instrução primaria e
superior ao alcance de todas as clas-
ses, são elementos de que não go-
zavam as gerações passadas, e que
os contemporaneos bem podem ava-
liar, comparando os meios que encon-
traram para instruir e os que hoje
são prodigalizados.

Este fim de seculo parece mesmo
época de transição para um porvir
sorprenhente, pela multidão de
descobertas e invenções, luctas e cho-
ques de interesses e idéas oppostos.

O apparecimento do spiritismo pro-
va o acerto desta proposição.

E' por isso que os espiritos con-
stantemente repetem: *Os tempos são
chegados.*

Elle veio trazer em occasião op-
portuna não sómente novos ensina-
mentos, mas ainda novo methodo

para o estudo, adaptado a todas as
intelligencias, e o que é mais, in-
fundiu nos animos o desejo de saber.

A philosophia do spiritualismo mo-
derno, quer elle se chame spiritismo,
occultismo, theosophismo, etc., etc.
já vai derramando benéfica influen-
cia sobre a instrução em geral, pro-
duzindo sazonados fructos, que com
avidez são colhidos pelas classes
ignorantes e instruidas.

A enormidade de livros, revistas e
jornaes, grupos e associações, que pes-
quizam do assumpto em quasi todos
os paizes, só tem comparação com o
illimitado numero dos que adoptam
ou seguem qualquer desses estudos.

O que é certo, o que não pôde ser
contestado pelos opposicionistas já
em minoria, é a realidade da trans-
formação operada.

Aos olhos dos *espiritos fortes* esca-
pará sem duvida a magna parte com
que tal philosophia tem cooperado
para o aperfeiçoamento, sinão de to-
das as sciencias, ao menos daquellas
que entendem com os dois lemnas
antigos: *Serva te ipsum — Nosce te
ipsum.*

O observador imparcial, porem,
percebe o immenso clarão que res-
plandece dos mais importantes as-
sumptos p-ychicos e physiologicos,
quer se trate da liberdade de con-
sciencia, quer de medicina e jurispru-
dencia; aqui, quanto a medicina le-
gal e responsabilidade da metali-
dade humana; alli, quanto ao modo
de estabelecer uma crença.

Avante, pois, obreiros do progres-
so: elucide o vosso sentimento e in-
strui o vosso espirito, porque só assim
para vós serão reaes neste planeta a
liberdade, a egualdade e fraterni-
dade, cultivando com esmero as fa-
culdades da vossa alma, actividade,
intelligencia e vontade.

NOTICIARIO

Spiritismo Racional — Sob
este titulo acaba de sair dos pré-
los dos Srs. Lombaets & Comp. uma
nitida brochura de 110 paginas,
pelas quaes passamos, soffregos,
olhos investigadores. Razão tinha-
mos para tal impaciencia, pois que
vinha subscripto o livro por um
nome — Victor Antonio Vieira — que
de pouco espanta no mundo das let-
tras, bem que levianos e indiscretos

pretendam ver atravez delle um ou-
tro já de muito laureado.

Só como fôr, é a Victor Vieira
que endereçamos os agradecimentos
pelo mimo da offerta.

Ao descobrir a pagina da adver-
tencia, quasi deixámos de lado a bro-
chura por ver que assim começava:
« O autor deste livro nunca leu as
obras de Allan Kardec nem as de
nenhum outro autor dos que têm
tratado do spiritismo. Tão pouco lhe
são conhecidas as obras do Darwin e
de Comte » Suppuzemos desde então
que Victor Vieira, atirando-se á es-
teira commun dos que, ignorantes,
pretendem saltar de cadeira sobre
assumptos que não conhecem, iria
com invenções theoricadas augmentar
o numero de livros que antes deformam
que afamam o Spiritismo.

Entretanto tal não foi a impressão
geral que nos ficou depois da leitura
seguida que fizemos. Considerámos
que o auctor é um vidente que sabe
fazer penetrar os olhos de seu espi-
rito muitos seculos além, ajuizámos
que, firme nos principios capitais,
soubes, com a mestria de um philo-
sopho, deduzir as consequencias todas
neles contidas. Mas, porque cada
cousa tem seu tempo, e desgostosas
são as fructas temporais foi com os
receios de propangandista cauteloso
que temos tremido suas theorias so-
bre a abolição de soldado e do ma-
gistrado.

Então nitidamente desenhou-se em
nosso espirito a mesma interrogação
auctora que a Roustaing houvera feito
sobre outro assumpto o eminente
Kardec: será opportunã a publici-
dade? Cousas que mesmo pela
mente dos spiritas os mais lidos
ainda não passou como dedução de
seus principios. Quem sabe si, por
uma sofreguidão de progresso, ao pre-
tendermos saltar de vez mil valla-
dos, não retardaremos a marcha por
cahir desde logo no primeiro?

Ainda um outro ponto ha no livro,
que parece filho da preocupação
com que teimosamente fixa o auctor
os olhos sobre o catholicismo: dir-se-
ia que, pretendendo fallar de reli-
gião em geral, elle só trata da re-
ligião. Mas esta proposição abso-
luta é oriunda de suppor Victor Vi-
eira que a religião «impõe precon-
ceitos, attribue a Divindade quali-
dades que as devirtuam, e por meio
do terror de castigos providenciaes
embrutece o homem, que deixa de
ser bom para ser simplesmente co-
varde.» Não será este um libello per-
feitamente formulado contra o cathe-
cismo? Poderá elle applicar-se a
religião natural, à religião leiga,
como até bem pouco a chamava, ou
universal, como hoje a denomina a
escolha de Charles Favvety? Não;
a religião não é nociva nem nulla,
porque esta na ordem natural; não
é, porque o homem, seu cultor, dis-
tingui-se, como afirma o mais nota-
vel scientista da primeira metade
deste seculo, distingue-se dos outros

seres animaes por seu genio essencialmente religioso. Só a um espirito menos lucido do que o autor do *Espiritismo Racional* é que seria permitido o erro de logica de deduzir o geral do particular, de applicar á religião o que só ao catholicismo é cabivel.

A theoria psychologica de Victor Vieira distingue no homem alma e espirito; aquella tendo por attributos os sentidos, este a memoria, o entendimento e a vontade; assim distingue tres phases no amor: a 1ª residente no sangue é o amor paterno, filial, fraterno; a 2ª na alma é o amor sexual; a 3ª no espirito, é o amor da humanidade.

Esquivando-nos á distincção entre alma e espirito, cousa não provada scientificamente, que daria como resultado não ter o espirito noção das percepções sensíveis hemos entanto á considerar aquella, sede do amor de pae no sangue! As velhas theorias humoraes, atravessando os seculos, conseguiram sobreviver na litteratura; dahi aquella conhecida *voz do sangue*, que só por só faz, nos palcos ou nas paginas dos romances, com que a mãe desubra o filho desde muito perdido. Ora compre não esquecer que Victor Vieira é a borboleta, cuja larva esteve outrora aos cuidados de Thalia e de Erato.

Mas no autor ha ao lado do poeta que transporta para as paginas de um livro de sciencia as ficções da imaginação, ha tambem, dizemos, o observador. Assim é que, tratando da escala progressiva do aperfeiçoamento animal, escreve: «Physiologicamente, em cada homem, se observa uma feição ou typo característico da especie zoologica de que ascendeu». E em seguida, encarando o homem pelo lado moral, faz notar as tendencias de cada espirito relativas á especie de que proveiu. Haveria a notar apenas que muito absoluta é aquella proposição. Como não menos é uma outra em que, paginas adiante, afirma que o artista, o poeta, o legislador, o medico, etc. «são productos da natureza, porque já nascem predestinados para taes funções».

«O estudo academico serve apenas para habilitar, porém não para fazer». Parece que o attributo que mais exorna a intelligencia de Victor Vieira é a generalisação; infelizmente busca sempre partir do particular.

Não é propriamente uma critica o que fazemos mas sim uma perfunctória exposição de algumas paginas do livro, com o fim de aviventar e curiosidade dos espiritas, que, todos, o devem. Por isso terminamos aqui, fazendo votos para que o autor, ganhando alento abra de quando em quando o escritorio de suas luzes, onde possamos apreciar as melhores de suas gemmas.

Sociedade Psychica Americana — Esta, sociedade, de que já demos noticia ha tempos no *Reformador*, foi reorganizada em Boston, em 19 de Maio proximo passado. Tem por fim a investigação dos phenomenos do Spiritismo. E' seu conselho director composto do Rev. M. J. Savage, presidente; B. O. Flower (editor da *Arena*) vice-presidente; Rev. T. Ernest Allen, secretario e thesoureiro; e de outros bem conhecidos, taes como, Rev. E. A. Horton, Rev. R. Heber Newton, prof. A. E. Dolbear, Mary A. Livermore, E. Gervy Brown, L. A. Phillips, W. W. Blackmar, Hamlin, Garland e Rabbi Solomon Schindler.

O resultado de suas experiencias será publicado em um jornal com intervallos que o conselho director julgar conveniente.

No *Banner of Light* de 8 de Agosto proximo passado ja vem a descripção de diversos phenomenos obtidos por esses investigadores em tres sessões, que fizeram com o medium Miss Josephina Lord, em Lowell, Mass.

Os phenomenos produzidos por Miss Lord, são em plena luz na sua maior parte. Na sua primeira sessão, sob a direcção do R. Ernest Allen, tres bengalas, uma de madeira, outra de vidro e outra de aço ficaram acima do assoalho durante cinco minutos em uma posição vertical. A um aceno de Miss Lord as bengalas moviam-se na direcção indicada; mas não obedeciam a mais ninguém. Depois seguiu ella uma das bengalas ligeiramente entre os dedos, e apesar d'isso ninguém foi capaz de arrancal-a das mãos. Este phenomeno reproduzio-se algumas vezes depois de ordens de Lulu Hurst.

A segunda sessão foi reforçada com a assistencia de B. O. Flower, editor da *Arena* (jornal no qual collaboram A. R. Wallace e Camillo Flamation), Mrs. Flower e Mr. Garland, membros da sociedade. Nesta os phenomenos foram dos mais variados e surprehentes. Sentaram-se no redor de uma mesa quasi ás escuras, com uma luz amortecida, e viram distinctamente formas de sombras movendo-se em um e outro lugar, curvando-se e dizendo em voz baixa palavras de conforto; ora parecendo elevarem-se no ar, ora cahindo em completa escuridão.

Havia a pouca distancia da mesa uma cadeira de balanço que começou por sua vez a balançar-se. Gradualmente foi se chegando para mais perto da mesa, e collocou-se entre duas das pessoas que ali estavam assentadas; depois parou por um momento e vagarosamente levantou-se algumas pollegadas do assoalho, recuando de novo com um forte estrondo. Levantou-se pela segunda vez mais alto, voltando apressadamente para o assoalho. Fazendo uma terceira tentativa, como movida por uma força sobrehumana, collocou-se no topo da mesa, e começou a balançar-se violentamente.

Um murmurio de surpresa perpassou pelo quarto das experiencias. Depois de uma pequena demora, Mr. Flower declarou-se maravilhado, e suggeriu que a cadeira voltasse para o chão, perguntando em seguida: «si alguém podia sentar-se na cadeira? e no caso affirmativo, si ambos podiam ser levantados do chão?»

Imediatamente tres fortes pancadas foram ouvidas, o que era o signal convencionado para *sim*. A Sra. Flower, com muito medo assentou-se na cadeira, enquanto todos começaram a cantar um hymno familiar. Passaram-se poucos minutos, quando á despeito dos esforços da Sra. Flower, para impedir o movimento, a cadeira principiou de vagar a balançar-se para traz e para diante. Debalde collocava ella os pés no assoalho e protestava contra o movimento; continuou este, ganhando força e velocidade.

Todos os olhares estavam fixos sobre a cadeira e sua occupante, que eram perfectamente visíveis em uma meia luz. Uma exclamação de horror explodiu quando a cadeira levantou-se com a Sra. Flower cerca de dez pollegadas do chão, e cahiu de novo como da primeira vez. «Estas com medo?» perguntaram muitas pessoas á Sra. Flower, que estava um tanto pallida. «Não...o, não muito», disse ella hesitante.

A ultima palavra não tinha deixado seus labios, quando com um poderoso e-fôrço a cadeira com Mistress Flower foram collocadas, ambas, no centro da mesa, na presença de todos admirados.

Na terceira sessão, na presença das mesmas pessoas, reproduziram-se os mesmos phenomenos, e mais um mysterioso. Perto do tecto havia um gancho de pendurar quadros. Um dos presentes pediu licença para collocar alguma cousa ali, a qual lhe foi concedida, por meio de pancadas convencionaes. Um tamborete foi posto sobre a mesa, e elle dobrou ao comprido uma *nota do banco*, ligando-a em seguida ao gancho.

Depois assentou-se em seu lugar, e todos começaram um canto em voz baixa. A luz estava muito baça. Passados cinco minutos, o medium soltou um grito, mais semelhante a um grito de guerra de um Indio do que a outra qualquer cousa. Levitando as mãos para cima, apanhou ella a *nota* no ar, pairando justamente por sobre sua cabeça. Com essa manifestação dissolven-se a reunião, exprimindo os membros da sociedade sua completa satisfação, e suggerindo a continuação das sessões pelo proximo outomno.

São estes os primeiros trabalhos d'essa sociedade, que se propunha a dizer a ultima palavra sobre o Spiritismo: si eram os seus phenomenos apregoados por mais de um sabio, «uma verdade, ou um embuste de farceistas».

Bello principio! Santa verdade!

Alguns casos mais do que somnambulismo — Lê-se no «*Banner of Light*» de 31 de Outubro passado:

Um caso que é considerado como *ed Somnambulismo*, mas que, si assim for, é de uma natureza especial, tem excitado a admiração de todos e posto perplexos os medicos de *Luverne*, Minn. Ha tres annos que Mrs. Mary M. Eggleston tem sido, diz o *Py-cogune* de Nova Orleans, sujeita a períodos de somno, durando de tres a cinco dias, em cujo tempo, com os olhos fechados, ella faz os mais maravilhosos trabalhos de agulha e phantasia, corôas de flores de papel e de pennas, combinando e arranjando as côres com a delicadeza de verdadeira artista. Retira-se para descansar, e fica adormecida muito naturalmente, e logo depois disso levanta-se, embora em somno profundo, com os olhos fechados, em um quarto escuro, faz artigos que requerem o mais delicado e habil trabalho. Fica nessas condições durante muitos dias, e quando desperta do somno não se lembra do que se passou durante seu lethargo (trance). Uma prova evidente de que ella é somnambulizada por um espirito, e de que n'esse estado é dirigida por uma intelligencia estranha á sua, resulta do facto d'ella fallar muito alto e tornar-se insolente n'essas occasiões quando ao contrario d'isso, em seu estado normal, quando acordada, é uma das senhoras mais amaveis e de fino trato, que se conhece.

Après la mort — Chegaram-nos de Tours os exemplares desta notavel obra, que desde muito esperavamos. Solicitamos áquelles dos nossos confrades nos encommendaram exemplares o obsequio de novamente se accusarem, afim de darmos cumprimento ás suas ordens. Os pedidos devem ser endereçados a Alfredo Pereira, rua da Alfandega 342.

Revivescencia de um grupo — E' com a mais pubilosa satisfação que transcrevemos o officio abaixo. Para isso ha motivo de sobra: o grupo Fé, Amor e Caridade trabalhou activamente por muitos annos em um recanto dos suburbios, longe de todos os meios de communicação, na Cachoeira do Engenho Novo. Frequentavam-n'o assiduamente homens da

mais humilde condiçõesocial; mas á humildade de condição reunia-se tambem a humildade de coração, e o esforço sincero para o adiantamento moral. E' isto sem duvida o que explica como dos pontos os mais affastados da cidade corriam para alli homens de todas as classes, que, com as suas lições, traziam quasi sempre a convicção da verdade spirita.

Assim o foi por largo tempo, enquanto viveu seu presidente, o nosso irmão João Coelho, que, apesar de quasi analfabeto, tinha o bom senso de seguir á risca as prescripções de A. Kardec. Desprendendo-se, porém, dos laços materiaes este nosso irmão, foi insensivelmente dissolvendo-se o grupo da Cachoeira.

Agora que alguns companheiros erguem-n'o de novo, fazemos votos para que, continuando sempre as tradições gloriosas do grupo, seja elle uma escolla em que vamos todos beber lições de pureza e de virtude, quando sitiados pelo orgulho, pelo egoismo e pela vaidade, que são infelizmente a partilha de todos nós; uma fonte em cuja agua viva nos lavemos da maledicencia e da inveja; uma pyra em cujos fogos requeimemos o germen da luxuria e das materialidades mundanas. Eis o officio:

Sr. Presidente e mais membros da Directoria da Federação Spirita Brasileira. — Caros confrades. — Em nome do Grupo «Fé Amor e Caridade» cabe-nos levar ao conhecimento dessa Directoria que no dia 8 de Agosto proximo passado, foi o mesmo grupo reorganizado sob as bases que junto vos envio com a nominata da sua administração.

Approveito o ensejo para vos fazer sentir que este Grupo fundado ha muitos annos, continua a esforçar-se pela propaganda da doutrina spirita, por estar convicto do progresso que aos homens resulta da observancia dos seus ensinios.

Egualmente acceita, applaude e adhere ao desejo ardente manifestado pela Federação quanto ás idéas da fraternidade da familia Spirita, dos acertados meios do estudo, e em geral pratica seguida da propaganda, e por isso pedev-os que o addimitaes ao numero de sinceros confrades e intimos amigos.

Deus nos ampare e os nossos guias nos dêem

Paz e Amor.

O 2º Secretario João de Argollo Castro.

Engenho Novo, 18 de Setembro de 1891.

COMPROMISSOS DO GRUPO FÉ, AMOR E CARIDADE — 1º. — Exforçar-se cada um na medida de suas forças para promover o seu proprio adiantamento moral e intellectual, segundo o ensino da doutrina spirita. 2º. — Trazer para pertencer ou visitar o Grupo somente pessoas de reconhecida boa vontade. 3º. — Sujeitar-se com dedicação aos estudos theoricos e praticos, não praticando a mediumnidade fóra do Grupo, sinão quando estiver completamente desenvolvido e apta para a especialidade que manifestar.

Facto — Sr. Dr. Wladimir Matta — Vou expor-lhe um facto singular passado commigo ha cerca de 31 annos: mas não obstante ter já decorrido tanto tempo ainda assim delle me recordo como si tivesse succedido a noite ultima.

Fui casada em primeiras nupcias uns tres annos, findos os quaes meu marido succumbiu de uma molestia lenta dos pulmões, não obstante todos os cuidados prodigalizados a ver si o arrancavamos a tão cruel enfermi-

dade; infelizmente, porém, mais pouco o fatal elemento morbido do que a medicina, e no fim de um anno de tristes previsões meu marido exhalou o ultimo suspiro em data de 3 de Novembro de 1860.

Viuva então, tendo n'alma as recordações de quem tão cedo se apartava de mim, procurava lenitivo para meu infortunio nos actos de recolhimento que todos sabemos encontrar na religião, e em minhas orações invariavelmente dirigia ao Creador algumas pelo repouso do meu finado companheiro.

Uma noite aconteceu ficarem em meu quarto varias pessoas da familia, si bem que eu já estivesse deitada de vez para dormir, e realmente, emquanto conversavam, fui surpreendida pelo somno de tal modo profundo que dormi sem orar e não vi quando estas pessoas da familia recolheram-se nos seus aposentos, excepto porém minha mãe que passou a dormir no meu quarto desde que fiquei viuva.

Nessa noite fazia um mez que meu marido tinha morrido.

Por volta das duas horas da madrugada (mais ou menos, porque não posso precisar a hora, visto como não tomei nota na occasião), fui despertada por um ruido junto ao meu leito assemelhando-se a jornaes que eram amarrados; ouvi tambem como passadas em torno do meu leito; uma cadeirinha de estimação chamada *negrinha*, a qual dormia todas as noites em uma pequena cama feita sobre cadeiras, contra os seus habitos, começou a mover-se inquietamente sobre sua cama e a uivar chorosa como sempre costumava a fazer desde que sentia o seu fallecido amo e amigo chegar do seu trabalho e depois que lhe era aberta a porta esta mesma *negrinha* o festejava por algum tempo com saltos e correrias de alegria; abrindo então os olhos reparei que a luz da lamparina, contra o costume, tinha diminuido consideravelmente de intensidade, estando-se por esta causa quasi na mais completa escuridão.

Quando percebi isso, o primeiro sentimento que tive foi o do medo, e a primeira idéa a de não ter podido orar como de costume, por causa das pessoas que vieram conversar no quarto, pelo que cobri minha cabeça

com os lençoes e entreguei-me toda a orações, terminadas as quaes senti-me mais alliviada do temor de que estava possuida.

Mas poucos instantes apóz, senti como que alguma coisa subir em meu leito, a principio supuz ser a *negrinha* e levei, para verificar, a mão ao lugar do leito onde julguei que ella tivesse pulado, nada porém encontrei.

Tendo-me conservado novamente em tranquillidade, senti pouco depois como que um braço circumdar-me o corpo e apertar-me em estreito e terno abraço; a impressão que tive nesse instante foi talvez a do terror e d'ahi por diante empreguei todos os esforços para conciliar o somno, o que de facto consegui, vindo só a despertar pela manhã na hora habitual.

Emquanto me preparava, estando tambem minha mãe de pé, perguntei a ella si nada tinha ouvido durante aquella noite, e ella respondeu-me: menina, eu ouvi tudo, porém nada te queria contar pensando que tivesses dormido toda a noite, mas visto teres estado acordada tão bem como eu, tenho a dizer que vi a lamparina quasi se extinguir de todo, vi a *negrinha* mover-se agitada em sua cama e uivar chorosa como quando ansiosa esperava que teu marido entrasse da rua, e ouvi movimentos de passos em roda de tua cama.

Nunca tive quer antes, quer depois, outro facto singular como este que lhe acabo de narrar, mas deste ainda tenho bem gravado na memoria tudo tal como si elle fosse de data recentissima; nunca fui medrosa e nunca soffri de molestia alguma nervosa, confio bem na integridade dos meus sentidos e por isso o mais que poderei dizer é que não sei explicar o facto que vos narrei, mas jamais o julgarei como illusão, hallucinação ou qualquer outra coisa semelhante.

Nada mais lhe posso informar, Sr. Dr. Matta, e o testemunho de minha mãe não me é infelizmente, possível lhe enviar, pois ha cerca de seis annos ella falleceu.

Por motivos particulares espero que guardará sigillo sobre meu nome, cumprindo assim sua promessa: po-

derá, porem, fazer o uso desta carta que muito bem lhe aprouver.

Como sempre sou sua

B. P.

Sr. Redactor. — Incluso remetto a carta supra e peço, si possível fôr, inserir-a nas columnas do seu conceituado Jornal.

Si conseguir receber as narrações escriptas que muitas pessoas de digno conceito, me prometteram enviar, as irei, por minha vez, remetendo a V. a fim de dar-lhes a devida publicidade, caso sejam merecedoras disso.

Na comunicação que hoje vos endereço, creio que ha a salientar-se, a bem da sciencia, as seguintes circumstancias:

1º Ella foi auditiva para as unicas duas pessoas que estavam no quarto (passos e papeis amarrados).

2º Ella actuou sobre o tacto de uma das senhoras (o abraço).

3º Apesar das duas senhoras terem percebido tudo e uma d'ellas, pelo menos, ter tido bastante medo, ainda assim nenhuma quiz fallar ou levantar-se para tranquillizar-se sabendo a outra acordada, ora esse silencio não é natural, tenho notado na maioria dos casos esta singularidade da influencia das manifestações sobre a volição dos passivos conservando-lhes no entanto a mais completa integridade e liberdade quer moral quer intellectual.

4º A cadelinha tambem tudo percebendo como provou patentemente pelo modo por que procedeu contra seus habitos nessa memoravel noite, é uma circumstancia bem valiosa e significativa.

Desejando-lhe, Sr. Redactor, saude e felicidade, sou seu

Amº Sincero

WLADIMIR MATTA.

COMMUNICAÇÕES

I

Até quando, raça de viboras dolorosas, terei de estar entre vós?

Dizia o Christo, redemptor da humanidade, quando do intimo do seu adiantamento conhecia o desprezo

ULTIMOS CONSELHOS

Si bem que, theoreticamente, as experiencias de hy notismo possam ser feitas sob qualquer temperatura, devemos declarar que, debaixo de todos os pontos de vista, é preferivel que no inverno, se escolha, para esse fim, um compartimento bastante quente. No verão deve-se, pelo contrario, procurar um calor temperado, com o fim unico, é verdade, de evitar a fadiga.

Os principiantes são já naturalmente predispostos a se cansarem demasiadamente, quando poderiam perfeitamente obrir o tal inconveniente. Seria para desejar que todos se compenetrassem d'esta verdade: que elles devem «querer» ser bem succedidos e fazer antes esforços de vontade que esforços physicos; estes podem prejudicar os seriamente, obrigando-os a procurar repouso, quando ainda não tenham obtido seus resultados parciais. O velho proverbio: «A força de forjar, fica se forjador» applica-se admiravelmente ao hypnotizador; de, ois de ter praticado por algum tempo e de estar, mais ou menos, senhor da materia, elle pode operar durante uma noite inteira, sem experimentar extrema fadiga, ainda mesmo sobre pacientes de pouca sensibilidade. Em geral, as experiencias de hypnotismo são feitas depois de jantar; cumpre-nos, pois, recomendar aos que quizerem entregar-se a essas tr bulhos, — (referimos-nos tanto aos agentes como aos pacientes) — que não façam refeições muito copiosas porque, do contrario, expor-se-ham as perturbacoes de digestão e mesmo a um começo de congestão intestinal.

Taes são os conselhos que julgamos indispensavel aos que quizerem adoptar nosso methodo. Se seguirem, a risca, as nossas prescripções, lhes seguramos pleno successo.

(Continúa)

com que eram recebidos os ensinamentos que transmittia!

Até quando, pergunto eu, vós Spiritistas, continuadores da grande obra messianica, quereis continuar a ser a pedra de escandalo da moral sublime do Crucificado?

Spiritistas — vos dizeis!

Por ventura sabeis dar o devido valor a esse titulo?

Creanças! brincaes com o fogo, ignorando o perigo que vos ameaça!

Mas por diversas vezes tem-se vos dito: Compreendae-vos bem do papel que representaes. E não tendes o direito da escusa, porque muitas e muitas vezes tem vos vindo avisos, e, si a misericórdia de Deus é grande, gaande tambem é a sua justiça, e mesmo por esse principio Elle não pôde deixar de pesar o castigo sobre os retardatarios da obra do progresso.

Creanças, repito, brincando com o fogo e não querendo ver o perigo que vos ameaça!

Hoje mais do que nunca deveis vos preparar para dar profficienda aos vossos tentamens, e, entretanto, arlequins do circo, vos propoendes a recrear aos que avidos de emoções fortes assistem ás vossas sessões!

Spiritistas! Spiritistas! Comprovaes essa affirmativa que fazeis continuamente.

Onde a vossa crença?

Na apresentação que fazeis da excelencia da doutrina, mas cujos frutos são incapazes de serem digeridos proveitosamente pela humanidade?

Quereis comprovar a theoria com os factos, e não comprehendes o que a actualidade vos pede.

Se diz que o seculo é do visio, que só com os factos se provam as bellas theorias apresentadas á sciencia e conhecimento dos homens, não é o mesmo convosco e da maneira como percebeis.

Factos, sim, corroborando os ensinamentos thenicos, dando a razão de ser dos principios apresentados, como a mathematica prova que a somma de dous algarismos demonstra as duas quantidades reunidas, e não como vós quereis provar a theoria apenas com a boafé!

Oh Spiritistas! ainda uma vez eu vos lamento e lembro que assim apenas apresentaes aos olhos do mundo um relatorio de mediuns e visitantes das vossas sessões!

Cifras, lado pratico de apresentar o spiritismo seriamente, como uma verdade irrefragavel, dando fructos positivos á humanidade, comprovando que é a doutrina da regeneração que vem trazer aos homens a confraternização universal na unificação das crenças, isto não compete a vós que sois os saltimbancos da camada scientifica da sociedade!

Enfim! Tomastes aos hombros uma tarefa que seria muito gloriosa si soubesdes desempenhal-a, mas que assim só vos salva um ponto que é: a grande misericórdia de Deus reconhecendo a vossa ineptia!

J.

II

Feliz aquelle que em toda a parte, nas lutas do bem contra o mal, pode sahir victorioso coberto das benções do altissimo e aclamado pelas hoshannas dos espiritos do senhor!

Feliz aquelle que, ouvindo a voz do seu Guia a lhe fallar no intimo, não a deixa perder-se na immensidade do espaço como o fumo do incenso que n'elle se evapora!

Felizes, finalmente, aquelles que banham os seus corações no limpido Jordão dos Evangelhos e ahi purificados caminham pela estrada da humildade, do amor, da fé, e da caridade, convictos de passarem pe-

FOLHETIM

2

DR. GERARD

GUIA DO HYPNOTISADOR

Tradução de ***

PODEM TOD'S HYPNOTISAR?

A esta questão responderemos categoricamente e sem a menor hesitação: sim!

Pelo facto de serem certas pessoas rebeldes á acção hypnotica, não devemos concluir que não possuem, assim como outros, fluido magnetico.

Em oppoio desta affirmação basta citar o caso dos hypnotisadores de profissão que, a despeito de numerosas tentativas para semelhante fim, nunca conseguiram ser hypnotisados uns pelos outros, e, com tudo, elles operam com a maior facilidade mesmo sobre pacientes pouco sensiveis. Não pretendemos, seja dito, que uma creança possa hypnotisar um adulto, mas tambem não tememos avançar que um adulto, no gozo de plena saude pode operar sobre qualquer pessoa, com probabilidade de bom exito.

Assim como a electricidade existe em estado latente, em todos os corpos da natureza, esperando unicamente occasião para manifestar sua presença; assim tambem o fluido magnetico está espalhado no organismo de todos os seres vivos, como talvez o esteja egualmente na materia inerte.

Com effeito, é possível admittir-se que um dom concedido a um grande numero

de animaes, de ordem relativamente muito inferior, tenha sido recusado ao homem?

A influencia que as serpentes exercem sobre os passaros, obrigando-os a virem por si mesmos, collocarem-se ao alcance da bocca desses reptis; a que os falcões, os butios e demais aves de rapina exercem sobre outros passaros, paralyzando-lhes os movimentos; enfim, a do cão «amarrado» a caça, são sob diversos nomes, uma e a mesma fôrma de hypnotização. Esses animaes actuam pela fascinação e sem contacto immediato com suas victimas. Mas, pelo facto de não empregarmos a fascinação em nossos processos, não se deve concluir que ella não seja de uma efficacia absoluta. Existe realmente uma escola de «hypnotisadores-fascinadores», e somos os primeiros a reconhecer que suas experiencias produzem sempre sobre os assistentes uma impressão muito mais forte da que a nossa. Somente, ha um abismo entre o seu systema e o que empregamos: nós deixamos sempre livre o cerebro de nossos pacientes, o que lhes permite não só ter consciencia do que os obrigamos a fazer, mas ainda, do que se dá em torno d'elles, ao passo que dos funcionadores perdem immediatamente seu livre arbitrio e são meros automatos entre as mãos dos operadores. Ha, além disso, uma razão muito mais seria que nos leva a não preconisar a fascinação; é que ella pôde provocar accidentes gravissimos: assim, tem-se visto pessoas que se haviam prestado ás experiencias dos «fascinadores», serem depois attrahidos por objectos brilhantes, (as lanternas das carroçens, por exemplo) o que os expunha continuamente a serem esmagados nas ruas. Outros, coisa mais extraordinaria, conseguiram fascinar-se, elles proprios, mirando-se em um espelho, quando faziam toilette, ou em circumstancias analogas.

porta estreita symbolisada em Jesus!
Possam essas poucas palavras penetrar os vossos corações e, perdurando, fazer cessar de uma vez para sempre o vosso descuido no cumprimento do dever como spiritas que dizeis ser.

J. B.

Um conselho

9 de Novembro de 1888.

« Aquelle que segura o arado para caminhar e olha para traz não é digno de cultivar a vinha do Senhor. »

Lançar mão do arado quer dizer: dedicar-se ao ensinamento da verdade amolgando os corações corruptos e impenitentes aos santos decretos do Senhor para o aperfeiçoamento.

« Olhar para traz » quer dizer: que devemos deixar com o passado, que se escôa, todos os nossos vícios, afim de proseguirmos desassombrados em de manda da luz, que ao longe paira sobre nossas cabeças.

« Olhar para traz » é não ter fé, é faltar o encorajamento a todos os que demandam a verdade, o porto seguro de salvamento — Deus.

Não deixeis, pois, Irmãos, a tibieza apoderar-se de vossos membros, e o desanimo de vossa alma; porque o destino do espirito, quer na terra, quer no espaço é progredir. Quando o desalento procurar entibiar-vos as forças, lançai em torno de vós um olhar firme e invocae Aquelle que tudo pode e a força virá robustecer-vos, encher-vos de crenças no arduo caminho, que pretendis trilhar.

Avante, pois, porque os vossos dias sobre a terra estão contados, e amanhã..... só Deus o sabe. Amanhã, quando sacudirdes de vós esse fardo, que vos peza, então sabereis — que a vida é o combate da luz contra as trevas, do qual importa que saiais vencedores.

X.

MISCELLANEA

O Spiritismo como sciencia

POR
SAENS CORTES

Quando os factos spiritas vieram despertar a attenção do povo Norte Americano, o primeiro homem que pensou em fazer uma investigação séria sobre o assumpto foi o Dr. João W. Edmonds, presidente da Corte Suprema do districto de Nova York. Sua intelligencia observadora, com essa inquebrantavel vontade do homem superior, estudou dois annos consecutivos os phenomenos completamente novos que se offereciam á sua vista, e, havendo confirmado que procediam de uma intelligencia invisivel egual á nossa, seguiu em suas experiencias scientificas até chegar a comprovar cem vezes que aquella intelligencia residia no espaço fóra desta vida, e que era a dos nossos antepassados, a dos seres queridos que nos haviam acompanhado na vida e que suppunhamos perdidos para sempre.

Tal revelação deixou perplexo o honrado magistrado, comprehendendo que tornar publico estes factos, dando a conhecer o resultado das suas investigações, expunha a sua carreira, a seu alvo de invectivas, seria ridi-

cularisado e até tratado como louco pelos mesmos que, confiados na segurança da sua razão e acrisolada honradez do seu proceder, lhe haviam dado o elevado posto que desempenhava de primeiro juiz da Corte Suprema de Justiça.

Porém, como atraioçar a verdade, como faltar aos dictames de uma consciencia pura, como negar seu leal e franco testemunho a quem lho pedia?

Quem era juiz da verdade, arbitro da consciencia e perseguidor do testemunho falso como do encapamento da mentira, não devia, não podia faltar á verdade nem negar o que a sua consciencia lhe assegurava, convertendo-se em falso testemunho em causa commum com a diffamação e a calumnia dos inimigos da verdade.

Um homem honrado tinha de proceder honradamente; e o Dr. Edmonds não trepidou cumprir com o seu dever publicando em *La Tribuna* de Nova York o seu methodo de estudo, as investigações que fez, e o resultado que obteve depois de um maduro exame.

Obrigado a dar mais amplas explicações, escreveu e publicou um livro com o titulo *The American Spirituallism*.

Estas francas e sinceras declarações produziram uma revolução nos povos do norte da livre America, a attenção publica dedicou-se ao estudo, sabendo que os factos attestados pelo Dr. Edmonds poderiam ser um erro mas nunca uma mentira ou fraude.

Ao lado dos que se declaravam em favor da verdade annunciada havia outros que a impugnavam cegamente, e alguns periodicos se fizeram echo dessas impugnações. Um delles foi o *National Intelligencer* de Washington.

Então Mr. N. P. Tallmadge, membro da alta camara do senado e nomeado estadista, escreveu uma carta ao mesmo periodico em que dizia o seguinte: « Onvi fallar ha tempos dos *Knokins de Roche-ter*, porém não lhes dei importancia considerando estas cousas como uma illusão que passaria bem depressa. Permaneci com esta idéa até que a minha attenção foi distrahida pelos ataques dirigidos ao juiz Edmonds por causa das suas crenças nas manifestações spiritas. Conheço o juiz Edmonds ha trinta annos; exercemos juntos funções nas mesmas cortes; o conheci juiz da Camara de Appellações e da Corte Suprema occupando lugar distincto entre os collegas, o considero além disso como um homem perfeitamente instruido, um jurisconsulto de um espirito penetrante, e especialmente dotado de uma rara facilidade de investigação. Sabendo como sei de tudo isto, concluo dizendo que, si dechrou-se crente nas manifestações spiritas, deve haver ao menos nestes phenomenos um serio assumpto de estudo. »

A carta que acabamos de ler está assignada por Tallmadge, isto é, por um homem de solida reputação e que pelas suas respeitaveis aptidões merecen ser eleito governador de Wisconsin.

Eis aqui, senhores, os primeiros escriptos publicos que deviam promover o gran removimento de attenção sobre os phenomenos de uma ordem tão estranha como são os spiritistas.

Ante declarações tão explicitas e testemunhos tão illustrados, muitos se dedicaram a saber por experiencia propria o que havia de verdade ou de erro nos factos.

Entre tantos investigadores apparece o chimico Mapes, professor da Academia Nacional e autor de muitas obras de sciencia. Este sabio, mal prevenido, propoz-se a encontrar a mentira ou illusão dos pretendidos

phenomenos; porém foi ali que, em lugar de dizer o que pensava, descobriu seu proprio erro vendo que havia se enganado, e que os que affirmavam a realidade dos factos, com as circumstancias que os acompanhavam, diziam a verdade. Assim o expoz lealmente, escrevendo: « Os phenomenos do spiritismo nada tem de commum com a casualidade, a superstição ou illusão. »

Outro distincto homem da sciencia propoz-se estudar os mesmos factos, e chegou ás mesmas conclusões dos precedentes. Retiro-me ao chimico também Roberto Here, professor durante trinta annos da Universidade da Pensilvania.

(Continúa)

A PHYSIOLOGIA DE HÆCKEL

E

O SPIRITISMO

HEREDITARIEDADE

(Continuação)

Antes de entrarmos no assumpto, seja-nos licito divagar um pouco para podermos demonstrar os principios racionais, em que assentamos as nos-as conclusões.

Nos entendemos por sciencia universal o conhecimento das cousas firmado em principios.

Chamamos cousas a tudo que foi creado e que abrange e o que se chama Universo.

O Universo é um corpo homogeneo composto de partes innumeraveis, indefinidas; e todas essas partes ou grupos de cousas que compõe o harmonioso todo assentam em bases e tem um principio commum. Mas essas cousas não podem existir por si, porque, sendo umas intelligentes, outras mechanicas, e todas susceptiveis de modificações, de aperfeiçoamento, presuppõem um Creador e este dotado da Suprema Intelligencia.

Logo ellas tem um Creador, e este é Deus, o Ser Infinito; quer dizer que não teve principio e não terá fim.

Deus é Deus, não se difine; a creatura é um ser limitado, e só o infinito póde comprehender o infinito.

O Universo é a prova de sua grandeza, e a Natureza de seu caracter.

Chamamos Natureza a somma de todas as forças ou leis naturaes, que manteen o equilibrio do Universo, desde o infinitamente grande, até o infinitamente pequeno.

Essas forças ou leis naturaes são a causa de todos os phenomenos que affectam os nossos sentidos, e a nossa razão.

Ha pois, duas ordens naturaes de phenomenos, os de ordem physica ou que se referem ás cousas ponderaveis e sensiveis, e os de ordem moral ou a que se referem ás cousas imponderaveis, racionais ou espirituaes.

E, como todas as cousas assentam em principios ou leis naturaes, ha também duas ordens distinctas para regerem uns e outros phenomenos; ao de ordem physica para os phenomenos physicos, e os de ordem moral para as moraes ou espirituaes.

Chamamos espirituaes os phenomenos intelligentes produzidos pelos

espiritos ou forças intelligentes da Natureza, destinadas a manter a ordem e equilibrio do Universo, e physicos a todos os mais.

A força intelligente da Natureza (ou os Espiritos) é preexistente ao corpo, por que é preexistente aos Mundos, e só é inferior a Deus, a tudo mais é superior.

Os Espiritos surgiram directamente de Deus, seu Creador, e d'Elle recebem o ineffavel influxo; foram creados simples e perfectos quanto á forma, e perfectiveis quanto á intelligencia; e assim estão sujeitos ás leis da evolução e do progresso.

Elles tem como arma de seu progresso o Universo, e como prova de sua perfectibilidade a limitação de suas aptidões e a relatividade dos Mundos.

Tudo mais creado, tendo embora a mesma origem, recebe o influxo de sua intelligencia, e o seu progresso lhe é subordinado; queremos dizer, que o progresso de tudo mais é relativo ao dos espiritos, ou força intelligente, porque só a intelligencia raciocina e pode conhecer es-as diversas modificações, só ella é racional e responsavel; todas as outras forças são automaticas, mechanicas e irresponsaveis, embora sejam naturaes e eternas.

Talvez pareçamos ousados, mas entendemos, que Deus creou os espiritos para si, e tudo mais para os espiritos.

As leis naturaes não se veem, sentem-se e conhecem-se por seus effeitos.

Apezar da idéa abstracta que muitos formam dos espiritos ou força intelligente da Natureza, ninguém desconhece os phenomenos intelligentes por ella produzidos, porque todos elles são destinados ao progresso do homem, e devem assim affectar os seus sentidos.

O homem é a união do corpo, do perispírito e da alma, e alma é o espirito encarnado.

De tudo isso depreheende que para conhecer todas as cousas do Universo, destinadas ao progresso do espirito encarnado e desencarnado, é necessario que elle tenha uma vida eterna, e todas as aptidões necessarias a esse conhecimento.

Mas como esse conhecimento fatal e necessario só pode ser gradual e domorado, porque os espiritos como os homens são perfectiveis, e nem uns nem outros podem abranger todas as aptidões de uma intelligencia suprema, tem elles a vida eterna.

Por isso, pois, o irão conseguindo gradualmente na razão do progresso moral e scientifico que forem conseguindo, e para isso tem os espaços, os mundos e as reencarnações.

Nos espaços tem a vida livre das cadêns do corpo, a facil locomoção, a convivencia com os espiritos superiores e a suggestão do proprio Creador.

Nos mundos as reencarnações, o exemplo e a convivencia com os homens moralisados e instruidos, e a suggestão dos espiritos protectores.

(Continúa)

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil. 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda correspondência deve ser dirigida a ALFREDO PEREIRA — Rua da Alfandega n. 342.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Novembro — 15

N. 216

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o
Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz),
o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est. da Bahia), o Sr. Fran-
cisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. Al-
feres Miguel Vieira de Novaes.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Bataira, rua
Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Be-
nedicto José de Souza Junior, rua do Ge-
neral Câmara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de
Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico co-
stam em qualquer que se pague
sempre a 31 de Dezembro.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

**Estando a concluir-se as
assignaturas do corrente an-
no de 1891, solicitamos com
instanciã aos nossos assi-
gnantes em debito a satis-
fazer com toda a brevidade
suas assignaturas.**

Manifestações

A comunicação entre o mundo
espiritual e o mundo material faz-se
constante e perennemente.

Deixando de parte a theoria já bem
desenvolvida e aceita de que os espi-
ritos são impulsadores da materia
inorganica, isto é, que o progresso
do espirito se realiza gradualmente
passando este pelo mineral, pelo ve-
getal e pelo animal desde a classe in-
ferior até o homem, deixando mesmo
a alta noção do progresso indefinido
ascendendo pelas multiplex existencias
a outros tantos mundos de cathe-
gorias sempre superiores; reflectamos
n'aquillo que mais de perto podemos

apreciar — a comunicação neste
planeta entre encarnados e desencar-
nados.

Essa comunicação deve ter exis-
tido sempre mas tendo expontanea-
mente se declarado com o appareci-
mento do moderno Spiritismo, é hoje
procurada e provocada.

Aquelles que se dedicam ao estudo
criterioso da doutrina, que já reco-
lheram provas irrefragaveis da mani-
festaçã dos espiritos, sabem bella-
mente por quantos meios podem dar-
se taes manifestações. Entre estes
mesmos, porem, muitos ha que, não
tendo em suas experiencias obtido o
menor indicio de mediumnidade, jul-
gam-se isentos dessa participaçã, as-
sim como julgam os que não acredi-
tam nos espiritos.

E' isto um formal engano.

A mediumnidade é uma lei natural,
e ninguem pode ser desherdado das
leis que regem a natureza, podendo-se
por isso asseverar que do mesmo
modo que ninguem entra na vida cor-
porea sem absorver ar atmosferico,
assim tambem mortal algum deixa de
estar em relação com os espiritos
embora invisiveis e sem demonstra-
ções ostensivas.

O que escapa á penetração, por isso
que são factos de ordem physiologica
e psychica, é o principio ou a lei que
os determinam, assim como escapa a
nós mesmos o grão de influencia que
exercemos uns sobre outros.

Lembre-mos de que a historia de
todos os povos e principalmente a
sagrada está repleta de factos que
revelam a comunicação de espiritos
com individuos que nunca cogitaram
em evocal-os.

Lembre-mos de que os recentes
estudos sobre o magnetismo e o hyp-
notismo puzeeram bem patente a
realidade da suggestão ainda mesmo
estando o paciente em estado de vigi-
lia, e de que, si a energia do pensa-
mento pode actuar de encarnado para
encarnado, por que não de desencar-
nado para encarnado e vice-versa?

Lembre-mos, emfim, de que em
certos actos particulares de nossa
vida intima, obremos algumas vezes
inteiramente em contrario do que
tencionavamos, e quicã em opposiçã
aos nossos habitos e plano de con-
ducta, o que demonstra a intervençã
de uma intelligencia estranha.

Não entram em relação com os
espiritos somente os mediums reco-
nhcidos como taes; em geral todos
são mediums inconscientemente, mas
cada um de nós obedece a uma
contigencia determinada pelo proce-
dimento anterior, e não podemos ter
esta ou aquella faculdade media-
nima, do mesmo modo por que não
depende da nossa vontade possuir
riqueza, intelligencia, saude perfeita,
etc, etc.

Por esta razão existem os diffe-
rentes grãos de communicabilidade e
manifestações espirituas, desde a
mais ostensiva e palpavel até a que
passa desapercibida.

Acreditar o contrario seria negar
a harmonia estabelecida nas leis da
sympathia e antipathia. attracção e
repulsão, amor e odio.

Sim, aquelle, qualquer que seja a
sua crença, que em momento de an-
gustia, lembrar-se com amor e sau-
dade de um ente desprendido já desta
terra, faz, sem o querer, uma evoca-
ção, e quantas vezes essa evocação ta-
cita não é coroada de feliz consolação
prestada por intuição?

Sim, aquelle, que durante o somno
tem sonhos que depois mal sabe ex-
plicar, mas que deixaram sensação es-
tranha, teve sem duvida manifesta-
ções ou sonhos de espiritos amigos

Sim, todos temos a nosso lado um
espirito mais adiantado, um protector,
um guia, que se manifesta pela con-
sciencia, alem dos espiritos que nos
cercam attrahidos pelas nossas boas
ou mais paixões, e com os quaes
mutuamente manifestamos e trocamos
os nossos sentimentos.

Sim, a comunicação entre o mun-
do espirital e o mundo material faz-
se constante e perennemente.

Aos spiritas

Lançada a idéa de solicitar-se de
todos os confrades o seu concurso
para a obra de dar fixidez á Fede-
ração Spiritica Brasileira, com a acqui-
sição de um predio onde definitiva-
mente se installassem todos os servi-
ços referentes á propaganda, teve ella
acquiescencia sincera e veraz em to-
dos os Estados da União. Bem que a
solicitude para efficaz cooperação de
tal idéa ainda não correspondesse tão
completamente quanto fôra para de-

sejar aos votos de nós todos, são com-
tado motivo de animação as palavras
do apoio e acquiescencia a que acima
nos havemos referido. Enche-nos isto
de esperanza para julgarmos que em
prazo breve estará coberta toda a
cifra dos quinhões. Em todo caso,
como faz-se mister que empreguemos
toda actividade neste empenho, como
ainda está o povo sequioso de uma sã
leitura que lhe abra os olhos d'alma,
começaremos a receber desde o mez
de Janeiro a primeira prestação
de 20% dos quinhões até agora sub-
scriptos.

Solicitamos, pois, dos nossos ami-
gos, quer da Capital quer dos Esta-
dos, a satisfação de seus compro-
missos. Para isto estará sempre das
5 horas da tarde em diante o thesou-
reiro da Federação ao dispor dos Srs.
contribuintes.

NOTICIARIO

Après la mort — Chegaram-nos
de Tours os exemplares desta notavel
obra, que desde muito esperavamos.

Solicitamos áquelles dos nossos con-
frades que nos encomendaram exem-
plares o obsequio de novamente se ac-
cusarem, afim de darmos cumprimento
às suas ordens. Os pedidos devem ser
endereçados a Alfredo Pereira, rua da
Alfandega 342.

Cademos cada exemplar pelo preço
de 2\$500, que poderá ser remettido
em vale postal, alem da despesa do
correio.

Escriptura directa — Esta
especie de phenomeno transcendental
começa já a apresentar-se em nossos
centros.

Diz a « Fraternidade » de Buenos
Ayres que na agrupação spiritica que
dirige em Paysandú nosso correfe-
gionario o Sr. Guggini, a escriptura
directa por meio de louzas foi ob-
tida á plena luz do dia e nas con-
dições da mais rigorosa investigação,
tomando-se todas as precauções neces-
sarias para não soffrer erro, engano
nem mystificação.

Outro phenomeno que, com cer-
teza fará saltar a materialistas
e fanaticos.

Diz o *Banner of Light*:

Um photographo foi chamado para
tomar a vista da casa de M. Bates,
chefe de pòsta de East Thompeon.
Este sanhor fazia-se retratar diante
da asa com a sua esposa entada em
umacadeira e elle tendo um cavallo
pela redea.

Imagine-se a surpresa de todos,
quando ao examinar a photographia
acharam retratada n'uma janella do

primeiro andar a mãe do Sr. Bates em posição de observar o caminho, como tinha costume de fazer em vida.

Assevera o Sr. Bates que nenhuma pintura de sua mãe existia naquella quarto da casa e todos reconheceram a perfeita similitude do retrato com a dita senhora.

O facto produziu grande sensação em toda a vizinhança, tendo de advertir que nem o Sr. Bates nem a sua família conhecem o spiritismo.

Um testemunho — Nosso confrade a quem foi dirigida a carta infra, conhecendo o valor dos factos referidos por extenso, e com especificação dos nomes das pessoas a que se referem, solicitou do nosso amigo, Sr. Luciano Reis, que transmittisse ao papel a narração que na intimidade lhe fizera, e permitisse a sua publicação. Eis o motivo por que, não desejando desfigurar a narração, transcrevemos *ipsis verbis* a carta seguinte:

Capital Federal, 13 de Fevereiro de 1892.

Amigo e Sr. Dr. Dias da Cruz. — Satisfazendo o pedido de V. S., apress-me em communicar-lhe o seguinte facto, passado entre testemunhas insuspeitas, por adversas a nossa philosophia.

Em dias do mez passado, conversando eu casualmente sobre pontos da nossa doutrina com o meu amigo e collega Trancido de Vasconcellos, alheio e adverso aos ensinamentos spiritistas, podia dizer até refractario aos mesmos, emprazou-me elle para que lhe dissesse o nome da pessoa em que pensava no momento. Relutei a principio em prestar-me a uma tal ou qual especie de nigromancia, contraria até aos intuitos do nosso credo; mas cedi afinal, por ver que a sua pergunta era antes dictada por vehemente desejo de esclarecer-se do que por mera curiosidade de um espirito desoccupado.

Pedi-lhe que se afastasse de mim para tirar-lhe a *tangente* de escapula dos materialistas da tal corrente nuda da suggestão mental, e evoquei o proprio espirito em que elle pensava. Depois de duas tentativas infructiferas, em que escrevi o nome *Angelo*, apresentou-se-me Augusto, seu irmão, narrando todas as occorências do seu fallecimento, ha bastantes annos, e, o que é mais, as circumstancias, em que o meu interrogante ficara nos Estados Unidos ao receber a noticia do dito fallecimento. O assombro do meu collega interrogante foi indescritivel, e actualmente elle é quasi um spiritista convencido.

Escusado é dizer, como pôde testemunhar o meu collega, que nenhuma das circumstancias alludidas me era conhecida, nem dellas podia ter ao menos a mais leve noticia, porquanto conheço este collega de pouco tempo, e nunca conheci membro algum de sua familia.

Como este, outros factos interessantes tenho obtido, no meio de alguns insuccessos, principalmente quando procuro communicações reccitistas.

De V. S. am°
LUCIANO REIS.

Esta fiel transcripção da carta dispensa-nos de qualquer commentario.

Thereza Urraca — Refere a *Illustración Espirita* do Mexico que é tal a affluencia de doentes e visitantes a Cabora e tanta a correspondencia que recebe o pae da eminente medium Thereza, que tem precisado estabelecer uma officina especial para permittir ao Sr. Urraca entender-se em seus negocios particulares, no entanto que sua filha não escansa dia e noite de curar doentes.

Experiencia consoladora.

— « Eu lia em voz alta a uma amiga um poema; era extenso e enquanto eu lia, senti a presença do espirito de uma filha de minha amiga. Parecia estar em pé á minha esquerda com uma mão sobre o meu hombro e eu comprehendia que ella ouvia a minha voz. Não suspeitando a leitura, mas resolvi contar á mãe o que acontecia, depois que terminasse.

Quando ao fim olhei para a senhora, fiquei sorprendido de ver o seu rosto radiante com uma viva luz de alegria derramando lagrimas que corriam pelas suas faces e fitando-me com interesse e sem esperar que eu tivesse tempo de lhe fallar, disse-me: Oh! meu amigo, durante a leitura via a minha doce filha á sua esquerda, dar-lhe um beijo na fronte e olhando para mim, dizia-me: « Minha mãe, ouça o poema.

A percepção do texto foi para mim muito mais completa do que outras vezes; senti a presença, o contacto da mão e o pensamento, mas não tive consciencia do beijo. Muitas destas experiencias tem sido para mim manancial de intima alegria.

Para os que pensam ligeiramente, isto deve ter pouca importancia, mas para outros tem o peso de uma verdade inspiradora da alma.

Tal é o facto referido pela propria pessoa com quem se deu.

Le Messenger de Liège traz a seguinte narração verdadeiramente notavel.

A Sra. Abnès refere que sua mãe, sendo moça estava empregada n'um hotel de Undenheino (Palatinado) e que achando-se n'uma noite de serviço, porque os donos tinham-se retirado para dormir, viu, estando em companhia do creado, entrar um mendigo pedindo que o deixasse passar a noite num canto qualquer. Como os donos nunca admitiam mendigos, foi despedido. Mas no momento em que iam fechar a porta, o mendigo apresentou-se de novo dizendo que não o queriam receber em nenhuma parte, e tanto supplicou, que a senhora e o moço resolveram deixal-o deitar-se sobre um pouco de palha, recommendando-lhe que se acordasse ás tres horas da manhã e fosse embora para que os donos não soubessem nada.

A essa hora, tanto a senhora como o moço abandonaram suas camas para ver si o mendigo tinha partido.

Mas qual não foi a surpresa de ambos descobrindo que se achavam em presença de um cadaver!

Para não serem despedidos tomaram o morto e o levaram fóra da casa por uma porta que dava para um caminho.

O cadaver foi encontrado e enterado pela autoridade, sem que nunca se suspeitasse o que tinha acontecido, acreditando-se que o mendigo morrera no lugar onde foi achado.

Mas na noite seguinte a senhora acordou-se opprimida por alguma coisa extraordinaria e viu com espanto o mendigo diante della, que depois de ameaçal-a desapareceu.

O criado veio muito cedo e disse á senhora que o mendigo tinha-se-lhe apresentado.

Durante algum tempo todas as noites apresentava-se da mesma maneira aos dois, que receberam tão grandes e tantas impressões que aloceram.

Por fim consultaram o caso com o pastor do povo, que lhes disse que quando foram ao mercado de Mayence se apresentassem no Convento de Franciscanos e fallassem com o padre José que lhes indicaria o que deviam fazer.

Assim o fez o moço, e o padre recommendou-lhe que tivesse coragem e quando o mendigo se apresentasse-lhe dissesse tres vezes: « Todos os bons espiritos voam a Deus. Agora o que queres? »

A noite seguinte, como de costume appareceu o mendigo, e o moço armando-se de coragem, fez como o franciscano tinha-lhe indicado.

Então o mendigo respondeu: « Vos sois filhos da misericordia, mas eu estou condemnado.

Encontrareis debaixo da palha algum dinheiro que me pertencia mas que hoje é vosso »

Dito isto desapareceu e não voltou mais.

E com effeito, escondida entre a palha encontrou-se uma meia que continha cem florins. Desta quantidade fizeram-se tres partes: uma para o convento do padre José, outra para a Igreja Lutherana e outra para a igreja reformada do mesmo povo.

A Luz de Curitiba transcreve o artigo que publicamos sob o titulo — *Queremos mais factos* — da lavra do nosso correligionario A. Alexandre.

A Verdade e Luz de S. Paulo, noticiando o commettimento da Federação Spiritica Brasileira no intento de adquirir um predio por meio de emprestimo, faz a seguinte consideração:

« Cremos que, reconhecidos os relevantes serviços que á propaganda tem prestado a Federação, não haverá um unico spiritista sincero que deixe de, directa ou indirectamente, concorrer com os seus esforços para a realisação de tão momentoso como util projecto. »

COMUNICAÇÕES

I

« Este povo honra-me com os labios, mas em verdade o seu coração está longe de mim! »

Palavras dirigidas por Jesus ao povo ingrato que o acompanhava, e que hoje, por mal desta triste humanidade, ainda pôde ter a mesma applicação.

Ter o coração perto de Jesus, filhos, é ter o vosso espirito voltado constantemente para as cousas divinas procedendo em todos os actos de accôrdo com os seus ensinamentos.

Ter o coração perto do Divino Mestre, amigos, é amara Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos.

Ora, para amar ao proximo é preciso fazer por elle todos os bens possiveis, cercal-o de todos os cuidados do verdadeiro amor, como desejais que assim por vós façam aquelles que vos acompanham no escabroso caminho da existencia.

Amar ao proximo, amigos, é ter para com elle não a injuria que mortifica a flor dos sentimentos da alma, mas a palavra do Evangelho que vivifica os sagrados ornamentos do espirito, apparelhados por Jesus no seio dos seus irmãos da terra!

Filhos! Amae e amae muito! Honrai ao vosso Mestre, ao vosso Guia, para que o vosso espirito se approxime d'elle, — não pelos labios como quasi sempre, — e sim pelo coração.

Deus vos abençoe, e Jesus o Bemdito Pastor encaminhe vossos passos vacillantes para o seu redil, isto é, para o seu glorioso Reino.

A.

II

Bemdito seja o Senhor que nos anima nas jornadas da existencia, permittindo que a voz de João clame e não cesse no intimo da consciencia, afim de não repellirmos sua luz e cahirmos no barranco das paixões do mundo como cegos e forasteiros sem guia!

Filhos! João fallando a seus discipulos disse: « Eu na verdade vos baptizo em agua, mas depois de mim virá um outro que nos baptisará em espirito, e a que eu não sou digno de desatar as correias dos sapatos. »

Pois bem, filhos, hoje que já conheceis de quem fallava o precursor; hoje que tendes em vossas mãos o seu amor que é a sua doutrina, a sua graça que é a revelação das revelações, procurae baptisar-vos em espirito, isto é, lavar-vos de todas as impurezas do mundo no limpo e claro Jordão do seu Evangelho, onde se reflecte a todos os momentos a imagem da vossa consciencia.

Baptisai-vos, filhos, e subi á culminancia do vosso Calvario, ouvindo sempre a voz de João que brada nos desertos da vossa alma pedindo-vos penitencia! Baptisae-vos! E procurae saber, no carcere da vossa materia, dar a gloria a Deus no momento feliz da vossa liberdade.

E.

III

« Sois vós quem vos julgais, eu não vos julgo. »

Assim fallava o Divino Mestre ás turbas pharisaicas provocando as sensações agudas da consciencia, essa voz grave e severa que se faz sentir no intimo das almas desde, a mais covarde, grosseira e falsaria, até a pura, santa, e elevada!

Felizes aquelles que não amortalham na covardia do character, na grosseria dos vicios deste mundo, na falsidade da crença, essa filha dilecta da Misericordia do Altissimo, constituindo-se assim em falsos prophetas, profanadores dos tabernaculos da fé e do sacrario da verdade!

Amigos! não tendes o direito de fugirdes á consciencia dos vossos actos sem quebra dos principios que dizeis acceitar; não tendes o direito de vos julgardes isentos de culpa desde que a misericordia de Deus se manifesta por intermedio dos seus emissarios, chamando-vos ao cumprimento do dever.

Tomae por norma do vosso proceder aquillo que estudaes, para não virdes a ser classificados no numero dos charlatães hypocritas, adoradores de Tártaro, e apedrejadores do Templo de Jesus.

Que a paz fique convosco, e o Senhor illumine o vosso entendimento, para que a Graça que vos é concedida não venha a ser, ao contrario do que deve, motivo de magoas e remorsos do futuro.

J.

MISCELLANEA

o Spiritismo como sciencia

POR

SAENS CORTÈS

Como o seu collega o professor Mapes, impugnou e combateu a crença spiritica, querendo ao mesmo tempo examinar com seus olhos o que não acreditava, e o resultado foi mudar completamente de opinião retratando-se perante um publico de 3.000 pessoas ao fazer um discurso no Tabernaculo de Nova York em Novembro de 1853.

Mais ainda: escreveu um livro em favor dos factos, tendo por titulo *Experimental investigation of the spirit manifestations*.

Temos, pois, tres pessoas de provada illustração, e cuja palavra é acreditada e não discutida, quando se trata de factos, temos tres relatorios autorisados de factos identicos com centenaes de experiencias e provas sobre o mesmo assumpto; e, ante a palavra que não sahe de labios supersticiosos ou fanaticos, ante o testemunho honrado que não parte de charlatães nem de interessados pela mentira, e ante a séria garantia que offerecem tres intelligencias acostumadas ao estudo e a não preoccuparem-se com contos e fabulas populares, os homens de boa vontade devem se sentir attrahidos, sinão a crer, ao menos a estudar o que parece encerrar a solução de grandes problemas de immenso interesse para a humanidade.

Assim fizeram Roberto Dale Owen e Roberto Chambers, ambos intelligencias preparadas e com credito publico bem assentado.

O primeiro foi ministro dos Estados Unidos em Napoles e o segundo um escriptor distincto director de um periodico scientifico o Norte da America. Ambos se entenderam para dar principio ás suas investigações e rodearam-se das maiores precauções para não serem enganados.

Idealisaramapparelhos de precisão para comprovar a mysteriosa força intelligente, e procederam com perfeita exactidão para chegarem á conclusões positivas.

Seu objectivo foi satisfeito, chegando a formar a mais profunda convicção de que os phenomenos spiritus eram uma verdade indiscutivel. Dale Owen publicou os seus trabalhos em diversos livros tendo um delles por titulo *Terreno Debatible*.

O interesse ia se despertando por entre os homens da sciencia, e um intelligencia acreditada com o titulo de professor de phisiologia e antropologia do Collegio de Medicina Ecclesiastica, um homem com as suas faculdades bem seguras, quiz tambem averiguar a verdade por si mesmo. Fallo do Dr. J. R. Buchanan, o que depois de estudar detidamente o phe-

nomeno, depois de consagrar seus estudos e conhecimentos especiaes de medicina para saber se tratava-se de uma rara allucinação, assegurou, debaixo da sua palavra e com os meios de investigação á vista, que havia encontrado um facto novo — uma verdade que se provava por si mesma.

O illustrado medico dedicou-se á propaganda e defesa das suas affirmativas escrevendo em periodicos e revistas, e fazendo conferencias como a que celebrou em 31 de Março de 79 em Boston no *Parkier Memorial Hall*.

Ao mesmo tempo outro homem de importancia no mundo do saber dedicou-se ás mesmas averiguações.

Foi Mr. O' Sullivan entendido diplomatico que representou seu governo como ministro em Portugal.

Sem idéa preconcebida emprehen- den seus estudos associando-se ao physico Conde de Bulles e outras pessoas não menos instruidas

O systema scientifico que usou em todos os seus processos, os esforços que fez para patentear o erro ou a verdade, e as notaveis manifestações de irresistivel evidencia que obteve, se encontram relatadas com abundancia de detalhes e demonstrações graficas em sua conferencia inserta na *Spiritual Institution* de Agosto de 81, que foi publicada e reproduzida pela imprensa spirita de todas as partes.

Varios professores da Universidade de Aarward assignaram um manifesto affirmando que o phenomeno spirita era um facto que tinham comprovado.

Esse manifesto tem a data de 5 de Fevereiro de 1852 e firmado por: Wyrant, B. H. Bliss, W. Edwards, David, A. Wells, todos homens de reconhecida competencia e illustração, pois não se comprehende que fossem imbecis, loucos ou fanaticos ridiculos, cinco professores de sciencia de uma universidade como a de Harvard.

circularam pela imprensa, além de folhetos e outras publicações como as de Edmunds, Hare, Buchanan, e os de uma porção de outros homens não menos dignos embora não trazendo um titulo scientifico.

(Continúa)

são muito raros, sobretudo nas pessoas que são hypnotisadas pela primeira vez; e por isso julgamos desnecessario insistir n'este ponto.

Quando somente a applicação de uma das mãos entre as omoplatas produz immediatamente os dous phenomenos de « sensação de calor e de attracção para traz », o operador pôde regosijar-se porque acha-se em presença de um verdadeiro « passivo », que o satisfará cabalmente em uma serie completa de experiencias. Infelizmente esses resultados não são obtidos em começo, sinão sobre um numero muito limitado de individuos, isto é, sobre aquelles que classificaremos na categoria dos «mu to sensiveis». Volteos, pois, á experiencia, no ponto em que a deixamos, isto é, na occasião em que o hypnotisador applica a mão direita entre as espaldas d'aquelle que quer se prestar a suas experiencias.

Si, depois de uma ligeira compressão sobre a base do pescoço, o paciente accusar uma fraca sensação de calor, o operador deve recorrer ás duas mãos para activar a invasão do fluido magnetico. Para esse fim reunirá os dous pollegares sobre uma das primeiras vertebrae dorsaes ao mesmo tempo que apoiará sobre as duas omoplatas as mãos abertas. Logo depois, conservando firmes os pollegares e as bases das palmas das mãos, fará, valendo-se dos dedos que ficam livres, um rapido movimento de titilação sobre os musculos que cobrem as omoplatas.

No fim de alguns instantes, si o paciente é simplesmente sensivel, o calor que experimentava a principio, invadirá toda a região dorsal e lombar; e elle se voltará instinctivamente, convencido de que o hypnotisador tenta arrastal-o violentamente para traz. E' esta uma illusão que se produz constantemente; mas veremos, em breve, que, em relação ás experiencias

A PHYSIOLOGIA DE HÆCKEL

E

O SPIRITISMO

HEREDITARIEDADE

(Continuação)

A reencarnação portanto é a lei do progresso do homem, é uma lei natural.

Se ella não haveria progresso na Terra, ou ficaria uma grande parte da humanidade sem visos de progresso, e nós forçados a aceitar que uma lei natural não abrange o todo que rege, o que é um absurdo.

Os espiritos tem a liberdade de seus actos e a responsabilidade delles.

Isso prova a sua racionalidade, porque só erra quem raciocina sobre a escolha do bem e do mal.

Bem é tudo que nos leva a Deus pelas leis naturaes, e mal é todo desvio, toda offensa a essas leis, quer com relação ao todo, quer com relação a cada individuo.

Concede-se e admite-se mesmo que haja espiritos que nunca tivessem passado pelo castigo das encarnações mundanas: os obedientes e humildes, os trabalhadores e honrados, e que esses sejam os Christos, os Governadores dos Mundos, os Mediums do Creador; e que outros passem por ellas como expiação de suas faltas; os desobedientes e preguiçosos, os altivos e orgulhosos; e que esses sejam os governados, os mediums dos espiritos, sejamos nós e os habitantes de todos os mundos.

Sendo os Mundos partes do Universo, e este composto de membros admittê-se que haja Mundos mais adiantados e menos adiantados, e que são elles a escala gradativa da perfectibilidade humana, dos espiritos encarnados.

O Christo, nosso Redemptor, disse: « na casa do meu Pae ha muitas mor-

propriamente ditas, a attracção para traz se produz sem especie alguma de contacto entre o hypnotisador e o paciente.

Muitas vezes a hypnotisação se manifesta por phenomeno de um outro genero: ora o paciente experimenta um formigamento muito pronunciado nas costas, nos braços e mesmo nos membros inferiores, sobre tudo nas barrigas das pernas, ora estas ultimas tremem de modo violento. Mas seja qual for o modo sob o qual se manifesta a invasão do fluido magnetico; sensação de calor, formigamentos ou tremores, o resultado definitivo é o mesmo; o operador descobria um bom paciente.

Pelo contrario, deve renunciar a esta alegria, si depois de ter experimentado durante cinco minutos os processos que acabamos de descrever, a pessoas que se submette a estas experiencias não experimentar symptoma algum d'entre os que enumeramos. Tal individuo deve ser classificado na categoria dos retractorios, ainda que, segundo a nossa humilde opinião, se possa conseguir hypnotisar, com tempo e perseverança, as pessoas mais rebeldes, em apparencia, á acção hypnotica.

Eis, pois, o hypnotisador em presença de um paciente sensivel ou muito sensivel. Elle poderia desde logo encetar com bom exito a maior parte das experiencias. Mas, afim de que estas sejam mais seguras e possa evitar qualquer mallogro, será bom vencer a resistencia dos membros inferiores, como já venceu a da parte superior do corpo. Para isso elle deve tentar a flexão dos joelhos do paciente.

FLEXÃO DOS JOELHOS. — O paciente conservando-se sempre em posição vertical, o hypnotisador applicalle a mão direita ao nível das ultimas vertebrae lombares, o pollegar á esquerda da columna verte-

radas », e as suas palavras são verdadeiras.

Estabelecidos esses principios racionais, que de boa vontade aceitamos, e que formam a nossa inquebrantavel convicção, occupemo-nos da Terra e do homem terrestre.

A Terra que habitamos não é com certeza um dos Mundos mais adeantados, isso prova o nosso pesado corpo, a nossa difficil locomoção, a deficiencia de nossos orgãos para as manifestações da intelligencia etc, por isso o nosso circulo deve ser relativamente acanhado.

Para conhecer as cousas que cahem no dominio das nossas percepções physicas ou racionais são precisas aptidões especiaes, e nenhum homem as pode abranger todas, mas todas existem divididas pela communhão. São essas aptidões que formam o caracter nos individuos, porque são ellas a sua vocação natural, isto é, a vontade que traz o espirito que encarna de progredir n'esse ou n'aquelle ramo de actividade em proveito proprio e geral. E' dessas aptidões que sahem todos os conhecimentos scientificos, todas as grandes descobertas, todas as artes, todo o desenvolvimento, emfim, em todas os ramos da actividade humana auxiliada pelo meio.

No desvio dessa vocação encontram origem os erros na sua totalidade, e as descalidas de todos os sabios, porque, mesmo aquelles individuos que trazem a inclinação natural do mal, é porque são victimas de erros anteriores.

Este facto que notamos, todos os que acima notámos e outros que nosentam na preexistencia do espirito, por isso só podem ser explicados pela sciencia que se occupa do descobrimento das leis que os regem.

A sciencia já o dissemos é o conhecimento das cousas que compõem o Universo, fundado em principios. E

bral o, resto da mão á direita. Tratando-se de uma senhora a operação é um pouco mais delicada, sinão mais difficil, por causa do collete etc, etc.

Todavia aconselhamos, nesse caso, que se applique com bastante força a mão sobre qualquer parte da região lombar, mas se a se afastar da linha media e dos principios geraes que recommendamos com relação ao homem; e o resultado será, ainda assim, satisfactorio.

Tendo o operador applicado a mão direita (ou a esquerda, segundo mais lhe convier) sobre as vertebrae lombares collocará a outra, aberta e com os dedos afastados, em frente dos joelhos, a uma distancia de dez a quinze centimetros. Com a que elle conserva na região lombar, fará uma titilação sobre os musculos correspondentes, ao mesmo tempo que aproximará lentamente, os dedos da outra mão do centro da mesma, como quem a quer fechar, mas sem chegar até o contacto; e logo depois os estenderá de novo. O movimento de flexão dos dedos deve ser feito como si o operador quizesse attrahir, para a sua mão os joelhos do paciente. Renovará esta gymnastica de dedos até o momento em que o paciente, convidado a ficar firme, experimente formigamentos nas pernas, erga-se insensivelmente nas pontas dos pés e acabe, apezar de sua resistencia tenaz, cahindo bruscamente de joelhos.

Esta queda é algumas vezes tão rapida que o hypnotisador deve estar muito attento para reter o paciente e evitar que o choque seja muito violento.

Quando a operação tem lugar sobre individuos de uma sensibilidade um pouco superior á media, empregamos um processo menos fatigante para obter a flexão dos joelhos.

(Continúa)

FOLHETIM

3

DR. GÉRARD

GUIA DO HYPNOTISADOR

Tradução de ***

SOBRE O MODO DE EXPERIMENTAR OS PACIENTES

IMPOSIÇÃO DAS MÃOS. — O operador aproxima-se do paciente, cuja sensibilidade quer experimentar e applica-lhe entre as duas espaldas a mão direita largamente aberta, de maneira que o pollegar fique á esquerda da columna vertebral, ao mesmo tempo que a palma da mão e os outros quatro dedos occupam a direita, o mais perto possivel da base do pescoço. Faz logo em seguida uma pressão, não muito forte, e espera. A's vezes, no fim de alguns segundos, o paciente experimenta uma forte sensação de calor no lugar occupado pela mão do hypnotisador, e esta sensação se propaga rapidamente, invadindo successivamente toda a região dorsal e lombar. Ao mesmo tempo elle sente-se violentamente arrastado para traz, e, si não fosse retido pela mão do operador, andaria immediatamente de costas, podendo mesmo cahir a fio comprido. Em certos casos e quando se opera sobre pessoas de uma extrema sensibilidade, (sob o ponto de vista hypnotico, bem entendendo) ou já muito affeitas á actuação, a imposição da mão é bastante para produzir uma catalepsia geral que, nos apressamos em dizer, sem apresentar o menor perigo, cede a um forte sopro no rosto. Mas estes casos

como o Universo compõe-se de muitos membros, e cada um destes membros de muitas causas, a sciencia é tambem um corpo homogêneo composto de muitas partes e cada uma destas destinada ao estudo de cada grupo.

Expliquem, pois, as mathematicas as propriedades da grandeza em abstracto ou applicada.

A Physica os phenomenos naturaes, as propriedades dos corpos e as leis que as modificam.

A Chimica a composição dos corpos.

A Physiologia os phenomenos da vida e funcções dos órgãos dos animaes e vegetaes etc, etc, e tudo isso sem choque, sem conflito de jurisdicção.

E deixem as sciencias racionais que tambem são naturaes e positivas explicarem os phenomenos da intelligencia, os phenomenos do espirito, porque só ellas o podem fazer.

Nós sabemos que produzirá hilari-
dade aos adeptos das sciencias exactas o dizermos que os phenomenos espirituales já cahiram no dominio da experiencia e observação, porque isso importa asseverar que a Metaphysica já figura no Catalogo das Sciencias Positivas, mas não nos assusta a mofa: temos a convicção de nossas idéas, que entretanto não chamamos infalliveis, e de que não dizemos nenhum paradoxo, nenhum absurdo, como procuramos demonstrar.

Antes de tudo dizemos o que entendemos por sciencias exactas e positivas aquellas que explicam os effeitos com pleno conhecimento das causas, e que não admittimos effeito sem causa.

Metaphysica é a parte da sciencia a se abstracção, como a theologia a que trata de Deus e suas relações.

Pois bem, essas duas partes assumiram hoje a proporção gigantesca de um todo homogêneo e se denomina — Philosophia spirita ou Spiritismo.

A Philosophia Spirita fundada nos principios immutaveis da existencia de Deus e da immortalidade d'alma, tem por fim estudar todos os phenomenos psychologicos, assentados em leis naturaes, retirar-lhes o maravilhoso de que as revestia a ignorancia e trazer-os á ordem dos factos naturaes.

E isso faz com a mesma precisão que as mathematicas as propriedades da grandeza, — a Geologia a estratificação da terra, — e a Physiologia a organização dos seres e as funcções dos órgãos etc, etc.

O Spiritismo portanto é a sciencia destinada a trazer a luz sobre todos os phenomenos espirituales que tem permanecido em completa escuridão até hoje, a resolver o problema sobre a eternidade de nossa vida, da solidariedade dos mundos e dos espaços, da lei de certos fluidos que nos envolvem; a explicar o nascimento, vida e morte de Nosso Senhor Jesus Christo, a virgindade de Maria, a retirar o véo da letra de certos textos evangelicos, a nos explicar a reencarnação, o perispirito, e finalmente todos os phenomenos referentes á nossa individualidade moral.

(Continúa)

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPIRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTALES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENÇAS E NEGAÇÕES

VII. — O Materialismo.

(Continuação)

Ella torna-se esta substancia etherea que enche o espaço, de tal sorte tenne que se a tomaria pelo vacuo absoluto, si a luz, atravessando-a, não a fizesse vibrar. Os mundos banham-se em suas ondas, como nas de um mar fluido.

Assim, de grau em grau, perde-se a materia em uma pceira invisivel. Tudo se resume em força e em movimento.

Os corpos, organicos ou inorganicos, diz-nos a sciencia, mineraes, vegetaes, animaes, homens, mundos, astros, mais não são do que aggregações de moleculas, e taes moleculas são a seu turno compostas de atomos separados uns dos outros em um estado de movimento constante e de renovamento perpetuo.

O atomo é invisivel, mesmo com o auxilio dos mais poderosos augmentos. Elle apenas pode ser concebido pelo pensamento, de tal sorte extrema é sua pequenez (1). E estas moleculas, estes atomos, agitam-se, movem-se, circulam, evoluem em turbilhões incessantes, no meio dos quaes a forma dos corpos só se mantem em virtude da lei da attracção.

Pode-se, pois, dizer que o mundo é composto de atomos invisiveis, regidos por forças immateriaes. A materia, examinada de perto, esvae-se realidade apparente, e base alguma de certeza nos pôde offerecer. Realidade permanente, certeza, só ha no espirito. Unicamente a elle é que o Mundo se revela em sua unidade viva e em seu eterno esplendor. Unicamente elle é que pode apreciar e comprehender sua harmonia. E' no espirito que o Universo se conhece, se reflecte, se possui.

O espirito é mais ainda. E' a força occulta, a vontade que governa e dirige a materia — *Mens agitat molem*, e lhe dá vida. Todas as moleculas, todos os atomos, temol-o dito, agitam-se, renovam-se incessantemente. O corpo humano é como uma torrente vital, onde as aguas succedem ás aguas. Cada particula roubada á circulação é substituida por outras particulas. O proprio cerebro está submettido a estas mudanças, e nosso corpo inteiro renova-se em alguns mezes.

E', pois, inexacto dizer que o cerebro produz o pensamento. Elle é só seu instrumento. Atravez das modificações perpetuas da carne, mantem-se nossa personalidade e, com ella, nossa memoria e nossa vontade. Ha no ser humano uma força intelligente e consciente que regula o movimento harmonico dos atomos materiaes conforme as necessidades da existencia, um principio que domina a materia e lhe sobrevive.

O mesmo succede com o conjunto das cousas. O mundo material não é

(1) A sciencia calculou que um milimetro cubico de ar respiravel encerra cinco milhões de atomos. Uma cabeça de alfinete pôde conter oito sextilhões, isto é, oito milhares de milhares.

sinão o aspecto exterior, a apparencia mobil, a manifestação de uma realidade substancial e espiritual que se acha dentro delle. Assim como o eu humano não está na materia variavel mas no espirito, assim o eu do universo não está no conjunto dos glóboes e dos astros que o compõe, mas na Vontade occulta, na Potencia invisivel e immaterial que dirige suas molas secretas e regula sua evolução.

A sciencia materialista só vê um lado das cousas. Em sua impotencia para determinar as leis do universo e da vida, depois de haver proscripto a hypothese, é obrigada, ella tambem, a sahir da sensação, da experiencia, e a recorrer á hypothese para dar uma explicação das leis naturaes. E' o que ella faz tomando por base do mundo physico o atomo, que não cabe debaixo dos sentidos.

J. Soury, um dos mais autorizados escriptores materialistas, não hesita em confessar esta contradição em sua analyse dos trabalhos de Haeckel: « Nada podemos conhecer, diz elle, da constituição da materia ».

Si o mundo só fosse um composto de materia governado pela força cega, isto é, pelo acaso, não se veria esta successão regular, continua, dos mesmos phenomenos produzirem-se segundo uma ordem estabelecida; não se veria esta adaptação intelligente dos meios ao fim, esta harmonia das leis, das forças, das proporções, que se manifesta em toda a natureza. A vida seria um accidente, um facto de excepção e não de ordem geral. Não se poderia explicar esta tendencia, este impulso que, em todas as edades do mundo, desde a apparição dos seres elementares, dirige a corrente vital, por progressos successivos, para formas de mais em mais perfectas. Cega, inconsciente, sem fim, como poderia a materia se diversificar, se desenvolver sobre o plano grandioso cujas linhas apparecem a qualquer observador attencioso? Como poderia coo-
de maneira a formar todas as maravilhas da natureza, desde as espheras que povoam a extensão até aos órgãos do corpo humano: o cerebro, o olho, o ouvido, até ao insecto, até ao passaro, até á flor?

Os progressos da geologia e da anthropologia prehistorica lançaram vivas luzes sobre a historia do mundo primitivo. Mas foi erradamente que os materialistas acreditaram achar na lei da evolução dos seres um ponto de apoio, um soccorro para suas theorias. Uma cousa essencial se deduz destes estudos. E' a certeza de que a força cega em nenhuma parte domina de um modo absoluto. Ao contrario, é a intelligencia, a vontade, a razão que triumpham e reinam. A força brutal não tem bastado para assegurar a conservação e o desenvolvimento das especies. Entre os seres, aquelle que tomou posse do globo e avassalou a natureza, não é o mais forte, o mais bem armado physicamente, porem o mais bem dotado no ponto de vista intellectual.

Desde sua origem, encaminha-se o mundo para um estado de cousas cada vez mais elevado. Atravez dos tempos, affirmase a lei do progresso, nas transformações successivas do globo e nas estações da humanidade. Um alvo se revela no Universo, alvo para o qual tudo tende, tudo evolve, seres como cousas; este alvo é o Bem, é o Melhor. Disto é a historia da Terra o mais eloquente testemunho.

Objectar-se-nos-á sem duvida que a luta, o soffrimento e a morte estão no fundo de tudo. Mas o esforço e a luta são mesmo as condições do progresso, e, quanto á morte, não é ella o nada, como o provaremos mais

adiante, porém a entrada do ser em uma phase nova de evolução.

Do estudo da natureza e dos annaes da historia do mundo, um facto capital se destaca, é que em tudo o que existe ha uma Causa, e esta Causa, para que se a conheça, é preciso ir além da materia, até ao principio intellectual, até a essa Lei viva e consciente que nos explica a ordem do universo, como as experiencias da psychologia moderna nos explicam o problema da vida.

(Continúa)

OBRAS de ALLAN-KARDEC

As pessoas que desejarem se iniciar no conhecimento da sciencia spirita devem ler seguidamente as obras de Allan Kardec, constando da relação que se segue:

Livro dos Espiritos (parte philosophica) contendo os principios do Spiritismo.

Livro dos Mediums (parte experimental) contendo a theoria de todos os generos de manifestações spiritas.

O Evangelho segundo o Spiritismo (parte moral) contendo a explicação das maximas de Christo, sua applicação e concordancia com o Spiritismo.

O Ceu e o Inferno ou a justiça divina segundo o Spiritismo (parte doutrinnaria) contendo numerosos exemplos sobre o estado dos espiritos no mundo espiritual e na terra.

A Genese (parte scientifica) os milagres e as predições segundo o Spiritismo, contendo a explicação das leis que regem os phenomenos da natureza.

O que é o Spiritismo.

Noções elementares de Spiritismo.

Oeuvres Posthumes.

Este livro está sendo traduzido e editado em fasciculos que acham-se á venda na papelaria do Snr. Moreira Maximino, — rua da Quitanda n. 90.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil. 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda correspondencia deve ser dirigida a ALFREDO PEREIRA — Rua da Alfandega n. 342.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Dezembro — 1

N. 217

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz) o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est. da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. Alferes Miguel Vieira de Novaes, rua do General Victorino n. 81.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Baturia, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedicto José do Souza Junior, rua do General Camara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosário n. 42 A.

As assignaturas deste periodico comecam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Estando a concluir-se as assignaturas do corrente anno de 1891, solicitamos com instancia aos nossos assignantes em debito a satisfazerem com toda brevidade suas assignaturas.

Materialisação

O obstaculo que mais encontrou o estudo do Spiritismo foi a repugnancia que muitas pessoas tiveram em acceitar a possibilidade não já da existencia dos espiritos, mas da sua communicação conosco e entre si.

Este obstaculo foi vencido; os factos impuzeram-se; bisonhos e atilados indagaram, experimentaram consigo mesmo e tiveram a prova do que lhes era annunciado e do que al-

gures se reproduzia espontaneamente. Hoje estão invertidos os papeis, ou antes, restabelecida a verdade; outrora uma grande parte desdenhava da fracção que se dizia spirita; agora essa fracção tornou-se a grande parte e no momento presente surprehende encontrar-se quem ignore a verdade do Spiritismo.

O modo por que faz-se a communicação dos espiritos pode-se dizer que é geralmente sabido.

Para este resultado os proprios espiritos encarregaram-se de methodisar o estudo, produzindo phenomenos na ordem accendente do menor para o maior, salvo certos casos determinados e isolados.

Assim foi que ás pancadas nos moveis, no tecto etc., succederam a correspondencia pela meza tripede, e seguidamente á psychographia, somnambulismo, videncia, appareições etc., etc., sendo raros os de transporte, de materialisação e tangibilidade, e photographias.

Reflectindo sobre esta circumstancia harmonica e de accordo com as leis naturaes, somos levados a concluir que uma nova época se pronuncia em que se devem cuidar do estudo dos phenomenos desta ultima ordem.

Digamos mais claramente. Os grupos, quer na Europa, quer entre nós, e principalmente entre nós, contentavam-se com a producção dos primeiros phenomenos, e, produzidos estes, permaneciam *crentes* e não mais indagadores.

Todas as vezes que alli os phenomenos de materialisação tem sido provocados com methodo e perseverança, elles se têm mais ou menos produzido.

Poder-se á objectar que a escassez ou falta absoluta do medium proprio para taes effectos é causa capital desse não emprehendimento, entre nós, mas cabe aqui perguntar — tem-se procurado formar mediums destes e de outros effectos?

Não, de certo. Aos homens que na Europa mais se dedicaram a estes estudos foram proporcionados mediuas para materialisação e tangibilidade; aqui, porém, não tem havido da parte dos investigadores a tenacidade, o systema e a orientação indispensaveis para tal fim.

Por outro lado, assim como os scepticos e pyrronicos repellem a acceitação do mais insignificante phenomeno, que nunca viram, assim também nos spiritas, descoroçados com a não producção de factos espontaneos de materialisação em nossos centros, concluimos que seria baldado o intento para os provocar, duvidando muitos da veracidade de taes effectos á vista dos casos de embuste e fraude em que alguns *ganhadores* tem sido apanhados em flagrante, empregandoapparelhos com muita arte e astucia preparados.

Esquecem-se, porém, que procedendo assim, cahimos no mesmo erro de que accusamos aos negadores do Spiritismo por systema preconcebido.

Não ha motivo plausivel para semelhante e tão singular duvida.

Consideremos que a manifestação de qualquer dos phenomenos geralmente provocadas em nossos grupos é sempre uma materialisação mais ou menos fluidica; consideremos que não têm sido até agora organizados estudos especiaes com este tentamen por um pessoal de devido preparo intellectual e revistamo-nos de outra resolução para o vasto campo de nossas locubrações e investigações.

Os factos desta ordem dão-se em maior escala do que geralmente se pensa. Uns passam até desapercibidos, outros ficam sepultados no silencio muitas vezes entre aquelles que tinham por dever authentical-os e divulgá-os.

Nesta Capital elles repetem-se actualmente e com variedade tal que despertariam a curiosidade ao indifferente, devendo por isso chamar a attenção daquelles que tem sincero desejo de saber.

Nas classes doutas que abundam nesta cidade, falla-se, commenta-se e mostra-se o desejo de investigar os factos psychicos de que constantemente nos dão conta os jornaes nacionaes e estrangeiros, ainda mesmo os que são alheios á propaganda do spiritismo.

Sabemos mesmo de uma pleiade de homens com as disposições e elementos proprios a prestarem com o seu concurso um grande serviço a si mesmo e á humanidade, si se congregassem para um fim tão util.

Por que não o fazem? Por que o retrahimento por mais tempo, quando é chegado o momento? Já não é mais licito duvidar; dil-o a logica, dil-o os factos, dil-o os espiritos em seus ensinios, dil-o a propria experiencia theorica e pratica.

Eia, pois, trabalhadores, mãos á obra, com coragem firme para esse emprehendimento!

Que venham novas associações apropriadas ao tempo, que parece chegado, receber as lições que devem ser dadas pela nova legião dos espiritos preparados, e que as sociedades e grupos já militantes convirjam também as suas vistas para mais essa aspiração legitima, consequente da tarefa em acção.

Taes são os nossos desejos, convenientes como estamos dos mais auspiciosos resultados.

Aos spiritas

Lançada a idéa de solicitar-se de todos os confrades o seu concurso para a obra de dar fixidez á Federação Spirita Brasileira, com a aquisição de um predio onde definitivamente se installassem todos os serviços referentes á propaganda, teve ella acquiescencia sincera e veraz em todos os Estados da União. Bem que a solicitude para efficaz cooperação de tal idéa ainda não correspondesse tão completamente quanto fôra para desejar aos votos de nós todos, são contudo motivo de animação as palavras do apoio e acquiescencia a que acima nos havemos referido. Enche-nos isto de esperanza para julgarmos que em prazo breve estará coberta toda a cifra dos quinhões. Em todo caso, como faz-se mister que empreguemos toda actividade neste empenho, como ainda está o povo sequioso de uma sã leitura que lhe abra os olhos d'alma, começaremos a receber desde o mez de Janeiro a primeira prestação de 20% dos quinhões até agora subscriptos.

Solicitamos, pois, dos nossos amigos, quer da Capital quer dos Estados, a satisfação de seus compromissos. Para isto estará sempre das 5 horas da tarde em diante o thesoureiro da Federação ao dispor dos Srs. contribuintes.

NOTICIÁRIO

Après la mort — Chegaram-nos de Tours os exemplares desta notável obra, que desde muito esperavamos.

Solicitamos áquelles dos nossos confrades que nos encomendaram exemplares o obsequio de novamente se accusarem, afim de darmos cumprimento ás suas ordens. Os pedidos devem ser endereçados a Alfredo Pereira, rua da Alfandega 342.

Cedemos cada exemplar pelo preço de 2\$500, que poderá ser remetido em vale postal, além da despesa do correio.

Conferencias protestantes e spiritas — Effectuou-se em Novembro pp.ª a primeira discussão entre o Rev. Dr. Thompson e o Sr. Saenz Cortés, nosso correligionario, no local dos Actos Publicos da Igreja Methodista Americana, na rua Corrientes, em Buenos Ayres sendo o thema — Jesus é Deus?

O primeiro desenvolveu affirmativamente e o segundo negativamente, ambos com muita erudição, perante um auditorio de mais de 500 pessoas, por não comportar mais o salão, pateos e corredores d'aquelle local.

Ficou com a palavra o Rev. Dr. Thompson.

Preparou-se de antemão um regulamento especial para estas conferencias com 10 Artigos, afim de dar a maior ordem e liberdade á discussão.

El Fenix — Boletim da sociedade spirita do mesmo nome, que se publica em Mazatlan — Sinaloa, Mexico. Em o numero de 18 de Outubro ultimo descreve circunstanciadamente o modo festivo e solemne pelo qual foi celebrado a 27 de Setembro o primeiro anniversario da fundação da mesma sociedade.

Tudo concorreu para o brilhantismo daquella solemnia: o adorno do salão, as harmonias da orchestra e a voz eloquente de illustrados oradores.

Experimentamos verdadeira satisfação quando nos vem ao conhecimento factos como este, que attestam não só a propaganda do Spiritismo como a fraternidade entre seus adeptos.

Aos nossos correligionarios dirigimos sinceras congratulações.

Concordancia del espiritismo con la ciencia — E' este o titulo de uma obra que acaba de publicar em Buenos Ayres o Sr. D. Felipe Senillosa.

A imprensa daquella republica, spirita ou não spirita, tem-se occupado com esta obra, sendo accordes em julgal-a como um verdadeiro successo.

Estamos desejosos de que se nos offereça o ensejo para a sua leitura.

Congresso Internacional da Paz — Effectuou-se em Roma o terceiro Congresso Internacional da Paz, reunindo-se do dia 3 a 8 de Novembro proximo passado a Conferencia Internacional composta de senadores e deputados de diversos paizes; e do dia 11 a 16 os delegados da Sociedade da Paz.

O Spiritismo, que proclama como conquista do progresso o amor e a fraternidade universal, não pôde deixar de encarar os salutaes e adiantados intentos da Sociedade da Paz, como uma parte capital do seu programma.

Assim, cheios de vivo entusiasmo, applaudimos as seguintes bases do Congresso de Roma:

« O principio da moral e dos direitos dos povos é semelhante ao dos direitos e da moral dos individuos.

« Ninguém tendo o direito de fazer justiça a si mesmo, nenhum Estado pôde declarar guerra a outro.

« Toda desavença entre os povos deve ser regulada por meio da justiça.

« Todos os povos são solidarios uns com os outros e têm, como os individuos, o direito de legitima defeza.

« Não existe o direito de conquista.

« Os povos têm o direito indiscutivel e imprescriptivel de dispor livremente de si mesmo.

« A autonomia de toda nação é inviolavel. »

COMUNICAÇÕES

I

Ainda que eu não venha trazer aos vossos espiritos novos subsidios para o desenvolvimento das vossas intelligencias, julgo não fatigar a vossa paciencia revivendo nos vossos corações amigos os conselhos explicitos do Evangelho do Senhor, e secudado pelos seus Emissarios sollicitos sempre em adoçar as vossas provações, illuminando as intelligencias que precisam ser guiadas para darem os fructos do bem e da verdade.

Meus amigos! não vos illudam os proprios sentimentos. Para cada um, ás vezes o mais pernicioso, encontra sempre uma justificação, e com o que vós daes por satisfeito.

Mas isso não passa de um erro gravissimo da alma do homem, por isso que, si elle bem explanar o seu acto e critical-o com a consciencia dura e ao mesmo tempo severa, verá que o colorido não passa de uma phantasia, e que para com o seu Deus e Creador não pôde haver essa mesma illusão com que o mundo se satisfaz.

Ha um sentimento no individuo com que elle mais de uma vez procura illudir-se: é a falta da humildade — em linguagem pura — é o orgulho!

Todos exigem dos outros a humilhação, e ás vezes até a baixeza do caracter; ninguém, porém, quer se curvar á menor exigencia, nem satisfazer o mais infantil capricho. E, pergunto-vos eu: é isso que aprendeis nas vossas reuniões, ou essa união no Templo não vai além de nma distracção? Amigos! alerta convosco! Abri todos os sentidos da vossa alma de crentes, medindo com a precisão do pendulo acto por acto da vida, palavra por palavra, mesmo para que ella não seja ociosa.

Humildade, amigos, muita humildade, e compenetrae-vos de uma vez por todas de que o maior sabio deste mundo é em verdade o maior ignorante.

Nessa idéa fareis amigos e afeiçoados, fóra d'ella inimigos que vos farão conhecer por impostores.

M.

II

Amigos! para as forças que desfalecem temos os sublimes e poderosos ensinamentos de Jesus, para a coragem que nos falta temos ainda os animos das doces esperanças nas promessas d'aquelle que affirmou a sua assistencia constante áquelles que se reunissem verdadeiramente contrictos debaixo da evocação do seu nome.

Dentro do vosso Templo orando a Deus em espirito e em verdade; preoccupados dentro da vossa officina n'esses labores que vão sanctificando dia por dia as qualidades dos vossos espiritos errantes, ungidos no amor do nosso Divino Mestre, não deis credito a esse murmúrio sombrio que vem reboando pelo espaço, amedrontar os vossos ouvidos.

Que se apavorem os ociosos; que se amedrontem aquelles que atiram o alvião á relva e cruzam os braços, esperando tudo da misericórdia de um Deus que, por ser justo, só pôde distribuir a cada um o salario das suas obras.

Deixae finalmente que se intimidem os homens que trocam pelos prazeres da carne o goso sublime e immortal do proprio espirito.

Si cada um de vós está revestido do broquel que é formado das palavras de Jesus, isto é, si vos achaeis perfeitamente inspirados no desejo justo de conhecer a verdade — verdade que se traduz pelo amor de Deus e pelo amor do proximo — não tenhaes o menor receio que a onda que vai crescendo possa subir tão alto a cobrir as vossas cabeças hoje amparadas pelo pavilhão do vosso Guia.

Si não desertardes pelo coração das suas fileiras; si continuardes a emprestar o rigor dos vossos espiritos á defeza da grande causa da humanidade; tende confiança e certeza da derrota dos vossos inimigos, ainda que se achem muito perto de vós, e isso simplesmente porque o mal não se sobrepuja ao bem; o erro não pôde destruir a verdade!

E, si Jesus onde dois ou trez estiverem reunidos em seu nome elle ahi estará; se pelo coração em seu nome nos reunimos; quem vencerá Jesus?

Que importa que apontem as lepras dos nossos espiritos, as deformidades da nossa alma, si é dos enfermos que Jesus si aproxima, si é aos necessitados que elle distribue o pão, si é aos cegos que elle dá a luz, si é aos leprosos que elle restitue a saúde?

Que importa que os nossos inimigos queiram se aproveitar da nossa fraqueza, si ella mesmo é quem attrahe a força que vem do alto, força que não reconhece resistencias porque é a vontade de Deus?

Deixae, pois, que cavem os subterraneos; deixae que explorem a zona onde se vão levantar as columnas do nosso templo; deixae que a intriga, a calumnia, a injustiça, transformados em instrumentos de destruição preparem-se para a demolição dos alicerces.

Deixemos, sim, porque estou certo que as nossas lagrimas condensadas pelo amor de Jesus hão de formar a poderosa argamassa do nosso Templo de trabalho.

Fundidas as dores dos nossos espiritos, fundidas as nossas magoas e os nossos gemidos, a mão do grande operario que alçou o seu pesado madeiro no Golgotha levantará também a columna que tem de fechar a aboboda, onde de joelhos, cheios de reconhecimento, renderemos graças ao Senhor pelos beneficios que tem repartido connosco.

Filhos! a prudencia aconselhada pelo mestre é um meio de acção; nunca, porém, a previsão siquer em sombra da possibilidade de uma derrota!

Os tempos são chegados! a humanidade tem forçosamente de avançar ao marco que está traçado á sua perfeição. Loucos, visionarios, serão todos os homens e espiritos que, atirando pedras á estrada pretenderem embaraços á sua marcha. Estas pedras — montanhas que representem, serão menos ainda que o grão de areia para o areal enorme, menos que a gotta do orvalho para o vasto Oceano!

Firmes no vosso posto, unidos na fraternidade, avançaes!

A luz é o Christo — o caminheiro que vos conduz — Ismael!

A.

MISCELLANEA

O Spiritismo como sciencia

POR

SAENZ CORTÉS

O estudo dos phenomenos move as intelligencias, os mediums multiplicam-se por todas as partes e offerecem as suas faculdades á prova.

Do Norte da America passam á Europa, França, Inglaterra, Alemanha, Suissa, Hespanha, Italia, Belgica, Russia, e todo o mundo vê-se invadido de manifestações de um genero assombroso.

A mesma magnitude dos factos predispõe a negal-o; em geral são rechaçados como fraudes, illusões, ou superstição enganosa.

Não tardam em apparecer farçantes que implorem as novas idéas, e os factos spiritistas se vêm falsificados grosseiramente por alguns que tem por officio o engano e a trapaça.

Tudo conspira na velha Europa para que a verdade fique desprestigiada e confundida com a fraude e o erro; mas o primeiro passo está dado e a lucta engajada, grandes difficuldades havia para vencer, muitas idéas para destruir, imensos obstaculos para remover; porém a força da verdade é muito poderosa, os factos são irresistiveis, não precisando sinão que se os attenda, e isto precisamente principiou a occorrer por entre os sabios europeus.

O laureado naturalista Alfredo Russel Wallace, author ao mesmo tempo que Darwin da theoria da Seleccão Natural, e membro da Sociedade Real de Londres, quiz dar-se ao trabalho de verificar os factos e preoccupou-se com elles com todo o rigor e exactidão que acompanha a um homem de sciencia.

Os limites de uma conferencia não me permitem citar suas numerosas experiencias; porém bastam o manifesto em seu livro *Defensa del Espiritualismo Moderno*, e multidão de escriptos publicados pela imprensa spirita. As suas conclusões são terminantes, os factos estão comprovados uma vez mais por uma intelligencia superior digna do maior credito.

Seguindo o exemplo de Wallace, o physico Varley, inventor do condensador electrico, e, pelos seus conhecimentos scientificos, membro também da Sociedade Real de Londres, deu-se ao mesmo trabalho e, para não deixar duvida, empregou uma bateria galvanica, fazendo com que uma corrente passasse pelo corpo do medium por meio de uma combinação de fios de aço, atou-lhe os braços e soldou os arames com moedas de ouro.

Feito isto o medium ficava sem dar um passo do circulo em que se encerrava, e desde alli, e sahindo fóra deste circulo, deveria manifestar-se o phenomeno spirita sendo impossivel ao medium mover-se do seu lugar. Os factos foram mais notaveis do que nunca. Assim o attesta Wallace em seu livro citado, e o sabio electricista Varley também dá o seu testemunho em uma informação á Sociedade Dialectica.

O conhecido medico alienista Robertson, por muito tempo editor e director do periodico *Ciencia Mental*, emprehende as mesmas provas e não tarda em convencer-se que está em presença de uma verdade desconhecida. Seu testemunho não é negado e apparece á pagina 247 da *Informe de la Sociedad Dialectica sobre Espiritismo*.

O Eminente sabio Dr. Sexton, medico e advogado ao mesmo tempo, membro da Sociedade Geographica e

Zoologia de Londres, era um sceptico que, apesar de merecer-lhe credito o testemunho de seus predecessores, queria comprovar por suas proprias mãos os factos, e se dispoz a elles duvidando de tudo e prevenindo-se contra qualquer erro dos seus sentidos.

Depois de muitos trabalhos em que passou por muitas decepções e contrariedades, surprehendendo muitas fraudes, chegou á conclusão de todos os demais. Para desmascarar aos impostores, e prevenir aos que pudessem ser enganados, publicou um livro intitulado *Los mediums y los evocadores* descobrindo e publicando suas tramas e falsidades.

Outra notabilidade no mundoscience estudou o phenomeno do Spiritismo e, depois de severas e meditadas investigações, affirmou que eram reaes e positivas as manifestações attribuidas aos espiritos.

O sabio a quem me refiro é Augusto de Morgan, Presidente da Sociedade de Mathematicas de Londres e Secretario da Real Sociedade Astronomica. Suas experiencias estão impressas em seu livro *Froon Mattered Spirit* onde escreve: « Os factos Spiritas não podem explicar-se pela impostura, a casualidade, ou o erro ».

O movimento de investigação continúa, e o professor Barkas, membro da Sociedade Geologica de Newcastle, resolve-se a estudar os mesmos factos e dedica oito annos ás provas mais minuciosas. Seguro da realidade dos phenomenos os affirmou em seu livro *Nuevas investigaciones espiritistas*.

O inventor do radiometro, o grande chimico Crookes, da Sociedade Real de Londres, e a quem as sciencias physicas devem muitas descobertas e progressos, apprehende o mesmo estudo, inventa apparatus de precisão, e com uma perseverança e notavel talento obtem os phenomenos mais decisivos e concludentes em materia de provas. Não vacilla, e envia uma memoria illustrada á Sociedade Real da qual é membro. Em seguida publica seu livro: *Investigaciones sobre la fuerza psiquica*, e promove um movimento de surpresa e de acalorada discussão entre os sabios inglezes.

O physico e astronomico Huggins une seu valioso testemunho ao de Crookes e affirma a exactidão dos factos em uma carta publicada no citado livro: *Fuerza Psiquica*.

O distincto jurisconsulto e philosopho E. W. Cox presta tambem seu nome attestando a realidade dos phenomenos comprovados por Crookes enviando-lhe uma extensa carta que apparece publicada no mesmo livro.

O alienista Dr. Eliotson é citado por Buchanan como outro dos tantos comprovadores da verdade spirita.

O conhecido litterato Ingey Epes Sargent chega ao mesmo resultado, e como prova escreve seu livro *Base Cientifica del Espiritismo*, cujas paginas estão cheias de testemunhos respeitaveis.

Florencia Manyat, tambem litterata de nomeada, busca conhecer os factos e os encontra, dando conta d'elles em muitos escriptos publicados em revistas inglezas.

O eminente Gladstone, o grande reformista inglez, cujo nome é conhecido em todas as partes, teve tambem empenho de apreciar por si mesmo os factos, e não acreditou rebaixar-se dando o seu testemunho em duas cartas publicadas pelo *Ligth* de Londres.

O então primeiro ministro da Inglaterra teve o gosto de collocar seu nome ao lado dos primeiros que entregaram seu credito e titulos scientificos em homenagem de uma verdade que se quiz encher de

ridiculo fazendo passar os seus apostolos por loucos.

Senhores! si temos de dar credito ao testemunho humano: si temos de crêr que homens perspicazes e sabios na sciencia não poderiam ser enganados, e que seus creditos e palavras com vezes provadas não deveriam enganar-nos; si a incredulidade não deve passar os limites que a razão e o bom senso fixam os phenomenos spiritas estão perfeitamente comprovados, não necessitam mais confirmações, e só póde outorgar-se o legitimo desejo da prova por mão propria factos tão surprehendentes e que tão intimamente estão ligados ao nosso futuro.

Qualquer facto, por mais raro que fosse na sciencia, seria acceto sem mais duvida e com menos testemunhos e provas do que tenho apresentado; porém, trata-se de um facto que o atrazo dos povos transformou em superstição explorando a credulidade humana; trata-se de uma verdade que a ignorancia desfigurou e que é adulterada lamentavelmente quando em poder de homens pouco estudiosos; trata-se de um phenomeno rarissimo relacionado intimamente connosco e contrario á ideia que os sentidos nos deram desse além da vida; trata-se de uma descoberta que vem abalar a base de todas as crenças: trata-se de arrancar do tumulo o seu segredo envolvido sempre em negros mantos; trata-se, enfim de substituir os tristes crepusculos da morte pelos claros e alegres véus da vida.

E isto, senhores, por mais que seduza ac sentimento, detem a razão que pela sua experiencia desgraçada teme cahir em novo erro ou engano.

Por isso é preciso garantir de algum modo que o seu trabalho não será infructuoso, que o seu estudo o levará a conhecimentos que lhe parecerão sonhos, e que, longe de perderem o tempo, ganharão desde que se ponham em condições de apreciar o que vale uma hora, um minuto, um instante no futuro da sua existencia.

Não vemos maneira de garantir o espirito que desconfia dos nossos ensinamentos sinão apresentando-lhe o testemunho serio destas intelligencias superiores, desses homens depositarios do saber, desses zelosos guardiões do credito scientifico e do progresso humano.

Porque, notae, que quantos nomes apresentamos testemunhando a verdade que propagamos são nomes escriptos na historia gloriosa da sciencia, são genios que conduzem a nave humana ao porto da perfeição, são os porta-estandartes da nossa civilização e progresso.

E não os apresento sem dar a conhecer os seus titulos, nem me sirvo d'elles sem provar que o posso fazer offerecendo como certificado o nome dos seus livros, citando seus escriptos e suas palavras textuaes.

Escolho entre milhares os mais conhecidos, os nomes mais respeitaveis, devendo comprehender-se que deixo uma multidão que dentro da sua honradez e do seu alcance proclamam de igual modo a comunicação dos seres que abandonaram a terra com os que n'ella estão.

Somente me occupei dos sabios Norte-Americanos e Inglezes. Fica ainda a Allemanha, a França, a Hespanha, a Belgica, Italia e Suissa, e todos os demais povos, porque em todos ha homens capazes, intelligentes e amantes do estudo-que não titubeam em affirmar a verdade por mais estranha que pareça.

Abreviando, vou citar algumas mais dessas illustrações na sciencia tirando-as de todos os povos e dedu-

zindo que, ou o Spiritismo é uma verdade universal, affirmada e comprovada por todos os homens que, extranhos entre si, quizeram conhecê-la, ou é uma loucura, em cujo caso, estarão loucos os homens mais intelligentes, os espiritos de maior compenetração scientifica, uma grande parte dos sabios de todos os povos e uma immensa fracção da humanidade, dividida em todos os paizes.

Se assim fosse, tal facto revestiria um phenomeno mais importante e curioso que o mesmo phenomeno spirita; mas isso é impossivel: o mundo não enlouquece, o mundo estuda, adianta-se, progride em seus conhecimentos, e descobre dia a dia verdades novas, negadas todas quando apparecem, e recebidas depois sem difficuldade.

(Continúa)

A PHYSIOLOGIA DE HÆCKEL

E O SPIRITISMO

HEREDITARIEDADE

(Continuação)

O Spiritismo não é uma crendice de bruxas nem uma criação da phantasia, como dizem os seus antagonistas, é uma verdadeira Philosophia fundada em principios immutaveis, e é uma sciencia exacta e positiva porque explica todos os phenomenos de que se occupa, com pleno conhecimento das causas, e é o resultado da experiencia e da observação.

Por isso é que muitos homens de sciencia a tem abraçado, elevado as suas vistas crentes aos paramos da luz, e despresado o materialismo fallaz, desconsolador e fatal, que lhes trazia o desconsolo n'alma e a descrença em tudo que os cercava.

Sem a mediumnidade o Spiritismo seria sempre desconhecido dos homens, e todos esses factos continuariam envoltos no véo miraculoso com que os revestia a ignorancia; mas a mediumnidade nos pôz em comunicação directa com os espiritos que tudo elucidaram, tudo explicaram conveniente e convincentemente.

Não é a credulidade de uma beatice inconsciente ou um orgulho fôfo que nos leva a aceitar e propagar as verdades do Spiritismo, é o resultado da experiencia e da observação minuciosa, da comparação detida e escrupulosa feita nos dictados obtidos dos espiritos sobre o mesmo assumpto, em diversos meios, por diversos mediums, em diversas linguas e em condições diversas, sem se communicarem.

Que os espiritos existem, não ha contestal-os, porque ninguem negará a força intelligente da Natureza.

E que elles se possam pôr em comunicação directa connosco tambem só póde ser contestado por aquelles systematicos que precisam ver para crer, que se oppõem a tudo que contrariar as suas idéas exclusivas, ou que escapar ás suas proprias percepções: « aos cegos do Evangelho que tem olhos para ver e nada veem ».

São os espiritos que nos dizem por milhares de boccas ao mesmo tempo em todas as linguas e em todos os meios, que os planetas são mundos

habitados, que em todos ha o ser racional sempre progredindo, e que as reencarnações, como os mundos, são todas solidarias.

São elles que nos dizem que os espaços são povoados, como os mundos, que assistem a todos os phenomenos da natureza, que estão em contacto directo connosco em tudo nos auxiliando como amigos e como irmãos.

São elles ainda que nos dizem que os espiritos são as almas dos homens livres das cadêas do corpo; que acentuam a responsabilidade moral de nossos actos, que nos fazem conhecer as diferentes condições de vida no mundo espirital, a cegueira dos espiritos que, quando encarnados, só se prenderam aos gozos materiaes...

São elles finalmente, que nos trazem o conhecimento do perispírito, esse corpo vaporoso e fluidico que os individualisa, do qual nunca se apartam, e que serve de laço de união entre si e o corpo, em que encarnam, essa chave que abre a porta do mysterio dos corpos celestiaes, de que fallou S. Paulo... e que nos fazem conhecer nos livros sagrados a reencarnação, essa lei natural, prova immediata do amor do Creator pela creatura, velada a letra sobre o nome de resurreição da carne.

São elles que nos dizem todas essas cousas e muitas outras que não podemos aqui enumerar, e que se acham todas codificadas nos livros do Spiritismo do inspirado e sempre laureado Allan-Kardez, os quaes factos só podem ser explicados pela Sciencia Espiritualista e pelo Spiritismo.

Como pôde tudo isso, todos esses factos, escapar ao espirito perspicaz e investigador de Hæckel, ou si os viu como pôde-os elle desprezar como nonadas?

E' que elle achou mais facil cortar a questão pela raiz e assim negou a alma, o ser preexistente e reduziu todas as suas faculdades a propriedades corporeas, todos os seus phenomenos a phenomenos organicos produzidos pela hereditariedade ou selecção artificial!

Isso com effeito é mais facil, mas, sejamos francos, é pouco decente para homens da estatura de Hæckel.

A preexistencia do espirito, o perispírito, a mediumnidade e a reencarnação são, pois, as leis onde assentam todos esses phenomenos.

A mediumnidade é um facto natural que não pode ser contestado. E' a faculdade que tem o medium de se pôr em comunicação com o espirito.

Em toda parte ha espiritos e em toda parte mediums com quem possam comunicar.

Milhares de factos a justificam, na tribuna ou na imprensa, em todos os paizes civilizados.

Ella não é privilegio de ninguem porque se acha generalizada, o que é uma prova de sua naturalidade e verdade de sua existencia, e todos a podem observar onde se reunirem trez pessoas, ou mesmo na solidão de um gabinete.

Não é portanto uma propriedade corporal produzida pelas particulas

aperfeiçoadas do cerebro, é uma faculdade da alma que a identifica com os seres espirituales, e que não pode ser conhecida e nem attingida pelas leis physiologicas de Hæckel, a sua causa é mais transcendente, é o espirito preexistente seguindo a sua perfectibilidade.

Não é tambem uma propriedade corporal transmissivel de paes a filhos o caracter do individuo, porque essa qualidade não entra no germen creador de sua personalidade corporea, da mesma maneira que os accidentes physicos e muitas molestias, porque o caracter é a somma das forças, da vontade do individuo, e essa vontade não é trazida pelo corpo, mas pelo espirito que encarna, e constitue tambem a sua vocação natural.

E' verdade que essa vocação natural que trazem os individuos e que os caracteriza pode ser para o bem ou para o mal.

Mas esse phenomeno assenta ainda no mesmo principio da preexistencia da alma, desde que se note que ha espiritos humildes, obedientes, e trabalhadores, e espiritos altivos, ambiciosos, preguiçosos e maus.

O caracter dos primeiros vem da idéa de Deus, principio de todo bem, e os guia a perfeição pelas leis naturaes; o dos segundos vem dos desvios, dos erros e dos vicios dos espiritos peccaminosos e retardatarios; e, embora sejam ambos naturaes, um é obra do Creador, o outro da creatura; um será eterno passando apenas pelas modificações relativas ao progresso, o outro terminará com o erro dos infractores: e é aqui que está a origem dos bons e dos maus caracteres.

Assentam ainda na preexistencia dos espiritos todos os phenomenos da intelligencia, os affectos, as virtudes e os vicios etc., podendo esses sentimentos ser modificados pelo meio.

A egualdade e desigualdade de caracter e de inclinações entre irmãos germanos, não são o resultado da hereditariedade, como pretende Hæckel, assenta tambem no mesmo principio enunciado, e é o resultado das sympathias e antipathias dos espiritos, e muitas vezes uma recompensa ou castigo para os paes.

Todos os espiritos devem necessariamente progredir, e progredir para os peccadores é passar pelas encarnações terrestres.

Aquelle que em uma encarnação anterior muito prejudicou a seu semelhante, é preciso que o indemne do mal que lhe causou, e assim deve procurar os meios de o fazer; tem a liberdade, procura-a e encontra na reencarnação: como pae ou como filho paga muitas vezes essas dividas antigas que nas leis divinas não tem prescrição.

Além disso os espiritos não encarnam a vida terrestre pelo mesmo prisma que nós a encaramos, por isso apparecem as diversas aptidões divididas por todas as camadas sociaes.

E não é de extranhar que os mais adeantados procurem os meios mais atrazados, e estes os mais adeantados, porque nós aqui mesmo notamos todos os dias esses mesmos factos; vemos homens de talento sahirem da ultima

camada e guindarem-se até as mais distinctas posições sociaes, e filhos da elite da sociedade descerem ao ultimo degrau da escada; e de mais os melhores doutrinadores do bem geral vivem com o povo e pelo povo.

(Continúa)

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPINOTOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENCAS E NEGAÇÕES

VII. — O Materialismo.

(Continuação)

Julga-se sobretudo uma doutrina philosophica por suas consequências moraes, pelos effectos que produz sobre a vida social. Consideradas sobre este ponto de vista, as theorias materialistas, que se baseam no fanatismo, são incapazes de servir de model à vida moral, de sanção às leis da consciencia. A idéa inteiramente mechanica que dão do mundo e da vida destróe a noção de liberdade, e, por consequente, a de responsabilidade (1). Ellas fazem da lucta pela existencia uma lei cega, inexoravel, pela qual os fracos devem succumbir aos golpes dos fortes, uma lei que bane para sempre da terra o reinado da paz, da solidariedade e da fraternidade humana. Penetrando nos espiritos, ellas só podem accarretar aos felizes a indifferença e o egoismo, aos desherdados o desespero e a violencia, a todos a desmoralisação.

Sem duvida, ha materialistas honestos e atheos virtuosos, mas não se dá isto por virtude da applicação rigorosa de suas doutrinas. Si são taes, é apesar de suas opiniões e não por causa dellas; é por um impulso secreto de sua natureza, e porque sua consciencia soube resistir a todos os sophismas. Disto não menos logicamente resulta que o Materialismo, suprimindo o livre arbitrio, fazendo das faculdades intellectuaes e das qualidades moraes a resultante de combinações chimicas, de secreções da substancia parda do cerebro, considerando o genio como uma nevrose, degrada a dignidade humana, e rouba à existencia todo o caracter elevado.

Com a convicção de que nada mais ha além da vida presente, ou outra justiça não existe sinão a dos homens, cada qual póde dizer: Para que luctar e soffrer? Para que a piedade, a coragem, a rectidão? Porque nos constrangermos, e domarmos nossos appetites, nossos desejos? Si a humanidade é abandonada a si mesmo, si em nenhuma parte existe um Poder intelligente equitativo, que a julgue, a guie, a sustente, que socorro póde ella esperar? que auxilio lhe tornará menos grave o peso de suas provas?

Si não ha no universo nem razão, nem justiça, nem amor, outra cousa além da força cega, prendendo os seres e os mundos do jugo de uma fatalidade sem pensamento, sem alma, sem consciencia, então o ideal, o o bem, a belleza moral, são outras

(1) Büchner e sua escola não hesitam em affirmar: — O homem não é livre, vae para onde seu cerebro o impelle. (Veja-se «Força e Materia».)

tantas illusões e mentiras. Não é mais nelles, porém na realidade brutal; não é mais no dever, porém no gozo que deve o homem ver o alvo da vida, e, para realizal-o, passar por cima de toda vã sentimentalidade.

Si viemos do nada para voltar ao nada, si a mesma sorte, o mesmo olvido espera o criminoso e o honesto, o egoista e o dedicado; si, conforme as combinações do acaso, devem uns ser exclusivamente votados aos trabalhos e outros às honras, então, cumpre ter uma cousa de proclamar: a esperança é uma chimera; não ha mais consolação para os afflictos, justiça para as victimas da sorte. A humanidade rola, arrasada pelo movimento do globo, sem fito, sem luz, sem lei moral, renovando-se pelo nascimento e pela morte, dous phenomenos entre os quaes agita-se o ser e passa sem deixar outro vestigio mais do que uma faísca na noite.

Sob a influencia de taes doutrinas, a consciencia só em que se calar, dando margem ao instincto brutal; o espirito de calculo deve succeder ao entusiasmo, e o amor do prazer substituir as generosas aspirações da alma. Então cada um só cuidará de si. O desgosto da vida, o pensamento do suicidio, virão perseguir os desgraçados. Não terão mais os desherdados do que odio para os que possuem e, em seu furor, porão em pedacos esta civilisação grosseira e material.

Mas não, o pensamento, a razão, erguem-se frementes, e protestam contra estas doutrinas de desolação.

Elles nos dizem que o homem não luctou, trabalhou e soffreu para acabar no nada; que a materia não é tudo, que ha leis superiores a ella, leis de ordem e de harmonia, e que o universo não é somente um mechanismo inconsciente.

Como poderia a materia cega governar-se por leis intelligentes e sabias? Como, desprovido de razão, de sentimento, poderia produzir seres racionais e sensiveis, capazes de discernir o bem do mal, o justo do injusto? Pois que! a alma humana é susceptivel de amar até ao sacrificio, em si acha-se gravado o senso do bello e do bem, e teria elle sahido de um elemento que não possui estas qualidades em nenhum grau? Sentimos, amamos, soffremos, e emanariamos de uma causa inconsciente e insensivel, de uma causa que é surda, inexoravel e muda? Seriamos mais perfectos ou melhores do que ella?

Tal raciocinio é um ultraje á logica. Não se poderia admittir que a parte seja superior ao todo, que a intelligencia derive de uma causa inintelligente, que de uma natureza sem intuitos possam sahir seres susceptiveis de almejar um fito.

O senso commun diz-nos, ao contrario, que, si a intelligencia, si o o amor do bem e do bello existem em nós, mister se faz que ahi tenham sido depositos por uma causa que os possua em grau superior.

E, si em todas as cousas se manifesta a ordem, si um plano se revela no mundo, cumpre tambem que um pensamento os tenha elaborado, que uma razão os tenha concebido.

Mas não insitamos sobre problemas que mais adeante teremos de examinar, e cheguemos a uma doutrina que com o Materialismo tem numerosos pontos de contacto. Queremos fallar do Positivismo.

Mais subtil ou menos franca que o Materialismo, esta philosophia nada affirma, nada nega. Affastando qualquer estudo metaphysico, qualquer investigação das causas primeiras,

ella estabelece que o homem nada póde saber do principio das cousas; que, por consequente, o estudo das causas do mundo e da vida é superfluo. Todo seu methodo refere-se á observação dos factos verificados pelos sentidos e das leis que as ligam. Só admittre a experiencia e o calculo.

Mas o vigor deste methodo teve de se dobrar perante as exigencias da sciencia, e o Positivismo, como o Materialismo, apesar de seu horror á hypothese, foi constrangido a admittir theorias não verificaveis pelos sentidos. E' assim que raciocina sobre a materia e a força, cuja natureza intima lhe é desconhecida; que admittre a lei da attracção, o systema astronomico de Laplace, a correlação das forças, cousas essas impossiveis de demonstração experimental.

Mais ainda, viu-se o fundador do Positivismo, Augusto Comte, depois de ter eliminado todos os problemas religiosos e metaphysicos, voltar às qualidades occultas e mysteriosas das cousas (1) e terminar sua obra fundando o culto da Terra. Este culto tinha suas ceremonias, seus sacerdotes assalariados. E' verdade que os positivistas renegaram estas aberrações.

(Continúa)

(1) A tal respeito veja-se «Ontologia» de Durand de Gros (1871), obra notavel que refuta as doutrinas positivistas.

OBRAS de ALLAN-KARDEC

As pessoas que desejarem se iniciar no conhecimento da sciencia spirita devem ler seguidamente as obras de Allan Kardec, constando da relação que se segue:

Livro dos Espiritos (parte philosophica) contendo os principios do Spiritismo.

Livro dos Mediums (parte esperimental) contendo a theoria de todos os generos de manifestações spiritas.

O Evangelho segundo o Spiritismo (parte moral) contendo a explicação das maximas de Christo, sua applicação e concordancia com o Spiritismo.

O Ceu e o Inferno ou a justiça divina segundo o Spiritismo (parte doutrinnaria) contendo numerosos exemplos sobre o estado dos espiritos no mundo espirital e na terra.

A Genese (parte scientifica) os milagres e as predições segundo o Spiritismo, contendo a explicação das leis que regem os phenomenos da natureza.

O que é o Spiritismo.

Noções elementares de Spiritismo.

Oeuvres Posthumes.

Este livro está sendo traduzido e editado em fasciculos que acham-se á venda na papelaria do Sr. Moreira Maximino, — rua da Quitanda n. 90.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil. 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

CRGAO DA FEDERACAO SPIRITA BRAZILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda correspondencia deve ser dirigida a ALFREDO PEREIRA — Rua da Alfandega n. 342.

Anno VIII

Brazil — Rio de Janeiro — 1891 — Dezembro — 15

N. 218

EXPEDIENTE

SÃO AGENTES DESTA FOLHA

Em Manaus (Estado do Amazonas), o Sr. Bernardo Rodrigues de Almeida.

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz, o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Est.º da Bahia), o Sr. Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr. Alferes Miguel Vieira de Novaes, rua do General Victorino n. 81.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Baturra, rua Lavapés n. 20.

Em Santos (Estado de S. Paulo), o Sr. Benedicto José do Souza Junior, rua do General Camara n. 302.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico comegam em qualquer dia e terminam sempre a 31 de Dezembro.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Estando a concluir-se as assignaturas do corrente anno de 1891, solicitamos com instancia aos nossos assignantes em debito a satisfazerem com toda brevidade suas assignaturas.

Jesus

Ninguém ignora a historia que sobre a vida, excepcional e unica na humanidade, de Jesus Christo, tambem chamado o Nazareno, o Mestre, escreveram os seus contemporaneos e discipulos Lucas, Matheus, Marcos e João.

Ninguém, ainda mesmo não fliado a alguma das varias seitas do Christianismo, poderá habitar em socie-

dade culta em qualquer ponto da Terra, que não saiba, que não tenha ouvido fallar em Jesus.

Seu nascimento, sua vida, seus ensinios, suas obras, seus exemplos, seu martyrio e sua morte, enchem o mundo com tanto esplendor como o seu nome.

Sim, todos o conhecem, todos pretendem defini-lo, mas, por essa mesma razão, cada um o define a seu modo.

Para o sceptico de todos os tempos Jesus não teve vida real, não passou de um personagem de romance, tão phantastico como os proprios evangelistas, creação necessaria das priscas eras para conter o povo no livre e desordenado curso de suas paixões; um mytho emfim.

Para o livre pensador Jesus foi um homem dotado de intelligencia superior á dos homens de seu seculo, philosopho profundo e versado na tradição e nos livros sagrados, nos quaes achou base para fazer-se Reformador.

Para o crente, Jesus é o Messias promettido nas antigas escripturas, nascido por obra do Espirito Santo, Salvador e Redemptor da humanidade, e o proprio Deus.

Entre as variegadas interpretações que ainda são deduzidas destas definições, incluídas mesmo as divergencias nas Egrejas Christãs, entendem muitos que o Spiritismo por seu lado tem dogmatizado sobre Jesus.

E' um erro tal supposição. O Spiritismo, segundo o definiu o proprio Allan Kardec:

« E' uma sciencia que trata da natureza, da origem e do destino dos espiritos, bem como de suas relações com o mundo corporal. »

O seu estudo, é certo, modifica as idéas com relação a tudo quanto até agora se tenha conhecido sobre o laço que une o homem a Deus; mas, preciso é não esquecer, que sendo um meio para a consecusão de um fim, o progresso, deve ser intentado com isenção de animo e de idéa systematicamente religiosa ou scientifica, de modo que as conclusões que se tiver de tirar desse estudo sejam precisamente a consequencia racional da observação feita.

Deste modo, collocado em campo neutro e imparcial, podem ser inves-

tigadores, materialistas e espirituallistas, descrentes e crentes de todas as religiões, e esses nunca poderão negar ou regeitar a Jesus.

Mytho, Philosopho, Reformador ou Deus, Jesus é o typo por excellencia de todas as virtudes, e seu ensino, *expurgado da lettra que mata, mas com o espirito que vivifica*, está de perfeito accordo com a razão, a alta moral e os attributos de Deus.

Que importa ao spirita que se tenham constituido sociedades para investigação da existencia de Jesus?

Que importam as crenças e os debates sobre a sua natureza divina ou humana?

E' nossa convicção que si este ensinamento tem de vir por meio do Spiritismo são por enquanto prematuras as discussões neste sentido, e não trahem, mesmo para os que nos observam sem suspeição, sinão a desconfiança de que o Spiritismo, a força de se proclamar tolerante e neutro, quer plantar tambem uma nova seita religiosa.

A prova do que avançamos está em que as communicações até hoje recebidas e correndo mundo sobre o assumpto só tem servido para separar em vez de reunir elementos para o estudo.

Fique cada um com suas convicções; nós bem sabemos até onde nos pode levar a sciencia que investiga o mundo espiritual.

Nestes ultimos tempos muitas obras tem apparecido em diversas partes do globo, com o fim de provar com os textos das proprias escripturas que Jesus nunca se disse Deus; seus autores são spiritas. Os nossos confrades de Buenos Ayres sustentam presentemente interessantes conferencias com o mesmo fim, tendo por antagonista o pastor de um egreja protestante.

Si bem que estejamos do lado dos nossos confrades compartilhando essas idéas, como um resultado consequente da alta philosophia spirita, parecemos, entretanto, que este meio de propaganda afugenta, em vez de captar a sympathia e o desapego de crenças e de escolas para a investigação da verdade.

Alheando-nos, portanto, de todas as preocupações apaixonadas, religiosos ou fanaticas que associar-se possam a este nome — Jesus Christo — e simplesmente como leigos com-

templemos por instantes a alta moral que decorre do ensino de tão portentosa personagem nascendo em pobre presepe e confessemos que real ou não jamais teve imitador antes ou depois um typo de maior humildade, reunida e tanta lucidez a elevação de espirito.

Saudemos pois este Natal, tão festejado, tão querido, tão mystico para as almas ainda mesmo descrentes.

Aos spiritas

Lançada a idéa de solicitar-se de todos os confrades o seu concurso para a obra de dar fixidez á Federação Spirita Brasileira, com a aquisição de um predio onde definitivamente se installassem todos os serviços referentes á propaganda, teve ella acquiescencia sincera e veraz em todos os Estados da União. Bem que a solicitude para efficaz cooperação de tal idéa ainda não correspondesse tão completamente quanto fôra para de-sejar aos votos de nós todos, são com-tudo motivo de animação as palavras do apoio e acquiescencia a que acima nos havemos referido. Enche-nos isto de esperança para julgarmos que em prazo breve estará coberta toda a cifra dos quinhões. Em todo caso, como faz-se mister que empregemos toda actividade neste empenho, como ainda está o povo sequioso de uma sã leitura que lhe abra os olhos d'alma, começaremos a receber desde o mez de Janeiro a primeira prestação de 20% dos quinhões até agora sub-scriptos.

Solicitamos, pois, dos nossos amigos, quer da Capital quer dos Estados, a satisfação de seus compromissos. Para isto estará sempre das 5 horas da tarde em diante o thesou-reiro da Federação ao dispor dos Srs. contribuintes.

NOTICIARIO

Donativo. — A Federação Spirita Brasileira recebeu dos seus dedicados confrades os Srs. Antonio F. Villela d' Andrade, Alfredo Villela d' Andrade, José Villela d' Andrade e Antonio Alexandre Villela d' Andrade a quantia de 200\$000, importe de 4 quinhões do emprestimo solicitado pela mesma, e que aquelles Srs. acabam de offerter á Federação.

Ainda bem que a idéa de adquirir uma propriedade onde funcione a Federação, encontra o apoio dos nossos dedicados confrades.

A uma hora da noite. — O jornal *Washington Star*, que não é spirita narra o seguinte facto, que tem sido transcripto em algumas folhas da nossa doutrina.

O Rev. Dr. Williams Tennent, pastor da antiga Igreja Presbyteriana de Freehold e Englishtown, possuía um relógio que não regulava.

Note-se que este pastor venerado em seu paiz, falleceu a 8 de Março de 1777 e que, por consequencia, o relógio existiu a perto de dous seculos.

Esta prenda historica passou a pertencer por compra a Wilbur Huntley, que o fez concertar e chegou a regular, mas tendo-se suicidado o dono, ficou de novo orphão. Desde então o relógio é objecto da maior curiosidade.

Andava sem difficuldade, porém, ao chegar os ponteiros a uma hora, parava sem adiantar mais um minuto até que o puzessem de novo em movimento.

E o curioso do caso era que esta uma hora era da noite, não acontecendo o mesmo com a do dia; sendo também a uma hora da noite que se suicidara seu ultimo proprietario Huntley.

O assumpto a muitos intrigou e um conhecido relojoeiro, J. M. Hooper, comprou a mysteriosa peça, propondo-se a dar com o inconveniente que obstava a marcha, porém nada ponde conseguir e o relógio continuou parando a uma hora, sendo realmente curioso que adiantando-se-lhe os ponteiros depois de uma hora, continuava andando correntemente.

Esta reliquia do seculo passado, tem corrido de mão em mão, e ainda hoje continua movendo-se solememente e parando a uma hora da noite, até que o adeantem para seguir sua marcha.

Les Miracles et le moderne Spiritualisme. — Acabamos de receber traduzido do inglez o livro de Sir Alpid Russell Wallace que traz por titulo a epigraphe suppra.

Para se poder dizer quem é Sir Wallace, membro da Sociedade Real de Londres e Presidente da Sociedade de Anthropologia, seria preciso fazer-se a biographia de um sabio que desde os verdes annos dedicou-se a estudos os mais profundos, tendo vindo mesmo ao nosso rio Amazonas, de cuja viagem até o interior do continente resultou o seu conhecimento na Inglaterra como da sua rica flora explorada e estudada pelo intelligente viajante.

Da America para Africa, da Africa para Europa, e d'ahi para Asia, deixando sempre depois d'essas excursões os fructos do seu estudo e labor em livros que correm mundo em repetidas edições, foi attrahido pelo seu espirito investigador para as manifestações psychicas, e, sujeitando-as á analyse e experiencia, chegou ao conhecimento da sua, verdade dando á luz esse livro onde faz a sua profissão de fé, depois de ter sido um materialista convicto, admirador ardente de Herbert Spencer e comprazendo-se em Voltaire, Strass, e Karl Vogt.

E' um livro que recommendamos aos nossos leitores pela variedade de assumptos que trata, e que o espaço não nos permite adeantar.

Dividido em trez partes, fóra os prefacios e o appendice, trata na primeira parte da resposta aos argumentos de Hume, Lecky, e outros contra os milagres; na segunda sobre

o seu aspecto scientifico e sobrenatural; e na terceira da defeza do moderno Spiritualismo.

Os prefacios são do traductor e do author, e o appendice trata da realidade objectiva das aparições e de uma conferencia feita pelo author em 5 de Julho de 1887 no Templo Metropolitano de S. Francisco sobre o thema — *Ha uma outra vida?*

COMMUNICAÇÕES

I

Não se perturbe o vosso espirito deante das provações do mundo. Existe um Deus, lembrai-vos que ao ver a sua humidade, fé, e resignação, pode transformar as vossas intimas tristezas em alegrias supremas, lançar no fundo do vosso coração amargurado a luz da verdade doce e suave para o vosso caminhar no mundo até a hora da liberdade!

Repito, meus amigos, não vos perturbeis; corajosamente enfrentai as provações, porque ellas não são mais do que o prenuncio da gloria do vosso espirito.

A felicidade ainda não é deste mundo; feliz aquelle que, convencido desta indestrutivel verdade, fitar os olhos no Céu e só de lá esperar a paz, a justiça, o gozo do verdadeiro amor.

Fé, muita fé, paz, e Deus vos abençoará.

J.

II

Se fosse de flores a estrada do vosso caminhar terreno, certamente não haveria merito para vós, necessitados como vos achais de luctas e provas tremendas para o testemunho da fé que vos alenta e da misericórdia que vos atrai.

Não, meus amigos! Não procureis petalas onde só vingam espinhos; não busqueis repouso onde só se pode avançar pelas fadigas; não pretendades sorrisos e venturas fallazes onde a dor assiste e as amarguras medram.

E' certo que o espirito desfallece quando o soffrimento é grande; mas tende em memoria, sempre e sempre, as palavras de Jesus: « Aquelle que perseverar até o fim será salvo ».

E por ellas, fortalecendo o coração quebrantado, ide por deante até encontrar seu santissimo seio — fonte de paz eterna e real ventura.

E.

III

Sachae, sachae a terra, operarios do futuro.

O sol que illumina os vossos campos, fecundando com os seus raios a sementeira divina, é o amor de Jesus.

A lymphá pura que tendes como refrigerio aos vossos labios incendiados no labôr bemdito, é o Evangelho.

Sachae, sachae o sólo até o ultimo recesso, para que a boa semente germine e dê os fructos promettidos pela sabedoria divina.

Sachae o sólo antes que o crepusculo da morte vos surprehenda adormecidos no campo, sem flor, nem fructos para o surgir da aurora da verdadeira vida.

Sachae a terra, meus amigos, com os instrumentos da virtude em acção, e assim revolucionae o coração humano para que elle de uma vez para sempre ponha por terra a bastilha dos vícios e de todos os crimes, substituindo-a pelo verdadeiro Templo onde se adora a Deus em espirito e em verdade.

Bemditos os trabalhadores dignos de uma tão grande obra, Gloria a Jesus o bom agricultor.

V. H.

Um Quadro

Eu vejo o espirito de Carita que segura uma bandeira em que está escripto: *Perdão, Misericórdia.*

Muitos espiritos superiores estão a seu lado no logar da execução de um condemnado. Eu vejo o espirito d'este desligar-se do seu corpo, e Carita vem recebê-lo ajudando a sua desmaterialisação.

Um militar escreve com a ponta da sua espada no sólo onde cahiu a victima: *Justiça, Expição!* e retira-se.

Eu vejo formar-se uma escripta no ar: « O que chamaes Justiça? Será a sentença de morte que acabaes de lavrar? »

« O que chamaes expiação? Será a execução que acabaes de fazer? Para julgar somente uma causa é preciso não ter paixões; a justiça está na consciencia do homem, e ella não pode desenvolver-se sinão quando o seu espirito está despido da péia material e dos seus apêgos terrestres.

« Pensaes que este homem tenha expiado uma falta quando elle morre victima das suas convicções? »

Um espirito não passa pela expiação sinão quando está convencido na justiça da sua consciencia que elle mal agiu; mas é um facto intimo, pessoal, secreto, ao ponto d'elle mesmo ignorar quando renasce e vem soffrer a pena de talião.

« Estas mortes violentas que atiraeis á face dos povos civilizados não servem sinão para superexcitar paixões e immortalisar as victimas.

Justiça, Expição, não devem ser ler sinão no mundo dos espiritos, porque todos na terra soffrem a justiça e estão sob a lei da expiação.

E nós poderíamos vos dizer, nós que vemos o livro da vida: « Que aquelle que estiver sem peccado atire a primeira pedra ».

Todos estes espiritos se elevam no espaço deixando cabir sobre a terra bandeirinhas onde leio: « Misericórdia, piedade para os exilados da vida, para os cegos conductores de cegos, para os que se dizem enviados de Deus para exercerem a justiça, para aquelles enfim, que levam os filhos de Deus para as bordas de um abysmo insondavel mostrando-lhes a sua justiça em um fogo que devora e aniquila, em vez de levantar seus olhos para essas regiões sublimes onde está escripto: *Perdão, Misericórdia!* »

Os espiritos desaparecem, e forma-se um novo quadro: Uma rua allumiada por um reverbero como existem ainda aonde não ha luz; ella balança-se pelo impulso do vento e apaga-se. Sobre os lados eu leio: « As velhas ideias extinguem-se naturalmente gastas pelo sopro do progresso.

« Aviso aos retardatarios: elles se acharão nas trevas porque o facho da sciencia caminha rapidamente. »

Tudo desaparece.

MISCELLANEA

O Spiritismo como sciencia

POR

SAENS CORTÈS

(Continuação)

O author da *Physica Transcendental*, o director do observatorio astronomico de Leipzig, o physico allemão Zoellner, se nos apresenta estudando o Spiritismo.

Suas experiencias e ensaios revelam o homem de recursos scientificos. Encerron o phenomeno spirita em uma abobada de crystal, isolando completamente o medium, de modo a ser impossivel qualquer engano. Suas provas innumeraveis e a convicção sua de que havia estudado uma grande verdade, se encontram em seu livro *Scientific Papers*.

Nesse mesmo livro apparece o testemunho respeitavel do professor de physica da Universidade de Leipzig Gustavo Fechner, e também o do electricista Weber e o do mathematico Scheiner.

O eminente sabio Fhich, conhecido por todo aquelle que haja estudado o movimento philosophico da Alemanha, não quiz morrer sem comprovar com seus olhos a verdade que apparecia quando já havia gasto as trez quartas partes da sua existencia no estudo e trabalho scientifico. Antes de morrer o venerando ancião quiz deixar seu testemunho aos factos do Spiritismo, e escreveu um livro intitulado: *O novo spiritualismo*.

Antes d'elle o Barão de Guldens-tube philologo e distincto litterato, dedicou-se ao mesmo estudo, e julgase o descobridor do phenomeno da escripta directa, que é um dos factos mais notaveis provando a existencia do mundo espirital. Suas extraordinarias experiencias se encontram na sua obra *Neumatologia Positiva* editada em Pariz.

Para ser breve não citarei infinidade de testemunhas notaveis e pessoas conhecidas que Guldensstebé nomeia em seu livro como testemunhas-oculares das suas experiencias.

O Conde de Aksakoff, habil politico russo e que pela sua intelligencia mereceu o titulo de Conselheiro do Imperador, é hoje o director de uma revista spirita que se publica na Alemanha com o titulo *Ssichische Studien*.

O professor Thury, de quem temos um discipulo n'esta conferencia, é outro dos sabios que confirmaram a verdade spirita. Elle que ensina chimica na Academia de Genebra e é membro respeitado da Sociedade de Physica e Historia Natural de seu paiz, não desdenhou este estudo e muito menos dar seu nome á sua doutrina. Crookes o cita em seu livro *Força Psychica*, e o jezuita Pailhons se occupa d'elle no seu livro — *A magia do seculo XIX*.

Ao mesmo tempo apparece em *La Patrie* uma correspondencia de Mr. Bongean relatando suas experiencias em materia espiritista perante a Academia Real de Saboyza da qual era membro. Assuas conclusões são totalmente favoraveis.

O chimico Boutlerof da Universidade de S. Petersburg associa-se a Wagner professor de Zoologia da mesma faculdade e com o Dr. Debris Cabin professor de hygiene da Academia Imperial. Estas intelligencias illustradas emprehendem a mesma tarefa de descobrir a verdade, e a encontram dando ao publico a acta lavrada a proposito dos seus ultimos resultados. O professor Boutlerof é um dos mais entusiastas propagandistas da Alemanha, e escreve em nossas revistas sem se importar com o que dirão aquelles que sabem rir, porém não sabem estudar.

Terei, senhores, necessidade de dizer quem é Camillo Flamarion?

Creio que não ha escriptor scientifico mais popular e conhecido do que o author da *Urania*.

Pois bem, o sabio astronomo que nos occupa é um dos mais brilhantes ligeiros do espiritismo, é um dos que melhor estudou a philosophia e sciencia spirita.

Flamarion com o pseudonymo *Hermes* escreveu um infinidade de artigos em defeza do Spiritismo, foi quem animou e acompanhou á tumba o recapitulador da nossa doutrina Allan-Kardec, foi quem lhe dirigiu a ultima palavra ao depositar-se os seus restos na terra do cemiterio.

Em seu discurso o grande escriptor proclamou o Spiritismo como sciencia, discurso cheio de sabedoria e de sentimento que encontramos nas Obras Posthumas do nosso primeiro propagandista Allan-Kardec.

Flamarion ultimamente escreveu o livro onde manifesta sua crença spirita, e, mais vai além em suas conclusões que nós outros.

Em sua informação á Sociedade Dialectica de Londres sobre nossas crenças demonstra suas convicções na verdade do phenomeno, e apresenta testemunhos respeitaveis em apoio das suas affirmativas.

Estes testemunhos são: Mr. Rabinet do Instituto de Pariz, Mr. Liais então director do Observatorio do Brasil, e varios outros astrónomos que estão perfeitamente de accordo com a verdade dos factos embora não com a theoria.

Como spiritas convencidos Flamarion apresenta o Dr. Haeffer author da Historia da chimica e da Encyclopedia Geral, e o grande astrónomo Herman Goldschmit a quem se deve a descoberta de quatorze planetas.

Resumirei, senhores, para não vos cansar demasiadamente com esta larga lista de illustres testemunhos da sciencia spirita.

O grande historador Michelet deposita sua crença spirita em seu livro intitulado *L'amour*.

O author francez Theophilo Gautier põe sua penna ao serviço da nossa doutrina em seu livro *Spirite*.

O distincto escriptor da *Democracia Pacifica*, Eugenio Nus, publica um precioso tomo que intitula *Cousas do outro mundo*, onde prova da maneira mais cabal o phenomeno spirita.

O reputado dramaturgo francez, Victorien Sardou, não só estudou a verdade spirita em outros, como em si mesmo, sendo um notavel medium psychographo. Quem duvidar que leia a *Revue Spirite* de Pariz de 1858 e ali encontrará um extenso artigo firmado por Sardou explicando como conseguiu a mediumnidade.

O popular escriptor Eugenio Bonnemère escreveu um livro para justificar sua fé spirita intitulada *A alma e suas manifestações*.

O historiador Mauricio la Chatre proclama o Spiritismo como uma verdade indiscutivel. Leia-se o artigo *Espiritismo* do seu dicionario encyclopedico e se convencerão do exposto.

Augusto Vacquerie a quem o General Mitre brindou em um banquete em Pariz como o representante da litteratura Franceza, Vacquerie escreveu em seu livro — *Les Miettes de l'histoire* — « Creio nos espiritos batizados da America attestado por 14.000 firmas.

Um medico dos hospitaes de Pariz, o Dr. Paul Gibier, a quem a medicina deve innumeras observações uteis, comprovou o phenomeno spirita com um rigor scientifico que faz honras aos seus conhecimentos.

O resultado das suas experiencias, completamente favoravel, se encontra em seu livro — *O Spiritismo*.

O grande philosopho do nosso seculo, Victor Hugo, nos deixou o seu nome servindo de testemunho e apoio da verdade spirita. Temos a sua authorizada palavra em seu livro *Shakespeare — Os Genios*.

Em 1856 quinze mil cidadãos dos Estados Unidos dirigiram uma petição ao congresso afirmando como real o phenomeno spirita e solicitando que nomeasse uma commissão official para a investigação e prova definitiva dos seus factos. O congresso não julgou da sua competencia esse assumpto e guardou a petição sem resolvê-la. De qualquer modo temos testemunhado o facto spirita por quinze mil assignaturas.

Que phenomeno scientifico teve melhor attestado?

Em 1873 na primeira legislatura das Cortes Constituintes da Republica Hespanhola cinco deputados apresentaram uma proposta dispondo que nos estabelecimentos de instrucção secundaria, e nas faculdades de philosophia, letras e sciencias, se estabelecesse o estudo do Spiritismo. Esta proposta era assignada pelos seguintes deputados: José Navarrete, Anastacio Garcia Lopes, Luiz F. Benitez, Manuel Corchado, Mamés Redondo Franco.

Vede ahi, senhores, o caracter serio com que tem sido considerada a doutrina que propagamos.

Em 1871 se publicou em Londres uma informação de 33 membros da Sociedade Dialectica que foram encarregados de estudar o que houvesse de certo nos phenomenos spiritas. Esta commissão deu como positivos os ditos phenomenos, e sua informação occupava um volume de 400 paginas contendo, além das experiencias verificadas pelo *comité*, seis communicacões affirmativas dos academicos Dr. S. Edmund, A. R. Wallace, H. Jeffery, G. Geary, S. Cox, e H. G. Atkinson, e setenta testemunhas mais de outras tantas pessoas respeitaveis entre ellas Lord Berthwick, Lord Lindssay, Lord Litton, H. D. Jenck, Eire e Burns, os sabios, Cox, Gruppy, Chevalier, Damiani, os Drs. Davey, J. Dixon, e W. Charpentier, os professores Tyndall e Huxley, o astrónomo Flamarion, a escriptora Emma Hardinge, a oradora Anna Blackwell, e a illustrada condessa de Medina de Pomar.

A informação a que nos referimos termina com uma lista dos livros spiritas publicados.

Creio, senhores, que é acabrunhada a demonstração testemunhada que vos apresento; creio que demonstrei até o cansaço que a verdade do phenomeno spirita está comprovada uma e mil vezes em todos os paizes, por todos os homens, e perante todo o mundo que a quiz conhecer.

Mais muito mais exemplos poderia citar, muitos mais testemunhos poderia offerecer; porém, basta, não quero cansar-vos nem fatigar-me mais.

Estamos em presença de um facto que se repete invariavelmente uma vez submettido ás condições exigidas; estamos com a vista fixa em um mar de observações e em pesquisa de leis que regulam e mantêm esses phenomenos de estudo.

Assistimos, pois, á aurora de uma nova sciencia experimental, sciencia que até hontem era religião, sciencia cujos elementos de estudo está como os da astronomia nesse espaço infinito, e que, assim como esta nos dá o conhecimento da existência de outros mundos como o nosso, aquella nos vem dar a conhecer a existência de outros seres como nós; sciencia que illumina a nossa vista com os reflexos de sua celeste luz, nos enche o coração de gozo, e nos abre as portas do infinito.

Não pode tardar o momento em que as Academias receberão em seu seio a preciosa verdade que atira seu resplendor sobre a fronte humana;

então o desdém e o desprezo se trocarão pelo alvoroço e o mundo pensador saudará o Spiritismo como o astro de brilhante luz que ensina á humanidade o caminho da sua existência.

FIM

A PHYSIOLOGIA DE HÆCKEL

E O SPIRITISMO

HEREDITARIEDADE

(Continuação)

A suggestão como nós a entendemos é tambem um phenomeno intimo de nossa alma, é essa voz invisivel que nos adverte a consciencia e nos chama á razão nas occasiões de perigo, é essa mensageira do bem que nos traz o remorso e arrependimento de nossas faltas ou a ineffavel consolação de nossos actos de virtude e amor do proximo; ella é ainda o que se nota em muitos factos do somnambulismo, o que se chama vista dupla e todos os factos da mediumnidade sensitiva, psychographica, vidente ou fallante: e essa voz da consciencia, e esse remorso ou consolação, o somnambulismo, vista dupla e todos os mais phenomenos, tudo isso, outra cousa não é, sinão os espiritos protectores sempre em contacto conosco nos advertindo, nos suggerindo enfim todos os meios de nos elevarmos a Deus.

Todos esses factos são bem conhecidos, todos são intelligentes e não podem ser considerados propriedades corporaes, porque o corpo é a materia bruta, e só o principio intelligente pode produzir effectos intelligentes: estão portanto fora da acção das leis physiologicas, escapam á perspicacia do sabio Hæckel.

A manifestação visivel dos espiritos, attestada desde a mais remota antiguidade e sempre contestada pelos materialistas e positivistas, é tambem um facto natural, que nada tem de maravilhoso, assenta em leis naturaes, mas não as comprehendidas na especialidade do grande Hæckel.

O homem, como dissemos, é a união do corpo, do perispírito e da alma. A alma ou o espirito é o principio intelligente, no qual reside o senso moral.

O corpo é o involucro grosseiro, material de que está temporariamente revestida para complemento de certas vistas providenciaes.

O perispírito é o involucro fluidico, material que serve de laço entre o corpo e a alma.

Mas o perispírito não é a alma, assim como o corpo não é o homem, porque o perispírito não pensa, elle é para a alma, o que o corpo é para o homem, é o instrumento da acção.

O perispírito não é uma dessas hypotheses a que muitas vezes se socorre a sciencia para explicar algum facto, a sua existência é não só revelada pelos espiritos, como tambem o resultado da experiencia e de accuradas observações.

A forma do perispírito é a humana, pelo menos é a em que elles nos apparecem, e o que nos dizem os espiritos.

O perispírito, como se vê, é material.

A natureza do espirito propriamente dito nos é inteiramente desconhecida, ella só se nos revela por seus actos, e esses actos só podem impressionar nossos sentimentos materiaes, por meio de um intermediario material.

Tem o espirito, pois, necessidade da materia para poder actuar sobre a materia, tem o perispírito como instrumento directo, como o homem tem o corpo, e tem além disso por agente intermediario o fluido universal, sobre o qual actua, como nós actuamos sobre o ar para produzir certos effectos auxiliados pela dilatação, com pressão, propulsão e vibrações.

Encarada a questão sob este verdadeiro ponto de vista não será mais tida como maravilhosa e incomprehensivel a manifestação dos espiritos, porque já se conhecem as qualidades fluidicas de seu corpo, que elles podem tornar visivel e até palpavel, condensando-o por meios chimicos peculiares.

Esse foi o corpo de Christo antes e depois da resurreição, e só por essa forma se comprehende a virgindade de Maria, sem milagre, e sem transgressão ás leis naturaes.

Não se encontrará mais difficuldades em admittir que elles sejam individualidades circumscriptas e limitadas, nem tão pouco todos os phenomenos analogos por elles produzidos.

Não nos cabe nos estreitos limites deste imperfeito trabalho dar maior desenvolvimento ao assumpto, mas os que o quizerem ter, encontrarão a saciedade no *Livro dos Mediums* 2ª Parte, Cap. I, paginas 59 e seguintes.

A nossa convicção a respeito dos factos expendidos não é somente fundada no que temos lido nos livros de Allan Kardec e outros que se occupam dessa instructiva e consoladora sciencia, é tambem o resultado da nossa propria observação.

O rabiscador destas linhas antes de ter lido esses famosos doutrinadores da humanidade entretinha-se com um grupo de amigos com a evocação dos espiritos, e, tendo a faculdade de medium psychographico, obteve exuberantes provas da intelligencia invisivel que actuava nelle.

Uma occasião o espirito pelo nosso braço respondeu as perguntas mentaes que lhe fazia um seu irmão, que assistia a evocação, e suas respostas referiam-se a factos de familia, que inteiramente ignoravamos: bem como a declaração de uma divida a uma sua irmã, a quem tratou por apellido familiar, uma narração de um outro acontecimento que se dera entre elle e seu dito irmão, quando estudantes no Recife, e, finalmente, particularidades de uma viagem ao sertão, tudo provando a sua identidade.

Nessa mesma occasião o dono da casa onde estavamos, querendo tirar uma outra prova, disse-nos que hia evocar o espirito de um seu tio, que conhecemos, e, em vez d'elle, evocou mentalmente o de sua finada mãe, dando sciencia disso somente a uma sua cunhada; mas o que escrevo a

nossa penna foi o nome da mãe do evocador, a quem não conhecíamos, e cujo nome ignorávamos.

Esse facto o amedrontou, e elle todo nervoso não quiz mais continuar a sessão.

De outra occasião finalmente, em outro lugar, em companhia de amigos egualmente insuspeitos e honrados, e entre elles homens de reconhecida illustração e por isso mesmo materialistas, presenciámos todos um facto que nos maravilhou e os convenceu.

A casa do Dr. F., onde fazíamos as nossas sessões, distava da em que morávamos cerca de quinhentos metros.

Era dia de sessão, e achando nos muito occupados em casa, pedimos a um nosso cunhado, então nosso hospede, que fosse avisar os amigos que faltariam aquelle dia por causa de nossos affazeres; chegando lá aquelle amigo e dando o nosso recado a todos que já se achavam em torno da meza de trabalho, sentia um medium presente solicitação para escrever, e assentada a penna no papel manifestou-se o nosso espirito guia e perguntou: — Porque estão assim encommoçados?

O medium respondeu:

— Si faltou o nosso amigo, como poderemos trabalhar?

O espirito retrucou:

— Elle virá.

— Virá, como, disse o medium, si elle nos avisou o contrario, e além disso chove muito?

— Virá, não ha duvida, eu o irei chamar, disse o espirito.

O medium mostrou a todos o que havia obtido do nosso guia, e, provavelmente, enquanto lia o dictado, nós em casa suspendíamos a penna do papel em que escreviamos coisa muito diversa para attendermos á solicitação do espirito que dizia pelo nosso braço:

— Porque não vae hoje á sessão? Nossos amigos te esperam, vae; farás este trabalho depois.

Sem mais demora vestimo-nos, tomamos um guarda chuva e saímos levando o dictado que receberamos.

Ao entrar em casa perguntaram nos todos como mudáramos assim de resolução?

E apresentando nós a ordem que receberamos, apresentaram-nos tambem a promessa que haviam tido.

Foi geral a nossa surpresa e todos tivemos a certeza de que o espirito é uma realidade.

Muitos outros factos poderíamos citar, si não temessemos nos tornar prolixos, e assim ficamos nestes.

Oppostos os nossos argumentos ás theorias de Haeckel, que supponhamos ter contestado, feita a synthese do plano da criação conforme as nossas humilhes e despretenciosas percepções, mostrada a limitação e relatividade de todas as cousas do Universo e a preponderancia dos espiritos ou força intelligente da natureza sobre tudo creado, vamos terminar este imperfeito trabalho fazendo uma ligeira comparação entre a Philosophia Espiritualista e as Mathematicas abstractas, esse attractivo pernicioso e fallaz da mocidade estudiosa inexperiente,

vaída de gozos temporaes e glorias mundanas, propagadas e acceitas por sabios descrentes e orgulhosos, que tudo querem subordinar ao capricho de suas illusões.

E' com effeito lastimavel e doloroso ver-se nesta ultima metade do seculo XIX a tendencia pronunciada dos homens de letras e sobre tudo da mocidade inexperiente para o estudo das sciencias exactas e positivas, a guerra de morte á Philosophia Metaphysica, e a apothéose ás Mathematicas abstractas, que são menos logicas, menos comprehensíveis que a propria Metaphysica!...

Mas não declanemos, analysemos.

A Metaphysica assenta nos principios racionais acima enunciados, no principio intelligente da natureza, o qual não sendo embora ainda comprehendido em todas as suas manifestações, é contudo real por seus effeitos manifestos, impressionaveis e sensiveis, capazes de comparação e de analyse.

As Mathematicas abstractas só tem fundamentos abstractos e imaginarios, effeitos imaginarios... é finalmente toda abstracção, em tudo abstracção.

Nós aceitamos a evolução e o aperfeiçoamento dos seres em todos os sentidos, aceita a evolução e progresso da sciencia, mas chamamos a esse facto que tristemente observamos em vez de progresso scientifico, como falsamente o apregoam, declínio, rebaixamento do espirito humano, desvairamento em seus arrogados vãos, devido talvez a alguma causa pathologica desconhecida, creada pelo acceleramento de sua marcha.

E nem se veja nisso um absurdo por que nós vemos todos os dias que as mais aperfeiçoadas obras mechanicas desequilibram muitas vezes pelo acceleramento de sua carreira, e isso porque transgridem a lei da relatividade que mantem cada coisa em sua orbita intransferivel.

Prosigamos porém.

A Psychologia Metaphysica trata dos entes espirituales e das abstracções, as sciencias positivas negam os entes espirituales e tratam das abstracções.

As abstracções da Metaphysica percebem-se, comprehende-se mesmo por que referem-se á alma, partem de uma causa intelligente que manifesta effeitos intelligentes.

Quanto ás abstracções da Mathematica abstracta são impercebíveis, incomprehensíveis finalmente, porque tem por fundamento entidades imaginarias que só podem produzir effeitos imaginarios.

Ora, isso é a que se deve chamar Metaphysica no rigoroso sentido da palavra, como sciencia das abstracções ou phantasias da imaginação, e não aos phenomenos intelligentes ou espirituales porque estes são sensiveis, sujeitam-se a comparação e á analyse, e estão sob o dominio da observação e da experiencia.

Se o morra a Metaphysica quer dizer que ella já entrou para a ordem das sciencias positivas, estamos de accordo, nós tambem somos positivistas, e é isso que proclamamos.

Mas não se entenda desse nosso modo de ver a condemnação das Mathematicas, nós não as negamos, ao contrario conhecemos e apreciamos o seu valor; o que dissemos é que a Metaphysica das Mathematicas abstractas é mais confusa, é mesmo prejudicial e nociva, embora aceita pelos sabios, e que a espiritualista é menos confusa, consoladora e util, embora condemnada por elles; que as verdades imaginarias descobertas pela primeira são hypotheses e hypotheses fundadas sobre leis da imaginação, e por isso mesmo falliveis; quanto ás verdades conhecidas pelo estudo da outra são racionais e reaes porque explicam effeitos sensiveis que estão no do inio da observação de todos.

O estudo de ambas devendo guiar os homens ao mesmo fim, que é o progresso, a perfeição moral e scientifica, os leva a fim diverso por dois caminhos distinctos.

A Metaphysica espiritual guia-os para Deus, principio e fim de todas as cousas pela via infinita de uma vida eterna, sempre orientados por leis naturaes, sempre fortalecidos pela idéa e esperança da perfeição.

A Abstracta guia-os para a negação desses principios saltares, para o materialismo, a prova mais exuberante da fraqueza, do rebaixamento moral do espirito em evolução na escala de sua perfectibilidade.

(Continúa)

DEPOIS DA MORTE

EXPOSTO DA PHILOSOPHIA DOS ESPIRITOS
SUAS BASES SCIENTIFICAS E EXPERIMENTAES
SUAS CONSEQUENCIAS MORAES

POR

Léon Denis

I

PARTE HISTORICA

CRENÇAS E NEGAÇÕES

VII. — O Materialismo.

(Continuação)

Não insistiremos sobre esse ponto, nem mesmo sobre esta particularidade da vida de Littré, sabio eminente, chefe venerado do atheismo moderno, fazendo-se baptizar em seu leito de morte, depois de ter aceito as visitas frequentes de um sacerdote catholico. Tal desmentido, feito aos principios de uma vida inteira, deve entretanto ser assignalado. Estes dois exemplos, dados pelos mestres do Positivismo, demonstram a impotencia de doutrinas que não se interessam pelas aspirações do ser moral e religioso. Provam que negações e indiferença nada fundam; que, apesar de todos os sophismas, uma hora chega em que deante dos mais endurecidos scepticos ergue-se o pensamento de além-vida.

Todavia não se pode desconhecer que tenha o Positivismo tido sua razão de ser, e prestado ao espirito humano incontestaveis serviços, constrangendo-o a fortificar mais seus argumentos, a precisar suas theorias, a fazer maiores concessões á demonstração. Fatigados das abstracções metaphysicas e das vãs discussões da escola, quizeram seus fundadores formar a sciencia em um terreno solido. Porém tão estreita era a base por elles escolhida que a seu edificio faltaram simultaneamente amplidão

e solidez. Querendo restringir o dominio do pensamento, aniquillaram as mais bellas faculdades da alma. Repellindo as idéas de espaço, de infinito, de absoluto, tiraram a certas sciencias, ás mathematicas, á geometria, á astronomia toda a possibilidade de se desenvolverem e progredirem. Tem-se visto este facto significativo: que é no campo da astronomia estellar, sciencia proscripta por Augusto Comte como sendo do dominio do *Incognoscível* que as mais bellas descobertas têm sido realizadas.

O Positivismo está na impossibilidade de fornecer á consciencia uma base moral. Neste mundo, o homem não tem só direito a exercer, tem tambem deveres a cumprir; é a condição inilludível de qualquer ordem social.

Mas, para preencher os deveres, cumpre conhecê-los; e como conhecê-los; si se não indaga o alvo da vida, das origens e dos fins do ser? Como conformar-nos com a regra das cousas, segundo a propria expressão de Littré, si a nós mesmos nos interdizemos de explorar o dominio do mundo moral e o estudo dos factos de consciencia?

Com louvavel intuito, quizeram certos pensadores, materialistas e positivistas, fundar o que chamaram a moral independente, isto é, a moral liberada de toda concepção theologica, de toda influencia de cultos e de religiões. Acreditaram achar assim um terreno neutro em que todos os bons espiritos poderiam se reunir. Porém não reflectiram os materialistas que, negando a liberdade, impotente e vã tornavam a moral. Privado de liberdade, mais não é o homem que uma machina, e machina nada tem com moral. Tera tambem sido preciso que, para ser efficaz, fosse por todos acceita a noção do dever, e sobre que pôde-se apoiar a noção do dever em uma theoria mechanica do mundo e da vida?

A moral não pode ser tomada por base, por ponto de partida. Ella é uma consequencia de principios, o coroamento de uma concepção philosophica. Eis por que a moral independente fica uma theoria esteril, uma illusão generosa, sem influencia sobre os costumes.

(Continúa)

OBRAS de ALLAN-KARDEC

As pessoas que desejarem se iniciar no conhecimento da sciencia spirita devem ler seguidamente as obras de Allan Kardec, constando da relação que se segue:

Livro dos Espiritos (parte philosophica) contendo os principios do Spiritismo.

Livro dos Mediums (parte experimental) contendo a theoria de todos os generos de manifestações spiritas.

O Evangelho segundo o Spiritismo (parte moral) contendo a explicação das maximas de Christo, sua applicação e concordancia com o Spiritismo.

O Ceu e o Inferno ou a justiça divina segundo o Spiritismo (parte doutrinar) contendo numerosos exemplos sobre o estado dos espiritos no mundo espirital e na terra.

A Genese (parte scientifica) os milagres e as predições segundo o Spiritismo, contendo a explicação das leis que regem os phenomenos da natureza.

O que é o Spiritismo.

Noções elementares de Spiritismo.

Oeuvres Posthumes.

Este livro está sendo traduzido e editado em fasciculos que acham-se á venda na papelaria do Sr. Moreira Maximino, — rua da Quitanda n. 90.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGÃO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz n. 83, 2º andar.

Anno IX

Brazil — Rio de Janeiro — 1901 — Março — 1

N. 199

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz),
o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Estado da Bahia), o Sr.
Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompílio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Batura,
rua Lavapés n. 20.

Em Santos (S. Paulo), o Sr. Benedicto
José de Souza Junior, rua da Constituição
n. 117.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de
Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

**Pedimos a todas as pessoas
que recebem o Reformador
immediata participação de
alguma falta que por acaso
possa haver na entrega da
folha afim de ser prompta-
mente providenciada**

**Outrosim pedimos que,
para facilitar o serviço do
correio, nos seja commu-
nicada qualquer alteração
no nome da rua ou na nume-
ração de suas residencias.**

AVISO

**A Federação Spiritista Bra-
zileira mudou-se para a rua
da Imperatriz n. 83, 2.º an-
dar, onde funcionarão tam-
bem as sociedades que em
suas salas trabalham.**

**Communica-se ao publico
que a Assistencia aos Neces-
sitados trabalhará egual-
mente nesta casa.**

O Novo Codigo Penal e o Spiritismo

IV

Entre as varias cousas que em seu
primeiro artigo escreveu o Sr. Baptista
Pereira, ha ainda a affirmação de
« que os inqueritos judicarios, coroa-
dos todos de successo, a que tem pro-
cedido a justiça, contra charlatães e
especuladores, provam que os crentes
do Spiritismo são umas victimas infeli-
zes, ás quaes se espolia dinheiro e
juizo! »

Antes de tudo permitta-se que
ainda uma vez patenteemos estran-
heza pelo intrincado estylo do juris-
consulto: a cada periodo quasi, temos
de formular interpretações varias,
que ainda assim podem não traduzir
fielmente o pensamento do autor.
Praz-nos, porém, acreditar, que de
nossa parte está a deficiência, pois
que, alheios aos estudos de que bem
podéra ser emerito professor o illus-
trado Sr. Baptista Pereira, não dis-
tinguimos si se trata de estylo de
fôro, estylo de banca ou estylo de
promoção publica!

Assim é que, no periodo que vimos
de citar, acha-se apposta a « inque-
ritos judicarios » as palavras « coroa-
dos todos de successo », o que vale
por dizer, levados felizmente a cabo.

Ora, tal felicidade, com que se
rejubila o illustre codificador, só
attribuida pôde ser ao facto de terem
sido desmascarados « charlatães e
especuladores »; não se acredite, pois,
como á primeira vista pareceria, que
a satisfação do Sr. Baptista Pereira
vem por terem sido condemnados
spiritas; não, erão « charlatães e
especuladores », e como taes desafia-
vam nem só todo o rigor da lei, como
ainda, por terem sido desmascarados,
a satisfação de todos os juriscôn-
sultos.

Ora, si assim bem comprehendemos
este trechodo periodo, outro tanto não
succedeu com o restante delle. Não
sabemos effectivamente como a
condenação de « charlatães e espe-
culadores » pôde provar que « os
crentes do Spiritismo são victimas
infelizes ás quaes se espolia dinheiro
e juizo. »

Parece que o que pretendia dizer
quem isso escreveu era que os fre-
quentadores daquelles charlatães ti-
nham por elles sido infelizmente victi-

mados no dinheiro e no juizo. De
outro modo, mister seria concluir
que o illustre codificador houvera
candidamente acreditado que todos os
spiritas eram assíduos commensaes dos
especuladores charlatães.

Não interpretar, pelo modo que
fazemos, o citado periodo, mas litte-
ralmente traduzil-o, o mesmo seria
que dizer que o Sr. Baptista Pereira,
tendo visto na praça um dentista
ambulante, de pé em seu carro, a
propagar as virtudes de uma droga
miraculosamente universal, houvera
exclamado, apontando o publico nu-
meroso que se apressava em com-
pral-a: infelizes dentistas explorados
por aquelle charlatão.

Ora isto seria negar ao Sr. Baptista
Pereira a capacidade de julgar, seria
exporial-o do juizo que todos nelle
reconhecem.

Não é possível, pois, interpretar a
phrase litteralmente, até porque « a
letra matta e o espirito vivifica. »

Foi sem duvida porque o generoso
optimismo do illustrado codificador a
todos attribuia o conhecimento deste
apophtegma de Paulo, o apostolo,
que deixou a phrase tal como houvera
de principio escripto, sem julgar
siquier que pudesse a interpretação
litteral marear as esporas douradas
com que o armou cavalleiro das letras
juridicas a opinião publica.

Felizmente, contra a causa que pro-
pugnamos, a causa do Spiritismo,
valer não podem inqueritos judicari-
os: perante a justiça, com effeito,
partes não podem ser as questões
scientificas.

Ora de que as investigações spiri-
tas as praticas do Spiritismo, são
desta natureza, já devem estar con-
vencidos tantos quantos nos têm, sem
exceptuar mesmo o illustre juriscôn-
sulto, que, talvez por gratidão á con-
fiança da Republica, afadigou-se em
trabalho sobrehumano, gastando al-
guns mezes apenas na confecção do
codigo penal.

São de outra natureza os inqueritos,
para que se deve appellar nas questões
de Spiritismo: enquanto o Sr. Dr.
Baptista Pereira, talvez por um falso
ponto de vista, ou talvez por ter jul-
gado não dever pousar demorada-
mente a attenção sobre o assumpto,
oppoz sabios a sabios, investigações a
investigações, a nós competia entrar

friamente na analyse das investiga-
ções oppostas.

Quando, porém, com ares sérios,
appella para inqueritos judicarios,
promovidos contra estellionatarios que
como taes forão condemnados por
terem abusado da credulidade pur-
blica, involuntariamente descerramos
os labios em expansões rissonhas, po-
ver a destreza com que o folicullario
de occasião busca esconder atraz de si
o homem galardoado com um perga-
minho academico.

Desculpe-nos, pois, o Sr. Baptista
Pereira, si de principio a fim, neste
artigo, temos tido constantemente a
bocca aberta em jocosos hiatus.

Licito nos seja, ao terminar, soccor-
rer-mo-nos de um facto contemporaneo
que de proveito será a quem se com-
praz no parallelo das duas grandes
Unões da America.

O paiz em que tudo é grande, até
mesmo as mystificações, estava quasi
todo empenhado na discussão dos phe-
nomenos do spiritismo, quando as
muitas charlatanices fizeram com
que as legislaturas de alguns estados
do norte intervissem.

Quasi todos resolveram a questão
em um sentido liberal; o estado do
Alabama, porém, por sua legislatura
entendendo dever classificar o as-
sumpto nas contravenções, decretou
uma multa de 500 dollars a quem se
entregasse as praticas do spiritismo.

Pois bem, eis o que seguio-se,
segundo narra um escriptor impar-
cial, que escreveu um livro não para
negar os phenomenos do dominio do
spiritismo, mas para contestar a in-
tervenção dos espiritos: « Ce ne fut
d'une bout à l'autre de l'Union qu'un
immense éclat de rire. La presse
grave se contenta d'enregistrer le bill
en demandant si les Comanches ou
les Apaches avaient repris possession
de l'Alabama, mais les journaux à
caricature s'en donnèrent à cœur joie
et les malheureux législateurs en
virent de belles pendant une quin-
zaine de jours. Le gouverneur de l'État
eut le bon sens d'opposer son veto à
l'exécution du malencontreux bill, et
il n'en fut plus question. »

Ao Dr. Philip Davis, materialista
convencido, que taes linhas escreveu,
não havia de querer entregar sua
causa o Dr. Baptista Pereira.

E teria razão: um bom christão
deve se arrear de juizes materia-
listas.

(Continúa)

NOTICIÁRIO

Federação Espírita Brasileira. — Em suas ultimas sessões tem-se occupado a Federação com o capitulo do Livro dos Espíritos, que trata da lethargia, catalepsia, somnambulismo, extasis, etc. Tem-se dilatado esses estudos pelas muitas observações feitas pela sciencia moderna, que, embora desconhecendo taes phenomenos em sua natureza e fins, ha contudo adiantado alguma cousa na apreciação de suas modalidades. E' por isso que, na Federação, estando-se a fazer o confronto do que conhecemos com o que tem publicado os experimentadores da sciencia moderna, têm offerecido taes assumptos motivo de interesse a quantos os tem discutido.

E' por isso tambem que seu estudo tem-se prolongado, e continúa ainda a preoccupar os frequentadores da Federação. Compreende-se bem, que nunca será demasiado o tempo gasto em taes investigações, que são a chave das leis mediânnimicas, e consequentemente das relações entre o nosso mundo e o espirital. Fazer-se estudos sobre esses assumptos é penetrar os proprios fundamentos do Spiritismo. Convidamos, pois, a todas as pessoas de boa vontade, spiritas ou não, a virem-nos esclarecer com as luzes de suas observações: o momento é opportuno, e as portas da Federação acham-se abertas de par em par.

Cumprimentos. — Acha-se temporariamente entre nós o illustre confrade, fundador do periodico spirita de Curitiba «Luz», Sr. Manuel Cunha. Este nosso amigo, que é ali negociante muito conceituado, emprega os lazeres que lhe permitem suas arduas occupaões, em accender no Estado do Paraná o facho luminoso da grande causa que em boa hora expozamos. E' a seus esforços principalmente que se deve a derrama do Spiritismo naquella porção do Brazil: não vae nestas palavras um atomo sequer de lisonja ao nosso confrade, nem o desconhecimento dos serviços que em prol da causa não empregado outros confrades daquelle Estado Sirvam ellas apenas de incentivo aos que dormem sobre o descobrimento da verdades que encontraram, sem julgar dever concorrer para fazer della participes os que se perdem nos meandros das hypothèses. Cumprimos ao esforçado confrade, fazendo votos para que de cada semente derramada possa colher na proporção de um por cem.

Conferencia. — A 20 do mez passado teve lugar na sala da Federação Espírita Brasileira, a 2ª conferencia previamente annunciada. Por uma hora dissertou largamente o Sr. Dr. Bezerra de Menezes sobre a organização e methodo de trabalhos dos grupos spiritas.

O auditorio numeroso e escolhido, que enchia completamente o local da conferencia, deu por vezes demonstração de quanto eram para ser meditados os conselhos do illustre prelector. Possam elles calar fundo no animo de quantos se dedicam aos tralhos de grupo: taes os votos que fazemos. Pelas notas tomadas podemos dar um pallido resumo das palavras do conferente, que foram mais ou menos as seguintes:

(Pondo-se de pé). Que o nosso Pai Celeste em sua excelsa misericórdia permita sejamos todos esclarecidos! (Sentando-se). Senhores, si neste mo-

mento aqui me vedes, é que estou a cumprir um dever. Obediente antes de tudo ás injunções da consciencia, que me impõe não dever furtar-me aos serviços da causa de que somos todos adeptos, vim de boa vontade collocar-me no posto, que me marcou o presidente desta reunião. Notae, porém, que elle mesmo poz-me a vontade, quando disse que isto seria simplesmente uma palestra.

Conversemos, pois. De outra sorte ver-me-ia perante vós em difficuldades, porque, por mais que tentasse, não conseguia, até o momento em que vos falto, dispor em meu espirito um plano a que sujeitasse o que vos devo dizer. Isto mesmo, senhores, affigura-se me um facto digno de nossas meditações e de nossos estudos. Será a influencia malefica destes nossos irmãos que, no espaço, se comprazem em perturbar a marcha do Spiritismo? Ou será mais conveniente que eu receba aqui as idéas que deva emitir, mais luminosas do que as que poderia conceber? Deus assim o permita.

Não sei, senhores, si estaremos mais ou menos adiantados do que os nossos confrades da Europa; as cousas apreciadas de longe offerecem uns tons de grandeza, que alguma cousa, se distanciam da realidade: muito possivel é, pois, que, assim como elles nos julgam maiores do que somos, tenha tambem o nosso juizo a seu respeito os mesmos pontos de fraqueza.

Em nossos trabalhos, portanto, não nos devemos iludir com as miragens, porém guiar-nos antes pelas substanciaes lições daquelle que consideramos nosso mestre em Spiritismo.

Entre nós são poucos os que conhecem a doutrina do mestre, esta é a verdade: ha spiritas por conversas, spiritas que nunca leram o Livro dos Espíritos!

E' sobretudo essa falta de estudos, que acarreta um mal para a doutrina. Dir-se-ia que os spiritas vão atacar os nossos infelizes irmãos do espaço, sem tomaras precauções necessarias. Quem é spirita deve forrar-se por completo, para impunemente receber o embate das legiões adversas que não querem a regeneração humana. E este forro, esta couraça invulneravel sóse adquire com os conhecimentos que dá o estudo da doutrina.

Só a falta de estudo é que se deve attribuir a reproducção destas obcecões que têm chegado ao nosso conhecimento: o Spiritismo tem produzido, não ha negar, muitos casos de loucura. Qualquer estudo, senhores, a que exclusivamente se dedique um espirito, que a todas as horas só com elle se occupe, pôde, todos o sabem, trazer perturbações á razão; mas não é propriamente esta a causa que no Spiritismo tem dado origem a muitos factos de loucura: é sim a ignorancia da doutrina. Tratemos, pois, de educar o spirita, para só então cuidarmos na propaganda pelos grupos. Com effeito, senhores, que disparidade nos trabalhos de cada um dos grupos que percorre um visitante! Em um tal, por exemplo, elle vê como regra trabalhar de cada vez um só medium; em outro vê a simultaneidade do trabalho de dois ou tres; e em alguns até vê trabalharem tantos quantos os mediums presentes! Sobre este exemplo, que de momento me occorreu, compre que algum tanto me detenha. Não é indifferente, senhores, permitir-se a mediannização simultanea de uma ou mais pessoas: vós sabeis praticamente, e todos os autores o tem dito, que a efficacia do trabalho depende principalmente da boa concentração; quanto trabalha um só medium, é a elle que todas as atenções se dirigem: ha ali portanto unidade de vistas, e a concentração faz-se naturalmente, sem esforço. Imaginae, porém, que varios instrumen-

tos mediannimicos abrem as portas de suas faculdades a diversos habitantes do mundo extra-corporal; em taes circumstancias, subdividindo se as atenções, não ha concentração possivel; partida por este modo a corrente fluidica, só ha que esperar mystificações. E' sobretudo em taes grupos que penetram espiritos, que se adornam com os nomes de todos os santos da corte celeste e até de Jesus ou de sua mãe. A corrente fluidica desprendida pela unidade de vistas, isto é, a concentração, é de tal importancia que devem todos os directores de grupos ter sempre presente o sensato conselho, que tambem dali decorre, de se aggreuiarem poucos apenas para os trabalhos experimentaes.

Nesta numerosa assembléa, por exemplo, embora toda ella formada de spiritas, seria irredeucento á doutrina admitir manifestações ostensivas do mundo espirital.

Esquecendo-se os grupos destes preceitos, pôde-se dizer que quasi todos peccam pela base; não me refiro sómente aos nossos, mas tanto aos nacionaes como aos estrangeiros. Foi por isso, sem duvida, para uniformisar os trabalhos em todo o mundo spirita, que por todas as partes tem-se agitado a questão de federarem-se os grupos; e que aqui entre nós, em um respeitavel agrupamento familiar, Allan-Kardee, que ainda no espaço continúa a desenvolver sua obra, deu a comunicação que conheceis, na qual entre as indicações para organisarmos a propaganda spirita unindo-nos, indigitou-nos a federação.

Em vista dos conselhos do mestre, reuniram-se os spiritas em uma assembléa tão imponente como esta que me honra com sua attenção; deliberaram que cada grupo enviase um delegado, cuja reunião constituiria o centro. Este, formado com a presença talvez de 36 representantes, desde logo tratou de organizar um regulamento, que dê-se certa homogeneidade aos trabalhos de todos os grupos. Pois bem, senhores, nas seguintes reuniões a presença foi successivamente baixando em numero, até que pela falta dos delegados não poudes mais se reunir o Centro!

Nelle não se davam manifestações de espiritos: o Centro, pois, cahiu, porque ali não havia pasto á curiosidade. Sou levado a esta conclusão, por isso que os grupos que tal offerecem subsistem.

Ha ainda, senhores, considerações de outra ordem, que cumpre ter muito em vista para a efficacia dos trabalhos mediannimicos: refiro-mo ás condições moraes dos frequentadores de grupos.

Todos, ao menos na occasião dos trabalhos, devem affastar as idéas peccaminosas, fechando a porta aos espiritos atzados. Por nossos sentimentos, nós formamos a atmosphera, em que somos envolvidos; atrahimos bons ou máus espiritos, conforme nossas condições moraes. O que se dá com o individuo dá-se com os grupos, principalmente quando trabalham com diversos mediums, o que facilita a distracção e consequente entrada de espiritos atzados, ou pouco amantes da verdade. Ha, senhores, repetil-o ei sem causar, necessidade palpitante de boa organização dos grupos.

Outra condição importante, para que cheguemos a esse resultado, é a capacidade do director ou do presidente do grupo. Notae, senhores, que, offerecendo tal, eu não pretendo mecur que o presidente deva ser um doutor ou um padre: um individuo de qualquer classe social, um operario de qualquer officio, está apto para isto, desde que tenha previamente estudado a doutrina.

O organisador de um grupo deve

conhecer a doutrina e ter boa vontade, porque apparecem espiritos peiando a luz e outros combatendo-a, e o director deve dal-a na medida de seus conhecimentos. A cabeça do grupo deve ser bem educada na doutrina: quem, em consciencia, não se julgar apto, não assuma a responsabilidade de dirigir grupos. Não se leve, porém, o exagero ao ponto de, no interrogar a consciencia, dar ouvidos sómente ás vozes da modestia: cada cousa em seu lugar, e a sinceridade antes de tudo.

Só assim, senhores, teremos Spiritismo, bem organisado que sejam os grupos!

A's 9 horas terminou o conferente, que recebeu os cumprimentos de quasi todos os presentes. E' assim, agitando entre os spiritas estas questões praticas, que julga a Federação estar na boa causa de preparar o advento da epocha, em que mais facil e efficaz será a propaganda.

Novo grupo. — Mais um grupo acaba de fundar-se no Rio de Janeiro, como se verá do officio que abaixo inserimos. São nossos votos que seus membros, inspirando-se nas lições de Allan-Kardee, e sobretudo no Livro dos Mediums, concorram para o desenvolvimento de um grupo que seja o exemplo de todos nós. Este o officio:

«Grupo Spirita Maria da Conceição e José. — Illms. Irmãos e Confrades — Tenho a honra de communicar aos irmãos e confrades a existencia de mais esse Grupo com o titulo acima, funcionando á rua de Santo Christo dos Milagres n. 62 C.

«Fazendo-lhes esta comunicação espero receber de todos os meus irmãos o apoio, para a continuação da obra santa do senhor. Paz e amor seja nos corações dos muito dignos irmãos e confrades da Federação Espírita Brasileira. — José Ribeiro Barbosa — Presidente.»

Caso estupendo. — Pelo muito respeito que nos merece o nosso confrade Aquino Junior, e pela honrabilidade de seu character, acquiescemos ao seu desejo de dar publicidade á carta que nos dirigiu. Os factos nella narrados estão tão fora de tudo quanto de authentico conhecemos que só o muito credito que nos merece aquelle confrade faria com que em nossa folha abrissemos margem a taes narrações. Mas, nem porque estamos longe de conhecer estes factos extraordinarios em suas causas, devemos lhes negar publicidade: registrando todos os factos deixamos ao futuro o cuidado de explical-os.

Era este o proceder do Sr. Allan-Kardee, que sabe-se quanto conseguiu com tal systema. Si regeitassemos tudo quanto fosse além dos nossos actuaes conhecimentos, collocar-nos-iamos nas mesmas condições daquelle que repellem o que está fóra de suas preconcebidas theorias, muito embora trate-se de cousas revestidas de todas as condições de authenticidade. Teriamos assim, como elles, concorrido para que tardos fossem os passos na ordem dos descobrimentos psychicos. Eis a carta:

Sr. Redactor. — Solicito um lugar em sua folha, pela especial natureza della, para os casos que vou narrar e que, a meu ver, exigem estudo acurado. Ha cerca de 50 annos existia no porto de Irajá um mogo chamado Manuel, da familia de Francisco Lisboa (vulgo Grunbô). Era analfabeto e de tal simplicidade que poderei mesmo dizer ataleimado. O povo o appellidava — o encantado —, e algumas pessoas achem-nos — gaúcho ligeiro. Não sei bem a razão deste ultimo alcunha; para o primeiro, porém havia os motivos que

se vão ver. Quando queria, Manuel tornava-se repentinamente invisível; assim, indo buscar uma vez um objecto que sua irmã lhe pedira, elle lhe disse: « Deixa-me entregar-t'o, sem que me vejas »; e effectivamente elle desapareceu, vindo o objecto pelo ar, sem ponto de apoio visível, collocar-se nas mãos da moça. Isto não foi feito uma, porém muitas vezes. Outras vezes elle tornava-se de repente invisível, mas continuava a conversar: sua voz era ouvida, sem que se visse quem a emitia. No interior de qual quer casa elle muitas vezes apparecia, achando-se entretanto todas as portas fechadas. Em uma occasião, elle pediu um lugar n'uma canôa que tinha de partir do porto de Irajá: o barqueiro, escravo de D. Roza, já fallecida, esperou-o em vão, pelo que deliberou partir. Qual porém, não foi a sua admiração quando atracando á ilha do Saravata, viu consigo sair da canôa o moço Manuel!

De outra feita seu tio Francisco Lisboa foi a um jantar, a que não permitiu que o acompanhasse Manuel; na mesa procurou-se embalde uma colher que havia desaparecido sem se saber como; ao chegar Lisboa á casa, disse-lhe o sobrinho ter também estado presente ao jantar, sem que o vissem, e entregou a colher que subtrahira para demonstrar a sua presença. Multissimos outros factos ha que a tradição recolheu, mas que seria escusado reproduzir aqui. Finalmente, em um bello dia desapareceu Manuel, nunca mais sabendo delle seus parentes. Ainda hoje existem no porto de Irajá muitas pessoas que confirmam o que acabo de vos referir, contando-se entre ellas meu pae José Joaquim de Aquino, que pessoalmente conheceu Manuel.

Disponha meu irmão de seu confrade e amigo — *Jose Joaquim de Aquino Junior*. — Irajá, 4 de Fevereiro de 1891.

A unica explicação possível, em vista das circumstancias referidas, é que se tratava de um agenere. Sendo a carta por extremo resumida, não ha nella todos os elementos para chegar-se a um juizo definitivo.

Reformador. — Tendo annuciado em tempo acharem-se á venda

FOLHETIM

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADA

ROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS
(Continuação)

— Babilio, como passou? me perguntou o delirante com ares de quem tivesse comido e dormido commigo muitos annos.
Eu quiz mas foi dar-lhe um estouro para elle não ser desavergonhado, de tomar liberdades com quem não lhe deu confiança; o tio Bernardo, porém, me tinha avisado de que os taes bichinhos, sendo encantados, tem força e poder para esmagar um gigante.

— Passei bem, respondi, e aqui vim hoje desempenhar minha palavra de trazer-lho o seu tributo.

— Babilio, você é homem de bem.
— Nesta conta me tenho, Sr. caipora, e me tem todos os que me conhecem.

— Babilio, deixe ver o fumo que trouxe. Puchei da pitrona, feita de couro de maracajá curtido só pelo carnal e arranquei de dentro o pedaço de fumo, que rescandia.

O caipora tomou e encheu o cachimbo, que nunca deixa, e tirou duas fumagas, como quem quer provar a coisa.

— Babilio, seu fumo é o melhor que eu tenho todo até hoje.

— Esiaio bem, para ver que não tinha hontem de me querer atirar aos caítus.

— Babilio, aquillo foi só para você não facilitar commigo; porque eu sou seu amigo ha muito tempo.

— Mas, fiz-me o favor de dizer-me: d'onde é que veio essa amizade?

— Babilio, você quer que eu lhe diga?

— Quero, sim quero.

collecções encadernadas dos 5 primeiros annos deste periodico, 1873-77, foram os pedidos em tal numero que, em pouco, acharam-se esgotadas aquellas collecções. Para satisfazer a todos, mister foi que mandassemos fazer novas encadernações. Ora, estando tambem esgotada edição de alguns numeros, tivemos de mandar reimprimil-os, o que acarretou despesas, que fazem com que as novas collecções só possam ser vendidas ao preço de 20\$000. E' o que communicamos a quem as pretender.

Adhesão. — Do grupo spirita S. Manoel recebem a Federação o officio que vae abaixo transcripto. Honram-nos, por sem duvida, estas adhesões que se succedem espontaneamente: provam ellas que não havemos posto de lado o alvicio do trabalho; mas cumpre que se advirta que só deve carregar aos hombros a responsabilidade immensa de enfeixar, em um só molho, todas as varas dispersas, quem tiver a certeza de que as varas estão dispostas a ceder um tanto de sua flexibilidade em favor da rijeza do feixe, a que se não devem aggrementar por um só impulso de momento. Federar é, conservando embora a independencia autonómica de que se não deve privar nenhum ser intelligente, empenhar esforços e sacrificios em todos os momentos, em todos os instantes, incessantemente, em prol da causa commun. Ora, reunir-se em um dia para, pouco tempo depois, deixar o encargo todo nas mãos apenas de alguns, não é federar; é alienar direitos proprios, é abdicar a razão, é suicidar-se moralmente. Quando pois, um numero respeitavel de grupos tiver dado provas de estarem compenetrados tanto de seus direitos como de seus deveres, será o momento de fazer soar o toque de reunir. Enquanto se espera será um trabalho preparatorio o de estudar nem só os meios para a organização geral, como, o que é mais, o segredo de conservar firmes em seus postos as sentinelas da avançada. Eis o officio:

Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1891. — Irmão Presidente da Federação Spirita Brasileira. — O grupo spirita S. Manoel, que funciona provisoriamente á rua do Visconde de

— Babilio, você não se lembra de um dia em que você achou um veadinho chupando as tetas da veadia mãe, morta por um caçador?

— Lembrou-me sim, senhor.

— Pois esse veadinho era o meu predilecto e eu lhe fiquei querendo bem pelo carinho com que você o tomou e criou até que elle ficou grande.

— E' verdade, Sr. caipora; mas o patife assim que se pilhou creado, poz-se ao freseo sem me dizer: agradecido pelo trabalho!

— Babilio, não foi elle que o abandonou; fui eu que o tirei de sua casa, para fazel-o o que hoje é: o mais lindo animal dos meus dominios.

— Então é aquelle que hontem me foi chamar para aqui, expondo-me á quasi levar a breca?

— E' elle mesmo.

— Mas como está bonito o meu vi-vi! que assim o chamavamos em casa.

— Foi foi o vi-vi quem me ligou a voce, Babilio, e, visto que somos amigos, vamos assentar no nosso modo de vida.

— Tome lá este assobio de taquara, e guarde-o consigo sempre, porque, levando-o aos beigos, voce tem tudo o que precisar destas mattas e afastará qualquer perigo que o ameace.

Eu guardei um equal, e voce quando ouvir-lhe o som, corra para lá, que é caso de me ser preciso algum serviço seu.

— Dito e feito, respondi, tomando o assobio, e levando-o á boca por fazer experiencia; porque eu cá tenho fé em Deus mas sempre me seguro nos

Ah! Sr. Leopoldo, mal estrondou o assobio naquelles mattos, parece que as arvores se viraram em caça, e todas me queriam comer vivo!

— Sr. caipora, gritei. Mande seu povo ir-se embora, que eu não quero caça hoje, que é sexta-feira.

Sapucahy n. 2, por intermedio do seu presidente, abaixo assignado, vem declarar vos que aceita, sem restricções, a magnanima idéa da federação de todos os grupos spiritas da Capital Federal, vindo por seu turno reunir-se á Federação Spirita Brasileira.

O grupo S. Manoel, compenetrado de que hoje essa união é tanto mais necessaria quanto no presente o espirito das trevas lança mão de todos os meios para dispersar os cultores da nova doutrina firmada nas verdades do Evangelho do Christo, reunindo-se materialmente á Federação Spirita Brasileira, conservará, não obstante, toda a sua independencia, concorrendo tão somente para a aggrementação que se opera de todos os grupos, afim de estabelecer-se a união e fraternidade geral, tão necessarias presentemente.

O grupo S. Manoel, sandando-vos humildemente, faz votos para que do Eterno Pai vos seja dada toda a luz de que necessitais, para que possais levar por diante a gloriosa tarefa que vos impuzestes.

Paz e amor. — *J. E. da Silveira*. — Presidente.

Já estava quasi paginado o presente numero, quando recebeu a Federação officio dos grupos S. Sebastião e S. Roque, abundando nos mesmos sentimentos do officio supratranscripto. A falta absoluta de espaço não nos permite dar em sua integra.

COMMUNICAÇÕES

Grupo Perseverança

(Continuação)

Houve em seguida este colloquio com o espirito evocado:

Esp. — Aqui me tendes, meus amigos; sempre da melhor vontade, e mesmo com prazer, venho ao vosso chamado.

Evoc. — Sede bem vindo. Já tiramos um proveito de vossa estada entre nós: foi a lição de que não devemos julgar. Effectivamente faziamos de

O caipora riu-se e levando a mão á cabeça fez desaparecer a multidão de aves e quadrupedes que me tinham cercado.

— Viste? me perguntou. Viste como este assobio chama a teus pés tudo o que vive nestes mattos, de modo que não tens mais que escolher a caça de que precisares?

— Não, Sr. caipora, nem tudo o que vive nestes mattos acode ao som deste assobio.

— O que é que faltou?

— Olhe: não veio aqui a dona de uma garganta que solfejaua ha pouco, a que dou valor mais do que tudo isto que aqui veio.

O caipora olhou-me serio e de cara amarrada.

— Orde viste D. Rola?

— Pois não foi ella que me guiou para aqui, quando eu estava perdido nestes mattos, que não conheço?

Ah! meu senhor. Antes tivesse eu papeado fogo no coração do calumun.

O bugrinho poz-se na ponta dos pés, accendeu as ventas, e arreganhou os dentes, que parecia levado de todos os diabos.

— Pois que viste D. Rola, não podes mais viver, desgraçado. Estão rotos os nossos tratos.

Dizendo assim, creceu em cima de mim com tal fúria que nem tempo me deu de apanhar minha escopeta.

Eu julguei negocio simples pegar no pequeno pelo meio do corpo, e atiral-o de catumbus a duas braças de distancia; mas quando o diabinho tinha a força de um gigante!

Lutámos como duas pintadas; mas eu reconheci que não era gente para o nanico e já me preparava para ir dormir com S. Pedro, quando a voz da princeza encantada rompeu no meio da matta cerrada cantando esta toada:

Sou filha do sol
Sou neta da lua

vós juizo erroneo como vemos agora pela humildade de vossas respostas: valha-nos uma desculpa — a franqueza com que o confessamos. Podeis entrever as circumstancias em que reviveres sobre a terra?

Esp. — Meus bons amigos, julgastes bem, julgando-me como o fizestes em primeiro lugar; mas agora me pedis o que não posso vos dizer; preciso de muito tempo ainda para uma prova.

Evoc. — Mas podeis ao menos dizer-nos si esta nova vinda dependerá de vontade vossa ou de qualquer outra vontade?

Esp. — Posso escolher a prova pela qual terei de passar, pois que em tudo me submetto á vontade superior.

Evoc. — Quaes são os preparativos a que ha pouco vos referistes?

Esp. — Fortalecer em mim o desejo do bem, que apenas desponta; procurar conhecer o que me é necessario para, de accordo com o meu desejo, poder trabalhar proveitosamente para meu adiantamento e o bem geral.

Evoc. — Mas que fazeis no espaço para fortalecer o desejo da pratica do bem?

Esp. — Ouvindo, vendo, observando tudo quanto é o bem. Como dar-vos uma idéa do que aqui podemos ver, observar?! Entretanto, quando em vós sentis o desejo do bem, o que fazeis? Não procuraes na contemplação de tudo quanto é bello e grande excitar o vosso desejo, e não procuraes os meios de chegar ao objecto que vos attrahia? Pois é o que acontece aqui; porém o nosso ponto de mira é superior ao vosso.

Evoc. — Quando se nos disse que o estado do nosso espirito e as intenções que dictavam as perguntas influíam poderosamente sobre as respostas, quiz-se-nos dizer que especificadamente na ultima reunião foram as respostas prejudicadas?

Esp. — Não; porém tereis respostas bem claras ás vossas interrogações, si o sentimento que as dictar for puro e humilde, isto vos foi dito: sim, porque neste caso influis sobre os que interrogues e modificaes as suas intenções; e ainda mais outras influencias impellem-nos pela força a ceder o lugar a quem deve vos dar a resposta.

Evoc. — Bem; tinhamos ainda a

P'ra terra fugi
D'uma sorte crua.

Amei no espaço
Casei-me no mundo
E sinto mais vivo
Meu amor jocundo.

Não ha no universo
Quem ame como eu.
A vida que levo
E' vida do ceu.

Sou filha do sol
Sou neta da lua
Jovino não tarda
Vem á rola tua.

Aquelles cantos foram agua na fervera. O caipora deu um suspiro, que parecia um gemido, e desapareceu de meus olhos.

Bem me dizia o tio Bernardo que isto de caiporas são cousas encantadas!

— Sr. Babilio, para que se hade vosmece metter nessas entrosugas?

— Vamos, meu rapaz; deixemos assobios magicos e toca para a vida que sempre levamos até hoje, sem maiores aquellas.

Assim conversei commigo mesmo, quando me vi livre do damnado bugrinho e como disse, fiz: atirei longe o assobio, tomei a espingarda e despiquei-me serra abaixo, como um veadito tocado pelos cães.

Entre em casa tão desgastado, que todos me julgavam para morrer.

— Não é nada; foi um susto.

— Susto de que? Babilio.

— Foi um bicho que me appareceu.

E nunca disse em casa a historia do caipora, e nunca mais quiz noticias da tal neta da lua.

E entrou por uma porta e saiu pela outra, vá á El-Rei meu Senhor que conte outros

(Continúa)

fazer-vos uma pergunta sobre objecção que foi posta por um dentre nós, mas aguardaremos isso para a próxima quarta-feira.

Esp. — Pela minha parte o desejo é muito, pois que tenho convosco conseguido os melhores proveitos; até breve, pois.

Foi a seguinte, neste dia, a comunicação terminal:

« Caríssimos filhos, si nos vossos estudos, nas vossas meditações, procurardes adquirir não o saber, mas sim o conhecimento com o fim de applical-o a reformar tudo quanto em vós é contrario á harmonia moral, estae certos, filhos, que tereis sempre junto a vós um guia attento e vigilante, que arredará de vosso caminho o embuste e a mentira, e vos levará, como pela mão, ao templo da verdade. » — Luiz.

Deliberou-se que terminasse este trabalho, proceder-se-á a um melhor estudo dos ultimamente obtidos, afim de ser publicado seu resultado.

Na sessão seguinte veio esta instrução inicial:

« Não é na multiplicidade dos estudos, porém na sua assimilação que o vosso espirito póde aproveitar os ensinamentos contidos nelles: andaes, pois, acertadamente estudando os vossos trabalhos com toda a attenção, afim de que o que de bom elles encerram, gravando-se em vossos espiritos, não se desvança como leve sombra, mas permaneça para o vosso bem. »

Suscitando-se duvidas, em vista desta comunicação, si se devia dar por encerrados os trabalhos com este espirito, replicou o guia: « Approva simplesmente a vossa determinação; podeis ainda hoje ouvi-lo, porque elle está aqui presente, e terá nisto satisfação. »

Em vista desta replica deu-se o seguinte:

Evoc. — Dissestes que ereis assistido por espiritos superiores e depois dissestes que eram espiritos inclinados ao mal que vos faziam empregar certos meios grosseiros; como conciliar estas duas affirmações?

Esp. — Si vos lembrardes bem, achareis simples estas duas respostas, que se acham explicadas no ponto em que procurei vos fazer comprehender como, tendo a reparar uma vida anterior, tinha de vir com a mesma organização reparar o mal que tinha praticado. Ora essa organização conjuntamente com as tendências anteriores, contra as quaes tinha de lutar, me sujeitavam a duas influencias contrarias, que produziam, como resultado, os actos que conheceis e suas consequências.

Evoc. — Como a hora já se acha adiantada, ainda uma vez impetramos de vossa boa vontade a vossa vinda entre nós, não com o fim de vos interrogar sobre o futuro, mas sobre o vosso passado.

Na seguinte sessão, que foi a ultima com este espirito, o dialogo se estabeleceu pelo modo seguinte:

Esp. — Admirastes-vos, meus caros irmãos, de me achar em condições tão boas; tendes razão, são admiráveis os effeitos da misericordia divina! Só ella p de produzir dessas transformações miraculosas!

Evoc. — Na encarnação anterior á de H. entregastes-vos aos mesmos trabalhos mediannimicos?

Esp. — Sim, mas tinha o mal por objecto.

Evoc. — Poderíamos saber onde e em que epocha tivestes esta encarnação?

Esp. — Ha muito tempo já: no meado do tempo decorrido da era christã até esse em que estamos.

Evoc. — Não poderíeis precisar um pouco mais?

Esp. — Poderia sim, mas pouco

interesse vos daria minha resposta precisa.

Evoc. — Onde tivestes essa existencia?

Esp. — Na Italia.

Evoc. — Antes da encarnação italiana vivíeis no planeta Terra, ou tinheis vindo de outro?

Esp. — Já tinha tido algumas existencias neste planeta Terra.

Evoc. — No largo intervallo entre aquellas duas existencias, vivestes a vida errante do espaço?

Esp. — Soffri, errei, como bem dizeis, até que convencido suppliquei uma nova existencia, em que fraqueei muitas vezes, porém tive a felicidade, senão cumprir fielmente minhas promessas, praticar algum bem, pouco. É verdade; mas o nosso Pae é tão clemente que, embora meo nenhum merecimento, ouviu meu arrependimento, e me concedeu graças.

Evoc. — Mas qual o motivo por que o italiano veio reviver no Brazil?

Esp. — Essa existencia em meio estranho áquelle em que eu vivi, não tem a importancia que julgaes talvez, e as razões das existencias aqui ou alli não vos são sempre reveladas quando a existencia é aceita e não escolhida como no meu caso; como vos disse, suppliquei um meio que me foi proporcionado, mas não escolhi.

Evoc. — Ter-se-ia encarnado no meio brasileiro muitos daquelles com os quaes estivestes em relação na existencia italiana?

Esp. — Sim, sim, eu os tenho encontrado, não todos, mas alguns; encontrei-os sobre a terra, e tambem no espaço onde agora eston; sim, digovos, encontrei-os de novo, estive em relação com elles, e ainda eston com elles no estado espirital; porém não quereis que vos responda assim, por que?

Evoc. — Podeis ir aos outros planetas á vossa vontade?

Esp. — Em nenhum superior á terra; porém posso ir a alguns que lhe sejam inferiores.

Evoc. — Mas ides a estes mundos inferiores com a forma em que estaes aqui entre nós, ou tendes necessidade de alguma modificação?

Esp. — Posso modificar o meu perispirito, e retomar a forma que já foi minha, quando habitante desses mundos, mas posso tambem com auxilio superior ir sob uma forma estranha a todas as outras inclusive á de H.

Evoc. — Materialisemos mais: penetraes nestes mundos inferiores á terra, tendo o perispirito nas mesmas condições em que elle se acha aqui?

Esp. — Nas mesmas condições, entendendo-se em geral, tendo entretanto de soffrer modificações adequadas ao meio em que tenho de entrar.

Evoc. — Poderíeis permanecer nesses mundos por muito tempo?

Esp. — Pelo tempo que fór necessario aos designios que la me tivessem levado, si fossem justos e bons.

Evoc. — E poderíeis aqui vos apresentar a um medium vidente com as formas que tivestes no mundo inferior?

Esp. — Não; para que fim: tudo o que não é para fim util não tem razão de ser.

Evoc. — Parece que não nos sendo dado conhecer o que se passa nos mundos inferiores, si vos podesseis apresentar ao medium vidente com aquella forma, tal conhecimento, que nos é vedado, tornar-se-ia patente. Parece que é por isso que não tendes essa faculdade. Será?

Esp. — Meus bons irmãos, quem sou eu para vos ensinar? Porcarei responder a vossas perguntas o mais claramente que me foi possível, mas vejo que, estae certos disso, aproveitei mais do que vós das nossas relações. Crede que, quando fór-me possível prestar-vos algum esclarecimento,

será para mim uma grata satisfação. Só tenho, pois, a vos dar mil agradecimentos pelo bem que me fizestes.

Evoc. — Que Deus vos acompanhe.

A instrução final foi assim:

« Podeis agora concluir o trabalho, tirando delle, pelo estudo, alguns esclarecimentos, que por ventura vos fossem precisos. »

Em seguida escreveu ainda o medium:

« Na verdade vos digo, filhos, que sem a caridade não permanecerá convosco a verdade. A Verdade e a Caridade, isto é, a luz e o amor, abraçadas harmoniosamente em Deus, o autor de tudo, não podem ser desunidas sem ser aniquilladas no coração do homem. »

MISCELLANEA

Os mediums especiaes

O artigo assim epigraphado é da lavra do Sr. Allan-Kardec, e foi publicado em um dos numeros da *Revista* de 1860:

A experiencia prova todos os dias quão numerosas são as variedades da faculdade mediannimica: prova tambem que as diversas nuances desta faculdade são devidas a aptidões especiaes não ainda definidas, abstracção feita das qualidades e conhecimentos do espirito que se manifesta.

A natureza das communicações é sempre relativa á natureza do espirito, e traz o cunho de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorancia; mas em egualdade de meritos, no ponto de vista hierarchico, ha incontestavelmente nelle uma propensão a occupar-se antes de uma que de outra coisa; os espiritos batedores, por exemplo, não sahem das manifestações physicas: e entre os que dão manifestações intelligentes ha espiritos poetas, musicos, desenhistas, moralistas, sabios, medicos, etc. Fallamos dos espiritos de ordem media, porque, chegados a certo grau, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Mas, ao lado da aptidão do espirito, ha a do medium, que é para elle um instrumento mais ou menos flexivel, e no qual descobre qualidades particulares, que não podemos apreciar.

Tomemos uma comparação: um musico muito habil tem á mão varios violões, que, para o vulgo, serão todos bons instrumentos, mas entre elles o artista consummado faz grande differença; reconhece nuances de extrema delicadeza que lhe farão escolher uns e rejeitar outros, nuances que elle antes comprehende por intuição do que póde defini-las. O mesmo succede com os mediums; em qualidades eguaes na potencia mediannimica, o espirito dará preferencia a um ou a outro, segundo o genero de communicação que quer dar.

Assim, por exemplo, vêm-se pessoas escrever como mediums admiráveis poesias, bem que, nas condições ordinarias, não tenham nunca podido ou sabido fazer dous versos; outras, ao contrario, que são poetas, e que, como mediums, nunca puderam escrever senão prosa, apesar de seu desejo. O mesmo succede com o desenho, com a musica, etc.

Alguns ha que, sem terem por si mesmos conhecimentos scientificos possuem particular aptidão para receber communicações sabias; outros servem mais facilmente de interpretes aos espiritos moralistas; em uma palavra, qualquer que seja a flexibilidade do medium, as communicações que elle recebe com maior facilidade têm geralmente um cunho especial: ha mesmo alguns que não sahem de

certo circulo de idéas, e, quando dellas se afastam, só têm communicações incompletas, laconicas, e muitas vezes falsas.

Fóra das causas de aptidão, communicam-se ainda os espiritos mais ou menos voluntariamente por tal ou tal intermediario conforme suas sympathias; assim, em egualdade de circunstancias o mesmo espirito será muito mais explicito com certos mediums, por isto só que lhes convem melhor. Estar-se-ia, pois, no erro, si, porque se tem á mão um bom medium, tivesse elle embora a mais facil escriptura, pensasse-se por elle obter boas communicações; a primeira condição é incontestavelmente assegurar-se da origem de que emanam, isto é, das qualidades do espirito que as transmittite; porém não é menos necessario levar em attenção as qualidades do instrumento que se dá ao espirito; cumpre, pois, estudar a natureza do medium como se estuda a natureza do espirito, porque são estes os dous elementos essenciaes para obter um resultado satisfatorio. Ha um terceiro que goza um papel egualmente importante, é a intenção, o pensamento intimo, o sentimento mais ou menos louvavel do que interroga; e isto se concebe bem. Para que uma communicação seja boa, é preciso que emane de um bom espirito; para que este bom espirito possa transmitti-la, é-lhe preciso um bom instrumento; para que elle queira transmitti-la, é preciso que o fim lhe convenha. O espirito, que lê no pensamento, julga si a questão que se lhe propõe merece resposta seria e si a pessoa que lh'a dirige é digna de recebê-la; no caso contrario, não perde seu tempo em semear bons grãos sobre pedras, e é então que os espiritos levianos e brincadores vem, porque, pouco se inquietando com a verdade, não olham as cousas de tão perto, e são geralmente bem pouco escrupulosos quanto ao fim e aos meios.

Segundo o que acabamos de dizer, comprehende-se que devam haver espiritos mais especialmente occupados, pelo gosto ou pela razão, com o allivio da humanidade soffredora; que devam egualmente haver mediums mais aptos do que outros para lhes servir de intermediarios.

Ora, como estes espiritos actnam exclusivamente tendo em vista o bem, devem procurar em seus interpretes, além da aptidão que se poderia chamar physiologica, certas qualidades moraes, entre as quaes figuram em primeira linha a *dedicação* e o *desinteresse*.

A cupidez sempre foi, e será sempre, motivo de repulsa para os bons espiritos e causa de attracção para os outros. Cabe, com effeito, debaixo do bom senso que espiritos superiores prestem-se a todas as combinações do interesse material, e que estejam ás ordens do primeiro que pretenda exploral-os? Os espiritos, *quaesquer que sejam*, não querem ser explorados, e, si alguns parece consentirem nisso, si mesmo vão além de certos desejos muito mundanos, é quasi sempre tendo em vista uma mystificação, de que elles se riem em seguida, como de uma boa peça pregada a pessoas por demais credulas. Finalmente não é talvez inutil que alguns queimem os dedos, afim de lhes ensinar que não se deve brincar com cousas serias.

Attenção

Recomendamos aos nossos agentes do interior e aos demais confrades que toda correspondencia deve ser dirigida a ALFREDO PEREIRA — R. da Imperatriz 83. 2º andar, conforme está declarado no cabeçalho desta folha.

REFORMADOR

ASSIGNATURA ANNUAL

Brazil 5\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

PERIODICO EVOLUCIONISTA

ORGAO DA FEDERAÇÃO SPIRITA BRASILEIRA

ASSIGNATURA ANNUAL

Estrangeiro 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE
CADA MEZ

Toda a correspondencia deve ser dirigida a — ALFREDO PEREIRA — Rua da Imperatriz n. 83, 2º andar.

Anno IX

Brazil — Rio de Janeiro — 1901 — Março — 15

N. 199

EXPEDIENTE

São agentes desta folha:

Na cidade de Formosa (Estado de Goyaz),
o Sr. Joaquim H. Pereira Dutra.

No Pará, o Sr. José Maria da Silva Basto.

Na Cachoeira (Estado da Bahia), o Sr.
Francisco Xavier Vieira Gomes.

Na cidade do Rio Grande do Sul, o Sr.
capitão Paulino Pompilio de Araujo Pinheiro.

Em S. Paulo, o Sr. G. da S. Batura,
rua Lavapés n. 20.

Em Santos (S. Paulo), o Sr. Benedicto
José de Souza Junior, rua da Constituição
n. 117.

Em Campos, o Sr. Affonso Machado de
Faria, rua do Rosario n. 42 A.

As assignaturas deste periodico come-
çam em qualquer dia, e terminam sempre
a 31 de Dezembro.

ATENÇÃO

**Pedimos a todas as pessoas
que recebem o Reformador
immediata participação de
alguma falta que por acaso
possa haver na entrega da
folha a fim de ser prompta-
mente providenciada**

**Outrosim pedimos que,
para facilitar o serviço do
correio, nos seja commu-
nicada qualquer alteração
no nome da rua ou na nume-
ração de suas residencias.**

AVISO

**A Federação Spirita Bra-
zileira mudou-se para a rua
da Imperatriz n. 83, 2.º an-
dar, onde funcionarão tam-
bem as sociedades que em
suas salas trabalham.**

**Communica-se ao publico
que a Assistencia aos Necessi-
tados trabalhará egual-
mente nesta casa.**

O Novo Codigo Penal e o Spiritismo

V

Após ter alludido a experiencias
negativas de alguns homens de scien-
cia e a condemnações de alguns mé-
dicos, accusados de mystificações e
charlatanices, conclue o Sr. Baptista
Pereira que em vista destas razões
« não pode a seita (refere-se ao Spiri-
tismo) fallar em nome da sciencia, da
moral e da religião » !

Antes de tocar na idéa capital que
deste texto transluz, seja-nos permit-
tido fazer uma distincção, que talvez
aclare as idéas e corrija as opiniões do
illustre jurisconsulto.

Vai quasi sempre no vocabulo —
seita — o pensamento de uma aggre-
gação religiosa, que apartando-se do
sentir geral, constitue um scisma na
religião mais communmente admitti-
da. Assim é que tal palavra se em-
prega com relação a todas e a cada
uma das differentes confissões em que,
no decorrer dos tempos, se tem scin-
dido o christianismo.

Desde o segundo seculo até nossos
dias, desde Saturnino e Basilide, desde
Origenes e Jamblico, até João Huss,
até Luthero e Calvino, até Svenden-
sborg, tem se visto crescerem os seios
do christianismo para poderem aleitar
as seitas sem numero que delle se hão
gerado.

Por mais divergentes, porém, que
pareçam ser, têm ellas contudo carac-
teres que lhes dão uma feição uni-
forme; é assim que todas nascem pela
influência das mesmas causas, que
todas vivem pelo cultivo das mesmas
paixões, que todas morrem pelo mesmo
arraigamento ao passado.

Nascem pela diversidade de inter-
pretações que dão aos livros que todas
acreditam revelados; vivem da luta
encarnçada que sustentam odios reci-
procos cada vez mais ateales; mor-
rem finalmente porque, só tendo os
olhos para traz, não vêm o carro do
progresso, que em sua vertigem as
esmagá.

E, pois, bem de ver que, si o credo
geral das seitas apoia-se em livros,
cujas origens se perdem na manhã das
edades, si só vêm em cada uma de
suas palavras as proprias expressões
divinas, aos homens reveladas pela
misericórdia, e, si crêm basear tal
origem nos milagres, isto é, nos actos

que desobedecem às leis naturaes,
haver não pôde seita que se accom-
mode com as conquistas do progresso.

Ora o Spiritismo não crê em mila-
gres, isto é, bem que não caminhe
após a cega teimosia dos que precon-
cebidamente os negam, explica os por
leis naturaes que elle soube descobrir.

Demais, acompanhando o progresso,
que elle tambem considera uma lei,
não ha fanatismo se entifico ou reli-
gioso que o aherre a quaesquer livros,
que porventura, em dados tempos,
contrariem a evolução da humani-
dade.

Não reconhece egualmente o Spi-
ritismo dogmas, quer decretados por
qualquer assemblea, quer deduz dos
de quaesquer letras: elle só vê na
natureza leis que o esforço, o traba-
lho, a observação aturala vão gra-
dualmente desvendando. São, pois, os
spiritas na mais lata acceção do
termo verdadeiros livres pensadores.

Dir-se-a entretanto que elles hon-
ram-se tambem com chamarem-se
christãos, com haverem por modelo a
Jesus de Nazareth.

Sim; é que o caracter de universa-
lidade que dá o conho ao Spiritismo
tambem o dava á doutrina pregada
na Palestina. Sim; é que nunca pas-
sou pela mente do revolucionario da
paz constituir uma religião e menos
uma seita. Sim; é que Jesus olhava
com o mesmo a nor Judeus, Samari-
tanos e Gentios. Sim e sim; porque o
Christo, constituindo-se o precursor
dos tempos em que se não adoraria o
Pai em Gazirim ou em Jerusalém,
mas em espirito e verdade, derrocou
todas as formulas dos cultos, levantou
um altar inquebrantavel á pureza dos
intentos, ao cultivo do coração.

Jesus é, pois, nosso mestre e nosso
modelo, como o typo dos livres pen-
sadores !

Nós os livres pensadores spiritas
somos, portanto, christãos.

Do que levamos dito conclue-se que
não é certamente o Spiritismo que
achar-se pôde limitado ao ambito res-
tricto de uma seita.

Si, porém, á tal palavra não se der
o sentido que geralmente se lhe attri-
bue, mas tão só a significação de con-
junção de pessoas ligadas pela homo-
geneidade das idéas, então, sim,
aceitaremos positivamente o nome que,
 neste caso, traz até um elogio.

Em vista do que precede dirá agora

o illustrado Sr. Baptista Pereira si
podemos ou não fallar « em nome da
sciencia, da moral e da religião. »

Pôde porventura aos que aspiram
a modelar-se pelas lições de Jesus negar
autoridade para fallar em nome da
moral quem tambem se confessou não
sómente christão, mas bom christão ?

Terá já deixado de ser o louro rabbi
de Nazareth a pedra angular de toda
moral, a base de toda verdade ?

Ou quem sabe si só não têm auto-
ridade aquelles que se chegaram ao
christianismo, não pelas impressões
da fé cega, mas pelos brados da razão
esclarecida nas fontes de todos os
estudos ?

E porque não poderá o Spiritismo
fallar em nome da sciencia ?

Só teria nisto razão o Sr. Baptista
Pereira si por acaso occultasse-se o Spi-
ritismo ás vistas do mundo, si fosse
procurar meandros reconditos onde
devera acompanhá-lo a justa condem-
nação de todos os homens de bem.

Mas é precisamente o contrario que
accide: não só affronta todos os
olhares e ouvidos, mas tambem aconselha,
pede, roga, supplica a todos
os cidadãos esclarecidos que procurem
estudá-lo, que procurem investigá-lo.

Não só isso: mantém em quasi todos
os paizes do globo uma cópia sem
numero de periodicos especiaes, que
registão, dia a dia, o resultado das
investigações; faz sahir cada anno
dos prelos tão grande quantidade de
livros que os publicados bastariam
para encher qualquer bibliotheca.
Será isto occultar-se ?

Será fugir ás investigações cien-
tificas ?

Por ultimo: esta mesma discussão
que actualmente mantemos não estará
provando que o Spiritismo nada tem
que occultar ?

Demais temos affirmado uma e mil
vezes, e talvez o Sr. Baptista Pereira
não ignore, que as leis descobertas e
publicadas pelo Spiritismo chegaram
ao conhecimento dos homens por in-
vestigações levadas a cabo pelos mais
rigorosos processos scientificos.

Não poderá elle fallar em nome da
sciencia ?

Queremos crer que o Sr. Baptista
Pereira, já sufficientemente esclare-
cido, procure, *motu proprio*, corrigir
o art. 158 do codigo na parte em que
se refere ás praticas do Spiritismo.

(Continúa)

NOTICIÁRIO

O novo congresso. — A comissão de propaganda, organizada desde o ultimo Congresso Internacional Spiritista, tem em mãos, para resolver, a questão do novo congresso que se reunirá em Bruxellas. Antes de decidir sobre seu programma e organização, discute-se a preliminar da data, em que deverá ter lugar: será em 1892 ou em 1894? O assumpto não é de pouca monta, como se poderia supôr, tanto que as opiniões têm-se bipartido. Julgam uns que 1892 está tão proximo de 1889, que tempo não houve, depois do ultimo congresso, para o apparecimento de questões de tal importancia que occupem as attentões dos novos congressistas. Contrariamente opinam outros que, além de algumas, embora poucas, questões novas, poder-se-ia o Congresso de Bruxellas occupar-se de assumptos de que não cogitou o de 1889, taes como a transcendente questão de Deus, e outras ainda. Alguns membros da comissão de propaganda residem em outras cidades que não Paris; eis por que, devendo seus juizes serem formados por carta, as opiniões de todos terão de se retardar pelo tempo da viagem. Seja como for, o novo congresso internacional ter-se-á de reunir em Bruxellas, conforme ficou assentado no de Paris. Licito nos seja, a nós humildes trabalhadores deste canto da America, patentear também nosso modo de ver no assumpto em debate. Parece que, quando o fundador da doutrina affirmava, em suas obras, não terem os homens o sentido que lhes poderia fazer chegar a percepção divina, afastou do tapete dos debates spiritistas a questão de Deus. Aquelle homem illustre, tão propriamente chamado pelo Sr. Flammarion o bom senso encarnado, affirmava logo em começo de seu primeiro livro, que a natureza divina é inacessivel ao espirito embarçado no torvelinho da materia, muito embora possa ir comprehendendo algumas das perfeições de Deus, á medida que se eleva acima da materia. E' mesmo de supôr que as varias escollas que neste particular se tem engendrado, dentro mesmo do Spiritismo, desde a que o pinta como o Deus apaixonado dos catholicos ou o dos pagãos, até a que vai beber inspirações no pantheismo de Spinoza ou do Boudha, ou no atheismo dos materialistas, outra origem não têm sinão a orgulhosa velleidade de querer attingir o inacessivel. Si vivo, pois, fôr o mestre, é de presumir que se teria opposto com a autoridade da sua palavra a que em um congresso se agitassem questões de impossivel resolução. Tanto mais, teria elle sem duvida accrescentado, quanto não fica muito longe de um concilio uma assembléa que se reúne com o fim de firmar idéas sobre principios abstractos. Eis o perigo; e delle deve fugir o Spiritismo com a celeridade com que se affasta do abysmo que fascina. Mil outras questões, das que podem ser resolvidas pelos processos experimentaes, estão á espera do assentimento de um congresso de especialistas: não é, pois, cedo para um ou mais que um congresso spiritista. Si porventura permittido nos fôsse suggerir algumas daquellas mil questões, nós, ao acaso, lembrariamos, por exemplo, as distincções entre o magnetismo humano e o espirital, entre a lucidez do automatismo somnambulico e a da mediumnidade consciente, a verificação das experiencias do Sr. H. Pellerier sobre o fluido magnetico e o electrico, a questão da penetrabilidade da materia pela materia, a distincção entre a vida organica e a actividade perispiritual, etc.

Como estes, muitissimos outros

assumptos há capazes de preoccuparem, por largo tempo, as attentões de varios congressos, que por este modo sobre si chamariam as sympathias dos verdadeiros homens de sciencia.

E' assim que opinamos; faça-se, porém, o que melhor fôr.

Après la mort. — O livro que, com este titulo, acaba de publicar o notavel orador e estylista Sr. Léon Denis, é, no dizer de todos os commentadores, uma obra de fazer época. Desejando que da obra façam nossos leitores um juizo aproximado, vamos, com a necessaria venia, para aqui transladar uns trechos do artigo que no periodico *Le Spiritisme* publicou o Sr. Anzanneau:

Divide-se o livro em quatro partes: Historica, Philosophica, Scientifica, Moral.

Na parte historica, leva-nos o autor, da India a Gallia, passando pelo Egypto e pela Grecia; lembra-nos a origem das religiões, chega ao christianismo, depois ao positivismo e ao materialismo.

Esta primeira parte, que devera ter estado ao autor grandes pesquisas, a julgar pelas remissões bibliographicas, é muito instructiva. Nella sobrevêm preciosos dados scepticos e crentes.

A parte philosophica trata dos grandes problemas: O Universo, Deus, a alma, a pluralidade das existencias, o fim da vida, as provas, a morte.

A parte scientifica divide-se em dous principaes capitulos: 1.º *O mundo invisivel*; 2.º *Além vida (L'au-delà)*.

Ahi trata o autor notavelmente da materia e da força, dos fluidos, do perispirito, da vida no espaço, da justiça divina, da encarnação.

A parte moral comprehende: o dever, a fé, esperança e consolação, orgulho, egoismo, caridade, amor, resignação, prece, etc.

Estas tres ultimas partes do livro são conformes aos ensinamentos spiritistas; são as idéas emitidas nas obras de Allan-Kardec, porém apresentadas sob uma outra fôrma, que pôde ser considerada, não como uma synthese, mas como um resumo da philosophia spiritista.

E' superfluo accrescentar, para aquelles que conhecem Denis, que o estylo está na altura dos pensamentos, e que a sciencia se alia ao sentimento.

A Salpêtrière caminha. — O facto de haver o professor Charcot ter feito a portas fechadas a ultima das suas experiencias na Salpêtrière, de que temos noticias, levou o Sr. B. Sylvain, que escreve o *Boletim Parisien*, no *Moniteur Spirit et Magnétique*, a crer que trata-se de experiencias spiritistas.

Faziam-se varios commentarios, e o *Gaulois*, que parece estar bem informado, diz que tratar-se-ia do estudo dos estados bizarros, conhecidos geralmente debaixo do nome de desdobramento da personalidade, estado segundo, automatismo ambulatorio, etc.

A. Leah Fox. — Deixou o envolvero terreno a 5 de Novembro ultimo, em New-York, uma das tres irmãs que produziram espontaneamente os primeiros phenomenos spiritistas, revelando-se medium de effeitos physicos, A. Leah, ultimamente Mistress Underhill.

O seu corpo foi acompanhado ao cemiterio de Greenwood por uma multidão de parentes e amigos, pronunciando Mistress Helen J. T. Brigham uma bella invocação a Deus, seguida de um bonito discurso sobre os deveres da vida, sobre a immortalidade, sobre a tarefa terminada pela morte, finalizando a cerimonia com algumas palavras de prece.

Maçonaria Spiritista. — *El Cri-*

erio Espiritista, de Madrid, traz as bases geraes, firmadas pelos Srs. Anastacio Garcia Lopes, Presidente geral interino e Victor Montes, Secretario geral interino, para a fundação de um Grande Oriente Spiritista, que constituirá a Federação maçonico-spiritista iberico-americana.

Proxima conferencia. — Sexta-feira, 20 de Março, pelas 7 horas da noite terá lugar a 3.ª preleção, para a qual são convidados nem só os membros da Federação como todos os spiritistas. Os diversos grupos devem se considerar convidados por esta simples noticia, embora tenhamos a intenção de, nas proximidades do dia, fazer-lhes lembrar o convite por cartas-bilhetes. Houra-nos desta vez, com os conselhos de sua experiencia, o nosso illustrado confrade Ulysses Cabral, que, de boa vontade, acquiesceu a solicitação da directoria da Federação Spiritista Brasileira.

Reformador. — Tendo anunciado em tempo acharem-se á venda colleções encadernadas dos 5 primeiros annos deste periodico, 1873-77, foram os pedidos em tal numero que, em pouco, acharam-se esgotadas aquellas colleções. Para satisfazer a todos, mister foi que mandassemos fazer novas encadernações. Ora, estando tambem esgotada a edição de alguns numeros, tivemos de mandar reimprimil-os, o que acarretou despesas, que fazem com que as novas colleções só possam ser vendidas ao preço de 20\$000. E' o que communicamos a quem as pretender.

Medico medium. — Lê-se no *Criterio Espiritista* de Madrid: Um doutor de Mubarne, conhecedor do spiritismo e do magnetismo, assegurava que podia diagnosticar uma enfermidade e prescrever o apropriado remedio somente pela inspecção de uma mecha de cabelos do paciente. Um dia o coronel Joul, querendo pol-o em prova, cortou um punhado de cabelos de um cadaver que se achava no deposito e remetteu ao doutor com uma nota, em que lhe pedia o diagnostico da molestia do enfermo de quem enviava aquella mecha. O medico devolveu ao coronel o cabelo e a nota, escrevendo nesta: *Enterre se o homem o mais depressa po sivel.*

Curioso phenomeno. — Do mesmo collega trasladamos a seguinte noticia, transcripta do *Scientific American*, de New York, a qual foi dada sob a responsabilidade de um dos dous medicos Woodman e Huges, ambos os quaes observaram o phenomeno: O jovem William Undernoob, visinho do povo de Pan-Pan (Michigan) é um phenomeno singular que deve ser estudado com grande interesse, pois seu estranho poder demonstra que a electricidade é indispuntavelmente a força nervosa. Tem 27 annos, e seu dom particular é accender fogo com o halito, ajudado de manipulações. Toma um qualquer lenço, atrita-o com vigor, enquanto sopra e immediatamente este inflama-se e é consumido pelas chamas; isto depois de submeter-se o moço a toda sorte de precauções para evitar o engano.

A's vezes, sahindo de casa para o campo, sopra n'um punhado de folhas seccas, incendia-as a-sim, e tirando a roupa molhada põe-n'a a seccar com o maior sangue frio.

Contudo não pode effectuar este raro spectaculo mais de duas vezes ao dia, pois o esforço deixa-o um tanto estenuado, obrigando-o ás vezes a sentar-se. Certa occasião, incendiando um jornal pelo referido meio, colloquei a mão sobre a cabeça de William, e senti seu cranco retorcer-se com violencia, como si soffresse uma excitação intensa. Muitas vezes vi-o levan-

tar-se da mesa, beber um golo d'agua, e incendiar depois com um sopro seu guardanapo. E' um moço ignorante, e diz haver descoberto seu extranho poder limpando a bocca com o guardanapo que promptamente se inflamou, em suas mãos. Aqui não ha nenhum engano. O que haverá então?

Charitas. — Recebeu a Federação um convite para a sessão commemorativa da installação, em Niecheroy, desta sociedade.

Lá compareceu, como nosso representante o Sr. Nerses Barrozo, que transmittiu-nos a grata impressão que recebeu com o acolhimento fraterno por parte da benemerita directoria daquella pia instituição.

Trouxe-nos tambem o nosso representante o primeiro relatorio annual, que foi presente á assembléa. Delle extrahimos o seguinte resumo:

RECEITA

Collecta de 425 mealheiros. . .	3:780\$850
Donativos.	371\$880
Pensões não reclamadas. . . .	10\$000
Recebimento do valor dos mealheiros.	91\$000
	4:256\$730

DESPEZA

709 pensões a 111 pensionistas. 3:603\$000	
Auxilios extraordinarios. . . .	240\$880
Factura de mealheiros.	226\$200
Saldos.	186\$650
	4:256\$730

Foi por aclamação eleita a mesma directoria, que se compõe dos nossos respeitaveis confrades: Dr. March, presidente; Silva Rago, secretario: A. S. Lobo, thezoureiro.

A *Charitas* é filha directa das lições do missionario da Judéa: ali a mão esquerda não vê, quando se abre a direita. Quem, pois, filho dos mesmos principios, tiver noticia de tal instituição, obrará de accordo com a sua consciencia christã, solicitando da *Charitas* um mealheiro, que em casa conserve para depositar, em favor dos necessitados, as economias que fizer em suas despesas. A quantos nos lêem supplicamos, em nome de Jesus, este auxilio em favor da obra santa da *Charitas*.

Desdobramento da personalidade. — Por este modo denominar, sem duvida, os sabios investigadores das diversas escolas hypnoticas ao facto curioso e notavel, si bem que não pouco commum, que, tendo feito carreira por quasi toda a imprensa, chegou assim ao conhecimento da *Society for Psych Researchs*. Esta conscienciosa sociedade enviou á America do Norte seu secretario o Sr. Richard Hodgson com o fim de verificar a authenticidade do facto, que foi por elle comprovado. E' o caso: Lurancy Vennum, menina de treze annos, adoeceu de ataques nervosos de tal natureza que foi tida por louca. De repente trocou sua identidade, pretendendo ser Mary Proff, menina de doze annos, que morrera antes do nascimento de Lurancy. Nestas condições, desconheceu seus paes, e dirigiu-se para casa da familia Proff, onde, sendo recebida com affecção, appareceu a todos, inclusive aos amigos e ás relações da que se chamou Mary Proff, embora desconhecidos de Lurancy. Viveu tres mezes nesta casa, e, recobrando então a saude, manifestou á familia Proff que deixava de ser Mary, e que, tendo chegado o momento de sua partida, devolvia o corpo a sua proprietaria Lurancy. Esta, com effeito, voltou para casa de seus paes, sem molestia alguma, como tambem sem a recordação do tempo em que esteve transformada em Mary Proff.

Experiencias de Charcot.

— Com a devida venia do periodico spirita *Le Messager* transcrevemos a seguinte nota, publicada no *Journal de Charleroy*:

Os membros da Commissão da Assistencia publica do Conselho geral, continuando suas visitas nos hospícios e hospitaes, foram recentemente á Salpêtrière, onde assistiram ás interessantes experiencias do Dr. Charcot.

Apresentou-lhes a principio o doutor uma menina das cercanias de Péronne, que, cossa exquisita, entra em catalepsia desde a manhã ao acordar; só sahindo della á noite no momento de deitar-se.

Pôde-se-lhe fazer tomar oleo de figado de bacalhau por champagne, etc, etc.

O Dr. Charcot desperta a, quando quer, pondo-a em seu primeiro estado em que elle percebe então distinctamente os objectos exteriores, e em que se recorda de todo o passado; mas ao cabo de alguns minutos, ella faz um movimento nervoso e recabe em seu segundo estado, no qual aliás não sente mais uma paralyisia de que é affictada na perua.

Depois desta menina; veio um jornalista, tratado por ataques de nervos devidos a uma consideravel surmenagem. Elle uma vez adormecido, não cahe no estado de somnambulismo propriamente dito, mas antes em uma especie de delirio.

Não se poderia, por exemplo, dar-lhe a beber agua por vinho de Bordeaux, mas elle acredita estar acompanhado por um amigo que não o deixa, ao qual conta suas impressões muitas vezes originalissimas.

Batem-se tres pancadas na mesa, elle imagina achar-se na Cleopatra, a peça de que mais se tem fallado nestes ultimos tempos e então elle faz a seu amigo invisivel uma longa critica desta peça.

Agita-se uma folha de Flandres, elle figura-se assistir a uma dança india.

Põe-se-lhe deante dos olhos um vidro vermelho, elle começa logo a ler uma proclamação revolucionaria que commenta.

Depois deste, o Dr. Charcot adorme-

ceu um rapaz, açogueiro dos arredores de Paris. Só depois de um violento ataque de epilepsia é que adormece, e então só tem uma preocupação: matar baratas que por toda parte vê. Parece que, tendo uma vez dormido em casa de um padeiro, acordou-se pela manhã coberto destes animaesinhos.

Como o precedente, os differentes exteriores lembram-lhe espectaculos, sons aos quaes acredita assistir ainda.

Minudencia curiosa: elle escreve uma canção sobre uma folha de papel, á qual se substitue, sem que elle o perceba, por uma folha de papel branco; elle faz sobre esta folha immaculada as correções de letras e de pontuação nos logares em que deveriam se achar sobre a folha escripta.

Enfim, antes de se retirarem, tenlo os Srs. Duplan e Georges Berry perguntado ao professor Charcot si acreditava possivel uma suggestão capaz de fazer commetter crimes e delitos, respondem o doutor negativamente.

Elle declarou que o sensitivo (*sujet*) que se queria arrastar a uma acção má, tinha, apesar de tudo, consciencia do acto que ia commetter; e que sempre cahia em uma crise de nervos antes de agir.

E, para provar o que avançava, o Sr. Charcot adormeceu uma moça, e decidiu-a, depois de uma longa luta, a ir roubar valores em um cofre; mas no momento em que ella estendia a mão para o dinheiro, cahiu na crise nervosa prevista.

Si não houver excepção a esta regra, eis um precioso systema de defeza tirado aos accusados perante os tribunales.

COMUNICAÇÕES**Grupo Perseverança**

I

(Continuação)

(2ª SERIE)

Ao estudar-se neste grupo o trabalho já publicado sob a lettra I., reconheceu-se a necessidade de novamente

— Ora! quem quer amar arrisca-se a perder.

— Não, meu compadre, não é a riqueza e o poder que dão a felicidade.

Eu vejo ricos e poderosos sorumbaticos e ás vezes chorando lagrimas de sangue; entretanto que eu, com toda a minha pobreza e insignificancia, vejo amanhecer e anoitecer todos os dias do anno sem maior abalo d'alma. Sempre ouvi dizer: "maior a não, maior a tormenta".

Compadre. A vida é tão curta, que não vale a pena fazer sacrificios pelas honras e glórias que o mundo dá.

Os reis quando morrem deixam tudo o que tiveram e levam para o outro mundo tanto quanto o ultimo de seus subditos.

Entretanto este, si não teve grandezas, teve uma cousa que os reis não tem—teve a paz do espirito.

A paz do espirito é a unica felicidade que se pode ter nesta vida e só o pode conseguir quem não tem ambições e só procura fazer bem.

Eu estou contente com a minha sorte que não troco pela de um rei.

Tenho tudo que preciso para viver. Para que mais?

Si mais tivesse mais necessidades me appareceriam e até me viriam desejos impossiveis: o que perturba a paz do espirito.

Deixe lá, compadre Patricio, os pobres são tão filhos de Deus como os ricos, e tem menos trabalho do que estes em subir a montanha, porque levam menos carga.

— Lá por isso tem razão, respondeu Patricio; mas é o diabo esta historia da gente ter posição, ver todos lhe tirarem o chapéu, e ninguém se lhe chegar sem ser de olhos no chão.

— E', é bonito, é agradável; mas esses vultos que se adoram são muitas vezes pobres desgraçados, que invejam a sorte dos que nada tem, porém possuem, o talismão da felicidade—nada lhes falta porque nada desejam.

Como vê, o tal Sr. Basilio era um pilosopho com umado.

Admira, Sr. Amorim, ver naquelles

evocar-se o espirito, a ver si mais alguns esclarecimentos poderiam mutuamente illuminar evocado e evocadores.

E' por isso que apparece esta segunda serie de trabalhos com o mesmo espirito, cuja evocação já havia preocupado os membros do grupo. Na sessão em que se tomou tal deliberação, foram dadas as duas seguintes communicações, sendo inicial a primeira, e final a segunda:

« Um estudo attento do presente trabalho, meus caros irmãos, dar-vos-ha varios esclarecimentos; quer o considereis em relação a outros precedentes, em que, sendo identico o movel que dirige o espirito, mas diversa a esphera de acção, ha resultados e consequencias muito differentes para um e outro espirito; quer o estudeis com o fim de entrever as relações existentes entre as duas grandes leis:—Justiça e Misericórdia. » — Luiz.

« Castigo e perdão, justiça e misericórdia parecem a muitos entre vós duas cousas oppostas; não são mais entretanto do que duas leis harmonicamente unidas, que se completam uma pela outra: admiravel união no seio da Sabedoria Infinita! »

A sessão immediata iniciou-se com a seguinte communicação.

« Procurando sondar pontos tão sensiveis do mal, ides, filhos, exacerbando o espirito, produzindo-lhe a dor. E' preciso, pois, que vossa intenção seja piedosa, para que, aquecidos de um raio de amor, possaes derramar na sua alma ulcerada um pouco desse balsamo forte e virtuoso que doma a revolta e suavisa a dor. Luiz. »

O trabalho foi mais ou menos como segue:

Evoc. — Sede bem vindo. Será do vosso gosto entrar de novo em conversa connosco sobre os mesmos assumptos do entretenimento ultimo?

Esp. — Sois uns sonhadores, e que-reis que vos acompanhe em vossos devaneios!

Mas não tenho sempre lazeres para tal; entretanto, já que tanto insistis, fallae; dizei: que motivos tão serios vos movem a isso?

Evoc. — Em que é que somos sonhadores?

inviros sertões, onde não chega, nem bruxoleia a luz da civilisação, homens de um juizo tão recto e de uma intelligencia tão penetrante, que parecem doutores.

E, entretanto, alguns são até analphabetos! E' que Deus não designa ninguém para as cidades e para o campo, e os espiritos adiantados e os atrasados incarnam indetermindamente nos grandes centros e nos grandes desertos.

Dahi procede a coexistencia de grandes intelligencias e de intelligencias boças, tanto nos centros civilisados como nos remotos sertões.

A differença unica é que nos primeiros, os homens intelligentes instruem-se depressa, tornam-se famosos! ao passo que nos segundos, estacionam e morrem desconhecidos.

Quanto luminar se perde no meio daquella massa ignorante?

Nestas considerações passei distraido o resto da noite, quasi esquecido de meu irmão e de minha Alzira.

Acordei quasi alegre, depois de ter passado por ligeiro somno.

A primeira idéa que me veio foi a aventura do Sr. Basilio com o caipora.

Seria possivel que o velho estivesse alucinado!

Meu espirito prendia-se tenazmente áquella facta, como si houvesse alli para elle o maior interesse.

O homem, pensava eu, vai sempre devassando os mysterios da criação.

O que hontem lhe era um milagre, ou cousa incomprehensivel, hoje lhe apparece como um facto natural, muito explicavel por leis novamente descobertas.

Quem sabe? Talvez amanhã estas historias de seres encantados lhe appareçam como as cousas mais naturaes do mundo?

E uma idéa me atravessou o cerebro deixando profundo sulco.

Quem sabe si essas apparigões não são as formas que tomam os espiritos dos mortos?

E' claro que nunca serão os daquelles

Esp. — Sonhaes, sim, em vez de empregardes a vossa actividade em alcançar os fins que tendes em vista.

Evoc. — Mas então como entendeis que deveramos empregar a nossa actividade? Tentando levar a todas as verdades que alcançamos, empregamos nossos meios: nosso processo é o da persuasão.

Esp. — E o que entendeis por verdade? Já a conheceis, ou procuraes ainda?

Evoc. — A verdade é o que é. Procuramos conhecer parcelas de verdade, para do alto dos telhados proclamal-as. Resta que respondeas á nossa primeira interrogação.

Esp. — Mas estas n'um labyrintho, no qual não quero vos acompanhar, e do qual não sahireis assim tão facilmente. Está completamente fóra do meu caminho, e não podemos nos entender, nem mesmo conversar.

Evoc. — Perdoae. Censuraes-nos por não querermos ser egoistas? Si vos temos dito que as verdades que adquirimos proclamamos. Será, por isso, que nem conversar podemos?

Esp. — Temos idéas muito diversas, occupaões tambem diversas. Enquanto sonhaes, eu combato; enquanto quereis submeter-vos, eu pretendo dominar; sois ou quereis ser mandados, mas eu não estou a isso habituado.

Evoc. — Submeter-nos! Oh! nós nos queremos submeter sim, mas ás leis naturaes que indicam o recto caminho do Bem! Oh! sim, obedientes, nós queremos ser mandados, porém mandados por quem é a fonte daquella Bem. Deus, nosso Pae e vosso Pae, Deus o Pie de todos nós!

Esp. — Esse ser do qual fallaes, conheceil o tão bem assim? Foi elle quem vos deu essas leis? Presumis demais. Por longe que se estenla a minha vista, só vejo dois principios: um sempre dominando o outro; não vejo outro ser superior á força, que tudo rege. Como, pois, quereis que vos acompanhe em vossos sonhos?

Evoc. — A hora esrá esgotada; pedimos que volteis de novo quarta-feira. Sim?

Esp. — Achava melhor terminar aqui.

que se adiantaram na vida terrestre; mas bem podem ser os dos atrasados, os dos materializados, que se prestam a tão grosseiros papeis.

O caipora será um espirito vão que se apraz em representar de rei das selvas.

O lobis-homem um espirito perverso, que toma aquella forma para fazer mal a um inimigo vivente. E a mula sem cabeça um espirito obcessor que toma sua victima e fal-a representar o triste papel.

Com esta explicação que deixei ao futuro apreciador, dei-me por satisfeito e não pensei mais em caiporas.

Almoçamos coalhada com carne assada e partimos, eu e Thomé, acompanhados por meu hospede até os limites da fazenda, onde fizemos nossas despedidas.

Encaminhei-me para Piranhas, ardendo em desejos de ouvir a historia de meu irmão contada pelo que o acompanhou em seus ultimos momentos.

Cheguei no dia seguinte, já noite, e facilmente descobri a casa do Juca Columna.

Ficava ella fora do povoado, cossa de dous kilometros, e encontrrei-a fechada, como si estivesse deserta.

Bati á porta, depois de ter feito soar o classico — « oh de casa »; e, com surpresa, vi abrir-se uma janella, por onde me fallou a velha mãe do Juca, dizendo que o filho tinha sahido desde a vespera, e que não sabia quando voltaria.

Fiquei muito contrariado, até porque não tinha onde me arrachar. A velha, porém, tirou-me do embarço, dizendo-me que por não estar o filho em casa, não era razão para eu deixar de aceitar sua hospitalidade.

Esta casa, meu senhor, apesar de pobre, está sempre aberta a quem lhe bate á porta.

Aceitei o offerecimento, recusando entretanto agasalho interior. A meu minha rede no alpendre aberto, que era mais fresco.

(Continúa)

TOLENTIN

Dr. A. Bezerra de Menezes

A CASA MAL ASSOMBRADAROMANCE DE COSTUMES SERTANEJOS
(Continuação)

Eu fiquei scismando sobre aquella historia de uma creença, que se acha enraizada em todo o sertão do Norte.

Como explicar similhante facto? De um lado, está a certeza que temos de que tudo aquillo é abuso.

De outro lado, está a sinceridade com que affirmam terem visto, homens da maior respeitabilidade!

Minha imaginação se perde em conjecturas sem atinar com o sahido deste dádalo, em que não descubro o fio de Ariadne!

Como desta que acabo de reproduzir, encontram-se naquellas paragens respeitáveis attestados de mil outras historias, como sejam: as da mula sem cabeça e do lobis-homem.

Eu referir-lhe-hia o que a este respeito me contou o capitão Thomé Lopes, juiz de paz de paz da Villa do Frade no Riacho do Sangue, onde goza da maior estima e consideração.

E, por tudo isto, verás — como não se pode ter opinião baseada pró ou contra.

— Voce sempre foi muito tolo, compadre Basilio, exclamou o Sr. Patricio, quando aquelle concluiu sua narração.

— Então por que? Sr compadre.

— Porque desperou uma amizade que podia fazel-o rico e poderoso.

— Pois sim! E o perigo de um dia o ladrão do caipora mo dar em postas aos seus caítús!

Terminaram nesse dia os trabalhos com a seguinte instrução:

Ha chagas tão profundas, caros irmãos, que é necessario, para cural-as, a cauterização dolorosa do ferro ardente; é por isso que vos disse que neste caso, a justiça era a misericórdia. — Luiz.

MISCELLANEA

A minha adhesão

Sr. Redactor. — Bem disse o Sr. Dr. Castro Lopes em sua conferencia de 15 de Julho de 1887, citando algumas paginas de Paulo Gibier:

« Platão, o sublime philosopho grego, faz em sua republica menção de certo povo d'Africa que habitava uma região proxima do Egypto, tinha esse povo a denominação de Troglodytas, porque vivia em lapas e cavernas, donde não sahia e só se alimentava de serpentes e outros reptis.

« Refere o mesmo philosopho que uma feita um dos taes Troglodytas sahio do seu buraco, e deu um passeio ao ar livre e á luz do sol.

« Passada a primeira e natural impressão, produzida pela rapida mudança do meio, em que vivia, foi pouco a pouco se habituando, e depois de haver contemplado com a maior admiração as maravilhas celestes e terrestres, voltou para junto de seus subterraneos companheiros, e lhes contou cheio de pasmo tudo quanto vira. Os outros Troglodytas encheram-se de furor, ameaçaram-n'o e tomaram-n'o por louco; visto que pretendia inculcar-lhes novidades que iam de encontro ao que elles conheciam; mas, nenhum quiz verificar a noticia dos esplendores e magnificencias, que existiam fóra de suas cavernas.

« Aplico el cuento — Os que tem estudado theorica e experimentalmente o Spiritismo, são como aquelle Troglodyta, que ousou romper com a vida da obscuridade; os que duvidam, os que negam, os que não querem admittir os phenomenos do Spiritismo, porque vão de encontro ás leis conhecidas da sciencia, representam perfeitamente os outros Troglodytas.

De facto, geralmente quem combate o Spiritismo são individuos que delle ignoram os principios mais rudimentares. Julgam perder tempo no estudo dessa sciencia e fallam, quasi sempre, sem conhecimento de causa.

Educado em um estabelecimento catholico, filho de familia catholica, a minha intelligencia amoldou-se aos principios e dogmas dessa religião. Depois, com a idade, vivendo em um centro anti catholico, considerando a vida sobre todas as suas phases, estudando a terra como planeta, vendo que esse pequeno atomo em relação aos outros astros não devia ser o unico habitado, ficando essa immensidade de mundos imprestaveis; não comprehendendo a criação de demonios, entes votados ao mal, com a perfeição e justiça de Deus; achando absurda a crença nas penas eternas; não podendo conciliar a união da alma com o corpo, dous elementos heterogeneos, inteiramente oppostos; finalmente, considerando irracional a crença na infallibilidade papal e em muitos outros dogmas, eu sentia que as idéas catholicas que acalentava já não satisfaziam as aspirações de moço que sente despertar em seu cerebro os raios luminosos da razão.

Começava a descrever...

Julgava o naturalismo o mais racional dos systemas philosophicos. A escola naturalista parecia-me a mais sensata porque, apesar de não abafar as duvidas que surgiam no meu espirito, comtudo era a que

melhor explicava os seus principios, parecendo basear-se na logica a mais racional.

Inclinando-me sempre para o atheismo, permaneci entretanto na duvida, soffrendo os supplicios terribes do septicismo.

Foi nesta occasião que deparei em minha estante com um pequeno folheto intitulado — O que é o Espiritismo — pelo Sr. Allan-Kardec. A leitura rapida desse livro não deixou de impressionar-me e senti o desejo irresistivel de lê-lo novamente. Encantaram-me a simplicidade da phrase, a grandeza da doutrina e a logica admiravel do auctor.

Immediatamente li o « Livro dos Espiritos. » que produziu-me a mais viva curiosidade e interesse pelo Spiritismo. Admirei a magna philosophia que encerra aquella doutrina tão consoladora, e então ponde comprehender que esses astros sem conta que descobrimos no espaço são mundos, onde humanidades em graus infinitamente diversos de adiantamento physico, moral e intellectual caminham como a nossa para a perfeição indefinida; vi que o homem não é só composto de dous elementos, mas de tres: um corpo carnal, uma alma incorporea e um envoltorio especial, que é o organismo da alma, quando se achas eparada do corpo, e o laço de união entre ella e o corpo, enquanto vivemos: fiquei sabendo que os aijos não são mais do que espiritos dos que viveram, e que chegaram a perfeição completa; soube que o espirito progride sempre, e que, por consequencia, as penas não são eternas, porque o espirito soffrerá, enquanto permanecer no mal; que Deus nada criou para o mal; que o criminoso ha de arrepender-se e reparar o mal que houver commettido; que a alma não morre com o corpo, e que teremos a felicidade de tornar a ver os nossos amigos e parentes já fallecidos; que, finalmente, o Spiritismo satisfaz todas as nossas aspirações, e que é a unica philosophia racional, porque se basea em verdades incontestaveis e se apoia nos factos maravilhosos e sorprendentes que apparecem em sua pratica.

A leitura do « Livro dos Mediuns » consolidou a minha crença. Entreguei-me ao estudo pratico do Spiritismo, e os resultados que obtive foram tão admiraveis que, seria o mais insensato dos homens, si não abraçasse de coração, essa philosophia tão logica, tão racional, tão consoladora, que ha de, infallivelmente, conquistar a adhesão da humanidade, trazendo lhe a paz e a fraternidade universal.

Allan-Kardec será considerado como o reformador do seculo XIX.

Fazendo, pois, profissão de fê spirita, procurei Sr. redactor, continuar os serios estudos que encetei sobre essa doutrina, esforçando-me tambem por seguir as bellas maximas do Spiritismo, que são as mesmas de Jesus Christo, porém, expurgadas dos erros e dos enxertos clericais.

(S. Paulo, 15 — 2 — 91.)

Antonio Felipe A. de Oliveira
(ex redactor-proprietario do extincto « Diario do Commercio » de S. Paulo.)

Communicado

Capital Federal, 24 de Fevereiro de 1891.

Sr. Redactor. — Amigo dedicado, ha cerca de 12 annos, da insigne doutrina que propagaes, desejo discorrer na missiva que vos dirijo e que deixo a vossa apreciação o ser ou não publicada.

Sem mais preambulo, passo a expor-vol-o.

Em Novembro do anno passado, quando ainda achava-me com licença

na Cidade de Valença, Estado da Bahia, soube á noite em casa de minha familia paterna, onde estava hospedado, que em um becco, denominado Pereira Franco, pouco distante de nossa casa, se achava, desde as 5 horas da tarde, uma pardiinha de 14 a 15 annos de idade, com uns ataques descommunaes, gritando e fallando, padecimentos tão fóra do commum aos quaes o vulgo denominava de — alma encostada ao corpo — modo este deq qualificação, que me trouxe a resolução de il-os pessoalmente presenciar, pelo costume que sempre tenho seguido, de ser muito reservado em não aceitar a exposição de um facto, que chamam de sobre-natural, sem as precisas cautellas e si puder ser, vel-os ereductir sobre elles.

Em vista, pois, disto, não quiz perder a occasião de apreciar o dito facto.

Logo que eu, e uma irmã spirita que desejei acompanhar-me, nos abeirámos á casinha da doente, observámos grande multidão de pessoas á porta, excedente de outras, que enchiam completamente a salinha, onde jazia sobre um estrado de madeira a referida mocinha em estado excessivo de prostração, devido talvez a luctas anteriormente travadas pelo accesso.

Ao approximar-me da paciente, indaguei dos pais todas as circumstancias desses ataques, as horas certas em que a accommettiam, o que fallava e etc., e em todas as respostas me confirmava a idéa que mantinha de ser um phenomeno spiritico que se nos apresentava, mas nada dei a entender a essa gente, que ignorava taes phenomenos.

Confiado então nos trabalhos a que muitas vezes assisti, confesso francamente para me desilludir, nas sessões spiriticas, e depois nas instrucções dos livros do Mestre, pousei a mão sobre a cabeça da paciente, impondo minha vontade, que me respondesse quem tanto a fazia soffrer. Parecia que só estava á espera dessa pergunta, por quanto tive resposta immediata: — Sou Rosa.

— Quem é Rosa?

— Uma moça da fabrica que ha poucos mezes falleceu affogada no rio da mesma fabrica.

Verifiquei ali logo com os assistentes acerca dessa moça, e do accidente fatal que lhe tirou a existencia, combinando perfeitamente tudo com as suas respostas. (1)

Continuei em seguida: — E o que sente agora, Rosa, e o que pretende, infligindo tanta violencia a esta pobre menina?

— Sinto ainda a agonia de minha morte tão afflictiva, passada em horrora escuridão. Pego que me mandem dizer uma missa ao S. S. Sacramento, que prometti, mas morri sem tel-a mandado dizer.

Esforcei-me em acalmar-a com as consolações christãs, prometendo que a missa havia de ser mandada dizer.

Effectivamente, depois disso a moça passou dos actos de sobreexcitação para os de placidez, tomada em seguida de um sono tranqullo até de manhã, conforme informação colhida no dia seguinte, em que o parcho do lugar, personagem distincta por sua illustração, e pensar livre aos preconceitos fanaticos, occorreu tambem ao chamado dos paes da rapariga para lhe dizer a missa, pedida pela fallecida, o que o referido parcho prometteu, ficando por suas convicções plenamente conforme com o que propaga a sciencia spirita, que já conhecia.

A missa foi celebrada, e por consequencia todos pareciam acreditar

(1) Ha em Valença laquelle Estado duas fabricas de tecidos, em uma das quaes essa moça, indo lavar sua roupa, resvalou na beirada do rio e submergiu-se, só depois de dias apparecendo o corpo.

ficar a paciente livre dessa pressão, que lhe sobrevinha sempre pelo fim da tarde e á noite; mas assim não succeden nesse mesmo dia da celebração da missa, tendo eu, ao escurecer, noticia, que ella já se achava tomada dos mesmos ataques, noticia que, devo confessar-vos, alguma coisa me desconcertou, por não saber ao que attribuir essa nova repetição. Corri portanto ao mesmo lugar, agora com toda a familia da casa onde estava hospedado, composta na minima parte de crentes da doutrina spirita, mas que todos queriam por si mesmo avaliar dos factos.

A mesma agglomeração de povo fóra e no interior da dita salinha, achando-se junto á pobre doente quatro robustos homens, que me disseram ás vezes serem poucos a sustel-a em seus impetos de accesso.

Do mesmo modo achei-me a ella sob a forma acima descrita; antes, porém, com alguma demora das respostas, succederam-se uns após outros tres ataques, em que a victima atroava os ares com gritos, e em convulsões horribes, agitando-se com uma leveza e esforços nunca vistos em corpo tão infantil, arqueando para traz a espinha dorsal a ponto de eu ter de intervir com os quatro homens, pelo receio de fracturar; acompanhando isso as vozes atroadoras: — Cheguei... Cheguei...

Apoz uma calma perguntei: — Quem chegon?

— Rosa, respondeo-me a enferma, recalhindo novamente em placidez.

— O que quer ainda Rosa, depois de lher ser dita a missa que nos pediu?

— Agradece-la aos que se prestaram á minha communicação.

— Então estaes mais alliviada dos vossos tormentos?

— Sim. Acho-me mais alliviada; já não me cercam tantas trévas, conheço melhor o meu estado.

— Então deixai a creatura de quem fizestes orgão para vos communicardes connosco: bem vêdes o quanto padece. — Sim deixou-a, agradecendo-lhe muito.

Nos prometteis não voltar mais, deixando em paz o vosso medium?

— Prometto.

— Deixai-nos um signal de vossa partida para mais nos convencer.

— Já está dado nos tres accessos, agora occorridos, em que me desembaracava della.

— Em seguida a moça tomou-se de um estado de somnolencia que a nada mais nos respondeo sobre o que ainda arguimos e ha quatro mezes a esta parte nunca mais occorreu novidade, sobre a mocinha, que goza perfeita saude, não tendo sido antes nem depois disto atacada de hysticismo como muitos suppunham.

Occorre acrescentar como um ponto principal, que nesta ultima occasião, estava sentada junto á enferma uma filha da fallecida, que suffocada em lagrimas pelo enternecimento de que se achava possuida, nos fazia convencer que as respostas dadas eram da voz de sua fallecida mãe.

Nada mais tinhamos que desejar e verificar a realidade da communicação do espirito de Rosa.

Eis porque teuncionei levar-vos ao conhecimento as peripecias desta manifestação, que avaliareis melhor, de ser ou não digna de inserção nas columnas do vosso orgão propagandista, ainda mais, porque a presença deste facto, em um meio inteiramente extranho á sciencia spirita trouxe-me a doce satisfação de colher muitos adeptos, entre estes os meos parentes da casa em que estava hospedado, e que foram testemunhas de tudo.

Tenente Coronel, F. S. de Olivetra Porto.